DO AMERICANISMO AO INTERAMERICANISMO

uma história transnacional da constituição de mundos modernos no Brasil

WALTER FRANCISCO FIGUEIREDO LOWANDE

UNICAMP
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

WALTER FRANCISCO FIGUEIREDO LOWANDE

DO AMERICANISMO AO INTERAMERICANISMO

UMA HISTÓRIA TRANSNACIONAL DA CONSTITUIÇÃO DE MUNDOS MODERNOS NO BRASIL

1º Edição

PPG - HISTÓRIA
IFCH - UNICAMP
Campinas - 2020

IFCH/UNICAMP - PUBLICAÇÕES

Copyright © 2020

Reitor: Marcelo Knobel
Diretor: Alvaro G. Bianchi Mendez
Diretor Associado: Roberto L. do Carmo

Comissão de Publicações
Coordenação Geral:
Roberto L. do Carmo

Representantes Docentes:
André Kaysel
Everton Emanuel Campos
Fátima Évora
Jesus J. Ranieri
José Maurício Paiva A. Arruti
Mariana Chaguri
Tiago Lima Nicodemo
Taísa Helena P. Palhares
Colaboradora:
Guita Grin Debert

Conselho Editorial Nacional
Angela de Castro Gomes
Ernesto López
Glaucia dos Santos Marcondes
Isadora Lins França
José Meirinhos
Lúcia da Costa Ferreira
Marcelo Moura Mello
Renato Ortiz

Conselho Editorial Estrangeiro
Barbara Weinstein
Eduardo Svartman
Emílio Moran
Franklin Gil Hernández
João de Pina Cabral
Lia Levy
Miguel Hernández Hernández
Pedro Meira

Autor: Walter Francisco Figueiredo Lowande

ISBN: 978-65-87198-02-6

Tiragem: Digital (e-book)

Capa: Walter Francisco Figueiredo Lowande
Imagem: Rodrigo Arteaga
http://www.rodrigoarteaga.com/ES/Ramificaciones

Orientação:
Silvana Barbosa Rubino

Apoio:
PPG/IFCH - História

Produção Editorial, Finalização e Divulgação:
Setor de Publicações - IFCH/UNICAMP
E-mail: pub_ifch@unicamp.br

FICHA CATALOGRÁFICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Bibliotecário: Cecília Maria Jorge Nicolau – CRB-8ª 3387

L95d Lowande, Walter Francisco Figueiredo, 1983
Do americanismo ao interamericanismo uma história transnacional da constituição de mundos modernos no Brasil [recurso eletrônico]. - Campinas, SP: UNICAMP / IFCH, 2020.

Publicação digital no formato PDF.
(Anteriormente apresentado como tese de doutorado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). II. Título.

1. Modernidade. 2. Transnacionalismo. 3. Civilização. 4. Cultura. 5. Patrimônio cultural. I. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD – 303.4
- 305.8
- 901.9
- 306
- 363.69

ISBN 978-65-87198-02-6

Este e-book está licenciado por Creative Commons
Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

AGRADECIMENTOS

“Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 10). Agradecer seria, portanto, uma tentativa de evidenciar as diferentes matérias e temporalidades que formam esse livro. Por se tratar de tarefa infinita, serei obrigado a me restringir aqui aos afetos que ficaram mais fortemente impressos em minha memória.

Ao longo da pesquisa da qual deriva este livro foram fundamentais os apoios financeiros do CNPq, da CAPES e o respaldo institucional da UNICAMP, UNIFAL-MG e University of Massachusetts, Dartmouth. Também devo mencionar as instituições arquivísticas que me deram todo o apoio para que este trabalho pudesse se realizar: Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, Arquivo Central do IPHAN, National Anthropological Archives da Smithsonian Institution, American Philosophical Society e Rare Books and Manuscripts Library da Universidade Columbia. Por fim, este livro é fruto da oportunidade de publicação com a qual fui agraciado por decisão da Comissão de Pós-Graduação do IFCH-UNICAMP.

Incontáveis pessoas também estão conectadas a esta publicação. Diante da incapacidade de nomear a todos(as), restringir-me-ei a colegas e amigos(as) cujas contribuições têm sido fundamentais, desde a defesa de minha tese, para a feição que ela adquiriu neste livro: os(as) colegas de trabalho e de luta da UNIFAL-MG, dentre os(as) quais destaco os professores Natalino Neves da Silva e Elaine Ribeiro da Silva dos Santos, cujas constantes interlocuções têm sido fundamentais para o aprimoramento das perspectivas aqui apresentadas, além dos(as) diversos(as) estudantes que têm me instigado

com problemas atuais e reavivado meu ânimo em permanecer firme nestas discussões nem sempre bem aceitas no mundo acadêmico; a professora Caitlin DeSilvey, da Universidade de Exeter, Penryn, que tem me apoiado de forma muito atenciosa em projetos transnacionais nos quais temos vivamente acreditado; a professora Cristina Peixoto-Mehrtens, da Universidade de Massachusetts, Dartmouth, sem a qual o período que estive nos Estados Unidos para a realização desta pesquisa teria sido improvável e com quem tenho a felicidade de manter contato; o professor Cristiano Tambascia e as professoras Márcia Chuva e Cristina Meneguello, que, junto à professora Cristina Mehrtens, avaliaram esta tese e, além do incentivo, colocaram-me questões que até hoje tenho tentado responder; a professora Silvana Rubino, minha orientadora de doutorado, que continua sendo uma apoiadora fundamental para a realização e apresentação desta pesquisa, e que, junto com a professora Cristina Meneguello, tem representado um apoio muito importante para as ações que temos tentado desenvolver em torno de uma história mais pública e significativa, fortalecendo assim os laços para o enfrentamento desse difícil momento para educação superior brasileira.

O suporte de amigos e familiares também é indispensável para qualquer empreendimento que nos demande, por vezes, excessiva dedicação. Na impossibilidade de mencionar todos(as) que têm tornado minha vida mais leve, restrinjo-me aqui a mencionar minha esposa, Nayhara, sem a qual nada disso seria possível.

SUMÁRIO

08 - APRESENTAÇÃO
11 - Uma história transnacional da modernidade
23 - Espaços e tempos da pesquisa
26 - Advertências

28 - PRÓLOGO

36 - O CONCEITO DE CULTURA
38 - Civilisation e Kultur
53 - O conceito antropológico de cultura

65 - O AMERICANISMO, FRANZ BOAS E OS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE AMERICANISTAS
65 - O americanismo
72 - Franz Boas,Völkerkunde e política
85 - Os congressos internacionais de Americanistas

105 - O AMERICANISMO ENTRE OS EUA, A ALEMANHA, A SUÉCIA E A FRANÇA
107 - Entre os EUA e a Alemanha
129 - Entre os Estados Unidos e a Suécia
136 - Entre os Estados Unidos e a França

171 - O AMERICANISMO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL
171 - A expansão da rede americanista transnacional nos Estados Unidos
203 - Entre os Estados Unidos e o Brasil

229 - A CONSTITUIÇÃO DE UMA ANTROPOLOGIA INTERAMERICANISTA POR MEIO DO HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS

230 - As relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos e o interamericanismo

242 - Julian Steward: o sujeito exemplar da antropologia interamericanista

246 - A constituição de uma antropologia interamericanista por meio da produção do Handbook of South American Indians

267 - A CONSTRUÇÃO DO INSTITUTE OF SOCIAL ANTHROPOLOGY E A REESTRUTURAÇÃO DAS REDES AMERICANISTAS

269 - Curt Nimuendajú: uma fonte valiosa de recursos etnográficos em disputa

286 - O Museu Nacional da Quinta da Boa Vista: uma instituição em disputa pelos recursos etnográficos

301 - A Escola Livre de Sociologia e Política: uma instituição interamericanista no Brasil

314 - O COMMITTEE OF INTER-AMERICAN ARTISTIC AND INTELLECTUAL RELATIONS E O SURGIMENTO DO INTERAMERICANISTA PROFISSIONAL

321 - Barreiras valorativas aos trânsitos interamericanos: política, comportamento, idade, gênero e cor

341 - Novas oportunidades para o grupo do Museu Nacional

348 - Entre o americanismo e o interamericanismo

358 - Trilhando as próprias sendas interamericanistas: Charles Wagley e a SESP

367 - O CIAAIR E SÃO PAULO: DESCOBRIR A CULTURA E CIVILIZAR A NAÇÃO

367 - A conformação de uma nova elite

375 - Das viagens de descoberta do Brasil à burocracia: a subjetivação de Mário de Andrade e a objetificação da cultura nacional por meio do patrimônio cultural

395 - São Paulo e a produção transnacional da cultura brasileira

411 - COOPERAÇÃO ARTÍSTICA INTERAMERICANA

411 - A mensagem interamericanista dos murais da Library of Congress

421 - O projeto musicológico interamericanista

440 - CULTURAS INDÍGENAS E MODERNIZAÇÃO NACIONAL POR MEIO DA CIÊNCIA CIVILIZADA: O MUSEU NACIONAL ENTRE O AMERICANISMO E O INTERAMERICANISMO

440 - Os rastros de um cometa

455 - Uma rearticulação para os conceitos de civilização e cultura

468 - As reformulações narrativas do Museu Nacional

503 - EPÍLOGO

503 - Algumas conclusões

519 - Algumas reflexões

528 - FONTES ARQUIVÍSTICAS

547 - WEBSITES

548 - REFERÊNCIAS

563 - ÍNDICE DE NOMES, INSTITUIÇÕES E EVENTOS

APRESENTAÇÃO

Este livro se destina às pessoas interessadas no campo da história intelectual, especialmente no que diz respeito à história da antropologia e das instituições culturais brasileiras da primeira metade do século XX. A sua atenção se dirige às controvérsias inter-regionais que foram travadas no Brasil, desde a década de 1920 até o final da Segunda Guerra Mundial, em torno de projetos de modernização nacional. Esses temas são aqui abordados a partir de uma perspectiva transnacional, o que me possibilitou avançar em direção a argumentos mais gerais sobre a constituição de mundos modernos a partir de circuitos de circulação de coisas produtoras de determinados tipos de subjetividades e objetividades.

Este trabalho também diz respeito, portanto, ao nosso modo de vida presente, dominado por uma versão atualizada do colonialismo predatório que caracteriza a modernidade, embora essa discussão mais abrangente não seja o foco de minha investigação. Ainda vivemos sob a égide do Estado e do Mercado que, em nome do progresso civilizacional e do desenvolvimento econômico, subjugam humanos e não humanos tornados objetos de uma ação exploratória generalizada. A ideia iluminista subjacente a esse modelo, a de uma liberdade a ser alcançada pela emancipação da Sociedade em relação à Natureza, por meio da facilitação e aceleração desse processo pela Ciência e pela Política, nos conduziu, no entanto, àquilo que tem sido chamado de Época do Antropoceno.[1] Isso significa que aquilo que nós aceleramos

[1] Sobre a recente consciência que desenvolvemos sobre a Época do Antropoceno e seus efeitos catastróficos, a curto prazo, para a espécie humana, vide, dentre outros, Bonneuil e Fressoz (2017), Capiberibe (2018), Chakrabarty (2015), Crutzen e Stoermer (2000), Danowski e Castro (2017), Davis e Todd (2017), DeSilvey (2017), Haraway (2015), Kopenawa e Albert (2015), Latour (2014), McNeill e Engelke (2016), Moore (2017), Steffen, Broadgate, *et al.* (2015), Steffen, Crutzen e McNeill (2007), Simon (2018) e Stengers (2015).

foram as transformações irreversíveis no sistema planetário que agora nos forçam, à custa de muito sofrimento, percebermos o caráter transitório da espécie humana. Não é mais possível acreditar em qualquer tipo de subjetividade privilegiada, universal, sob pena de não desenvolvermos a necessária arte de vivermos em um mundo arruinado (CARDOSO, 2019; DESILVEY, 2017; TSING, 2015). Este livro também pode ser lido, portanto, como uma contribuição para a historicização dos processos que naturalizaram a existência do modo de vida moderno entre nós, como se somente ele fosse possível ou viável. Mas existem também algumas outras contribuições mais específicas desta pesquisa que valeria a pena serem já indicadas.

Em primeiro lugar, este trabalho mostra que a antropologia cultural/historicista boasiana é parte e também fruto de um conjunto de agenciamentos específicos que eu denominei "americanismo transnacional". Esse termo expressa um circuito de circulação e conexão de "coisas" como cartas, publicações, coleções museológicas, mas também conceitos e pessoas, que acabaram por se articular em um projeto de modernidade específico e diverso.[2] O americanismo transnacional pode ser tomado como um fenômeno mais amplo, que se institucionaliza academicamente em meados do século XIX e que continua vivo até os dias de hoje no campo da antropologia. No entanto, há uma vertente específica deste americanismo, para cuja memória a subjetividade do antropólogo teuto-estadunidense Franz Uri Boas (1858-1942) tem um papel central. Esse projeto foi

[2] Uso o termo "coisa" no sentido proposto por Tim Ingold, isto é, como "um certo agregado de fios vitais", como um "parlamento de fios" ou como algo que "tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas" (INGOLD, 2012, p. 29). "Coisa" é um termo que serve, portanto, para definir tanto humanos quanto não humanos.

produzido, ao mesmo tempo e de forma interconectada, ainda que em meio a fluxos assimétricos, nos Estados Unidos, na Europa, no Brasil e, também (ainda que eu não analise esses casos), em outros países em processo de atualização de seus respectivos projetos modernizadores, do início do século XX até os eventos que preparam a emergência da Segunda Guerra Mundial. Por meio dele circulou um conceito de *cultura*, cuja feição específica está relacionada ao modo como ele se liga, em diferentes momentos, à ideia de *civilização*, e que foi fundamental para a proliferação de certos projetos de modernidade particularmente nacionais no Brasil a partir da década de 1920.

Uma segunda contribuição deste trabalho é mostrar que a "antropologia interamericanista" se distingue do americanismo boasiano por seu importante papel na reconfiguração da modernidade ocidental a partir dos Estados Unidos, em especial no que diz respeito à América Latina. No entanto, as subjetividades latino-americanas não foram apenas produzidas de forma passiva por esses novos agenciamentos. Este livro demonstra que o interamericanismo representa um projeto modernizador reatualizado que se proliferou a partir de diferentes lugares entre meados da década de 1930 e o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. No entanto, foram muito mais os canais de circulação, e não os supostos pontos de origem, que conferiram a vitalidade desse renovado projeto. Essas conexões e movimentos se associam à memória que hoje temos da antropologia aplicada, ligada especialmente à figura de Julian Haynes Steward (1902-1972), e que vicejou em diversas instituições estadunidenses e brasileiras durante esse período. O conceito de cultura, também sofreu e produziu transformações importantes na modernidade então experimentada.

Por fim, este livro também lança uma nova luz sobre as disputas transregionais pelo controle do processo modernizador que se pretendia projetar nacionalmente no Brasil. Os complexos circuitos de agenciamentos que hoje podem ser associados, principalmente, à memória das subjetividades de Heloisa Alberto Torres (1895-1977) e Mário Raul Morais de Andrade (1893-1945) conseguiram se destacar dos demais, em grande medida, em função das conexões que estabeleceram com os canais transnacionais americanistas e interamericanistas. Ao contrário da ideia de "acordos informais" estabelecidos entre brasileiros e estadunidenses naquele período, como se convencionou afirmar na literatura sobre a história da antropologia brasileira,[3] perceberemos que a sustentação dessa controvérsias demandou a mobilização de uma ampla e complexa rede de actantes e agenciamentos que se constituíram em canais e espaços cada vez mais institucionalizados e burocratizados. Cada um desses circuitos de agenciamentos também está relacionado a um conceito de cultura específico, que, junto aos demais, será melhor descrito ao longo dos capítulos deste livro.

Uma história transnacional da modernidade

Quando comecei a escrever a tese de doutorado que agora resulta neste livro, eu desejava trazer à tona elementos ainda pouco conhecidos sobre a história do patrimônio histórico e artístico nacional no Brasil, por mais que esse fosse um tema já bastante visitado. Minha proposta era focar em como a constituição desse campo no Brasil havia provocado disputas inter-regionais entre diferentes projetos intelectuais de modernidades nacionais, em especial as interessantes

[3] Em especial a partir do importante trabalho de Mariza Corrêa sobre as relações entre Heloisa Alberto Torres e a Universidade Columbia (CORRÊA, 2003).

querelas entre cariocas e paulistas a esse respeito, desenvolvendo assim alguns dos aspectos que foram primeiramente notados por minha orientadora de doutorado, a antropóloga Silvana Barbosa Rubino.

A minha formação prévia no Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto já havia tornado familiar para mim as discussões sobre a emergência da experiência moderna do tempo, mas a busca por uma discussão diferente sobre esse mesmo assunto me levou ao livro *Jamais fomos modernos* (1994), de Bruno Latour. A partir daí eu desejei que os conceitos que eu estava mapeando na minha nova pesquisa se libertassem daquela história da dialética entre as estruturas sociais e as estruturas linguísticas, a qual vinha norteando as minhas incipientes investigações anteriores. Eu queria que eles agora expressassem a vida de um daqueles "híbridos" que Latour demonstrou terem sido fundamentais para a proliferação do modo de vida moderno.

Antes de conhecer a obra de Latour eu já tinha em mãos um extenso acervo fotográfico dos documentos arquivados no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista (que hoje já não mais existem em função do incêndio de 2018) e no Arquivo Central do IPHAN, ambos no Rio de Janeiro, nos National Anthropological Archives, em Washington, DC, na American Philosophical Society, na Filadélfia, PA, e na Rare Books and Manuscripts Library da Universidade Columbia, em Nova York, NY.[4] Nesses documentos eu pude mapear vários laços entre intelectuais brasileiros(as), estadunidenses e europeus(as) que me permitiriam repensar profundamente o campo do patrimônio no Brasil. Se nem todos esses laços eram inéditos, por outro lado eu

[4] Esse trabalho de pesquisa foi possibilitado, no Brasil, pela bolsa de pesquisa fornecida pela 2º Edital de Pesquisa do Copedoc/IPHAN, em 2011, e, nos Estados Unidos, pela bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da CAPES.

tentava demonstrar, desde o início da pesquisa, que os conceitos de "cultura" e de "civilização" tinham um papel fundamental na produção dessas conexões.

Todavia, pensar que esses conceitos abriam a possibilidade da partilha de uma experiência moderna do tempo, na esteira de Reinhart Koselleck, não estava me ajudando a entender como essas pessoas estavam conectadas de forma concreta, afinal elas se conheciam, trocavam coisas entre si e se transformavam nesses encontros. O que eu via naqueles documentos era algo diferente de uma história de indivíduos vivendo entre um mundo social e um mundo conceitual, essa espécie de semideuses capazes de ligar universos ontologicamente distintos com a força do pensamento e, desse modo, transformar o mundo. Se restam dúvidas sobre o que da experiência nazista ainda ecoa nos escritos de Koselleck,[5] a mim me parece se tratar daquela prepotência que toma diferentes formas no conceito germânico de *Bildung*, isto é, a promessa especificamente alemã de que a libertação do Homem em relação à Natureza pode ser alcançada pela atividade de indivíduos culturalmente privilegiados, tornados sujeitos de suas próprias histórias por meio de uma razão supostamente universal a eles acessível. Eu então já havia me dado conta das catástrofes causadas pela arrogância antropocêntrica do homem moderno europeu (o recorte de gênero e étnico é aqui significativo) e desejava explorar uma abordagem que também comportasse uma visão distanciada em relação ao mito de origem da sociedade moderna. Se modernidade e holocausto de fato não são fenômenos opostos (BAUMAN, 1998) e se a experiência do tempo que lhe dá vida se funda na cisão epistemológica (ADORNO e HORKHEIMER, 1985) e ontológica (LATOUR, 1994) entre seus sujeitos e seus objetos, eu

[5] A respeito desta discussão, cf. Assis e Mata (2013).

desejava compreender quando e como isso ganhou força no Brasil, pois a atualização (PEREIRA e ARAÚJO, 2016) do projeto colonialista moderno começava a tomar ares extremamente dramáticos por aqui a partir de 2014 (CAPIBERIBE, 2018; CASTRO, 2019).

Se a história dos conceitos não estava me ajudando muito com as minhas fontes, uma outra vertente que me atraiu sobremaneira foi a história transnacional. Antes de entender melhor o que significava essa nova "virada" na historiografia, causou-me espanto o quão pouco ela ainda era debatida no Brasil em comparação ao seu verdadeiro *boom* nos Estados Unidos desde a década de 1990. Eu pude tratar desse assunto específico de maneira mais detida em um artigo (LOWANDE, 2018), mas cabe aqui destacar o que de fundamental este livro guarda dessa discussão. Acredito que essa perspectiva pode trazer importantes implicações reflexivas para o campo da teoria da história e da história da historiografia, como argumento no Epílogo deste livro, embora esse não seja o foco central deste meu relato.

Em primeiro lugar, a história transnacional nos permite localizar a construção do nacional fora das suas próprias supostas fronteiras, desnaturalizando-as, portanto. Em segundo lugar, a *perspectiva* que ela nos oferece cria a possibilidade de nos aproximarmos de situações que são transitórias, e não essenciais. *Fluxo*, *movimento*, *trocas* e alguns de seus sinônimos são palavras que serão encontradas às centenas neste livro, por expressarem situações fluidas e mutantes evocadas diretamente nas fontes utilizadas – elas próprias, cartas e ofícios, produzidas justamente para circularem. Finalmente, acredito que a história transnacional abra a possibilidade de "localizar o global", "redistribuir o local" e, assim, "reagregar o social" em coletivos de humanos e não humanos, como propõe Latour na sistematização de sua Teoria do Ator Rede (LATOUR, 2012), tarefa urgente para a

produção de um conhecimento histórico que pretenda ultrapassar os marcos ideológicos do projeto ocidental/moderno. Por ser uma discussão para a qual eu não havia me atentado quando da primeira versão deste trabalho, acredito que o vínculo que sugiro entre história transnacional e Teoria do Ator Rede mereça ser brevemente abordado nesta apresentação.

Pode-se afirmar que, *grosso modo*, a sociologia tradicional, ou "sociologia do social", como prefere Latour (2012), e, por extensão, também a historiografia social e política em geral, partem do pressuposto de que aquilo que chamamos de "sociedade" constitui-se a partir da atividade intencional dos indivíduos, determinados em maior ou menor grau por estruturas simbólicas ou de significados cujo acesso também varia em função de relações de poder. Essas ciências, dedicadas somente ao "humano", buscam "uma visão focada apenas nos interesses que envolvem um fato para explicá-lo – o que configuraria uma realidade explicada a partir de seu 'contexto" (NOBRE e PEDRO, 2010, p. 48). Para os sociólogos da Teoria Ator-Rede, no entanto, os fatos políticos ou científicos que desejamos explicar são constituídos por associações entre humanos e não humanos, e aquilo que tradicionalmente definimos como "sujeitos" ou "objetos" do conhecimento ou da política são purificações modernas possibilitadas pela circulação daquilo que agora chamaremos de "híbridos".

"Purificação" pode ser compreendida como a atividade moderna de separação de tudo que conhecemos em dois domínios ontológicos: o dos seres pensantes, a "Sociedade", e o dos seres não pensantes, a "Natureza". A experiência moderna do tempo emerge justamente dessa separação, pois o "progresso" é percebido como a aceleração do processo de libertação da humanidade (Sociedade) em relação às suas determinações biológicas (Natureza) *por meio* da ciência e da política (LATOUR, 1994).

São justamente esses *meios* tecnológicos e políticos que constituem aquilo que Latour chama de “híbridos”, isto é, os diversos mediadores que tornam possíveis esses processos de subjetivação e objetificação. Conhecer a emergência da modernidade (ou das modernidades) é, portanto, entender o processo de proliferação dessas coisas técnicas e políticas que, por meio de “traduções”, têm permitido a expansão do modo de existência ocidental em contraposição aos diversos outros mundos possíveis.

Por fim, essas “traduções” são as situações específicas em que um artefato tecnológico ou político torna possível o surgimento de uma subjetividade em relação a uma objetividade. Esses acontecimentos aos quais podemos chamar de “traduções” não obedecem a nenhum sistema pré-estabelecido, operando, portanto, por inovações que podem ou não adquirir solidez.[6] Conhecer o que constitui a modernidade se torna, portanto, seguir essas conexões sem nenhum pressuposto em mãos.[7] Trata-se muito mais de descrevê-las do que de interpretá-las.

A Teoria Ator-Rede nos oferece então a oportunidade de rastrear os processos de produção de realidades aceitas como naturais (NOBRE e PEDRO, 2010). No caso desta pesquisa, isso diz respeito à naturalização da nação brasileira como realidade objetiva e abrangente. Comprovar a existência objetiva da nação se tornou

---

[6] Quando essas conexões ou traduções operam por diferenciação, Latour chama esses híbridos de “mediadores”; quando elas apenas reproduzem a conexão inicial, prefere-se denominá-los “intermediários” (LATOUR, 2012).

[7] A este respeito, ainda segundo Júlio Cesar Nobre e Rosa Maria Pedro, que refletem sobre a Teoria Ator-Rede considerando outros autores para além de Latour, “não há nenhuma garantia de uma estabilidade pré-determinada, a priori, por um centro normatizador que esteja fora do campo imanente de tais processos de agenciamentos e nenhuma transcendência normatizadora fora do tempo. Todo mediador é entendido, aqui, como seres/agenciamentos que não são nem puros humanos e nem puros não-humanos. Latour os denomina actantes” (NOBRE e PEDRO, 2010, p. 48).

a condição para a modernização da sociedade brasileira a partir da década de 1920, missão da qual se imbuiu parte expressiva da intelectualidade daquele período. Isso significava separar, no Brasil, o que seria a nossa Sociedade específica – isto é, a nossa contribuição nacional para o progresso civilizacional, ou, em outras palavras, para a constituição da temporalidade moderna e universal materializada pela progressiva libertação da Humanidade – das amarras de uma Natureza que, não obstante fosse supostamente propriedade da nação, ainda não teria sido totalmente domada. O que eu defendo especificamente é que *a objetificação da nação brasileira foi tornada possível, em grande medida, pela circulação transnacional do conceito de cultura*. Eu percebi que esse conceito também pode ser tomado como um "actante"[8] nessas associações, que acabaram por adquirir uma dimensão transnacional. O conceito de cultura pode ser encarado aqui como um "híbrido", isto é, como um "mediador", nem totalmente humano e nem totalmente não humano, capaz de produzir e naturalizar cisões entre sujeitos e objetos em diferentes situações e com diferentes alcances.

O objetivo de mapear a circulação desse conceito entre os porta-vozes dos projetos modernizadores que mencionei acima me levou, portanto, à história transnacional. Dentre as principais exigências dessa vertente historiográfica está a adoção de uma perspectiva multiscópica capaz de dessubstancializar o espaço/tempo da nação. Essa preocupação fez com que esta pesquisa se aproximasse de aspectos importantes da Teoria Ator-Rede, sem que eu tivesse me dado conta disso antes, pois por um acaso eu só tive algum contato com as discussões propriamente teórico-metodológicas de Latour depois de defendida a minha tese de doutorado. Mas acredito que

[8] Vide a nota anterior.

agora já seja possível mostrar de maneira mais direta como a história transnacional e a Teoria do Ator-Rede podem sugerir procedimentos assemelhados entre si.

Um dos principais objetivos de minha pesquisa era entender como o nacional (e mesmo o universal) era produzido concretamente a partir do local. Foram justamente controvérsias em torno do que seriam o nacional e o universal que tornaram visíveis os procedimentos de trocas de cartas, de criação de instituições, de ofertas de empregos e de cooptação de aliados, de acumulação de artefatos museográficos, de troca de manuscritos e impressos etc., que se desdobravam concretamente de pessoa a pessoa até alcançarem uma dimensão transnacional. Foi também a partir dessas circulações transnacionais que concepções de nação e de modernidade não coincidentes foram construídas. Essas construções instrumentalizaram uma disputa por projeção espacial, duração temporal e pelos meios necessários para a estabilização de relações de subordinação – a partir das noções de sujeito e de objeto que essas ideias de nação comportavam. Isso me parece próximo de uma das prescrições de Latour para a sua teoria: "temos apenas de estabelecer conexões contínuas entre uma interação local e outros lugares, tempos ou agências por meio dos quais um local é *levado* a fazer coisas" (LATOUR, 2012, p. 251). Ao invés de uma "história intelectual do Brasil", o meu relato me conduziu à dimensão concreta de um nível "macro", o transnacional, constituído por conexões objetivamente mapeáveis de diversos agenciamentos "micro". Assim, se não o "global", ao menos o "transnacional" pôde ser "localizado" ou mapeado. Nenhuma escala foi, portanto, estabelecida de antemão: a dimensão da nação é construída numa outra dimensão que em muito pouco coincide com os limites territoriais que essa ideia produz.

Isso não quer dizer, no entanto, que os próprios atores não tenham levado em conta essas escalas idealizadas na constituição dessas redes. Eles mapearam os territórios e tempos a serem disputados por meio do conceito de “cultura” em suas diferentes mutações. “Cultura” é o artefato linguístico que oferece um relato coerente e completo de uma nação a ser buscada em coisas que devem ser retiradas de suas conexões (evitarei agora usar os conceitos de “ambiente” ou “contexto”) originais para integrarem arquivos, museus, sítios arqueológicos, zoológicos, livros de tombamento etc. Os sujeitos da modernidade nacional seguidos nesta pesquisa, isto é, aqueles cujas atividades almejam nos dar a ver a objetividade da nação, só emergiram quando aceitaram empunhar o conceito de cultura. Essa é a condição para que tenham se tornado subjetividades exemplares (intelectuais, funcionários públicos, políticos etc.) em cuja abnegada missão de defesa de nossa identidade cultural nacional deveríamos todos(as) nos espelhar. No entanto, não podemos deixar de notar a atividade domesticadora desses sujeitos: eles querem *preservar* modos de vida que, por sua vez, o tempo todo desejam se transformar, pois, do contrário, nós perderíamos assim a riqueza cultural da nação; eles desejam *restaurar* e *conservar* apenas os edifícios que expressem a cultura construtiva nacional, deixando que todos os demais se percam sem remorsos – a riqueza própria da perda, do declínio e do arruinamento para o aprendizado sobre a transitoriedade não é sequer imaginada nesses casos (DESILVEY, 2017); eles almejam *colecionar* ferramentas, instrumentos musicais, adornos etc., retirando-os das mãos de seus usuários originais a fim de colocá-los de maneira justaposta em salas fechadas para que evidenciem as similaridades que comprovariam a existência da nação etc. etc. Preservar, restaurar, conservar, colecionar e outros verbos

aparentados são todas ações de domesticação e objetificação por subjetividades que se constituem a partir do momento que portam, com autoridade reconhecida, o conceito de cultura.

Essas ações significam que só esses sujeitos teriam o direito de definir os movimentos e conexões de coisas que, de outro modo, certamente expressariam devires diferentes. O conceito de cultura que torna possível esse tipo de atitude poderia muito bem se encaixar na categoria de "panorama", conforme proposta por Latour. Panoramas seriam dispositivos que "projetam uma imagem que não tem nenhuma lacuna, dando ao espectador a forte impressão de estar totalmente imerso no mundo real sem quaisquer mediações artificiais ou custosos fluxos de informação que conduzem do ou para o exterior" (LATOUR, 2012, p. 272). Ao percorrer as ruas de uma cidade histórica e ler que um determinado prédio antigo é um exemplar único da *identidade cultural nacional*, por exemplo, o espectador tomará como real esse fato que, para ser construído, demandou uma articulação de dispositivos e entidades extremamente complexa. O sentido do edifício repousa, para o turista interessado no seu próprio "passado nacional", na totalidade abrangente (a cultura nacional ou a própria nação) à qual ele pertenceria por força de um salto narrativo. Ainda segundo Latour, esses panoramas "permitem aos espectadores, aos ouvintes e aos leitores *equipar-se com um desejo de totalidade e centralidade*. É dessas poderosas histórias que obtemos as nossas metáforas para aquilo que 'nos une', as paixões que supostamente compartilhamos, o contorno geral da arquitetura da sociedade, as narrativas mestras com as quais somos disciplinados" (LATOUR, 2012, p. 273).

A circulação e os movimentos, fundamentais para a história transnacional, também são elementos importantes para a Teoria do Ator-Rede. Segundo esta última, os processos de subjetivação e

objetificação dependem da circulação de coisas que, no caso desta pesquisa, poderíamos chamar de “subjetivadores” e “objetificadores” em meio a uma vasta rede de vínculos à qual os atores estão conectados. Como já deve ter ficado claro, esta pesquisa encontrou no conceito de cultura um subjetivador/objetificador privilegiado, e encontrar os conectores que permitiram a proliferação de sujeitos e objetos da modernidade brasileira na primeira metade do século XX foi um de meus principais objetivos.

Todavia, conforme indiquei anteriormente, esta pesquisa não nasceu comprometida com a Teoria do Ator-Rede. As aproximações mencionadas acima se deram, de forma indireta, devido à minha opção pela perspectiva da história transnacional somada aos *insights* do trabalho anterior de Latour (1994), no qual ele apresenta uma reflexão sobre a modernidade que se mostrou muito compatível com o que pude encontrar nas minhas fontes. A perspectiva transnacional, como pude argumentar em outro lugar (LOWANDE, 2018), já exclui a adoção de qualquer enquadramento metodológico a priori. Por isso, o relato aqui apresentado se assenta numa trajetória reflexiva peculiar, que se deve muito mais a uma relação dialética estabelecida há alguns anos com as fontes pesquisadas e muito menos a um roteiro metodológico estabelecido de antemão. O exemplo mais evidente disso é que não foi uma preocupação minha observar, como seria normalmente exigido pela Teoria do Ator-Rede, “todos os nós que estão sendo amarrados nesses processos” (NOBRE e PEDRO, 2010, p. 53), algo que eu não poderia encontrar nas fontes arquivísticas em função de seu caráter extremamente fragmentário.

Desse modo, por trabalhar com arquivos, eu não tive um acesso direto às “cozinhas” onde os “fatos” das modernidades nacionais foram produzidos, como é o caso, em geral, no que diz respeito

aos(às) cientistas sociais. Os próprios arquivos mereceriam um estudo aprofundado a respeito dos dispositivos mobilizados para a reificação da memória que eles tornam visíveis nos papéis que acumulam. O que encontramos nesses espaços são inscrições já destinadas à composição de uma metanarrativa da modernização, tornando visíveis, portanto, apenas os seus sujeitos e objetos, e muito dificilmente os próprios processos de subjetivação e objetificação necessários para a construção do modo de vida moderno.[9] Acompanhar os deslocamentos e desdobramentos transnacionais do conceito de cultura também se mostrou útil para observarmos aquilo que os próprios arquivos tentam invisibilizar: a objetificação de coisas e pessoas, tornadas meras partes de um todo cultural, e a subjetivação de pessoas, tornadas porta-vozes autorizados desses objetos que, por meio do conceito que transforma elas próprias em intelectuais e funcionários do Estado, são assim domesticados em prol da modernização.

Por fim, este encalço ao conceito de cultura me permitiu visualizar os canais que ele precisou percorrer e os desdobramentos que ele produziu, multiplicando, assim, os diversos actantes que agora conseguimos perceber compondo os coletivos americanistas e interamericanistas investigados. De modo indireto, portanto, talvez este livro tenha contribuído para tornar mais observável a complexidade desses coletivos. O leitor se verá diante de cartas, ofícios, edifícios, artefatos museológicos, publicações, dispositivos burocráticos, educacionais, corpos transformados em intelectuais, em índios, em diretores, em caçadores de talentos, em políticos, tudo isso conectado a fim de conferir concretude à ideia totalizadora de cultura que nos permitiria perceber, no presente, uma nação em marcha acelerada

[9] É possível encontrar diferentes pontos de vista sobre como os arquivos podem funcionar como dispositivos modernos de disciplinamento da memória, com implicações diretas em práticas autoritárias e colonialistas, em trabalhos como os de Cunha (2004), Derrida (2001), Dirks (2015), Stoler (2009) e Travancas, Rouchou e Heymann (2013).

para o futuro. A experiência do tempo moderna é, portanto, algo que se constrói na imanência de conexões entre pessoas e coisas, entre humanos e não humanos.

Espaços e tempos da pesquisa

Tempos e espaços também não podem mais ser tomados como "contextos" nos quais se desenrolam a ação se formos levar a sério as propostas da história transnacional e da Teoria do Ator-Rede. São as próprias conexões e fluxos que produzem temporalidades e espacialidades, e tanto a história quanto o território nacional só se sedimentam à custa de muitas ligações e deslocamentos cujas durações e percursos são imprevisíveis.

No entanto, há uma limitação temporal da qual este trabalho não pôde escapar: uma pesquisa de doutorado não deve se estender por toda uma vida humana. Seria possível seguir os desdobramentos dos processos iniciados no início do século XX até os dias de hoje, mas eu fui obrigado a colocar um fim nesta investigação, ainda que a modernidade continue se desdobrando de maneira infindável. As finalizações arbitrárias impostas a esta pesquisa poderão ser retomadas, no entanto, por outros(as) pesquisadores(as) que porventura considerem essa tarefa recompensadora.

Um aspecto que precisa ser levado em conta é que pode soar contraditório destacar alguns(mas) porta-vozes centrais, a exemplo dos já mencionados Franz Boas, Julian Steward, Heloisa Alberto Torres e Mário de Andrade, além de Henry Allen Moe (1894-1975) – que também será melhor apresentado em outra parte deste livro. Afinal, eu não estaria naturalizando na prática essas subjetividades quando minha proposta é justamente chamar atenção para processos responsáveis por sua produção?

Subjetividades e individualidades escondem corpos, e corpos, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), nada mais são que máquinas atravessadas por uma infinidade de agenciamentos. Ao seguir a circulação transnacional do conceito de cultura nas minhas fontes eu percebi que alguns corpos eram mais regularmente atravessados pelos agenciamentos responsáveis pela produção das modernidades em questão do que outros. Se tomarmos emprestada a imagem das redes, é como se determinados corpos aparecessem marcados por uma maior densidade de entrecruzamentos. Quanto mais acionados por esses fios, menos fechados em si esses corpos se encontravam, sendo, nesses casos, muito difícil distinguir interior e exterior, privado e público. São corpos que se constituem como devires para fora, mais especificamente para a produção de mundos modernos. Fora dessa nossa lente, que nos permite perceber os diversos fios que atravessam essas numerosas máquinas, o que veríamos seriam subjetividades abnegadas, que devotaram suas vidas a uma causa maior, que puseram projetos coletivos à frente de anseios individuais. O que nós poderemos perceber aqui são corpos potencializados, pontos de passagem de inúmeros fluxos, cujos funcionamentos foram essenciais para a projeção dos tempos e dos espaços das modernidades nacionais aqui analisadas. É, portanto, o funcionamento desses corpos, vertidos em subjetividades exemplares dos modos de vida modernos cuja projeção será aqui mapeada, que demarcará as espacialidades e temporalidades seguidas neste livro.

O corpo de Franz Boas foi o principal mediador da vertente do americanismo transnacional que aqui leva o seu próprio nome do início do século XX até meados da década de 1930. Boas se deixou conectar a diversos feixes vindos da Europa, dos Estados Unidos e da América Latina a fim de manter funcionando o projeto moderno

do qual se viu guardião: a construção de uma civilização universal, composta pelas diversas culturas particulares que a comporiam, e na qual as desigualdades e guerras provocadas por falsas concepções de superioridade cultural ou racial se tornariam ultrapassadas em função da pesquisa científica empírica.

Essa modernidade alternativa se viu enfraquecida em meados da década de 1930. A partir de então, fluxos mais agressivos, produtores de um capitalismo cujas forças imperialistas se renovavam, opuseram de forma inaudita os diversos coletivos identificados em nações ou em raças que não mais poderiam coexistir no mesmo planeta. A antropologia se mostrou um instrumental eficaz para redefinir quais seriam os polos da civilização e da barbárie, e novas subjetividades foram potencializadas a partir do momento em que se abriram ao sangrento conflito que passou a conferir sentido para as suas ações. O corpo de Julian Steward se tornou um ponto privilegiado de passagem desses agenciamentos belicosos, e o conceito de cultura foi ressignificado como panorama para a reconstrução de projetos modernizadores nacionais até o final da Segunda Guerra Mundial.

Tanto os agenciamentos americanistas quanto interamericanistas se projetaram transnacionalmente e foram capturados de forma estratégica no Brasil por subjetividades que se guiaram, nesses dois momentos, pelas oportunidades de fortalecimento de seus próprios projetos nacionalistas. Assim como Boas e Steward, os corpos de Heloisa Alberto Torres e de Mário de Andrade canalizaram esses fluxos de formas que refletiram incompatibilidades e controvérsias inter-regionais. Fora do Brasil, portanto, esses agenciamentos foram mais fortes entre o início do século XX e o final da Segunda Guerra Mundial, enquanto que, no Brasil, esses efeitos foram mais sentidos a partir da década de 1920. É importante ainda destacar que, em meio a todas essas conexões, emergiram subjetividades estratégicas para

a potencialização de canais e de fluxos, como o “interamericanista profissional” personificado na figura de Henry Moe, cuja atuação tornou-se mais visível também a partir de meados da década de 1930.

Esses são os marcos temporais e espaciais percorridos por este livro. Embora significativos, eles não indicam fins de fato. Seria possível, como já salientei, continuar seguindo desdobramentos, novos agenciamentos, subjetividades, objetividades, conexões e fluxos a partir da infraestrutura que, assim produzida, deixou vestígios ainda em funcionamento nos dias atuais. Este trabalho pretende, assim, produzir mapeamentos plausíveis dos processos que permitiram a emergência de modernidades nacionais nos mundos em que ainda vivemos, mas, igualmente e na medida do possível, apontar para linhas de fuga voltadas à construção de mundos alternativos.

Advertências

Como já indiquei anteriormente, este livro é fruto de minha tese de doutorado. No entanto, decidi impor a este trabalho uma revisão bastante significativa a fim de tornar sua leitura mais fluida. Além da exclusão de partes importantes, que podem ser encontradas em alguns artigos já publicados, e da atualização de alguns outros elementos pontuais, adotei aqui algumas convenções a fim de adequar melhor o texto ao presente formato.

Em primeiro lugar, decidi não manter as transcrições dos textos em inglês e francês citados diretamente, que na tese apareciam nas notas de rodapé. Essa foi uma decisão fundamental para fins de economia de espaço. Todas essas traduções passaram por uma cuidadosa revisão, e ainda podem ser verificadas com o apoio do texto original da tese ou, diretamente, a partir das fontes e bibliografia referenciadas ao longo deste livro.

Eu também incluí, ao final desta obra, um índice de nomes, instituições e eventos para facilitar a navegação do(a) leitor(a) que deseje buscar informações mais específicas. Os nomes de pessoas aparecem com o sobrenome grafado em caixa alta à frente, enquanto que os nomes de instituições são grafados normalmente. Eu mantive o nome da maioria das instituições com o nome original em inglês ou francês, com exceção das universidades e de um ou outro museu que, acredito, são mais conhecidos no Brasil em sua versão traduzida.

Por fim, o(a) leitor(a) pode estranhar a convenção que adotei para a grafia de alguns etnônimos ameríndios. As razões para uma tal escolha são explicadas no Capítulo 6, no qual eu trato, dentre outras coisas, da produção do *Handbook of South American Indians*.

PRÓLOGO

Rio de Janeiro, 9 de maio de 1936.

Ilmo. Sr. Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade

Rio de Janeiro.

Meu ilustre amigo Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Junto devolvo-lhe o projecto do 'Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional', elaborado pelo nosso amigo Mário de Andrade. Cabe-me agradecer-lhe a honra da consulta e dizer-lhe com toda a franqueza o meu modo de ver sôbre o caso. Posso assegurar que, ao estudar o projecto, só tive em mente o desenvolvimento dos estudos etnográficos e o maior benefício que, das nossas organizações culturais, possa advir para o público.

Nada aconselha, na situação atual dos estudos etnográficos entre nós, - situação que provàvelmente se prolongará por muitos anos ainda – o afastamento dos laboratórios de etnografia dos de qualquer ramo de estudo da história natural.

A cada passo a Secção de Etnografia no Museu Nacional recorre ás instalações de química da Divisão de Mineralogia, para análises; requisita dessa mesma Divisão o preparo de lâminas para observação microscópica (cerâmica, rochas,); consulta as Secções de Botânica e de Zoologia para determinação dos elementos componentes de uma peça etnográfica; socorre-se ainda, com respeito á fito- e á zoo-geografia, de informações dessas Secções no interesse imediato dos seus trabalhos.

Por tal forma está a pesquisa etnográfica ligada ás sciências naturais que a sua instalação em laboratórios distantes só lhe poderia ser prejudicial. Fosse o novo museu etnográfico dotado de um etno-botânico e de um etno-zoólogo, ainda assim não

estaria suprida a falta porque, em face de tantas especializações na botânica e na zoologia, um só naturalista em cada ramo não poderia dar conta do recado, e, por outro lado, implicaria isso na creação de cargos com atividades apenas ocasional. Seria uma dessas demasias ineficientes tão próprias dos projectos de *crianças grandes* que ainda somos no Brasil e que, me parece, já estamos em idade de ir procurando corrigir.

Bem sei que os estudos etnográficos precisam ser intensificados com urgência afim de que se recolha a documentação que os restos das nossas populações indígenas, em via rápida de desaparecimento, ainda nos podem proporcionar.

O museu moderno de pesquisa biológica tem que ser eminentemente ativo; o nosso, a-pesar-de idoso, não estagnou nos velhos moldes. O seu atual regulamento é de natureza a permitir o mais amplo progresso dos trabalhos scientíficos. Cumpre que se desenvolvam no laboratório e no campo as suas atividades; não se pode atribuir ao nosso museu etnográfico a função de museu-arquivo que o projecto parece recomendar. Em todo ele, apenas uma palavra faz crer que a pesquisa também é admitida; é quando emprega, na enumeração das funções do serviço, o termo *enriquecer* o patrimônio. É prometer muito pouco a quem precisa, antes de tudo, coleccionar. O que os estudos da etnografia e a pesquisa scientífica em geral clamam que lhes seja concedido é uma organização administrativa que não constitua pêia á sua marcha.

Do ponto de vista traçado de programa de trabalhos, o projecto não abre novas possibilidades aos estudos antropológicos; na administração, interpõe uma nova directoria entre eles e o Ministro a quem estão hoje directamente subordinadas as normas que o regulamentam. Mais embaraços.

Si, por um lado, a separação da Secção de Etnografia das outras Secções do Museu não é aconselhável e acarretaria desvantagens, por outro o seu divórcio dos estudos antropológicos

pròpriamente ditos (antropologia física, psicologia racial, etc.) não encontraria justificativa de modo algum. Á Secção de Antropologia, como a todo o Museu Nacional, só lhe faltam verbas (pessoal e material) e maior elasticidade administrativa para desenvolver suas atividades dentro dos métodos correntes na sciência mundial. Todo esse melhoramento poderia e deveria ser concedido aos estudos etnográficos dentro do Museu Nacional.

Que vantagem adviria para o público com a creação do novo Museu Etnográfico?... ?... Um prejuizo certo ocorreria: o deslocamento da figura do homem, do seu ambiente natural, geológico, botânico, zoológico, perturbando a visão do conjunto do quadro em que se vem processando a sua evolução.

Admitamos que se pudesse remediar a todos esses inconvenientes creando o 'Serviço do Patrimônio Artístico, Histórico e *Antropológico* Nacional', e instalado em edifício anexo ao ou próximo do Museu de História Natural, ainda surgem considerações muito ponderàveis. Uma, de natureza tradicionalística, não pode deixar de ser tomada em conta no momento em que se pretende organizar a defesa do patrimônio histórico do Brasil: é o golpe desferido a uma instituição de 118 anos de existência e que, máu grado a incomprensão de suas finalidades, pela maioria dos Governos, tem conseguido levar e manter em alto nível o nome do Brasil por todo mundo, na divulgação do que a nossa terra tem de mais belo: a sua natureza e a sua gente. A organização desses trabalhos de defesa não pode ser iniciada pela mutilação de um instituto centenário e glorioso, quando um dos primeiros monumentos nacionais a serem tombados pelo Serviço projectado devería ser certamente o Museu Nacional.

Vamos que se considerasse esse argumento como de caracter puramente sentimental (todo o serviço de defesa do patrimônio não o é menos) e como tal desprezível em face de grandes benefícios com que seria galardoado o novo museu de

etnografia; vamos admitir que todos os inconvenientes acima apontados fossem sanados pelas medidas indicadas; que fosse a nova instituição dotada de verbas largas e de processos administrativos consoantes aos seus propósitos, ha ainda um aspecto que não pode deixar de ser lembrado: abandonado o nosso nome tradicional, num país, como o nosso, em que nem sempre se compreende a significação de instituições que não apresentam uma finalidade prática imediata, seriam sacrificadas as nossas verbas numa primeira oportunidade de corte orçamentário e, mais miseráveis que o paralítico da fábula de Florian, não teríamos mais o cégo em que nos arrimar, enquanto não ressurgissem dias melhores. (Isto é o que se chama, em bom português, literatice e da mais barata).

O projecto, que indica tantas medidas de valor no tocante á história e á arte, parece quasi que só ter tomado em consideração este aspecto da vida dos nossos selvícolas; não consultou absolutamente o interesse das sciências antropológicas, e é a favor delas que eu pugno.

Penso que se poderia estabelecer uma colaboração estreita entre a Secção de Etnografia do Museu Nacional e o 'Serviço', uma verdadeira articulação entre as duas entidades e da qual poderia resultar benefício consideràvel para êste sem prejuizo dos trabalhos que aquela levasse a efeito. Todo o material de etnografia constaria do tombamento, os técnicos do Museu Nacional colaborariam no Conselho Consultivo da S.P.A.N, organizariam relações de jazidas etnográficas a serem tombadas, levantariam mapas com a distribuição geográfica dos monumentos a serem protegidos, elaborariam monografias a serem publicadas pela S.P.A.N.

Por seu lado a S.P.A.N. providenciaria melhores condições para o desenvolvimento dos trabalhos da Secção de Etnografia do Museu Nacional.

Na segunda-feira, lhe remeterei o regulamento do Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Scientíficas no Brasil e

indicação precisa sôbre dois trabalhos, um de Alberto Childe e outro de Raimundo Lopes (ambos do Museu Nacional), visando a proteção a jazidas e monumentos culturais.

Aí vão consignadas as considerações, não de 'uma mentalidade sem energias' a que se refere o nosso amigo Mario, mas de uma servidora do Museu, que dedica ao desenvolvimento dos estudos etnográficos em nossa terra, todo o seu cuidado.

Ponho-me á sua disposição para quaisquer outros esclarecimentos que se tornem necessários e para começar a trabalhar logo que quisér. Desejaria tanto que a contribuição do Museu Nacional pudesse ser das primeiras em todos os sentidos.

Muito cordialmente,
Heloisa Alberto Torres[10]

***

S. Paulo 29-7-36

Meu Caro Rodrigo.

Li seu projeto de lei que achei, pelos meus conhecimentos apenas, ótimo. Aliás, preliminarmente é preciso que eu lhe diga com toda a lealdade que dado o anteprojeto ao Capanema, eu bem sabia que tudo não passava de anteprojeto. Vocês ajudem com todas as luzes possíveis a organização definitiva, façam e desfaçam à vontade, modifiquem e principalmente acomodem às circunstâncias, o que fiz e não tomou em conta muitas circunstâncias porque não as conhecia. Não sou nem turrão nem vaidoso de me ver criador de coisas perfeitas. Assim não tema jamais me magoar por mudanças ou acomodações feitas no meu anteprojeto.

[10] Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro. Personalidades. TORRES, Heloisa Aberto. AA02/M003/P01/Cx. 0125/ P. 0404/.

O caso por exemplo do museu etnográfico é típico. Dou toda a razão a d. Heloísa... em última instância. O que fiz foi teoria e acho bom como teoria. Sustentarei minha *tese* em qualquer tempo. Um Museu Etnográfico deve estar separado dum museu de história natural. Se um organismo e se os burocratas desse organismo forem, não digo perfeitos, mas apenas bem intencionados e eficientes, um museu de história natural não recusará nunca sua colaboração eficaz a outro de etnografia que a pedir. Mas sucede hélas que a qualquer pedido de colaboração, os *nossos* organismos ficam enciumados, ou não colaboram ou colaboram de má vontade. Hoje sei disso com terrível malinconia. Entre nós: no início do meu Departamento me veio a idéia de ajuntar no Brasil cópias de todas as músicas de índios brasileiros existentes em museus e arquivos estrangeiros. Há certamente deles na Alemanha e parece que nos Estados Unidos também. Com virgindade e abundância de coração, ofereci colaboração ao Museu Nacional, propondo-lhe ficar com as glórias da iniciativa, tanto mais que tinha mais completas e federais credenciais pra conseguir o desejado. Até hoje nada se fez, mais de um ano já passou e a própria d. Heloísa, que respeito e admiro enormemente, não achou tempo pra escrever um ofício a Berlim, iniciando as negociações. Ela tem perfeitas razões em saber que a colaboração entre organismos diversos é ineficaz...

Concordo pois inteiramente com as razões técnicas que ela dá como início da carta. Com o resto da carta não posso de forma alguma concordar. Imaginar mesmo em ponto de dúvida que eu penso que um museu é apenas colecionar objetos, só não é ofensa porque não tenho vontade de ficar ofendido. Achar que o SPAN é sentimental, pra se defender de não querer *reorganizar* o Museu Nacional, não pode provir da verdadeira Heloisa Alberto Torres. O SPAN é um organismo de todo em todo cultural com forte base econômica. Achar isso sentimental é desvirtuar a própria essencialidade da coisa. Mais outro argumento curioso: D. Heloísa ao entender Etnografia, pelas suas próprias especializações, só pensa em “etnografia

ameríndia", ao passo que eu, pelas minhas especializações, entendo principalmente "etnografia *popular*". Se não me engano, no meu trabalho mostrei que a etnografia ameríndia, podia estar ajuntada à arqueologia. E tudo isso não fará um desgraçado mal que fique no Museu de História Natural que é o M. Nacional. Mas a Etnografia do *nosso* povo brasileiro, tem creio que só uma sala no M. Nacional, e essa é a parte pra mim mais importante, os Ameríndios pertencendo principalmente à ciência pura, e o povo brasileiro em seus costumes e usanças e tradições folclóricas, pertencendo à própria vida imediata, ativa e intrínseca do Brasil. Não dei, nem me cabia dar, a organização interna e detalhada de cada museu, mas imagine um museu etnográfico fornecendo modelos de decoração, processos de fazer rendas, chapéus de palha etc. músicas e danças etc., generalizando, entradicionalizando, protegendo contra o progresso mortífero etc. Não é só expor (a coisa me está doendo...) mas agir. Minha biblioteca infantil tem um coral que está cantando a Nau Catarineta com músicas nordestinas; minha Discoteca está gravando Carlos Gomes, e *filmou* danças populares de Mogi das Cruzes. Minha Documentação Social está com filmes tirados especialmente entre índios de Mato Grosso, pra nós. Minha divisão de Expansão Cultural está com um curso prático de etnografia, ensinando como se colhe documentos. E assim é. E cansei.

Um abraço do
Mário (ANDRADE, 1981, p. 60-61).

***

Rio, 1º de agosto de 1936.

Mario.

[...]
Achei procedente tudo quanto Você me escreveu a respeito da carta de dona Heloísa. Sucedeu até que alguns dos seus

argumentos já tinham sido invocados por mim, quando discuti com ela a questão. Mas eu estava muito incapaz naquele dia e oprimido por uma dificuldade de expressão maior ainda que a do costume. Fui seduzido com facilidade, embora [tivesse] saído ainda convencido das vantagens que resultariam da adoção do ponto de vista que Você sustentara. Como, porém, me pareceu impraticável organizar um museu de arqueologia, etnografia e arte popular com a oposição intransigente de todo o pessoal do Museu Nacional, tive de me conformar com a inclusão apenas de um dispositivo no projeto prevendo para o futuro a realização do empreendimento, a fim de contar assim com a cooperação de dona Heloísa, quer para o tombamento do material reunido na Quinta da Boa Vista, quer para o tombamento geral.

De resto, confesso a Você que fiquei intimidado diante da responsabilidade de desmembrar do museu existente as coleções que nos interessavam. Aquilo, tal como está organizado, tem sempre produzido alguma coisa de apreciável. É uma instituição centenária que merece ser tratada com uma consideração especial. Se a gente insistisse em reforma-la agora de acordo com seu projeto, seria tido, por dona Heloísa e pelos especialistas mais capazes de lá, como inimigo. Com que elementos poderíamos contar para suprir a falta de cooperação do pessoal melhor do Museu Nacional? Pelo menos, graças ao adiamento da reforma, captamos as boas disposições da própria dona Heloísa, cuja colaboração é preciosa. Mais para adiante, veremos o que será possível conseguir naquele sentido.
[...]

Um abraço do

Rodrigo (ANDRADE, 1987, p. 120-121).

O CONCEITO DE CULTURA

O termo “cultura” e seus derivados aparecem poucas vezes nas cartas transcritas no capítulo anterior: “organizações culturais” e “monumentos culturais” na carta de Heloisa Alberto Torres; “cultural”, duas vezes, na carta de Mário de Andrade (“O SPAN é um organismo de todo em todo cultural com forte base econômica” e “divisão de Expansão Cultural”); e nenhuma vez no trecho selecionado da carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade. No entanto, mesmo que o conceito de cultura não tenha sido expresso diretamente, os panoramas controversos oferecidos por ele[11] informam claramente o sentido do ato comunicativo contido nesses documentos.

Mário de Andrade expõe, na ressentida carta enviada ao futuro diretor do SPHAN, o que parece ser um mal-entendido: “mais outro argumento curioso: D. Heloísa ao entender Etnografia, pelas suas próprias especializações, só pensa em ‘etnografia *ameríndia*’, ao passo que eu, pelas minhas especializações, entendo principalmente ‘etnografia *popular*”. O conceito de “etnografia” define de modo abrangente o escopo do embate travado entre Mário de Andrade e Heloisa Alberto Torres: embora haja um evidente desacordo sobre o que deve ser etnografado, é plausível imaginar, dado o contexto da disputa, que estava claro para ambos que “etnografar” significava, de maneira geral, definir os elementos que caracterizam as especificidades de povos não exatamente idênticos àquilo que se entendia ser a *civilização* ocidental. Em outras palavras, tratava-se já de descrever, colecionar e compreender *culturas* numa complexa relação com o ponto de vista da *civilização*.

[11] Sobre a possibilidade de tratar do conceito de cultura como um “panorama”, conforme proposto por Latour (2012), vide a apresentação deste livro.

É muito interessante também que, no momento em que os agentes do Estado brasileiro decidem que não é mais possível adiar a criação de um órgão governamental incumbido da defesa do patrimônio histórico e artístico nacional, sua discussão acabasse sendo feita em termos etnográficos. A urgência da criação de um Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional[12] e os atores envolvidos nessa discussão já indicam a importância, no período, da descrição, do colecionamento e da compreensão da *cultura nacional* brasileira, como forma de tornar a *história nacional* digna de compor a *história universal*. Não será difícil perceber que se trava aí uma disputa pelo significado da própria *modernidade nacional* por meio da invenção de sua *cultura*.

Mas essas cartas suscitam uma série de questões que não podem ser facilmente respondidas. Por que Mário de Andrade e Heloisa Alberto Torres e não outros intelectuais foram envolvidos na criação do SPHAN? Qual é exatamente a diferença de concepções etnográficas (e, portanto, de *culturas* cujo conhecimento se torna significativo em suas relações com a *civilização*) entre os dois? Por que Rodrigo Melo Franco de Andrade, não obstante tenha dado razão a Mário de Andrade, acabou por acatar a vontade expressa por Heloisa Alberto Torres? (Estaria o futuro diretor do SPHAN apenas arrumando uma desculpa qualquer para continuar em bons termos com Mário de Andrade?) Esses são apenas alguns dos problemas que essa troca epistolar, a princípio aparentemente corriqueira, pode trazer à tona.

Se o que está em jogo nessa controvérsia é a produção da modernidade nacional por meio da definição do que é a sua cultura, essas cartas também apontam que essa tarefa demandou a mobilização de uma complexa teia de pessoas, instituições, textos,

[12] O golpe que conduziu ao Estado Novo ocorreu no dia 10 de novembro de 1937, e o Decreto-Lei nº 25 foi promulgado no dia 30 do mesmo mês.

artefatos museológicos, publicações e diversos outros “mediadores”. Essas inúmeras conexões e deslocamentos, que acabaram por adquirir uma abrangência transnacional, poderão ser seguidos neste livro a partir de várias outras cartas e documento que, como a troca epistolar transcrita no período anterior, nos permitirão observar, com os devidos cuidados, como se produziram algumas das mais importantes controvérsias sobre a modernidade nacional brasileira entre os anos 1920 e o final da Segunda Guerra Mundial.

Antes disso, porém, considero importante acompanharmos, brevemente, algumas das principais discussões a respeito da constituição dos panoramas fornecidos pelo conceito de cultura em articulação com o conceito de civilização.

Civilisation e Kultur

As diferenças entre os conceitos de “civilização” e “cultura” têm sido alvo de inúmeras análises. Não é meu objetivo apresentar de forma exaustiva essa discussão, mas sim oferecer um breve quadro que contenha abordagens importantes sobre um significado mais preciso do termo “cultura”, ou seja, aquele relacionado à pluralidade de “modos de vida” e que também pode ser chamado de conceito “diferencial”, “plural” ou “antropológico” de cultura.[13]

De modo geral, é possível afirmar que os conceitos de “civilização” e de “cultura” são tomados como configurações distintas da própria modernidade enquanto *projeto de futuro* ou *ideologia.*[14] A

[13] Para uma análise de outros significados para a mesma palavra remeto o(a) leitor(a) às obras de Alfred L. Kroeber e Clyde Kluckhohn (1952), Raymond Williams (1994), Bernard Valade (1995), Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (2012) e Terry Eagleton (2011). Todavia, alguns desses trabalhos serão comentados nesta seção em função do meu interesse específico pelo significado plural do termo.

[14] Segundo Koselleck, “conceitos ideológicos” dizem respeito a uma “antecipação”: “baseiam-se na experiência da perda da experiência, e por isso não podem deixar de despertar novas

partir do momento em que a experiência do tempo na segunda metade do século XVIII se abre para um horizonte de expectativas ainda incerto, os conceitos de “civilização” e “cultura” podem ser pensados como os arreios que pretendem domar o progresso prometido pela modernidade. “Civilização” e “cultura” são, portanto, diferentes respostas para a seguinte questão: como, no futuro, poderemos nos distanciar, definitivamente, de qualquer forma de *barbárie*?

Pode-se objetar que “por meio da civilização” e “por meio da cultura” não foram as únicas respostas oferecidas a essa questão (no século XIX, “por meio do socialismo” tornou-se, por exemplo, uma importante resposta alternativa). Certamente deve ser questionado ainda o fato de que esses dois conceitos dificilmente aparecem em sua forma pura. No entanto, há um seguro grau de consenso de que os conceitos de civilização e cultura expressam coisas bastante diferentes, ainda que eles possam estar interligados entre si. Além disso, ainda que os métodos utilizados para suas respectivas delimitações sejam distintos, as conclusões sobre seus conflitos/inter-relacionamentos tendem a coincidir, como já notou, por exemplo, Mariza Peirano (PEIRANO, 1981) a respeito dos resultados obtidos por Norbert Elias (ELIAS, 1994) e Louis Dumont (DUMONT, 1994).

---

expectativas. E mais: por razões morais, econômicas, técnicas ou políticas, esses conceitos exigem fins que abrigam desejos maiores do que até então a história pudera satisfazer. Esta situação semântica, que pode ser mostrada constantemente, corresponde aos efeitos da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Para reorganizar a sociedade que deixara para trás a hierarquia das ordens, para organizá-la de novo em comunidades e empresas, em associações, grupos, partidos e organizações, era preciso recorrer à antecipação do futuro. O alcance político e social de tais antecipações se manifesta em que elas têm de apontar para mais além do que era empiricamente realizável, e além do que se podia prever. Precisamente, o imperativo de buscar organizações novas – esta expressão é um conceito surgido, ele próprio, da nova situação – estimulava uma formação de conceitos voltados para direcionar, e cujos fins exigiam uma perspectiva temporal de futuro. A temporalização, que de início se inscrevia na teoria histórica, a partir de então penetrou fundo na vida quotidiana” (KOSELLECK, 2006, pp. 300-1).

Em linhas gerais, “civilização” diz respeito a um modelo de perfectibilidade social moldado pela razão e que, portanto, possui um caráter universalista. Esse conceito se refere às realizações humanas em geral, seu berço é francês (embora também possa se identificar com o mundo inglês) e sua formulação clássica se deu principalmente no período iluminista.

“Cultura”, por sua vez, corresponde a uma feição holista da perfectibilidade humana, ressaltando as conquistas de cada *povo* ou *nação* de maneira mais específica. Surge como reação ao modelo universal imposto a partir da França, diz respeito particularmente a realizações do “espírito”, seu berço é alemão e sua formulação clássica se deu num clima “contrailuminista” ou “romântico”.

Norbert Elias, em que pese o otimismo que deposita na ideia de *processo civilizador*,[15] conseguiu produzir uma influente interpretação a respeito da bifurcação desses dois conceitos modernos por meio de uma análise do “processo social de sua gênese” (ELIAS, 1994, p. 26-27). De acordo com ele, um primeiro aspecto que explicaria as diferenças semânticas entre *civilisation*/*civilization* e *Kultur* é a situação da unificação política e da consolidação das fronteiras na Europa do século XVIII.

Segundo Elias, para as elites francesas e inglesas a questão sobre o que significava ser francês ou inglês era autoevidente e já estava

[15] Além das ponderações feitas por Renato Janine Ribeiro a esse respeito no prefácio do livro de Elias, é interessante observar o que Zygmunt Bauman afirmou sobre a ideia de “processo civilizador” em seu *Modernidade e holocausto*: “Precisamos avaliar a evidência de que *o processo civilizador é, entre outras coisas, um processo de despojar a avaliação moral do uso e exibição da violência e emancipar os anseios de racionalidade da interferência de normas éticas e inibições morais.* Como a promoção da racionalidade à exclusão de critérios alternativos de ação, e em particular a tendência a subordinar o uso da violência a cálculos racionais, foi de há muito reconhecida como uma característica da civilização moderna, fenômenos como o Holocausto devem ser reconhecidos como resultados legítimos da tendência civilizadora e seu potencial constante” (BAUMAN, 1998, p. 48).

solucionada. Suas respectivas identidades eram percebidas como a de povos bem-sucedidos cujas realizações políticas e econômicas os colocavam à frente de todos os outros povos conhecidos. O motivo desse sucesso residiria no fato de que essas nações teriam atingido, antes das demais, o ápice das conquistas possibilitadas pelo domínio da natureza pela razão, a ponto de agora se considerarem no dever de transmiti-las para as nações mais "atrasadas" (algo que se tornaria uma das principais justificativas para a ação colonizadora). Esse conjunto de realizações se expressavam não só no poder político e econômico de seus respectivos Estados: diziam respeito igualmente ao "nível de *sua* tecnologia, [à] natureza de *suas* maneiras, [ao] desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão do mundo, e muito mais" (ELIAS, 1994, p. 23). Esse era o sentido do conceito de "civilização" que se forjava, ou seja, tratava-se de um termo por meio do qual "a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha" (ELIAS, 1994, p. 23). O conceito significava, além disso, a régua etnocêntrica por meio da qual os ocidentais passariam a descrever os outros povos do planeta, sempre mais próximos da barbárie e "incivilizados" do que os europeus, em especial em relação aos franceses e ingleses

A situação dos alemães nesse mesmo período era diferente. O fato de as fronteiras daquilo que só tardiamente (1871) se conformaria como o Império Alemão serem ainda muito incertas teria provocado incessantemente a questão "O que significa realmente ser alemão?" O conceito de *Kultur* é que tentaria expressar as peculiaridades e o valor de um povo para além dos padrões universalistas fixados pelo conceito de civilização.

Feitas essas considerações de caráter mais genérico, Elias se dirige à análise da gênese de cada um desses conceitos. No entanto,

em vez de se fiar numa simples “história das ideias” – como fariam, mais de uma década depois, Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn (KROEBER e KLUCKHOHN, 1952), por exemplo –, o sociólogo alemão se ocupa da gênese social desses conceitos, ou, como prefere, da “sociogênese” dos conceitos de “civilização” e “cultura”, de modo tal que, a meu ver, seu procedimento se aproxima muito das prescrições que depois Koselleck estabeleceria para a “história dos conceitos” em suas relações com a “história social” (KOSELLECK, 2006). Tentarei apresentar de maneira bastante sucinta o percurso percorrido por Elias nesse seu empreendimento.

Para Elias, o significado de conceitos como os de civilização e de *Kultur* resulta de necessidades coletivas de expressão que vão se cristalizando até que pareçam naturais aos seus usuários e que perduram enquanto possuírem uma “função concreta na existência da sociedade – isto é, enquanto gerações sucessivas puderem identificar suas próprias experiências no significado das palavras” (ELIAS, 1994, p. 26-27). O que o sociólogo alemão chama de “processo social” da “gênese de um conceito” é, portanto, algo muito semelhante à tensão notada por Koselleck entre os conceitos e as estruturas sociais, inclusive no que diz respeito à complexidade diacrônica dessa relação.

As divergências semânticas entre os conceitos de civilização e *Kultur* surgiram, segundo Elias, em torno da década de 1770 no mundo teutônico. Isso teria acontecido em função de uma clivagem entre a nobreza cortesã “civilizada” nos moldes franceses e a *intelligentsia* de classe média cuja identidade se constituiu na experiência partilhada do serviço burocrático prestado ao Estado prussiano. Na França, os intelectuais de classe média, como Voltaire e Diderot, foram assimilados pela sociedade de corte de Paris, com a qual passaram a se identificar, o que significa que suas ideias tiveram inclusive vasão na

vida política francesa. Essa mesma abertura não podia ser encontrada na “afrancesada” corte prussiana. Não obstante a aceitação dos valores civilizacionais de seus vizinhos, a nobreza alemã, em função de seu esfacelamento territorial, teria se tornado muito mais fechada à ascensão de uma classe média cada vez mais rica e ansiosa por participação direta na definição dos rumos do Estado. Diante desse bloqueio à vida política, verificou-se então algo semelhante a uma sublimação do desejo de poder da enriquecida classe média alemã no campo das atividades do “espírito”. Esse período correspondeu a uma grande efervescência literária e filosófica no mundo teutônico, com a retomada da produção em língua alemã e o surgimento das obras de Johann Gottfried von Herder (1744-1803), dos poetas do *Sturm und Drang*, o círculo de Götinger Hain, com “o jovem Goethe, o jovem Schiller”, movimento esse que, segundo Elias, “certamente não é um movimento político” (ELIAS, 1994, p. 35-36), ainda que se verifique uma clara contraposição aos valores cortesãos alemães.

Desenvolveu-se, assim, uma intelectualidade que se identificava em torno de determinados valores contrários aos padrões civilizacionais franceses e que projetou os seus valores alternativos como representativos da nacionalidade alemã. A fragmentação do serviço público nas cortes alemãs, que não estavam unificadas, como na França, na corte de Paris, fez com que toda a arte da conversação desenvolvida pelo contato direto dos cortesãos franceses – e por meio da qual as suas ideias eram comunicadas e cristalizadas – fosse substituída, na Alemanha, pelo esforço de “autocultivo” (*Bildung*) percebido como forma de elevação da *Kultur* especificamente teutônica e, por conseguinte, da própria humanidade. Foi essa classe “autocultivada” que se tornou a “depositária da consciência nacional” até que, finalmente, pudesse depois assumir um papel destacado na condução do Império Alemão.

Já é possível sintetizar as conclusões mais interessantes da análise sociogenética do conceito de cultura conforme proposto por Elias: 1) o conceito de cultura (assim como o de civilização) se vincula a ações intelectuais de um grupo concreto e específico de pessoas num momento de disputa por posições de poder no interior de um aparato estatal em processo de fortalecimento[16]; e 2) o seu conjunto de características logo é projetado como "nacional" e se consolida como defesa em relação à ameaça representada por valores universalizantes percebidos como contrários ao modo de vida específico do conjunto de indivíduos protegidos por um mesmo Estado-nação. Essa "invenção" do século XVIII, ou seja, o conceito de "cultura nacional" como acesso a uma suposta realidade étnica que delimitaria projetos de futuro em disputa, tornou-se o traço distintivo da modernidade e revelou, ao final, tanto o seu poder criativo quanto destrutivo. O poder desse conceito, que atormentou Elias no período de auge do nazismo alemão, continua nos assombrando em um mundo diferente, porém não menos complexo.[17]

Elias, no entanto, estava preocupado com a descoberta das leis do processo civilizatório, ou seja, em saber como estruturas de personalidade são afetadas por transformações de estruturas

---

[16] "O conceito de *civilisation* é inicialmente, como acontece com o de *Kultur,* um instrumento dos círculos de classe média – acima de tudo, da *intelligentsia* de classe média – no conflito social interno. Com a ascensão da burguesia, ele veio, também, a sintetizar a nação, a expressar a auto-imagem nacional" (ELIAS, 1994, p. 64).

[17] Elias já nos lembrava que "as oportunidades reais de progresso, de um futuro melhor, são ainda – ignorando-se a possibilidade regressiva de uma guerra – muito grandes para as primeiras nações que se industrializaram. Mas em comparação com suas autoimagens tradicionais, nas quais a ideia de sua própria civilização ou cultura nacional é em geral entronizada como o mais alto valor da humanidade, o futuro é decepcionante. A ideia da natureza e valor excepcionais da própria nação serve frequentemente como legitimação de sua reivindicação a liderar todas as demais. E foi essa autoimagem, essa pretensão à liderança pelas nações industrializadas mais antigas, que sofreu um abalo na segunda metade deste século, provocado por um aumento ainda muito limitado de poder das sociedades mais pobres, sociedades pré-industriais previamente dependentes e parcialmente subjugadas de outras partes do mundo" (ELIAS, 1994, p. 230).

sociais, e vice-versa. Ele procurou fazer isso por meio do uso da noção de "configurações sociais", que pretende superar a perspectiva caracteristicamente moderna de conceber o indivíduo como uma realidade isolada do seu mundo exterior. Ao tomar o processo civilizatório como fato, seu intuito declarado é produzir instrumentos, por intermédio do conhecimento sociológico, para que as sociedades humanas não se estruturem a partir de valores destrutivos como os do nazismo, do fascismo ou outras formas de autoritarismo. O intuito de Elias é analisar o processo civilizatório para além da "curiosa aberração do pensamento", ou seja "a ideia da natureza e valor excepcionais da própria nação" (ELIAS, 1994, p. 230), que, na prática, corresponde a dois tipos principais de *ideologia*: "uma corrente que considera a sociedade como um todo, a nação, como o mais alto dos valores; e por outro, uma vertente que postula o indivíduo inteiramente autossuficiente, o indivíduo livre, a 'personalidade fechada', como o mais alto valor" (ELIAS, 1994, p. 235).

Todavia, não são as próprias ideologias modernas os "objetos de estudo" abordados pelo sociólogo alemão. Isso é algo que pode ser encontrado, no entanto, nas reflexões propostas pelo antropólogo Louis Dumont. Para ele, a modernidade corresponde à emergência de uma "configuração" inédita de ideias e valores (aquilo que ele também chama de *ideologia*), cujas principais características seriam:

> individualismo (como o oposto de holismo), primazia das relações entre seres humanos e coisas (em detrimento das relações entre seres humanos), distinção absoluta entre sujeito e objeto (oposto a uma distinção meramente relativa, flutuante), segregação de valores a partir de fatos e ideias (oposto à sua indistinção ou estreita associação), distribuição do conhecimento em planos ou disciplinas independentes, homólogas e homogêneas (DUMONT, 1994, p. 7, tradução livre).

Seriam essas ideias e esses valores que embasariam os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, elaborados na França iluminista. A partir de lá essa ideologia seria apresentada fora de suas fronteiras como algo que transcende qualquer característica cultural local: a “cultura francesa” seria pensada como uma cultura na verdade universal, isto é, a própria *civilização*. Como já foi visto no meu comentário sobre o trabalho de Norbert Elias, os franceses acreditavam ter atingido o último estágio do desenvolvimento humano, graças às luzes da razão, e a partir daí se viam diante da missão de difundir essa ideologia individualista e universalista pelo mundo afora.

O que Dumont percebe, no entanto, é que essa ideologia individualista se chocou com outras ideologias cujas configurações comportavam outras ideias e valores, em especial tradições de caráter holístico. O antropólogo francês encara esses contatos como interações entre diferentes culturas, de modo que seu método é análogo ao dos estudos de “aculturação”, com a diferença de que, nesse caso, não se trata de analisar o contato entre uma cultura “civilizada” e outra “primitiva”, mas de ideologias/culturas europeias entre si. Tem-se, portanto, um procedimento que procura analisar de forma simétrica os nossos próprios sistemas de pensamento ocidentais como visões de mundo estruturadas, ou seja, como uma cultura dentre outras, ou ainda como ideologias. Para entender essas relações entre diferentes ideologias modernas, Dumont analisa de forma mais detida a *ideologia alemã*.

Dumont considera a ideologia moderna em sua configuração individualista/universalista excepcional, pois a norma até então eram identidades pessoais inseparáveis de identidades coletivas, isto é, configurações ideológicas holistas – para um francês era natural que ele se imaginasse francês apenas por acidente, colocando a sua

condição de indivíduo humano em primeiro lugar, algo impensável, por exemplo, para japoneses ou iranianos, de acordo com os exemplos propostos pelo antropólogo. O principal interesse da reflexão de Dumont é o encontro entre esses dois tipos de ideologia com a expansão pelo globo do modelo individualista: desses contatos surgiriam diversos *blends* entre individualismo e holismo, algo que seria a condição necessária para a expansão e acomodação da ideologia moderna por sobre outras culturas. Dumont procede analisando comparativamente diferentes configurações ideológicas nacionais de modo a compreender os processos de "aculturação" que conduziram à formação de misturas específicas, a exemplo do caso alemão, indiano e russo. Tratar-se-iam, portanto, de processos que ocorrem inteiramente no nível ideológico, de modo que Dumont abre mão de uma metodologia sociogenética, como a que foi empregada por Norbert Elias, em favor de um procedimento que poderíamos chamar de "morfologia comparada" das configurações ideológicas nacionais e das respectivas resultantes de suas interações.

O caso alemão merece um destaque especial por parte de Dumont. A defesa alemã contra a influência cultural francesa – a situação de fronteira fez com que a Alemanha fosse a primeira a ser ameaçada pela expansão da configuração individualista/universalista – teria gerado um modelo de autoafirmação nacionalista pioneiro e altamente influente por meio dos conceitos de *Kultur* e *Bildung*. Dumont apresenta a "ideologia alemã" então como "uma variante nacional, entre outras, da ideologia moderna" (DUMONT, 1994, p. 17, tradução livre). A reação alemã aos acontecimentos no mundo ocidental do século XVIII teria produzido uma "fórmula idiossincrática" de ideologia, que poderia ser resumida num misto de "holismo comunitário" com um "individualismo autocultivado". Dumont sintetiza esse quadro da seguinte forma:

> Por um lado, há uma discreta sobrevivência, nos tempos modernos, da comunidade, ou seja, de um sentimento e de uma orientação holística, e, na vida social em geral, a quase proverbial tendência a obedecer, a subordinação espontânea às autoridades políticas e sociais. Por outro lado, há um pronunciado desenvolvimento profundo da individualidade, uma interioridade invejosa devotadamente atendida (DUMONT, 1994, p. 19-20, tradução livre).

A Reforma Luterana, que Dumont considera uma *forma religiosa de individualismo*, teria "imunizado" os alemães à Revolução. Esta última, uma *forma por sua vez sociopolítica de individualismo*, teria sido então recebida na Alemanha de acordo com os padrões mentais estabelecidos pela Reforma. A notável produção intelectual do período que vai de 1770 a 1830 – também lembrada por Elias – em grande medida se voltou para a elaboração dessa síntese entre individualismo – expresso na ideia de autocultivo (*Bildung*) – e holismo – relacionado à ideia de *Kultur*. Por fim, a essas duas características seria possível somar uma terceira, relacionada à ideologia política pangermânica: a tradição advinda do Sacro Império Romano-Germânico de uma soberania de caráter universal (contrária à concepção de soberania territorial predominante na França e na Inglaterra) reforçaria a convicção de que a cultura alemã, ou seja, sua *Kultur*, graças à notória liderança conquistada por sua intelectualidade no campo das letras e da filosofia, seria a cultura por excelência, destinada a dominar todas as demais. O conjunto dessas ideias daria consistência à identidade teutônica expressa na ideia de um *Reich*, com as conhecidas consequências para expansão imperialista pós-1871 e para as duas Guerras Mundiais.

Mas o mais importante das reflexões de Dumont para este livro é notar que "os alemães prepararam versões mais digeríveis

da inovação moderna [isto é, sua ideologia] para o uso dos recém-chegados" (DUMONT, 1994, p. 26, tradução livre). O antropólogo menciona casos específicos como o indiano e o russo, mas, por fim, lembra que os "valores conflitantes do holismo e individualismo se combinam de formas problemáticas no mundo presente como o fizeram na história alemã" (DUMONT, 1994, p. 36, tradução livre). Estendendo os argumentos de Dumont, *esses panoramas mistos de individualismo/universalismo e holismo podem ser encontrados também no Brasil no momento em que seus intelectuais saíram em busca de nossa própria modernidade*, algo que demonstrarei ao longo deste trabalho.

Neste ponto é fundamental lembrar que a antropologia foi o instrumento moderno por excelência de definição das relações entre civilização e cultura, e os agentes que se lançaram a projetar seus respectivos Estados-nações nesses termos se viram às voltas com o pensamento antropológico. Não é possível desatrelar das ideologias nacionais ocidentais e seus respectivos projetos de futuro, portanto, nem a antropologia física que vicejou na Inglaterra, França, Alemanha e em praticamente todos os Estados-nação do século XIX, em maior ou menor grau; nem a *Völkerkunde*, isto é, a faceta etnológica do historismo alemão; e nem os desenvolvimentos posteriores da etnologia alemã na antropologia cultural estadunidense, na antropologia social britânica e mesmo, em certa medida, na etnologia francesa. Esse assunto será melhor desenvolvido ao longo deste livro, mas é importante apresentar aqui alguns de seus aspectos mais gerais.

A antropóloga Mariza Peirano adota, como eu mesmo neste livro, uma postura "não-internalista" da reflexão sobre o pensamento antropológico.[18] Para ela, a antropologia é um sistema de conhecimento

[18] Também é importante destacar aqui o trabalho pioneiro entre nós, brasileiros, de Roberto Cardoso de Oliveira, no sentido de identificar de maneira distanciada as "comunidades" de

entre outros, e pode ser perfeitamente colocado, nesse sentido, ao lado da religião, da filosofia e da arte (PEIRANO, 1981, p. 3). É isso que a faz pensar na antropologia como um conjunto particular de representações no interior de um sistema de pensamento mais amplo e atrelado ao campo político dos Estados-nações responsáveis pelo seu desenvolvimento. Em outras palavras, para Peirano não é possível desvincular a antropologia das ideologias nacionais, e é com base nesse pressuposto que ela produz uma interessante "antropologia da antropologia" no Brasil.

No entanto, é preciso ainda mostrar uma incompatibilidade até então não evidente entre as elucubrações de Peirano e as de Louis Dumont. Peirano mostra que Dumont não acredita naquilo que ela chama de "reversibilidade" do conhecimento antropológico. Isso significa que Dumont partilharia da premissa de Marcel Mauss (1872-1950) segundo a qual só seria possível falar em antropologia a partir do polo universalista da ideologia moderna. A antropologia seria fruto da ideologia moderna uma vez que procederia por meio da comparação de sistemas de pensamento a partir de um ponto de vista universalista (PEIRANO, 1981, p. 5).

Lendo o livro *German ideology*, que foi publicado originalmente por Dumont em 1991, ou seja, depois de Peirano ter defendido essa sua tese de doutorado (1981), a impressão que tenho é que, conforme apresentei acima, a relação entre os princípios universalista e holista é, para Dumont, mais complexa que do que essa configuração dicotômica e irredutível lembrada por Peirano. Vimos que Dumont considera a ideologia alemã como um verdadeiro *blend* entre individualismo e holismo, e foi justamente essa ideologia, sobretudo

---

antropólogos nacionais e internacionais, tentando compreender suas próprias "culturas" ou "mitos" (OLIVEIRA, 2003). Agradeço à Profa. Dra. Cristina Mehrtens por essa valiosa indicação.

em seus desenvolvimentos historicistas, como veremos, que criou os alicerces para a antropologia cultural estadunidense praticada na primeira metade do século XX.[19]

De todo modo, sejam justas ou não essas considerações específicas de Peirano, suas conclusões teórico-metodológicas são bastante interessantes. Acredito que, de fato, as complexas inter-relações entre valores universalistas e holísticos estão também presentes nos panoramas a partir dos quais diferentes grupos de intelectuais produziram e disputaram projetos de modernização nacional.

Por fim, a relação entre "civilização" e "cultura" ainda foi apreendida de forma bastante sofisticada por Roy Wagner em seu *A invenção da cultura* (2010). Tentando sumarizar alguns elementos de sua argumentação sem ter que reconstruir aqui toda sua elaborada teoria sobre os nossos diferentes modos de simbolização, é possível afirmar em primeiro lugar que, para ele, a "moderna sociedade ocidental", isto é, a "civilização" (que ele chama também chama de "Cultura", com inicial maiúscula, ou ainda "Cultura sala de concerto")

> equivale a uma extensão abstrata da noção de domesticação e refinamento humanos do indivíduo para o coletivo, de modo que podemos falar de cultura como controle, refinamento e aperfeiçoamento gerais do homem por ele mesmo, em lugar da conspicuidade de um só homem nesse aspecto. Empregada

[19] Destaco agora essa vertente do pensamento antropológico por ser a que mais me interessa diretamente, mas é importante lembrar que a formação de Bronisław Kasper Malinowski (1884-1942) também se deu no interior da tradição compreensiva ou interpretativa germânica, em especial no que diz respeito à escola filosófica de Baden, cujo representante talvez mais conhecido entre nós, historiadores e cientistas sociais, seja Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911) (cf. BAUMAN, 2012, p. 115). Valade, por outro lado, dá maior destaque aos antagonismos entre a antropologia cultural estadunidense e a antropologia social britânica, salientando mais a influência de David Émile Durkheim (1858-1917) que a de Dilthey sobre a última vertente (cf. VALADE, 1995, p. 499 e ss).

> nesse sentido, a palavra também carrega fortes conotações da concepção de Locke e Rousseau do "contrato social", da moderação dos instintos e desejos "naturais" do homem por uma imposição arbitrária da vontade. O conceito oitocentista de "evolução" adicionou uma dimensão histórica a essa noção de criação e moderação do homem por ele mesmo, resultando no conceito otimista de "progresso" (WAGNER, 2010, p. 54).

É muito interessante notar o destaque dado ao caráter "domesticador" do conceito de cultura. Esse controle civilizatório se daria, segundo Wagner, por meio de uma "simbolização convencional". A modernidade se caracterizaria por uma tendência a incorporar o que é diferente e a princípio incompreensível numa ordem inventada como regular e natural. O conceito antropológico de "cultura" seria, assim, uma *invenção* de antropólogos modernos na tentativa de lidar com o choque (que eles próprios chamam de "cultural") causado pela situação de total inadequação, no trabalho de campo, ao comportamento de grupos humanos a princípio incompreensíveis. Esses humanos percebidos como "outros" são incompreensíveis justamente pelo fato de não partilharem conosco esse mecanismo de "simbolização convencional": suas formas de simbolização são "diferenciantes", e, ao contrário de nós, essas pessoas não vêm sentido algum no nosso impulso de reduzir as anomalias a um conjunto de leis naturais.[20]

[20] "Enquanto os americanos e outros ocidentais criam o mundo incidental ao tentar constantemente prevê-lo, racionalizá-lo e ordená-lo, os povos tribais, religiosos e camponeses criam seu universo de convenção inata tentando mudá-lo, reajustá-lo e impor-se a ele. Nossa preocupação é inserir as coisas em uma relação ordenada e consistente – seja esta uma relação de 'conhecimento' organizado de modo lógico ou de 'aplicação' organizada de modo prático –, e chamamos a soma de nossos esforços de Cultura. A preocupação deles pode ser pensada como um esforço para 'desestabilizar o convencional' e assim tornar-se poderosos e únicos em relação a este" (WAGNER, 2010, p. 144). A esse respeito, é interessante também conferir o trabalho de Marshall Sahlins, em especial o seu livro *Ilhas de história* (1990), que adota uma perspectiva muito parecida, classificando esses diferentes modos de simbolização, no entanto, a partir da dicotomia "estruturas performativas" / "estruturas prescritivas".

“Cultura” e “estrutura social” são, portanto, exemplos de invenções dos modernos para tentar lidar com essa diferença radical dos povos extramodernos. Eu tratarei em pormenores do “conceito antropológico de cultura” na próxima seção, mas é importante salientar desde já a perspectiva de Wagner, pois ela também nos ajuda a entender melhor o impulso da “civilização” em incorporar à sua regularidade racionalista, sob a forma de “culturas nacionais”, tudo aquilo que a princípio choca por sua diferença profunda. Nesse ponto em específico parece haver uma proximidade com o significado mais geral das proposições de Dumont quando este trata do processo que conduziu à incorporação de ideologias “holistas” à ideologia “universalista da modernidade”. Isso parece ser perfeitamente contemplado pela proposição de Wagner, segundo a qual

> uma vez que a convenção só pode ser estendida por meio de um processo de mudança, é inevitável que suas distinções convencionais sofram mudanças no curso desse processo. Além disso, como a invenção é sempre uma questão de combinar contextos convencionais com o particular e não convencionalizado, coletivizando deliberadamente o particular e o individual ou diferenciando o coletivo, fica claro que qualquer dos tipos de ação irá resultar numa progressiva “relativização” de ambos, particularizando o coletivo e ao mesmo tempo ordenando e coletivizando o particular (WAGNER, 2010, p. 98).

O conceito antropológico de cultura

Eu gostaria agora de me aprofundar um pouco mais, portanto, nas características genéricas daquilo que podemos chamar de “conceito antropológico de cultura”, pois é a sua circulação transnacional a partir do americanismo boasiano e o impacto que causou e sofreu no interior das disputas pela modernidade brasileira que me interessam mais diretamente neste livro.

Em 1952, Alfred Louis Kroeber e Clyde Kluckhohn empreenderam um trabalho de delimitação sistemática do que eles chamam de "moderno significado técnico ou antropológico da palavra cultura" (KROEBER e KLUCKHOHN, 1952, p. 4). Essa acepção teria sido estabelecida no campo da antropologia anglo-saxônica pelo inglês Edward Burnett Tylor (1832-1917) em seu *Primitive culture* (1871), e os antropólogos buscavam "documentar sua gradual emergência e refinamento" desde então a fim de possibilitar a construção de um significado mais consensual e preciso. O resultado desse esforço é um rico documento etimológico e taxionômico voltado para a pesquisa no campo da antropologia cultural, incluindo também uma detalhada análise sobre as diferenças semânticas entre os termos "cultura" e "civilização". O esforço em compendiar um grande número de definições também pode ser interpretado como uma disputa pelos instrumentos heurísticos legítimos do campo antropológico, sobretudo se notarmos que os autores se contrapõem discretamente a Radcliffe-Brown e "certos antropólogos britânicos influenciados por ele" que tendiam a "evitar a palavra" (KROEBER e KLUCKHOHN, 1952, p. 5).

Embora o objetivo de Kroeber e Kluckhohn tenha sido muito mais teórico que historiográfico, eles acabam por produzir uma narrativa a respeito do desenvolvimento da disciplina. Essa narrativa é pautada na ideia de um progressivo aprimoramento epistemológico da antropologia, possuindo, portanto, um caráter internalista. Em função disso, os autores supervalorizam um significado mais geral e universal de cultura, que representaria um nível "superorgânico" da vida humana – algo que a distinguiria, universalmente, das demais formas de vida. Esse significado representaria, no momento da escrita dessa "revisão crítica", o auge do desenvolvimento da antropologia enquanto ciência, e os demais esforços são apresentados apenas como mais ou menos

próximos do objeto definidor dos limites disciplinares da antropologia cultural. Mas não se trata de uma linearidade absoluta: os autores apresentam um quadro com centenas de definições sistematizadas em sete grupos e seus respectivos subgrupos em seus processos específicos e mais ou menos sincrônicos de desenvolvimento. O conceito de cultura é dividido, então, de acordo com as suas definições "descritivas", "históricas", "normativas", "psicológicas", "estruturais", "genéticas" e "incompletas".

Esse trabalho é importante para os argumentos que estou desenvolvendo aqui pelo fato de que foi a perspectiva narrativa por ele estabelecida que provocou um primeiro esforço sistemático de compreensão histórico-social dos usos do conceito de cultura na antropologia. Em 1968, George W. Stocking Jr. publicou o livro intitulado *Race, culture, and evolution*, no qual reuniu artigos que se tornaram muito influentes para a historiografia da antropologia. Uma das motivações expressas de Stocking Jr. foi a de revisar a historiografia da antropologia estadunidense, dirigindo-se especialmente contra o trabalho de Kroeber e Kluckhohn. Segundo ele, a história da antropologia estaria viciada por uma perspectiva "presentista", isto é, uma tendência historiográfica de abstração de contextos científicos passados, que são permeados por disputas acadêmicas e institucionais, privilegiando assim uma narrativa cumulativa do saber antropológico cujo ápice coincidiria com a posição ocupada pelos próprios narradores/antropólogos.

Em vez disso, Stocking Jr. se apropria de uma linguagem introduzida por Thomas Kuhn em seu *A estrutura das revoluções científicas* (KUHN, 1998) a fim de demonstrar que a verdadeira revolução paradigmática que conduziu à antropologia cultural aconteceu não com Tylor, como afirmavam Kroeber e Kluckhohn, mas com o trabalho do antropólogo teuto-estadunidense Franz Boas.

Embora Boas não tenha se dedicado ele próprio a reflexões teóricas mais consistentes (seu indutivismo o fazia desconfiar de qualquer monismo ou apriorismo teórico), seu papel teria sido fundamental enquanto uma espécie de elo entre a tradição germânica, em especial herderiana, e o conceito plural de "cultura" que seria desenvolvido principalmente por seus discípulos. Ou, nas palavras do próprio Stocking Jr.:

> Focando apenas naqueles aspectos da mudança que têm a ver especificamente com a ideia de cultura, pode-se dizer que estão envolvidas a rejeição de modelos simplistas de determinismo racial ou biológico, a rejeição de padrões etnocêntricos de avaliação cultural e uma nova apreciação do papel dos processos sociais inconscientes na determinação do comportamento humano. Isso implica numa concepção do ser humano não tanto como um ser *racional*, mas como um ser que *racionaliza*. Apropriando-se de maneira um tanto quanto grosseira da linguagem de Thomas Kuhn, pode-se dizer que essa mudança, tomada como um todo, foi uma parte crucial da emergência do moderno paradigma das ciências sociais para o estudo da humanidade (STOCKING JR., 1968, p. 232, tradução livre).

Esse conceito relativista de cultura é importante para este livro pois, *ao colocar todas as culturas em pé de igualdade, ele permitiu repensar a relação dos países periféricos com o mundo dito civilizado*, algo que se mostrou valioso para a produção das mudanças políticas que se verificaram na América Latina a partir da década de 1920. Afinal, as especificidades culturais desses países também não poderiam ser formas peculiares de civilização?

Depois do trabalho de Stocking Jr., muitas outras investigações aprofundaram suas ideias a respeito das transformações sofridas pela antropologia em seu processo de institucionalização entre os séculos

XIX e XX. No entanto, considero indispensável ainda pensar mais a fundo sobre as relações entre o conceito antropológico de cultura e a produção do modo de vida moderno. Para isso, creio ser pertinente continuar essa discussão com as ideias apresentadas por Zygmunt Bauman em seu *Ensaios sobre o conceito de cultura* (BAUMAN, 2012).

Bauman identifica uma função mais específica do conceito de cultura, atrelada ao horizonte de expectativas aberto pela temporalidade moderna. A ideia de cultura do século XVIII seria, na verdade, um reflexo da concepção moderna de liberdade: “a liberdade é uma relação social: para que alguns sejam livres a fim de atingir os seus objetivos, outros devem ser não livres no que se refere a opor resistência aos princípios” (BAUMAN, 2012, p. 15). O conceito de cultura teria o papel de dar conta, portanto, da ambiguidade moderna existente entre “criatividade” e “regulação normativa”. Desse modo, o termo “cultura” comportaria um aparente “paradoxo”, ou seja, diria respeito, por um lado, a uma concepção ligada à ideia de “cultivo espiritual” e que remete à liberdade criativa aberta pelo pensamento racional e livre dos dogmas religiosos (o qual mais adiante Bauman chamará de “conceito hierárquico” de cultura); e, por outro lado, o mesmo termo remeteria a uma outra ideia, relacionada mais diretamente a um conjunto de padrões de comportamento cujo papel é ordenar, condicionar e mesmo limitar a ação humana (ao qual Bauman denominará “conceito diferencial” de cultura). No entanto, mais que um paradoxo, “cultura” seria um produto do seu tempo e refletiria a ambivalência real da própria experiência moderna:

> Essencialmente moderna é a condição em que o lugar entre os dois polos que assinalam o continuum ao longo do qual todos os indivíduos humanos são posicionados nunca é plenamente

> “estabelecido”, estando sempre sujeito a negociação e luta. É destino dos indivíduos modernos – livres e, portanto, subdeterminados –, subconstituídos e assim destinados à autoconstituição, oscilar entre os extremos da força e da falta de poder, e assim perceber sua liberdade como uma “bênção dúbia”, uma modalidade saturada de ambivalência (BAUMAN, 2012, p. 21).

Bauman ainda sintetiza sua ideia nos seguintes termos: “em suma: um discurso gerou a ideia de cultura como atividade do espírito que vaga livremente, o lócus da criatividade, da invenção, da autocrítica e da autotranscendência; o outro apresentou a cultura como instrumento da rotinização e da continuidade – uma serva da ordem social” (BAUMAN, 2012, p. 22). Foi, segundo ele, “a segunda história que prevaleceu nas ciências sociais por mais ou menos um século” (BAUMAN, 2012, p. 24).

A partir disso fica fácil deduzir a relação que se estabelece entre o Estado-nação moderno e a antropologia ortodoxa (ou, em termos mais genéricos e abrangentes, o “conceito diferencial” de cultura). É o Estado-nação que será incumbido da tarefa de assegurar o progresso prometido pela ideologia moderna por meio da garantia da ordenação dos interesses individuais conflitantes. Mas nada substitui a prosa baumaniana no esquadrinhamento desse papel:

> Falando francamente, esse espaço – o espaço moderno – era o objeto da *administração*, do gerenciamento. Era o playground da autoridade encarregada da tarefa de ‘coordenação principal’; de criar as regras que tornaram o ‘dentro’ uniforme, ao mesmo tempo que o separavam do ‘fora’; de aparar as extremidades e os atritos ásperos entre as normas e os padrões de comportamento existentes; de homogeneizar os heterogêneos e unificar os diferenciados – em suma, de remodelar um agregado incoerente, transformando-o num sistema coerente.

> O espaço global foi fatiado em domínios soberanos – territórios distintos com agências distintas e soberanas – para realizar as tarefas da autoridade moderna. As coisas que não tinham lugar nesse arranjo eram 'terra de ninguém', 'pessoas sem controle', condutas fora do padrão e mensagens ambivalentes. **A imagem da cultura como um 'sistema' segundo o padrão de um quadro gerencial era a projeção dessa tarefa/ambição de gerenciamento do espaço** (BAUMAN, 2012, p. 38, negritos meus).

Portanto, um dos principais papéis desempenhados pela antropologia na modernidade se relaciona à identificação das coletividades/objetos da ação interna e externa do Estado-nacional. Ela define quais indivíduos estão subsumidos a uma identidade comum em função de uma herança, a princípio biológica e, posteriormente, cultural. A partir desses saberes o Estado-nacional tem condições de definir sobre quais corpos poderá exercer seu poder "tutelar", seja ele de caráter colonial, no que se refere aos "de fora", ou disciplinar, no que se refere às "massas" internas. Este livro também mostrará que foram disputas internas específicas no campo antropológico que possibilitaram a superação de algo que podemos, a título precário, chamar de "paradigma biológico", por um outro, de caráter mais humanista e igualitário, correspondente a um "paradigma cultural". Mas isso só fez com que o Estado-nacional, que antes discriminava sua ação com base em critérios de hierarquização racial, depois pautasse sua ação de forma reintegradora, ao mesmo tempo que coercitiva, por meio da educação das massas que deveriam compor a comunidade nacional. Em ambos os casos o que ainda se tem, no entanto, é a ação de um "sujeito do conhecimento" "civilizado" sobre o "objeto do conhecimento", "raças" ou "culturas", correspondentes a massas "jamais civilizáveis" ou "ainda não civilizadas" (BAUMAN, 2012, p. 50).

Outro trabalho que pode ajudar a lançar luz nas especificidades ideológicas do conceito de cultura é o livro *A ideia de cultura*, de Terry Eagleton (2011). Eagleton também reconhece o caráter ambivalente do conceito: “Cultura é uma dessas raras ideias que têm sido tão essenciais para a esquerda política quanto são vitais para a direita, o que torna sua história social excepcionalmente confusa e ambivalente” (EAGLETON, 2011, p. 11). O conceito de cultura guardaria resquícios de uma transição histórica importante e codificaria, além disso, questões filosóficas fundamentais. Neste último ponto talvez seja possível distinguir em alguma medida as conclusões de Eagleton e Bauman, mas, no que se refere aos usos ideológicos modernos do conceito, a proximidade entre os dois é evidente, sobretudo quando o crítico literário inglês afirma que “a ideia de cultura, então, significa uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, por outro” (EAGLETON, 2011, p. 14).

Assim como Louis Dumont, Eagleton enfatiza a tradição germânica por meio da qual os conceitos de civilização e cultura se encontram na ideologia da *Bildung*, ou seja, no ideal de autocultivo individual orientado para a realização humana *no* Estado-nação. O que me aproxima mais de Eagleton, no entanto, é a ênfase histórico-política derivada dessa relação conceitual inicial. Embora o trabalho de Bauman, como vimos, não deixe de lado esses aspectos, seu maior investimento se dirige à defesa de uma concepção estruturalista de cultura, o que, reafirmo, está para além do interesse deste livro, ao passo que, para Eagleton, os problemas político-ideológicos em torno do conceito são o seu alvo principal. Isso fica mais claro quando Eagleton descreve as implicações da ideia moderna de cultura para o campo da política:

> A cultura, ou o Estado, são uma espécie de utopia prematura, abolindo a luta em um nível imaginário a fim de não precisar

> resolvê-la em um nível político. Nada poderia ser menos politicamente inocente do que um denegrecimento da política em nome do humano. Aqueles que proclamam a necessidade de um período de incubação ética para preparar homens e mulheres para a cidadania política são também aqueles que negam a povos colonizados o direito de autogovernar-se até que estejam 'civilizados' o suficiente para exercê-lo responsavelmente. Eles desprezam o fato de que, de longe, a melhor preparação para a independência política é a independência política. Ironicamente, então, um argumento que procede da humanidade para a cultura e daí para a política trai, pelo seu próprio viés político, o fato de que o real movimento é no sentido contrário – são os interesses políticos que, geralmente, governam os culturais, e ao fazer isso definem uma versão particular de humanidade (EAGLETON, 2011, p. 17-18).

O interessante do viés adotado por Eagleton é que ele permite, a meu ver, deslocar com maior precisão a produção intelectual do conceito de cultura para o seu uso político. Isso possibilita entender como um conceito que foi forjado, em sua concepção plural, já no século XVIII, na verdade ganha relevância política preponderante somente em fins do XIX. É como se a crise da expansão capitalista em seu modelo liberal clássico, por volta da década de 1870, passasse a ser, cada vez mais, associada ao ideal de "civilização" que, como vimos, também se relaciona diretamente ao *ethos* autoprojetado do mundo britânico.

Quando Eagleton também afirma que "quanto mais predatória e envilecida parece ser a civilização real, mais a ideia de cultura é forçada a uma atitude crítica" (EAGLETON, 2011, p. 22), é impossível não vir à mente o que ocorreu mais adiante no Brasil quando da constituição, por aqui, de uma ideologia nacionalista crítica ao modelo liberal oligárquico que, em total medida, amparava-se nos ideais civilizacionais europeus (obviamente franceses e ingleses). O lugar-

comum da artificialidade dos nossos costumes passou a demandar, como no caso europeu, a produção de saberes sobre culturas nacionais quando o modelo político e econômico pautado nos ideais civilizacionais/individualistas parecia estar em crise. A análise do caso brasileiro será aprofundada em outros capítulos desta tese, mas foi necessário apontar desde já essa semelhança no sentido de indicar o motivo do interesse pela argumentação de Eagleton. A virada histórica fundamental no uso político do conceito de cultura se situa justamente nesse período de transformações globais profundas que Hobsbawm, por exemplo identifica com o início da "Era dos Impérios" (HOBSBAWM, 2011). É esse o momento que marca também, não por acaso, o início do processo de institucionalização da antropologia com o apoio cada vez mais direto dos Estados-nacionais em função, justamente, de suas ambições imperialistas. Se a antropologia cultural nasce, em grande medida, como veremos, como reação aos usos imperialistas dos saberes sobre as particularidades dos diferentes povos do planeta, por outro lado ela acabou fornecendo o instrumento ideológico fundamental, ou seja, o conceito plural de cultura, para a sobrevivência dos Estados-nacionais mesmo depois da hecatombe da Primeira Guerra Mundial, algo que parecia apontar desde já a falência das utopias modernas mas que não foi suficiente para refrear a competição entre *culturas nacionais*.[21]

Desse modo, embora o nosso conceito particularizante de cultura tenha nascido em grande medida como reação ao conceito

[21] A propósito, Nicholas Dirks afirma o seguinte sobre o poder de sobrevivência do conceito antropológico de cultura: "O conceito antropológico de cultura sobreviveu tanto à fissão do átomo quanto à descolonização do império; na verdade, agora os imaginários antropológicos estão servindo a outros propósitos, inserindo a diferença no cânone das ciências sociais, justificando uma larga variedade de políticas identitárias e clamores políticos, estimulando a crítica a partir de múltiplas perspectivas. Crescentemente, [o conceito de] cultura pode ser usado para criticar o Ocidente ao mesmo tempo em que pode ser empregado para desviar qualquer interrogação das políticas culturais locais" (DIRKS, 2015, p. 247, tradução livre).

universalizante de civilização, os dois estão irremediavelmente a serviço dos grupos dominantes:

> Nascido no coração do iluminismo, o conceito de cultura lutava agora com ferocidade edipiana contra os seus progenitores. A civilização era abstrata, alienada, fragmentada, mecanicista, utilitária, escrava de uma crença obtusa no progresso material; a cultura era holística, orgânica, sensível, autotélica, recordável. O conflito entre cultura e civilização, assim, fazia parte de uma intensa querela entre tradição e modernidade. Mas também era, até certo ponto, uma guerra fingida. O oposto de cultura, para Matthew Arnold e seus discípulos, era uma anarquia engendrada pela própria civilização. Uma sociedade patentemente materialista acabaria produzindo seus rudes e ressentidos destruidores. No entanto, ao refinar esses rebeldes, a cultura encontrar-se-ia indo em socorro da própria civilização pela qual sentia tal desprezo. Embora os fios políticos entre os dois conceitos estivessem assim notoriamente emaranhados, a civilização era no seu todo burguesa, enquanto a cultura era ao mesmo tempo aristocrática e populista (EAGLETON, 2011, p. 23).

É também no trabalho de Eagleton que podemos perceber com bastante clareza o fio histórico que liga a tradição herderiana[22] à antropologia cultural[23] e mesmo ao que Bauman chamará de ideal "comunitarista" da pós-modernidade[24]:

---

[22] "A partir do idealismo alemão, a cultura assume algo do seu significado moderno de um modo de vida característico. Para Herder, isso é um ataque consciente contra o universalismo e o iluminismo. A cultura, insiste ele, não significa uma narrativa grandiosa e unilinear da humanidade em seu todo, mas uma diversidade de formas de vida específicas, cada uma com suas leis evolutivas próprias e peculiares" (EAGLETON, 2011, p. 24).

[23] Valade também está de acordo com essa continuidade: "Se ignorarmos as leituras tendenciosas e as explorações nacionalistas da obra herderiana, subsiste uma concepção de cultura que, em virtude de seu aspecto globalizante, não deixa de apresentar afinidades com a dos mais modernos antropólogos, para quem a cultura abarca o conjunto dos elementos de uma vida social organizada" (VALADE, 1995, p. 496).

[24] "O postulado comunitarista do multiculturalismo presume, tal como o fizera o projeto da cultura nacional, o caráter 'totalista', sistêmico, da cultura. Apenas inverte a avaliação da

> A origem da ideia de cultura como um modo de vida característico, então, está estreitamente ligada a um pendor romântico anticolonialista por sociedades "exóticas" subjugadas. O exotismo ressurgirá no século XX nos aspectos primitivistas do modernismo, um primitivismo que segue de mãos dadas com o crescimento da moderna antropologia cultural. Ele aflorará bem mais tarde, dessa vez numa roupagem pós-moderna, numa romantização da cultura popular, que agora assume o papel expressivo, espontâneo e quase utópico que tinham desempenhado anteriormente as culturas "primitivas" (EAGLETON, 2011, p. 25).

Esse conjunto de considerações sobre o conceito de cultura são bastante úteis para termos uma ideia mais precisa do tipo de panorama que ele comportou. No entanto, diferentemente de todos(as) esses(as) autores(as), não realizarei nas próximas páginas uma análise das "ideologias" contida nesse conceito. Em vez disso, tratarei o conceito de cultura como um "híbrido" ou "mediador", tentando seguir subjetivações e objetificações por ele produzidas em meio a documentos que dão conta de uma proliferação transnacional de modos especificamente modernos de vida.

---

copresença de tantas dessas 'totalidades' num único domínio político e postula sua forçosa continuação lá onde o projeto de cultura nacional propugnava sua dissolução orientada num único sistema de cultura nacional" (BAUMAN, 2012, p. 60).

O AMERICANISMO, FRANZ BOAS E OS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE AMERICANISTAS

Neste capítulo farei algumas observações mais gerais a respeito da antropologia americanista, mostrarei como o conceito de cultura presente na obra de Franz Boas se liga à etnologia alemã e tratarei dos Congressos Internacionais de Americanistas, os quais se tornaram um espaço relacional importante para a constituição de conexões transnacionais que interessam a este trabalho. Trata-se, portanto, de apresentar a gênese dos circuitos relacionais e do conceito de cultura que conectaram, no final do século XIX e no início do XX, um conjunto de sujeitos da modernidade europeia e estadunidense, de um lado, a um conjunto de sujeitos da modernização brasileira, de outro.

O americanismo

Documentos como a "Carta de Pero Vaz de Caminha" atestam que a produção de informações e saberes sobre os povos do Novo Mundo foi praticamente imediata ao descobrimento das terras de além-mar pelos europeus.[25] Logo "gabinetes de curiosidades" e "museus de história natural" começariam a proliferar na Europa a fim de abrigar artefatos representativos da "natureza" desses lugares – incluam-se aí os seus habitantes e os artefatos por eles produzidos. No entanto, a institucionalização de um "americanismo", compreendido como uma rede científica transnacional, caracteristicamente antropológica, voltada para o estudo dos povos primitivos das Américas, ocorre na Europa e nos próprios países americanos, por motivos diversos,

[25] Uma interessante reflexão a respeito das informações de caráter etnográfico desse documento pode ser encontrada nos primeiros parágrafos da "Introdução" escrita por Herbert Baldus (1954).

apenas em meados do século XIX. Esse interesse pelos "povos primitivos" americanos situa-se num movimento mais abrangente desencadeado pela expansão dos impérios do Hemisfério Norte, possuindo, a princípio, um caráter utilitário voltado à satisfação de interesses comerciais que se ampliavam.[26]

Infelizmente a ideia de "americanismo", conforme será pensada neste capítulo – e que não deve ser confundida com a concepção chauvinista de identidade estadunidense que tomou força a partir da primeira metade do século XX –, ainda não despertou o interesse de historiadores, cientistas sociais, filósofos ou linguistas, da mesma forma como o fez em relação a Edward Said a respeito do "orientalismo" (SAID, 2007). Também não é difícil imaginar que seria insuficiente uma simples transposição das conclusões de Said para essa outra rede discursiva que emerge em torno do interesse pelos povos "ameríndios". Além do mais, ainda segundo Claude Auroi (1998), há uma transformação verificável nesse interesse pelo "outro" nas ciências sociais produzidas no início do século XX, que passa então a se mover mais pela curiosidade em relação às civilizações antigas e aos "povos primitivos" das Américas do que pelo caráter puramente utilitário produzido pelos primeiros relatos de viajantes brancos.[27]

---

[26] Conforme pontua Claude Auroi, "*precedidos en los siglos dieciocho y diecinueve por los viajeros y descubridores como La Pérouse, Bougainville y el Capitán Cook, pero también por los geografos, botánicos y zoologos como Alexander von Humboldt, Forster y Darwin, aparecieron más tardíamente en tanto que especialistas ya no de la naturaleza, sino de las culturas. En esta oleada del mundo blanco hacia los mares australes y las selvas tropicales – e incluso, las comarcas frias y desoladas –, la curiosidad científica por el hombre del hemisferio sur llegó después de un interés más manifiesto por la fauna y la flora. Esta curiosa inversión de las prioridades se situaba en un contexto de creciente materialismo, que se concretaba por la búsqueda y el descubrimiento de productos que permitían a la plantación colonial satisfacer los gustos hedonistas de las cortes y de los salones burgueses* (AUROI, 1998, p. 71).

[27] "*El interés por los pueblos diferentes tomó, para algunos investigadores, una forma ya no utilitaria, sino de simple curiosidad científica, en tanto que objeto social de estudio como otros. Por otra parte, los descubrimientos arqueológicos de monumentos grandiosos en las*

O americanismo prolifera-se, assim, num terreno perpassado por interesses que vão desde o frio cálculo da empresa imperialista até o impulso afetivo que emerge da centelha da curiosidade científica.

O mesmo americanismo ainda gerou outros efeitos, só muito recentemente percebidos. Estudos a respeito da passagem de Claude Lévi-Strauss pelo Brasil reacenderam a chama de um assunto cuja capacidade ígnea foi por um bom tempo desacreditada. Fernanda Peixoto, por exemplo, recolheu interessantes definições a respeito do tema e, embora esteja lidando com uma tradição especificamente francesa de ciências sociais, ofereceu-nos exemplos que podem ser perfeitamente pensados de modo análogo para a rede de pesquisadores(as) cuja constituição será estudada aqui a partir dos EUA. Analisando a primeira geração de americanistas da *Société des Américanistes* de Paris, por meio de suas publicações e estatuto, a autora capta o caráter transnacional dessa rede, para a qual "o americanismo é definido pelos seus praticantes como uma ciência [...] voltada para o conhecimento das Américas, e cuja questão central, norteadora das investigações, diz respeito às origens americanas" (PEIXOTO, 1998, p. 85). A respeito deste caráter transnacional, Peixoto afirma que

> esse circuito específico reúne arqueólogos, folcloristas, geógrafos, viajantes e, sobretudo, etnólogos sob uma mesma legenda. O que os unifica, fundamentalmente, é o estudo da(s) América(s), de sua paisagem, história, tipos humanos,

---

Américas y en Asia hicieron emerger lentamente una conciencia de admiración más allá de un interés simplemente académico. Los enigmas de las grandes civilizaciones desaparecidas, tales como las de isla de Pascua, o los templos Mayas, llevaron a los investigadores etnólogos a interesarse en los descendientes de esas sociedades estructuradas, muy a menudo sin vínculos culturales evidentes con sus gloriosos pasados. Por extensión, a principios del siglo veinte y en el periodo de entre guerras hubo una proliferación de estudios sobre todo grupo humano llamado en ese entonces 'primitivo" (AUROI, 1998, p. 72)

> organizações sociais. Com esse objetivo, tais pesquisadores circulam por diferentes países, cruzando fronteiras, desenhando recortes: o mapa que têm diante de si é o da América. Os contornos nacionais, nesse caso, não estão em destaque. Por isso, antes de qualquer outra alcunha que possam ter recebido no futuro — mexicanistas, brasilianistas etc. — são, acima de tudo, americanistas (PEIXOTO, 1998, p. 87).

É interessante ainda um depoimento que a autora recolhe de Eduardo Viveiros de Castro sobre o lugar do americanismo em face de outros "ismos": "A América do Sul esteve à margem deste movimento sistemático de investigação sobre as formas não-européias de vida social, característico da modernidade tardia. O índio sul-americano foi o Selvagem da filosofia dos séculos XVI a XVIII, não o Primitivo da antropologia vitoriana [...]. Assim, o americanismo deixou poucas marcas no acervo da disciplina" (apud PEIXOTO, 1998, p. 102).

Há, por fim, a esse respeito, uma implicação de profunda significância para o pensamento antropológico contemporâneo encontrada por Anne-Christine Taylor, também a propósito do interesse pela obra americanista de Lévi-Strauss, mas neste caso tratando especificamente do "tornar-se americanista":

> dedicar-se ao estudo de sociedades ameríndias e não às sociedades africanas ou europeias é, primeiro, aderir a uma comunidade científica marcada por uma herança intelectual, um estilo de compromisso com seu objeto de estudo, preocupações teóricas e formas de interação profissionais que lhe são próprias; é, em seguida, familiarizar-se com particularidades culturais que vão alterar, muitas vezes até contra a vontade dos pesquisadores, as proposições teóricas mais abstratas (TAYLOR, 2001, p. 77).

Isso já indica como a inserção nesta rede transnacional americanista implica em formas particulares de *subjetivação*. Esse

processo se dá por meio do conceito de cultura, “mediador” ou “híbrido”[28] que permite transformar conjuntos de pessoas, como os(as) ameríndios, em um *objeto de pesquisa* numa relação plenamente comprometida com projeto de modernidade específico, conforme pretendo demonstrar com este capítulo.

O tema do americanismo, no entanto, abrange relações que se desdobraram de forma bastante ampla tanto no tempo quanto no espaço. Eu seguirei aqui um ramo específico desse circuito de conexões, trocas e fluxos, no qual podemos encontrar um conjunto de cientistas sociais que partilhavam entre si os valores do internacionalismo científico, do antirracismo, bem como o interesse pelo estudo de outras *culturas*, no plural, em especial aquelas consideradas as mais “primitivas” e que estivessem em vias de serem extintas. Além disso, interessa-me particularmente o ramo reticular específico que se articulou ao programa antropológico boasiano e se direcionou, de uma forma ou de outra, para um recorte etnológico, institucional e relacional brasileiro preocupado em pensar a modernidade do seu país por meio da compreensão histórica de sua própria cultura.

Ainda que variassem as interpretações a respeito da diferenciação e constituição histórica dessas culturas ameríndias, de modo geral é possível perceber que essa linhagem americanista em grande medida é um desdobramento tardio do “Contra-Iluminismo alemão” (BUNZL, 1996). Essa forma particular de articulação entre os conceitos de “civilização” e “cultura” acabou se mostrando fundamental para a produção da modernidade especificamente brasileira, e acredito que as diversas conexões produzidas por esse circuito transnacional americanista tenham desempenhado um papel significativo para isso.

[28] A este respeito, vide a discussão apresentada na “Apresentação” deste livro.

A extensa documentação (em sua grande maioria epistolográfica) reunida na coleção *Franz Boas Papers*, ora abrigada nos arquivos da *American Philosophical Society*, na cidade da Filadélfia, estado da Pensilvânia, EUA, permitirá compreender melhor a constituição histórica desse circuito transnacional.[29] Essa documentação foi doada por familiares de Franz Boas e claramente se constitui como memória das ciências sociais e dos movimentos radicais nos EUA, e esse sentido prévio tende a direcionar os seus usos possíveis. A centralidade de Franz Boas nessa imensa rede relacional é tanto real quanto construída, e a sua desindividualização é um trabalho intelectual que requer bastante paciência.

No entanto, é possível ir além dessas interpretações previamente apresentadas e perceber que Franz Boas, ele próprio um "americanista", foi impelido à rearticulação de uma vasta rede de antropólogos, a partir dos Estados Unidos da América, em torno de valores científicos e políticos peculiares, em grande medida trazidos da Alemanha, num contexto a princípio avesso aos projetos e modos de sociabilidade por ele pretendidos. Sua postura historicista, internacionalista, antirracista e empirista acabou por vicejar nesse meio e por desencadear efeitos posteriores em redes intelectuais constituídas em contextos histórico-geográficos diversos, a exemplo do brasileiro. Assim, embora nunca tenha sido propriamente um "sul-americanista", Boas servirá aqui como referência para uma análise a mais ampla possível de uma tradição intelectual chave para a compreensão dos projetos modernos de Brasil que proliferaram a partir da década de 1930. Veremos como

[29] *Franz Boas Papers*, Mss.B.B61. As correspondências arquivadas nesta coleção estão organizadas em ordem alfabética e hoje estão todas digitalizadas e disponibilizadas no site da *American Philosophical Society*, de modo que apenas a informação do correspondente e sua data tornam possíveis a sua localização nos catálogos da instituição. Por isso, a partir de agora, não farei mais menção aos códigos de localização das cartas citadas para além dessas informações onomásticas e cronológicas, seguidos da indicação FBP, APS ("*Franz Boas Papers, American Philosophical Society*).

Franz Boas e seus pares foram, aos poucos, se constituindo como *subjetividades americanistas* em contato com as *culturas americanas*, produzindo assim, ao mesmo tempo, um projeto moderno alternativo ao da velha *civilização europeia*.

Uma outra advertência deve preceder, no entanto, a análise desse material missivo. Muitos certamente sentirão falta da utilização de correspondências relacionadas a outros reconhecidos americanistas, como, por exemplo, os alemães Eduard Georg Seller (1849-1922), Walter Lehmann (1878-1939), Konrad T. Preuss (1869-1938) e Paul Ehrenreich (1855-1914), ou os mexicanos da *Escuela Internacional de Arqueología y Etnología Americanas*. Para o caso desses últimos, o olvidamento se deu sobretudo por uma questão de foco e pelo fato de que essas relações já estão muito bem documentadas na tese de doutorado de Mechthild Rutsch (RUTSCH, 2007). No que diz respeito aos demais, sobretudo àquela constelação de eminentes etnólogos alemães, a ausência se deve ao fato de que, no momento da pesquisa documental nos EUA, a importância de seus nomes no interior de uma rede de americanistas constituída já no século XIX não estava clara o suficiente numa pesquisa voltada primordialmente para o período situado entre as décadas de 1920 e 1940. Os etnólogos que optaram por realizar pesquisas de campo – em detrimento dos "etnólogos de gabinete", cujo trabalho também gozava de reconhecimento à época[30] –, acabaram por conquistar mais visibilidade na memória da disciplina no Brasil. Foi ao longo da leitura das cartas e demais fontes que me dei conta de outros nomes aparentemente bastante centrais, e o

[30] Segundo Beatriz Christino, "ainda que as expedições com objetivos científicos a lugares desconhecidos trouxessem inegável prestígio aos autênticos pesquisadores-viajantes, as viagens não chegavam sequer a constituir uma condição necessária para que um intelectual figurasse entre os sul-americanistas do primeiro time nos anos 1890-1929. Isso porque, a forma de tratamento dos dados assumia então, no julgamento da relevância científica de um trabalho, maior peso do que a recolha *in loco* dos mesmos" (CHRISTINO, 2007, p. 51).

tratamento que lhes será aqui conferido acabará se mostrando pouco simétrico em relação a outros nomes mais lembrados aqui no Brasil, a exemplo de Karl von den Steinen, Erland Nordenskiöld (1877-1932), Paul Rivet (1876-1958), Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e Max Schmidt (1874-1950), dentre outros – todos eles reconhecidos pelo importante trabalho de recolhimento de dados etnográficos *in locu*. Todavia, embora não seja possível esgotar aqui o alcance da rede relacional em que Franz Boas estava imerso em função de seus interesses americanistas, o quadro que será apresentado a seguir será suficiente para dar conta das feições mais marcantes dessa rede transnacional ligada pelos valores de um americanismo culturalista. Comecemos pelos fundamentos relacionais e teóricos específicos da linhagem na qual se encontra Boas por meio da exposição de alguns aspectos relativos à etnologia alemã constituída em meados do século XIX.

Franz Boas, *Völkerkunde* e política

Atualmente é quase um lugar-comum afirmar que grande parte das inovações trazidas por Franz Boas para a antropologia estadunidense é fruto de sua formação alemã. Essa afirmação foi sustentada num conjunto de textos reunidos por George W. Stocking num livro ainda não vertido para o português e intitulado *Volksgeist as method and ethics* (STOCKING JR., 1996). O(a)s autore(a)s partem de um texto escrito por Boas em 1887 ("The study of Geography") e por ele próprio incluído numa coletânea de artigos produzidos ao longo de sua vida acadêmica e reunidos no livro *Race, language and culture*, de 1940, de modo a evidenciar uma filiação epistemológica que remonta aos irmãos Wilhelm e Alexander von Humboldt.

Boas faria parte de uma rede alemã de etnólogos marcados pela crítica historicista ao projeto iluminista na esteira de Wilhelm von

Humboldt (1767-1835), que, por sua vez, teria sido profundamente influenciado pela filosofia herderiana durante o período em que fizera parte do grupo de intelectuais conhecidos como "Círculo de Jena".[31] De acordo com Bunzl (1996), o projeto humboldtiano foi, em grande medida, o de conferir concretude empírica à filosofia herderiana por meio de um método sistemático de estudo dos diversos *Nationalcharakter*. Humboldt se tornava assim um dos principais sistematizadores da tradicional dicotomia alemã estabelecida entre as *Naturwissenchaften* ou *Gesetzeswissenchaften* (ciências naturais ou físicas) e as *Geisteswissenchaften* ou *Geschichtswissenchaften* (ciências do espírito ou históricas).

Esse enfoque metodológico corresponderia à busca pela compreensão (*Verstehen*) do Universo (*Kosmos*) de maneira indutiva.[32] A análise das conexões existentes entre cada um dos

[31] O "Círculo de Jena" incluía nomes como Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) e Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805) e se materializou no periódico *Die Horen*. No entanto, as contribuições de Humboldt nessa publicação fizeram pouco sucesso, sendo criticadas pelo próprio Immanuel Kant (1724-1804). Humboldt foi convidado para comandar a secretaria da educação do governo prussiano de Friedrich Wilhelm III (1770-1840), sendo o fundador da Universidade de Berlim. A respeito da perspectiva herderiana, Bunzl escreve que "rejeitando como um 'mecanismo arbitrário' qualquer *raison universelle* que impulsionasse um desenvolvimento uniforme da civilização, Herder [em seu *Auch Philosofie der Geschichte zur Bildung der Menschheit*, de 1774, que Bunzl considera um ensaio polêmico direcionado primariamente contra a filosofia da história de Voltaire] argumentou ao contrário em favor da singularidade de valores transmitidos ao longo da história […]. A comparação de uma dada nação ou época com o Iluminismo ou qualquer outro padrão externo era a partir de então inaceitável: cada grupo humano poderia ser entendido apenas como um produto de sua história particular. Incorporando um gênio único, ou *Geist*, cada *Volk* formaria uma totalidade orgânica, os valores, as crenças, as tradições e a linguagem os quais poderiam ser compreendidos por dentro apenas pela adoção do ponto de vista de seus membros. A História como um processo observável ocorreu não num nível universal, mas apenas entre entidades sociais particulares […]" (BUNZL, 1996, p. 18, tradução livre).

[32] "Da mesma forma como os produtos do caráter nacional na antropologia comparada, os verdadeiros eventos da história seriam inerentemente interessantes, e, portanto, um objeto primário de investigação. Entretanto, a simples acumulação de fatos seria apenas o ponto de partida de uma interpretação hermenêutica. A meta final seria a *Verstehen*, ou compreensão, dos fatos históricos 'como parte de um todo' por meio de 'conjecturas intuitivas daquilo que não é atingível' por intermédio do colecionamento de fatos históricos" (BUNZL, 1996, p. 23,

Nationalcharakter conduziria à compreensão da humanidade como um todo, e daí surgiria um programa científico expresso numa antropologia comparada. Humboldt tentou realizar esse programa por meio de uma monumental obra linguística, pautada pela análise comparada sincrônica de estruturas de diferentes línguas, baseando-se não na sua comparação com as conhecidas gramáticas indo-europeias, mas sim a partir de suas próprias estruturas internas, numa perspectiva, portanto, marcadamente historicista. A linguagem, por ser "o elemento definidor da vida humana", seria um objeto de estudo privilegiado para esse projeto antropológico em função da relação dialética existente entre o "caráter nacional" e a "língua" em sua capacidade de expressar a especificidade de um povo.

O próximo passo seria então entender as relações genéticas entre todas as línguas, algo que conduziria à compreensão sistemática da humanidade em suas diversas características nacionais. A língua, fenômeno universal, possuiria uma unidade expressa em sua capacidade de diversificação, sendo o "elemento unificador da humanidade" (BUNZL, 1996, p. 32). Assim, essa concepção, que afirmava a capacidade universal de aquisição da linguagem, embora conduzisse ao argumento ligado a uma progressiva civilização universal com base em parâmetros eurocentrados, continha em si também um importante elemento relativista e pluralista que conduziria toda essa geração a uma postura humanista e antirracista. Buntzl (1996) identificou com clareza esse projeto linguístico no *Handbook of American Indian Languages* (1911), coordenado por Boas, e logo mais será possível observar esse mesmo posicionamento na correspondência trocada entre este último e Paul Rivet.

Foi por intermédio sobretudo de Philipp Wilhelm Adolf Bastian (1826-1905) que essa tradição humboldtiana tomaria forma num

---

tradução livre).

projeto etnológico institucionalizado no *Königliches Museum für Völkerkunde* (Museu Etnológico Real), em Berlim. Bastian teria seguido mais diretamente, todavia, o trabalho do irmão dois anos mais jovem de Wilhelm von Humboldt, Alexander von Humboldt (1769-1859), que, embora fosse mais um "naturalista" que propriamente um etnólogo, compartilhava as inquietações metodológicas de seu irmão. Alexander von Humboldt foi o grande sistematizador de um projeto "cosmográfico", sendo o *Kosmos* entendido como uma história do universo captada a partir de um ponto de vista indutivo. Enquanto Humboldt se tornou internacionalmente reconhecido por suas pesquisas no campo da geografia física, foi seu discípulo Karl Ritter (1779-1859) que levou adiante o programa de explicar mais sistematicamente, no âmbito do historicismo indutivista, as relações entre a natureza e os seres humanos. Mais ou menos quinze anos depois da morte de Ritter, suas ideias foram ainda desenvolvidas por Friedrich Ratzel (1844-1904), após o mesmo ter abandonado o social-darwinismo de Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1919) (BUNZL, 1996, p. 32). É importante a menção a esta ramificação geográfica do projeto humboldtiano tendo em vista a defesa da perspectiva "cosmográfica" que Boas realizou em seu "The study of Geography", uma vez que esta postura epistemológica se estenderia à sua atuação antropológica.

Ao lado de Rudolf Ludwig Karl Virchow (1821-1902), Bastian teria "pavimentado" os caminhos que seriam seguidos posteriormente por Boas (BUNZL, 1996, p. 44). Diante do expansionismo imperialista prussiano, esses dois antropólogos dedicaram-se à coleta sistemática de artefatos e dados antropométricos dos *Naturvölker* supostamente fadados ao desaparecimento.[33] Virchow, – um antropólogo físico que

[33] Segundo Bunzl, "Porque o direito à existência de cada povo [*Volk*] estava severamente ameaçado pela expansão colonial, que estava causando o rápido desaparecimento de

se oporia às especulações a respeito da existência de “tipos raciais puros”, baseando-se na falta de elementos empíricos que pudessem comprovar uma série de argumentos racistas ciosos da autoridade concedida pela fala científica[34] – e Bastian liderariam, a partir do museu berlinense, uma antropologia que, para além de epistemologicamente orientada pela perspectiva indutiva e historista, caracterizar-se-ia politicamente por ideais humanísticos e pluralistas.

Foi esse o ambiente intelectual e relacional que permeou a formação de Boas antes que ele se estabelecesse nos EUA.[35] Boas nasceu em Minden, em 9 de julho de 1858, no interior de uma família judaica “impregnada com os ideais da revolução alemã de 1848” (GAILLARD, 2004, p. 60, tradução livre), tendo posteriormente cursado matemática em Heidelberg e obtido seu título de doutor com uma tese em geografia física relacionada ao problema da coloração dos oceanos. Em Bonn, Boas recebeu instrução em geografia de um ardente geógrafo histórico ritteriano, Theobald Fischer (1846-1910), e em sua tese já apareceriam os primeiros questionamentos de caráter epistemológico. Sua primeira expedição ao Ártico, mais especificamente à Ilha de Baffin, situada no norte do Canadá, em 1883, teria sido baseada, no entanto, em uma antropogeografia já mais próxima a Ratzel. A impossibilidade de conseguir um trabalho entre 1884 e 1885 em Nova York após essa pesquisa de campo teria

---

populações indígenas, Bastian considerou isso como um chamado urgente para a coleta de tantos produtos étnicos quanto possível, fosse na forma de artefatos, mitos, crenças religiosas, gramáticas ou descrições de sistemas políticos e econômicos” (BUNZL, 1996, p. 48, tradução livre).

[34] A respeito de Virchow e de sua respectiva influência na produção boasiana, vide Massin (1996).

[35] Os dados biográficos que seguem foram extraídos de Bunzl (1996), Gaillard (2004), e também de uma “Biografical information” redigida pelo próprio Boas e arquivada nos *Franz Boas Personal and Professional Papers* (uma outra coleção, diferente dos *Franz Boas Papers*) da *American Philosophical Society*.

feito com que Boas retornasse à Alemanha, desta vez para trabalhar sob a supervisão direta de Bastian e Virchow no museu fundado pelo primeiro.

Desse período em diante a produção intelectual de Boas dá seus primeiros passos no interior da tradição aqui chamada de humboldtiana ou, a partir de Bastian, simplesmente *Völkerkunde* ou "etnologia alemã". Segundo Gaillard, que, por sua vez, apoia-se em Stocking Jr., Boas sugeriu a Bastian "a ideia de conduzir um trabalho de campo sobre relações étnicas e raciais entre os inuítes e os índios americanos; o estudo da migração e das relações raciais por meio da linguística e da antropologia física era um lugar-comum clássico naquele tempo" (GAILLARD, 2004, p. 61, tradução livre). Por essa época Boas aguardava ser nomeado *Privatdozent* da Universidade de Berlim, mas o fato de possuir ascendência judaica teria retardado esse anseio, até que Boas se decidiu por emigrar para os EUA em 1887, casando-se, adquirindo cidadania estadunidense e, por fim, conseguindo o cargo de editor de geografia da revista *Science*,[36] onde passou a publicar artigos que marcariam inicialmente a sua postura política e epistemológica num ambiente intelectual dominado pelo evolucionismo.

Possivelmente desconhecendo esse novo mundo intelectual, Boas publicou no mesmo ano, na *Science*, um artigo criticando os métodos de disposição das coleções em museus empregados por Otis Tufton Mason (1838-1908), cuja perspectiva evolucionista não distinguia as "tribos" às quais pertenciam os objetos expostos. Isso era algo que feria a perspectiva cosmográfica à qual se filiava Boas, cujo modelo expositivo ele acreditava ser capaz de representar, da melhor forma possível, a contribuição de cada *Volk* em específico para o progresso da humanidade. Em outro artigo publicado no mesmo

[36] Fundada em 1880 como publicação científica da *American Association for the Advancement of Science* (AAAS).

ano, Boas também defendeu o caráter cosmográfico da geografia, ainda que considerasse válidas tanto a perspectiva das "ciências físicas" quanto a da cosmografia humboldtiana, com direito a menções explícitas aos "admiráveis" trabalhos de Humboldt e à geografia comparativa de Karl Ritter.[37] No entanto, após receber críticas de John Wesley Powell (1834-1902), o grande nome da antropologia estadunidense de então, e do próprio Mason, Boas recuou e acabou produzindo trabalhos guiados mais pelo "impulso estético" em direção ao descobrimento de leis universais ordenadoras do mundo do que pelo impulso subjetivo e afetivo da "cosmografia" que defendera em seu "The study of Geograpy".

Foi apenas com a conquista de espaços institucionais estáveis – o cargo de professor na Universidade Columbia a partir de 1898, de curador do *American Museum of Natural History* (AMNH) em 1901 e, no mesmo ano, a nomeação como "filologista honorário" do *Bureau of American Etnography* (BAE) do *Smithsonian Institution*, em Washington – que Boas encontrou condições favoráveis para retomar o programa antropológico humboldtiano, num momento em que as teorias evolucionistas e racistas conquistavam um público cada vez maior.[38] Dentre os principais trabalhos que no início do século XX expressam a defesa dessa postura estão o já mencionado *Handbook*

[37] Nesse artigo de 1887, o já mencionado "The study of Geography", Boas recorda que as "ciências físicas" obedeceriam a um impulso estético relacionado a um desejo de ordenação do mundo, para o qual a verdade seria um mero valor agregado (aqui baseando-se em Epicuro e na sua ideia de uma "explicação possível"), ao passo que a cosmografia obedeceria a um "impulso afetivo" (Goethe), isto é, de um impulso em direção ao fenômeno isolado pelo impacto que ele causaria em nossa subjetividade, independentemente de ser "explicável" por alguma lei, de modo que neste caso a verdade de um sistema isolado seria mais importante do que seu pertencimento a um sistema inatingível em sua totalidade. De qualquer maneira, as ciências físicas seriam apenas auxiliares da geografia, por sua vez parte da cosmografia (BOAS, 1996).

[38] Segundo George Stocking Jr., "Boas só pôde falar com a autoridade de ser o 'principal antropólogo' da América depois que sua posição institucional estava garantida e seu ponto de vista já não era o de um jovem estrangeiro" (STOCKING JR., 2004, p. 367).

of American Indian Languages, publicado em 4 volumes entre 1911 e 1914 por intermédio do BAE, e o livro *The mind of primitive man*, também de 1911, no qual ele reúne importantes estudos produzidos a partir de 1894.[39]

Um aspecto que tem chamado a atenção na trajetória de Boas é o seu papel como "intelectual público" (WEILER, 2008). Conforme demonstra Bernd Weiler (2008), defender que as culturas são historicamente constituídas e dotadas de valores específicos, sendo, portando, passíveis de transformações e aprimoramentos, e não racialmente determinadas, era, além de uma questão intelectual, uma condição de sobrevivência para Boas enquanto teuto-estadunidense nos EUA – ou seja, um "estadunidense hifenizado" (*hyphenated American*).[40] Durante a Primeira Guerra Mundial o alinhamento do governo estadunidense às potências aliadas logo se transformou numa onda de xenofobia generalizada nos EUA, em especial contra a numerosa comunidade alemã que ali vivia com seus descendentes.

Boas era um descendente de judeus que, no entanto, colocava em primeiro lugar sua identidade germânica, pois possuía um enorme orgulho da tradição cultural legada por seus pensadores e artistas.[41]

---

[39] Em conjunto, esses artigos representam um consistente esforço de refutação das teses racistas atestando, por exemplo, a variabilidade intergeracional das medidas cranianas e, de um ponto de vista mendeliano, demonstrando a improbabilidade da existência de um "tipo racial puro". Em síntese, e seguindo as premissas da tradição etnológica alemã, tratava-se de uma investida empirista contra as especulações dedutivas que buscavam reforçar mitos raciais e a superioridade europeia em relação aos povos colonizados ou, como preferiam, às "raças inferiores". Esse livro ganhou há pouco tempo uma tradução para o português (BOAS, 2010).

[40] É interessante lembrar que o provável primeiro uso das palavras "transnacional" e "transnacionalismo" nos EUA se deveu justamente a essas tensões. Em 1916 Randolphe Bourne tentava mostrar que aquilo que diferenciava os EUA das outras nações do globo, isto é, aquilo que conferia força ao seu caráter nacional, o verdadeiro "excepcionalismo americano", era justamente a sua construção "transnacional", sua "vocação cosmopolita" que o tornaria o líder natural do mundo moderno (MCGERR, 1991; SAUNIER, 2009; TYRRELL, 2007).

[41] Geyla Frank (1997) se pergunta se a condição judaica não teria sido um fator decisivo

Isso não significava, contudo, algum tipo de patriotismo por sua parte. Embora desejasse reconhecer as "correntes que nos prendem à tradição" justamente para poder rompê-las,[42] Boas, por outro lado, lia a herança humboldtiana no sentido de que somente o respeito à pluralidade de tradições é que poderia permitir o abandono da crença de que a verdade reside em apenas uma delas – esse o verdadeiro "fardo do passado" a ser superado: "Não tolero o nacionalismo unilateral, tão frequente hoje em dia" (BOAS, 2004, p. 396). Ou seja, para Boas havia um nacionalismo bom, que impulsiona o desenvolvimento da humanidade de modo geral, e um mal, unilateral, que deseja impor a sua perspectiva cultural às outras nações. É preciso notar, entretanto, que a noção boasiana de "aculturação" não era compatível com a ideia de um "gênio nacional". Conforme nos lembra Stocking Jr., "por causa da difusão generalizada de elementos culturais, nenhuma das antigas civilizações da humanidade poderia ser considerada enquanto 'produto do gênio de um só povo" (STOCKING JR., 1968, p. 213, tradução livre). Se é possível falar em "cultura alemã" num quadro interpretativo boasiano, isso diz respeito a um conjunto de condições históricas específicas, não a algum tipo de entidade metafísica que

---

na constituição da antropologia cultural, notando que grande parte dos nomes ligados à rede transnacional de antropólogos(as) vinculados(as) a Boas também eram judeus ou judaicas. Sua conclusão é bastante interessante: para além das disputas entre o grupo predominantemente semítico de Boas e os ataques antissemitas que sofreu de nomes como, p. ex., Leslie Alvin White (1900-1975), a autora nota que, todavia, essa disputa se dava num lugar privilegiado, e se Boas, ainda que de origem judaica, podia travar (e de maneira bem-sucedida) essa luta, era porque o seu lugar social era privilegiado no mundo estadunidense – o que torna mais complexa as relações raciais e de gênero no mundo acadêmico: Boas era "suficientemente branco e homem" para estar lá. No entanto, a "judaicidade" predisporia o intelectual a uma situação de relativização cultural em função de sua constante ambiguidade entre mundos. Além disso, a autora traz à tona a ideia de "diáspora" como uma importante categoria para se pensar essas situações transnacionais específicas.

[42] Boas afirmou o seguinte em 1938: "De fato, toda a minha perspectiva a respeito da vida social é determinada pela seguinte questão: como nós podemos reconhecer os grilhões aos quais a tradição nos tem prendido? Pois quando nós os reconhecermos, estaremos também aptos a quebrá-los" (apud WEILER, 2008, pp. 3-4, tradução livre).

predisporia um povo à superioridade cultural. Desse modo, não havia contradição em sua defesa de que as realizações da cultura germânica eram mais fortes do que qualquer coisa já criada pelo restante da civilização, motivo pelo qual deveria ser defendida a todo custo como forma de garantir um nível cultural geral elevado para a humanidade como um todo – ao contrário da própria cultura judaica, que, segundo Boas, um ateu, tenderia a ser absorvida com o tempo por outras culturas (WEILER, 2008, p. 5-6).

Portanto, diante do ódio nacionalista a qualquer "impureza" não "americana", contra qualquer pluralidade cultural percebida crescentemente como "ameaça à segurança nacional",[43] Boas se viu forçado a tomar partido publicamente, em diversas situações, contra esse patriotismo fanático, especialmente no que diz respeito à interferência da política nacional na ciência, e contra o pensamento racista. Por isso Boas posicionou-se firmemente contra a Primeira Guerra Mundial, percebida como fruto de extremismos nacionalistas (LEWIS, 2001). Isso acabou prejudicando-o, como veremos em outros lugares, num mundo acadêmico em grande medida comprometido com o projeto civilizacional estadunidense comumente chamado de "imperialismo".[44]

Apenas a título de exemplo, enumerarei aqui algumas das aparições "públicas" de Boas. A partir de 1905 ele passou a colaborar com os líderes nova-iorquinos do movimento negro, publicando os

---

[43] Eric J. Hobsbawm afirma o seguinte a esse respeito: "Na verdade, as elites governantes dos EUA, encabeçadas por Theodore Roosevelt (1858-1919), presidente no período de 1901-1909, acabava de descobrir o caubói-inseparável-de-seu-revólver como símbolo do verdadeiro americanismo, da liberdade e da tradição branca nativa contra a horda invasora dos imigrantes das classes baixas e a incontrolável cidade grande. Desde então, esse símbolo tem sido frequentemente explorado" (HOBSBAWM, 2011, p. 169).

[44] O uso do termo "imperialismo" é do próprio Boas: "O rude despertar dessa ilusão [sobre os EUA como uma potência não imperialista] veio em 1898, quando o imperialismo agressivo do período mostrou que o ideal tinha sido um sonho" (BOAS, 2004, p. 395).

artigos “A perspectiva para o negro americano” (1906), “Mudando as atitudes raciais do americano branco” (1906) e “Problemas raciais na América” (1908). De 1914 a 1917 Boas escreveu vários artigos e se pronunciou verbalmente diversas vezes contra o envolvimento dos EUA na guerra (LEWIS, 2001, p. 456-457).[45] Já em 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, anunciou seu voto no Partido Socialista, tendo sido membro, por um breve período, de um ramo do Partido Socialista em Grantwood, Nova Jersey, “apesar de sua política estar mais na linha da tradição progressista” (STOCKING JR., 2004, p. 369).[46] Além disso, no mesmo ano, posicionou-se publicamente contra o conflito e contra as rivalidades nacionalistas numa carta ao editor da revista *The Nation*, reconhecidamente vinculada a pautas de esquerda (“O nacionalismo americano e a Primeira Guerra Mundial”). Em seguida, em 1919, no mesmo espaço, publicou uma carta aberta, intitulada “Os cientistas como espiões”, denunciando a realização de ações de espionagem por antropólogos estadunidenses, o que rendeu o seu afastamento da *American Anthropological Association* (AAA).[47] No mesmo ano ainda publicou “Liberdade para ensinar”, a favor de maior liberdade acadêmica também para os estudantes.[48] No

[45] Robert Harry Lowie (1883-1957), que detalha a oposição de Boas à postura pró-aliados dos EUA (e da opinião pública estadunidense) na Primeira Guerra Mundial, especifica melhor quais foram essas atividades: “[Boas] não possuía o temperamento de quem pudesse conter a fala em tal situação de crise. Ele escreveu cartas para o *The New York Times* e para o *The Nation;* contribuiu com artigos para o *The Dial* e o *Illinois Staatszeitung*; pregou um sermão sobre internacionalismo na Igreja de São Clark; e barrou um movimento para investigar a lealdade do corpo docente de Columbia por ler para uma turma suas ideias sobre patriotismo” (LOWIE, 1947, p. 308, tradução livre).

[46] Em suas próprias palavras: “Eu devo, a partir de agora, votar pelo Partido Socialista, que defende o repúdio daquelas leis que têm resultado na diminuição da liberdade de expressão e de imprensa, do direito de as pessoas se reunirem pacificamente e de demandarem do governo a reparação de suas ofensas” (apud WEILER, 2008, p. 14, tradução livre).

[47] Esse episódio foi pormenorizadamente descrito por Stocking Jr. no capítulo intitulado “The scientific reaction against cultural anthropology, 1917-1920” (STOCKING JR., 1968).

[48] Todos esses documentos foram reunidos por Stocking Jr. em livro já traduzido para o português (BOAS, 2004).

período do entreguerras Boas ainda fundou e participou ativamente de uma *Germanistic Society of America,* fundada em 1908, ajudou a estabelecer a *Emergency Society in Aid of European Science and Art* e desenvolveu diversas ações para auxiliar a retomada da produção científica na Europa, sobretudo nos territórios das antigas "Potências Centrais" (LEWIS, 2001, p. 457). Por fim, além de uma combativa defesa da implausibilidade empírica das teorias racistas, Boas ainda dirigiu uma carta aberta a von Hindenburg (1847-1934) em 1933, contra o Nacional-Socialismo de Hitler em nome da cultura alemã (WEILER, 2008, p. 5),[49] e, depois disso, continuou combatendo ativamente a ascensão nazista bem como ajudando diversos exilados perseguidos pelo regime hitlerista a encontrar posições de trabalho nos EUA, ao mesmo tempo em que foi um dos fundadores do *American Committee for Democracy and Intellectual Fredom*, não obstante os diversos problemas de saúde e de família pelos quais passou nos seus últimos anos de vida (LEWIS, 2001, pp. 458-459). Segundo depoimento de Rivet, como veremos adiante, Boas literalmente morreu defendendo esses valores.[50]

---

[49] A respeito desta carta escrita por Boas, Lowie afirma o seguinte: "A ascensão de Hitler mexeu com as profundezas de sua alma. Que aquele país cujo patrimônio cultural ele glorificou, o país em nome do qual ele sofreu abusos e ostracismo durante a Primeira Guerra Mundial, pôde desprezar aqueles princípios tão caros a ele, isso foi um pensamento insuportável. Ademais, sendo de extração judaica, ele possuía parentes na Alemanha cuja própria existência estava ameaçada pelo *Umbruch* ["renascimento da Grande Alemanha"]. Ele reagiu uma vez mais à altura, redigindo uma carta aberta ao Presidente Hindenburg, denunciando as doutrinas do Nazismo na imprensa diária ou em revistas populares; arrastando-se, quando já debilitado pela idade avançada e por uma terrível doença cardíaca, por palanques em comícios a fim de investir contra os excessos hitleristas" (LOWIE, 1947, pp. 309-310, tradução livre).

[50] Sobre a morte de Boas, cf. Lowie (1947, p. 331). Herbert S. Lewis (2001) se recorda de que diversos(as) autores(as) têm apresentado uma imagem menos heroica de Boas, ainda que ele o faça para discordar de todas elas: para além das gerações de antropólogos subsequentes, que teriam detratado Boas como forma de conquistar visibilidade acadêmica, Lewis se lembra de trabalhos historiográficos como os de William S. Willis Jr., que acusou Boas, em 1969, de usar o "antirracismo" apenas como uma arma para a dominação judaica do campo antropológico em detrimento dos "povos de cor"; de K. Visweswaran, para quem Boas, ao expulsar o racismo da antropologia, fez com que ele ganhasse novo vigor na

Outros trabalhos têm encontrado traços desses valores políticos e científicos partilhados por Boas em outros importantes etnólogos alemães, a exemplo de Karl von den Steinen, Erland Nordenskiöld (COELHO, 1993) e Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e Max Schmidt (FRANK, 2005).[51] Veremos, no próximo capítulo, que foi também a partir daquele período de maior estabilidade institucional (isto é, da virada do século XIX para o XX até a Primeira Guerra Mundial) que Boas passou a se dedicar de modo sistemático à constituição de uma rede transnacional de americanistas em torno dos valores aqui apresentados. Embora essa rede já existisse antes que Boas conquistasse a sua independência acadêmico-institucional, será possível perceber a energia que ele dispendeu a fim de rearticular uma importante fração de antropólogos no interior desse conjunto de conexões. Notaremos que essa rearticulação gravita principalmente em torno dos valores específicos do internacionalismo científico, do antirracismo, de um humanismo anti-imperialista e do salvacionismo dirigido às "culturas primitivas". Veremos, por fim, que por diversos motivos e em diversas ocasiões esse circuito transnacional acabou se direcionando em uma boa medida para o campo de estudos e ambiente intelectual brasileiro, e é em função dessas conexões específicas que será apresentada a complexa teia relacional que ocupará o próximo capítulo. Será necessário, no entanto, recuar antes até os primórdios dos Congressos Internacionais de Americanistas, a fim de que seja possível compreender qual o contexto específico em que Boas se embrenhou quando se fala em "americanismo".

---

biologia, trazendo efeitos mais negativos que positivos para a luta antirracista; de Charles Briggs e Richard Bauman, que enquadraram o trabalho de Boas sobre os Kwakiutl como mais uma peça da dominação colonial; além das diversas críticas que Boas recebeu a respeito de suas relações com Zora Neale Hurston (1891-1960), negra e sua aluna de Ph.D., o mesmo acontecendo em relação a Ella Cara Deloria (1889-1971), uma mulher Dakota que também foi sua discípula.

[51] A respeito da tradição etnológica alemã em geral, vide Drude (2010) e Welper (2002).

Os Congressos Internacionais de Americanistas

Os primórdios dos Congressos Internacionais de Americanistas

Não obstante o interesse alemão pelos povos nativos americanos, o "americanismo", entendido como uma rede transnacional de intelectuais, se institucionaliza, por meio de seus Congressos Internacionais, a partir da ação de etnógrafos franceses e britânicos. É possível acompanhar esse processo por meio de uma narrativa produzida por Alice Cunningham Fletcher (1838-1923), publicada em 1913 com o título "Brief history of the International Congress of the Americanists", no *American Anthropologist*, periódico da *American Anthropological Association* (FLETCHER, 1913).[52] O documento é interessante menos como reconstituição histórica precisa do que por expressar alguns dos significados da institucionalização, naquele momento, do americanismo antropológico.

Segundo Fletcher, a organização conhecida como *International Congress of Americanists* originou-se na Europa, mais especificamente na França. A *Société Américaine de France* foi organizada em Paris, "para encorajar o estudo da vida passada de povos do continente americano, e foi um desdobramento do interesse nesse assunto surgido entre acadêmicos europeus por causa de Humboldt no período em que residiu em Paris durante a primeira parte do último

[52] Alice Fletcher representa uma trajetória ímpar na história da antropologia estadunidense. Fletcher trabalhou com Frederic Ward Putnam (1839-1914) no *Peabody Museum of Archaeology and Ethnology* da Universidade de Harvard e ficou conhecida como a pioneira no estudo da música dos índios da América do Norte. Realizou pesquisas de campo entre os sioux e ficou responsável por uma série de ações governamentais relacionadas a demarcação de terras indígenas, exposições oficiais e ações educacionais. Foi presidente da *Anthropological Society of Washington* e em 1905 foi a primeira mulher a presidir a *American Folklore Society*, além de ter sido vice-presidente da *American Association for the Advancement of Science* e membro da *Literary Society of Washington* (GAILLARD, 2004, p. 57).

século" (FLETCHER, 1913, p. 529, tradução livre). Esse interesse teria sido incrementado em 1863 com a formação de um comitê sobre arqueologia americana na *Société d'Ethnographie* de Paris, ao mesmo tempo em que a constatação da existência de outros estudiosos do assunto fora da França sugeria a necessidade de estabelecer alguma forma de ajuda mútua. De todo modo, percebe-se que a tradição da *Völkerkunde* alemã do século XIX se fazia presente nos primórdios da institucionalização do americanismo internacional em função da influência humboldtiana.

Os primeiros esboços para uma reunião internacional foram traçados em Londres, em 1867 (FLETCHER, 1913, p. 529). A Guerra Franco-Prussiana e a Comuna de Paris teriam postergado a organização do primeiro congresso, até que, depois de uma nova reunião da *Société*, em 1873, foi enviado um convite, datado de 1874, para o evento que finalmente foi realizado na cidade de Nancy, entre os dias 19 e 22 de julho de 1875. Segundo Fletcher, o convite estava direcionado a "todas as pessoas engajadas no estudo da América, na interpretação de seus monumentos e em escritos etnográficos sobre as raças da América" (FLETCHER, 1913, p. 529, tradução livre).

Este primeiro Congresso Internacional de Americanistas aparentemente sedimentou, em grande medida, o formato que foi seguido nos demais encontros. Um dos aspectos mais marcantes da organização era o seu tom diplomático: os países interessados e as instituições especializadas no estudo dos povos ameríndios eram convidados a enviar suas respectivas delegações.[53] Mas o mais

[53] De acordo com Fletcher, os seguintes delegados compareceram no congresso de Nancy: Dr. Reinich, Viena; Dr. Liemans, Leyden; Dr. Lublein, Noruega; Don Vicenti Vasquez Queipo, Madrid; Dr. F. Lancia, Palermo; Dr. Paplonski, Varsóvia; Dr. R. H. Major, British Museum; Mr. Bollaert com Mr. Trübner, Londres; o Presidente e o Secretário da Société Américaine de Paris; M. Cahen Hondas, professor de árabe e orã, Argélia; Dr. Stephen d'Austarchi, Constantinopla; M. Ogura Yomon, Yedo, Japão; Chile y Naranjo, Ilhas Canárias. Ainda

interessante é atentar para a simbologia que permeou esse primeiro evento:

> O primeiro Congresso se reuniu no horário e local indicados. O prefeito de Nancy tornou a cidade alegre com as bandeiras de todas as nações americanas do Canadá ao Paraguai. As reuniões foram realizadas no Palácio Ducal, cujo grande salão foi decorado para a ocasião. Numa ponta ficou uma panóplia com as várias bandeiras americanas, e na outra foi erguido um grupo de quatro grandes escudos suportando os nomes de Lief Erikson, Jean Cousin de Dieppe, Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio. Numa sala separada, uma coleção com vários artefatos ilustrativos das artes e da vida das tribos da América foi exibida (FLETCHER, 1913, p. 530, tradução livre).

Toda essa pompa relaciona-se, conforme é fácil perceber, com a ideia de que a América moderna, representada pelo conjunto de bandeiras dos Estados nacionais que a compunham num canto do salão, era fruto do espírito descobridor de europeus ilustres, lembrados por nobiliárquicos brasões no outro lado do mesmo espaço. A coleção de artefatos artísticos e cotidianos das tribos nativas americanas estava ali, por sua vez, para lembrar que a obra "descobridora" ainda não havia cessado, devendo ser continuada pelos antropólogos que se autodenominavam "americanistas".

Outros elementos ainda permitem entrever essa mesma carga semântica na realização do Congresso Internacional de Americanistas de Nancy. O primeiro dos dezesseis artigos do estatuto para a

---

segundo a autora, "cada país da América do Sul enviou seus delegados", mencionando, dentre eles, Don Vicente Quesada, diretor da *Revista de Buenos Aires*, Don José M. Semper de Bogotá; R. P. Faller, reitor do Colégio de São Gabriel, Quito; M. Felix Dibos, Lima. Outros delegados: M. R. P. Athoine e Reverendo John Campbell, Canadá; Dr. Pimentel, presidente do Liceo Hidalgo, México, Prof. Joseph Henry, secretário da Smithsonian Institution, e Robert C. Winthrop, presidente da Massachusetts Historical Society, ambos estadunidenses (FLETCHER, 1913, p. 530).

organização dos Congressos subsequentes ali formulados e adotados afirmava que o evento “tinha por objetivo contribuir para o progresso do estudo da etnografia, da linguística e das relações históricas entre as duas Américas, especialmente durante o período pré-colombiano” (FLETCHER, 1913, p. 530, tradução livre). Uma boa parte dos artigos apresentados “lidava com as supostas viagens pré-colombianas e com os traços de possíveis contatos entre os continentes ocidentais e orientais antes de 1492” (FLETCHER, 1913, p. 530-531, tradução livre), sendo que um deles recebe um destaque especial de Fletcher: o artigo de M. Gravier intitulado “The Dream of Columbus” (“O sonho de Colombo”), que tratou da crença quinhentista e seiscentista segundo a qual as Índias poderiam ser alcançadas por meio da América. É certo que esse último artigo chama a atenção da autora de modo especial pelo fato de que a obra para a construção do Canal do Panamá já estava sendo concluída naquele mesmo ano de 1913, mas é significativo que a ideia geral era a de que o “sonho de Cristóvão Colombo”, retomado naquele primeiro congresso, realizava-se enfim no presente.

No entanto, a narrativa de Fletcher permite que sejam entrevistas outras coisas para além disso. Em primeiro lugar, o fato de a etnógrafa ter se voltado para o passado já é indicativo da percepção de uma alteridade temporal em relação aos primeiros americanistas. No mundo moderno, são crises de sentido que impelem à problematização do decurso do tempo de modo a assegurar a estabilidade das identidades diante das transformações do mundo, e Fletcher já pertenceria então a uma geração em alguma medida “ultrapassada”, que via, por exemplo, as regras dos Congressos Internacionais de Americanistas passando por significativas mudanças – o seu estatuto havia sido reformulado definitivamente no encontro sediado em Paris no ano de

1900. Por isso se fazia necessário produzir uma tradição por meio de uma constituição narrativa de sentido que garantisse um lugar nesse mundo em transformação aos antropólogos “veteranos”: a identidade entre “velhos” e “moços”, que permaneceria em meio a perturbadoras transformações, seria representada pelo caráter visionário e útil dos saberes produzidos nesses encontros de intelectuais ilustres – exemplo disso seria o fato de que o tema das comunicações intercontinentais via América, presente nos Congressos Internacionais de Americanistas, teria encontrado uma aplicação prática ao impelir o Novo Mundo a enfim levar a cabo um sonho antigo agora materializado no Canal do Panamá, de modo que isso seria um indício de que logo a América se modernizava a passos largos. Percebe-se, portanto, que o americanismo transnacional estava plenamente comprometido com os ideais de modernização.

Mas essa mesma fixação numa América vista como continente “descoberto pela Europa civilizada” é também indicativa de uma postura epistemológica específica: o saber sobre a América só podia ser eurocentrado, o que, para homens e mulheres de então, significava o mesmo que adotar um ponto de vista universal. É plausível afirmar que os representantes dos países não-europeus nesses congressos fossem, em grande medida, indivíduos europeizados – uma espécie de elite educada nos padrões civilizacionais europeus e, assim, considerada digna para o convívio com as mentes tomadas como as mais ilustres do mundo. Fletcher narra a sucessão de eventos até os seus dias como sendo um processo em que finalmente os estadunidenses conseguem participar de forma mais efetiva da organização dos Congressos. Ela aponta, por exemplo, o número crescente de delegados estadunidenses – 31 delegados já no segundo congresso, sediado em Luxemburgo em 1877 –, e destaca, inclusive, a

questão emergida no nono congresso (Huelva, Espanha, 1892) sobre se o nome América seria uma homenagem a Américo Vespúcio ou se seria um nome nativo. O problema do “lugar legítimo” se resolve de modo aparentemente democrático quando, no vigésimo Congresso Internacional de Americanistas, realizado em 1900, novamente em Paris, decide-se alternar, a cada dois anos, a realização do evento entre o Velho e o Novo Mundo. De todo modo, fica claro como os produtores de saberes etnográficos se percebem como agentes da modernidade, e a fala de Fletcher, em especial, mostra como os representantes estadunidenses desta rede transnacional estavam em busca da liderança em seu interior. Esse período marca, portanto, o anseio representado por um outro tipo de “americanismo”, aquele atrelado a um sentimento cada vez mais extremado de identidade nacional estadunidense, de tornar os EUA o produtor e difusor de *civilização*, e não apenas o receptáculo passivo das tendências expressas pelo mundo europeu.

Independentemente dessa perceptível competitividade nacional pelo campo do americanismo antropológico, o que se percebe é que a produção de saberes sobre a América era já uma produção *transnacional*. Transnacional pelo fato de que embora o discurso americanista acabasse por se tornar uma linguagem comum a esse grupo de intelectuais, pautada pelas referências universalistas da civilização europeia, era a partir de constituições discursivas específicas, percebidas como nacionais, que aquela linguagem comum se conformaria. O trânsito entre fronteiras nacionais era condição indispensável para a construção de um saber antropológico sobre o Outro do Novo Mundo; as instituições de países outros, que não o do próprio nascimento ou pertencimento, eram garantia de continuidade de estudos e de aquisições bibliográficas e museológicas

em tempos de apertos regionais; o “reconhecimento” internacional era, por fim, a condição de *status* científico local. O que se tem, portanto, é a constituição de um conjunto de conexões de abrangência transnacional. Mas, ainda que todos se entendessem em função de um “americanismo compartilhado”, era por meio de suas respectivas línguas maternas que se pronunciavam, mesmo que se tratassem de pátrias adotivas – a exemplo do próprio Franz Boas que, não obstante fosse alemão de nascimento, fazia questão de se comunicar em inglês. Além disso, e de modo mais importante, o conhecimento do Outro, conforme pretendido pela antropologia, era um conhecimento que, necessariamente, demandava o ultrapassar de fronteiras nacionais.

O Congresso de Americanistas do Rio de Janeiro (1922)

A realização do XX Congresso Internacional de Americanistas, entre os dias 20 e 30 de agosto de 1922, na sede do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, é um evento importante para percebermos como os agenciamentos que conduziram à constituição de uma rede transnacional de americanistas no mundo europeu e estadunidense se articularam a uma parcela da elite intelectual brasileira. Esse evento diz muito sobre a constituição mais ampla da rede de americanistas e de um projeto particular de nação brasileira que dela começa a emergir a partir da década de 1920, sobre o que significavam esses eventos em termos relacionais e sobre uma dinâmica conjuntural nas correlações de força no interior do campo transnacional do americanismo.[54]

O primeiro documento transcrito nos anais do congresso é a “Autorização para a XX Reunião”. Esse documento era produzido

[54] Para o que segue eu utilizei como fonte os *Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas* (Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1924).

na sessão de encerramento do congresso anterior, quando os seus membros acedem ao convite de um determinado conjunto de americanistas de um país em específico. Esse convite foi feito, no XIX Congresso, realizado em Washington, D.C., EUA, na sessão de encerramento do dia 31 de dezembro de 1915.[55]

Como veremos nas cartas que Franz Boas trocou com von den Steinen, a eleição do lugar de realização acontecia muito antes das sessões de encerramento dos congressos, pois eram resolvidas nas trocas epistolares de seus membros mais influentes. Após o XII Congresso em Paris (1900) , no qual foi votado o seu novo estatuto, ficou decidido em seu artigo 2º que "Este Congresso tem lugar de dois em dois anos, alternando as suas sessões entre o Velho e o Novo Mundo, e não podendo reunir-se seguidamente duas vezes no mesmo país". Além disso, deliberou-se naquele mesmo congresso que o próximo encontro seria realizado em Nova York, certamente uma demonstração de força dos antropólogos estadunidenses tanto no que diz respeito à mudança do estatuto que possibilitou a eleição de sua pátria quanto na definição da próxima sede. A realização do congresso nos EUA em 1902, por sua vez, provavelmente possibilitou a Boas um contato direto e uma oportunidade de articulação consistente com os seus colegas alemães para que o próximo encontro (1904) fosse sediado em sua terra natal (na cidade alemã de Stuttgart) – e a língua foi para Boas certamente uma vantagem para que, no próximo evento, prevalecesse a tradição germânica de etnologia à qual se filiava mais diretamente. Em seguida, a próxima reunião (1906) foi realizada em Quebec, conforme preconizado por Boas em

[55] Seus propositores foram Bruno Lobo (então diretor do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista), Cicero Peregrino (Biblioteca Nacional), Coronel Frederico Schumann (Arquivo Público Nacional), Conde de Affonso Celso (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), General Thaumaturgo de Azevedo (Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro) e Augusto Simoens da Silva (Instituto Histórico e Geográfico Fluminense).

sua correspondência com von den Steinen (vide próximo capítulo), e em 1908 o congresso retornou para Europa sendo sediado em mais um país predominantemente teutônico, pois foi organizado em Viena, a mais importante cidade do Império Austro-húngaro.

No congresso de Washington (1915), contudo, essa aparente predominância dos projetos boasianos foi rompida. Boas, como vimos, militou de maneira contundente contra a Guerra, especialmente no que diz respeito a uma relação promíscua que o estado de beligerância vinha estabelecendo com a ciência. Esse posicionamento gerou uma série de desconfortos inclusive institucionais e Boas teve sua posição fragilizada nesse momento. Essa parece ter sido a oportunidade encontrada por Aleš Hrdlička (1869-1943),[56] – que logrou ser o secretário-geral do encontro – para que pudesse tomar a dianteira da condução do processo no campo estadunidense. Aquele grupo de brasileiros, que certamente ansiava por assistir a sua jovem nação sediar um evento de tal envergadura, deve ter sido visto por Hrdlička como uma ótima oportunidade de conduzir o congresso para um território que lhe era percebido como amistoso, sobretudo em tempos de um imperialismo estadunidense que apregoava a "América para os americanos" – afinal, ao contrário do que desejava Boas (vide o próximo capítulo), tratava-se também de um evento em grande medida diplomático.

Ficou então estabelecido que o congresso de 1918 seria realizado no Rio de Janeiro. O advento da Primeira Guerra Mundial

[56] Nascido na então Checoslováquia, Aleš Hrdlička, emigrou para os EUA, junto com sua família, em 1881, tornando-se posteriormente médico e um dos mais destacados antropólogos dos EUA. Foi curador do *National Museum of Natural History* da *Smithsonian Institution*, em Washington, D.C., por 40 anos e foi o fundador do *American Journal of Physical Anthropology* no fim da Primeira Guerra Mundial. Dentre suas áreas de interesse destacam-se o tema da migração humana para as Américas e pela antiguidade da humanidade (AMERICAN ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF SCIENCE, 1942).

fez com que, fortuitamente para os brasileiros, o evento fosse levado para 1922, coincidindo assim – propositalmente ou não – com o ano do Centenário da Independência. O evento acabou recebendo então o respaldo de toda uma elite política que se apresentava como agente do progresso nacional. O XX Congresso Internacional de Americanistas certamente traria tanta ou mais visibilidade do que o Salão Nacional de Belas Artes de 1922, no Rio de Janeiro, a Exposição Internacional do Centenário da Independência e, sem dúvida, do que a Semana de Arte Moderna paulista, dada a presença maciça de ilustres delegações internacionais no país em função do evento antropológico. O XX Congresso contou com delegados da Alemanha, Argentina, Bolívia, China, Colômbia, Dinamarca, Equador, EUA, França, Guatemala, Grécia, Espanha, Holanda, Itália, Japão, México, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, Suécia, Suíça, Checoslováquia e Uruguai (note-se que nenhum desses países lutou ao lado das potências centrais durante a Primeira Guerra Mundial); contou ainda com delegados do Distrito Federal e dos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Pará, Paraíba do Norte, Pernambuco, São Paulo e Sergipe. Esses nomes representavam as principais instituições museológicas, universitárias, científicas e culturais desses países e estados brasileiros.

Diante desse verdadeiro desfile de autoridades internacionais, não seria possível desperdiçar a verdadeira vitrine na qual se transformou o evento. A título de exemplo, estiveram presentes os seguintes nomes: o “Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil”, “Dr. Epitacio da Silva Pessôa”, na qualidade de “Patrono” do evento; Senador Lauro Severino Müller, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, como alguns dos “membros consultivos”; Washington Luiz, como um dos membros do “Comitê Local do Estado de São Paulo”; Arthur da Silva Bernardes,

Affonso Penna Junior, João Luiz Alves, Augusto de Lima, Diogo de Vasconcellos, José Bonifácio Ribeiro de Andrada, Francisco Valladares, como membros do “Comitê Local do Estado de Minas Gerais”; Nilo Peçanha e Oliveira Vianna, como membros do “Comitê Local do Estado do Rio de Janeiro”; Theodoro Sampaio e Francisco Calmon, como membros do “Comitê Local do Estado da Bahia”; Manoel Diégues e Octavio Brandão, como membros do “Comitê Local do Estado de Alagoas”; Lauro Sodré, como membro do “Comitê Local do Estado Pará” dentre tantos outros políticos de expressão regional e nacional.

Dentre esses vários nomes que compõem a Diretoria do Congresso não é possível encontrar nenhum nome mais diretamente ligado ao círculo de Boas. Nem von den Steinen ou Eduard Seller, nem Erland Nordenskiöld e nem Paul Rivet estiveram presentes – o último foi, no entanto, respeitosamente lembrado por Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) em sua fala na cerimônia de abertura. Mas o próprio Boas participou do encontro enviando uma “memória” intitulada “Abstract characteristics of Keresan folktales”. Dentre os brasileiros, Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) aparece nos *Anais* como representante do Museu Nacional do Rio de Janeiro junto com Alberto Childe, e do Museu Paulista (atual Museu do Ipiranga), junto com Afonso d’Escragnole Taunay (1876-1958).

A divisão no campo do americanismo permanece, portanto, de tal modo que, embora tenha sido aprovado o convite formal para a realização do XXI Congresso em Gotemburgo, conforme planejavam Boas e Nordenskiöld (vide o próximo capítulo), ele teria que dividir o espaço com os pleiteantes de Haia, sede do governo dos Países Baixos, por meio da solução inusitada de se realizar o evento em duas partes. A justificativa para tal decisão foi que “ambos os convites estão em forma devida e ambos os paizes offerecem as necessarias

garantias, os dois contam igualmente com americanistas eminentes e collecções valiosas".

Convém ainda refletir sobre o significado do evento carioca para a circulação, no Brasil, de um panorama sobre a modernidade que passaria, a partir de então, a compor uma verdadeira controvérsia sobre a própria ideia de nação. 1922 representou um ponto de clivagem no campo dos projetos intelectuais de nação para o Brasil (MOTA, 1992). Os diversos eventos realizados por ocasião da efeméride do Centenário da Independência trouxeram à consciência de nossa intelectualidade a percepção de que todo o caminho percorrido desde a emancipação política não teria produzido nada além de uma cópia imperfeita da civilização europeia. O encontro dos artistas que apresentaram suas obras expressionistas e neocoloniais da Semana de Arte Moderna de 1922 conduziu toda uma geração de intelectuais, poucos anos depois, a uma busca incessante por uma suposta originalidade cultural brasileira, escondida em seus rincões e em vias de extinção por causa dos ideais de progresso. O Salão Nacional de Belas Artes, ocorrido no mesmo ano, também produziria o mesmo efeito, ainda que um pouco mais tardio e diversificado, numa série de intelectuais, cujo exemplo mais expressivo talvez seja encontrado na figura do arquiteto Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima Costa – ou simplesmente Lucio Costa (1902-1998) –, que logo lideraria o movimento internacionalmente bem-sucedido de uma arquitetura de vanguarda brasileira.[57]

Algo menos explorado, no entanto, foi o papel do Congresso Internacional de Americanistas sediado no Rio de Janeiro para o estabelecimento, entre antropólogos e outros intelectuais brasileiros,

[57] Sobre a temática nacionalista e social nas artes brasileiras, cf. Amaral (2003). Sobre o caráter nacionalista da arquitetura moderna brasileira liderada por Lucio Costa, cf. Nobre et al. (2004). Sobre as relações entre vanguardas arquitetônicas e os Estados nacionais latino-americanos, cf. Gorelik (2005).

de uma controvérsia sobre a ideia de nação. Pela primeira vez os olhos de todo o americanismo internacional se voltavam ao mesmo tempo para o Brasil, e o que eles viram foi algo certamente surpreendente. Desde a década de 1870, a partir da gestão de Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista – cuja visitação compôs a programação do evento – vinha construindo uma sólida rede de intelectuais, um conjunto significativo de publicações acadêmicas e uma significativa coleção museológica, engrossada notavelmente com as expedições do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958) à Serra do Norte.[58] Por um lado, as instituições museológicas brasileiras – para além do próprio Museu Nacional é possível ainda mencionar o Museu Paulista e o Museu Paraense – puderam ser percebidas como importantes pontos de apoio para a obtenção de material e para a realização de pesquisas na América do Sul a fim de consolidar os paradigmas antropológicos que vinham sendo produzidos no hemisfério Norte. Por outro lado, as próprias autoridades e os próprios intelectuais do Brasil tiveram condições de notar o potencial da ciência antropológica como fornecedora de credibilidade para discursos a respeito da diversidade cultural dos povos. A partir de agora estava estabelecido um canal consistente por meio do qual a tradição etnológica da *Völkerkunde*, nutrida pelas técnicas da antropologia física, embasaria de forma mais consistente uma série de projetos nacionais pautados na ideia de originalidade cultural do brasileiro – superando, assim, os ideais de progresso cujo fracasso em civilizar o país em par de igualdade com a Europa já vinha sendo cada vez mais percebido.[59]

---

[58] A respeito trânsito transnacional latino-americanas no século XIX, vide Duarte (2013). Especificamente a respeito do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, cf. Keuller (2008), e Duarte (2013). A respeito da Comissão Rondon, cf. Sá, Sá e Lima (2008).

[59] Sobre o esgotamento das interpretações liberais para os projetos republicanos de nação na década de 1920 cf. Lamounier (1983).

Durante o Congresso, vários intelectuais de renome internacional realizaram falas que ficaram registradas nos anais do evento. Hrdlička destacou a importância do Congresso para a consolidação de laços entre os americanistas de diversos países, assim como o fez Marshall Howard Saville (1867-1935), membro sênior do Conselho Permanente do Congresso, que também apelou para a manutenção das tradições desse evento internacional. Depois da fala em alemão do austríaco Franz Heger (1853-1931), os discursos de Adela Catherine Breton (1849-1923) e de Martín Noel (1888-1963) ainda deixam entrever o fascínio pelos "segredos das Américas". Os dizeres de Noel trazem à tona algo ainda mais interessante: para além do conhecimento de sociedades alheias, a arqueologia e a etnografia se prestariam, sobretudo, ao desvendamento de identidades nacionais, "realidades imutáveis e eternas", cuja compreensão somente poderia ser alcançada por meio de saberes que evidenciassem processos histórico-sociológicos objetivos das originais formações culturais advindas dos contatos *sui generis* entre povos europeus e ameríndios verificados no nosso continente. Isso fica claro quando Noel afirma o seguinte:

> *No lejos de aqui,* espaldas de la ciudad *riente y bella, como engarzada en el espejismo multicolor y facinante de su naturaleza, que exulta el animo a los mayores ensueños, hierguense los airados pretiles y remates,* y la liturgica espadaña *– serena y mistica como una plegaria – ante el austero convento de San Antonio, donde la ordem fransiscana como en todas las villas de la colonia* volcó *el ingenio fecundo de los artistas españoles y luzitanos*, *dando origen, al nacimiento de los primeros arquectipos* "barroco indigenas"*, encargados de traer hasta nuestro siglo, la aportación, de uno de los valores mas sugerentes para la personalidad estetica de nuestros pueblos* (Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1924, p. LXXXV, destaques no original).

Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) também discursou no evento, representando a *Société des Américanistes* de Paris, instituição ligada aos primórdios dos Congressos Internacionais de Americanistas e cujo principal representante à época era Paul Rivet – grande amigo de Boas e diretor do *Journal de la Société des Américanistes*. Além de fornecer uma desculpa para a ausência de Rivet – no próximo capítulo ficará claro que isso se deveu muito mais às afinidades ideológicas com o grupo de Boas –, Lévy-Bruhl ainda ressaltou todos os aspectos que faziam do Rio de Janeiro o lugar ideal para a realização do Congresso, reafirmando os valores até aqui destacados e apontando alguns outros. Primeiramente, lembrou da "maravilhosa cidade do Rio de Janeiro", exaltando "sua baía e seu meio ambiente de uma beleza tão adorável", que era "um encanto para os olhos e para o coração! Não se pode conhecê-la sem admirá-la e sem amá-la" (Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1924, p. LXXXVII, tradução livre). A tópica das "riquezas naturais tropicais" continuava sendo um atrativo a mais e mesmo uma evidência da originalidade da nação que aqui se fundara houvera cem anos – a programação do evento, não sem qualquer motivo, contava com uma visita ao Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, com uma excursão ao Pão de Açúcar e chá no Morro da Urca, com visitas aos edifícios do Ministério das Relações Exteriores, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do Arquivo Público Nacional, da Biblioteca Nacional e do Convento de Santo Antônio, e, por fim, com mais uma excursão, dessa vez à Gávea e ao Jardim Botânico. Outro aspecto importante era o fato de que o Rio teria se tornado um dos mais importantes centros mundiais de estudos americanistas, "e isso é verdadeiro para todas as mais diversas partes deste imenso domínio científico: arqueologia, história das explorações e missões, etnologia, linguística etc. (Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1924, p. LXXXVII,

tradução livre).” Por fim, havia as comemorações do Centenário da Independência, e Lévy-Bruhl fez questão de lembrar de que nesse curto espaço de cem anos

> a cidade do Rio de Janeiro está se tornando uma grande Capital; a população que depois de muito tempo ultrapassou o milhão, continua a aumentar e rapidamente; o tráfego é intenso, a atividade floresce por toda a parte, dos grandes trabalhos diários de embelezamento, sem lhe fazer perder em nada o charme que ela deve ao quadro incomparável de sua vista e montanhas, que faz dela uma das maravilhas do mundo (Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1924, p. LXXXVII, tradução livre).

Não há dúvida de que esses elogios, vindos de um francês e destacando a modernidade e a beleza do Rio de Janeiro – valores caros à intelectualidade local – devem ter sido muito bem recebidos pelos anfitriões do evento.

Por fim, o arqueólogo Alexander Mitchell Carroll (1870-1925), representante dos delegados estadunidenses, também ressaltou as belezas do Rio, destacando, no entanto, o interregno bélico – a primeira menção mais detida do problema; Carlos Enrique Paz Soldán (1885-1972), representante peruano, relacionou o passado antropológico americano ao destino dos seus Estados nacionais, em especial o brasileiro, que comemorava o centenário de sua emancipação; e Adolfo Morales de los Rios (1858-1928), secretário-geral do congresso, depois de destacar a importância dos contatos internacionais proporcionados por eventos do tipo para o desvendamento de importantes problemas que, atrelados ao americanismo, ligavam cientistas de todo o mundo, encerra a cerimônia de abertura mencionando também a Guerra, mas com o intuito de apontar as disputas que vinham atrapalhando a realização do congresso no Brasil:

> As tristes circumstancias que o mundo todo atravessou ha poucos dias, dilataram o momento da apertura desta reunião, quasi invalidando a acção do Comité brasileiro, organizador do presente Vigesimo Congresso Internacional de Americanistas e não foi apenas do interior que nos vieram difficuldades para o nosso empenho, foi tambem, entre nós, devido a apreciações e ciumes que não quizemos jamais despertar, mas que nos era impossivel desfazer pela nossa unica vontade. (Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas, 1924, p. XC).

Fica claro que de los Rios se refere ao projeto conjeturado por Boas e Nordenskiöld nas cartas aqui indicadas, e aos quais se juntaram Rivet, von den Steinen, Seller, Robert Harry Lowie (1883-1957) e outros. Nenhum desses intelectuais tomou parte neste evento em que não foram bem-vindos cientistas nascidos em países que combateram na Primeira Guerra Mundial em favor dos projetos imperialistas das potências centrais. Dentre esses nomes, apenas Boas enviou um artigo para o Congresso do Rio de Janeiro, talvez pela necessidade de articular a viabilidade do convite para que o próximo evento ocorresse no território neutro da Holanda/Suécia.

As cartas trocadas entre Boas e Nordenskiöld a respeito do próximo congresso apenas reafirmam os laços estabelecidos a partir desse posicionamento comum e tecidos sobretudo a partir do problema da organização do Congresso Internacional de Americanistas. A partir de fins de 1923 as cartas de Nordenskiöld já recebem o timbre do "XXIe Congrés des Américanistes de 1924", e o antropólogo sueco se mostrava bastante animado com a sua organização. Em carta do dia 29 de dezembro[60] (FBP, APS) Nordenskiöld saúda a iniciativa de Boas, que conseguiu fundos para que pesquisadores de países pobres pudessem ir à Suécia, liberando-o desse modo de buscar apoio junto

[60] Franz Boas Papers, American Philosophical Society (FBP, APS).

à Fundação Escandinava para os mesmos fins. Na mesma carta ainda menciona a persistente oposição de Hrdlička à realização do congresso na Suécia, mostra-se ansioso pelo aceite de John Montgomery Cooper (1881-1949), da Universidade Católica de Washington, autoridade a respeito da Terra do Fogo, e do antropólogo inglês Walter Edmund Roth (1861-1933). Agora Nordenskiöld claramente favorecia o grupo de Boas, a exemplo de quando, no convite que lhe é feito para que tomasse parte no congresso,[61] foi-lhe facultado escolher o nome de um antropólogo que, além do reverendo Cooper, de Washington, e de um certo Eaton, de Connecticut (certamente não se tratava do botânico Daniel Cady Eaton, pois este faleceu em 1895), iria ser agraciado com uma passagem gratuita para a Suécia.

***

Neste capítulo eu busquei apresentar algumas indicações a respeito da existência de uma comunidade transnacional de americanistas e as especificidades dos panoramas trazidos por Franz Boas para o seu interior – valores, projetos de futuro e a ideia de uma humanidade composta por diversas culturas não hierarquizadas em essência entre si. No próximo capítulo observaremos o processo que transformou Boas num ponto de passagem privilegiado para os diversos agenciamentos que constituíram a vertente "boasiana" do americanismo. No entanto, já pude adiantar aqui algumas controvérsias fundamentais que emergiram nesse circuito americanista, sobretudo em meio aos agenciamentos que conduziram boa parte do planeta à guerra de 1914-1918. Os Congressos Internacionais de Americanistas se mostraram excelentes "cozinhas", nas quais diferentes temperos tiveram que ser combinados para sustentar os sabores desejados

[61] Carta de 26 de maio de 1924, FBP, APS.

por dois *chefs* cujos paladares eram bem diferentes. Boas e Hrdlička precisaram movimentar cartas, escolher parceiros estratégicos, pensar nos locais mais apropriados, escolher as palavras certas, tudo isso a fim de sustentar as ideias antropológicas das quais eram porta-vozes contra seus respectivos adversários.

O Congresso Internacional de Americanistas do Rio de Janeiro representou um momento em que Hrdlička se fez porta-voz de agenciamentos ainda ligados à Primeira Guerra Mundial. Boas e Hrdlička representavam subjetividades de um mundo em guerra: de um lado, o mundo "civilizado", em busca de um progresso universal guiado pelas luzes da razão; de outro, um mundo composto por culturas plurais, convictas de seus respectivos direitos de autodeterminação. Dentre estes últimos, havia aqueles(as) que defendiam que essa soberania pressupunha a conquista de um espaço vital para o desenvolvimento das potencialidades nacionais, e aqueles que acreditavam que as diferentes nações poderiam conviver em paz. Boas foi, sem dúvida, um porta-voz desse segundo modo de existência.

O mais importante a ser notado aqui, no entanto, é que o Rio de Janeiro foi um local que testemunhou a emergência de uma controvérsia fundamental para as figurações de país que passariam a opor projetos intelectuais e políticos por aqui a partir de então. Esse local pôde canalizar um denso afluxo de novos actantes, sobretudo em meio ao seu Congresso Internacional de Americanistas. Esses actantes passaram a se acoplar e se movimentar por aqui em torno do conceito antropológico de cultura, cuja capacidade de apontar para um futuro totalmente novo, isto é, para um devir alternativo àquele produzido no século XVIII na velha Europa, conduziria à proliferação de uma verdadeira legião de porta-vozes de nossa identidade nacional. Se este trabalho não pretende mapear todos esses actantes, humanos

e não humanos, nós poderemos, ao menos, acompanhar bem de perto, a partir do próximo capítulo, como o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista se transformou um ponto privilegiado para a canalização dos elementos necessários para a produção de uma modernidade nacional brasileira. Logo o Museu Nacional representaria, porém, apenas uma perspectiva em meio a uma constelação de controvérsias a esse respeito. Para nós, que vivemos a era do Facebook, não nos é difícil compreender essa dinâmica: quanto maior o número de controvérsias, maior a extensão que a rede atinge. Se o Museu Nacional foi representado apenas timidamente no Congresso do Rio de Janeiro pela figura de Roquette-Pinto, nos próximos capítulos veremos que sua sucessora, Heloisa Alberto Torres, acabará por aparecer de forma muito mais central e destacada, ao menos no que diz respeito aos desdobramentos que me proponho seguir na trilha do nosso conceito de cultura.

O AMERICANISMO ENTRE OS EUA, A ALEMANHA, A SUÉCIA E A FRANÇA

Na Apresentação deste livro vimos que os territórios nacionais não são bons enquadramentos espaciais para o desdobramento das ações dos inúmeros actantes que desejamos seguir. Mais do que isso, qualquer forma de enquadramento espacial é algo produzido em uma espacialidade muito mais concreta e fluida. No entanto, as subjetividades cujos rastros acompanharemos neste capítulo agiram guiadas primordialmente por panoramas que enquadravam seus tempos e espaços na ideia de nação. Elas se veem como porta-vozes dessas nacionalidades, ainda que buscando uma colaboração internacional, o que lhes permitiu constituir, desse modo, o que poderíamos chamar de uma "rede transnacional de americanistas". É por isso que decidi manter as próprias coordenadas nacionais que essas subjetividades reforçaram e, não raro, reconstituíram, como forma de compreender em que medida esse conjunto de ações conecta os conceitos de "cultura" e "civilização" a tais panoramas.

As correspondências e documentos guardados pelo próprio Boas ao longo de sua vida permitem entrever relações, trocas e movimentos que se atrelavam a valores específicos – a exemplo do internacionalismo científico, da postura política humanitária, antirracista e, em alguns casos, francamente socialista, do posicionamento epistemológico empirista e do salvacionismo em relação às culturas indígenas. Essa rede de fluxos transnacionais também dá conta de disputas em torno do controle dos canais por onde circulavam recursos, ideias e pessoas, conformando, deste modo, uma malha de trocas desiguais na qual a prática antropológica se constitui como algo comprometido com a construção da própria modernidade. Mais

do que procurar entender a configuração interna dessa malha por si só (o que nos levaria a mais uma “história do campo antropológico”), trata-se de perceber, portanto, como a sua própria estruturação é responsável pela expansão e consolidação de formas alternativas de modernidade. Isso se fez por meio de um processo de produção de sujeitos e objetos a partir de híbridos como os conceitos de civilização e cultura em suas diferentes possibilidades de articulação, mas também de línguas gramatizadas e de artefatos etnográficos que, assim tomados de suas dinâmicas anteriores e postos em movimento nesta outra rede, agora transnacional, permitiram a produção de novos *sujeitos* da modernidade e de seus *objetos* – as “culturas primitivas” assim diferenciadas das “culturas civilizadas”.

Os arquivos desse processo produtivo – neste caso, os *Franz Boas Papers* –, são, no entanto, arquivos de *subjetividades*. Eles nos permitem acessar as vozes registradas em meio a contatos *intersubjetivos*, naturalizando as objetividades e suprimindo os traços dos híbridos que permitiram a produção dessas novas formas de relações modernas de subordinação. É assim que a modernidade é registrada não como estruturações de relações de subordinação, mas como um processo natural de aprimoramento da humanidade por meio da ciência. É possível, no entanto, flagrar os momentos em que determinadas trocas, em que o controle de determinados fluxos e em que o enquadramento objetificador de coisas em conceitos produz os sujeitos inscritos nessas pré-narrativas arquivísticas. A subjetividade de Franz Boas e de todos que tomam parte com ele nessa rede americanista transnacional se consolidaram, desse modo, à medida que passaram a produzir e controlar seus objetos por intermédio desses instrumentos que aqui tenho chamado de híbridos. Controlar os recursos, contatos e pessoas capazes de liberar essas forças

produtivas modernas, isto é, a proliferação de seus sujeitos, objetos e híbridos, significava controlar fluxos transnacionais, e é precisamente isso que as correspondências evocadas neste capítulo permitem captar.

Também desejo mostrar aqui as imbricações dessas relações e fluxos com agenciamentos semelhantes que se processavam no Brasil. Embora, neste caso, as subjetividades e objetividades necessárias a esse processo específico de modernização devessem se adaptar aos agenciamentos e panoramas particulares a que estavam submetidos, era possível para isso fazer um novo uso daqueles híbridos que se proliferavam entre os antropólogos americanistas. Para que isso se torne compreensível é necessário acompanhar, com bastante cuidado, uma longa e espraiada trajetória relacional na medida em que ela aponta um interesse para os problemas culturais sul-americanos, especialmente brasileiros.

Entre os EUA e a Alemanha

A produção de facções americanistas entre Franz Boas e Karl von den Steinen

Franz Boas e Karl von den Steinen certamente já se conheciam desde os tempos em que o primeiro ainda vivia na Alemanha. Ambos atuaram no Museu Etnológico Real de Berlim sob a orientação de Adolf Bastian e Rudolph Virchow.

Von den Steinen era o “decano” dos exploradores etnógrafos da América do Sul, segundo necrológio escrito por Erland Nordenskiöld – outro importante americanista que logo aparecerá nesta mesma rede epistolográfica – para o *Journal de la Société des Américanistes*

em 1930 (NORDENSKIÖLD, 1930).[62] Quando tinha 24 anos de idade decidiu empreender uma viagem de “volta ao mundo”, que duraria dois anos (1879-1881) a fim de realizar estudos médicos. Foi nesse tour, quando passava pelo Havaí, que conheceu Adolf Bastian, e, segundo Nordenskiöld, esse encontro marcaria a vida profissional de von den Steinen.

Mas von den Steinen se destacaria como “americanista” apenas depois da segunda viagem que realizou à região do rio Xingu, no Brasil Central. Dois anos depois de uma missão meteorológica na Geórgia Antártica,[63] em 1882, o etnólogo alemão partiu para uma expedição geográfica ao longo do rio Xingu, região até então pouco conhecida. Embora essa expedição não tivesse um caráter propriamente etnográfico, ela foi de grande importância, pois, segundo Nordenskiöld, “ela suprimiu, como se diz, uma das manchas brancas do mapa-múndi” (NORDENSKIÖLD, 1930, p. 221, tradução livre).

Von den Steinen retornou finalmente à região do Xingu em 1887, agora com o propósito específico de conhecer melhor os seus povos nativos. Aqueles indígenas lhe chamaram a atenção pois, até então, eles não tinham tido nenhum contato com ou influência direta do “mundo civilizado”, algo muito valorizado no âmbito de um campo etnológico ainda francamente evolucionista. A este respeito, Nordenkiöld faz uma interessante comparação: “um pequeno número de exploradores, como, por exemplo, Chandless e Rondon, visitaram tribos indígenas que nunca haviam visto os brancos, mas essas tribos,

[62] Von den Steinen nasceu no dia 7 de março de 1855, em Mulheim, cidade alemã situada na região do rio Ruhr, limítrofe a Essen, e faleceu no dia 4 de novembro de 1929, em Kronberg im Taunus, região metropolitana de Frankfurt Rhein-Main. Estudou medicina em Zurique, Bonn e Estrasburgo, dedicando-se à psiquiatria depois de ter estudado essa especialidade em Viena e Berlim.

[63] Hoje mais conhecida como Geórgia do Sul, ilha próxima às Malvinas e também alvo do litígio entre Argentina e Inglaterra.

no entanto, foram indiretamente influenciadas pela civilização branca" (NORDENSKIÖLD, 1930, p. 221-222, tradução livre). Nordenskiöld certamente se referia, no caso de Rondon, aos nambiquaras, pois, embora esses indígenas nunca tivessem realmente estabelecido contato direto até então com os "brasileiros", por outro lado eles conheciam os parecis, que possuíam já uma longa história de contato com o mundo colonial português (ROQUETTE-PINTO, 2005).

Unter den Naturvölkern Central Brasiliens (1894), obra produzida a partir do rico material colhido nessa segunda expedição, acabou se tornando, por um longo tempo, uma espécie de guia obrigatório para qualquer outro antropólogo que decidisse se aventurar por aquela região. Von den Steinen ofereceu nesse livro uma clara e detalhada descrição dos povos da região do Xingu, com destaque para as suas conclusões a respeito da língua dos bacairis, pois ao provar a sua filiação ao tronco caribe (ou caraíba), Steinen teria fundado as bases para a tipificação das tribos ameríndias brasileiras de acordo com a sua filiação a um dos quatro grandes grupos linguísticos – caribe, nuaruaque, tupi e jê (THIEME, 1993). Ainda segundo Nordenskiöld,

> Depois de sua segunda viagem ao Xingu, K. von den Steinen foi um dos mais vivazes americanistas e uma das principais personalidades dos Congressos Internacionais de Americanistas. Quando desses congressos e noutras ocasiões, ele contribuiu consideravelmente para estender nosso conhecimento sobre a civilização indígena da América do Sul (NORDENSKIÖLD, 1930, p. 222, tradução livre).

É possível acompanhar mais de perto a conexão estabelecida entre von den Steinen e Boas a partir de uma troca de correspondências que se inicia em 27 de novembro de 1893, numa carta escrita pelo primeiro. A primeira resposta de Boas que podemos encontrar em sua

coleção de cartas data, no entanto, de 24 de julho de 1903 (existem mais nove cartas de von den Steinen no arquivo de Boas antes dessa primeira resposta).[64] O assunto era, justamente, o Congresso Internacional de Americanistas, que seria organizado por von den Steinen em 1904, na cidade alemã de Stuttgart. A partir daí podemos captar a produção de uma facção de americanistas que, aos poucos, começa a gravitar em torno do grupo de Boas e a se destacar de uma tradição antropológica mais marcadamente evolucionista.

Boas enviou quinze cartas para o colega alemão entre julho de 1903 e maio de 1904, todas elas relacionadas ao congresso de Stuttgart. Um dos motivos dessas cartas se deve ao fato de que Boas se colocava como uma espécie de intermediário estadunidense do congresso que seria realizado na Alemanha, arregimentando interessados, distribuindo circulares e cobrando respostas das instituições que poderiam enviar delegados. Mas, para isso, foi preciso que Boas chamasse a atenção de von den Steinen, pois, já no final fevereiro de 1904, o convite oficial para o governo dos EUA ainda não havia chegado. É perceptível que Boas se portava como o responsável pela delegação estadunidense, e quanto maior o número de colegas que conseguisse arrebanhar para o evento, maior, obviamente, seria o seu próprio prestígio diante dos pares.

No entanto, as coisas não iam bem em relação a esse objetivo, pois o governo dos EUA não se mostrava interessado em dispender dinheiro com isso e o atraso no envio dos convites oficiais também não colaborava. Boas havia, por fim, sugerido que von den Steinen escrevesse diretamente para um grande número de instituições científicas dos EUA, fornecendo-nos assim um interessante relato

[64] Só tive condições de considerar aqui as cartas escritas em inglês – praticamente todas as que foram escritas por Boas e três de Steinen que aparecem traduzidas. As demais foram redigidas em alemão.

sobre as agências que, naquele momento, produziam conhecimento na área do americanismo antropológico.[65]

É interessante perceber o grande número de instituições canadenses incluídas na lista escrita por Boas. Isso se explica pelo fato de que ele se opunha ao plano de que o Congresso de 1906 fosse realizado na Argentina, que deveria ser a sua sede em 1910, propondo como alternativa justamente o Canadá, pois a longa distância tornaria menos provável uma presença massiva de estadunidenses – a não ser pelo etnólogo George Amos Dorsey (1868-1931), do *Field Museum* de Chicago, que, segundo Boas, podia "sempre conseguir dinheiro para viagens de farra".[66] Tratava-se, portanto, de despertar o interesse dos canadenses e articulá-los desde já para que se dispusessem a organizar o evento que seria realizado apenas dentro de quatro anos, sob a influência do próprio Boas. Ele, é bom lembrar, desenvolveu importantes pesquisas no norte do Canadá, tornando-se, provavelmente, conhecido também nesse país. Mas o que mais chama a atenção são as estratégias de médio prazo que visavam a conquistar o maior controle possível do encontro internacional que definia os principais direcionamentos – e, por conseguinte, suas formas de financiamento – dos estudos americanistas.

---

[65] Boas menciona as seguintes instituições: United States Government, Smithsonian Institution, Carnegie Institution, American Museum of Natural History, Field Columbian Museum, University of California, University of Chicago, Columbia University, Harvard University, Clark University of Worcester, Mass., Yale University of New Haven, Conn., Government of the Dominion of Canada (Ottawa), Provincial Government of Ontario (Toronto), Canadian Institute (Toronto), Provincial Government of Quebec, Geological Survey of Canada (Ottawa, Ontario), Provincial Government of British Columbia (Victoria, B.C.) – carta enviada por Boas a K. von den Steinen, 23 de fevereiro de 1904, FBP, APS. Obviamente os governos dos EUA e de estados canadenses não são propriamente instituições antropológicas, mas aparecem na lista pois deveriam enviar seus delegados oficiais, o que reitera, por outro lado, o interesse político que os Estados modernos do início do século XX possuíam na produção de saberes do tipo.

[66] "*Always get money for junketing-trips*" (carta de Boas a von den Steinen, 4 de novembro de 1903, FBP, APS).

Não obstante todos os esforços envidados, Boas conseguiu, por fim, contar com um número bem menor de delegados do que o imaginado a princípio. O *US Department of State* estadunidense, por meio de Morris Ketchum Jesup (1830-1908), diretor do *American Museum of Natural History* e organizador da *Jesup North Pacific Expedition*, realizada entre 1897 e 1902 e conduzida diretamente por Boas, na condição de presidente honorário do último congresso, requisitou que a *Smithsonian Institution*, da qual era encarregado Samuel Pierpont Langley (1834-1906) – que já havia se recusado a mandar delegados –, indicasse o representante oficial dos EUA. A *Smithsonian Institution* acabou indicando William Henry Holmes (1846-1933), que Boas achava que iria ao Congresso. Frederic Ward Putnam (1839-1915), do *Peabody Museum*, da Universidade Harvard, indicou o paleontólogo John C. Merrian (1869-1945) pela Universidade da Califórnia (com isso teriam, pelo menos, quatro estadunidenses no Congresso). Dorsey, como vimos, iria de qualquer jeito, pois segundo Boas era um festeiro e sempre arranjava por conta própria dinheiro para Congressos. Adolph Francis Alphonse Bandelier (1850-1914) enviaria um texto sobre "Peruvian charms and idols" e William Jones (1871-1909) um pequeno artigo sobre o papel da mitologia na vida dos sacs e foxes. Alfred Louis Krober (1876-1960) também havia prometido um artigo. Por fim, Boas continuava tendo problemas com os canadenses, mas apontava progressos (carta de Boas para von den Steinen, 11 de maio de 1904, FBP, APS). É bem possível que essas dificuldades de articulação estivessem relacionadas às correlações de força internas ao campo antropológico estadunidense, ainda controlado pelos representantes da velha tradição evolucionista do país.

De todo modo, vemos que os Congressos de Americanistas funcionavam como um momento no qual toda uma elite intelectual

– dados os postos institucionais privilegiados que seus membros ocupavam, ou seja, as principais posições governamentais e universitárias da América – se articulava definindo uma hierarquia de posições no interior de uma rede de antropólogos que se identificava e se diferenciava em torno do tema do americanismo. Se o papel de *broker*[67] é mesmo fundamental para o melhor aproveitamento dos fluxos de recursos (e poder) no interior de uma teia de relações sociais, não restam dúvidas, a partir das evidências apresentadas nesta troca epistolar, que Boas buscava o controle dessa posição a fim de melhor manipulá-los.

A consciência desse aspecto por sua parte pode ser atestada pelos comentários exclusivamente "estratégico-relacionais" a respeito do Congresso de Americanistas de Quebec (1906) – as articulações foram bem-sucedidas, portanto, para que o evento fosse trazido para a América do Norte ao invés da Argentina. Boas comunica que foi votado que o próximo Congresso (1908) ocorreria em Viena e seria organizado por Felix Tietze (1883-1960), Eugen Oberhummer (1859-1944) e Franz Heger (1853-1931). Alfred Cort Haddon (1855-1940), da Universidade de Harvard, havia apresentado o convite para Cambridge – Harvard era, à época, como mostra Stocking Jr., um polo de opositores aos projetos antropológicos boasianos (STOCKING JR., 1968) – e Léon Alexandre Gustave Lejeal (1834-1907) para Leiden. Boas ainda escreve a respeito do grande número de padres e missionários nesse evento; que Leopoldo Batres (1852-1926) havia apresentado o convite para o México em 1910, mas não teria havido manifestações significativas a este respeito; que considerava muito

[67] Conceito utilizado no campo da análise de redes sociais, sobretudo após a definição proposta por Jeremy Bosseivain, para o indivíduo que numa rede social se destaca por seu papel de intermediação de outras relações, em geral obtendo considerável poder em função dessa posição. A respeito desses problemas vide o conjunto de artigos reunidos em Feldman-Bianco (2010).

pequeno o intervalo de dois anos, desejando que fosse estendido para três; e, por fim, relata a pequena participação de estadunidenses (apenas uma dúzia dentre todos os antropólogos de lá).[68]

O trânsito de recursos americanistas entre os Estados Unidos e a Alemanha

Mas não foram somente os Congressos Internacionais de Americanistas que puseram em circulação transnacional os mediadores produtores das relações modernas de subordinação que desejo acompanhar neste livro. Outras ações produziram conexões e fluxos que igualmente merecem ser relatadas nesta investigação. Em geral elas foram provocadas pela circulação do conceito de cultura, que neste caso era percebido como algo que permitia entrever conexões (uma identidade partilhada) entre pessoas, artefatos, e memórias de determinados coletivos em função de uma história comum. Todos esses humanos e não humanos deixavam, assim, de ter a sua própria voz, e seus únicos intérpretes autorizados no mundo moderno passavam a ser os(as) antropólogos(as), essas importantes subjetividades modernas. A essa antropologia "culturalista" ou "historicista", que, pela força da subjetividade moderna de Franz Boas, também chamamos de "boasiana", agregaram-se outros valores capazes de produzir outras conexões e deslocamentos, a exemplo do antirracismo, do internacionalismo, do empirismo (contrário ao dedutivismo das ideologias racistas) e mesmo de um socialismo moderado, uma vez que este conceito de cultura dotava, a princípio, a todos os coletivos que pretendia organizar de igual valor.

Os museus aparecem nessas correspondências como instituições ainda importantes para a canalização das conexões e

[68] Carta de Boas a von den Steinen, 19 de setembro de 1906, FBP, APS.

fluxos responsáveis pela proliferação do modo de vida moderno. Se considerarmos que na virada do século XIX para o XX os museus ainda eram as principais instituições relacionadas à produção de conhecimentos antropológicos, não seria possível desatrelar a centralidade dos(as) antropólogos(as) das posições que os(as) mesmos(as) ocupavam nesses lugares. Subverter a ciência comprometida com a política colonialista era, da mesma forma, ou romper com os museus ou reformá-los. A figura de Boas à época era associada em grande medida ao *American Museum of Natural History* (AMNH) de Nova York. Mas, em carta a von den Steinen em 25 de maio de 1905, Boas já dá mostras do seu desejo de se dedicar mais à vida universitária, o que indica a percepção da necessidade de uma mudança de estratégias institucionais.[69] Von den Steinen, por sua vez, estava profundamente vinculado ao Museu Etnológico Real de Berlim *Völkerkunde* (Museu Etnológico Real), e em seu caso é interessante notar que o *status quo* dessa instituição lhe interessava mais do que o mundo universitário.

Os saberes antropológicos produzidos na virada do século XIX para o XX ligavam-se diretamente à sua capacidade de produzir narrativas museológicas. Narrativas em museus são, como podemos perceber, produzidas essencialmente por meio de artefatos: disposições diversas produzem sentidos diferenciados, e isso fica claro na já mencionada disputa travada entre o próprio Boas e Otis Mason. Desse modo, a eficácia dos discursos antropológicos dependia também da

[69] FBP, APS. Em síntese, Boas expressa o seu desejo de dedicar mais tempo ao trabalho em Columbia mas, diante do apelo de Hermon Carey Bumpus (1862-1943) e de Jesup – pois Livingston Farrand (1867-1939), que o iria substituir, recebeu uma proposta irrecusável fora do Museu –, acabou ficando, sob a condição de poder controlar todo o trabalho do departamento. No entanto, o próprio Bumpus começou a interferir no trabalho de Boas e logo o Museu queria vender toda e qualquer coleção não diretamente compreensível pelo "*uneducated people*". Boas resolveu continuar apenas a cargo das publicações relacionadas à Expedição Jesup.

competência curatorial dos(as) cientistas. Não bastava, portanto, produzir artigos científicos consistentes: o(a) antropólogo(a) precisava coletar ele(a) próprio(a) artefatos pertinentes e expô-los de modo que suas hipóteses pudessem ser visualmente percebidas e, além disso, financiadas por instituições cujos agentes se satisfizessem com os efeitos de pertencimento/diferenciação produzidos nas exposições museológicas. Entre a "coleta" desses artefatos no campo e a sua disposição museográfica é que iam se constituindo as subjetividades dos(as) antropólogos(as) modernos(as) desse período.

Essas características acabaram produzindo um fenômeno relacional bastante específico no mundo antropológico: a troca de coleções. Elas não possuem apenas um valor simbólico devido ao seu caráter de "semióforo" (POMIAN, 1997), pois em função dessas necessidades antropológicas específicas elas adquirem, também, um valor bastante venal de verdadeiras mercadorias – dotadas de um excelente valor econômico, inclusive. Grandes expedições foram financiadas nesse período por instituições museológicas à caça de artefatos para o preenchimento de suas estantes. Os agenciamentos museológicos de então criaram um imenso circuito de trocas entre antropólogos(as), ultrapassando inclusive barreiras ideológicas – pois pouco importava se um artefato-chave para um determinado museu estivesse em mãos de um etnógrafo(a) subversivo(a), ultrapassado(a) ou mesmo diletante.

Assim, por mais que os intelectuais de então pudessem querer se desvincular desse "paradigma museográfico", a troca de coleções continuava sendo um artifício importante para um bom posicionamento nessas redes internacionais de antropólogos. Após realizado o Congresso de Americanistas de Stuttgart (1904), uma das formas alternativas de aproximação que Boas encontrou em relação à rede

de etnólogos alemães, na qual von den Steinen ocupava um lugar destacado, foi justamente intermediando a aquisição de coleções a serem recolhidas por Clark David Wissler (1870-1947), que passaria o verão entre os *Blackfeet*, e James Alexander Teit (1864-1922), que pesquisava para o *American Museum of Natural History* no interior sul da British Columbia e no norte do estado de Washington.[70] Ainda eram essas trocas que, ao longo da primeira metade do século XX, validaram empiricamente descrições culturais específicas cuja função elementar não deixava de ser a construção, por oposição, do mundo moderno ou civilizado.

Um outro importante recurso que circulava nessas redes intelectuais eram as publicações científicas. Se hoje restam poucos periódicos acadêmicos que não possam ser acessados remotamente via internet, devemos ter em mente que no período aqui abordado as tiragens dessas publicações eram limitadas, as comunicações mais difíceis e a distribuição mais cara.[71] Controlar o acesso a esse tipo de material era, portanto, uma forma importante de conquistar centralidade no interior dessas redes intelectuais, e a formação de bibliotecas as mais completas possível era uma dentre as diversas estratégias das instituições culturais do período.

Depois da Primeira Guerra Mundial a obtenção de material científico por parte dos intelectuais europeus tornou-se especialmente problemática. A alta inflação fez com que a importação de periódicos

[70] Carta de Boas para von den Steinen, 13 de maio de 1904, FBP, APS.

[71] Para além dessa conclusão um tanto óbvia, é possível encontrar um quadro bastante completo da produção de periódicos científicos para o recorte brasileiro no século XIX em Pinheiro (2009). Diante da escassez de produções historiográficas a este respeito não é de se admirar que a autora veja com bastante otimismo a produção científica analisada, notando, inclusive, o intenso intercâmbio científico daí advindo. Embora a autora não toque nesse assunto, isso não invalida a hipótese aqui levantada de uma maior interdependência entre os intelectuais do período para a aquisição e leitura de trabalhos científicos em comparação aos dias atuais.

fosse impraticável e, no caso da Alemanha e da Áustria, um boicote nacionalista tornaria a situação ainda mais trágica, de acordo com as impressões extraídas das próprias correspondências trocadas entre Boas e intelectuais europeus como von den Steinen e Paul Rivet. Boas foi, conforme já mencionado, um aguerrido pacifista e um crítico ferrenho das ideologias nacionalistas, sobretudo no que diz respeito à produção científica, e, por isso, se engajaria na manutenção das trocas internacionalmente neutras de conhecimento científico.

Depois de uma carta datada de 25 de fevereiro de 1911, na qual tratava justamente de um artigo que pegou emprestado de von den Steinen e que então se encontrava nas mãos do padre August Brabant (1845-1912), Boas só retomaria a correspondência com seu colega alemão em 23 de dezembro de 1919. O assunto dizia respeito às "sociedades científicas alemãs" planejadas por Boas e cujo intuito seria arrecadar fundos, por meio de filiações, para financiar a compra de livros para as bibliotecas do país dado o problema da desvalorização do marco.[72] As cartas dos próximos meses tratariam do mesmo assunto, mencionando doações e nomes de novos filiados que Boas havia conquistado.[73] Boas e von den Steinen ainda voltariam a tratar de empréstimos de livros e de envio de artigos para publicação em suas respectivas revistas em várias outras cartas seguintes até o ano de 1926.

Boas ainda arquitetou com von den Steinen intercâmbios escolares e posições acadêmicas. Essas são duas modalidades de ações intelectuais de fundamental importância, haja vista que estão ligadas ao controle da mobilidade hierárquica no interior do campo acadêmico e se relacionam a duas ferramentas fundamentais de

[72] Carta de Boas a von den Steinen, 23 de dezembro de 1919, FBP, APS.
[73] Cartas de Boas a von den Steinen, 10 de novembro de 1919 e 31 de março de 1920, FBP, APS.

definição dessas posições: a colocação institucional atual e o currículo pregresso.[74] O caráter de estrategista acadêmico de Boas já foi notado em algumas ocasiões. Robert Lowie lembra que

> estranhamentos advindos de estudantes não regulares eram em parte meramente o fenômeno familiar da revolta filial, mas em parte elas resultaram do fato de Boas tomar um ponto de vista racional que batia de frente com as necessidades emocionais de seus(uas) discípulo(a)s. Ele estava habituado a avaliar o tabuleiro de xadrez dos empregos antropológicos e a descobrir como a ciência poderia ser melhor servida, então ele podia tentar mover os(as) antropólogos(as) tal como os peões em uma partida. O seu julgamento estava normalmente correto, mas alguns homens e mulheres ressentiram-se da impessoalidade da sua estratégia (LOWIE, 1947, p. 318, tradução livre).

A respeito do contexto específico das disputas pelo comando da *American Anthropological Association* (AAA), Stocking Jr. ainda afirma que "com vistas a este fim o grupo de Boas persuadiu, se comprometeu e ocasionalmente intimidou e manipulou" (STOCKING JR., 1968, p. 287, tradução livre).

Em carta do dia 25 de abril de 1909 (FBP, APS), Boas indaga von den Steinen a respeito da possibilidade de algo semelhante ao que hoje chamamos de "doutorado sanduíche" para Alexander Aleksandrovich Goldenweiser (1880-1940), seu aluno, russo de nascimento. Boas afirma que Goldenweiser era muito inteligente, mas que lhe faltava experiência em etnografia por causa de seu interesse em problemas mais gerais de sociologia, e por isso propunha que seu discípulo trabalhasse como voluntário no Museu Real Etnológico de Berlim), parte do tempo sob direção do próprio von den Steinen,

[74] A respeito dos diversos tipos de "investimento em credibilidade científica", vide Latour e Woolgar (1997).

parte sob Eduard Seller e parte sob Felix Ritter von Luschan (1854-1924).[75] Goldenweiser estava pesquisando o desenvolvimento de novas religiões em indígenas norte-americanos, mas o interessante é que Boas almejava dirigir seus interesses para a América do Sul, porque precisava-se muito nos EUA, segundo ele, "de alguém que vá assumir essa questão, e eu estou inclinado a pensar que Goldenweiser se tornará um belo nome" (tradução livre). Isso comprova muito claramente o papel ativo de Boas no agenciamento dos "sujeitos", tornados assim seus próprios "recursos" nessa rede transnacional de antropólogos.

A formação de novos quadros foi, com efeito, uma estratégia muito bem desenvolvida por Boas ao longo de sua carreira. Desde muito cedo ele percebeu a necessidade de ampliar sua rede de instituições e pesquisadores para fora dos EUA. Isso incluía tanto o extremo oriente, por exemplo, com a criação do Comitê sobre as Coleções da Ásia Oriental, quanto a América do Sul. Em carta de 20 de janeiro de 1906, endereçada a Archer Milton Huntington (1870-1955), que à época presidia o *American Museum of Natural History*, Boas diz o seguinte:

> Outra linha de abordagem em que tenho pensado é a mudança de meu campo de trabalho, da região noroeste para regiões mais ao sul do nosso continente. A esse respeito, tentei interessar o Instituto de Arqueologia da América e algumas universidades na fundação de uma escola arqueológica no México, na América Central ou na América do Sul. O projeto me parece promissor (BOAS, 2004, p. 362).

Em vez de solicitar apoio de outras instituições já consolidadas em outros países ou mesmo dentro dos EUA, Boas optava, sabiamente,

[75] Von Luschan seria o herdeiro de Rudolph Virchow na liderança da antropologia física alemã depois da sua morte, de acordo com Benoit Massin (1996).

por treinar novos quadros a fim de expandir autonomamente suas linhas de pesquisa, ampliando e fortalecendo sua posição como líder de um grupo mais vasto. Logo veremos que o antropólogo não tardou em fazer o mesmo em relação às terras brasileiras.

A respeito das disputas profissionais, Boas se envolveu numa contenda que acabou se mostrando um precioso elemento para uma melhor compreensão das rivalidades especificamente alemãs e, posteriormente, transnacionais dessa rede de americanistas. Trata-se, em síntese, de uma intriga, relatada por John Alden Mason (1885-1967), que teria sido orquestrada por Konrad Theodor Preuss (1869-1938). Este último tentou recorrer a Mason (que havia passado pela Universidade Columbia e que von den Steinen havia conhecido em Gotemburgo – local de realização do Congresso de Americanistas de 1924), para que ferisse a reputação de Walter Lehmann a respeito da obtenção da *Loubat Professorship of American Archeology* (concedida pela Universidade de Harvard). Boas foi bastante franco ao emitir sua opinião a respeito do assunto: "parece-me que as considerações dele a respeito de Lehmann são, para dizer o mínimo, indelicadas, particularmente em uma carta para um estranho".[76] A bolsa relacionava-se mais diretamente com a arqueologia da América do Sul e Central, e para esses fins Boas não achava que Lehmann ou Preuss tivessem competência suficiente – embora preferisse o primeiro, a quem já havia feito sua recomendação a pedido de Albrecht Penck (1858-1945) e Eduard Meyer (1855-1930) –, acreditando que o indicado devesse ser, por fim, Theodor Koch-Grünberg.[77] Em outra carta,[78] Boas ainda se refere a esta jogada de Preuss como sendo

[76] "*It seems to me his remarks about Lehmann are, to say the least, tactless, particularly in a letter to an outsider*" – carta de Boas para von den Steinen, 10 de dezembro de 1924, FBP, APS.
[77] Idem.
[78] Carta de Boas a von den Steinen, 23 de dezembro de 1924, FBP, APS.

um “truque sujo” (*nasty trick*), e informa que foi conversar diretamente com ele. Pessoalmente, Boas não nutria a melhor das impressões em relação a ambos os intelectuais alemães. Preuss era conhecido por seu posicionamento evolucionista e racista, e a seu respeito Boas afirma o seguinte: “acredito ser insustentável o posicionamento teórico de Preuss, e seus interesses não se enquadram naquilo que é requerido para a bolsa Loubat. […] Além disso, ele é um palestrante abominável e eu não posso imaginar que ele seja bem-sucedido como professor”.[79] Sobre Lehmann, por sua vez, Boas explica a von den Steinen que “desconfiava da sua sinceridade”.[80]

Não é possível afirmar que o lado pelo qual Mason optou posteriormente no campo do americanismo estivesse vinculado a esses acontecimentos.[81] Nessa época, o fato de Mason confidenciar um segredo tão delicado a Boas indica muito mais uma proximidade ou, pelo menos, uma estratégia de aproximação por meio de um recurso não pouco valioso nesse tipo de estrutura relacional: as fofocas relacionadas a más condutas na ocupação de postos institucionais privilegiados. Boas agiu instantaneamente no intuito de desfazer uma jogada que, de acordo com sua perspectiva, não parecia obedecer a critérios éticos elementares, e é bem provável que tenha conseguido intervir no curso dos acontecimentos. Mas será que, do ponto de vista de Preuss, essa era uma jogada tão suja assim? Não seria esse um procedimento corriqueiro de disputa pelos recursos escassos de uma rede constituída em torno do interesse dos Estados nacionais pelo tema do americanismo?

---

[79] Carta de Boas a von den Steinen, 10 de dezembro de 1924, FBP, APS, tradução livre.

[80] Idem.

[81] No Capítulo 6 veremos que Mason acabou se posicionando contra o grupo de boasianos quando da edição do *Handbook of South American Indians*, organizado por Julian Steward.

De todo modo, o que se vai delineando até aqui é a construção de um *ethos* que na verdade se pretende exemplar para um sistema de condutas que embasassem uma prática antropológica à qual estaria subsumido o americanismo em questão. Esse *ethos* é sistematicamente apresentado aos diversos interlocutores da epistolografia boasiana, em especial nesta correspondência com von den Steinen, que se mostra um importante aliado para as ações, por parte de Boas, de articulação de uma rede transnacional de americanistas. Trata-se de uma rede de cientistas que deveria ser erigida sobre um conhecimento científico internacionalista – ou seja, que se pretende desvinculado da política nacionalista, imperialista e neocolonialista –, empirista – o que, em outras palavras, significava um conhecimento que não fosse pautado apenas em especulações, a exemplo da forma pela qual eram vistas as teorias evolucionistas –, e moralmente superior à rede de seus oponentes, algo que vai da construção cotidiana de sólidos laços afetivos pautados em cavalheirismo e confiança mútua até a defesa de valores elevados do ponto de vista humanístico, a exemplo da tolerância em relação aos diferentes modos de vida e do antirracismo. Esses deveriam ser os novos sujeitos do americanismo, moldados assim pelo contato com o conceito plural de cultura.

Boas se correspondeu também com um grupo de pesquisadores alemães mais jovens igualmente interessados na etnologia brasileira, especialmente amazônica, a exemplo de Theodor Koch-Grünberg, Max Schmidt e mesmo Herbert Baldus (1899-1970), que viria a se fixar definitivamente no Brasil. Curt Unckel Nimuendajú (1883–1945) representa um caso à parte e que será apresentado numa subseção específica. Embora as cartas trocadas com esses etnólogos sejam menos significativas do que a comunicação epistolográfica estabelecida com von den Steinen, a existência desse conjunto de

documentos evidencia a forte presença da "*Völkerkunde*" na produção antropológica sobre o Brasil.

De acordo com Erwin H. Frank, o jovem filólogo Theodor Koch (1872-1924) – o nome da cidade alemã de Grünberg seria acrescentada ao seu nome posteriormente – foi convidado por Hermann Meyer (1871-1932), em 1898, para cuidar da parte linguística de sua segunda expedição ao Brasil. A publicação dos resultados dessa pesquisa chamou a atenção de Adolf Bastian, que o convidou para estagiar gratuitamente no Museu Etnológico de Berlim) sob supervisão de Karl von den Steinen (tio de Meyer) e Eduard Seller. Em 1902, doutorou-se em filologia na Faculdade de Filosofia da Universidade de Würzburg, retornando ao Brasil no ano seguinte, o que lhe permitiu recolher o expressivo conjunto de dados reunidos em seu *Zwei Jahre unter den Indianern, Reisen in Nordwest-Brasilien*, publicado em dois volumes entre 1909 e 1910. Em 1909 tornou-se *Privatdozent* (não efetivo) da Universidade de Freiburg e em 1911 retornou à Amazônia. Em 1913 Koch-Grünberg finalmente se tornou professor extraordinário (algo que lhe garantiu maior estabilidade acadêmica) e, em 1915, foi chamado para administrar o Museu Linden, em Stuttgart. Koch-Grünberg havia conquistado então a estabilidade institucional que lhe permitiria uma participação mais central na rede transnacional de americanistas. No entanto, não devemos nos esquecer de que os anos posteriores à Primeira Guerra foram especialmente trágicos para a antropologia alemã, e em 1923 o Museu de Linden fechou suas portas por falta de recursos. Convidado por Alexandre Hamilton Rice Junior (1875-1956), geógrafo e explorador nova-iorquino, Koch-Grünberg retornou uma vez mais à Amazônia, onde faleceu, em 1924, provavelmente em função de uma crise de malária.[82]

[82] Todas essas informações biográficas foram retiradas de FRANK, 2005.

Nos arquivos da *American Philosophical Society* existem apenas três cartas trocadas entre Boas e Koch-Grünberg, uma enviada pelo primeiro e duas outras, escritas em alemão, pelo segundo. Além disso, a carta escrita por Boas em 2 de maio de 1923 apenas agradece o recebimento do quinto volume de um livro de Koch-Grünberg, por intermédio de seu cunhado de nome Wasmuth, e diz esperar encontrá-lo logo num evento que ocorreria em Tübingen. Essas poucas cartas foram trocadas a partir de 1921, quando Koch-Grünberg havia enfim conseguido uma posição institucional mais sólida, e se ele não tivesse falecido em 1924 possivelmente teríamos acesso a uma troca mais volumosa entre os dois.

No entanto, o nome de Koch-Grünberg aparece em diversas outras correspondências trocadas entre Boas e seus amigos. É possível perceber, por exemplo, que Koch-Grünberg servia como referência aos alunos de Boas nas pesquisas que vieram a realizar no território Brasileiro.[83] Seu nome também era constantemente lembrado por Paul Rivet,[84] a exemplo da intriga articulada por Preuss aqui já mencionada (é bom lembrar que Boas inclusive sugere o nome de Koch-Grünberg para a ocupação da cátedra Loubat, da Universidade de Harvard) e do projeto de realização do congresso de americanistas na Suécia. Assim, vê-se que as conexões de "segundo grau" por vezes podem se mostrar mais significativas do que os contatos diretos no intuito de se verificar a importância de um dado sujeito numa rede relacional.

A trajetória de Max Schmidt, outro correspondente alemão de Boas, é muito semelhante, ao menos em seu início, à de Koch-Grünberg. Schmidt havia defendido uma tese sobre direito romano

[83] Carta de Jules Henry para Boas, 30 de julho de 1937, FBP, APS.

[84] Cartas de Rivet para Boas, 4 de setembro e 22 de dezembro de 1919, 14 de fevereiro, 19 de abril, 7 de junho de 1920, 23 de fevereiro, 7 de setembro e finalmente 17 de novembro de 1924, FBP, APS.

em 1899, quando se tornou um estagiário voluntário no Museu de Berlim, também sob orientação de von den Steinen e Seller. Depois de realizar a sua primeira viagem ao Brasil, em 1900, tornou-se curador assistente no mesmo museu e defendeu sua tese na Universidade de Leipzig, em 1916, sendo nomeado em 1921 para o cargo de professor da Universidade de Berlim. Decidido a realizar mais uma viagem de pesquisa no Brasil e noutros países latino-americanos, Schmidt voltou para cá entre os anos de 1926 e 1928. No entanto, em vez de voltar para Alemanha, Schmidt ficou morando um tempo em Mato-Grosso e, depois, fixou-se definitivamente no Paraguai, criando o primeiro Museu Etnográfico do país (GAILLARD, 2004, p. 222).

Também só existem três correspondências relacionadas a Schmidt nos *Franz Boas Papers* da *American Philosophical Society*. A carta enviada por Boas a Schmidt no dia 21 de março de 1929 (22 anos depois da outra, uma pequena nota na qual agradecia pelo envio de uma lista de descrições) é, no entanto, bastante interessante, pois traz mais esclarecimentos a respeito do projeto boasiano direcionado ao estudo das línguas centro e sul-americanas:

> Há uma possibilidade de que nós possamos angariar algum dinheiro para um trabalho linguístico completo nas Américas Central e do Sul. Eu ficaria muito grato por quaisquer sugestões que você possa querer me fornecer e que possam ser incorporadas num trabalho desse tipo. O método que nós gostaríamos de seguir seria coletar, onde for possível, textos como base para uma gramática e um dicionário, e uma discussão completa sobre estrutura gramatical.[85]

Confirma-se nessa carta o anseio primordial de construção de uma gramática comparada das línguas sul-americanas nos moldes

[85] Carta de Boas para Schmidt, 21 de março de 1929, FBP, APS, tradução livre.

gerais da linguística humboldtiana. Além disso, fica clara a direção boasiana nesse projeto de extensão de seu programa científico para regiões além da América do Norte. Infelizmente não há resposta arquivada em relação a essa carta. Certamente isso se deve ao fato de que ela foi enviada para a Alemanha em vez de ser remetida para a América do Sul, onde Schmidt estava vivendo. Ele também é mencionado em outras cartas: uma delas foi enviada por Paul Rivet a Boas[86] e em outra, desta vez enviada por Boas a Nordenskiöld, também a respeito da intriga tramada por Preuss, em que o trabalho de Schmidt é contraposto de modo positivo ao de Walter Lehmann.[87]

Dos três, Herbert Baldus é o que possui a trajetória mais diferenciada e talvez marginal, não obstante seu nome seja reconhecido pelo importante papel que desempenhou para a consolidação da etnologia brasileira (GAILLARD, 2004, p. 223). Talvez por essa posição heterodoxa não tenha angariado o mesmo prestígio junto a Boas se comparado aos seus dois conterrâneos acima mencionados, pois em carta na qual Boas sugere a Heloisa Alberto Torres colaboradores americanistas estrangeiros para a realização de pesquisas de campo no Brasil e treinamento de jovens antropólogos brasileiros, ele lhe escreve que "Baldus você indubitavelmente conhece, e eu estou certo de que você também sabe de suas limitações".[88]

Baldus fugiu para a Argentina após participar do movimento espartaquista na Alemanha em 1920, mudando-se para o Brasil em 1921 para ensinar alemão. Depois de realizar uma expedição à região do Chaco a fim de gravar um filme com os índios de lá e, em seguida, empreender uma pesquisa junto aos guaranis, voltou à Alemanha em 1928 para estudar em Berlim com nomes como Richard Thurnwald

[86] Carta de Rivet para Boas, 22 de dezembro de 1919, FBP, APS.
[87] Carta de Boas para Nordenskiöld, 28 de outubro de 1924, FBP, APS.
[88] Carta de Boas para Heloisa Alberto Torres, 20 de janeiro de 1941, FBP, APS, tradução livre.

(1869-1954), Walter Lehmann e Konrad Preuss – talvez fosse em função dessas conexões que Boas o tivesse em baixa estima. Depois de doutorar-se em 1932, retornou ao Brasil, participando da fundação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, e adotando, finalmente, em 1941, a nacionalidade brasileira. Em 1942, Baldus começou a trabalhar também no Museu Paulista, que passou a dirigir a partir de 1952, sendo responsável pela criação da *Revista do Museu Paulista* (GAILLARD, 2004, p. 223; PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, loc. 5753-5759).

Também em relação a Baldus existem apenas três cartas na coleção epistolográfica de Boas. Antes do juízo que o chefe do Departamento de Antropologia da Universidade Columbia compartilhou com Heloisa Alberto Torres a respeito de Baldus, ele enviou-lhe uma correspondência no dia 6 de abril de 1932, após ter recebido uma longa carta sua em alemão. Do conteúdo dessa resposta depreende-se que Baldus soube dos projetos de Boas no que diz respeito ao desenvolvimento de pesquisas linguísticas na América do Sul e, de posse dessa informação, havia ficado interessado em ajudá-lo – Baldus tinha acabado de defender sua tese e agora certamente procurava alguma posição profissional correlata à sua pesquisa. Boas afirmou ter falado do trabalho de Baldus para Thurnwald e, a respeito das pesquisas na América do Sul escreveu o seguinte:

> Lamentavelmente, a presente crise econômica tem tornado totalmente impossível dar início ao trabalho na América do Sul, mas eu darei uma olhada se não é possível você continuar de alguma forma com as suas investigações sul-americanas. Eu não posso vislumbrar nada no presente, mas eu verei o que pode ser feito.[89]

[89] Carta de Boas para Baldus, 6 de abril de 1932, FBP, APS, tradução livre.

Se os motivos apresentados por Boas não foram mera desculpa para declinar da colaboração de Baldus, essa carta é valiosa para entendermos qual foi o desfecho das suas articulações com uma série de intelectuais e com o *Council of Learned Societies*[90] com o intuito de realizar pesquisas linguísticas entre os grupos indígenas sul-americanos. Embora esse motivo seja bastante plausível, não podemos, contudo, descartar a falta de entusiasmo de Boas com relação a Baldus, seja em função de uma possível desconfiança científica (mais tarde expressa na carta à Heloisa Alberto Torres), que poderia ter surgido da leitura do trabalho que lhe foi enviado e depois encaminhado a Thurnwald (provavelmente a sua tese), ou, o que é também provável, pelo fato de que Boas já tinha planos para seu ex-aluno Jules Henry Blumensohn (1904-1969), que em carta do dia 2 de junho do mesmo ano (FBP, APS) já seria apresentado a Edgard Roquette-Pinto, no Museu Nacional, a fim de realizar pesquisas entre os "botocudos" com verbas da Fundação Rockefeller. Mas não podemos deixar de destacar também as conexões anteriores de Baldus com os desafetos alemães de Boas, e possivelmente esse foi o principal motivo da falta de interesse de Boas em relação à sua colaboração.

Entre os Estados Unidos e a Suécia

O Barão Nils Erland Herbert Nordenskiöld, quando de suas correspondências com Boas, tinha o seu nome ligado ao Museu

[90] De acordo com o *site* da própria instituição, a ACLS, que também financiava projetos de pesquisa na área das ciências humanas e sociais, foi criada em 1919 para representar os Estados Unidos na União Acadêmica Internacional, contando entre seus fundadores 13 representantes de associações intelectuais (www.acls.org/about/history). Dentre as associações que compunham a ACLS em 1941 é possível mencionar, por exemplo, a própria *American Philosophical Society*, a *American Historical Association* (AHA) e a *American Anthropological Association* (AAA) (Disponível em: http://www.acls.org/about/history/, acesso em 18/02/2020).

Etnográfico de Gotemburgo – considerado “o mais moderno do seu tipo no mundo” (GAILLARD, 2004, p. 173).[91] Nascido em Estocolmo, Suécia, Nordenskiöld herdou da família o nome nobre e o gosto pelas expedições científicas – seu pai, o Barão Adolf Erik Nordenskiöld, por exemplo, foi o primeiro navegador a alcançar o Oceano Pacífico a partir do Oceano Atlântico por meio da “Passagem do Nordeste”, situada ao longo da costa siberiana. A partir de 1901 realizou uma série de expedições na América do Sul, passando pelo Brasil na viagem à Bolívia que realizou entre 1913-1914. Foi nesse mesmo ano que Nordenskiöld foi nomeado “*intendent*” do Museu Etnográfico de Gotemburgo, o qual, de acordo com Robert H. Lowie, “sua energia elevou a uma das instituições modelo do mundo” (LOWIE, 1933, p. 158, tradução livre). Ainda segundo Lowie, embora Nordenskiöld não fosse propriamente um filósofo, “ele não se contentou em permanecer um crédulo repórter ou um mero cartógrafo virtuoso. Ele avaliou distribuições em termos de história, percorrendo um curso médio entre um evolucionismo ultrapassado e um difusionismo extravagante” (LOWIE, 1933, p. 159, tradução livre). Por fim, Lowie ainda pontua que seu “procedimento metodológico, seu escrutínio consciencioso do material documentário, seu sóbrio exame das evidências, sua abordagem simpática aos nativos, tornaram-se um patrimônio de uma escola” (LOWIE, 1933, p. 161,tradução livre). O testemunho necrológio deste discípulo de Boas permite entrever uma série de elementos muito bem-vindos ao modelo relacional que seu professor vinha se esforçando em sedimentar para a rede intelectual aqui abordada.

Nordenskiöld é considerado o fundador da “Escola Escandinava” de americanistas (VICKERS, 1993). Primeiro professor de antropologia da Universidade de Gotemburgo, teria influenciado etnógrafos como

[91] O antigo Museu Etnográfico de Gotemburgo foi incorporado, desde 1999, ao Museu da Cultura do Mundo (*Värdskultur Museerna*).

Curt Nimuendajú, Alfred Métraux (1902-1963) e Henry Wassén (1906-1996). Veremos adiante que os dois primeiros nomes ocuparam importantes posições na rede transnacional da qual me ocupo neste livro.

A correspondência entre Boas e Nordenskiöld se inicia em 1920, também motivada por uma articulação em torno do local de realização do Congresso de Americanistas que já se começava a articular naquele ano. Esse seria o primeiro congresso organizado depois da Primeira Guerra Mundial, e Boas esperava, como vimos no capítulo anterior, que a sua realização na Suécia, um país neutro, pudesse viabilizar a participação de cientistas alemães e austríacos, que vinham sendo boicotados por causa do conflito armado global. Do outro lado, liderados por Aleš Hrdlička, um outro grupo almejava um congresso que se voltasse apenas para cientistas pertencentes aos países aliados. As pretensões de Boas em torno da candidatura de Nordenskiöld para anfitrião do congresso que ocorreria em 1921 ou 1922 acabaram por se chocar então com as do brasileiro Antônio Carlos Simões da Silva (1871-1948),[92] que desejava sediá-lo na capital brasileira e que tinha o apoio de Hrdlička.

A primeira correspondência, enviada a Boas no dia 2 de agosto de 1920 (FBP, APS), foi, na verdade, uma espécie de consulta em função de o francês Paul Rivet ter sugerido que o próximo congresso fosse realizado na Suécia – o antropólogo francês, como veremos, também era um ferrenho defensor do internacionalismo científico, e a realização de um congresso de americanistas na Suécia, naquele

[92] Simões da Silva era bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo e advogado no Rio de Janeiro, e possuía um museu particular na então capital da República. Adriana Tavares do Amaral Martins Keuller destaca a sua intensa atividade nos Congressos de Americanistas nas décadas de 1910 e 1920, "chegando mesmo a representar o Brasil como delegado além de várias instituições científicas, entre elas a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Congresso sediado em Washington, D.C., em 1915" (KEULLER, 2008, p. 146, nota 348).

momento, aparecia como uma batalha decisiva para a vitória desse posicionamento.[93] Nordenskiöld desejava que o evento pudesse reconciliar, em função do "amor à ciência", intelectuais das potências aliadas e centrais, mas, para isso, deveria contar com o apoio de antropólogos de destaque tanto do Velho quanto do Novo Mundo. Boas, que já pretendia escrever sobre o mesmo assunto ao colega sueco, concordava com os seus anseios mas estava receoso quanto à possibilidade de participação de seus amigos estadunidenses, pois sem apoio institucional – é preciso lembrar que uma crise financeira assolou os EUA logo após a guerra (KARNAL et al., 2007) – ficaria difícil para jovens antropólogos arcarem, por sua própria conta, com os custos de uma viagem internacional, enquanto que os mais velhos e influentes, segundo ele, ainda estavam sob o efeito do conflito e evitariam a todo custo o encontro com alemães e austríacos[94] – Boas ainda relata que ele próprio estava sendo preterido em outros eventos por causa de ter nascido na Alemanha, o que para ele representava um absurdo. Ao mesmo tempo, Boas articulava uma declaração

---

[93] Em carta do dia 7 de junho de 1920 (FBP, APS), Rivet escreve a Boas enfatizando, no entanto, os problemas econômicos do pós-guerra: "Você tem visto como eu que o congresso de americanistas que deverá se reunir no Rio tinha que ser cancelado. Previsivelmente, por causa da situação econômica, nenhum acadêmico europeu poderá pagar o preço de uma tal viagem e eles não podem contar com subsídios dos governos, que ainda estão mais pobres que os particulares.
Como, por outro lado, é indispensável que os congressos internacionais sejam retomados o mais rápido possível, eu escrevi, depois de ter consultado MM. Seler [*sic*], Koch-Grünberg, W. Lehmann, etc…, para E. Nordenskiöld, pedindo-lhe para providenciar uma próxima reunião na Suécia. Eu acredito que qualquer que seja a dificuldade da tarefa, seja qual for o tipo qualquer de problema que possa resultar para os organizadores, é dever dos neutros tentar a aventura. Nordenskiöld possui preciosas amizades nos dois campos antigos, ele sabe que pode contar com isso, eu creio que, melhor do que ninguém, ele é capaz de realizar este projeto" (tradução livre).

[94] Em carta do dia 3 de outubro de 1920 (FBP, APS), Boas conseguiu confirmar para Nordenskiöld que apenas Robert Lowie e Nels Christian Nelson (1875-1964), ambos à época pertencentes aos quadros do *American Museum of Natural History*, desejavam participar do evento caso ele fosse realizado em 1921.

pública de seus colegas declinando a participação na organização da Instituição Antropológica planejada pela *École d'Anthropologie de Paris*, pois que a mesma só aceitaria cientistas pertencentes à Liga das Nações. Percebe-se, portanto, que, ao lado do desejo de controlar a organização dos Congressos de Americanistas, havia a militância em prol de uma antropologia não vinculada a projetos políticos nacionalistas e imperialistas, representantes da velha tradição antropológica e da velha civilização europeia.

A próxima carta foi remetida por Boas no dia 22 de novembro do mesmo ano, em resposta à outra, escrita por Nordenskiöld em 1º de novembro (que, infelizmente, encontra-se com páginas faltantes na coleção *Franz Boas Papers* da APS). Boas aguardava o posicionamento de Eduard Seller e von den Steinen, e achava que William Rivers (1864-1922), a quem Nordenskiöld deveria contatar, fosse talvez o mais ansioso por restabelecer as relações de amizades de uma rede de antropólogos que transcendia o americanismo – Boas inclusive desejava que os Congressos de Americanistas fossem fundidos com o congresso geral de Antropologia, mas não queria trazer isso à tona num momento tão delicado. Além disso, Boas aproveita para tratar de seus planos de prover a Alemanha e a Áustria da literatura antropológica estadunidense – os dois países tinham dificuldades também em receber textos franceses, ao passo que a Suécia e a Holanda envidavam esforços no sentido de fornecer alguma literatura a esses países.

A primeira menção ao congresso do Rio de Janeiro surge na carta do dia 21 de dezembro de 1921, enviada a Nordenskiöld por Boas (FBP, APS), que indaga ao remetente a este respeito. Em resposta,[95] Nordenskiöld informa ter conversado com Hrdlička e que

[95] Carta de Nordenskiöld para Boas, 29 de dezembro de 1921, FBP, APS.

este último houvera defendido o direito de a capital brasileira sediar o próximo congresso. Neste ponto, é interessante notar que os antropólogos brasileiros já possuíam uma boa influência e margem de manobra na rede transnacional de americanistas antes mesmo do apoio conseguido pelo Museu Nacional junto ao grupo de Boas. Nesse momento Simões da Silva logrou se posicionar estrategicamente do lado que se encontrava mais forte nessa rede, ou seja, aquele dominado por antropólogos diretamente vinculados às ideologias nacionalistas de seus respectivos países. Após ter decidido recuar na disputa com o Rio de Janeiro[96], Nordenskiöld deixa claro em uma outra carta o que estava em jogo nesse conflito:

> Eu recebi hoje uma carta de Simoens da Silva com um convite para o Congresso de Americanistas no Rio de Janeiro. Este tomará consequentemente lugar em agosto de 1922. Nosso convite terá então que ser apresentado no Rio. A dificuldade, portanto, será induzir os membros do Congresso a se reunirem aqui tão logo como em 1923. Nosso principal argumento para esse fim deve ser que, devido à Grande Guerra, vários anos se passaram sem que nenhum Congresso tenha ocorrido, e que é difícil para vários europeus viajarem para tão longe quanto o Rio. Um fator adicional é que o Brasil tomou parte na Guerra do lado da Entente – e talvez isso não tenha sido tomado suficientemente em consideração –, então aquele número de representantes das Potências Centrais, que poderiam vir de bom grado para o país neutro da Suécia, possivelmente não se importariam em estar presentes no Congresso do Rio. De minha própria parte eu estou extremamente ansioso para que o congresso seja realizado aqui em 1923, e é apenas por consideração aos brasileiros que eu não tentei organizá-lo antes. [97]

[96] Carta de Nordenskiöld para Boas, 9 de setembro de 1921, FBP, APS.
[97] Carta de Nordenskiöld para Boas, 3 de dezembro de 1921, FBP, APS, tradução livre.

Em resposta,[98] Boas diz que não tinha notícias a respeito do congresso brasileiro, mas que desejava que ele fosse um evento mais científico que diplomático – algo que, como vimos no capítulo anterior, não aconteceu. Restou, por fim, à "facção boasiana" propor, no Rio de Janeiro, a realização do próximo congresso na Suécia.

Para além do tema dos congressos – Boas ainda articularia para que o XXII Congresso (1926) fosse realizado novamente no Canadá (carta de 4 de junho de 1924) –, ambos trataram da necessidade de realização de mais pesquisas na América do Sul. Em carta do dia 7 de março de 1929, Boas pergunta a Nordenskiöld, por exemplo, qual língua sul-americana estava correndo maior risco de extinção, pois "há a possibilidade de levantar uma quantidade considerável de dinheiro para o estudo das línguas sul-americanas. Se algo surgir a esse respeito eu gostaria da sua cooperação no planejamento do trabalho",[99] e, embora Nordenskiöld considerasse que Júlio Tello (1880-1947) e Rivet fossem mais consistentes para avaliar o assunto, responde prontamente à solicitação de Boas em carta do dia 22 do mesmo mês. Esse, aliás, era um campo no qual o déficit de estudiosos havia tempos vinha sendo notado por Boas. Em carta em que sugere nomes para a participação no congresso de Gotemburgo, Boas se lembra de John Mason, em substituição a Edward Sapir (1884-1939), seu ex-aluno, e lamenta que "havia tão poucas pessoas aqui que trabalham com a América do Sul que é difícil encontrar uma pessoa adequada".[100]

Vê-se, portanto, que a articulação de uma rede internacional de americanistas por parte de Boas encontra na figura de Nordenskiöld um importante elemento gerador de recursos relacionais e de

[98] Carta de Boas para Nordenskiöld, 21 de dezembro de 1921, FBP, APS.
[99] Carta de Boas para Nordenskiöld, 7 de março de 1929, FBP, APS, tradução livre.
[100] Carta de Boas para Nordenskiöld, 19 de junho de 1924, FBP, APS, tradução livre.

autoridade acadêmica – haja vista o seu reconhecimento internacional como americanista, laureado pela organização de um Congresso Internacional de Americanistas –, um parceiro na luta pelo internacionalismo científico e, por fim, um aliado nas ações de salvaguarda de culturas em extinção, sendo cada vez mais claro para eles que eram aquelas situadas na América do Sul as que mais se encontravam ameaçadas naquele período.

Entre os Estados Unidos e a França

A consolidação de uma tradição etnológica francesa[101] é comumente atribuída à sua institucionalização, em 1925, por meio do *Institut d'Ethnologie* da Universidade de Paris (Sorbonne), criado por Marcel Mauss, Paul Rivet (1876-1958) e Lucien Lévy-Bruhl. Antes disso a produção antropológica francesa estaria fragmentada em diversas instituições desconectadas, apresentando uma produção que poderia ser dividida em, pelo menos, cinco correntes, com predominância da antropologia física.[102] A "etnologia" desses novos

[101] Sobre a especificidade do americanismo francês, cf. Cavignac (2011). Sobre a constituição de "estilos" antropológicos, considerando para esta definição os diferentes tipos de relação guardadas pelos(as) antropólogos(as) com as práticas colonizadoras, cf. Oliveira (1995 e 2000).

[102] Segundo Gérard Gaillard, a primeira corrente (e a predominante) seria a da "antropologia física", à qual continuaria atrelado Rivet e que teria sido fundada a partir da transformação da cadeira de anatomia e de história natural do homem do *Musée d'Histoire Naturelle*, em 1856, por Quatrefages de Bréau (1810-1892); teria também como representantes importantes Paul Broca (1824-1880), fundador da *École d'Anthropologie de Paris* e da *Société d'Anthropologie de Paris*, bem como dos seus *Bulletins et Mémoires* e de seu periódico *l'Anthropologie*, Ernest-Théodore Hamy (1842-1908), criador do *Musée d'Ethnographie du Trocadéro*, e René Vernaus (1852-1937), sucessor de Hamy que precedeu Rivet nessa última instituição. A segunda corrente estaria ligada ao conhecimento adquirido por meio do colonialismo a partir de coleções que foram apropriadas por administradores coloniais, militares e clérigos e, posteriormente, organizadas em sociedades geográficas, como a fundada em Paris em 1821. A terceira estaria ligada à tradição beletrista, ou seja, aos estudos eruditos produzidos a partir da Expedição Egípcia de Napoleão, no *Institut des Langues Orientales*, na *École Française d›Extrême-Orient* e no *Institut Fraçais de Damas*. A quarta corrente relacionar-se-ia a uma

pesquisadores seria diferente da antropologia interessada em definir biologicamente a diversidade racial humana e as supostas leis gerais que definiriam a sua evolução da barbárie à civilização.[103]

As cartas trocadas entre Boas e Rivet mostram que o primeiro foi um importante aliado na consolidação desta etnologia de caráter mais internacionalista e mais marcadamente empirista, no desenvolvimento de projetos ligados à linguística americanista e na luta antifascista e antirracista. Ainda que Boas também tenha se correspondido com Marcel Mauss, esse contato não será aqui abordado pelo fato de que os interesses desse intelectual francês se ligavam mais a uma etnologia comparada que ao americanismo em si.[104]

---

tradição mais folclorística e a movimentos de caráter nacionalista, como os esforços de Paul Sébillot (1843-1918), Pierre Saint-Yves (1870-1935) e Charles-Arnold Kurr van Gennep (1873-1957). Por fim, a quinta corrente, a da *École Française de Sociologie*, seria aquela à qual perteceram Mauss e Lévy-Bruhl, de inspiração durkheimiana (GAILLARD, 2004, p. 85).

[103] Segundo Alice Conklin, "na França, esses novos estudantes do social escolheram conscientemente o nome 'etnologistas' para distingui-los dos 'antropólogos' físicos, que eles consideravam preocupados demais com a classificação racial dos humanos, passados e presentes, e muito ligados à ideia de estágios de evolução universais e inflexíveis para as raças e civilizações. Esse mesmo grupo de etnólogos também introduziu um novo método científico que estava ganhando terreno internacionalmente: contato *in situ* com as chamadas sociedades primitivas, especialmente aquelas à mão nas colônias francesas, em vez de teorização de gabinete exclusivamente a partir de etnografias e artefatos colhidos por outros" (CONKLIN, 2013, p. 3, tradução livre).

[104] Sobrinho de Durkheim, Mauss militou em grupos de esquerda quando jovem ao lado de Charles Péguy (1873-1914), Pierre Janet (1859-1947), Lévy-Bruhl e Jean Léon Jaurès (1859-1914). Até fins do século XIX, Mauss trabalhou com história e sociologia das religiões e com linguística, em especial o estudo do sânscrito. Entre 1897 e 1898 esteve no Reino Unido, onde estabeleceu laços com o grupo de James George Frazer (1854-1941). Em 1898 assumiu a cadeira de Religiões Indianas na *École Pratique des Hautes Études*, tendo se tornado, em 1902, diretor de estudos de religiões indígenas na mesma instituição. Também foi docente do *Collège de France,* entre 1931 e 1941, até que fosse expulso pelo governo de Vichy. Sendo um dos expoentes da "*École de sociologie française*", seus estudos etnológicos espelham as preocupações durkheimianas com os elementos simbólicos geradores de coesão coletiva, a exemplo dos rituais religiosos, das formas de classificação, vida econômica, leis, moralidade etc., por meio de importantes ensaios comparativos baseados nas investigações etnográficas anteriormente realizadas por nomes como Boas e Malinowski – entre nós talvez seja mais conhecido o seu famoso *Essai sur le don*, de 1924. Mauss ainda destacou-se pela resistência ao nazismo quando da ocupação francesa e, posteriormente, por ter se dedicado à publicação

Internacionalismo científico e linguística americanista

Ao lado de von den Steinen e Nordenskiöld, Paul Rivet parece ser uma das principais referências da rede de americanistas que inclui Boas. As relações estabelecidas entre este último e o antropólogo francês já foram estudadas por Christine Laurière, com base também nas cartas arquivadas na APS (LAURIÈRE, 2010). A autora destaca três razões que uniram os dois intelectuais em função de uma causa comum: o internacionalismo científico, o interesse na linguística americanista e a luta contra o racismo. É com razão que Laurière destaca esses "pontos altos" da amizade entre os dois, e aqui interessa aprofundar como esses anseios compartilhados puderam abrir caminhos que conectariam essa rede à intelectualidade brasileira.

Laurière apresenta indicações consistentes de que a postura internacionalista de Rivet precedeu o contato com Boas. Rivet havia servido na Primeira Guerra Mundial como médico e, no seu retorno à vida civil, foi um dos principais responsáveis pela institucionalização da antropologia francesa no cenário nada promissor do pós-guerra – ainda que a memória da antropologia se lembre mais recorrentemente do nome de Marcel Mauss. Embora ainda ocupasse o modesto posto de assistente da cadeira de antropologia do *Muséum National d'Histoire Naturelle* de Paris, Rivet comprou importantes brigas no interior da *Société des Américanistes*, na qual ocupava a posição de secretário-geral, além de ter se responsabilizado pela condução do *Journal* dessa mesma instituição.[105] O antropólogo francês não

---

póstuma das obras de seus colegas e discípulos que morreram durante a Segunda Guerra Mundial (GAILLARD, 2004, p. 90-91).

[105] Segundo Julie A. Cavignac, o grupo de pesquisadores reunidos em torno da *Société des Americanistes* "mantém contato através de reuniões e publicações regulares, no *Journal* que inicia sua publicação em 1896. Essa mesma *Société*, que funciona na base do voluntariado e conta com as anuidades dos sócios para funcionar, tem sua sede numa instituição pública:

desejava interromper as trocas intelectuais estabelecidas com alemães e austríacos, e Nordenskiöld foi um importante elo entre Rivet e os americanistas das potências centrais. Contudo, outros importantes antropólogos franceses, a exemplo de Louis Édouard Lapicque (1866-1952), Mauss e Marcellin Boule (1861-1942) não o teriam apoiado nessa empreitada.

Foi necessário então que Rivet buscasse apoio externo para sustentar a sua posição quando, por exemplo, na reunião do dia 1º de abril de 1919 foi proposto que fossem excluídos da *Société des Américanistes* aqueles membros que pertencessem às nações inimigas. A tática adotada foi ameaçar o seu desligamento da Société, algo que causaria algum estrago pela dependência que a instituição tinha em relação à Rivet para a manutenção de seu *Journal*. Embora o assunto tenha sido retirado de votação, Rivet publicou o dissenso no periódico da *Société* e logo foi apoiado por nomes como Nordenskiöld, Seller (fundadores da *Société*) e Koch-Grünberg. No entanto, Rivet procurou sustentar ainda mais firmemente suas convicções internacionalistas, motivo pelo qual procurou escrever a Boas, que já vinha se manifestando contra a guerra, em busca de colaborações para a publicação que dirigia. De acordo com Laurière, "depois da guerra, Paul Rivet quis reafirmar o papel da *Société des Américanistes* como um *locus* de diálogo entre americanistas estadunidenses e europeus" (LAURIÈRE, 2010, p. 230, tradução livre).

Embora Laurière desconsidere uma primeira carta enviada por Rivet a Boas já em 8 de junho de 1909 (FBP, APS) – em relação à qual não há registro de resposta –, ela tem razão em afirmar que foi a partir da troca de correspondências iniciadas em 1919 que se selaria

---

o Museu do Trocadéro que depende do Museu Nacional de História Natural (MNHM), recebendo subvenções do Ministério das Colônias e abriga as coleções americanistas [...] guardadas em expositores num corredor escuro do velho *Troca*" (CAVIGNAC, 2011, p. 130).

uma importante relação de colaboração entre os dois americanistas. A aproximação de Rivet em relação a Boas se deu sob o pretexto de uma troca de publicações. Aproveitando-se do fato de que Boas fundara recentemente o *International Journal of American Linguistics*,[106] Rivet propõe nessas primeiras cartas a permuta de suas respectivas publicações. Rivet também envia um trabalho sobre as línguas da família cayubaba, ao mesmo tempo em que solicita que Boas, de tempos em tempos, enviasse artigos que poderiam ser publicados em francês ou inglês.

O interessante é que essa simples menção a respeito da língua de publicação dos artigos iniciou uma conversa bastante franca sobre os respectivos posicionamentos políticos acerca do clima de rivalidades nacionalistas, estabelecendo de vez uma relação de amizade que duraria até, literalmente, como veremos, o último suspiro de Boas. Este último afirma, então, em carta do dia 23 de agosto de 1919, que

> É impossível falar desses assuntos sem falar da situação política geral, e daquilo que, penso eu, deveria ser a nossa aspiração como cientistas. Por mais de trinta e cinco anos eu tenho abominado o nacionalismo no sentido em que ele tem dominado o mundo por mais de um século – um nacionalismo que é meramente a transformação da velha disputa dinástica por poder. Não há uma nação europeia que esteja livre desse artifício. Todas as políticas dos Estados europeus, como – pobre de mim – a dos [Estados] Unidos, estão centradas nessa única ideia. Ela é uma forma de pensamento social em que todas as nações têm tomado parte, e todas na mesma extensão, trazendo o mundo a um estado de falência moral e econômica. A menos que todos nós nos voltemos para novos e ampliados ideais nós não poderemos salvar o mundo de novos horrores.[107]

[106] Esta revista foi fundada por Franz Boas em 1917 (Disponível em: http://www.americanlinguistics.org/, acesso em: 08/07/2018).
[107] Carta de Boas para Rivet, 23 de agosto de 1919, FBP, APS, tradução livre.

Em seguida, aponta o dever ético do antropólogo diante da ascensão das ideologias nacionalistas naquele contexto:

> Se há alguma ciência que ensina a estreiteza das aspirações nacionais por dominação é a antropologia. Nós não vemos os sempre alargados círculos de grupos sociais começando como tribos primitivas e levando a nações modernas? Nós não vemos como a essência da vida da humanidade é primeiramente baseada na unidade cultural do grupo tribal e depois naquela de grupos sociais diversificados que não mais coincidem com limites geográficos e nacionais; e como nossos sentimentos atuais ainda estão balançados pela confusão dessas duas tendências?
> Eu não acuso aqueles que são devotados aos princípios nacionalistas de serem criminosos – pois como poderia ser possível marcar repentinamente como um crime o que tem sido louvado como a mais elevada virtude por milhares de anos –, mas eu realmente acredito que os seus ideais devem ser superados e eu considero isso nosso dever como cientistas, fazer a nossa parte nesta batalha de ideais.[108]

Por fim, esclarece a respeito de suas próprias utopias e demonstra seu profundo descontentamento com os rumos impostos aos europeus pelos seus governantes:

> Deixe-me esclarecer-me. Eu não argumento pela uniformidade universal. Nada, eu acredito, poderia ser mais prejudicial ao avanço da humanidade do que aquela estreiteza de visão que busca impor seus próprios ideais a todo o mundo, como nós estadunidenses fazemos. O homem vai e deve manter características individuais, nacionais e sociais, pois cada uma delas pode contribuir com sua parte para o bem comum. Mas diferenças não deveriam significar desconfiança mútua, ódio e vontade de dominação e supressão.

[108] Idem, tradução livre.

> Eu não quero ferir seus sentimentos, mas deixe-me dizer que apenas uma coisa é mais deprimente do que a miopia de seus estadistas, que estão pavimentando o caminho para horrores futuros, e que não podem ver, devido à bajulação barata da França pela Inglaterra, que ela está sendo reduzida à posição de um satélite que vive por sua graça. Esse é o miserável papel desempenhado por nossos representantes nestas negociações de paz. Eu sinto que eu tenho o direito de falar como eu falo. Meus filhos serviram no Exército Americano, os filhos de parentes queridos no Exército Francês, e aqueles de outras relações e amizades queridas no Exército Alemão. Eu sei que todos eles abominam a guerra. Por quanto tempo nós teremos que lutar as guerras de Luís XV, de Pedro o Grande e [ilegível]? Eu ouso dizer que o tempo de um acordo entre França e Alemanha só chegará quando for indiferente a quem a Alsácia pertença.[109]

É interessante transcrever essa última carta quase que em sua íntegra pelo fato de que seu teor mostra o quanto a prática científica estava (e continua) permeável aos efeitos externos das disputas políticas de seu tempo. O que se percebe são reações de determinadas pessoas, por meio dos instrumentos de que dispõem, a agenciamentos que perpassam suas vidas e as atingem em suas práticas cotidianas. Enquanto parte dos intelectuais se aproveitava do momento para se aliar aos Estados nacionais que representavam – adquirindo desse modo recursos externos para as disputas que travavam no interior de seus respectivos campos científicos –, Boas e Rivet optaram por construir redes de resistência a esse tipo de pressão externa em prol de outros ideais de sociedade. Seu ideal civilizacional moderno pressupunha, portanto, a autonomia da produção científica em relação à política dos Estados nacionais, ao passo que as nações, enquanto conjunto de realizações culturais específicas, deveriam, todas, serem respeitadas. É interessante notar que a ideia de uma humanidade

[109] Idem, tradução livre.

caracterizada pelo conjunto de diversos *Nationalcharakter*, comum à tradição herderiana/humboldtiana, sustenta claramente o posicionamento ético-político de Boas: "O homem vai e deve manter características individuais, nacionais e sociais, pois cada uma delas pode contribuir com sua parte para o bem comum".

Essa resistência poderia significar, por exemplo, redigir um artigo em alemão num contexto intelectual que almejava boicotar a produção advinda das potências centrais e seus respectivos aliados. Essa foi uma condição proposta por Boas para que remetesse um artigo ao *Journal* conduzido por Rivet. Em resposta, o antropólogo francês escreve, com data do dia 4 de setembro de 1919, uma longa carta, "com uma igual sinceridade" (*avec une égale sincérité*), na qual demonstra partilhar do antinacionalismo boasiano e reforça o que foi dito acima a respeito das relações dos intelectuais para com o seu próprio campo: "Eu não sou daqueles que se deixam desencorajar pela enormidade da tarefa; trabalharei, portanto, pacientemente, tenazmente, para compartilhar minhas ideias com os meus compatriotas".[110]

Posicionar-se não significava, no entanto, agir com imprudência, e Rivet lembrou a Boas que, naquele momento, quando os ânimos ainda estavam muito acirrados, escrever um artigo em alemão seria tomado como um ato de provocação de modo a inviabilizar o almejado restabelecimento da livre circulação de conhecimento científico. Ademais, só o fato de publicarem juntos no mesmo número, além de Boas, os alemães Koch-Grünberg e Seller, já seria um importante passo naquele sentido. Boas não só acatou a sugestão de Rivet como tomou a sua resposta como "o primeiro raio de luz na escuridão das condições internacionais atuais".[111]

---

[110] Carta de Rivet para Boas, 4 de setembro de 1919, FBP, APS, tradução livre.
[111] Carta de Boas para Rivet, 9 de outubro de 1919, FBP, APS, tradução livre.

A partir de então, ao longo da década de 1920, Boas passou a colaborar ativamente com o restabelecimento da circulação do conhecimento antropológico na Europa, seja pela intermediação de laços intelectuais ou por meio de apoio financeiro angariado nos EUA. Por ser assunto já abordado por Laurière e a fim de não tornar cansativo o acompanhamento do desenrolar dessa conexão intelectual específica, essas ações não serão tomadas aqui em seus pormenores. Basta apontar que, segundo Laurière, elas não foram suficientes para os fins almejados por Rivet: "não houve nada semelhante à resposta oficial com a qual Paul Rivet sonhou e que poderia ter indicado publicamente alguma bonança e a renovação da normalidade das relações" (LAURIÈRE, 2010, p. 233, tradução livre). Algo desse tipo só foi possível com a realização do XXI Congresso Internacional de Americanistas, sediado, como vimos, em Haia e em Gotemburgo, em agosto de 1924. E aqui retomamos o ponto no qual foram mais ou menos deixadas as relações entre Boas e Nordenskiöld, este último também um importante aliado de Rivet.

Esse congresso acabou endossando o projeto de internacionalismo científico de Rivet. De acordo com Laurière, o presidente do congresso deu grande ênfase nas boas-vindas ao antropólogo francês, o "rebite" (*rivet*, em inglês) que manteve a *Société des Américanistes* unida ao longo daqueles anos (LAURIÈRE, 2010, p. 233). Em foto arranjada por Nordenskiöld e publicada num jornal de Gotemburgo, Rivet ainda aparecia dando um aperto de mão bastante simbólico em Karl von den Steinen (LAURIÈRE, 2010, p. 234). Essa teria sido também a primeira vez em que Boas e Rivet se conheceram pessoalmente, depois de cinco anos de constante contato epistolar. Tendo ouvido falar que Boas nutria simpatias pelo Partido Socialista dos Estados Unidos, logo estreitou ainda mais sua amizade com o colega estadunidense,

pois também havia sido membro do Partido Socialista Francês, tendo inclusive conhecido o político socialista Jean Léon Jaurès (1859-1914) pessoalmente. É importante apontar aqui que foi também neste congresso que Boas conheceu pessoalmente Edgard Roquette-Pinto, tendo lhe convidado em seguida para visitar os EUA.[112] Alguns anos depois esse seria o canal por meio do qual Boas enviaria os seus primeiros alunos para realização de pesquisas de campo no Brasil.

O segundo ponto que favoreceu o estreitamento de laços entre os dois intelectuais foi o interesse pela linguística ameríndia. Segundo Laurière, após uma missão no Equador, em 1906, Rivet começou a explorar um paradigma de cunho difusionista a fim de propor uma reclassificação das línguas sul-americanas. Esse método de reconstituição histórico-geográfico acabaria por mostrar que a linguística poderia ser uma ferramenta eficaz para determinar as origens dos povos americanos, e logo Rivet procuraria tecer análises comparativas entre as línguas sul-americanas e as dos povos da Oceania.[113]

Ainda que Boas se opusesse às conclusões às quais chegou Rivet,[114] esse tipo de abordagem metodológica mais os aproximava

---

[112] É o próprio Roquette-Pinto que dá conta desse encontro num artigo publicado em 1953, na coluna que mantinha no *Jornal do Brasil* (SANTOS, 2012).

[113] Ainda de acordo com Laurière, "é necessário entender tudo aquilo que está implicado pelo difusionismo, e não fazer uma caricatura precipitada disso. Ao contrário das inflexibilidades e da abstração teórica dos modelos evolucionistas, o difusionismo propôs ancorar suas análises na história e na realidade objetificável por meio do estudo da distribuição e da propagação de artefatos, traços culturais ou características linguísticas a fim de reconstruir a história das sociedades sem escrita. Ele associou o ser humano à sua cultura e não mais apenas com a sua natureza e raça (LAURIÈRE, 2010, p. 235, tradução livre).

[114] A este respeito as cartas trocadas entre os dois acadêmicos a partir de meados de novembro de 1924 apresentam um rico material que também não será aqui explorado por ser um assunto que se desviaria de modo indevido do objeto deste livro. Bastaria notar, seguindo Laurière, que, em primeiro lugar, há uma diferença entre "o linguista estadunidense que estava interessado na estrutura interna das linguagens e preocupado com o desenvolvimento do *corpus* de materiais disponíveis, e o americanista francês, cuja abordagem classificatória e genealógica era baseada parcialmente em uma busca pelas origens ao longo das linhas

entre si do que em relação ao grande contingente de antropólogos ainda presos nos paradigmas evolucionistas e racistas. Isso explica a constante colaboração mútua em seus respectivos periódicos (LAURIÈRE, 2010, p. 238).

Mais importante para os fins deste trabalho, no entanto, é o fato de os dois intelectuais terem se tornado importantes aliados na luta contra o desaparecimento de línguas em via de extinção na América do Sul. Rivet, além de ter ele próprio realizado uma série de pesquisas em quase todo o continente, passando inclusive pelo Brasil, incentivou seus discípulos do *Musée de l'Homme* de Paris, do qual seria fundador e diretor – a exemplo de Dina Dreyfus (1911-1999) e Claude Lévi-Strauss (1908-2009) – a trabalharem por aqui em colaboração, por exemplo, com o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e com a Sociedade de Etnografia e Folclore.

Boas, por sua vez, planejava desenvolver um projeto semelhante ao seu *Handbook of North American Indians Languages* – que havia realizado com o apoio do *Bureau of American Ethnograpy* da *Smithsonian Institution –,* mas voltado para a América do Sul, e para isso desejava contar com o suporte de Rivet: "nós devemos saber quais regiões cujo trabalho, por causa da extinção das línguas, é mais

---

do modelo filológico, então advogado na França, que tentou redescobrir a língua pura ou o texto original imaculado pela deterioração que cópias ou contatos com outras línguas teriam causado" (LAURIÈRE, 2010, p. 236-237, tradução livre). Além disso, "cada um dos dois intelectuais abordou a Babel americana diferentemente: embora ambos estivessem ocupados classificando e ordenando, suas conclusões divergiram totalmente. Paul Rivet quis reduzir a diversidade a poucas unidades fundadoras, à custa da utilização de um ousado comparativismo, ao passo que Franz Boas reconheceu essa diversidade e a tomou como um ponto de partida fundamental e característico da paisagem linguística 'original' em que, numa gradual interação, as línguas americanas tomaram elementos emprestados, variaram, flutuaram e foram transformadas – tudo terminando com uma 'semelhança familiar', porque elas estiveram ou se mantiveram em contato por algum tempo" (LAURIÈRE, 2010, p. 237, tradução livre). Escapou a Laurière apenas colocar esse conflito em termos de uma tradição epistemológica humboldtiana à qual se filiava Boas e que permite compreender com maior clareza qual era o ponto fundamental da divisão: a perspectiva indutivista/empirista de Boas *versus* a dedutivista/racionalista de Rivet.

urgentemente necessário. Eu ficaria muito grato se você pudesse gentilmente me fornecer qualquer informação que possa ter a respeito deste ponto".[115] Bem antes disso Rivet também já havia demonstrado interesse num projeto deste tipo:

> Eu também pensei em aproveitar o Congresso [de Americanistas de Haia/Gotemburgo] para pedir aos delegados da *Smithsonian* que estudem os meios de fazer para a América Central e para a América do Sul um "*Handbook of American Indian*", análogo ao "*Handbook*" de Hodge para a América do Norte. Eu estou convencido de que uma grande quantidade de cientistas europeus (Nordenskiöld, Koch-Grünberg, Lehmann, Preuss, Krickenberg, Karsten, eu) aceitariam colaborar com ele. A gente poderia então fazer um apelo aos sul-americanos: Lehmann-Nitsche, Outes, Tello, a quem você irá encontrar e levará minhas melhores lembranças. O que você acha?[116]

Voltando à proposta feita por Boas, Rivet, que nesse período já havia sido encarregado da reformulação da seção de antropologia do Museu do Trocadéro – e estava ansioso em mostrar o resultado a Boas –, responde-lhe prontamente,[117] (1º de abril) enviando uma listagem das línguas que deveriam ser investigadas mais urgentemente na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil, e a respeito deste último país menciona em especial os trabalhos de Rondon e Curt Nimuendajú.

Dois anos depois, Boas retoma o assunto, tendo em vista que agora acreditava poder contar com apoio financeiro e institucional do *Council of Learned Societies* em conjunto com os governos dos países latino-americanos:

---

[115] Carta de Boas para Rivet, 18 de março de 1929, FBP, APS, tradução livre.
[116] Carta de Rivet para Boas, 23 de fevereiro de 1924, FBP, APS, tradução livre.
[117] Carta de Rivet para Boas, 1º de abril de 1929, FBP, APS.

> Eu estou tentando obter fundos para um estudo sistemático das línguas na América Latina. Eu fui tão longe que o *Council of Learned Societies* levou o assunto a sério e parece que será possível avançar nisso, desde que possa ser desenvolvido como um entendimento cooperativo entre o *Council of Learned Societies* e os governos e instituições da América do Sul.[118]

Em resposta,[119] Rivet fala sobre a necessidade de se enviar alguém para a região situada entre a Bolívia e o Peru. Boas reconhece a urgência da indicação feita pelo amigo francês, mas explica que o suporte financeiro dessas pesquisas devia envolver instituições ligadas a governos nacionais latino-americanos, e por esse motivo havia pensado que Rivet pudesse intermediar algo preferencialmente relacionado à Guiana Francesa.

Essa exigência de imbricação de instituições governamentais latino-americanas nas ações de colaboração cultural bilateral envolvendo os Estados Unidos se tornaria cada vez mais comum a partir de então. Criavam-se condições financeiras e institucionais para que o americanismo estadunidense pudesse enfim deslanchar, mas, por outro lado, ainda havia o problema da falta de pessoal qualificado para levar essa tarefa a cabo:

> Eu estou fazendo a ousada tentativa de convencer fundações de que serão requeridos anualmente cerca de $100,000, durante alguns anos, para obter as informações necessárias sobre as línguas ameríndias tanto na América do Norte quanto do Sul, e eu enfatizo que se esse trabalho não for feito agora ele nunca mais o será. Há interesse, mas eles insistem que querem a cooperação de países estrangeiros. Talvez você possa me ajudar a obter a cooperação de sul-americanos. Aqui, a *Guggenheim*

[118] Carta de Boas para Rivet, 18 de fevereiro de 1931, FBP, APS, tradução livre.
[119] Carta de Rivet para Boas, 1º de maio de 1931, FBP, APS.

> *Foundation* desejaria fornecer um estipêndio para estudantes sul-americanos que possam querer vir para cá para estudar os métodos adequados do estudo linguístico, mas eu não tenho informações a respeito de jovens realmente promissores. Então, outro ponto seria que nós descobríssemos um número de pessoas jovens nas Américas do Sul e Central que pudessem ser usadas para este propósito. Eu espero fazer os arranjos ao longo deste ano com Gonzales Casanova do México.[120]

Boas acabaria se distanciando desse modelo de financiamento, como veremos no "Capítulo 8", tão logo percebesse que ele se imbricaria diretamente com a geopolítica estadunidense, sobretudo a partir dos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Todavia, por enquanto essas pareciam boas oportunidades de viabilização da missão salvacionista desses antropólogos americanistas.

Ainda sobre os laços criados em função do interesse pela linguística americanista, por meio deles foi criada uma conexão direta com um outro intelectual brasileiro. No XXIII Congresso Internacional de Americanistas, realizado em 1930 em Nova York e organizado e presidido dessa vez pelo próprio Boas, havia sido apontado um comitê para tratar desse assunto, presidido por ele mesmo e ainda composto por "Devenedetti", o brasileiro José Rodrigues Leite e Oiticica (1882-1957) e Casanova – provavelmente o linguista Pablo Gonzáles Casanova (1889-1936). Como Devenedetti havia falecido, convidava Rivet, que aparentemente não pôde participar do congresso novaiorquino, para ocupar o seu lugar.

Neste ponto aparece uma curta correspondência trocada entre Boas e José Oiticica – a quem o primeiro se refere ora como "José Oiticico" ora como "Oiticicia".[121] Na primeira carta enviada por Boas

[120] Carta de Boas para Rivet, 13 de março de 1931, FBP, APS, tradução livre.

[121] O mineiro José Rodrigues Leite e Oiticica chegou a estudar direito e medicina, não

a Oiticica (27 de setembro de 1930), o antropólogo da Universidade Columbia demonstra o seu interesse em desenvolver o projeto a respeito do qual logo trataria com Rivet. A carta será transcrita quase que em sua íntegra em função de sua importância:

> Eu tive uma reunião ontem com o secretário do *Council of Learned Societies* a respeito da questão da investigação das línguas indígenas na América Latina. No que diz respeito ao Brasil nós chegamos à conclusão de que seria melhor fazer uma proposta formal de que nós enviaríamos um investigador daqui, desde que o governo brasileiro indique outro investigador e que os dois possam cooperar. Isso, claro, seria altamente desejável a fim de haver, tanto quanto possível, uniformidade de método de transcrição fonética.
>
> Eu gostaria, portanto, de sugerir que você escreva para o Brasil fazendo esta sugestão que, todavia, deve ser provisória só até quando eu puder movimentar o *Council of Learned Societies*, que irá se reunir nos últimos dias de janeiro de 1931.
>
> Eu acho que se você pudesse conseguir a concordância do governo brasileiro com uma proposta deste tipo, eu posso conseguir os fundos para enviar um pesquisador. Eu próprio preferiria começar com as línguas jês.[122]

---

concluindo nenhum dos cursos a fim de se dedicar ao magistério (foi professor de português no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro) e à pesquisa filológica. Oiticica, pai do famoso artista plástico Hélio Oiticica, ficou conhecido também por ser um destacado militante anarquista, tendo sido um dos principais articuladores da Insurreição Anarquista de 1918 e publicado os livros *Princípios e fins do programa comunista-anarquista* (1919) e *A doutrina anarquista ao alcance de todos* (1925). À época da conversa com Boas, José Oiticica havia sido convidado para lecionar Filologia na Universidade de Hamburgo, na Alemanha, e mais tarde viria a lecionar também na Universidade do Distrito Federal (FIGUEIRA, 2008).

[122] Carta de Boas a Oiticica, 27 de setembro de 1930, FBP, APS, tradução livre.

Em resposta, Oiticica escreve o seguinte:

> Eu mandarei uma cópia da sua carta para o Sr. Roquette-Pinto, diretor do Museu Nacional do Rio, e sugerirei para ele o que eu acho o melhor a ser feito. Nós não temos um instituto filológico no Brasil e é muito difícil encontrar um homem certo para colaborar com o especialista que você pretende mandar para lá. Apenas o coronel Tenorio de Albuquerque, que fala perfeitamente guarani e cultiva várias línguas indígenas, se encaixa num trabalho tão importante como esse, mas eu suponho que ele nunca deixaria o Rio, onde ele ensina matemática e química. O que a filologia sul-americana precisa para o seu aprimoramento é uma escola onde alguns especialistas (dos Estados Unidos ou de qualquer outro lugar) ensinem vários estudantes brasileiros como lidar com as línguas indígenas. Nós precisamos de muitos pesquisadores, de toda uma legião, para um pesado e amplo trabalho que é imediatamente necessário.[123]

Quando se tratava, na década de 1930, de realização de pesquisas linguísticas/antropológicas no Brasil, os projetos estadunidenses acabavam por se deparar com o Museu Nacional. Oiticica certamente não gozava de prestígio junto ao governo brasileiro em função de sua militância anarquista, e Roquette-Pinto comandava a única instituição brasileira em condições de fornecer, à época, a colaboração institucional almejada pelo *Council of Learned Societies.* É interessante notar também que a ideia de trazer pesquisadores estadunidenses para treinar brasileiros em pesquisas linguísticas antecede as articulações posteriormente feitas por Heloisa Alberto Torres nesse sentido.

Boas ainda voltaria a escrever a Oiticica (1º de abril de 1931), desta vez em função da morte de Debenedetti. O intuito era consultá-lo a respeito de um substituto para o lugar do filólogo italiano no

[123] Carta de Oiticica para Boas, 27 de outubro de 1930, FBP, APS, tradução livre.

comitê para o estudo das línguas sul-americanas, e suas sugestões eram Rivet, Nordenskiöld e Preuss. Boas ainda afirmou que estava "negociando com fundações aqui [dos Estados Unidos] a respeito de financiar um trabalho deste tipo mas, até agora, não há nada definido para informar".[124] O plano inicial havia falhado, mas no ano seguinte Boas já procuraria Edgard Roquette-Pinto para que ele orientasse Jules Henry Blumensohn, seu aluno de Columbia, na realização de pesquisas linguísticas no Brasil.

A ascensão nazista e o antirracismo

Voltemos agora a Paul Rivet. A ascensão nazista causaria um profundo impacto nos rumos das redes e da produção antropológica a partir da década de 1930. As correspondências entre Boas e Rivet mostram dois momentos desse processo de mudanças. No primeiro deles, o esforço intelectual foi redirecionado para a defesa ou a denúncia da eugenia negativa, ou seja, a esterilização ou o extermínio das "raças" não arianas. Seja por meio da produção de cartas abertas, congressos[125] ou publicações, Rivet e Boas se articularam no intuito de fazer frente aos argumentos dos "cientistas" nazistas.

Outra forma de resistência foi a organização de redes de apoio a intelectuais exilados, que vieram a fundar ou participar da criação de uma série de instituições científicas e educacionais nas Américas como forma alternativa de sobrevivência nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial até o final desse conflito. O *Musée de l'Homme* foi especialmente perseguido por conta do posicionamento

[124] Carta de Boas para Oiticica, 1º de abril de 1931, FBP, APS, tradução livre.

[125] Como o que foi organizado por Rivet e pelo *Groupement d'Étude et d'Éducation*, em que se planejava derrubar sistematicamente as teses pseudo-científicas nazistas. Christine Laurière (2010) afirma que o resultado desse evento foi, na verdade, inócuo, uma vez que se transformou mais numa disputa entre crenças ideológicas do que entre propostas científicas.

político à esquerda de seus membros e em função de suas origens judaicas (CAVIGNAC, 2011).

Em carta do dia 26 de junho de 1933 (FBP, APS), Boas informa que já estavam sendo acolhidos cerca de quinze cientistas sociais na *New School for Social Research* – dentre eles seriam empregados, por exemplo, Claude Lévi-Strauss, que se tornou secretário-geral do *Centre d'Études et d'Informations pour les Relations Avec l'Amérique Centrale et l'Amérique du Sud* da *École Libre des Hautes Études*, e Alfred Métraux –, quatro na própria Universidade Columbia e, provavelmente, mais vinte na Universidade de Chicago, além de outras universidades que "estavam se movendo na mesma direção".[126] No entanto, o mais importante seria oferecer bolsas a jovens pesquisadores em "posição mais desesperadora do que daqueles mais velhos".[127]

O próprio Rivet ficou exilado em Bogotá, Colômbia, como refugiado em função do governo de Vichy.[128] Além de pedir ajuda ao velho amigo pelo fato de que sua biblioteca havia sido sequestrada pelos alemães, Rivet escreveu com entusiasmo sobre os projetos que vinha desenvolvendo na Colômbia: fundou um "Instituto de Etnologia" (o Instituto Etnológico Nacional), fez amizade com o presidente Eduardo Santos Montejo (1888-1974) e estava com esperança "de

---

[126] Carta de Boas para Rivet, 26 de junho de 1933, FBP, APS.

[127] Carta de Boas para Rivet, 26 de junho de 1933, FBP, APS.

[128] Carta de Rivet para Boas, 14 de agosto de 1941, FBP, APS. Segundo Julie Cavignac, Rivet, "socialista convencido, é nomeado presidente do Comitê de vigilância dos intelectuais antifascistas, compõe o grupo de resistência conhecido como *réseau du Musée de l'Homme*. Próximo do General de Gaulle, foi exilado durante a Segunda Guerra Mundial na Colômbia e no México onde será designado como adido cultural para toda América Latina do Comitê Francês de Libertação Nacional (CFLN), notadamente no México e na Colômbia onde ele impulsionará novas pesquisas, auxiliando na implementação dos institutos e museus de etnologia. No seu retorno à França em 1944, retoma a carreira política e a luta contra o racismo que ocupa o velho socialista idealista. Este grande animador da pesquisa acadêmica na França liberta organiza o 47º Congresso dos Americanistas e multiplica suas intervenções em nível internacional, sendo um ardente defensor do internacionalismo científico e político" (CAVIGNAC, 2011, p. 133).

realizar uma grande obra", como, por exemplo, dirigir um importante centro de pesquisa do país, ainda que o seu principal interesse fosse estudar as línguas que à época corriam risco de extinção. Lá Rivet também conseguiu se ligar a promissores pesquisadores locais, como Manuel José Casas Manrique (1892-1973), Sérgio Eliás Ortiz (1894-1978) e Padre Marcelino de Castellví (Juan Marcelino Canyes Santacana, 1908-1951), aos quais se juntariam Henri Lehmann (1905-1991) e Georgette Soustelle (1909-1999), franceses para quem aproveita para pedir uma possível bolsa da Fundação Rockefeller por intermédio de Boas. Em resposta ao pedido de ajuda de Rivet, Boas sugere que ele entrasse em contato com Henry Allen Moe (que foi uma figura central na rede antropológicas interamericanista da qual tratarei nos capítulos 6, 7 e 8 deste livro), a quem considerava ser "bastante independente da organização governamental que financia os seus planos".[129]

Rivet ainda se encontraria uma vez mais com Boas. Em um dos "*thursdays luncheons*" (almoços das quintas-feiras) que Boas fazia questão de manter com seus alunos na Universidade Columbia, Rivet, de passagem por Nova York em 1942, pôde rever o velho amigo e conversar sobre seus projetos comuns – um jovem ainda pouco conhecido também presente nessa reunião informal foi Lévi-Strauss. Infelizmente essa seria a última conversa entre os dois, pois, após defender ardentemente os princípios antirracistas que deveriam nortear a prática dos antropólogos, sobretudo em tempos tão tenebrosos, Boas daria o seu último suspiro, atendo-se até o fim de sua vida aos valores pelos quais tanto lutou (LAURIÈRE, 2010).

[129] Carta de Boas para Rivet, 25 de agosto de 1941, FBP, APS.

Desentendimentos teóricos

Mas não foi só apenas com Rivet que Boas se correspondeu na França. Com relação a Lucien Lévy-Bruhl é interessante mencionar o conteúdo das poucas cartas que trocou com Boas em função das divergências de caráter teórico que, mais uma vez, expressam os limites entre a antropologia cultural boasiana e a etnologia francesa.

Lévy-Bruhl estudou filosofia na *École Normal Supérieure*, onde se tornou amigo de Jean Jaurés e passou a compartilhar de seus ideais socialistas. Após defender sua tese em filosofia, em 1884, Lévy-Bruhl foi nomeado para a cadeira de história da filosofia moderna na Sorbonne em 1904. A partir dessa época passou a empreender investigações em filosofia sociológica de inspiração comtiana e durkheimiana (*La morale et la science des moeurs*, 1910), e, posteriormente, graças ao progressivo sucesso da psicologia na academia francesa, desenvolveu os seus primeiros estudos sobre as características da "mentalidade primitiva", para os quais utilizou dados etnográficos recolhidos por outros estudiosos – *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*, 1910, *La mentalité primitive*, 1922, *L'ame primitive*, 1927, *Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive*, 1931, *Mythologie primitive*, 1935, *L'expérience mystique et les symboles chez les primitifs*, 1938 (GAILLARD, 2004, p. 88-89).

Nas poucas cartas que trocaram, Boas e Lévy-Bruhl expressaram uma mútua colaboração, não obstante seja também explicitada uma clara discordância teórica entre os dois. Em carta do dia 6 de maio de 1927 (FBP, APS), por exemplo, Boas agradece por ter recebido de Lévy-Bruhl o seu livro *L'ame primitive*, e em retribuição lhe enviava um artigo que ele próprio havia escrito sobre o conceito de imortalidade entre os povos primitivos, atestando também entre ambos uma troca de publicações que já verificamos ser corriqueira no interior dessa

rede transnacional de americanistas. Lévy-Bruhl também já havia sido acionado antes, quando Boas se esforçava em restabelecer o fluxo de publicações antropológicas na Europa pós-Primeira Guerra.[130] Uma outra forma de colaboração eram os títulos honoríficos: em carta de 29 de janeiro de 1930 (FBP, APS), Boas agradece Lévy-Bruhl por ter sido eleito membro honorário do *Institut Fraçais d'Anthropologie*.

O desentendimento teórico-metodológico entre os dois, por sua vez, aparece em duas cartas. A primeira é a que data de 18 de junho de 1929, em que Lévy-Bruhl trata de um artigo que havia recebido de Boas a seu respeito: "Eu sei que você tem objeções a respeito do meu método e hipótese geral, e eu lamento por isso. Mas, embora eu sinta com muita força o que você está dizendo, eu também sinto que não posso me render e, assim como vários autores, não posso deixar de pensar que eu não estou assim tão longe da verdade. Mas, de todo modo, é uma honra ser criticado por você".[131] De sua parte, Boas teceu alguns comentários críticos a respeito de *La mythologie primitive* em carta do dia 28 de março de 1935 (FBP, APS), embora afirmasse que havia lido o livro com um grande interesse e que concordava com a divisão entre "era mitológica" e "era moderna", bem como a respeito das suas colocações sobre as relações entre mitologia e folclore. O que se percebe, no entanto, é que Boas pretende reafirmar a precedência do método indutivo sobre o dedutivo. Em primeiro lugar, Boas escreve que "sua experiência com o material americano" não lhe deixava concordar com a afirmação de Lévy-Bruhl segundo a qual o mito precederia o ritual. Outro ponto, também pautado nas evidências particulares colhidas na América do Norte, diz respeito às relações entre mito e literatura, por um lado, e entre rito e drama, por outro, com a qual também não concordava.

---

[130] Carta de Rivet para Boas, 26 de maio de 1925, FBP, APS.

[131] Carta de Lévy-Bruhl para Boas, 18 de junho de 1929, FBP, APS, tradução livre.

Esse clima de certa oposição também se estendia aos discípulos de Boas. Embora tenha encontrado satisfação em conhecer o grupo de jovens pesquisadores do Museu do Trocadéro, Melville Jean Herskovits (1895-1963) – a respeito de quem voltarei a tratar no próximo capítulo – conta que havia visto Lévy-Bruhl pessoalmente outro dia, e este o amolava se queixando de que "é só nos Estados Unidos e Inglaterra que estas teorias não são aceitas – 'Isto, suponho', ele disse, 'é porque vocês têm dado importância demais para o trabalho de campo!".[132]

Uma pequena nova geração de americanistas franceses

Paul Rivet, Marcel Mauss e Lucien Lévy-Bruhl foram responsáveis pela formação de jovens intelectuais que consolidariam a "tradição etnológica francesa".[133] Além de fundarem, como vimos, o *Institut d'Ethnologie* em 1925, esses três antropólogos criaram ainda o revolucionário *Musée de l'Homme*, que abriu suas portas em 1938. A institucionalização da antropologia francesa na primeira metade do século XX foi, portanto, de acordo com Cavignac,

> executada sob as diretrizes dos professores Marcel Mauss, Paul Rivet e Lucien Lévy-Bruhl que compartilhavam uma ideologia ligada a um socialismo humanista preocupado em educar as massas, promover o progresso, incentivar a amizade entre as nações e eliminar o racismo. Ao mesmo tempo, todos eram convencidos da importância da pesquisa empírica e uma grande parte desses estudos tinha como centro de interesse as técnicas

[132] "Carta de Melville J. Herskovits para Boas, 28 de abril de 1938, FBP, APS, tradução livre.

[133] Ainda que a centralização do poder nesse grupo também tenha acarretado efeitos perversos. Gaillard lembra, por exemplo, que os projetos de van Gennep, voltados para o *Institut Ethnographique Internacional de Paris*, para *Revue d'Ethnographie et de Sociologie* e para um sonhado *Musée des civilizations*, numa perspectiva mais folclorística, entraram todos em colapso em função do predomínio do *Institut d'Ethnologie* (GAILLARD, 2004, p. 87).

> e a cultura material, testemunhos da diversidade das sociedades humanas: o museu moderno que ia ser inaugurado em 1937 foi pensado como sendo a vitrine da humanidade e não mais um museu colonial (CAVIGNAC, 2011, p. 121).

Além dessa importante dimensão política, o *Musée de l'Homme* ainda se distinguiria pela forma da narrativa museográfica por meio da qual expressaria esses ideais humanísticos: não se tratava mais de apresentar os diversos povos humanos numa narrativa/descrição de caráter hierárquico que culminava, sempre, na posição de superioridade das nações do Ocidente. Ainda aqui é possível perceber a presença proeminente de Boas, pois, segundo Rivet, "graças a ele eu pude imaginar o que um verdadeiro Museu da Humanidade deveria ser, isto é, um museu panorâmico onde o visitante poderia encontrar o retrato completo das raças, civilizações e línguas do mundo. Eu devo a Boas ter podido trazer o *Musée de l'Homme* à vida depois de vinte anos de esforços" (apud LAURIÈRE, 2010, p. 225, tradução livre).

Ainda que aqui seja possível identificar uma série de afinidades ideológicas entre esse setor mais progressista da antropologia francesa e a frente boasiana, Fernanda Peixoto (1998) identifica, no entanto, um corte geracional entre os fundadores do *Institut d'Ethnologie* e seus discípulos imediatos que tornou estes últimos ainda mais próximos da perspectiva antropológica anglo-saxã. É importante notar essa sutil quebra pois foi ela que teria orientado o incremento das pesquisas etnológicas no Brasil por franceses depois do próprio Rivet.[134]

---

[134] De acordo com Peixoto, esse segundo momento, que tem início em finais dos anos 20 e começo da década de 30, está marcado pela entrada em cena dos especialistas, formados nas faculdades da época, que divulgam os resultados de suas primeiras investigações. Os viajantes, grandes responsáveis até então pelas informações sobre as Américas, cedem lugar aos "novos americanistas": *Alfred Métraux*, que em 1926 estréia na publicação com um artigo sobre as migrações históricas dos Tupi-Guarani; *Jean Vellard*, que assina em 1934 o primeiro de uma série de artigos sobre os Guayaqui; *Jacques Soustelle*, que divulga suas pesquisas com as populações mexicanas a partir de 1935; *Lévi-Strauss*, autor de um longo

Tratava-se de um grupo de etnólogos que, conforme confessara o próprio Claude Lévi-Strauss, “estava conquistado naquele momento por uma etnologia de inspiração anglo-saxã” (apud PEIXOTO, 1998, p. 97). Cavignac, por sua vez, escreve o seguinte a respeito deste grupo de pesquisadores mais jovens: “sensíveis à necessidade de realizar pesquisa de campo, os administradores do Institut d’Ethnologie foram responsáveis pela formação intelectual e pelo destino dos primeiros etnógrafos que iniciaram suas expedições nos anos 1930: entre os discípulos, encontramos poucos americanistas e, entre esses, uma minoria escolherá o Brasil como campo de investigação” (CAVIGNAC, 2011, p. 126). No entanto, é preciso notar que há quem veja mais continuidades do que quebras de paradigmas entre essas duas gerações, a exemplo de Alice Conklin, para quem

> os estudantes de doutorado de Mauss se tornaram a infantaria desbravadora da etnologia, testando empiricamente no campo certas constantes antropológicas que Mauss formulara para compreender os diferentes modos de vida dos povos “primitivos”, e trabalhando colaborativamente como um grupo para sintetizar seus resultados a fim de fundar uma genuinamente nova escola “maussiana”. Ambos socialistas ativos, Mauss e Rivet nutriram um forte senso de solidariedade em sua jovem comunidade, bem como um comprometimento profundo com o antirracismo e o pluralismo cultural: um humanismo vivo e uma abertura para o mundo, numa época de intensificação do racismo, do individualismo e crescimento do autoritarismo de direita e de esquerda. Muitos destes estudantes trabalharam ao longo da década de 1930 no *Musée de l’Homme* tentando modernizá-lo e trazer essa mensagem de tolerância para um público mais amplo por meio de suas exibições (CONKLIN, 2013, p. 3, tradução livre).

---

artigo sobre os Bororo, em 1936 (PEIXOTO, 1998, p. 85-86).

De todo modo, embora a necessidade de apoio governamental tenha direcionado as pesquisas dos antropólogos predominantemente para as colônias francesas (CAVIGNAC, 2011), fazendo do "africanismo" o principal objeto da etnologia francesa de então (PEIXOTO, 1998), a modernidade utópica que uniu Boas a Rivet em torno de um ideal científico internacionalista e antirracista – e que, na França, gozava de especial prestígio num momento em que os socialistas haviam conquistado importantes postos no governo –, somado aos grandes esforços que visavam constituir a França enquanto importante núcleo americanista – expresso em sua prestigiosa *Société des Américanistes* e em sua igualmente importante publicação, o "*Journal*" – acabou, portanto, colocando o Brasil nos rumos das ações internacionais desse grupo de professores progressistas.

É nesse sentido que devemos compreender a "Missão Francesa" que, em 1934, contribuiu com fundação da Universidade de São Paulo, as duas expedições de Lévi-Strauss (1936 e 1938) e, de modo menos planejado, as pesquisas desenvolvidas na Sociedade de Etnografia e Folclore do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo a partir dos cursos de Dina Dreyfus.[135]

Esses poucos americanistas que escolheram o Brasil como campo de investigação se tornaram, no entanto, nomes centrais na história das ciências sociais, e dentre eles merecem destaque os nomes de Claude Lévi-Strauss e Alfred Métraux. O período formativo na França, no qual se embeberam de valores internacionalistas e antirracistas, somados às relações transnacionais às quais foram lançados, sem dúvida contribuíram enormemente tanto para a renovação paradigmática proposta por Lévi-Strauss quanto para a atuação de Métraux à frente de importantes programas da UNESCO

[135] Após separ-se de Claude Lévi-Strauss, a etnóloga retomou o seu nome de solteira, isto é, Dina Dreyfus. A este respeito, cf. Valentini (2010).

voltados para a superação do racismo e do desenvolvimento latino-americano. É interessante notarmos que ambos, Lévi-Strauss e Métraux, se corresponderam com Boas, ainda numa posição claramente subalterna.

Nascido em Bruxelas, Claude Lévi-Strauss havia recebido uma *agrégration* em filosofia[136] e, junto a outros *agrégés*, foi indicado por Célestin Charles Alfred Bouglé (1870-1940) para compor o grupo de jovens professores franceses que contribuiriam para a fundação da Universidade de São Paulo. Antes de partir para cá, Lévi-Strauss frequentou as aulas do *Institut d'Ethnologie* e, uma vez aqui, realizou uma série de expedições de caráter etnográfico. Lévi-Strauss retornou para a França em 1940, para colaborar na resistência contra a investida armada nazista, até que se viu forçado ao exílio e partiu para os EUA, onde conseguiu um posto de professor na *Free School of Higher Studies* da *New School for Social Research* de Nova York. De acordo com Cavignac, "além dos resultados alcançados pelo 'teórico das estruturas' e apesar dos seus detratores que reclamam da sua breve estada em campo, a presença de C. Lévi-Strauss no Brasil e seu exílio na América do Norte possibilitaram a experimentação de uma fecunda interlocução transnacional" (CAVIGNAC, 2011, p. 122).[137]

Até o final da guerra em 1945, no entanto, Lévi-Strauss permanecia como um elemento de segunda grandeza dessa rede transnacional de americanistas. As poucas correspondências mantidas com Boas dão uma excelente medida de seu posicionamento inicial. Essas cartas foram trocadas já nos últimos meses de vida de Boas, e Lévi-Strauss, já a salvo da perseguição nazista, batalhava agora para

[136] Trata-se de um concurso realizado na França para que graduados possam lecionar no ensino secundário.

[137] Fernanda Peixoto (1998) e Anne-Christine Taylor (2001) também chamam a atenção para a importância da passagem de Lévi-Strauss pelo Brasil para a sua formação.

garantir a segurança de outros colegas, assim como Alfred Métraux (MATTHEY, 1998). A primeira carta escrita pelo antropólogo francês data de 26 de agosto de 1941 (FBP, APS), dois meses depois de ele ter chegado aos Estados Unidos e de ter sido apresentado ao próprio Boas por Ruth Fulton Benedict (1887-1948). O assunto era um pedido de ajuda para Henri Lehmann,[138] que estava indo trabalhar com Rivet na América do Sul e, embora estivesse com os vistos regulares, foi detido na Ilha Ellis[139] pelo serviço de imigração estadunidense sob suspeita de desejar ficar permanentemente no país. Lévi-Strauss, que já havia conversado com Rivet a este respeito, pedia, por sugestão do advogado de Lehmann, que Boas escrevesse uma carta às autoridades competentes esclarecendo a situação.

A resposta de Boas a Lévi-Strauss não foi arquivada na coleção utilizada nesta tese, mas o antropólogo francês dá conta de sua existência ao agradecer o professor teuto-estadunidense por ter escrito o ofício solicitado, que havia sido ademais de grande valia. Essa mesma correspondência é interessante por evidenciar o papel ainda marginal de Lévi-Strauss no meio americanista, uma vez que foi necessário esclarecer a Boas que ele não era uma "dama".[140]

No ano seguinte, Lévi-Strauss volta a escrever a Boas, agora preocupado com o próprio Rivet. Lévi-Strauss tinha fortes razões para acreditar que Rivet estava correndo perigo na Colômbia e gostaria de

---

[138] Ao qual já havia se referido Paul Rivet em carta enviada a Boas da Colômbia e aqui já mencionada (carta de Rivet para Boas, 14 de agosto de 1941, FBP, APS).

[139] Ponto de passagem obrigatório dos imigrantes europeus que chegavam aos EUA por meio de navios a vapor.

[140] "Eu apenas gostaria de acrescentar umas poucas palavras a fim de avisá-lo de que eu não sou uma dama; eu estive com você por um tempo tão curto que eu não me admiro se você não se lembrar de mim: eu sou o antropólogo antes professor da Universidade de São Paulo, e agora da *New School for Social Research*, que foi apresentado para você na Universidade Columbia, dois meses atrás, pela Dra. Ruth Benedict" (Carta de Lévi-Strauss para Franz Boas, 31 de agosto de 1941, FBP, APS, tradução livre).

conversar pessoalmente com Boas a respeito: “Eu lembro que você me disse, quando eu cheguei aqui da primeira vez, que a primeira pessoa com cuja posição você se sentia preocupado depois da queda da França foi o Dr. Paul Rivet. E eu sei que ninguém mais que você poderia me dar um melhor conselho sobre o que poderia ser tentado para ajudá-lo”.[141] De fato, Rivet foi listado pela Fundação Rockefeller como um dos intelectuais ilustres europeus que mais corriam risco de vida, ao lado de Henri Bergson (1859-1941), Georges Duhamel (1884-1966), Marcel Mauss e Jules Romains (1885-1972) (LAURIÈRE, 2010, p. 245).

Na última carta enviada por Lévi-Strauss a Boas, o remetente se queixa da dificuldade em encontrar algo para Rivet:

> Eu almocei ontem com o Dr. Max Ascoli (1898-1978), e nós falamos a respeito do Dr. Paul Rivet. Eu receio que nós não podemos esperar muito do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. Dr. Ascoli me contou que eles estão cada vez menos interessados no lado cultural das relações com a América Latina, uma vez que eles se engajaram quase exclusivamente no serviço social e outros tipos de assistência prática. Por outro lado, Dr. Ascoli me deu a entender que ele mesmo é constantemente desencorajado em suas tentativas de utilizar os refugiados europeus – principalmente os franceses e espanhóis – pelo *Office of the Coordinator.* Há, em Washington, um sentimento muito forte contra estrangeiros e, mesmo para o trabalho conectado à América do Sul – onde os franceses poderiam se mostrar tão úteis –, eles não tencionam, por enquanto, empregar pessoas do tipo do Dr. Rivet.[142]

A sugestão para que Lévi-Strauss procurasse algo em Washington para Rivet deve ter sido feita pelo próprio Boas na conversa particular

[141] “Carta Lévi-Strauss para Boas, 29 de março de 1942, FBP, APS, tradução livre.
[142] Carta de Lévi-Strauss para Franz Boas, 5 de abril de 1942, FBP, APS, tradução livre.

solicitada na carta anterior. Mas o que vemos aqui é já uma indicação de que, durante a Segunda Guerra Mundial, a pesquisa antropológica estadunidense havia tomado novos rumos de forma abrupta. Na única carta em que consta uma resposta de Boas a Lévi-Strauss, escrita em 9 de abril de 1942 (FBP, APS), ele ainda envidava esforços para tentar ajudar o velho amigo francês: dessa vez havia escrito para Franklin Ridgeway Aydelotte (1880-1940), do *Institute for Advanced Study* da Universidade de Princeton e também ligado à Fundação Guggenheim – mas, aparentemente, essa foi mais uma tentativa frustrada, e Rivet, ainda que tenha visitado os EUA no mesmo ano (quando presenciou o falecimento de Boas), continuou na Bolívia até o término do conflito mundial. Como veremos na próxima parte, a rede *interamericanista*, que deu lugar ao *americanismo transnacional* cuja configuração estamos acompanhando nestes capítulos, possuía critérios bastantes restritivos em seus circuitos de circulação, e eles, como se vê, não incluíam também estrangeiros, especialmente os socialistas.

Alfred Métraux, por sua vez, nasceu em Lausanne, Suíça, passou a infância na Argentina, acompanhando seu pai (que era médico), a adolescência na Suíça e os anos universitários em Paris.[143] Em 1928 defendeu sua tese sobre *La culture matérielle des Tupi-Guarani* no *Institut d'Ethnologie,* sob orientação de Marcel Mauss, e depois seguiu para a Suécia a fim de estudar museologia com Erland Nordenskiöld no Museu de Gotemburgo. De volta à Argentina, Métraux fundou o museu e o instituto de etnologia da Universidade de Tucumán, que dirigiu até 1934.[144] Nesse mesmo ano ele partiu para a missão franco-

[143] Para informações mais detalhadas sobre sua infância na Argentina e sobre o início de sua carreira, cf. Krebs, 2005.

[144] Edgardo Krebs compara a presença de Métraux em Tucumán à de Claude Lévi-Strauss e Fernand Braudel (1902-1985) em São Paulo, quando suas respectivas elites industriais buscaram promover um projeto civilizador com o apoio de jovens intelectuais francófonos (KREBS, 2005, p. 10).

belga na Ilha de Páscoa (*Easter Island*) e, entre 1936 e 1938, entrou para os quadros do *Bishop Museum*, dando aulas nas universidades da Califórnia, Berkeley, e Columbia. Em 1939 trabalhou como professor visitante da Universidade Yale, quando partiu para novas pesquisas de campo na Bolívia e na Argentina – foi no meio dessa viagem que Métraux passou pelo Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, tendo tomado contato com Heloisa Alberto Torres, Luiz de Castro Faria e os alunos de Boas e Ruth Benedict que estavam realizando pesquisas no Brasil: Buell Quain (1912-1939), William Lipkind (1904-1974) e Charles Walter Wagley (1913-1991) (CORRÊA e MELLO, 2008). Antes de iniciar a sua carreira na UNESCO a partir de 1946, Métraux ainda se tornaria, a partir de 1941, um dos principais responsáveis, ao lado de Julian Steward, pela produção do *Handbook of South American Indians*.[145]

A correspondência entre Boas e Métraux não é muito mais extensa do que o conjunto de cartas trocadas com Lévi-Strauss. O diálogo entre os dois começa um pouco mais cedo, em 1933, certamente pelo fato de que Métraux já ocupava, à época, o posto de diretor de um museu, algo que, como temos visto, era percebido como um importante recurso relacional na rede de americanistas. Isso, somado ao fato de Boas e Rivet serem velhos amigos, talvez tenha feito com que Boas confiasse mais na orientação de Métraux para os trabalhos que Jules Henry Blumensohn vinha desenvolvendo na América do Sul do que nos brasileiros do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, com quem pouco se comunicou nesse mesmo período.

A primeira carta foi enviada por Métraux, de Tucuman, em 11 de agosto de 1932 (FBP, APS). Tratava-se do envio de um artigo produzido com base no material obtido entre os uru-chipayas nas

[145] Essas informações biográficas foram extraídas de Gaillard (2004, p. 177).

terras altas da Bolívia e que Métraux gostaria de ver publicado em uma revista científica estadunidense. Boas respondeu a essa carta apenas no dia 3 de outubro de 1932, não sabendo onde colocar o artigo, mas enviando o trabalho a Robert Lowie, então editor do *American Anthropologist*. Os laços que viriam a ser estabelecidos entre Métraux, Lowie e Nimuendajú tiveram reconhecida importância para o desenvolvimento posterior dos estudos americanistas.

Em seguida, Boas indaga a Métraux a respeito de seu grau de confiança em relação a "Madame Dijour", que pretendia realizar pesquisas de campo na América do Sul. Métraux escreve francamente que não confiava em sua capacidade, mas, de qualquer forma, expressa algo que já havia ficado claro para os americanistas naquele momento: urgia estudar as línguas e culturas dos índios sul-americanos antes que se extinguissem:

> Seria urgente que você enviasse alguém competente para produzir as coleções e estudar a sociologia das últimas tribos seminômades do Chaco. A varíola os dizimará este ano, e os bolivianos, junto com os argentinos e os paraguaios, massacrarão o resto. É unicamente no Chaco que há a esperança de encontrar entre a mitologia sul-americana e a mitologia norte-americana as analogias que Ehrenreich apresentou.[146]

Em carta enviada de Honolulu, Havaí, Métraux aproveita para agradecer a hospitalidade com que havia sido recebido por Boas, um ano antes, em Nova York. Essa é também uma carta interessante, pois nela Métraux já expressa a sua preferência pela América do Sul e sua admiração pela tradição metodológica estadunidense, motivo pelo qual convém transcrever aqui um longo trecho de sua carta:

[146] Carta de Métraux para Boas, 8 de agosto de 1933, FBP, APS, tradução livre.

> Eu recebi recentemente uma carta do Dr. [Jules] Henry que parece um tanto satisfeito com o seu trabalho e pensa que muito precisa ser feito no Chaco. Eu estou feliz que ele acatou minha sugestão de ir para o Chaco e estou certo de que ele encontrará lá um campo inesgotável. Eu mesmo estou tão convencido disso que decidi fazer o possível para voltar para a América do Sul. A Polinésia foi para mim uma experiência interessante, eu aprendi muito aqui do ponto de vista metodológico. O contraste entre a minha primeira área, tão pouco estudada, e esta outra que já foi quase completamente trabalhada está sendo muito sugestivo para mim. Eu tenho me familiarizado melhor em relação à abordagem da antropologia estadunidense e esta é uma das razões porque eu desejo tanto voltar para a América do Sul. Eu sei bem que se os métodos precisos de sua escola forem aplicados sistematicamente lá uma rica colheita de novos fatos seriam obtidos em pouco tempo. A América do Sul é a última *tierra incognita* da antropologia e infelizmente os especialistas interessados naquela parte do mundo são poucos. Aqui na Polinésia é o contrário, e eu não vejo o sentido de novas colaborações [aqui] quando o meu livro sobre a Ilha de Páscoa estiver terminado.[147]

De fato, Métraux se afasta em grande medida da "tradição intelectualista" francesa. Na verdade, seria injustiça rotular os antropólogos franceses dessa forma. Embora sabidamente "estudiosos de gabinete", Rivet, Mauss e Lévy-Bruhl reconheciam a importância do estudo *in situ* e estavam a par da produção anglo-saxã (CAVIGNAC, 2011, p. 123-124), sobretudo graças ao profícuo diálogo estabelecido entre Boas e Rivet. Mas tratava-se de uma postura muito mais dedutiva, graças à influência durkheimiana, do que do empirismo boasiano.[148]

---

[147] Carta de Métraux para Boas, 9 de dezembro de 1936, FBP, APS, tradução livre.

[148] Edgardo Krebs chama a atenção para alguns desentendimentos entre Métraux e Mauss, quando o primeiro desenvolvia sua tese de doutorado sob orientação do último, justamente

Métraux, no entanto, já afirmava peremptoriamente, em 1925, que

> *no hay método en etnografía; fuera de ciertos principios de prudencia y de imparcialidad, la libertad del investigador debe ser entera. Ninguna directiva preconcebida, ningún sistema, ni siquiera algún cuestionario deben trabarlo. Todo su arte se reduce a una perpetua adaptación a los hombres y a las circunstancias* (Apud MONNIER, 1998, p. 49).

Por outro lado, embora tenha colocado em prática essa liberdade metodológica e mais tarde, como expressa na correspondência acima transcrita, tenha como que se "convertido" ao paradigma estadunidense, não se pode dizer que Métraux tenha conseguido se libertar das questões colocadas pela teoria sociológica francesa, pois, na esteira de Lévy-Bruhl, não deixaria de considerar que o "mito" seria a forma privilegiada por meio da qual as formas de pensamento das sociedades "primitivas" que estudava poderiam ser acessadas (MONNIER, 1998).

Desse modo essas várias evidências deixam entrever em que medida a experiência transnacional moldou a antropologia americanista em prática na década de 1930, amalgamando diferentes tradições na tarefa comum de registrar, antes de seu desaparecimento, os vestígios restantes de *culturas primitivas* da última "terra incógnita" do mundo, ou seja, as florestas sul-americanas.

***

em torno da desconfiança que Métraux nutria pelas interpretações maussianas pelo fato de ter conhecido em primeira mão os modos de vida de indígenas com os quais conviveu diretamente durante sua infância na Argentina (KREBS, 2005).

Vimos, neste capítulo, como, no interior de uma rede transnacional mais ampla de americanistas, constitui-se um grupo mais coeso, cuja identidade foi produzida por meio da circulação de um conceito específico de cultura. Este “híbrido” carregou consigo um conjunto de valores, como o internacionalismo científico, o anti-imperialismo, o antirracismo, o pacifismo e o salvacionismo em relação às culturas ameríndias. Esses valores foram capazes de assegurar identidades em torno de um projeto americanista comum, conformando assim os sujeitos de uma modernização alternativa ao modelo civilizatório calcado no paradigma evolucionista.

Com isso foi possível superar o lugar comum das constituições nacionais das tradições antropológicas. Embora tenhamos visto que os agenciamentos produzidos por panoramas nacionalistas são inevitavelmente responsáveis por imprimir suas próprias marcas nos sujeitos do americanismo transnacional, vimos também que os compromissos desses sujeitos estão ligados de maneira muito mais forte a projetos que transcendem fronteiras nacionais, pois o próprio americanismo passa a ser visto como algo que, para continuar se proliferando, necessita se desgarrar dos limites das ideologias nacionalistas. As trocas de correspondências e contatos pessoais estabelecidos entre esses intelectuais claramente reforçou a constituição de suas respectivas subjetividades, algo que só pode ser compreendido a partir de uma perspectiva transnacional.

Veremos, no próximo capítulo, em primeiro lugar, como essa inserção transnacional fortaleceu a posição relacional de Franz Boas no cenário estadunidense. Em seguida, poderemos compreender melhor os laços que, finalmente, foram estabelecidos entre a Universidade Columbia e o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, além de outras conexões com as redes intelectuais

brasileiras. Ao direcionar os estudos americanistas para o mundo sul-americano, os(as) antropólogos(as) estadunidenses inevitalvemente permitiram a criação de novas subjetividades americanistas por meio da circulação do conceito de cultura. A circulação desse híbrido se mostraria, a partir de então, um importante recurso para a reformulação dos projetos de modernização nacional na jovem república brasileira.

O AMERICANISMO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL

A expansão da rede americanista transnacional nos Estados Unidos

A leitura das correspondências produzidas por Franz Boas permite entrever a construção de um sujeito cuja imagem se situa entre o professoral e o paternal. Os diversos agradecimentos relacionados a bons momentos passados juntos, a hospedagens agradáveis, a cartas de recomendação e diversas outras formas de intercessão, a trocas de publicações, os vários conselhos etc., mostram alguém que procura se apresentar sempre de forma solícita a afável. Isso, somado ao reconhecimento acadêmico de seu trabalho, fazia com que Boas certamente fosse admirado e procurado pelos mais jovens. Diversos(as) "boasianos(as)" são conhecidos(as) por terem ingressado em algum outro curso da Universidade Columbia ou vindo de fora dela e depois se convertido à antropologia em função das aulas e palestras ministradas por Boas.[149] Nos seus últimos anos de vida, quando já contava com mais de oitenta anos, uma segunda geração de boasianos(as), alguns(mas) já alunos(as) dos alunos(as) de Boas – Ruth Benedict, Margaret Mead (1901-1978), Jules Henry Blumensohn, Charles Wagley, Buell Quain e Ruth Landes (1908-1991) – o chamava de "Papa Franz" em cartas descontraídas que mostram um alto grau de confiança no mentor. Em carta endereçada a Lowie, por exemplo, Boas mostra que se esforçava para conquistar a confiança dos(as) discentes, ainda que nem sempre obtivesse

[149] Dentre esses (as) boasianos(as), de acordo com as sínteses biográficas contidas em Gaillard (2004), é possível citar Clark Wissler, Alfred Louis Kroeber, Robert Lowie e Edward Adamson Hoebel (1906-1993).

sucesso: “há sempre um número de estudantes que não ousam falar comigo, não importa o que eu tente a fim de atraí-los”.[150] Numa outra carta enviada ao mesmo destinatário, dois dias depois, Boas ainda nos permite perceber esse esforço, que parece ser cotidiano, de constituição de uma proximidade afetiva e lúdica com o seu círculo mais imediato de discípulos(as): “Nós reiniciamos nossos almoços de quinta-feira, e eu estou bastante feliz por ver as pessoas de vez em quando socializando”.[151]

Desse modo, a “mudança paradigmática” da antropologia estadunidense corresponde à produção de uma rede de relações e de trocas em que a figura de Boas assume uma figura respeitável e quase paternal. Se o próprio Boas tinha consciência disso é uma questão difícil de responder. É mais plausível imaginar que esse *ethos* foi sendo produzido pelas próprias relações nas quais Boas se embrenhou, e, aos poucos, o *Dr.* ou *Professor* Boas deu lugar ao *Papa Franz*. A atratividade afetiva e a respeitabilidade se mostram, portanto, aspectos importantes de uma subjetividade alçada a uma posição central no universo das relações abordadas nestes últimos capítulos. Sem dúvida Boas tratava de assegurar uma posição local e nacional que lhe permitisse consolidar a rede transnacional de americanistas que vimos, no capítulo anterior, ser constituída nas primeiras décadas do século XX. Se considerarmos as correspondências como um importante instrumento de criação e consolidação desses laços, fica evidente que Boas investia uma quantidade significativa de seu tempo e esforços nesse tipo de atividade diante da enorme quantidade de correspondências suas que foram guardadas na *American Philosophical Society*. É importante, então, que possamos entender

[150] Carta de Boas para Lowie, 16 de fevereiro de 1918, FPB, APS, tradução livre.
[151] Carta de Boas para Lowie, 18 de fevereiro de 1918, FPB, APS, tradução livre.

como se constituiu esse grupo de “boasianos(as)” e, a partir daí, entender como uma parte sua dirigiu seus interesses para a América do Sul e, em especial, para o Brasil.

As duas primeiras décadas do século XX têm sido chamadas de “a era Boas” no campo da antropologia estadunidense, período que teria sucedido uma “era dos museus” (GAILLARD, 2004, p. 55). George Stocking Jr., por sua vez, afirma que “não há dúvida de que ele foi a força individual mais importante na formação da antropologia americana na primeira metade do século XX” (STOCKING JR., 2004b, p. 15).

O estímulo inicial para o desenvolvimento da antropologia nos EUA foi a presença de indígenas em todo território conquistado por esse país. As suas primeiras instituições voltadas para pesquisas etnológicas estão ligadas a expedições direcionadas ao estudo desses povos por meio do conhecimento de suas línguas, do colecionamento de sua cultura material e da definição de seus respectivos “tipos raciais” – a exemplo do *American Museum of Natural History* da *Smithsonian Institution*, criado em 1868, do seu *Bureau of American Ethnology* (BAE) , de 1879, do *Peabody Museum of Archaeology and Ethnology*, da Universidade de Harvard, de 1866, e do *Field Museum* da Universidade de Chicago, de 1893. Boas transitou por instituições museológicas até 1905 – como curador assistente do *Königliches Museum für Völkerkunde* (Museu Etnológico Real de Berlim); como chefe-assistente do departamento de antropologia da Exposição Universal de Chicago de 1893; e, por fim, como curador assistente, a partir de 1896, e depois curador, entre 1901 e 1905, do AMNH.[152]

[152] Informações retiradas de um currículo escrito pelo próprio Boas para a *World Biographical Encyclopedia* (*Franz Boas Professional Papers, American Philosophical Society*). É interessante o fato de que Boas não menciona ter sido nomeado assistente sênior da seção de antropologia do *Field Museum* de Chicago entre 1892 e 1893, tendo se tornado seu curador em 1895 – de acordo com Gaillard (2004) ele teria se desentendido com o administrador do

No entanto, quando fundou o Departamento de Antropologia da Universidade Columbia em 1902 (o primeiro do país), assumindo a sua chefia,[153] Boas se lançou – por vezes de maneira fria e calculista, como mencionei anteriormente – à constituição daquela rede relacional que o alçaria a um lugar de destaque no panteão criado pela história da disciplina antropológica. Os(as) seguidores(as) que ele arrebanhou podem ser classificados(as), conforme propõe Gérard Gaillard, em duas "ondas" (GAILLARD, 2004, p. 65). Reconstituir esses agrupamentos intelectuais seria, por si só, o tema de uma investigação individual. Aqui interessa apenas apresentar alguns agenciamentos que conectaram boasianos(as) às atividades e teias relacionais concentradas no Brasil.

A primeira onda de boasianos(as)

A primeira dessas "ondas" é composta principalmente pelas pessoas que obtiveram os primeiros diplomas de doutorado em antropologia nos EUA sob a orientação de Boas e que vieram a ocupar os primeiros postos e cadeiras universitárias na área num período em que existiam ainda poucos antropólogos profissionais (GAILLARD, 2004, p. 65). Entre os anos 1900 e 1920 esses diversos pesquisadores se dedicaram à reconstituição histórica das sociedades indígenas da América do Norte – o que também os tornava "americanistas". Embora a maioria deles não tenha se mantido exatamente fiel às ideias apresentadas por Boas,[154] é possível enquadrá-los numa

museu em 1896 e em seguida deixado o posto.

[153] Boas foi nomeado *lecturer* de antropologia física entre 1896 e 1899, quando foi nomeado *Professor of anthropology,* cargo no qual permaneceu até ter se aposentado e se tornado professor emérito da instituição em 1936, além de ter trabalhado concomitantemente como "*honorary ethnologist*" do *Bureau of American Ethnology* da *Smithsonian Institution*.

[154] Segundo Gaillard, "a partir de 1906, [Clark] Wissler começou a se distanciar de seu mestre, [Paul] Radin atacou abertamente o 'método historicista pseudo-científico' e sua negligência

tendência comum ligada a uma perspectiva "difusionista moderada" e, principalmente, ao crescente privilégio concedido aos fenômenos culturais.[155]

Dessa primeira leva de pesquisadores nenhum dedicou sua carreira à realização de pesquisas na América do Sul. Boas tentava interessar Alexander Goldenweiser, como foi visto, pela realização de pesquisas nessa área geográfica que, desde já, percebia carente de estudos mais sistemáticos. No entanto, ele achava que Goldenweiser ainda precisava de mais treino etnológico.[156] Goldenweiser, de origem judaica, era um dos principais nomes da *New School for Social Research*, que forneceu ocupação a diversos cientistas sociais refugiados durante a Segunda Guerra Mundial, como, por exemplo, Alfred Métraux, além de abrigar o *Latin American Center* da École *Libre des Hautes* Études, *Centre d'*Études *et d'Informations pour les Relations Avec l'Amérique Centrale et l'Amérique du Sud*, que funcionava no interior da *New School* e teve por secretário-geral Claude Lévi-Strauss durante o

---

quanto à iniciativa individual, [Alfred Louis] Kroeber realizou a crítica oposta segundo a qual o relativismo de Boas não permitia a constituição de uma narrativa histórica científica, e [Edward] Sapir rompeu com ele numa polêmica sobre se as línguas ameríndias tinham ou não uma origem comum […]. Outro desertor foi [Roland Burrage] Dixon [1875-1934], que, embasado na distribuição geográfica de formas cranianas, construiu uma teoria racista da humanidade entrelaçando raça, nacionalidade e inventividade cultural" (GAILLARD, 2004, p. 66, tradução livre).

[155] Ainda de acordo com Gaillard, "por todos esses desvios, os(as) estudantes de Boas formaram uma escola de difusionismo estadunidense, da qual Wissler, Sapir e Kroeber são os três mestres. Intocado pela tendência britânica e alemã de fazer conexões fantasiosas entre sociedades em duas partes distantes do mundo meramente pela força de poucas características comuns percebidas, eles foram praticantes de um 'difusionismo moderado (por exemplo, Kroeber aceitou que o zero foi inventado independentemente pelos maias e pelos hindus)" (GAILLARD, 2004, p. 66, tradução livre).

[156] Goldenweiser nasceu em Kiev e estudou filosofia na Universidade de Harvard entre 1900 e 1901. Depois matriculou-se em antropologia na Universidade Columbia, obtendo seu *Ph.D.* em 1910, com a tese *Totemism*: *an analytical study*. Lecionou em Columbia entre 1910 e 1919 e, depois, na *New School for Social Research*, entre 1919 e 1928 – também lecionou na *Rand School of Social Science* entre 1915 e 1929 (GAILLARD, 2004, p. 70). Seu nome é mencionado diversas vezes nas várias correspondências que Boas trocou com Robert Lowie e Ruth Benedict (FBP, APS).

seu período de exílio nos EUA, conforme já mencionei aqui. Gaillard afirma, inclusive, que Goldenweiser teria “se adiantado” em sua tese de doutorado a alguns argumentos posteriormente desenvolvidos por Lévi-Strauss, sugerindo, assim, uma possível influência (GAILLARD, 2004, p. 70).

Outro nome interessante para os fins desta tese é o de Robert Lowie. Nascido em Viena, filho de um comerciante húngaro e mãe alemã, Lowie foi para Nova York em 1893 e lá se formou no *New York City College*. Depois disso iniciou seus estudos na Universidade Columbia, no curso de psicologia, mas também se transferiu para o curso de antropologia após assistir a algumas das *lectures* de Boas. Além disso, acompanhou as aulas de Adolph Francis Alphonse Bandelier (1850-1914) sobre América Central e trabalhou como voluntário no AMNH sob supervisão de Clark Wissler – nessa instituição ainda se tornaria *trainee* em 1907, curador assistente em 1909 e curador associado em 1912, lá permanecendo até 1921. Ainda que em 1915 tenha confrontado Alfred Kroeber em um artigo publicado na *American Anthropologist*, foi convidado pelo mesmo, dois anos depois, para integrar o corpo docente da Universidade da Califórnia, Berkeley, atuando como diretor do Departamento de Antropologia dessa instituição entre os anos de 1922 e 1946 e se aposentado em 1950. Lowie foi um dos principais representantes da corrente culturalista, um importante difusor do pensamento boasiano e se colocou criticamente em relação a vários de seus colegas no que diz respeito aos rumos específicos que tomaram em suas respectivas carreiras, a exemplo de Leslie Alvin White (1900-1975), Alfred Kroeber e Ruth Benedict.[157]

O interesse específico de Lowie pela antropologia no Brasil se inicia após seus primeiros contatos com Curt Nimuendajú. Antes

[157] Essas informações foram retiradas de GAILLARD, 2004, p. 70-71.

disso, todavia, Lowie, Nordenskiöld e Rivet já vinham planejando a publicação de um *Handbook* a respeito dos índios da América do Sul desde o Congresso Internacional de Americanistas de Gotemburgo (1924), projeto que foi resgatado por Julian Steward, como veremos na próxima parte deste livro, somente a partir de 1939, com verbas do Congresso estadunidense e por meio do *Bureau of American Ethnology* da *Smithsonian Institution* (MATTHEY, 1998, p. 46). Lowie também já vinha estabelecendo contatos com Alfred Métraux desde 1933, quando este dirigia o Museu de Tucumán, a propósito da tradução de *Primitive society* (1920) para o francês por Eva Spiro Métraux (1905-?), sua primeira esposa. Segundo Piero Matthey, a versão francesa da obra de Lowie teria sido utilizada por Mauss em suas aulas e teria sido o motivo de Lévi-Strauss optar pela etnologia – um importante motivador, portanto, de sua vinda ao Brasil (MATTHEY, 1998).[158] Métraux já conhecia muito bem o trabalho de Nimuendajú, cujos artigos publicou na *Revista de Etnología de la Universidad de Tucumán* entre 1928 e 1932 (KREBS, 2005), e por certo já sabia de seu trabalho em função das coleções recebidas pelo Museu Etnográfico de Gotemburgo à época em que lá estudava sob a orientação de Erland Nordenskiöld.

De acordo com Luís Donizete Benzi Grupioni, Nimuendajú contatou Lowie pela primeira vez em 1935 por sugestão de Karl Gustav Izikowitz (1903-1984) – um dos alunos de Nordenskiöld – a fim de solicitar apoio financeiro para a continuação de seus estudos entre as comunidades indígenas do Brasil. Segundo Grupioni, “Lowie consegue auxílio para trabalho de campo do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Califórnia e começa a partir daí uma associação que duraria até a morte de Nimuendajú” (GRUPIONI,

[158] Fernanda Peixoto (1998) também salienta esse aspecto.

1998, p. 185). Essa colaboração se traduziu na constante busca de apoio financeiro para os trabalhos de Nimuendajú, na tradução de alguns de seus artigos e na publicação coautoral de diversos outros, que levaram ao conhecimento do público estadunidense a hercúlea produção etnológica do colega teuto-apapokuva-guarani – cuja trajetória será tratada de maneira mais pormenorizada adiante.

Lowie estabeleceu uma vasta troca epistolar com Boas, sobretudo depois de 1917, quando deixou Nova York para trabalhar na Califórnia. As primeiras cartas intercambiadas entre eles datam de 1905, mas foi depois da partida de Lowie para Berkeley que elas adquiriram um tom de maior proximidade. Nesse período Boas já havia desafiado o *status quo* de sua disciplina, passando a ser visto com desconfiança por um expressivo grupo de antropólogos estadunidenses por ter denunciado o uso da ciência para fins políticos-militares durante a Primeira Guerra Mundial. Lowie representa a significativa parcela de discípulos(as) de Boas que tomaram o seu partido nessa disputa (GAILLARD, 2004, p. 71)[159] e, desde então, a correspondência entre ambos permite entrever uma parceria na qual o antigo discente assume o posto de aliado californiano das suas disputas pelo campo do americanismo, seja apoiando Boas em seus posicionamentos político-científicos, seja contribuindo para a reconstrução da circulação científica na Europa Central logo após a Primeira Guerra Mundial ou, ainda, colaborando com a rede de proteção aos refugiados da Alemanha nazista. Boas, por sua vez, torna-se conselheiro nas batalhas pessoais travadas pelo próprio Lowie e a respeito de suas publicações.

Explorar a intrincada rede relacional perceptível na troca missiva desses dois importantes antropólogos certamente conduziria a um desvio de foco. Seria interessante apenas mostrar que Lowie

[159] Gaillard, no entanto, reduz o posicionamento de Boas a um mero pró-germanismo, algo que, conforme pude demonstrar, deve ser problematizado.

compartilhou com Boas seu entusiasmo a respeito de Nimuendajú *tão logo o conheceu: "Eu consegui entrar em contato com* Nimuendajú, e por meio de um pequeno auxílio financeiro que eu assegurei, espero conseguir milhares de dólares de trabalho de campo feito por ele. Eu tive uma ótima impressão dele tanto por suas cartas quanto por suas publicações".[160]

O surpreendente, no entanto, é a resposta de Boas, em carta do dia 15 do mesmo mês: "Eu estou feliz em ouvir que você manteve o financiamento para Nimuendajú. Eu suponho que você saiba que eu consegui o mesmo para ele por meio da *Carnegie Corporation* no último mês".[161] Grupioni, em seu minucioso trabalho de 1998, faz menção ao apoio financeiro da *Carnegie Corporation* que permitira a Nimuendajú retornar à Europa em 1934 "para estudar no Museu de Gotemburgo e terminar o manuscrito sobre os Timbira" (GRUPIONI, 1998, p. 183). No entanto, ele não chega a mencionar o fato de que o próprio Boas fazia parte do conselho que deferiu esse auxílio. Essa informação possui especial importância para este trabalho pelo fato de demonstrar que, antes mesmo de Nimuendajú se associar a Lowie, sua produção etnológica americanista brasileira já estava circulando no ambiente estadunidense e, uma vez mais, Boas se colocava no controle de mais esse "recurso".

A segunda onda de boasianos(as)

A posição da antropóloga Ruth Benedict na rede transnacional de americanistas aqui analisada também possui um importante significado. Ela é hoje considerada a principal precursora de uma segunda leva de antropólogos(as) ainda filiados(as) à tradição iniciada por

[160] Carta de Lowie para Boas, 4 de outubro de 1935, FBP, APS, tradução livre.
[161] Carta de Boas para Lowie, 6 de outubro de 1935, FBP, APS, tradução livre.

Boas. Benedict desenvolveu a seu modo um outro filão metodológico que o próprio Boas teria começado a explorar na década de 1920, mais conhecido como “Escola de Cultura e Personalidade”.[162]

Alguns intérpretes destacam ainda mais a independência teórico-metodológica de Benedict em relação a Boas. Sidney Wilfred Mintz (1922-2015), que foi um dos últimos alunos de Benedict, por exemplo, afirma que “até onde eu posso me lembrar, nas aulas que eu tive com ela, Benedict não fez absolutamente nenhuma referência à história. Ela foi, de um modo bastante puro, uma funcionalista em suas explicações” (MINTZ, 2004, p. 120, tradução livre). Gene Weltfish (1902-1980), com quem Benedict escreveu o panfleto antirracista *The races of Mankind*, de 1943, lembra, por sua vez, que

> Benedict não teve aulas com Boas. Ela conduziu seu trabalho na *New School* sob [a orientação de] Goldenweiser. Boas simplesmente transferiu os créditos da *New School* para *Columbia* e então ela escreveu a sua tese. Seu real impulso era em direção à religião, mitologia e simbolismo, que vieram de Goldenweiser, o qual estava muito interessado no totemismo naquele tempo e realmente não estava enfatizando a história. Então ela nunca esteve exposta àquela fortíssima vertente histórica do departamento de *Columbia* (MINTZ, 2004, p. 121, tradução livre).

[162] “Entre 1920 e 1930 Boas abandonou o historicismo e abraçou uma abordagem psicológica […], mas essa posição foi ela própria abandonada pelos seus próprios estudantes, e a segunda onda boasiana, ‘culturalista’, foi influenciada menos pelo próprio Boas que por seus(uas) primeiros(as) estudantes, especialmente E. Sapir e R. Benedict. A abordagem conhecida como culturalismo ou ‘escola de cultura e personalidade’ estava centrada nas personalidades dos membros de uma dada sociedade considerada como produto de sua cultura. Todos os seres humanos são, portanto, produtos de características da cultura à qual eles pertencem, e esta cultura toma a forma não da soma dos traços culturais, mas de uma totalidade orgânica” (GAILLARD, 2004, p. 102, tradução livre).

Segundo Mintz (2004), depois das duas biografias escritas por Margaret Mead a respeito de Benedict, uma importante linha de interpretação de sua obra tem passado pela compreensão de sua conturbada trajetória individual específica e, em especial, de sua condição feminina no contexto das relações de gênero que perpassavam a produção antropológica de seu tempo. Benedict teria tido uma infância infeliz em função da perda prematura do pai e de uma deficiência auditiva proveniente de uma doença infantil e que aparentemente teria lhe tirado a preferência materna em proveito de sua irmã mais nova. Até que defendesse tardiamente sua tese de doutorado em 1923 na Universidade Columbia, Benedict teria experimentado uma série de frustrações pessoais e profissionais ocupando a posição de esposa de um promissor bioquímico. A única exceção teria sido a poesia, que teria lhe oferecido alguma satisfação.[163] Desiludida com a carreira literária – ela havia se graduado em literatura inglesa no *Vassar College* – Benedict tentou uma nova opção profissional na *New School for Social Research* a partir de 1919, tendo sido aluna de Goldenweiser e de Elsie Clews Parsons (1875-1941). Benedict transferiu-se em seguida para a Universidade Columbia a fim de obter seu *Ph.D.* com Boas, três semestres depois, em 1923, e, daí em diante, foi certamente a colega e amiga mais próxima do seu ex-orientador no Departamento de Antropologia de Columbia, no qual permaneceu até o ano de seu falecimento.

---

[163] Mintz acredita que essa experiência foi determinante para o caráter das proposições teóricas de Benedict. A respeito de uma preocupação com a coerência que pode ser percebida em sua obra ele afirma o seguinte: "Isso reverbera no trabalho de Benedict: ela foi, dos seus primeiros artigos em diante, muito sensível àquilo que parecia a coerência ou consistência em um sistema cultural. Seria justo arriscar o palpite de que Benedict apreciava quando tudo se encaixava, que ela tinha uma satisfação estética pelo desfecho de suas descrições da cultura. Em segundo lugar, é a preocupação com um esforço dominante como expressão daquela coerência. Isso se revela particularmente em *Patterns of Culture*" (MINTZ, 2004, p. 106, tradução livre).

A posição de Benedict em Columbia teria sido, segundo Mintz, prejudicada duplamente (MINTZ, 2004). Em primeiro lugar, isso teria se dado em função do lugar cada vez mais marginalizado que Boas vinha ocupando no campo antropológico estadunidense por causa de seus posicionamentos políticos durante e após a Primeira Guerra Mundial. Em segundo lugar, pelo simples fato de Benedict ser mulher: não obstante o impacto causado pela publicação de *Patterns of culture*, de 1934, ela somente foi eleita presidente da *American Anthropological Association* em 1947, e foi apenas em 1948, dois meses antes de morrer e depois de 26 anos de serviços prestados, que lhe foi concedido o cargo de *full professorship* no Departamento de Antropologia da Universidade Columbia – o primeiro, todavia, concedido a uma mulher nessa instituição.

Benedict também nunca realizou pesquisas de campo no Brasil ou na América Latina. No entanto, foi por meio de projetos que coordenava no *Council for Researches in the Social Sciences* (CRSS) da Universidade Columbia que ela enviou o grupo de jovens pesquisadores, treinados por ela e pelo próprio "*Papa Franz*", para desenvolver estudos etnológicos por aqui em parceria com o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Um documento valioso para a compreensão do funcionamento desse conselho é um relatório produzido por uma comissão especial,[164] a partir dos dados enviados pelos membros dos departamentos de ciências sociais da Universidade Columbia em função de solicitação do dia 19 de novembro de 1938.[165]

---

[164] Composta por Robert M. MacIver (1882-1970), *Lieber Professor of Political Economy*, George B. Pegram (1876-1958), *Dean of the Faculties of Political Science, Philosophy and Pure Science*, Albert T. Poffenberger (1885-1977), *Professor of Psychology*, e James C. Bonbright (1891-1985), *Professor of Finance*, esse último na presidência do Conselho.

[165] Relatório sem título, 48p., divido em duas partes: "Part I – Organization and operation of the Council", e "Part II. Statistical data on council funds, appropriations and projects" – "Assorted Projects, 1937-1939", Folder 20, Box 1, Subseries I.1: Council for Research in the Social Sciences, 1930-1962, Series I: Research, 1930-1979, Department of Anthropology Records,

O CRSS foi criado em 17 de fevereiro de 1925, por uma resolução do Conselho Universitário, em função de uma promessa da *Laura Spelman Rockefeller Memorial Foudantion* de um apoio financeiro anual pelo período de dez anos – que depois seria renovado – para a realização de pesquisas na área de ciências sociais. Esse conselho não fornecia apoio para doutorandos e privilegiava, até então, os projetos de pesquisa individuais ou de grupos, executados ou coordenados por membros dos departamentos ligados às áreas de ciências sociais.[166] Boas, então *Professor Emeritus*, e Ruth Benedict, *Associate Professor of Anthropology*, participavam ativamente do conselho e, até onde foi possível verificar, nenhum dos seus vários projetos havia sido reprovado até então. Foi por meio desse órgão que as outras pesquisas posteriormente realizadas no Brasil por Melville Herskovits, Charles Wagley e Marvin Harris (1927-2001) foram financiadas. Segundo o mesmo relatório, o Departamento de Antropologia tinha recebido financiamento para 12 projetos (que perfazia 9,4% do total), num montante igual a US$188.209,00 (15,2% do total). Se esse departamento era apenas o quinto colocado em número de projetos aprovados, sua posição era alçada à segunda colocação quando se tratava da quantidade de dinheiro investido – o que pode ser explicado pela necessidade de suportar as dispendiosas expedições (em termos de deslocamento e equipamentos) demandadas pela pesquisa antropológica.

Num outro documento, datado de 15 de novembro de 1938 e assinado por James C. Bonbright, à época presidente do CRSS, é apresentada uma lista completa dos projetos financiados pelo órgão

1930-1979, Rare Book & Manuscript Library, Columbia University (doravante apenas RBML, CU).

[166] À época eram assim caracterizados os departamentos de Antropologia, Economia, História, Psicologia, Direito e Administração Pública (*Public Law and Government*) e Sociologia, as escolas de Administração (*Business*), Direito e Medicina e o *Teachers College*.

para fins de avaliação pelos pares.[167] A enumeração dos projetos encabeçados por Boas e Benedict pode possibilitar uma apreciação mais concreta do que vinha sendo pensado e desenvolvido nesse período. Boas, mesmo já aposentado, era responsável pelos seguintes projetos:

- Nº 1, *Heredity and Environment*, que se fundiu com o nº. 26;
- Nº 19, *Research in Anthropology*;
- Nº 26, *Racial and Social Differences in Mental Ability*;
- Nº 37, *Research in Indian Languages*, que se fundiu com o nº 19;
- Nº 38, *Statistics of Studies of Growth*, que também se fundiu com o nº 26;
- Nº 40, *Anthropometric & Ethnological Investigations in North America*;
- Nº 45, *Survival of African Influences*;
- Nº 46, *Research Expedition to New Guinea*;
- Nº 53, *Selective Migration*;
- Nº 76, *Senility*, que também se fundiu com o nº 26;
- Nº 87, *Negro Studies in Haiti*;
- Nº 91, *Personality and Race*;
- Nº 103, *Caribbean Negro Culture.*

Benedict, por sua vez, coordenava os seguintes projetos: nº 35, *Acculturation*; nº 126, *South American Ethnology*; e nº 134, *Malaysian Field Trip*.

[167] "Assorted Projects, 1937-1939", Box 1, Folder 20, Subseries I.1: Council for Research in the Social Sciences, 1930-1962, Series I: Research, 1930-1979, Department of Anthropology Records, 1930-1979, RBML, CU.

É obviamente muito difícil concluir algo substancial a partir somente do título desses projetos – ainda que se perceba claramente que a antropologia física continuava sendo um objeto privilegiado de pesquisa para Boas. Todavia, um terceiro documento, escrito por Benedict no dia 23 de novembro de 1938, encaminhando um *Report on Anthropological Projects* a Bonbright,[168] permite compreender de maneira bastante clara como esses diversos projetos se articulavam em torno dos interesses primordiais de pesquisa do Departamento de Antropologia da Universidade Columbia. As conclusões que podem ser retiradas desse documento conduzem a uma interpretação um pouco diferente daquelas propostas pelos autores acima mencionados e que sugerem um distanciamento mais radical dos projetos de pesquisa empreendidos por Boas e Benedict.

Em primeiro lugar, Benedict esclarece que os projetos que eram financiados pelo CRSS compunham apenas parte do trabalho mais amplo de pesquisa desenvolvido pelo Departamento de Antropologia, e, com isso, os projetos especiais conduzidos dentro daquele órgão eram, inclusive "inevitavelmente enriquecidos" por pesquisas financiadas por outras fontes. Desse modo, as investigações que recebiam auxílio do CRSS faziam parte de duas linhas de pesquisa mais amplas: "Problemas de hereditariedade e meio ambiente" (*Problems of heredity and environment*), dirigida por Boas, e que abrangia cinco projetos específicos, e "Investigações de campo de povos primitivos" (*Field investigations of primitive peoples*), dirigida por Benedict e que abarcava outros quatro projetos específicos.

A primeira linha analisava a influência da hereditariedade e do meio ambiente em relação ao conceito de "tipo" e, em segundo lugar, às novas evidências relacionadas à instabilidade daqueles "tipos" e

[168] Idem.

do comportamento humano sob condições mutáveis. Tratava-se das pesquisas que Boas vinha desenvolvendo ao longo de sua carreira a fim de combater posicionamentos racistas ancorados na autoridade do lugar de fala científico. Lê-se, na primeira página do relatório, que a "falta de clareza em relação ao que constitui um tipo é a causa da incrível quantidade de trabalhos amadorísticos produzidos por mais de um século, mas particularmente por entusiastas modernos da raça".[169] Os "Significados e conclusões" que seguem lembram em muito os argumentos contidos em *A mente do ser humano primitivo* (BOAS, 2010).[170]

A segunda linha de pesquisa, dirigida por Benedict e que interessa mais diretamente a este trabalho, havia sido pensada com o intuito de contribuir com dois problemas principais: os históricos e os de inter-relação entre personalidade e cultura. Todavia, ao invés de representar um rompimento com a perspectiva boasiana, as pesquisas que foram realizadas no Brasil e em outros países da América Latina sob os

---

[169] Idem.

[170] "Conforme nossa familiaridade com as formas corporais encontradas em várias localidades, nós somos aptos a estabelecê-las como conceitos definidos de acordo com os quais nós classificamos a grande variedade de tipos humanos. Nós seguimos o mesmo processo na classificação de nossas experiências gerais, que sempre dependem do caráter de nossas impressões prévias e somente numa menor extensão de características objetivas. A classificação ingênua dos tipos humanos não representa um agrupamento de acordo com princípios biológicos, mas é baseada em atitudes subjetivas. No entanto, há uma tendência a fornecer realidade biológica [às impressões subjetivas] de forma bastante irracional e dependente de experiências individuais prévias. Então acontece que nós reivindicamos descendência mista para uma população que contém um número de tipos que foram conceitualizados. Este é o caso, por exemplo, no Sudeste da Noruega, onde vive um número de morenas inusualmente alto. Pelo mesmo procedimento tem sido reclamado que a população pueblo consiste de tipos pueblo, navajo e ute. Nestes casos, uma descendência compósita é possível, mas isso não pode ser comprovado satisfatoriamente pela identificação de indivíduos com tipos abstraídos de observações prévias em outras localidades. Nós temos que ter em mente que grupos que nos impressionam como um conglomerado de diferentes tipos conceitualizados podem ter na verdade uma descendência comum, e que outros que nos parecem representativos de um só tipo podem incluir grupos de origens distintas" (idem, tradução livre).

auspícios do CRSS diziam claramente respeito a um projeto de longo alcance que pretendia montar um grande quebra-cabeça relacionado à história da ocupação do Novo Mundo e aos diversos processos ambientais, psicológicos e culturais que conduziram à diversificação desses povos. O projeto americanista de Boas consistiu, desse modo, num primeiro momento de verificação da aplicabilidade das hipóteses raciais para a explicação da diversidade cultural dos povos americanos; quando percebeu que poderia, enfim, sustentar empiricamente a inaptidão explicativa daquelas hipóteses, refutando, igualmente, as afirmações mais genéricas de caráter racista, pôde então direcionar o seu projeto para pesquisas relacionadas àquilo que o seu longo trabalho investigativo havia lhe indicado: a diversificação humana seria explicada por um *processo histórico* de diferenciação cultural, cujas causas deveriam ser buscadas, primeiramente, nas relações dos grupos com o meio e, em seguida, nas relações dos indivíduos com essas culturas historicamente constituídas. Benedict tomou para si, portanto, a tarefa de desenvolver esse último passo investigativo imaginado por Boas na década de 1920, quando começou a orientá-la na Universidade Columbia.

A linha "*Field studies of primitive peoples*" expressa isso de maneira muito clara. Com relação aos "problemas históricos", o seu objetivo era "estudar o processo histórico de povoamento aborígene e disseminação cultural no Novo Mundo, e o crescimento de culturas desenvolvidas locais nas Américas do Sul e Central, por meio de a) estudos de campo de tribos vivas representativas de horizontes antigos e b) estudos de campo de culturas desenvolvidas ou pós-colombianas".[171] Os "problemas de inter-relação entre personalidade e cultura", por sua vez, buscavam "mostrar o efeito das instituições

[171] Idem, tradução livre.

culturais no comportamento humano" estudando, para tanto, "por um lado, as instituições familiares, econômicas, políticas e religiosas de uma dada tribo, e, por outro, o alcance do comportamento individual naquela tribo como apresentado nas histórias de vida e episódios tribais.[172]

A antropologia boasiana, a princípio em grande medida antropométrica, desenvolvia-se, sob os cuidados de Benedict, numa etnologia de amplo alcance preocupada com os processos mais elementares de constituição das diversas culturas do globo numa dinâmica situada entre os níveis coletivo e individual. O americanismo constituía-se, desse modo, como um importante elemento para o programa antropológico boasiano, que, por sua vez, inseria-se no programa cosmográfico elaborado originalmente pelos irmãos von Humboldt: além de, do ponto de vista sincrônico (espacial), representar uma das últimas peças ainda desconhecidas de um quebra-cabeça cultural global, do ponto de vista diacrônico (histórico) o estado "primitivo" das culturas ameríndias poderia lançar luz nos mistérios ainda não resolvidos do desenvolvimento cultural da humanidade.

Mais adiante, neste mesmo documento, o papel empírico da América Latina para a comprovação dessas hipóteses é explicitado de modo muito claro. A transcrição, na íntegra, das *"Conclusions and significance*" do projeto, é relevante por sua riqueza e por não deixar dúvidas quanto aos argumentos aqui desenvolvidos:

> A contribuição das viagens de campo do Conselho para os problemas históricos do homem antigo pode ser melhor ilustrada pelo trabalho feito nas Américas do Sul e Central. Traçando a história do homem na América, o problema básico é determinar se as culturas na América do Norte e do Sul apontam para uma

[172] Idem, tradução livre.

origem comum e devem, portanto, ser consideradas como uma unidade étnica. Uma série de costumes e objetos divididos pelos povos mais simples da América do Norte e as tribos do Sul na América do Sul tem sido descrita na literatura e coloca um impressionante problema. As viagens de campo sob o Conselho têm sido então planejadas de modo que investigações estão sendo conduzidas:

a) na região Sul da América do Sul (os pilagas do Chaco) e entre as mais primitivas tribos do Brasil (os caigangues, trumaís, carajás, caiapós e xavantes) para obter informações acuradas sobre a vida social e cultura material de tribos pertencentes a um horizonte cultural arcaico.

b) Naquelas regiões onde culturas desenvolvidas (os quechuas do Peru, os chibchas da Colômbia, os mixtecos do México Ocidental e os maias das montanhas da Guatemala) cresceram e superaram as culturas mais simples e antigas; e nessas regiões onde culturas pós-colombianas importadas têm introduzido impressionantes traços que têm modificado fundamentalmente tribos aborígenes sobre grandes áreas (negro do Suriname, [projeto n. 45], Haiti [projeto n. 87], Ilhas Virgens [projeto 103] e Bahia). Quando as características culturais desses horizontes aborígenes mais recentes são identificadas em detalhe, as características dos povos mais simples podem eventualmente ser consideradas em sua relação com a América do Norte. A investigação tem mostrado que esses povos mais simples do extremo sul da América do Sul e das “terras áridas” do leste brasileiro apresentam retratos culturais que são típicos também da América do Norte ocidental. As evidências estão se acumulando a partir de cada investigação de campo para mostrar que o Novo Mundo, tanto a América do Norte quanto a do Sul, deve ser considerado uma unidade étnica, e que onde existem presunções de influência transpacífica, essas tomam lugar em tempos remotos. Sobre esta base étnica comum tem crescido o número de culturas altamente diferenciadas que,

> enquanto deslocam ou modificam essas culturas mais simples, têm suas raízes profundas neste patrimônio comum do Novo Mundo. O estudo das direções em que a cultura se desenvolveu no Novo Mundo corrige e lança luz sobre o nosso conhecimento de desenvolvimentos contrastantes no nosso próprio pano de fundo cultural no Velho Mundo.[173]

Fica evidente, portanto, que Benedict não abandonou, ao menos nas pesquisas que orientava, o "paradigma" "difusionista moderado" boasiano. As comunidades indígenas brasileiras adquiriam, no interior desse vasto quadro imaginado pelo americanismo estadunidense, um valor fundamental em função de seu caráter "primitivo": ainda muito pouco ou mal estudadas, elas forneceriam os pilares básicos para o estudo do processo histórico de desenvolvimento e diversificação dos povos americanos. Como veremos adiante, os intelectuais brasileiros não deixaram escapar o valor desse recurso que, percebido como uma espécie de "riqueza natural brasileira", a partir de então passou a ser visto como "patrimônio nacional" a ser tutelado pelo Estado. Assim o *conceito de cultura* firmado nessa investigação antropológica logo se desdobraria num *patrimônio cultural*, sobretudo num *patrimônio etnográfico*, que serviria também aos propósitos modernizadores regionais dos intelectuais brasileiros.

Por ora, no entanto, esse argumento não será levado adiante. Interessa agora perceber o desenvolvimento cotidiano desses projetos nas cartas trocadas entre Boas e Benedict. Ainda que tenham convivido diretamente de maneira quase diária, os momentos de afastamento em função, por exemplo, das viagens que Benedict ou Boas fizeram ao longo desse período ensejaram a produção de um significativo *corpus* de correspondências. É em torno de 1928

[173] Idem, tradução livre.

que as cartas indicam uma maior proximidade entre ambos, o que é claramente perceptível quando Benedict substitui o distante "*Dear Dr. Boas*" pelo afetuoso "*Dear Papa Franz*" – Benedict também se referia à esposa de Boas como "*Mama Franz*". Além de demonstrar um apoio incondicional às causas defendidas por Boas e indicar de maneira muito clara qual era o núcleo primário de antropólogos ligados ao "*papa*" da antropologia estadunidense (Melville Herskovitz, Alexander Goldenweiser, Robert Lowie entre outros), essas correspondências interessam aqui por tratarem de maneira privilegiada das pesquisas de campo realizadas por seu grupo no Brasil.

Cuidando de uma terceira geração de boasianos(as)

Em primeiro lugar, as correspondências enviadas por Benedict a Boas indicam que o recrutamento de novos integrantes para o núcleo primário de boasianos(as) passava por um processo de observação do potencial de jovens promissores na prática do trabalho de campo. Entre junho e agosto de 1931 Benedict enviou uma série de cartas a Boas a partir do Novo México, quando treinava alguns de seus alunos na região de Mescalero em pesquisas linguísticas relacionadas ao projeto *Acculturation* – outra linha de pesquisa realizada pelo Departamento de Antropologia de Columbia, desenvolvida entre os índios da América do Norte e também por meio dos fundos disponibilizados pelo CRSS.[174] Em carta do dia 28 de julho de 1931, Benedict tece as seguintes observações a respeito de Jules Henry Blumensohn: "Jules Blumensohn tem [aguentado] bem. Os garotos fazem piada dele muito frequentemente, mas eles respeitam o [seu]

[174] Nessas cartas (FBP, APS), Benedict menciona algumas vezes o assassinato de Henrietta Schmerler; no entanto, é impossível confirmar apenas por meio da leitura dessas correspondências se ela era uma das alunas de Benedict bem como quais foram as condições do homicídio.

trabalho, especialmente sua fonética. Ele grava e pronuncia melhor que qualquer um deles[...]".[175] Na próxima carta, do dia 25 de agosto, Benedict volta a comentar o desempenho de Blumensohn:

> Jules Blumensohn tem se dado muito bem com os índios. Se fosse para estimar os resultados de alguém individualmente, os dele ultrapassariam os dos outros. A sua fonética é melhor que a do resto, e ele tem escolhido excelentes informantes e planejado seu trabalho muito bem. Os outros garotos têm humilhado ele muito; todos são garotos extrovertidos e tendem a deixá-lo ressentido. Mas ele tem levado isso muito bem.[176]

Já no ano seguinte, Blumensohn conquistaria a confiança de Boas e de Benedict a ponto de ser enviado sozinho para o Brasil para a realização de pesquisas etnolinguísticas entre as "tribos primitivas" brasileiras. Isso mostra que no interior do campo antropológico boasiano a credibilidade científica necessária para a ascensão pessoal passava necessariamente por uma demonstração de caráter competitivo de suas próprias habilidades enquanto "pesquisador de campo". Tal competitividade pode ser atestada pelo constante *bullying* que Blumensohn, aparentemente o mais destacado dos alunos de Benedict, sofria de seus colegas no campo. Com base nessa seleção criteriosa e na constituição de laços afetivos consistentes, Boas e Benedict construíam aos poucos um grupo coeso de pesquisadores cuja identidade era percebida no âmbito de uma rede mais ampla de americanistas.

Uma vez enviado seu epígono a campo, Boas e Benedict passavam a cuidar para que tudo lhe corresse bem. Primeiramente, Boas escreve a Edgard Roquette-Pinto, em carta do dia 2 de junho de

---

[175] Carta de Benedict para Boas, 28 de julho de 1931, FBP, APS, tradução livre.
[176] Carta de Benedict para Boas, 25 de agosto de 1931, FBP, APS, tradução livre.

1932, indagando sobre as condições para realização de pesquisas de campo no Brasil:

> O Sr. Jules Blumensohn desta universidade pretende passar o próximo ano no Brasil com o propósito de estudar os botocudos. Ele provavelmente sairá daqui em meados de setembro. Eu ficaria muito grato se você pudesse ter a grande gentileza de me mandar informações de natureza prática. Isto é, as condições gerais do país, a possibilidade de ter, durante as primeiras semanas da investigação, alguns botocudos que falem português, a praticabilidade de viver na terra dos botocudos, as dificuldades climáticas que podem ser encontradas durante as temporadas de chuva no Rio Doce, qualquer sugestão a respeito do equipamento que deve ser adquirido aqui, e qualquer literatura que tenha aparecido nos jornais ou livros brasileiros desde 1905.[177]

Conforme será visto adiante, quem responderia essa carta e, a partir de então, tomaria a frente desses assuntos, seria Heloisa Alberto Torres. Logo depois, em carta do dia 1º de agosto de 1932, Benedict mostrou preocupação a respeito da mesma pesquisa:

> Estou enviando em anexo cartas que eu recebi de Jules Blumensohn ultimamente. Você conhece Petrullo, e sabe o quanto é possível acreditar em seus conselhos? […] – Os relatórios do governo de poucos anos atrás exemplificam o Rio Doce (lar dos botocudos) como uma notável região malárica do Brasil, e as recomendações do conselho brasileiro são tão piores quanto inúteis – ele é um homem público e não admite males no Brasil. Ele está muito preocupado com a revolução, mas o que se pode dizer? – O Chaco também está sendo disputado, assim o dizem, numa guerra entre Paraguai e Bolívia. – Blumensohn não partirá por pelo menos um mês, e eu gostaria que você

[177] Carta de Boas para Roquette-Pinto, 2 de junho de 1932, FBP, APS, tradução livre.

> escrevesse seu conselho. Meu sentimento é que um homem não pode ir para um país com surto de malária em sua primeira viagem de campo, e eu estou perturbada, além disso, com o relato de que o Brasil não coopera com etnólogos. Mas talvez nós devêssemos dar um crédito a Petrullo. Eu não sei.[178]

No arquivo pesquisado não há a resposta de Boas a esta carta. Mas em tréplica ao assunto, Benedict demonstra, mais uma vez, envidar esforços para que Blumensohn não desistisse da pesquisa de campo no Brasil:

> Você verá que ele está contando com o prosseguimento. Ele ficaria terrivelmente desapontado se tivesse que desistir da América do Sul agora, e, se Minas Gerais é pacífica, ele provavelmente pode trabalhar sem distúrbios com os botocudos. Eu escrevi para Hayden pedindo-lhe a qualquer custo para deixar o dinheiro pronto para o caso de Jules partir dia primeiro de setembro.[179]

Outro aspecto interessante que pode ser observado nessa troca de cartas é que, por essa época, Boas e Benedict se esforçavam em incentivar seus discípulos a voltarem seus interesses para "povos mais primitivos": "Buell Quain voltou para este país, e diz que já escolheu um lugar em Fiji no qual passar seus [últimos] anos fazendo antropologia. Mas enquanto ele é novo e forte, ele espera ter a chance de fazer uma viagem de campo para um grupo mais primitivo".[180] Buell Quain partiria pouco tempo depois, junto a William Lipkind e Charles Wagley, para realizar pesquisas etnológicas no Brasil com o apoio do Museu Nacional. É plausível que houvesse um

[178] "Carta de Benedict para Boas, 1º de agosto de 1932, FBP, APS, tradução livre. Não consegui encontrar informações a respeito de Petrullo, mencionado nessa carta.
[179] Carta de Benedict para Boas, 20 de agosto de 1932, FBP, APS, tradução livre.
[180] Carta de Benedict para Boas, 28 de julho de 1936, FBP, APS, tradução livre.

certo receio por parte dos pesquisadores mais jovens em realizar logo de cara uma pesquisa de campo em ambientes tão pouco familiares como essas “tribos mais primitivas” brasileiras, onde, além do mais, a língua oficial do país era o complexo português e em relação às quais as referências bibliográficas ainda eram relativamente escassas. Jules Henry Blumensohn, como vimos, primeiro praticou entre povos já “aculturados” e com o apoio direto de Benedict antes de ser considerado apto a viajar para o Brasil. Quain, por sua vez, como se vê, primeiro viajou para um país de colonização britânica onde, pelo menos, a língua de seus “informantes” não lhe seria tão estranha. Ruth Landes lembraria, duas décadas e meia depois, dos motivos que afastavam os jovens antropólogos estadunidenses das pesquisas de campo no Brasil:

> Durante aquele período, Boas e Benedict também mandaram quatro estudantes homens para o Brasil para estudar grupos indígenas nas grandes florestas. Jules Henry, William Lipking, Buell Quain e Charles Wagley. Meu estudo da vida do negro me levou, contudo, para capitais costeiras do Rio de Janeiro e da Bahia. Em nossas primeiras expedições, cada um de nós trabalhou sozinho, exceto o Sr. e a Sra. Lipkind. Essa solidão repousou principalmente nos fatores que foram o número reduzido de estudantes, os fundos limitados e os temperamentos inventivos (LANDES, 1970, p. 121, tradução livre).

Já em 1937, Benedict começa a interceder pelo grupo de jovens antropólogos formados na Universidade Columbia que iriam desenvolver pesquisas de campo no Brasil. Em carta a Boas, datada de 24 de agosto daquele ano, Benedict escreve a respeito de Ruth Landes:

> Eu espero que você possa aproveitar a ocasião de convencer Mel [Herskovits] sobre a ida de Ruth Landes para realizar o estudo

> do negro na Bahia. Isso é importante, porque o *Resenwald Fund* está considerando dar uma contribuição para as finanças dela, dando-lhe um pequeno salário enquanto ela estuda este outono sob a orientação de [Rüdiger] Bilden [1893-1980]. Uma vez que sua família se mudou, ela não poderá contar com acomodação e alimentação livre de custos. Eu gostaria que o Mel fosse convencido a falar bem dela. Eu não conheço as suas objeções quanto ao trabalho dela na Bahia, pois o assunto veio à tona depois que eu saí da cidade, mas eu presumo que ele acha que ninguém deveria ir antes de ele próprio ter ido para a Nigéria. Claro que Ruth amaria ir para a Nigéria primeiro![181]

Landes foi aluna de Boas e de Benedict em Columbia nos anos 1930, período ao qual ela própria se refere como a época do "Novo Negro" (*The New Negro*) ou "Renascença Negra" (*Negro Renaissance*), quando a genialidade de várias pessoas negras vinha sendo reconhecida nos meios intelectuais estadunidenses – ela própria relata ter conhecido pessoalmente nomes como o artista Paul LeRoy Bustill Robeson (1989-1976), o filósofo Alain LeRoy Locke (1885-1954), o historiador William Edward Burghardt "W. E. B." Du Bois (1868-1963), o poeta e diplomata James Weldon Johnson (1871-1938), o escritor e político Walter Francis White (1893-1955) e a novelista e antropóloga Zora Neale Hurston (1891-1960). Antes de iniciar seus estudos em Columbia, Landes desenvolveu uma pesquisa sobre os negros judeus do Harlem, o que a direcionou, segundo ela própria conta, ao curso de antropologia conduzido por Boas e Benedict – Landes lembra que, embora tivesse predileção anterior por medicina e artes, decidiu-se pela antropologia, como tantos outros, em função da personalidade e compromisso intelectual dos dois professores (LANDES, 1970).[182]

---

[181] Carta de Benedict para Boas, 24 de agosto de 1937, FBP, APS, tradução livre.

[182] Segundo ela, "Todas as outras profissões ou atividades eruditas assalariadas restringiam mulheres com uma severidade que, no nosso círculo, nós considerávamos semelhantes

Todavia, Landes foi mais profundamente influenciada pelos antropólogos da Universidade Fisk, a exemplo de Robert Ezra Park (1864-1944), de seu aluno Donald Pierson (1900-1995), e de Edward Franklin Frazier (1894-1962) do que pelo grupo da Universidade Columbia. Landes trabalhou sob a supervisão de Park no Tennessee "para ensinar e aprender naquele campus negro alguma coisa em primeira mão da 'etiqueta racial' estadunidense, na expressão clássica de Bertrand W. Doyle" (LANDES, 1970, p. 120, tradução livre). Foi por meio desses intelectuais que Landes soube que "aquela grande população negra do Brasil vivia decentemente junto com o resto da população", o que lhes despertou o interesse em "examinar os detalhes" (LANDES, 1970, p. 120, tradução livre).

Mariza Corrêa considera que já em fins de 1938 ainda não era possível identificar nenhuma animosidade entre Landes, de um lado, e Herskovits e Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949), de outro, dado o teor de uma carta que a primeira havia enviado ao último em 27 de dezembro daquele ano (CORRÊA, 2003, p. 170). No entanto, Corrêa reconhece tratar-se de uma oposição que, surgida nos EUA, iria ser de certo modo transposta para o contexto brasileiro:

> A oposição de Landes à posição de Herskovits é paradigmática – ao passo que ele luta para impor sua visão sobre as "sobrevivências africanas nas comunidades de negros americanos", Landes mostrava em seu livro [*A cidade das mulheres*] que as relações sociais baianas eram uma adaptação local de tais tradições, ponto defendido também por Donald

---

àquelas que prevaleciam sobre os negros. Esses dois acadêmicos pareciam distinguir não os sexos, mas apenas habilidades. Essa foi a preocupação primordial deles. Nunca antes eu tinha visto isso numa situação de trabalho, nem me importava em ser uma sabichona com *Ph.D.* Mas Ruth Benedict era linda e casada. Depois de um ano ponderando o seu convite para entrar na pós-graduação em antropologia e refletindo sobre o início do meu casamento precoce, eu decidi que aquela carreira poderia ser a minha" (LANDES, 1970, p. 120, tradução livre).

> Pierson. O debate de Herskovits com Frazier, aliás o único pesquisador norte-americano negro a ter feito parte do grupo que veio ao Brasil na época […] já sugeria essa separação de perspectivas. Sugeria também que a disputa em andamento no cenário norte-americano estendia-se ao Brasil (CORRÊA, 2003, p. 174).

Corrêa aparentemente não teve contato com a correspondência entre Benedict e Boas a respeito de Landes e Herskovits que foi acima apresentada. No entanto, esse documento ainda assim corrobora a hipótese dessa antropóloga ao apontar que as controvérsias produzidas em torno de panoramas antropológicos diversos nos Estados Unidos acabariam projetando suas redes de humanos e não humanos para o território brasileiro.

A transposição do método culturalista e historicista para o estudo das culturas de origem africana

Resta ainda mencionar a correspondência que Melville Herskovits, um outro antropólogo representante daquela "segunda leva" de boasianos, estabeleceu com o chefe do Departamento de Antropologia da Universidade Columbia, a fim de que seja possível compreender melhor a situação em que o americanismo culturalista e historicista da "escola boasiana" aportou no Brasil. Segundo Gaillard, Herskovits é considerado um dos pioneiros dos estudos afro-americanos, tendo estudado, primeiramente, em Chicago, com Elsie Clews Parsons e Thorstein Bunde Veblen (1857-1929), e, posteriormente, em Nova York com Goldenweiser e Boas. Após se tornar *Ph.D.* em Columbia, passou a lecionar na Universidade Northwestern, na cidade de Evanston, IL (próxima a Chicago), onde criou um programa de estudos africanos nos EUA, tendo se tornado o primeiro presidente da *Association of*

African Studies. Herskovits inicialmente dedicou-se a estabelecer as "áreas culturais" do continente africano, mas, a partir da década de 1930, voltou-se para a análise das sobrevivências culturais africanas no Novo Mundo (GAILLARD, 2004, p. 121-122).

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, que analisou as correspondências trocadas entre Herskovits e Arthur Ramos, assim se refere ao interesse de Herskovits pelo Brasil:

> Para Herskovits, o encontro com Ramos abria-lhe as portas do mundo intelectual brasileiro e do mundo "africano" da Bahia, um dos mais bem "conservados" das Américas. De fato, para Herskovits, Ramos representou certamente um enorme avanço no seu projeto de pesquisa intercontinental sobre a cultura dos povos africanos trazidos para as Américas. Se, em 1930, ao publicar no *American Anthropologist* a sua declaração sobre o "negro do novo mundo", Herskovits […] via-se forçado a retirar os negros do Brasil de sua escala de "africanismos no comportamento cultural" "porque [tinha] poucos dados sobre os quais se basear", em 1955, em sua *Cultural Anthropology*, já podia colocar o Brasil na terceira posição de sua escala, logo abaixo do Suriname e do Haiti […] (GUIMARÃES, 2004, p. 172).

Herskovits foi um dos precursores na transposição do método culturalista e historicista da escola boasiana para os estudos das culturas de origem africana. Seu interesse, à semelhança daquele desenvolvido por Boas e Benedict no Departamento de Antropologia da Universidade Columbia, era, em primeiro lugar, compreender a constituição das culturas "primitivas" das tribos africanas – com a consequente produção de "mapas culturais" – e, posteriormente, as suas transformações no Novo Mundo a partir do contato com as culturas europeias. O Brasil, por motivos óbvios, era uma peça-chave para a montagem desse seu quebra-cabeças. Se, por um lado, Arthur

Ramos pôde alavancar a sua carreira internacional em função do valor dos dados antropológicos cujo acesso pôde franquear a Herskovits, (GUIMARÃES, 2004; CAMPOS, 2004), por outro, isso deu origem a uma nova controvérsia entre os(as) antropólogos(as) estadunidenses, uma vez que, como já foi adiantado, emergia ao mesmo tempo nos EUA uma vertente interpretativa mais combativamente alinhada à compreensão dos problemas de caráter sociológico envolvidos nas condições de vida dos negros daquele período – menos interessada que Herskovits, portanto, no tema da "sobrevivência" de elementos culturais prístinos em processo de desaparecimento. É isso que explica, já em 1937, a oposição de Herskovits às pesquisas que seriam desenvolvidas no Brasil por uma Ruth Landes já diretamente ligada a Park, Piersone Frazier. Explica também, mas obviamente não justifica, a desleal perseguição sofrida por Landes quando desenvolveu suas pesquisas de campo no Rio de Janeiro e na Bahia (LANDES, 1970; CORRÊA, 2003).

A volumosa correspondência entre Boas e Herskovits inicia-se em 1923 e segue até o fim da vida do primeiro. Ela não indica o mesmo tom de proximidade que aquela estabelecida entre Boas e Benedict – Herskovits nunca tratou o mestre por "*Papa Franz*" –, embora seu conteúdo expresse um constante apoio e orientação de Boas às pesquisas de seu antigo aluno – o que se dava por meio de cartas de recomendação, orientações relacionadas a pesquisas antropométricas (muitas vezes criticadas por Boas na forma pela qual foram conduzidas ou interpretadas por Herskovits) e de manobras para obtenção de verbas. Herskovits, mesmo trabalhando na Universidade Northwestern, conseguiu, por exemplo, um apoio financeiro do CRSS de Columbia graças ao suporte de Boas.[183] As correspondências

[183] Segundo informações que Boas prestou ao *Dean* Howard Lee McBain (1880-1936), ofício de 14 de setembro de 1933, Herskovitz conduziu pesquisa sobre o negro sob os auspícios

trocadas entre Boas e Herskovits ainda fazem menção a uma série de outros fundos, como os da Guggenheim e da Rockefeller, dentre outros.

O Brasil surge como tópico de conversação entre Boas e Herskovits já em 4 de março de 1929. Não se tratava, no entanto, como se pode depreender, de algo além de um interesse ainda secundário. Herskovits encaminhou junto a essa carta a cópia de uma outra, escrita por Walter Edmund Roth, do Museu de Georgetown, Guiana – museu que posteriormente receberia o seu nome – solicitando o apoio de jovens pesquisadores para a realização de trabalho de campo na região fronteiriça com o Brasil. Herskovits, embora demonstre interesse pela região, não possuía disponibilidade no momento para realizar trabalhos de campo lá:

> Há algum tempo eu recebi uma carta de Roth, na Guiana Inglesa, perguntando se eu estava interessado numa viagem de campo de volta à fronteira brasileira. Eu respondi que meu tempo estava tomado mas que eu achava que isso poderia ser uma excelente oportunidade para algum homem ajudá-lo com seu trabalho de campo. […] Eu acredito que essa poderia ser uma oportunidade excepcional para iniciar alguém no campo da etnologia da América do Sul, e certamente uma excelente chance para ele começar a trabalhar nisso sob a direção de um homem que conhece tanto sobre isso quanto Roth.[184]

Depois disso, somente em carta de 21 março de 1941 é que o Brasil volta a aparecer nessas correspondências, dessa vez em

---

do CRSS primeiramente em Nova York, depois na Guiana Holandesa (atual Suriname) e finalmente na África Ocidental ("Folder 5", Series I: Correspondence, 1922-1960, Box 1, Council for Research in the Social Sciences Records, 1922-1970, RBML, CU).

[184] Carta de Herskovits a Boas, 4 de março de 1929, FBP, APS, tradução livre. Note-se que, como ocorre na maioria das correspondências, é apenas o "homem" (*some man*) que é considerado para a pesquisa antropológica, como se não existissem – ou não pudessem existir – mulheres realizando este tipo de trabalho.

função da viagem de Arthur Ramos aos EUA. Herskovits escreve o seguinte: “Você provavelmente ouviu falar que Ramos palestrará em Columbia no próximo mês. Ele e sua esposa estarão em Nova York por vários dias, e você verá que ele tem uma carta para você”.[185] É neste período que Herskovits “agencia” Ramos em sua estadia nos EUA como estratégia de obter um canal privilegiado para seus próprios estudos no Brasil (GUIMARÃES, 2004).

O interesse pela difusão geral da cultura africana, em especial na América do Sul e no Brasil, deve ter surgido a partir da sua viagem ao Suriname. Em carta do dia 5 de outubro de 1929, Herskovits tratou de um problema de caráter linguístico no qual desejava ter se aprofundado mais: “O que você realmente tem lá é um dialeto arcaico com mais africano, muito mais português e menos inglês”.[186] Mas foi apenas em carta do dia 26 de outubro de 1942, pouco tempo antes da morte de Boas, que Herskovits começou a tratar das pesquisas que ele próprio vinha realizando no Brasil. Na verdade, Herskovits se referia com bastante entusiasmo a essa pesquisa, que “precisava ser redigida e publicada” o mais rápido possível. Era como se ele estivesse ansioso para mostrar ao mestre que os dados que havia recolhido no Brasil trariam importantes elementos para o fortalecimento da própria perspectiva antropológica boasiana ao fornecer dados inéditos e valiosos sobre problemas como sobrevivências culturais:

> Os materiais para serem estudados lá são incrivelmente ricos, com uma localidade depois da outra inteiramente ainda não estudada. Nós trabalhamos na Bahia, e você terá uma ideia do tipo de coisa que se encontra quando eu te disser que nós gravamos algo em torno de 500 músicas, cujas palavras são todas em dialetos africanos. Como era de se esperar, os

[185] Carta de Herskovits para Boas, 21 de março de 1941, FBP, APS, tradução livre.
[186] Carta de Herskovits para Boas, 5 de outubro de 1929, FBP, APS, tradução livre.

> africanismos mais puros estão na vida religiosa, em que há algumas instituições que precisam ser investigadas na África ocidental, onde eu estou convencido que elas existem e que, se encontradas, nos darão algumas ideias importantes sobre certos aspectos da religião africana até agora não estudados. Há, entretanto, muitas sobrevivências na vida social e econômica dessas pessoas, e uma das melhores coisas é o modo pelo qual esses africanismos estão integrados nos padrões de uma cidade moderna de algo em torno de 350.000 pessoas.[187]

É possível perceber, portanto, que o material antropológico brasileiro passou a se valorizar cada vez mais aos olhos dos cientistas sociais estadunidenses, tanto no que diz respeito às culturas ameríndias quanto às afro-brasileiras, e isso justamente num momento em que, no Brasil, o interesse pela construção de uma ideia abrangente de identidade nacional gozava de indubitável prestígio entre os intelectuais brasileiros.

Entre os Estados Unidos e o Brasil

Até agora o direcionamento dos interesses da rede americanista transnacional em relação à América do Sul, em especial ao Brasil, só foi apontado indiretamente, por meio das cartas trocadas com interlocutores cujos objetivos ligavam-se de modo mais imediato à realização de pesquisas de campo neste país. No entanto, é surpreendente o número de relações diretas que Boas estabeleceu com brasileiros pela via missiva, ainda que, individualmente, elas não estejam dotadas da mesma intensidade daquelas cartas trocadas com seus amigos mais diletos, a exemplo dos nomes que apareceram neste livro em função de seus respectivos interesses sul-americanistas.

[187] Carta de Herskovits para Boas, 26 de outubro de 1942, FBP, APS, tradução livre.

As primeiras correspondências que encontrei originadas do Brasil datam de 1907. O primeiro documento foi recebido de Emílio Augusto Goeldi (1859-1917), informando o seu novo endereço a partir de 1º de abril e, num ofício circular impresso em francês e datado de 27 de março, justificando para a rede transnacional de antropólogos e naturalistas os motivos de sua saída do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, que depois seria rebatizado com o seu nome.[188] Não há resposta arquivada de Boas a esta comunicação.

O segundo documento produzido no mesmo ano é de autoria de Rodolpho Theodor Wilhelm Gaspar von Ihering (1883-1939), do Museu Paulista, datado de 3 de junho.[189] Esta carta é de grande importância, pois flagra um interesse precoce de Boas pela realização de pesquisas antropológicas na América do Sul e, pelo que se pode depreender dos agradecimentos de Ihering, especificamente no Brasil:

> Nós recebemos o seu relatório que você submeterá à *Carnegie Institution* e que em anexo eu devidamente retorno. Aceite os cumprimentos do nosso Instituto com a garantia do grande interesse com o qual nós tomamos um importante

[188] Ofício de Goeldi para Boas, 27 de março de 1907, FBP, APS. Nascido Émil August Goeldi, em Berna, Suíça, o naturalista e zoólogo estudou na Alemanha com Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1919) antes de vir para o Brasil em 1880. Goeldi se desligou do Museu Nacional, junto com nomes como Orville Adalbert Derby (1851-1915) e Hermann Friedrich Albrecht von Ihering (1850-1930), em função das reformas republicanas que incluíam a proibição de acumulação de cargos e a obrigatoriedade de assinatura de ponto (KEULLER, 2008, p. 72). Logo em seguida, em 1893, no entanto, foi convidado por Lauro Nina Sodré e Silva (1858-1944) para assumir a direção do Museu Paraense – que se encontrava praticamente abandonado –, em grande medida em função do projeto regional, impulsionado pelo êxito econômico advindo da cultura da borracha, de transformar Belém na "Paris do Sol" (SCHWARCZ, 1993, p. 84). Goeldi foi o responsável pela modernização e internacionalização dessa instituição que se destacava por sua localização privilegiada para o apoio de expedições de naturalistas.

[189] O zoólogo Rodolpho von Ihering era filho do também zoólogo alemão Hermann von Ihering (1850-1930), conhecido entre nós por ter sido o primeiro diretor do Museu Paulista (atual Museu do Ipiranga, em São Paulo, SP), a partir de 1894, após ter deixado, como Goeldi, o Museu Nacional. Rodolpho von Ihering era, à época, vice-diretor de custos do Museu Paulista.

> empreendimento como o seu, pelo qual sem dúvida o estudo da Antropologia e da Etnologia de toda América do Sul será altamente beneficiado e por meio do qual nós certamente chegaremos a resultados definitivos e positivos seguindo as linhas de investigação expostas neste seu relatório. Eu também apresentarei as ideias expostas no seu relatório para o nosso Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo na próxima sessão, e estou certo de que ele transmitirá igualmente a você um documento de louvor pelo grandioso empreendimento que você se dispõe a realizar.[190]

O próximo correspondente brasileiro de Boas é o filólogo e historiador cearense João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927). Embora seja reconhecido no Brasil principalmente por sua obra historiográfica,[191] foram seus estudos linguísticos a respeito de grupos indígenas sul-americanos que lhe alçaram ao reconhecimento internacional. Beatriz Christino mostra o quanto Capistrano de Abreu era respeitado no interior da rede de americanistas constituída no início do século XX – a mesma sobre a qual este trabalho vem se debruçando –, sendo considerado por nomes como Karl von den Steinen, Paul Ehrenreich, Ferdinand Hestermann (1878-1959), Erland Nordenskiöld, Paul Rivet, Koch-Grünberg, entre outros, um dos poucos linguistas capazes de fornecer transcrições e interpretações confiáveis a respeito de línguas indígenas de povos ainda livres da influência ocidental. Capistrano de Abreu tomou parte, e de maneira ativa, nessa rede transnacional de americanistas, seja em função da partilha dos valores que gravitavam em torno do internacionalismo científico, seja por meio de troca de correspondências, de envio de publicações e

[190] Carta de R. von Ihering para Boas, 3 de junho de 1907, FBP, APS, tradução livre.

[191] Ricardo Benzaquen de Araújo, por exemplo, destaca o seu papel no que diz respeito a uma renovação metodológica da historiografia brasileira, que graças a Capistrano de Abreu teria se profissionalizado nos moldes de uma historiografia moderna (ARAÚJO, 1988).

da escrita de artigos que foram publicados nos principais veículos de divulgação do americanismo antropológico, a exemplo do *Journal de la Société des Americanistes*, dirigido por Rivet (CHRISTINO, 2007).

Christino não se refere neste artigo a Boas, no entanto é justamente em função dessa rede de amizades que ele e Capistrano de Abreu estabelecem um rápido contato epistolar. Karl von den Steinen, que Boas considerava ser um "amigo em comum" dos dois, estava passando por maus momentos do ponto de vista financeiro depois de terminada a Primeira Guerra Mundial, e seu amigo teuto-estadunidense tentava ajudá-lo angariando fundos por meio de uma campanha de subscrições para a aquisição de um livro que reuniria textos de von den Steinen, além de um "atlas muito bonito". Boas esperava conseguir cinquenta subscrições, no valor de US$50,00 cada, mas acreditava que não fosse conseguir mais que doze, motivo pelo qual escrevia ao amigo brasileiro de von den Steinen, em carta do dia 15 de janeiro de 1923, solicitando a sua ajuda no sentido de discutir o assunto com os seus outros amigos.

No dia seguinte, Boas escreve mais uma carta a Capistrano de Abreu,[192] agora por ter se lembrado de que o Congresso Mexicano havia concedido uma pensão para a viúva de Eduard Seller, outro importante americanista alemão, em função do seu valioso trabalho em prol da arqueologia e etnologia mexicana. Isso lhe fez pensar que Capistrano de Abreu poderia averiguar se não seria possível conseguir algo semelhante para von den Steinen no Congresso Brasileiro. Não há registro da resposta de Capistrano de Abreu, mas em carta do dia 10 de março Boas agradece a generosa doação de US$100,00 por parte do filólogo e historiador brasileiro, além de mais uma doação conseguida de "Dr. Lisbôa" com mais US$50,00 para o mesmo

[192] Carta de Boas para Capistrano de Abreu, 16 de janeiro de 1923, FBP, APS.

propósito, aproveitando o ensejo para cobrar uma resposta a respeito da possibilidade da pensão por parte do Congresso, uma vez que a situação de von den Steinen tinha se tornado ainda pior. Por fim, em nova carta,[193] Boas acusa o recebimento de mais dois cheques no valor de US$50,00 cada, sem conter, no entanto, indicação de nomes. Mas é possível deduzir que eram fruto dos esforços de Capistrano de Abreu pelo fato de serem provenientes do Rio de Janeiro.

Essas poucas correspondências são valiosas pois, em primeiro lugar, reafirmam os esforços de Boas no intuito de reanimar a produção americanista alemã depois da catástrofe da Primeira Guerra Mundial – ainda que saibamos que ela nunca iria se recuperar, ao menos a ponto de reconquistar o seu lugar de liderança anterior ao conflito (FRANK, 2005). Por outro lado, essas cartas atestam a centralidade de Capistrano de Abreu nessa rede transnacional, ajudando a romper, desde já, com a preconcepção de que a intelectualidade brasileira estivesse fadada a ocupar um papel periférico nas relações internacionais de produção de conhecimento.

Ainda na década de 1920, Boas se correspondeu com o escritor e diplomata pernambucano Manuel de Oliveira Lima (1867-1928). Em carta enviada de Washington, onde Oliveira Lima residia, datada de 8 de dezembro de 1925, o embaixador brasileiro responde a uma outra carta do dia anterior enviada por Boas, aparentemente solicitando um encontro. Oliveira Lima o convida para um almoço, mas Boas recusa o convite em carta escrita dois dias depois por ter várias outras coisas para fazer na capital estadunidense. A próxima carta de Oliveira Lima, do dia 13, é de difícil leitura em função de uma ingrata caligrafia, mas é possível depreender que houve algum mal-entendido impossibilitando o encontro dos dois. De todo modo, a resposta de Boas do dia 14

[193] Carta de Boas para Capistrano de Abreu, 23 de março de 1923, FPB, APS.

esclarece várias coisas: por causa de sua carta ter se extraviado não foi possível que os dois pudessem tratar de um tema que vinha interessando ao antropólogo de Nova York, ou seja, os problemas de genealogia no Brasil a respeito dos quais Mr. Venden (não consegui encontrar informações mais detalhadas a partir deste nome) havia tratado com o intelectual brasileiro. Boas estava "muito interessado nesta questão, sobre relatos do problema da aclimatação nos trópicos mais ao Norte".[194]

As pistas são instigantes: Oliveira Lima era reconhecido nos meios intelectuais estadunidenses como especialista em história brasileira e foi quem pôs o jovem promissor e à época ainda desconhecido Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) em contato com a sua rede de amigos (SKIDMORE, 2003); Freyre, por sua vez, destacou-se em seu *Casa-Grande & Senzala* (1933) justamente pela tese de que a formação cultural brasileira era fruto em grande medida de uma bem sucedida "aclimatação" do português aos trópicos, e em 1922 havia concluído seu mestrado em ciências políticas e sociais em Columbia, autoproclamando-se posteriormente o grande divulgador da obra de Boas no Brasil. Teria sido Oliveira Lima o *broker* a estabelecer um importante contato entre Freyre e Boas? Outro aluno de Boas, Rüdiger Bilden, também vinha realizando pesquisas a respeito na mesma época (PALLARES-BURKE, 2013), tendo influenciado o próprio Freyre, que o cita diversas vezes em *Casa-Grande & Senzala*. De todo modo, é possível notar aqui, mais uma vez, um interesse por parte de Boas em atestar suas ideias antropológicas no "laboratório" brasileiro.

[194] Carta de Boas a Oliveira Lima, 14 de dezembro de 1925, FBP, APS, tradução livre.

As conexões diretas de Boas com a rede brasileira de intelectuais acentuam-se sobremaneira na década de 1930. Já foram mencionadas aqui as cartas trocadas com José Oiticica (1931), Herbert Baldus (1932) e Roquette-Pinto (1932). Assim como em relação a esse último antropólogo, Boas entrou em contato com Curt Nimuendajú, no mesmo ano, também em função das pesquisas que Jules Henry Blumensohn viria realizar em território brasileiro. Embora se trate de uma curta correspondência, seu conteúdo é de extrema valia para a compreensão dos elementos que ligaram os brasileiros a esta rede transnacional mais ampla de americanistas.

Já vimos acima que o valor do trabalho de pesquisa de Nimuendajú foi desde cedo reconhecido pela rede transnacional de americanistas, sobretudo por meio de sua ligação muito próxima a nomes como Erland Nordenskiöld, Robert Lowie e Alfred Métraux. Hoje há um expressivo interesse em torno de sua vida e obra, certamente tanto em função de seu valor científico como do caráter mitológico que sua figura adquiriu para a memória das ciências sociais brasileiras. Após a sua morte, nomes como Herbert Baldus (1945), Alfred Métraux (1950) e Egon Schaden (1968) escreveram textos que ajudaram a despertar o interesse sobre sua trajetória pessoal e a fundar as bases de uma memória disciplinar que o alçaria à categoria de verdadeiro “herói civilizador” das ciências sociais brasileiras. É desse modo que a ele se refere, por exemplo, Roberto Cardoso de Oliveira, em artigo publicado originalmente no Anuário Antropológico de 1985, ao procurar compreender as características específicas das ciências sociais produzidas no Brasil, colocando-o ao lado da outra figura mitológica que tem sido a de Gilberto Freyre como um dos pais fundadores do “estilo” brasileiro de antropologia (OLIVEIRA, 2003). Um outro trabalho importante e que ajudou a compreender as ações de Nimuendajú no interior de um contexto relacional, institucional e

discursivo mais amplo foi a dissertação de mestrado de Luís Donisete Benzi Grupioni, que utilizou os arquivos do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil para interpretar de maneira bastante consistente as complexas imbricações presentes no campo indigenista e antropológico brasileiro (GRUPIONI, 1998). Atualmente outros trabalhos têm surgido com o intuito de desvelar o amplo significado internacional da ação de Nimuendajú, e seria impensável esgotar aqui a literatura a respeito desse etnógrafo.[195] É possível destacar, no entanto, que de modo geral o interesse por sua obra e atuação gira em torno de sua ação colecionista numa primeira fase de sua carreira, de seu reconhecimento internacional como etnógrafo, sobretudo após a parceria estabelecida com Lowie, e também pela profunda identificação com os povos indígenas que estudava, o que motivou uma incansável defesa dessas "culturas primitivas" contra as investidas do mundo "civilizado". Deixarei para Capítulo 7, no entanto, o aprofundamento das questões relacionadas à sua atuação colecionista, aos processos de subjetivação e objetivação daí advindos e à produção de recursos antropológicos que contribuíram para o enriquecimento do patrimônio etnográfico brasileiro.

As duas cartas enviadas a Boas por Nimuendajú estão em alemão – a do dia 15 de dezembro de 1932 e a do dia 5 de fevereiro de 1933, esta escrita após a resposta de Boas, de 5 de janeiro de 1933, à sua primeira carta; por fim, há um telegrama do dia 3 de maio do mesmo ano enviado por Boas a Nimuendajú. A respeito delas Priscila Faulhaber escreve o seguinte:

---

[195] Dentre eles, vide Amoroso (2001), Welper (2002), Faulhaber (2013 e 2016) e Tambascia (2013). Há também um valioso material reunido e disponibilizado gratuitamente pela "Biblioteca Digital Curt Nimuendajú", disponível em: http://www.etnolinguistica.org/autor:curt-nimuendaju, acesso em: 18/02/2020, sítio do qual foram retiradas a maioria das indicações aqui fornecidas.

> Nimuendajú também se correspondeu com Boas, expondo ao antropólogo seu conhecimento fundado no "conhecimento de campo" sobre os grupos indígenas para justificar sua atividade de coletor de artefatos para museus. Nimuendajú ofereceu a Boas uma coleção Apinayé por U$900. Boas respondeu que não era possível financiar seu trabalho, a despeito de reconhecer seu mérito e o valor antropológico da coleção. Boas também enviou um telegrama para Nimuendajú, em 3 de maio de 1933, e com uma frase lacônica expressou sua discordância em relação ao modo como Nimuendajú garantia sua subsistência durante as pesquisas de campo: coletando e vendendo artefatos nativos para museus etnográficos envolvidos no mercado internacional de bens simbólicos, no qual circulava a cultura material indígena. Tal mercado era baseado em redes internacionais que envolviam intrincadas relações de troca simbólica e financeira (FAULHABER, 2013, p. 226-227).

Outro conteúdo interessante para os fins deste trabalho é o que se encontra numa troca de cartas entre Nimuendajú e Boas também a propósito da passagem de Jules Henry Blumensohn pelo Brasil. Na carta do dia 5 de janeiro de 1933, Boas faz o seguinte pedido a Nimuendajú: "Eu ficaria muito grato se você pudesse fazer a gentileza de ajudá-lo [Jules Blumensohn] com os seus conselhos. A partir de um relatório que eu recebi hoje, ele pareceu estar bastante inseguro de seu sucesso na região onde ele está".[196] Em contrapartida, Boas ofereceria, conforme informa na mesma carta, espaço para que ele publicasse no jornal sobre linguística que estava a seu cargo nos EUA: "Se em qualquer momento você tiver alguma contribuição sobre uma das línguas que você estuda e que queira publicar **em alemão**, eu ficarei muito grato em recebê-lo para o *International Journal of American Linguistics*".[197] Eu destaquei o complemento "em alemão"

[196] Carta de Boas para Nimuendajú, 5 de janeiro de 1933, FBP, APS, tradução livre.
[197] Idem, tradução livre, negrito meu.

pelo fato de que isso mostra o quanto as estratégias relacionais de Boas estavam atreladas à sua simpatia por aqueles que, por fora das rivalidades nacionalistas produzidas pelas guerras europeias, pudessem contribuir para a manutenção e fortalecimento da produção etnológica alemã.

Em sua resposta, escrita em português, Nimuendajú evidencia um interesse comum aos antropólogos histórico-culturalistas filiados à tradição da *Völkerkunde* alemã: a busca por comunidades indígenas cujos modos de vida ainda não houvessem sido "deculturados" – termo usado por Nimuendajú e aparentemente equivalente ao termo *acculturated*, preferido nos EUA – antes que se extinguissem completamente:

> Lamento muito que o estado de deculturação dos botocudos de Santa Catarina não lhe permita mais um estudo completo como o Snr. desejava. Acho, porem, dificil encontrar uma tribu nas condições exigidas pelo Snr., que conserve viva a sua cultura em toda a linha. Hoje, no Brasil, os indios ainda assim conservados, ou se encontram em alguns poucos pontos de difficilimo acesso, – a região fronteira com a Venezuela e as Guyanas estrangeiras – e, alguns centros no Norte de Mato Grosso, por ex. – ou, élas mantêm-se numa atitude francamente hostil a todo e qualquer estranho. Todas as tribus pacificas e de facil acesso que eu conheço, estão, mais ou menos, deculturadas. Aqui, entre os Canélas, tenho de sustentar uma luta feroz contra o alcoolismo, que, a cada momento ameaça entre esses indios, a execução das ceremonias antigas.[198]

Em seguida, Nimuendajú apresenta uma série de exemplos de comunidades jês que não estariam em condições de servirem a um "estudo etnológico intensivo" em função do seu grau de "deculturação",

[198] Carta de Nimuendajú para Boas, 12 de junho de 1933, FBP, APS.

em especial os apinajés, cuja “tribo” “estragou-se pelo alcoolismo e a prostituição”. Mas ele se lembra dos urubús do Rio Gurupy, na fronteira entre o Maranhão e o Pará, que faziam contatos esparsos com os servidores do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) na região, motivo pelo qual o remetente fornece uma série de indicações a respeito de como alcançar esse grupo. Nimuendajú ainda se recorda de outros grupos na região, fornecendo uma série de elementos que indicavam a relevância de seu estudo, mas acaba retornando ao primeiro, pois “qualquer trabalho de valor, sobre os Urubús, em todo o caso, não existe; e, um intensivo estudo da tribu, antes que a civilisação a invada, seria muito interessante”. No entanto, as conclusões de Nimuendajú são bastante pessimistas:

> Acho, porém, que, si o Snr., depois quizer continuar os seus estudos em territorio brasileiro, terá de abandonar a norma, de querer ocupar-se, exclusivamente, de tribus de cultura ainda intácta. Eu, particularmente, me convenci, de que são, justamente as tribus em vias de desaparecer, que carecem de estudo em primeiro lugar, e, que os trabalhos, com tais restos, mesmo já grandemente deculturados, são – as mais das vezes – de relevante importância para a etnologia: Haja visto os trabalhos de Gusinde,[199] entre os ultimos Yagan e Ona! Eu mesmo, tirei muito mais resultado dos meus estudos entre os Apapokúva-Guaraní, deculturados, e, como se acreditava, sobejamente conhecidos, do que do contáto que, como primeiro civilisado, estabeleci, com os Kawahiwa-Parintintin, na pacificação, de 1922.

Na verdade, o que podemos presenciar nessa carta é a fala de um etnógrafo sem instrução acadêmica formal que, aos poucos, começava a impor a sua experiência etnológica a um crescente contingente de

[199] Martin Gusinde (1886-1969), missionário e etnólogo austríaco, conhecido pelos estudos antropológicos realizados na Terra do Fogo.

pesquisadores estadunidenses cuja formação teórica indicava uma imagem homogeneizante da rica e complexa realidade cultural das comunidades indígenas sul-americanas. A incrível erudição obtida por Nimuendajú por meio de uma rara relação de empatia estabelecida com os indígenas com os quais convivia passou a ser vista como o principal guia para os projetos antropológicos comparativistas estadunidenses direcionados à América do Sul. De todo modo, é importante assinalar que, um pouco antes do contato mais assíduo estabelecido entre Nimuendajú e Lowie, era Boas quem já se dispunha a oferecer os seus recursos editoriais para o etnógrafo sul-americano e era um discípulo direto seu quem recebia as primeiras orientações para que pudesse adentrar com mais segurança no inóspito interior brasileiro.

Ainda na década de 1930, há uma carta em que Boas recusa o convite de José Valadares para a participação em um congresso. Embora a sua resposta seja bastante lacônica, é fora de dúvida que se trata do 1º Congresso Afro-Brasileiro de 1934, realizado no Teatro Santa Isabel, Recife, idealizado e organizado por Gilberto Freyre e secretariado pelo destinatário da carta em questão.[200] Uma vez que

[200] Carta de Boas para Valadares, 30 de outubro de 1934, FBP, APS. A respeito desse congresso, Mateus Silva Skolaude afirma que "na organização do evento, Gilberto Freyre contou com a participação indispensável de seu primo Ulysses Pernambucano, professor e psiquiatra de grande influência em Recife. Além disso, o 1º CAB teve a participação de artistas e intelectuais renomados no país, como é o caso dos pintores Cícero Dias, Noemia e Di Cavalcante, do maestro Ernani Braga, dos escritores José Lins do Rego, Mario de Andrade e Jorge Amado, do folclorista Câmara Cascudo, do antropólogo Roquette-Pinto, do psiquiatra Arthur Ramos e do etnólogo Edson Carneiro. A participação internacional ficou por conta do antropólogo americano Melville J. Herskovits que enviou dois textos ao congresso. Ao lado desses homens de letras, o encontro teve a colaboração de estudantes, de analfabetos, de cozinheiras, de Albertina Fleury, rainha de maracatú, de babalorixás e ialorixás do Recife, de Miguel Barros, representante da Frente Negra Pelotense" (SKOLAUDE, 2014). O evento teria ainda um marcado posicionamento anti-arianista, advogando a importância do elemento negro para a construção da nacionalidade. Maria José Campos (2004), também trata deste Congresso, numa perspectiva mais voltada para os embates travados entre Freyre e Arthur Ramos.

Freyre se proclamava o representante do culturalismo boasiano no Brasil (CAMPOS, 2004), era de se esperar uma maior consideração, por parte do próprio Boas, em relação ao evento organizado por seu pupilo. Logo adiante esse silêncio específico será retomado.

Há também uma rápida troca de cartas com o folclorista Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) entre fevereiro e julho de 1935, a respeito de publicações solicitadas pelo pesquisador potiguar em função de seu difícil acesso no Brasil. É possível também que esse contato fosse uma tentativa de aproximação a elementos-chave da rede transnacional de americanistas, se considerarmos que Câmara Cascudo poderia ter endereçado seu pedido a qualquer outro antropólogo estadunidense. Cascudo organizava, à época, um livro sobre a "Contribuição allemã à Ethnographia Brasileira", oferecendo a Boas o seu estudo sobre o "Principe Maximiliano de Wied no Brasil".[201] O pretexto do contato inicial era a organização de uma "Seção de Ethnographia Americana" da "livraria" da Escola Normal do Rio Grande do Norte, e Câmara Cascudo contava com "que o grande Franz Boas não se recusará em auxiliar um grupo de estudiosos da ethnographia americana onde tantos e tão illustres trabalhos figuram sob seu nome".[202] De fato Boas não se opôs à colaboração, embora não tenha encontrado os seus próprios trabalhos para que fossem enviados ao Rio Grande do Norte.[203] Mas talvez o mais interessante da carta de Cascudo seja a forma como se apresenta a Boas, desejando talvez se colocar numa situação de par acadêmico ao inserir, abaixo de sua assinatura, um quase *curriculum vitae*:

[201] Carta de Cascudo para Boas, 7 de junho de 1935, FBP, APS.
[202] Carta de Cascudo para Boas, 14 de fevereiro de 1935, FBP, APS.
[203] Carta de Boas para Cascudo, 16 de julho de 1935, FBP, APS.

> Cathedratico de Historia. Director da Escola Normal. Do Instituto Historico Brasileiro. Da Société des Américanistes, Paris, da Gaea, Sociedad argentina de estudios geographicos, da Sociedade Capistrano de Abreu, dos Institutos Historicos do Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Archeologico Pernambucano e Alagoas etc.

Além de Câmara Cascudo, outro pesquisador brasileiro que estabelece contato com Boas é Arthur Ramos. O assunto dessas únicas duas cartas, datadas de 27 de maio e de 21 de junho de 1937, é também o envio de publicações. No entanto, agora se tratava da remessa de um trabalho produzido pelo próprio remetente, que Ramos pretendia divulgar entre os estudiosos estadunidenses inspiradores do seu próprio trabalho.[204] Essa era, aparentemente, uma prática comum de Ramos, pois, segundo Maria José Campos, "no período de maior entusiasmo pelas teorias psicanalíticas, tentava estender seus contatos ao exterior enviando suas publicações para as personalidades ligadas a temas de seu interesse. Data dessa época a remessa de seus ensaios e teses a Freud, Lévy-Bruhl e vários norte-americanos interessados em psicanálise, como Smith Ely Jelliffe" (CAMPOS, 2004, p. 37).

Boas também estabeleceu contatos com alguns(mas) do(a) s naturalistas do Museu Nacional. Depois de Roquette-Pinto, ele produziu uma significativa correspondência com Maria Júlia Pourchet (1906-1993) a partir de 1936.[205] Pourchet enviou duas cartas para

[204] Carta de Ramos para Boas, 27 de maio de 1937, FBP, APS. Os livros que Ramos enviou são *The folklore of the Brazilian Negro* e o *Brazilian Negro*.

[205] Pourchet ingressou no Museu Nacional em 1932, como praticante gratuita, tendo se tornado posteriormente assistente de Heloisa Alberto Torres. Em 1936 aceitou o convite de José Bastos de Ávila, também naturalista do Museu Nacional, para trabalhar na Divisão de Antropologia do Instituto de Pesquisas Educacionais do Departamento de Educação do Distrito Federal, onde desenvolveu pesquisas antropológicas sobre crianças em idade escolar (KEULLER, 2008).

o Departamento de Antropologia de Columbia (12 de março e 1º de abril de 1936),[206] a fim de obter informações a respeito dos métodos e instrumentos utilizados por Herskovits no *Anthropology of the American Negro*, volume XI, pois realizaria pesquisas semelhantes com os estudantes negros nas escolas públicas do Distrito Federal. No dia 14 de abril, Boas respondeu de maneira bastante interessada à carta de Pourchet, talvez vislumbrando nessa iniciativa a possibilidade de obter dados comparativos para as pesquisas que ele próprio vinha realizando no Departamento de Antropologia de Columbia. Boas enviou como presente vinte "*Milton Bradley color tops*", que foram utilizados nas pesquisas de Herskovits e que Pourchet queria saber onde poderiam ser encontradas. Além disso, Boas aproveitou a oportunidade para tentar orientar metodologicamente o trabalho de Pourchet, o que torna ainda mais plausível a hipótese de que ele almejava poder aproveitar posteriormente esses dados:

> Se eu posso fazer uma sugestão, eu gostaria de aconselhar que você se organize para observações contínuas a serem realizadas, se possível, em intervalos de três meses ou, se isso não for possível, em intervalos de seis meses ou no máximo anualmente, de modo que possa ser possível seguir os mesmos estudantes da infância até a vida adulta. Nós sempre temos dificuldades com o problema de verificar a idade verdadeira, em parte porque não existem registros, em parte porque os pais gostam de exagerar a idade dos filhos, primeiro para colocá-los na escola e depois para tirá-los de lá. Muito provavelmente você encontrará as mesmas dificuldades no Rio.
>
> […]
>
> Eu acho que será mais importante saber se um clima tropical tem influência na velocidade do desenvolvimento.[207]

[206] Cartas de Pourchet para Boas, 12 de março e 1º de abril de 1936, FBP, APS.
[207] Carta de Boas para Pourchet, 14 de abril de 1936, FBP, APS. Tradução livre.

Nesta última frase fica bastante claro o interesse de estender o seu próprio programa de pesquisa – no que diz respeito à observação da influência do meio na constituição de "tipos antropológicos" – ao trabalho que seria desenvolvido por Pourchet.

Conforme se pode observar na carta do dia 1º de junho do mesmo ano, na qual Pourchet agradece as publicações e as tabelas para aferição pigmentar,[208] foi a própria irmã de Boas, Anna Urbach, que residia no Rio de Janeiro, quem lhe entregou pessoalmente o material enviado dos EUA. A senhora Urbarch acabaria se tornando um importante ponto de apoio para os pesquisadores estadunidenses ligados a Boas que passavam pelo Brasil. São várias as correspondências em que seu nome aparece, como entre Boas e Buell Quain,[209] Heloisa Alberto Torres,[210] e uma carta de William Lipkind, enviada diretamente à irmã do seu professor, na qual roga por sua interseção junto à ele:

> A Sra. Di Pierri me escreveu que Dona Heloisa mudou de ideia sobre mim para o trabalho. Ela quer Quain em vez de mim. Isso é uma pena, porque o que é necessário aqui é um linguista e, enquanto Quain é muito competente e inclusive um trabalhador brilhante, ele não tem nenhum interesse especial em linguística. Quain me escreveu que ela me escolheu. Eu imagino que com a cabeça dela feita contra mim minhas chances são pequenas. Eu estou um pouco chateado. Eu tenho me preparado polindo o meu português e agora todo aquele trabalho foi desperdiçado.

[208] Em carta do dia 9 de junho de 1936 (FBP, APS), no entanto, Pourchet informa a Boas que os vinte "*Wilton Bradley colour tops*" haviam se extraviado.

[209] "Ontem sua bondosa irmã me chamou para jantar com ela em sua casa. Era domingo. A casa dela é lindamente localizada em um declive às margens da cidade. Em seu pequeno jardim crescem meia dúzia de tipos de fruta. Nele há uma brisa fresca e se pode divisar dali a parte mais baixa da cidade" (Carta de Quain para Boas, 28 de fevereiro de 1938, FBP, APS, tradução livre).

[210] "Eu não vejo a Sra. Urbach faz muito tempo e gosto tanto dela; estou sempre ocupada demais" (Carta de Torres para Boas, 6 de maio de 1941, FBP, APS, tradução livre).

> E eu esperava ansiosamente ficar por um ano no Rio, livre de pressão econômica e com a chance de fazer um trabalho útil para a antropologia. Dona Heloisa está partindo para Nova York agora, então talvez o seu irmão possa fazer alguma coisa argumentando com ela. Mas talvez ele tenha se esquecido totalmente de mim aqui no Brasil. Ele ainda não me escreveu.[211]

Essa última carta atesta a centralidade da relação Boas/Heloisa Alberto Torres para a distribuição dos postos de pesquisa antropológica no Brasil, e como uma conexão carregada de significado afetivo (o caso da irmã de Boas) pode ser percebida estrategicamente como forma de desviar ou atalhar o fluxo de recursos dessa rede transnacional.

Voltando às correspondências relacionadas à Pourchet, Boas aproveitou para solicitar, por meio da senhora Urbach, que a antropóloga brasileira lhe conseguisse alguns livros brasileiros, e ela informa na carta que no momento não podia conseguir todos eles. É interessante apreciarmos a *wish list* de Boas: a primeira obra mencionada são os *Archivos do Museu Nacional*, v. VI, que já eram, segundo Pourchet, uma raridade, e, por isso, "vendidos a um preço exorbitante e em segunda mão", além de que o próprio Museu Nacional só possuía um exemplar de resto em sua biblioteca; a segunda refere-se às "Memórias do Congresso de Americanistas" (o XX, que foi realizado no Rio de Janeiro em 1922, e, como vimos, que contou com um texto enviado pelo próprio Boas), das quais, embora também raras, Pourchet felizmente tinha em sua coleção particular uma duplicata da 2ª parte do II volume e lhe enviava "com grande prazer" (ou seja, sem expensas); a terceira obra, que também já não se encontrava à venda, era o livro *Poranduba amazonense,* certamente aquele que foi escrito por João Barbosa Rodrigues (1842-1909) em 1890[212] – mas

[211] Carta de Lipkind para Mrs. Urbarch, 30 de maio de 1939, FBP, APS, tradução livre.

[212] Barbosa Rodrigues foi um engenheiro, naturalista e botânico nascido em Santa Rita do

Pourchet estava envidando esforços junto à família do autor para tentar consegui-lo. Já em carta do dia 22 de julho, em que agradece a nova remessa dos “20 Wilton Bradley colour tops”, que haviam se extraviado na primeira tentativa, Pourchet anuncia ter conseguido o *Poranduba amazonense* e a segunda parte do segundo volume do XX Congresso de Americanistas.

Pourchet e Boas ainda trocaram mais algumas cartas depois disso. A antropóloga escreveu para Boas no dia 9 de setembro, agradecendo mais uma vez o recebimento das fichas de medição de cor e comunicando o envio dos livros; em seguida, Boas respondeu, no dia 25 de setembro, agradecendo o envio dos livros e esperando que sua irmã pagasse por eles. Numa terceira carta, enviada por Pourchet à senhora Urbach,[213] Pourchet esclarece que Boas não lhe devia nada e que os livros eram uma retribuição pelos seus préstimos, gentileza que parece ter o deixado um pouco embaraçado, conforme se depreende de sua resposta do dia 7 de dezembro de 1936 – pois ao que parece os livros saíram realmente caros. Mas Boas continua ajudando com relação a outras publicações e materiais que poderiam ser úteis à pesquisadora brasileira. Essa correspondência encerra-se com uma carta do dia 15 de janeiro de 1937, em que Pourchet agradece o envio de uma publicação sobre um certo “Índice ACH”, que desta vez havia chegado ao seu destino.

O mais interessante desta troca de cartas entre Boas e Pourchet talvez seja notar que em 1936 a prefeitura do Distrito Federal vinha envidando esforços quase que concomitantes àqueles empreendidos

---

Sapucaí, MG, tendo organizado e dirigido o Jardim Botânico de Manaus, inaugurado em 1883 e extinto após a Proclamação da República, e diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro de 1890 até seu falecimento em 1909. Também foi o engenheiro responsável pela construção da igreja matriz de Alfenas, MG, cidade natal do autor deste livro.

[213] Carta de Pourchet para Boas, 10 de novembro de 1936, FBP, APS, com timbre riscado do Departamento de Educação, para “Prezada Mme. Urbach”.

por Mário de Andrade, no Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo, no sentido de realizar pesquisas antropológicas junto à população operária paulistana e, especialmente, entre os jovens em idade escolar por meio dos Parques Infantis (RUBINO, VALENTINI e GOBBI, 2013). No caso carioca, essas pesquisas acabaram contando com o apoio direto do próprio Boas, inserindo-se assim num projeto intelectual internacional de pesquisa sobre os processos histórico-culturais de diferenciação dos tipos humanos no mundo e, em especial, nas Américas.

Boas ainda se correspondeu diversas vezes com Heloisa Alberto Torres, mas isso será abordado em outros momentos deste livro em função de outros atravessamentos relacionais significativos que essa comunicação comporta. Ainda resta, no entanto, tratar de uma notável ausência nesta correspondência. Não há nos documentos arquivados nos *Franz Boas Papers* do *American Philosophical Society* nenhum registro de que Boas tenha se correspondido com Gilberto Freyre. Também não foi possível encontrar nada a respeito nos arquivos do Departamento de Antropologia da Universidade Columbia. Mesmo nos *Central Files* eu só pude encontrar de mais significativo em relação a Freyre um conjunto de correspondências trocadas com Frank Tannenbaum (1893-1969), atreladas ao período em que o mesmo estava empenhado na tradução de *Casa-Grande & Senzala*. Trabalhos como o de Maria José Campos (2004) nos permitem perceber que seu opositor da “escola Nina Rodrigues”, Arthur Ramos, se aproxima muito mais diretamente da tradição boasiana do que o próprio Freyre. Além disso, Ricardo Benzaquen Araújo já teve a oportunidade de demonstrar que a perspectiva neolamarckiana de Freyre se distancia da abordagem mendeliana de Boas (ARAÚJO, 1994). Com isso, desejo sugerir, apoiado na já conhecida vontade

de autopromoção freyreana, que a posição do escritor de Apipucos, ao menos neste momento, talvez não fosse tão central no interior da rede americanista cujos contornos estão sendo apresentados neste capítulo. No entanto, é interessante notar que Freyre estava bem ciente da existência dessa rede, como demonstra uma espécie de "mapa" relacional que ele acrescentou em nota de rodapé, em meados da década 1940, numa reedição de *Casa-Grande & Senzala*.[214]

***

Nos três últimos capítulos apresentei um conjunto bastante extenso de relações cuja característica mais notável é a sua transnacionalidade. Se tomadas a partir de uma perspectiva mais restrita, nacional, certamente essas relações perderiam os significados aqui encontrados em favor de outros. Mas quais seriam esses significados específicos trazidos por uma abordagem transnacional de uma rede internacional de americanistas?

---

[214] Suas indicações em grande medida coincidem com a rede intelectual aqui esboçada: "sobre os indígenas do Brasil e da América, em geral, considerados sob critério etnológico e ao mesmo tempo sociológico, vejam-se as notas bibliográficas em *America indígena,* por Louis Pericoty Garcia, ('El hombre americano - Los pueblos de América' Barcelona, 1936) tomo I, p. 692-727 e em *Handbook Latin-American Studies,* Cambridge, Estados Unidos, 1936; e as seguintes obras básicas: *Handbook of American Indian Languages,* por F. Boas, *40th Bulletin of American Indian Ethnology,* Washington, 1911; *The American Indian,* por Clark Wissler, Nova Iorque, 1922; *The civilisation of the South American Indian, with special reference to magic and religion,* por R. Karsten, Nova Iorque, 1926; *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani,* Gotemburgo, 1928 e *La religion des tupinambá,* por A. Métraux, Leroux, 1928; *Indianerleben: el gran chaco,* por E. Nordenskiôld, Leipzig, 1912; 'Kulturkreise und Kulturchichten in Sudamerika', por W. Schmidt *(Zeitschriftfur Ethnobgie),* Berlim, 1913; *In den Wildnissen Brasiliens,* por F. Krause, Leipzig, 1911; *Unter den Naturvólkem Zentral-Brasiliens,* por Karl von den Steinen, Berlim, 1894; *Zweijahre unter den Indianem Nordwest Brasiliens,* por T. Koch-Grünberg, Stuttgart, 1921; *Rondônia,* por E. Roquette-Pinto, Rio de Janeiro, 1917; *Indians of South America,* por Paul Radin, Nova Iorque, 1942; 'The dual organization of the Canella of Northern Brazil', por Curt Nimuendajú e Robert H. Lowie, *American Anthropologist,* vol. 39; *El nuevo indio,* por J. Uriel Garcia, Cuzco, 1937; *Hiléia amazônica,* por Gastão Cruls, Rio de Janeiro, 1944'' (FREYRE, 2003, p. 234, nota 12).

Eric Wolf chamou a atenção para a necessidade de considerar os contextos políticos nos quais as ideias antropológicas são geradas, sem, no entanto, cair em interpretações mecanicistas que deixem de lado as inter-relações entre os intelectuais, as instituições em que atuam e os valores dominantes da época em que vivem (WOLF, 2001, p. 63 e ss.). Assim, para a compreensão das diversas antropologias nacionais surgidas no início do século XX e que perduraram até o fim da Segunda Guerra Mundial, seria necessário entender, por um lado, as divisões sociais produzidas por contextos coloniais específicos de dominação, e, por outro, o enquadramento e posicionamento das instituições produtoras de saberes antropológicos no interior dessas disputas. O difusionismo moderado boasiano teria, assim, se

> desenvolvido depois que as guerras contra os índios foram vencidas e quando preocupações societárias se voltaram para a entrada do 'novo' ou de grupos até então não representados na arena política e social. Essa democratização da mobilidade foi combinada por teorias enfatizando a plasticidade e a acomodação em relações humanas (WOLF, 2001, p. 69, tradução livre).

No entanto, a perspectiva transnacional permitiu mostrar que esse tipo de teoria antropológica precisou se amparar em entrecruzamentos que transcendem relações de poder nacionais.[215] Boas precisou encontrar apoio para suas posições locais em trocas de favores, influências, coleções e publicações que se estenderam pela Europa e pela América Latina. Estes capítulos mostraram, portanto, que é necessário considerar a constituição de uma rede transnacional de americanistas, com seu tráfego específico de recursos, como

[215] Embora não chegue a explorar as implicações disso para o caso em tela, Eric Wolf também está ciente da necessidade de submeter a ideia de "tradições nacionais" de antropologia a um exame mais atento, considerando o "fluxo de ideias por entre fronteiras nacionais" (WOLF, 2001, p. 78, tradução livre).

um aspecto importante para a compreensão das condições que possibilitaram a emergência da própria antropologia cultural.

Ainda que o americanismo antropológico não represente toda a antropologia cultural e que a antropologia cultural também não abarque todo o americanismo, foi possível problematizar aqui, portanto, a ideia de que qualquer uma dessas práticas intelectuais específicas tenha tido berço em uma só nação. Ainda que o pertencimento nacional e mesmo projetos nacionalistas orientem em grande medida os objetivos perseguidos por diversas dessas pessoas, o mundo que elas habitam e os significados que elas colhem em seus inter-relacionamentos ultrapassa as fronteiras das nações. As “nacionalidades hifenizadas”, as relações entre sujeitos e objetos do conhecimento por meio de uma proliferação de híbridos específicos, as relações de poder que perpassavam essas relações, os fluxos e os movimentos canalizados por esses laços, tudo isso vai muito além de uma existência restritamente nacional. Os valores atrelados a essas expressivas vertentes do americanismo e da antropologia cultural só podem ser compreendidos com mais clareza a partir de uma abordagem transnacional: trata-se de uma prática de produção de saberes claramente relacionada, como vimos, a um ideal de ciência internacionalista, antirracista e anti-imperialista. São estes os significados passíveis de serem captados no conjunto de relações que deu força e ampliou o alcance de conexões fundamentais para a garantia da institucionalização internacional da antropologia cultural, ou, igualmente, para a ampla operacionalização do conceito de cultura em novos projetos coletivos de sociedade.

Também é possível observar nessa extensa rede transnacional a produção de um “híbrido” que, cada vez mais, vai tomando uma forma definida. Entre esses sujeitos e objetos do conhecimento antropológico

ganha contornos claros um novo conceito de cultura, e é por meio dele que o projeto moderno pôde ser atualizado em diversos espaços. As energias em circulação nessa rede transnacional vão dando vida a um conjunto de oposições que se diferenciam daquelas surgidas na Europa na segunda metade do século XVIII. A *civilização* passa a ser vista de forma negativa, como algo cujo impulso destrói uma série de riquezas (as línguas ameríndias, por exemplo) não imaginadas antes do advento dessas ciências que o próprio mundo civilizado criou: a etnografia, a arqueologia, a linguística e a própria antropologia física. O significado da ideia de *cultura*, por sua vez, sofre uma grande ampliação, e não se restringe mais às formas nacionais específicas do mundo civilizado; agora passam a ser valorizadas também as "culturas primitivas", num processo que conduz a uma relativização valorativa cada vez mais próxima de um relativismo generalizado. Agentes situados em ex-colônias, como no caso do Estado nacional brasileiro, portanto, podem a partir de agora construir novos projetos modernizadores: se antes o poder nacional seria limitado pela inferioridade racial de um povo miscigenado, agora o que contava era a *cultura*, os processos de *aculturação* e a originalidade produzida por esses contatos culturais, e o que foi motivo de vergonha na perspectiva civilizacional eurocentrada agora passava a ser visto como valor a ser cultivado, como promessa de uma nova sociedade capaz de superar as expectativas não cumpridas pelos ideais civilizacionais iluministas. Logo esse híbrido, o conceito de cultura, se desdobraria em novos tipos de híbridos, como o patrimônio etnográfico e artístico. Suas funções seriam potencializar a construção das "culturas nacionais" como desdobramentos configuracionais regionais e eficazes da modernidade, algo que se processaria por meio de um tipo de validação da modernidade que recorre à experiência palpável do passado em sua materialidade presente.

Desse modo, não é possível desvincular a produção de saberes americanistas desses novos agenciamentos. Essa nova antropologia só faz sentido em um mundo em que os *sujeitos* dos novos Estados-nações estão ansiosos por produzir uma modernidade que os legitimem enquanto tais. A antropologia inventada no mundo civilizado passou então a ser exportada, transformada e reimportada. Antropólogos(as) estadunidenses e europeus(eias) cada vez mais se imiscuíram a latino-americanos(as), asiáticos(as) e africanos(as). Não fosse o impulso modernizador que a ideia de cultura tomou nessas ex-colônias recém-autodescobertas como nações, o fluxo de uma antropologia que, para estudar o outro precisou se fazer transnacional – mesmo no caso dos Estados Unidos, depois de uma primeira fase de antropologia/colonialismo internos – provavelmente seria barrado, perderia sentido e a prática antropológica certamente seria interrompida (a não ser talvez que os antropólogos das nações "já modernas" se adiantassem no tempo e passassem a etnografar a si mesmos). Por isso que, quando vamos investigar as práticas concretas do fazer antropológico no período aqui enfocado, o que acabamos encontrando são laços, trocas, movimentos inescapavelmente transnacionais.

Nestes três últimos capítulos apresentei, portanto, parte de um relato composto por muitos fragmentos. São trechos de vozes múltiplas que fazem sentido apenas em suas interconexões, em seus fluxos, em suas trocas e em seus movimentos. São as vozes dos sujeitos que produziram um novo conceito de cultura e, com ele, uma nova modernidade possível. Mas e os objetos, onde estão, onde ecoam suas vozes? Ora, é inútil desejar ouvir a voz de um objeto, ainda que ele seja composto por um conjunto de pessoas, pois apenas os sujeitos devem falar. Para que algo como o conceito de cultura seja produzido é preciso que o "sujeito do conhecimento" fale por aquilo que se

tornou apenas um objeto. O que se tem, portanto, é parte do processo de modernização, e a modernidade, para que possa existir, precisa produzir silenciamentos, supressões, apagamentos e esquecimentos. Ela precisa produzir sujeitos e objetos. Do "índio" que fala só restam os signos decompostos e recompostos numa "língua", numa "gramática" e, por extensão, numa "cultura" objetiva. Os(as) antropólogos(as) civilizados(as) de nossa rede transnacional americanista salvaram muitas línguas, congelando-as em suas celebradas monografias, mas não encontramos nos documentos que nos deixaram quase nenhuma "voz" daqueles que as produziram, para além das palavras que lhes foram tomadas. Hoje conhecemos culturas indígenas extintas porque seus artefatos foram transportados para os grandes museus do mundo, mas pouco sabemos sobre aqueles que os utilizaram para além de abstrações, para além de relações objetificadas em conceitos como os de "economia", "estrutura social" e, obviamente, de "cultura". São, portanto, "semióforos" que representam o "invisível", mas como máscara mortuária de um ser que já se decompôs. Existem algumas exceções, é claro, como quando Nimuendajú relata a Boas que pessoas estavam morrendo por causa da varíola e da aguardente. Mas Nimuendajú é mesmo um caso à parte, uma pessoa difícil de ser enquadrada em moldes "civilizados", na história da "ciência moderna", ele próprio meio índio meio europeu, meio sujeito meio objeto num mundo moderno.

Para que o conceito moderno, ou moderno tardio, de cultura pudesse existir, portanto, foi preciso objetificar pessoas, omitir suas vozes pessoais, dar destaque aos sujeitos do conhecimento, aos pais fundadores ou heróis civilizacionais da narrativa da antropologia moderna. Para que a modernidade exista, portanto, é igualmente necessário produzir supressões, esquecimentos, mortes. As linhas que

ligavam horizontalmente os pontos da nossa rede foi transformada, nos arquivos de sua constituição, em uma teia em que só se vê uma superfície de sujeitos e objetos. Aquilo que existiu antes de sua objetivação só subsiste como fantasmagoria, como recalque, como o reprimido (DERRIDA, 2001), ainda que tenha conformado os próprios sujeitos hoje visíveis e esse poderoso híbrido aqui estudado. Ao menos foi possível flagrar aqui essa dupla produção, de sujeitos e objetos, a partir do momento em que os próprios híbridos responsáveis por isso foram enfocados enquanto tal, isto é, no momento em que o conceito de cultura e os artefatos e recursos etnográficos a ele atrelados foram apresentados em seus poderes de produção de sujeitos e objetos de novas modernidades.

Mas esta primeira parte se encerra apenas no meio do caminho, isto é, onde o conceito de cultura se tornou disponível para a construção de novas redes de produção de sujeitos e objetos. Neste ponto se tornou possível revigorar as redes modernas de dominação de objetos por sujeitos materializadas na burocracia das instituições nacionais. Se a ideia de civilização já não dava conta da resistência à dominação moderna, o conceito antropológico de cultura estava agora disponível para tentar uma reintegração: no Brasil os negros, índios e mestiços não precisavam mais lutar contra o Estado oligárquico da Primeira República, pois o conceito de cultura seria incorporado numa narrativa da nação que garantiria um lugar para todos no seio do novo Estado, o Estado Novo que, em muitos aspectos, perdurou para além de 1945.

Mas antes é preciso acrescentar um pouco mais de complexidade neste relato. Vejamos como o advento da Segunda Guerra Mundial acabou por reestruturar a proliferação das redes de produção da modernidade nas Américas.

A CONSTITUIÇÃO DE UMA ANTROPOLOGIA INTERAMERICANISTA POR MEIO DO *HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS*

> Para os americanos, [...] os elementos que figuram tão proeminentemente em sua Cultura coletiva – as relações de parentesco, a lei, o Estado, a tecnologia e assim por diante – devem ser continuamente carregados de associações extraídas de áreas *exteriores* ao nosso controle ordinário da natureza. A dialética entre Cultura e natureza precisa ser "ampliada" para incluir outros domínios de experiência de modo que possa manter sua objetividade significativa e evitar tornar-se tautológica e moribunda (WAGNER, 2010, p. 105).

Se de fato pudermos substituir a expressão "Cultura coletiva" por *civilização* e a palavra "natureza" por *culturas latino-americanas* na epígrafe que abre este capítulo, teremos algo muito próximo de um princípio que se manifesta, de forma mais específica, na *rede transnacional interamericanista* que apresentarei nos próximos três capítulos. Neste capítulo, pretendo deixar isso mais claro mostrando como essas relações se expressaram na produção do *Handbook of South American Indians*. Antes disso, contudo, é importante tratar do caráter mais geral das relações bilateriais estabelecidas entre agentes estadunidenses e brasileiros(as) no período no tensões que caracterizou os preparativos para a Segunda Guerra Mundial e o seu desenrolar até 1945.

As relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos e o interamericanismo

Do início do século XX até a advento da Primeira Guerra Mundial, pessoas como Franz Boas, Paul Rivet, Karl von den Steinen e Erland Nordenskiöld conseguiram produzir, como vimos, sólidos espaços institucionais para a proteção dos conceitos, ideias e valores que passaram a ser produzidos na rede transnacional de americanistas da qual participavam. No entanto, logo essas conquistas foram contestadas. George Stocking Jr., num capítulo intitulado "The scientific reaction against cultural anthropology" (STOCKING JR., 1968), em que pese sua ênfase no recorte nacional da "revolução paradigmática" representada pela institucionalização antropologia cultural, mostra muito bem como a partir daquela guerra essa posição, que parecia consolidada, começou a ser atacada no campo científico por um pensamento racista e mais afinado aos projetos dos grandes impérios nacionais. Os esforços intelectuais desses cientistas sociais não foram capazes de conter a ascensão do fascismo. A própria ciência, com o amparo dos governos imperiais, tornava-se cada vez mais ela própria um instrumento sustentação das supostas superioridades nacionais/raciais. As agressões nazifascistas, a consolidação do Eixo e a deflagração da Segunda Guerra Mundial em 1939 deram então um outro sentido tanto à prática antropológica, em específico, quanto à atividade artística e intelectual de maneira mais geral.

Em meio ao avanço nazifascista emergiu uma nova controvérsia atrelada aos conceitos de civilização e cultura. O fascismo e o nazismo passavam a ser vistos por uma parcela significativa do mundo ocidental como a materialização da *barbárie*, isto é, o oposto de *civilização*. Por sua vez, a velha *civilização* europeia estava em perigo e, ao mesmo tempo, era claramente incapaz de fazer frente ao

avanço do barbarismo. Era preciso fortalecer uma *nova civilização*, aquela que vicejava nas jovens e promissoras repúblicas liberais do Novo Mundo sob a liderança de sua mais pujante potência econômica e bélica.

Uma estratégia política largamente utilizada para cultivar o potencial dessa jovem civilização foi a *colaboração interamericana.* Os EUA, a nação considerada a mais avançada em termos civilizacionais, deveria fomentar a modernização de outras nações que, embora *atrasadas* em relação à irmã do Norte, possuíam *particularidades culturais* riquíssimas que deveriam ser protegidas contra a investida internacional do nazifascismo. Não só isso: as nações latino-americanas guardavam recursos naturais valiosíssimos, ainda inexplorados ou nem mesmo conhecidos, que não deveriam cair nas mãos erradas. As lideranças estadunidenses então se investiram da imagem da "boa vontade" (*good will*) em relação aos seus irmãos mais pobres do Sul, e, para cultivar a "boa vizinhança" (*good neighborhood*) em relação a eles, destinaram-lhes parte expressiva de sua fortuna em ações de cooperação bilateral, seja por meio do Estado, de associações civis ou das fundações filantrópicas ligadas aos grandes conglomerados do país. Um dos principais esforços de guerra dos EUA ganhou vida, desse modo, numa vasta obra de produção de saberes sobre duas formas de *objetividade*: as culturas e as riquezas naturais latino-americanas. Só assim o mundo livre poderia fazer frente ao avanço do totalitarismo.

É comum que alguns(mas) autores(as) utilizem o termo "pan-americanismo", ao invés do termo "interamericanismo", para se referir ao mesmo tipo de redes transnacionais que as estudadas neste capítulo. Fabiana Servidio (2011), por exemplo, define pan-americanismo, apoiada em Gordon Cornell-Smith, como o

reconhecimento de laços identitários partilhados pelas repúblicas americanas que estariam fundados na experiência comum da origem colonial. No entanto, embora essa ideia seja de fato acionada como forma de legitimar as relações transnacionais que são estabelecidas especialmente no período da Segunda Guerra Mundial, o que mostrarei nos próximos três capítulos é que essas redes se estruturam em um outro tipo de relação, diferente da horizontalidade pressuposta na ideia de "pan-americanismo". Considero mais pertinente chamar de "interamericanismo" o tipo de relação internacional concebida como um encontro bilateral entre a *civilização* estadunidense e uma das *culturas* latino-americanas, até por ser um termo que, como veremos, aparece com uma frequência muito mais marcante na documentação analisada. A característica marcadamente bilateral dessas relações implica na negação, por parte do polo estadunidense, de qualquer tipo de identidade americana que não incluísse os Estados Unidos referência civilizacional e modernizadora. Por isso, pode-se mesmo afirmar que a ideia de *pan-americanismo* (assim como a de *latino-americanismo*) se opõe em grande medida à de *interamericanismo*.

As bases da cooperação interamericana foram lançadas em 1936, na Conferência Interamericana de Manutenção da Paz, em Buenos Aires (SANTOMAURO, 2015, p. 33).[216] A partir de 1938 proliferam nos EUA diversas agências voltadas para a promoção de ações bilaterais de cooperação intelectual, científica, educacional e artística. Em 1938, o presidente Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) criou o *Interdepartmental Committee on Scientific and Cultural Cooperation with the American Republics*, agência governamental voltada para programas de assistência técnica direcionados à

[216] A respeito das outras iniciativas que precederam essa conferência, há uma boa síntese em Servidio (2011).

América Latina e que funcionou até 1945. Essa agência objetivava, inicialmente, fomentar trocas intelectuais que ajudassem a fortalecer os laços entre as repúblicas latino-americanas, mas ao longo da guerra ela passou a apresentar um caráter cada vez mais direcionado à resolução de problemas políticos práticos, a exemplo da exploração de recursos naturais estratégicos (MILLER, 2006, p. 136). Outro aspecto importante deste Comitê Interdepartamental, e que pode ser observado nas ações de outras agências, é que se evitava tanto as críticas que apontavam o caráter propagandístico de suas ações quando as que afirmavam que o governo estadunidense estaria entregando seus recursos "de mão beijada" para os países latino-americanos. Em função disso, todos os programas deviam ter um caráter colaborativo, com verbas, infraestrutura e pessoal das duas nações envolvidas (MILLER, 2006, p. 140).

O *US Department of State* do governo estadunidense também possuía, desde 1938, a sua própria divisão dedicada à cooperação cultural, a *Division of Cultural Relations* (DCR), mas que operava numa escala muito mais reduzida. Com o bombardeio de Pearl Harbor em 1941, no entanto, o *Interdepartmental Committee* passou a funcionar no interior da DCR (MILLER, 2006, p. 140-141), de modo que, até o fim da Segunda Guerra Mundial, parte significativa das ações de cooperação intelectual interamericanas passavam pela burocracia do *US Department of State*, agora com verbas muito mais significativas circulando em sua DCR. Benjamin Sumner Welles (1892-1961), figura central no *US Department of State* durante a Segunda Guerra Mundial, dotou comitê de um caráter especial no interior do esforço de guerra, e uma de suas falas já nos permite depreender o importante papel que os saberes antropológicos viriam a desempenhar nesse momento:

> Uma cooperação internacional efetiva não existe a menos que haja uma apreciação e entendimento em cada país daqueles problemas dos outros países que emergem de costumes, tradições, conquistas e filosofias de vida nacionais… Nós temos a tarefa de aprender a apreciar e entender os pontos de vista, as tradições e os costumes de nossos vizinhos nas outras Repúblicas Americanas, e de tornar possível para elas verem nossos problemas e modos de vida – não por meio de propaganda ou proselitismo, mas, pelo contrário, pela execução conjunta de empreendimentos úteis e através de associações pessoais ligadas a eles.[217]

No entanto, a ênfase nas relações culturais causou o descontentamento dos membros do comitê mais ligados à ciência, e uma nova reformulação institucional ocorreu em janeiro de 1944. O comitê então voltou a possuir um status independente do *US Department of State*, recebendo o nome de *Office of American Republic Affairs*, agora sob a direção de Laurence Hayden Duggan (1905-1948). Já em dezembro de 1944, um novo comitê, com mais ênfase no desenvolvimento de programas científicos, o *Committee for Cultural and Scientific Cooperation*, passou a funcionar mais uma vez sob a direção do *US Department of State*, mas agora ocupando uma posição mais elevada (MILLER, 2006, p. 142).

Há um grupo, no entanto, que ganhou um espaço ainda mais destacado no interior do governo Roosevelt no período que vai dos primeiros atos agressivos de Hitler na Europa, em 1936, até o fim da Segunda Guerra Mundial. A aproximação entre Nelson Aldrich Rockefeller (1908-1979) e Roosevelt é muito importante para compreendermos a rede transnacional de agências, agentes e recursos que se constituiu nas Américas durante este período.

---

[217] Fala de Benjamin Sumner Welles do *State Department*, na reunião de agosto de 1942 (apud MILLER, 2006, p. 141, tradução livre).

Segundo Antônio Pedro Tota (2014), a partir de 1937, Nelson Rockefeller se volta para os negócios da *Standard Oil* na América Latina, em especial na Venezuela, e percebe a necessidade de redução dos conflitos entre capital e trabalho para a manutenção e incremento da produtividade. Reduzir esses conflitos significava, para o caso dos negócios estabelecidos fora dos Estados Unidos, aproximar-se das *culturas* não-estadunidenses. Em meio a esse trabalho de aproximação, Rockefeller percebe que o avanço nazista podia colocar em risco tanto os negócios com os países latino-americanos quanto a segurança nacional do seu país, e, por isso, passou a reunir em torno de si, numa espécie de *think tank*, diversos intelectuais que se dedicaram a pensar em soluções para esse problema. O próprio Roosevelt e o *US Department of State* estavam cientes da iminência de uma guerra na Europa e da dificuldade de manterem o seu país numa posição isolacionista. A Alemanha havia se voltado economicamente para a América do Sul e logo as suas trocas comerciais com o Brasil, por exemplo, alcançaram as estabelecidas com os EUA. Além disso, havia o perigo concreto de que, após avançar pela África, o Exército Alemão pudesse alcançar a Flórida a partir do estado do Rio Grande do Norte (cf. CAMPOS, 1998, p. 524). Foi neste momento que Rockefeller se aproximou de Roosevelt a fim de apresentar as ideias de seu grupo no sentido de assegurar as posições estadunidenses no mundo latino-americano e, em especial, no Brasil. Segundo Tota, um documento entregue por Rockefeller a Harry Lloyd Hopkins (1890-1946), braço direito de Roosevelt, indicava, além da necessidade de uma cooperação econômica e diplomática mais efetiva, a urgência de preparar o quadro de funcionários(as) do Departamento de Estado para as especificidades culturais dos países latino-americanos, a fim de se evitar qualquer tipo de “gafe ou mal-entendido” (TOTA, 2014, p. 96).

Isso já aponta para a importância que uma antropologia aplicada adquiriria no interior do esforço mais amplo de guerra. Diante da experiência de Rockefeller em relação ao mundo latino-americano, e dos contatos e recursos que ele poderia facilmente mobilizar para levar a cabo essa política internacional que deveria ir além da "política de boa vizinhança" anunciada em 1933, Roosevelt, nomeou o magnata estadunidense, em 17 de julho de 1940, como "Coordenador das Relações Comerciais e Culturais entre as Repúblicas Americanas" (o nome da agência, em inglês, era *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*). Esse órgão, cujo nome logo foi abreviado para *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), era o canal por meio do qual os departamentos de Estado, da Agricultura, do Tesouro e do Comércio passaram a se relacionar diretamente com a América Latina de modo a construir uma unidade interamericana orientada pelos EUA. O "*Office*" "era uma das maiores agências do governo Roosevelt, pelo menos em número de auxiliares diretos e indiretos" (TOTA, 2014, p. 119), e Nelson Rockefeller "era agora o funcionário mais graduado de uma nova agência, criada especialmente para tratar das relações com a América Latina" (TOTA, 2014, p. 103). A presença de Rockefeller no governo estadunidense reforça o caráter liberal, esclarecido e filantrópico impresso, naquele momento, na política dos EUA em relação à América Latina.

O *Office* realizou diversos tipos de atividades na América Latina, em especial no Brasil. Uma de suas funções era veicular o *American way of life* para as demais repúblicas do continente, o que foi feito por meio do cinema e do rádio – a *Motion Picture Section*, por exemplo, tinha à sua frente John Hay "Jock" Whitney (1904-1982), que havia produzido o filme *...E o vento levou*, além de contratar Walter Elias

Disney (Walt Disney) (1901-1966) para a realização de filmes voltados para o estreitamento dos laços de boa-vizinhança; Rockefeller conseguiu, por outro lado, vencer o coronel William Joseph Donovan (1883-1959), que coordenava o *Office of Strategic Service* (OSS), precursor da *Central Intelligence Agency* (CIA), na definição dos programas radiofônicos a serem transmitidos para a América Latina, privilegiando assim uma programação cultural, científica e de notícias diferente daquela produzida para a Europa. A área financeira e econômica recebia uma especial atenção: estudavam-se os recursos minerais disponíveis e as formas mais eficientes de explorá-los. Por meio de intercâmbio técnico e científico, o *Office* procurou incrementar a produtividade da indústria e, em especial, da agropecuária.

A floresta amazônica era um espaço da América Latina que interessava especialmente o governo estadunidense nesse período. Se os Estados Unidos gozavam de autossuficiência em petróleo, o mesmo não acontecia com a borracha, outro recurso indispensável para a logística da guerra e cujos produtores orientais já estavam em grande parte nas mãos dos japoneses. Era urgente, portanto, garantir a posse dos saberes a respeito das regiões produtoras de borracha que ainda não haviam caído na zona de domínio do Eixo. Além disso, a Amazônia representava ainda a conquista de fronteiras ainda não desbravadas, do "*wilderness*" não mais disponível no território estadunidense (TOTA, 2014, p. 127), elemento chave para a construção da mitologia nacional dos Estados Unidos. Uma vez que a produção de novas áreas de cultivo era inviável diante da necessidade imediata de borracha (sobretudo após o bombardeio japonês à Pearl Harbor), era preciso investir na extração do material onde já existissem árvores maduras. Para isso era necessário, no entanto, superar as dificuldades de transporte, saneamento e de cultura que permitissem

o deslocamento eficiente de trabalhadores para a região dos seringais (CAMPOS, 1998, p. 525).

Quando o Estado brasileiro entrou em guerra ao lado dos aliados em agosto de 1942, uma série de acordos foi assinada com o governo estadunidense. Se por um lado a máquina de guerra precisava de recursos naturais estratégicos existentes no Brasil, por outro, o governo brasileiro, encabeçado por Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), estava interessado na alavancagem que isso significaria ao desenvolvimento econômico nacional, em especial no que diz respeito à industrialização.[218] No dia 14 de março de 1942, Sumner Welles e Arthur de Souza Costa (1893-1957), então ministro da Fazenda brasileiro, assinaram um acordo de saúde e saneamento. Este plano foi estendido a toda a América Latina e deixado a cargo do *Office* de Rockefeller, que criou o *Institute of Inter-American Affairs* (IIAA) como agência subsidiária voltada especificamente para esse fim. Cada país criou suas próprias agências por meio de acordos bilaterais específicos para desenvolver ações em cooperação com o IIAA. No Brasil foi criado o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), num acordo firmado entre Jefferson Thomas Caffery (1886-1974), embaixador estadunidense no Brasil, George M. Saunders, resentante do IIAA, Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Pública, e Osvaldo Euclides de Sousa Aranha (1894-1960),

[218] Letícia Pinheiro fornece uma interpretação mais ampla a respeito dos interesses brasileiros em seu alinhamento aos Aliados: "[...] além de viabilizar a promessa feita por Washington de modernizar as forças armadas brasileiras – e do que isto representou na política de compromissos do presidente Vargas ao obter dos militares um expressivo apoio a seu governo –, devemos entender seu significado de médio prazo para os formuladores da política externa. Participar da guerra era garantir a presença brasileira nos arranjos de paz. E tomar parte nessas negociações significava se fazer ouvir no processo de construção de uma nova ordem mundial. Além disso, participar desse reordenamento representava um diferencial nada desprezível frente aos demais países da América do Sul, particularmente frente à Argentina. Mais uma vez o Brasil se pautava pela busca de presença mais significativa no sistema internacional" (PINHEIRO, 2004, p. 26).

ministro das Relações Exteriores (CAMPOS, 1998, pp. 525-527). Saunders foi nomeado o diretor do SESP e, junto com tenente-coronel estadunidense George Clark Dunham (1887-?), desembarcaram no Brasil dia 11 de abril de 1942.[219] Dentre os diversos técnicos que colaboraram com a SESP está o antropólogo Charles Wagley, que ocupou um papel estratégico em função da abordagem sociológica de seus estudos de comunidades do interior do país, de seu conhecimento da língua portuguesa e sobre a burocracia brasileira (assunto do qual tratarei em detalhes noutro momento).

Segundo Antônio Tota, Nelson Rockefeller, que já havia aprendido muito bem a usar as armas culturais em seu esforço de guerra, logo sentiu a necessidade de produzir estudos mais detalhados a respeito das culturas latino-americanas a fim de tornar as ações de sua agência mais eficientes. A antropologia aplicada ao planejamento geopolítico estadunidense já não era novidade, e o exemplo mais conhecido disso talvez seja a pesquisa realizada por Ruth Benedict, que resultou no livro *The Chrysanthemum and the Sword*, publicado em 1946. Inspirado nesta experiência, o Office de Rockefeller contratou os trabalhos de Wendell Clark Bennett (1905-1953), arqueólogo da Universidade Yale, John Lewis Gillin (1871-1958), sociólogo da Universidade de Wisconsin, e o já mencionado antropólogo Alfred Métraux. Os objetivos desses cientistas sociais iam desde a realização de estudos no campo da antropologia física até investigações sobre as relações inter-raciais como forma de "promover o progresso e a modernização" (TOTA, 2004, p. 138).

---

[219] Carta de Berent Friele, Special Representative do Coordinator of Inter-American Affairs of the United States of America, Formerly Coordinator of Commercial and Cultural Relations Between the American Republics, para Henry Allen Moe, Rio de Janeiro, 28 de abril de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7). B:M722, *Henry Allen Moe Papers, American Philosophical Society* (nas próximas referências apenas "HAMP, APS").

Vê-se, portanto, que a antropologia passou a ser considerada um saber estratégico no esforço de guerra estadunidense. Fernanda Massi chama a atenção para esta mudança marcante na antropologia produzida nos EUA no período da Segunda Guerra Mundial: "Após 1941, […] começa-se a falar em 'antropologia aplicada', e estimativas de [19]43 mostram que mais da metade dos profissionais em antropologia estavam envolvidos *full-time* com os esforços de guerra, sendo que 25% dedicavam-se parcialmente a ela" (MASSI, 1989, p. 440). A antropóloga ainda ilustra esses dados com alguns exemplos: os trabalhos de Ruth Benedict e Margaret Mead sobre hábitos alimentares pelo *National Research Council* (NRC); a participação de Clyde Kluckhohn (1905-1960), Alexander Leighton (1908-2007) e Benedict no *Foreign Morale Analysis Division of the Office of War Information*; o *Far Eastern Civil Affairs Training School for the Army* da Universidade de Chicago, dirigido por Frederick Russell Eggan (1906-1991); e o *Institute of Social Anthropology*, organizado por Julian Steward na *Smithsonian Institution*.[220] Segundo Regina Figueiredo, a

[220] Em carta de 8 de maio de 1942 para Julian Steward, Alfred Métraux escreve que "cada vez mais antropólogos se amontoam em Washington. Eles estão todos terrivelmente ocupados e correm para cima e para baixo como ratos envenenados" – STEWARD, Julian H. (1942-45)" Series 4, Correspondence, Box 11, *Records of the Institute of Social Anthropology* 1942-1952, (RISA), NAA, SI, tradução livre. Steward também tece um comentário a este respeito em carta escrita para Robert Lowie em 17 de fevereiro de 1942: "Washington continua a se encher de antropólogos e eu suponho que agora nós temos perto de 80 trabalhando em diferentes agências em conexão com o esforço de guerra. Embora eles não estejam aqui precisamente como antropólogos, isto significa que a antropologia se tornou ao menos algo mais pertinente aos assuntos práticos e que um grande futuro nos aguarda" – "LOWIE, Robert", Correspondence, Box 7, *Handbook of South American Indians Papers* (HSAIR), NAA, SI, tradução livre. Em outra correspondência, de 5 de outubro de 1942, agora de Charles Wagley para Steward, o primeiro manda lembranças do Brasil para "os milhares de antropólogos(as) trabalhando em Washington agora", e aproveita para também se colocar à disposição: "se eu puder ser de alguma ajuda aí, por favor me avise" – "Brazil, General, 1942-51", Series 5, Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI, tradução livre.
A respeito das referências relacionadas aos documentos dos NAA, adotarei o seguinte critério de notação, tentando seguir da melhor maneira possível as orientações da própria agência para este fim: em primeiro lugar, indicarei, quando isso não tiver sido feito no próprio texto,

Segunda Guerra Mundial provocou tanto “uma mudança no escopo das atividades realizadas pelos antropólogos” quanto uma “ampliação das possibilidades no campo profissional” (FIGUEIREDO, 2010, p. 254). Percebe-se, portanto, que a Segunda Guerra Mundial abriu uma quantidade nunca vista de postos de trabalho para antropólogos(as) de todos os níveis no EUA. Os(as) latino-americanos(as) também perceberam, como veremos, as oportunidades abertas por essa transformação.

Neste capítulo eu tratarei especificamente da produção do *Handbook of South American Indians* (HSAI) a partir dos documentos localizados nos *National Anthropological Archives*, da *Smithsonian Institution* (NAA-SI), em Washington DC, EUA. A organização desses documentos produz uma narrativa que, em grande medida, se confunde com a trajetória pessoal de Julian Steward. A instituição arquivística inscreve na história das ciências sociais estadunidenses, desse modo, um *funcionário-sujeito* que, imbuído dos valores civilizatórios nacionais, teria sido um dos principais responsáveis por uma espécie de mudança paradigmática na ciência antropológica internacional. Mais que isso, esse sujeito seria responsável pelo estreitamento de laços entre as nações latino-americanas em função de uma atuação exemplar, norteada pelo fortalecimento do espírito de uma linhagem intelectual que remete aos grandes *empresários-pensadores-pais-fundadores* do país. Steward aparece aqui como um elemento de ligação entre o mundo acadêmico e o destino manifesto da nação por meio da ação do Estado, reiterando, portanto, o mito da excepcionalidade estadunidense. O que pretendo é propor uma releitura dessa documentação a partir de uma perspectiva

---

o remetente e o destinatário da missiva, seguido da data e, em casos específicos, do local; em seguida, indicarei, entre aspas, o nome da pasta, depois da “série”, o número da caixa (“box”), e, por fim, a sigla da coleção e a indicação de que estão arquivados nos NAA, SI.

transnacional que aponte para os conflitos presentes na produção dessa modernidade que se pretende construir, de maneira definitiva, no interior de uma guerra contra a *barbárie* nazifascista.

Julian Steward: o sujeito exemplar da antropologia interamericanista

Do ponto de vista da história das ideias antropológicas, Julian Steward é conhecido como um dos principais representantes de uma vertente de cientistas sociais estadunidenses que, após a Primeira Guerra Mundial, se voltaram para abordagens mais totalizantes da história humana, recusando as explicações calcadas em modelos relativistas e psicologizantes como os da "escola cultura e personalidade", por exemplo. Numa tentativa de reaproximar a antropologia dos paradigmas científicos nomológicos das ciências naturais, essa nova tendência antropológica foi dedicada à sustentação de leis e modelos generalizantes que pudessem explicar o desenvolvimento da humanidade de seus primórdios até o mundo moderno. Ao lado de nomes como Karl August Wittfogel (1896-1988) e Leslie White, Steward é considerado um "neoevolucionista", sem que isso caracterize uma corrente fechada e sistemática de pensamento (GAILLARD, 2004, p. 117). Steward teria sido o fundador de uma "ecologia cultural", "afirmando que a combinação de recursos ambientais e tecnologias disponíveis determina a forma de produção, que, por conseguinte, influencia o sistema social" (GAILLARD, 2004, p. 119, tradução livre).

Segundo Robert Francis Murphy (1924-1990), que foi seu aluno na Universidade Columbia, Steward, em função de sua abordagem materialista, teria influenciado toda uma geração de antropólogos que, no período da Guerra Fria, aproximou-se do marxismo (MURPHY,

2004).[221] Embora Steward guardasse simpatia por esse grupo de estudantes marxistas (WOLF, 2001, p. 5), sua postura era muito distante de qualquer tipo de radicalismo político, algo que também o afastava do ativismo de esquerda boasiano. Marc Pinkoski, no entanto, sustenta que, ao contrário de ser um cientista "apolítico", Steward teria desempenhado um papel fundamental no projeto colonial estadunidense, trabalhando ao lado das autoridades governamentais a fim de fornecer elementos teóricos com o fim de minar os direitos territoriais da população indígena da América do Norte, sobretudo no período pós-guerra (PINKOSKI, 2008).[222]

Contudo, embora seja significativa a forma como Steward articula seus pressupostos teóricos a uma antropologia aplicada e ligada à política de cooperação intelectual interamericana, eu continuarei a enfatizar aqui as estratégias relacionais e as trocas estabelecidas em redes que se constituem transnacionalmente. É possível encontrar elementos importantes relacionados aos sentidos da modernidade, produzidos por meio de diferentes articulações do conceito de *cultura* ao de *civilização*, também nos documentos atrelados à produção do *Handbook of South American Indians* e à construção do *Institute of Social Anthropology* no período em que Steward esteve vinculado ao *Bureau of American Ethnology* (BAE) da *Smithsonian Institution*. É a partir dessa perspectiva relacional que desejo mostrar em que

[221] Além do depoimento de Murphy, vide, a respeito do grupo jocosamente autointitulado "*Mundial Upheaval Society*" (Sociedade da Sublevação Mundial), a "autobiografia intelectual" de Eric Wolf (2001) e o resumo de Gérard Gaillard (2004) a respeito da terceira e quarta geração de antropólogos estadunidenses.

[222] Segundo Pinkoski, "por ele [Steward] presumir que os povos indígenas eram pequenos, simples e homogêneos, ele acreditava que eles seriam naturalmente assimilados por formas mais complexas; e, como resultado, a nova forma emergente não seria mais aborígene" (PINKOSKI, 2008, p. 190), não lhes garantindo, assim, direito aos seus territórios ancestrais. Steward atuou como uma espécie de consultor do *Indians Claim Comission* do *US Department of Justice* entre 1949 e 1952.

medida o “americanismo interamericanista” de Steward se diferencia do americanismo boasiano.

Steward trabalhou no BAE entre os anos de 1935 e 1946.[223] Em 1939 ele percebeu a oportunidade de tomar a frente da produção de um *Handbook* (guia ou manual) sobre os índios da América do Sul. Antes de averiguar como isso foi possível, é importante mostrar alguns precedentes desta ideia.

Antes de ser empreendido por Steward, o projeto de um *Handbook* já circulava na rede transnacional de americanistas em que Franz Boas figurava de maneira central. Em 1911, quando também trabalhava no BAE, o próprio Boas foi o autor do primeiro volume do *Handbook of American Indian Languages.* Antes disso, Edward Sheriff Curtis (1868-1952) produziu o *The North American Indian*, uma monumental obra em 20 volumes, fruto das pesquisas fotográficas financiadas pelo banqueiro John Pierpont Morgan (1837-1913) a partir de 1905 e editada por Frederick Webb Hodge (1864-1956). Foi a este trabalho que Paul Rivet se referiu em carta já mencionada neste livro, enviada de Paris a Franz Boas, em 23 de fevereiro de 1924 (FBP, APS).

É plausível afirmar, portanto, que o interesse inicial por um *Handbook* a respeito dos índios sul-americanos estava ligado à preocupação com o crescente desaparecimento de culturas e línguas ainda encontradas em seu “estágio primitivo”. Em 1932, Robert Lowie, presidente da *Division of Anthropology* do *National Research*

[223] Antes disso, Steward, que nasceu em Washington, numa família de cientistas cristãos, foi aluno de Alfred Kroeber e Robert Lowie na Universidade da California, Berkeley, onde obteve o seu *Ph.D.* em 1929, depois de uma passagem pela Universidade Cornell, com a tese *The Ceremonial Buffoon of the American Indian.* Em 1928 se tornou professor do primeiro curso de antropologia na Universidade de Michigan, onde ficou até 1930, quando foi substituído por Leslie White. Ainda trabalhou na Universidade de Utah, entre 1930 e 1933, e em Berkeley, entre 1933 e 1934 (GAILLARD, 2004, p. 119).

Council (NRC), propôs o projeto de um *Handbook* sobre os índios sul-americanos, indicando um comitê composto pelo próprio Lowie, pelo padre John Montgomery Cooper e Leslie Spier (1893-1961) (FAULHABER, 2012, p. 89).[224] Nesse período, os EUA sofriam os efeitos da crise de 1929, Roosevelt ainda não havia sido eleito presidente do país e Hitler ainda não havia sido feito chanceler por von Hindenburg. Lowie, que fazia parte daquela rede de americanistas apresentada no Capítulo 4 deste livro, certamente estava mais interessado na salvaguarda de culturas em risco de extinção por meio da compilação de dados e interpretações antropológicas do que na produção de saberes úteis ao processo de modernização das Américas conduzido pelos EUA. Mas esse projeto não foi adiante por falta de fundos (FAULHABER, 2012, p. 89).

Em 1939, como mostrei no início deste capítulo, a situação era outra. O *New Deal* havia solucionado o impasse financeiro nos EUA, Roosevelt havia anunciado, logo no início de seu mandato, a "política de boa vizinhança" e o conhecimento das culturas latino-americanas vinha se mostrando cada vez mais importante para o fortalecimento dos negócios e da influência estadunidenses ao Sul do Rio Grande. Steward era o homem posicionado no lugar e no tempo certos e soube aproveitar a oportunidade: os recursos financeiros começaram a fluir em direção à antropologia aplicada e voltada para a América Latina, e agora era possível retomar o projeto do *Handbook* inicialmente proposto por Lowie.

Mas por que a direção de um *Handbook* era assim tão valiosa? Diante das experiências anteriores de produção de obras do tipo, é

[224] O próprio Steward salienta, na introdução que escreveu para o *Handbook of South American Indians*, que este projeto foi antes estimulado pelo Barão Erland Nordenskiöld (STEWARD, 1946, p.1), que, como mostrei no Capítulo 4, tinha uma posição destacada na rede internacional de americanistas fomentada por Boas. Por essa época Nordenskiöld estava ligado especialmente a Lowie, a ponto de ter ministrado aulas em Berkeley em 1927.

possível que Steward tenha percebido o potencial de produção de centralidade relacional que um tal empreendimento podia proporcionar. O americanismo era uma ampla e tradicional área de estudos da antropologia internacional, mas a América do Sul possuía grupos indígenas ainda desconhecidos, algo já raro em outros continentes. Steward teve a oportunidade não só de tomar a frente de um projeto que articularia essa rede transnacional de antropólogos, mas poderia, igualmente, redirecionar os seus objetivos para uma antropologia aplicada que, por conta deste propósito, poderia ser alavancada a uma posição de destaque em relação às outras ciências em função de sua utilidade para as práticas de governo.[225]

Vejamos então como esse projeto de reestruturação paradigmática da antropologia estadunidense se materializou na produção do *Handbook*.

A constituição de uma antropologia interamericanista por meio da produção do Handbook of South American Indians

A apresentação do Handbook of South American Indians

Na introdução escrita por Steward para o *Handbook of South American Indians* (STEWARD, 1946) todos os objetivos mencionados na seção anterior estão expostos de maneira clara. Em primeiro lugar, Steward afirma que uma antropologia das Américas deve ser "pan-americana", ou seja, a produção do *Handbook* possibilitaria algo há muito reclamado pelos cientistas das diversas "Repúblicas

[225] De acordo com Priscila Faulhaber, o alvo de Steward foi "elevar o *status* da antropologia aplicada durante os anos que conduziram até à Segunda Guerra Mundial. Pela articulação tanto de projetos acadêmicos e agências em tempo de guerra sob a aparência de políticas de boa vizinhança contra a ameaça nazista, e obtendo financiamento público para seus projetos, Steward transformou o modo boasiano de organização da pesquisa antropológica (FAULHABER, 2012, pp. 84-85, tradução livre).

Americanas”[226]: encontrar os “meios mais efetivos de agrupar e trocar suas informações, ao passo que professores e estudantes suplicam para que os materiais sejam publicados de uma forma conveniente” (STEWARD, 1946, p. 1, tradução livre). Além disso, diante da diversidade de interesses representada pelos mais de 100 cientistas que colaboraram com o *Handbook*, Steward alega ter precisado formular ele próprio um plano que conferisse alguma coerência ao projeto, e com isso pôde direcioná-lo para uma aplicabilidade em relação os “problemas modernos”:

> Totalmente consciente da impossibilidade de satisfazer a todos, o editor formulou um plano detalhado atrelado, tanto quanto as circunstâncias permitiram, à proposta original de que o *Handbook* pudesse sumarizar os fatos da etnologia aborígene. Ao mesmo tempo, ele insistiu que os problemas modernos não poderiam ser perdidos de vista, e que a literatura deveria ser apreciada de modo a apresentar aos pesquisadores o seu valor e interesses variados (STEWARD, 1946, p. 3, tradução livre).

Os problemas de “aculturação”, ou seja, das transformações sofridas pelas “culturas primitivas” a partir de seus contados com o “mundo moderno” ou “civilizado”, portanto, não poderiam ser negligenciadas:

> Como os relatos sobre tribos indígenas no momento da Conquista são inexistentes ou são rudimentares ao extremo, as reconstruções da etnologia aborígene devem se apoiar em documentos que abrangem 400 anos do período histórico durante o qual profundas influências espanholas, portuguesas e mesmo negras atingiram as mais isoladas tribos da selva. Para evitar

[226] Na documentação que pude analisar é possível perceber que a expressão “Repúblicas Americanas” figura recorrentemente nos documentos oficiais interamericanos, como que no intuito de reforçar uma aparência de maior horizontalidade entre os países das Américas.

> comprimir esses quatro séculos de dados pós-contato em quadros etnográficos bidimensionais, como se eles representassem fielmente as culturas pré-colombianas, os autores foram instados a apresentar seus dados cronologicamente. Os artigos consequentemente revelam muito das mudanças pós-contato, e mostram que novos padrões econômicos, sociais e religiosos seguiram a introdução da colheita europeia, as ferramentas de aço, as novas relações comerciais, o Cristianismo e muitos outros fatores contingentes com a chegada do homem branco. A absorção final das tribos das Florestas Tropicais e áreas marginais na civilização europeia nunca foi estudada, pois, até recentemente, o interesse antropológico cessava quando os costumes tribais eram perdidos (STEWARD, 1946, p. 3, tradução livre).

Em seguida, Steward ainda usa expressamente o termo "aculturação": "Mas na área Andina, uma forte civilização nativa se reintegrou com elementos espanhóis e padrões que sobrevivem entre milhões de índios e **concedem à aculturação importância tanto científica quanto prática**" (STEWARD, 1946, p. 3, tradução livre, negritos meus).[227]

O primeiro volume do *Handbook*, *The marginal tribes*, foi impresso em 1946. A ele seguiram-se os seguintes volumes: *The Andean Civilization* (vol. 2, 1946); *The Tropical Forest Tribes* (vol. 3, 1948); *The Circum-Caribbean Tribes* (vol. 4, 1948); *The Comparative Ethnology*

[227] Priscila Faulhaber considera que Steward, pelo contrário, "minimiza" o conceito de aculturação, embasando essa percepção numa carta enviada a Robert Ray Redfield (1897-1958) em 1939 (FAULHABER, 2012, p. 95), mas sem mencionar as passagens indicadas acima. É preciso lembrar que Faulhaber trata especificamente do terceiro volume do *Handbook*, e ela própria reconhece que Steward considerava a relevância prática do conceito de aculturação para os grupos andinos. Por isso considero que, embora em trabalhos posteriores Steward possa ter dado uma maior importância a outros conceitos, como o de "mudança cultural", continua me parecendo arriscado afirmar que essa crítica já tivesse moldado de forma significativa o *Handbook*, pelo menos quando tomado o projeto em sua totalidade.

of South American Tribes (vol. 5, 1949); *Physical Anthropology, Linguistics and Cultural Geography of South American Indians* (vol. 6, 1950); e, por fim, um último volume, na verdade um *Index*, que foi publicado apenas em 1959.[228]

É interessante notar que os problemas abordados e sua forma de apresentação são norteados claramente pelo modo segundo o qual o próprio Steward concebia a pesquisa antropológica. Tratava-se de uma análise que considerava primeiro as condições ecológicas, em seguida as tecnologias disponíveis – levando em conta, já neste ponto, a história dos contatos civilizacionais –, para, somente depois, tratar da organização econômica e social, da cultura material, das crenças, costumes, da religião e de outras dimensões simbólicas da cultura bem como suas formas de transmissão (STEWARD, 1946, pp. 5-6). As partes dos volumes eram introduzidas por um texto de síntese, escrito por americanistas experientes, a respeito de áreas culturais mais amplas, de acordo com a divisão proposta por John Cooper, a saber: "(1) tribos marginais de caçadores e coletores do Brasil Oriental, Gran Chaco, Pampas, Patagônia e Terra do Fogo; (2) civilizações andinas; (3) tribos da floresta tropical e savanas; (4) culturas circum-caribenhas, incluindo aquela porção da América Central que foi fortemente influenciada pela América do Sul" (STEWARD, 1946, p. 4, tradução livre).

Todavia, tomar apenas a introdução do *Handbook* como evidência das motivações de um projeto é algo no mínimo arriscado. É importante conhecer os diversos conflitos que permearam desde a sua discussão e implementação até a sua execução e publicação a fim de se poder afirmar algo mais consistente. A produção do *Handbook* já recebeu a cuidadosa e competente interpretação de

[228] Todos eles estão disponibilizados em formato digital no site: www.archive.org, acesso em: 18/02/2020.

Priscila Faulhaber (2012), de modo que me resta apenas comentar alguns aspectos específicos desse empreendimento, colocando-o na perspectiva da história transnacional aqui apresentada.

Steward começou a sondar a disposição de seus colegas para a realização do *Handbook* em 1939, tendo iniciado a sua produção realmente em 1940. Conforme se lê na folha de rosto do seu primeiro volume, ele foi preparado em cooperação com o *US Department of State* como um projeto do *Interdepartmental Committee on Cultural and Scientific Cooperation* (ao qual já me referi na primeira seção deste capítulo), por meio de verbas autorizadas pelo Congresso estadunidense para este fim.

Neste ponto já é possível notar um esforço de hierarquização dos *sujeitos* envolvidos na produção do guia. Um dos principais pontos defendidos por Faulhaber é que houve, de fato, uma "divisão do trabalho intelectual" entre os diversos intelectuais envolvidos, "reproduzindo a diferenciação social que caracterizou historicamente a produção de conhecimento como uma hierarquia entre acadêmicos, etnógrafos de campo e observações de viajantes" (FAULHABER, 2012, p. 84, tradução livre). Segundo sua interpretação, baseada na consideração da tradição de estudos sobre os povos ameríndios da região amazônica, os pesquisadores brasileiros seriam considerados por Steward "primos pobres", de "sétimo ou oitavo grau" (FAULHABER, 2012, p. 87). Haveria, desse modo, uma dinâmica paternalística de apropriação cultural, na qual um grupo de especialistas criaria e estruturaria "domínios estratégicos de conhecimento" (neste caso, aquele relacionado aos ainda pouco conhecidos grupos indígenas das florestas tropicais brasileiras), que passariam a ser administrados num espaço assimétrico de relações de poder. Washington seria o "quartel general" para as "interações entre cientistas e políticos na busca pelo

fortalecimento dos laços entre povos norte e sul-americanos em face da ameaça nazista" (FAULHABER, 2012, p. 88, tradução livre).

A documentação arquivada no *Handbook of South American Indians Records*, NAA, SI (doravante apenas HSAIR), dá conta de um imenso trabalho relacional. As correspondências, relatórios, propostas e manuscritos ali depositados evidenciam a produção de *sujeitos* e *objetos* em torno do americanismo "interamericanista". Trata-se de um grandioso conjunto de trocas de informações, fofocas, idas e vindas de manuscritos, mapas, publicações, cobrança de prazos, convites, negativas, enfim, de uma complexa rede transnacional de trocas e fluxos impossível de ser aqui esgotada. O que farei, portanto, é apresentar apenas alguns aspectos dessas relações que são mais diretamente relevantes para o conjunto dos argumentos apresentados neste livro, tomando cuidado para não repetir simplesmente aquilo que já foi demonstrado por Faulhaber (2012). Meu foco será dirigido às correspondências produzidas entre Steward e seus interlocutores, em especial aquelas que dizem respeito mais diretamente aos interesses voltados para o Brasil.

A exclusão de pesquisadores europeus

O primeiro aspecto a respeito do qual eu gostaria de tratar é a não participação (salvo algumas poucas e importantes exceções) de americanistas europeus. Steward apresenta esse problema na introdução que escreveu para o primeiro volume do *Handbook*. Acima eu já mencionei a afirmação de Steward segundo a qual essa publicação seria uma obra "verdadeiramente pan-americana". Embora o autor lamente o fato de que a Guerra teria tornado impossível usufruir do conhecimento de muitos colegas europeus, a próxima afirmação não deixa de sugerir uma exclusão que parecia até muito bem-vinda:

> Ao mesmo tempo, a própria necessidade de encontrar um pessoal nas Américas para escrever todos os artigos tornou o trabalho **verdadeiramente pan-americano**, tanto na execução quanto no escopo. O interesse despertado em problemas mútuos, bem como os contatos criados entre cientistas, **prenunciam uma nova era de pesquisas, a maior parte delas necessariamente cooperativa, direcionada para os problemas fundamentais das Américas**. A adequação da **colaboração interamericana** nestes problemas dificilmente pode ser questionada (STEWARD, 1946, p. 5, tradução livre, negritos meus).

O *Handbook*, na verdade, contou com a importante participação de europeus, a exemplo de Alfred Métraux, que se tornou uma espécie de co-editor do projeto ao lado de Steward, e Claude Lévi-Strauss. Estes, no entanto, estavam exilados no "Novo Mundo" e já muito bem integrados nas instituições científicas estadunidenses – Métraux já havia passado, como já mostrei no capítulo anterior, pelo *Bishop Museum*, em Honolulu, havia dado aulas em Berkeley e Columbia e, a partir de 1939, tinha se tornado professor visitante em Yale; Lévi-Strauss, por sua vez, conseguira emprego na *New School for Social Research*, em Nova York, desde 1940. Outros europeus, como Herbert Baldus e Curt Nimuendajú, também participaram da produção do *Handbook*, mas sua longa vida na América do Sul os fazia serem considerados "latino-americanos" a despeito de suas terras natais (cabe lembrar que Baldus se naturalizou brasileiro em 1941, ao passo que Nimuendajú havia feito o mesmo já em 1921). Ainda que europeus, pode-se dizer, portanto, que suas vivências e projetos estavam, naquele momento, mais próximos do mundo americano.

Mas há um caso específico que aponta para um caráter mais deliberado da exclusão de europeus do projeto do *Handbook*. Refiro-me às negociações relacionadas à colaboração de Paul Rivet. Como

mencionei no Capítulo 4, após a ocupação da França pelas forças nazistas, Rivet se refugiou na Colômbia, onde fundou o Instituto Etnológico e abrigou outros etnólogos franceses anteriormente ligados ao *Musée de l'Homme*, em Paris. Rivet foi procurado pelos organizadores do *Handbook* quando algumas dificuldades relacionadas à linguística dos povos indígenas sul-americanos pareciam insuperáveis. Essa seção ficou a cargo do linguista e arqueólogo John Alden Mason, curador do *University Museum* da Universidade da Pennsylvania de 1926 a 1958 – o mesmo que se envolveu na discussão entre Boas e Preuss, também relatada no Capítulo 4. Mason era especialista em culturas mesoamericanas, e ainda praticamente inexistiam linguistas estadunidenses especializados nas línguas sul-americanas, a despeito dos esforços empreendidos por Boas, no início da década de 1930, para reverter essa situação. Os estudos linguísticos produzidos por Rivet em 1924 (RIVET, 1924), por sua vez, ainda eram referências na área, e a sua proximidade com Métraux certamente influenciou o convite para a sua colaboração.

Em carta enviada de Bogotá, Colômbia, para Métraux em 25 de outubro de 1941,[229] Rivet diz, no entanto, que era muito difícil aceitar a oferta feita por Mason, pois toda a sua documentação havia sido confiscada na França durante a ocupação nazista. A princípio, Steward pretendia solicitar a participação apenas de estudiosos residentes nos EUA. Mas com a disponibilidade de verbas e a percepção de que o trabalho só poderia ser levado a cabo se fosse possível usar os estudos produzidos na América do Sul, visto que até então pouquíssimos cientistas estadunidenses haviam realizado pesquisas na área, pareceu então inevitável solicitar que alguns(mas) intelectuais pudessem também produzir pequenos artigos em vez de

[229] "RIVET, Paul", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

apenas fornecerem dados a serem sintetizados nos EUA. Steward então deixou a critério de Mason propor o tipo de colaboração que ele acreditasse ser a mais pertinente para conduzir a sua sistematização da linguística sul-americana para o *Handbook*.[230]

Rivet parecia interessado no trabalho e trocou diversas cartas com Métraux ao longo do mês de fevereiro de 1942, após a resposta deste último àquela primeira de 25 de outubro do ano anterior.[231] No dia 17 de julho de 1942, Steward enviou uma nova carta para Rivet, informando os problemas que estavam enfrentando com a parte de linguística e deixando a seu critério a escolha da forma pela qual ele acreditava poder participar.[232] Junto com essa carta, Rivet havia recebido uma outra, de Mason, na qual, segundo o etnólogo francês, era informado de que "há uma pequena preferência em ter todos os artigos neste *Handbook* escritos por estadunidenses".[233] Essa proposta de Mason, que havia optado por escrever um artigo a partir das informações cedidas por Rivet, ao invés de convidá-lo a escrever ele próprio um texto a ser publicado no *Handbook*, deixou o etnólogo francês bastante ofendido. Rivet escreveu a Steward, nessa mesma carta do dia 3 de agosto de 1942, afirmando que não havia chegado aos 66 anos de idade para aceitar o papel de "informante anônimo", e que "se estava arruinado e pobre" tinha ao menos "dignidade para não aceitar este papel de mercenário". Rivet ainda salientou que não havia nos Estados Unidos ninguém capaz de escrever algo a respeito da linguística sul-americana; que na Europa houve um tempo em que se pudera contar com Nordenskiöld, Koch-Grünberg, Walter

---

[230] Carta de Steward para Mason, 13 de janeiro de 1942, "MASON, J. Alden, 1", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.

[231] "RIVET, Paul", Correspondence, box 8., HSAIR, NAA, SI.

[232] Idem.

[233] Carta de Rivet para Steward, 3 de agosto de 1942, "RIVET, Paul", Correspondence, box 8, HSAIR, NAA, SI.

Krickenberg e Čestmír Loukotka (1895-1966); que agora, no entanto, só sobrava ele, Rivet, e, embora estivesse exilado na Colômbia, estava disposto a contribuir com todo seu conhecimento; que, finalmente, os cientistas que estavam sendo convidados por motivos políticos careciam de competência científica. Por fim, depois de demonstrar insatisfação com alguns colaboradores escolhidos e com o próprio formato do *Handbook* (que, segundo ele, deveria ser escrito em forma de dicionário, não de tratado), Rivet ainda afirmou que colaboraria de boa vontade com os amigos estadunidenses, mas que não aceitaria jamais colaborar como um "primo pobre".

Steward se esforçou, a partir de então, para desfazer o suposto mal-entendido, escrevendo uma longa carta no dia 20 de agosto de 1942, reencaminhando-a no dia 24 de outubro e tentando um novo contato em 25 de fevereiro de 1943.[234] Ele também discutiu longamente o assunto com Mason, que, a despeito de algumas considerações de Steward, continuava achando que Rivet era mesmo o principal pesquisador disponível no que dizia respeito à linguística sul-americana.[235] Alfred Métraux acreditava que a carta agressiva de Rivet se devia ao seu estado emocional em função da Segunda Guerra Mundial.[236] Steward ainda tratou do assunto com Wendell

---

[234] "RIVET, Paul", Correspondence, box 8., HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

[235] Carta de Mason para Steward, 23 de agosto de 1942, "MASON, J. Alden, 1", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI; cartas de Steward para Mason, 5 de outubro de 1942, de Mason para Steward, 20 de outubro de 1942, de Steward para Mason, 10 de novembro de 1942, e de Mason a Steward, 20 de novembro de 1942, "MASON, J. Alden, 2", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.

[236] "Eu estou algo acostumado com as explosões de Rivet e tenho recebido cartas ainda mais ferozes dele nos últimos dias. Agora eu começo a entender seu humor, pois ele está terrivelmente sozinho e inconsolável por causa dos trágicos eventos deste ano. É difícil estar em um exílio nesta idade, sessenta e seis anos, e se sentir um tanto fora de cena" (carta de Alfred Métraux para John Alden Mason, 3 de setembro de 1942, "MASON, J. Alden, 1", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI, tradução livre).

Bennett,[237] mas Rivet não voltou a responder aos posteriores pedidos de colaboração para o *Handbook*.

O motivo apresentado por Métraux para a explosão de Rivet, embora convincente, não é o único que deve ser levado em conta. É preciso lembrar que já na década de 1920 Rivet vinha articulando o projeto de um *Handbook* para a América do Sul com Nordenskiöld e outros americanistas. Esse projeto quase se tornou realidade em 1932, mas então não existiam fundos ou pessoas suficientes para empreendê-lo. O tipo de americanismo que orientava a produção de antropólogos como Rivet, Nordenskiöld e Lowie, como vimos nos dois últimos capítulos, estava ligado a valores internacionalistas e anti-imperialistas. O pedido de colaboração feito por Mason a Rivet expressava, no entanto, algo muito diferente. Não se tratava da colaboração científica internacionalista que Rivet, Boas, Nordenskiöld, Lowie e tantos outros se esforçaram por produzir num passado recente, mas de um projeto com claras orientações políticas e dirigido paternalisticamente dos EUA para os "primos pobres" sul-americanos. Mais que isso, há algo implícito, possivelmente sentido por Rivet e não menos relevante: os *sujeitos* estadunidenses estavam aproveitando a guerra na Europa para assumir o papel de *vanguarda civilizacional* da qual os franceses por tanto tempo se orgulharam. Rivet poderia ainda ter percebido que seu ideal civilizatório, especificamente socialista, vinha sendo suplantado por antropólogos a serviço da democracia liberal estadunidense.

Tudo indica que Rivet, afinal, não estava equivocado. Não obstante o tom diplomático adotado por Steward nas cartas mencionadas acima, sua correspondência com Theodore Doney McCown (1908-1969), paleontólogo da Universidade da California em

[237] Carta de Bennett para Steward, 21 de dezembro de 1942, "BENNET, Wendell C.", Correspondence, Box 5, HSAIR, NAA, SI.

Berkeley, a este respeito, não deixa dúvidas quanto aos seus objetivos em relação aos latinos. Tratava-se de ocupar os espaços que antes eram dos europeus:

> Embora eu pense que Rivet mereceria receber umas bofetadas, há uma série de passagens [dos textos escritos pelos latino-americanos] em que os latinos devem ser atacados um pouco menos frontalmente. Eu acredito que nós estamos à beira de afastar a maioria deles da influência europeia em seu pensamento, se nós os pegarmos pela mão ao invés de chutar-lhes o traseiro.[238]

McCown não parecia tão paciente. Ele escreve o seguinte, depois de afirmar que Rivet estava velho: "os 'sábios' sul-americanos pensam em termos da pré-Reforma e usam métodos que foram excelentes no século XVIII. Eu receio não poder partilhar o seu otimismo sobre a iminência da conversão intelectual deles".[239] Ou seja, se para Steward os *bárbaros* latino-americanos ainda poderiam ser *civilizados* se afastados das velharias europeias, para McCown isso era impossível.

A exclusão dos boasianos

Outras correspondências mostram que Steward não estava afastando-se apenas de antropólogos(as) da Europa. Também é possível localizar disputas entre estadunidenses, a exemplo de uma sensível animosidade direcionada à facção de Ruth Benedict na Universidade Columbia, algo que pode ser flagrado em apenas algumas confidências dirigidas por Steward ao seu antigo professor em Berkeley, Robert Lowie.

---

[238] Carta de Steward para McCown, 3 de setembro de 1943, "MCCOWN, Theodore D.", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

[239] Carta de McCown para Steward, 12 de setembro de 1943, "MCCOWN, Theodore D.", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

Em carta enviada para Benedict em 6 de outubro de 1939, Steward a convidou formalmente para tomar parte no seu projeto interamericano.[240] À época, a concessão de recursos pelo Congresso estadunidense, os quais seriam administrados pelo *Bureau of American Ethnology* da *Smithsonian Institution*, era ainda apenas uma esperança, mas, mesmo assim, Steward conseguiu contar com o entusiasmo de diversos colegas. Ele recuperou o esquema que fora trabalhado pelo comitê formado anteriormente no NRC e, junto com um novo comitê, formado por John Cooper, Lowie, Alfred Kroeber, Leslie Spier e Matthew Williams Stirling (1896-1975), elaborou um esboço mais completo para aquilo que imaginavam que seria o *Handbook*. Com esse esboço pronto, Steward passou a contatar diversos nomes reconhecidos da antropologia estadunidense e que tivessem algum interesse nos estudos etnológicos sobre a América do Sul. Benedict foi um desses nomes.

Em carta de 20 de novembro de 1939, Steward escreveu a Lowie tratando, dentre outras coisas, das respostas a esse seu trabalho de sondagem inicial:

> A aceitação pelas pessoas que foram as primeiras opções ainda corre a 100%. Além do mais, eu mandei o esboço para várias outras pessoas pedindo comentários e tenho recebido cartas muito boas de praticamente todo mundo. Benedict é quase que a única que não respondeu – eu me pergunto por quê![241]

Ao "por quê" de Steward poderíamos acrescentar outros: por que a menção a Benedict, se ela era "quase a única" (e não "a única") a não ter respondido? Por que essa negativa de Benedict é tratada num tom aparentemente irônico com Lowie, com uma liberdade tal

[240] "B", Correspondence, Box 5, HSAIR, NAA, SI.
[241] "LOWIE, Robert", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

que lembra a de amigos íntimos que partilham um segredo ou fofoca? Poderíamos nos perguntar também o que exatamente significa a exclamação na expressão "*I wonder why!*": trata-se do estranhamento relacionado a uma conduta não prevista, ou, por outro lado, o que se tem é mesmo uma ironia, como se Lowie já soubesse muito bem o motivo do silêncio de Benedict?

Na "Memória biográfica" que Lowie apresentou em 1947 na Reunião Anual da *National Academy of Sciences* (LOWIE, 1947), é possível captar uma espécie de ressentimento em relação a Franz Boas, não obstante a longa e respeitosa correspondência que mantiveram por vários anos, conforme mostrei no capítulo anterior. Boas, que era tão afável com Benedict, Margaret Mead e toda a geração de estudantes dos seus últimos anos em Columbia, para quem ele era o "*Papa Franz*", não se abriu da mesma forma aos seus primeiros discípulos, a exemplo de Albert Buell Lewis (1867-1940), Alexander Goldenweiser, Paul Radin (1883-1959) e o próprio Lowie. O antropólogo de Berkeley atribui este comportamento a uma fase atribulada da vida de Boas – aquela que corresponde às contendas que travou com o diretor do *American Museum of Natural History* (AMNH), em Nova York (LOWIE, 1947, p. 314). Mas Lowie teria mesmo o desculpado? Ao fazer sua carreira acadêmica na Universidade da California, em Berkeley, ao lado de Alfred Kroeber, Lowie não teria cultivado um certo antagonismo em relação ao grupo de Columbia em meio às constantes disputas acadêmicas por recursos e posições? Tudo isso ainda é, no entanto, mera especulação.

O mais plausível é afirmar que o distanciamento que se processava entre o grupo de Steward e o de Boas e Benedict está ligado a uma disputa mais ampla a respeito do que representaria a forma legítima do ofício antropológico. Steward desejou que Boas e Benedict

endossassem o seu empreendimento, pois convidou a ambos para a primeira fase de definição do projeto do *Handbook*. Boas, então nos últimos anos de sua vida, já havia se aposentado e passava por diversos problemas familiares e de saúde, mas antes disso, como vimos, sua prática não compactuava com uma antropologia submetida primordialmente aos interesses governamentais. De Benedict não é possível dizer o mesmo, pois, como já mencionei, ela também colaborou com o esforço de guerra por meio de programas antropológicos, mas é evidente que ela tinha os seus próprios projetos e é natural imaginar que ela não fosse submeter o seu tradicional departamento ao projeto de um nome ainda secundário da antropologia estadunidense e que, ainda por cima, não ocupava nenhum cargo numa universidade de prestígio. Mas é interessante flagrar em algumas outras poucas correspondências de Steward, sempre com Lowie, que era ele quem continuava manifestando um certo desdém por Benedict e seus alunos.

A respeito de William Lipkind (a quem chama de "Lipkin"), por exemplo, que foi aluno de Benedict e realizou pesquisas de campo no Brasil com o apoio do Museu Nacional, Lowie não acreditava que ele fosse capaz ficar a cargo sozinho da região do Tocantins-Xingu, e achava que ele deveria escrever a sua parte junto com Curt Nimuendajú. Lowie ainda comenta que tinha um considerável manuscrito de Nimuendajú sobre os xerentes "e ele conhece a literatura antiga sobre o Xingu, a qual não se espera que nenhum colega treinado-pela-Benedict considere senão com desprezo".[242] Em resposta, Steward concorda com a impressão de Lowie: "Lipkind me parece um bom homem, mas eu descobri que a sua avaliação a respeito dele à luz

[242] Carta de Lowie para Steward, 9 de maio de 1940, "LOWIE, Robert", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

do seu treinamento em Columbia (Benedict) é correto".[243] Com isso Steward deixa claro que não se referia ao treinamento oferecido por todo o Departamento de Antropologia de Columbia, pois ele tomava, por exemplo, William Duncan Strong (1899-1962) como amigo – e por causa desse contato Steward foi, depois de terminado o *Handbook*, assumir a chefia do próprio Departamento de Antropologia daquela universidade. Mas a confissão mais significativa desse distanciamento pode ser encontrada numa outra carta de Steward para Lowie, datada de 2 de agosto de 1943:

> Eu recentemente recebi o anúncio da Quarta Conferência sobre Ciência, Filosofia e Religião. Como isso aparentaria ser uma importante oportunidade para que os antropólogos contribuíssem com algo para a paz, a mim e a outros aqui pareceu lamentável que a antropologia seria de novo e exclusivamente representada por meio das um tanto peculiares visões de [Gregory] Bateson, Mead, [Geoffrey Edgar Solomon] Gorer, Benedict e outros. Esse valioso grupo pode ter visões estimulantes sobre o desenvolvimento da ciência, mas eu penso que é algo duvidoso que a sua vertente de antropologia seja a única pertinente aos assuntos modernos e ao mundo pós-guerra. A moral tirada da proeminência deles me parece que é simplesmente o fato de que eles são um tanto mais vociferantes do que o resto de nós. Como você é um membro da Conferência, não haveria algum meio pelo qual você pudesse sugerir que outros antropólogos, que sustentam o que muitos de nós consideram pontos de vista mais substanciais, pudessem também ser incluídos no programa?[244]

[243] Carta de Steward para Lowie, 21 de maio de 1940, "LOWIE, Robert", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

[244] Carta de Steward para Lowie, 2 de agosto de 1943, "LOWIE, Robert H. (1942-49)", Series 4, Correspondence, Box 8, Records of the Institute of Social Anthropology 1942-1952, tradução livre (embora este documento esteja na coleção relativa ao ISA, ele ainda se refere ao HSAI).

Steward claramente define um *eles* e um *nós* neste último trecho. O *eles* representa o grupo de antropólogos(as) "vociferantes", portadores de "visões peculiares" e formados na tradição boasiana. O *nós* representa, por outro lado, o conjunto de pessoas que partilhava do projeto antropológico interamericano e de sua missão *civilizadora* e *modernizadora*. Na verdade, essas divisões já são bem conhecidas no campo da história da antropologia estadunidense. Segundo Faulhaber, Gregory Bateson (1904-1980) e Cora Alice Du Bois (1903-1991) eram contrários às políticas de Estado dos EUA; em relação à vertente teórica de Benedict, "a Escola de Cultura e Personalidade não tardou a ser considerada ultrapassada pela antropologia social proposta por Steward, que procurava cunhar instrumentos de análise histórico-comparativos em lugar de tomar a cultura por si mesma" (FAULHABER, 2011, p. 18). Portanto, para além das discussões teóricas e metodológicas no interior do campo antropológico estadunidense, uma estratégia importante para a disputa paradigmática travada durante a Segunda Guerra Mundial também passou, talvez de maneira até mais decisiva, pelo controle do fluxo de recursos econômicos e editoriais que poderiam realçar a audibilidade de uns(mas), ao mesmo tempo em que silenciava as vozes de grupos considerados "vociferantes" demais.

Objetificação do outro: as "tribos" que importavam para o interamericanismo

Por fim, um outro aspecto significativo que pode ser encontrado na produção do *Handbook* é que, além de marcar uma alteração dos padrões *subjetivos* do americanismo antropológico, ela também sistematiza uma nova relação com os seus *objetos*. A respeito da designação dos "nomes tribais", Steward afirma o seguinte: "Como

listar todos esses nomes excederia as fronteiras físicas do *Handbook*, **bem como os limites da utilidade**, nós tentamos agrupá-los naquilo que, num sentido cultural e linguístico, podem ser consideradas tribos" (STEWARD, 1946, p. 6, tradução livre, negritos meus). A questão que Steward se coloca (e discute exaustivamente nas correspondências trocadas com seus colegas) pode ser elaborada nestes outros termos: qual é a melhor forma de transformar um conjunto de pessoas em um novo *objeto* da antropologia americanista? Ou: como reduzir a subjetividade dessas pessoas (se é que acreditam nela) a uma *coisa*, a um *artefato* mensurável pela ciência antropológica? Esse é, no *Handbook*, o objetivo da definição do conceito de *tribo* e o significado de sua "utilidade": delimitar a importância de agrupamentos humanos de acordo com a sua relevância *objetiva* para uma ciência que é parte da política interamericanista estadunidense.

É possível mesmo afirmar que o relativismo desenvolvido pela antropologia culturalista e historicista da escola boasiana tende a retroceder no *Handbook*. Nele existiriam "tribos mais importantes" (*more important tribes*), merecedoras de uma localização no mapa e de artigos específicos, e "tribos menores e desimportantes" (*minor and unimportant tribes*). Se algumas "tribos" – antes massacradas pelo interesse econômico ou esquecidas pelo poder público por sua "não-brasilidade" ou por não se encaixarem nos padrões de produtividade prescritos para o "povo brasileiro" – ao menos passam, com o americanismo, a receber a atenção da ciência, a serem valorizadas em função de suas "diferenças culturais"; outras, cujos limites linguísticos e culturais não podem ser captados por essa mesma ciência, eram assim relegadas ao total esquecimento. Seja para o poder de mando, para o capitalismo, para o Estado ou para a ciência, os(as) índios(as) continuavam contando não como pessoas, mas como objetos.

E quais tribos mereceriam serem lembradas pela ciência interamericanista? Steward continua sua delimitação: “as tribos mais importantes serão mostradas no mapa geral, as localizações sendo aquelas do momento do primeiro contato com os europeus” (STEWARD, 1946, p. 7, tradução livre). Para além de toda a triagem da significância ecológica, social e cultural imposta a cada uma dessas “tribos” para assegurar a sua “importância”, sua existência está atrelada a uma condição de inteligibilidade ainda mais básica: ela só faz sentido a partir de seu contato com o mundo *civilizado*. A vida indígena, ou melhor, suas formas objetificadas, só interessam uma vez inseridas na metanarrativa da modernização. Mais do que uma descrição do *Outro*, o que se tem é a produção da história do *Nós mesmos*, do *Ocidente americano*, da *Civilização do Novo Mundo*, por meio da construção discursiva de seu *alter ego*.

Mas a marca dessa *impressão* linguística, deste *arquivamento* científico, deste *poder arcôntico*, essa tem um caráter claramente estadunidense. A intenção é interamericanista: “a grafia segue uma ortografia simples, que almeja ser inteligível para em inglês, espanhol ou português” (STEWARD, 1946, p. 7, tradução livre). No entanto, a forma como designamos essas pessoas segue, ainda hoje, como podemos ler em vários artigos escritos inclusive em português, o traço da objetificação linguística firmado pelo *Handbook*, esse manual de americanismo que, enquanto tal, tem um caráter eminentemente normativo: “seguindo o uso estadunidense, a forma singular do nome tribal serve como um nome coletivo, e as famílias linguísticas levam o sufixo *-an*” (STEWARD, 1946, p. 7, tradução livre). Assim, por exemplo, uma pessoa se dissolve em um *Puelche* ou um “*caçador patagônico*” genéricos. Isso não significa, no entanto, que isso se resolva pela não adoção desses anglicanismos – como aquilo que eu faço quando, por exemplo, em vez de escrever “um estudo sobre

os Puelche" eu escrevo "um estudo sobre *os puelches*", adotando assim a forma gentílica mais característica da língua portuguesa. Trata-se, antes, de tentar conhecer melhor os processos relacionais e semânticos de produção de *sujeitos* e *objetos* e suas resultantes formas de dominação modernas.

***

O que foi apresentado é suficiente para mostrar como o *Handbook* pode ser considerado uma monumental obra da *antropologia interamericanista*. Isso porque havia algo mais nesse projeto do que o simples interesse em mapear as "tribos" sul-americanas. O *Handbook*, ele próprio um "híbrido", foi o desdobramento da produtividade de outros dois híbridos, ou seja, os conceitos de cultura e civilização em essa sua nova configuração panorâmica. Sua construção atuou no campo da antropologia produzindo sujeitos da civilização estadunidense e os objetos de sua ação, isso é, as culturas de "tribos" que, mais cedo ou mais tarde, deveriam sucumbir à inevitável modernização que tomaria todas as Américas.

Esse projeto modernizador, em desenvolvimento, portanto, no interior do campo antropológico, demandava um novo tipo de subjetividade. Não bastava mais o tipo de profissional que, ao longo das primeiras décadas do século XX, dirigiu seus esforços para a institucionalização da antropologia como campo dotado de um significativo grau de autonomia em relação aos anseios dos Estados nacionais, como o pretendeu Franz Boas e seus parceiros europeus. O(a) novo(a) antropólogo(a), para levar a cabo a sua missão civilizadora, devia agora estar apto(a) a dialogar com anseios governamentais em outros termos. Desse modo, os fluxos que perpassavam a produção antropológica interconectaram-se com outros canais, agenciando novos recursos e produzindo novas finalidades.

O significado dessa produção vai além, portanto, da história da construção do campo antropológico. Como vimos, a produção do *Handbook* se viabiliza em uma das diversas frentes de difusão do interamericanismo. Conhecer outros povos como “culturas” era condição indispensável para que a “civilização estadunidense” pudesse tomar as rédeas de um processo modernizador que redimiria o mundo, a partir das Américas, da barbárie do nazifascismo. Essas “culturas” são percebidas como fonte de recursos que, sob o controle do saber civilizado, garantiria um constante afluxo de novidade e originalidade para a nova vanguarda civilizatória. Ao mesmo tempo, seus saberes eram uma promessa de renovação do acesso a recursos estratégicos para a defesa da democracia do Novo Mundo contra o avanço da barbárie totalitária. Tratava-se de uma competição em que vencer a barbárie dependia de uma modernização cada vez mais acelerada, e a estratégia vislumbrada pelos agentes da modernização estadunidense foi ampliar o escopo de sua atuação para além das fronteiras de seu país: os Estados Unidos seriam o foco irradiador da modernização que se nutriria da diversidade e da criatividade das culturas ainda-não-modernas do mundo americano. Esses são os panoramas que atuaram na produção de sujeitos e objetos da modernidade interamericanista em meio à produção do *Handbook*.

No próximo capítulo veremos como essa produtividade se institucionalizou, na América do Sul, por meio da construção do *Institute of Social Anthropology*, também liderado por Steward. A partir disso poderemos perceber que a produção de modernidades alternativas não estava restrita aos anseios estadunidenses, e os projetos modernizadores especificamente brasileiros, conectados aos agenciamentos que vimos atuando no Norte provocaram uma série de conexões estratégicas e curtos-circuitos que precisam ser melhor compreendidos.

A CONSTRUÇÃO DO *INSTITUTE OF SOCIAL ANTHROPOLOGY* E A REESTRUTURAÇÃO DAS REDES AMERICANISTAS

As relações intelectuais estabelecidas por meio do *Institute of Social Anthropology* (ISA) são ainda mais conhecidas entre nós. Isso se dá tanto em função de seu papel na institucionalização das ciências sociais no Brasil, em sua parceria com a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), em São Paulo (MASSI, 1989; LIMONGI, 1989; SILVA, 2012), quanto pelo interesse despertado pelas relações de poder assimétricas por ele sedimentadas entre intelectuais estadunidenses e brasileiros (FAULHABER, 2011).[245]

O projeto para o ISA foi aprovado em 8 de setembro de 1943, no âmbito do *Interdepartmental Committee on Scientific and Cultural Cooperation in Latin American* (mencionado no início do capítulo anterior), com verbas do *U.S. Department of State* transferidas para a *Smithsonian Institution*. Julian Steward foi apontado o seu diretor e sua atuação nessa agência foi documentada e arquivada, também, nos *National Anthropological Archives* da *Smithsonian Institution*, na coleção intitulada *Records of the Institute of Social Anthropology, Smithsonian Institution, 1942-1952* (doravante citada apenas como "RISA, NAA, SI"). Aqui, como no caso do *Handbook of South American Indians*, o processo de produção de *sujeitos* e *objetos* da modernidade interamericanista é minuciosamente registrado, gerando funcionários exemplares, saberes, técnicas e procedimentos reprodutíveis cada vez mais eficientes em seu processo de burocratização.

No projeto do *Handbook*, os povos indígenas foram explorados como *objetos* do conhecimento no contexto da "política de boa

[245] Para uma visão mais abrangente a respeito dos objetivos do ISA, em especial no período pós-Segunda Guerra Mundial, cf. Figueiredo (2010).

vizinhança", da "cooperação interamericana" e do "pan-americanismo", como forma de aproximar as diferentes repúblicas das Américas e construir uma unidade contra a ameaça do nazismo. Os fundamentos do ISA eram muito semelhantes a isso. No entanto, segundo Faulhaber, no ISA "Steward podia colocar em prática suas concepções teóricas no sentido de deslocar a atenção antropológica das culturas indígenas tradicionais para o processo de transformação dos povos desenraizados de suas comunidades para serem transformados em 'proletariado' nacional" (FAULHABER, 2011, p. 19). Tratava-se, portanto, de maneira mais específica, de produzir saberes sobre como integrar as *culturas* latino-americanas à *civilização moderna* por meio da liderança da potência americana que emergia no Norte. Em vez de preservar modos de vida primitivos autênticos de sua degeneração por causa do contato com o mundo ocidental, agora o contato entre *culturas atrasadas* e *civilização moderna* era considerado inevitável. Restaria reconhecer os diferentes níveis e tipos de *aculturação*, de modo a dirigir, da melhor forma possível, o processo de modernização de comunidades defasadas do ponto de vista técnico e intelectual em relação à nova régua civilizadora produzida pelas ciências sociais interamericanistas.

Dentre as diversas possibilidades de investigação oferecidas pelos documentos do ISA, eu apresentarei apenas alguns aspectos de sua construção a partir da viagem realizada por Steward ao Brasil, em 1942, limitando-me a determinadas relações e controvérsias compreendidas no período que vai até o final da Segunda Guerra Mundial. A viagem de Steward ao Brasil tinha como objetivo tratar tanto do *Handbook* quanto das negociações para a implantação do ISA em diferentes países sul-americanos. O governo estadunidense enviaria dois ou três cientistas sociais, responsabilizando-se pelo seu pagamento, a fim de que eles ministrassem aulas e treinassem

pesquisadores de campo aptos a trabalharem com os temas estratégicos que interessavam ao ISA. As instituições hospedeiras deveriam ceder as instalações para os cursos e arcar com as despesas das viagens de campo. Era necessário, portanto, analisar *in locu* quais países tinham condições de sediar esse projeto.

O itinerário de Steward previa sua saída de Washington no dia 19 de fevereiro de 1942, com chegada marcada a Belém, PA, no dia 21, onde se encontraria com Curt Nimuendajú e Charles Wagley. Depois disso, no dia 25, partiria diretamente para Buenos Aires (Argentina), passando por Assunção (Paraguai), Jujuy, Tucumán e Mendoza (Argentina), Santiago do Chile, e novamente Buenos Aires, chegando, finalmente, no Rio de Janeiro no dia 22 de abril, onde planejava se encontrar com Heloisa Alberto Torres, Arthur Ramos e Edgard Roquette-Pinto.[246] A partir desse itinerário é possível destacar três momentos de entrecruzamentos que se tornam bastante significativos do ponto de vista da minha abordagem e que, portanto, desenvolverei a seguir.

Curt Nimuendajú: uma fonte valiosa de recursos etnográficos em disputa

O primeiro desses entrecruzamentos se dá em torno da figura de Curt Nimuendajú, que gostaria de retomar neste ponto. A emergência da Segunda Guerra Mundial afetou diretamente a prática antropológica de Nimuendajú, inclusive no que diz respeito à sua própria integridade física. A vida do etnógrafo teuto-brasileiro foi em grande medida moldada por um dispositivo antropológico que, nas primeiras décadas do século XX, ainda se amparava predominantemente na materialidade das coleções etnográficas direcionadas para os museus.

[246] "Itinerary and schedule of Julian H. Steward do South America". Series 1, "Administrative and Reference", HSAIR, NAA, SI.

Nimuendajú se destacou então por sua inserção única em uma rede transnacional de tráfico de artefatos etnográficos, e sua experiência foi atravessada tanto pelos anseios de agências e agentes museológicos e acadêmicos internacionais quanto pelas pessoas que habitavam as comunidades indígenas em meio às quais viveu durante as últimas décadas de sua vida.[247] Esse tipo de prática passou a enfrentar, no entanto, a desconfiança do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE), criado em 1933, sobretudo com a deflagração da Segunda Guerra Mundial (GRUPIONI, 1998).

Nimuendajú não foi enredado diretamente na institucionalização do ISA. No entanto, a sua centralidade no interior das redes de produção de conhecimentos antropológicos no Brasil fazia com que sua amizade fosse um trunfo a mais na aproximação de Steward em relação às instituições científicas brasileiras. As tensões em torno dos objetos que Nimuendajú produziu também são importantes por evidenciarem as controvérsias intelectuais e institucionais em meio à Segunda Guerra Mundial e ao projeto interamericanista estadunidense.

No período em que Nimuendajú foi visitado por Steward, em Belém, ele realizava pesquisas sobre os ticunas em parceria com Robert Lowie e com fundos do *Institute of Social Science* (ISS) da Universidade da California, Berkeley (FAULHABER, 2016). Nimuendajú estava produzindo ao mesmo tempo os seus artigos para o *Handbook*. Ele foi envolvido nesse projeto logo em seu início, certamente por influência de Lowie. Em carta enviada por Steward a John Mason em 29 de setembro de 1939, a fim de convidá-lo para que tomasse a frente da parte relativa à linguística no *Handbook*, o remetente enumera algumas pessoas que já estavam trabalhando

[247] Sobre a complexa relação de afetação mútua ocorrida em campo em função da coleta de artefatos e da produção de conhecimentos para instituições nacionais e estrangeiras, cf. Tambascia (2013).

no manual.[248] Nimuendajú figura ali como uma das "principais autoridades" no campo da etnografia sul-americana, ao lado de nomes como Wendell Bennett, da Universidade de Wisconsin, Robert Lowie, da Universidade da California, Berkeley, Samuel Kirkland Lothrop (1892-1965), do *Peabody Museum of Archaeology and Ethnology* de Harvard, William Duncan Strong, de Columbia, e Alfred Métraux. Isso evidencia que Nimuendajú, desde o princípio, foi tomado como um dos *"key authors*" ou "*key men*" do projeto, de acordo com a terminologia hierarquizante usada pelo próprio Steward em sua correspondência e retomada nas interpretações de Faulhaber (2012).

O respeito a Nimuendajú parece ter se firmado definitivamente em função de um mapa etnográfico inigualável que ele produziu para a América do Sul. Steward foi informado desse mapa por Lowie em carta do dia 16 de outubro de 1940, na qual também indagava sobre a possibilidade de algum adiantamento para que Nimuendajú pudesse continuar suas viagens de pesquisa.[249] Segundo Lowie, o mapa, que possuía 6 pés e 7 polegadas por 5 pés e 7 polegadas (aproximadamente 2m x 1,5m), incorporava tanto dados etnográficos quanto históricos, a tal ponto que era possível mostrar, por exemplo, as migrações dos caiapós com base em, pelo menos, seis autores diferentes. Lowie esperava que o *Bureau of American Ethnology*, dirigido por Steward, pudesse adquirir esse trabalho por um preço razoável. Em resposta do dia 21 de outubro, Steward se mostrou interessado, desde que o novo mapa fosse superior ao mapa que o próprio Nimuendajú já havia produzido em relação ao Brasil oriental.[250] Por sugestão de Lowie,[251] Steward contatou Nimuendajú diretamente

[248] "MASON, J. Alden, 1", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.
[249] "LOWIE, Robert". Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.
[250] "LOWIE, Robert". Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.
[251] Carta de Lowie para Steward, 20 de novembro de 1940, "LOWIE, Robert". Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.

em 10 de janeiro de 1941,[252] iniciando as negociações para a compra de uma cópia do novo mapa.

A comunicação com Nimuendajú se tornou bastante difícil a partir desse momento. Três cartas de Lowie, uma de 3 de outubro, outra de 4 de novembro e outra de 10 de dezembro de 1941[253] não foram recebidas, pois certamente ficaram retidas pelo fato de terem sido escritas em alemão no contexto da Segunda Guerra Mundial. Em carta do dia 10 de maio de 1942, Nimuendajú escreve o seguinte a Métraux:

> Esta carta eu escrevo ao Snr porque não sei si o Dr Robert H. Lowie lê bem o portuguez.
>
> O fim della é de pedir ao Snr informações sobre a possibilidade de continuar a correspondencia com as pessôas com que estou relacionado nos EE.UU. O Dr Lowie praticamente deixou de se communicar comigo. Do Snr nunca soube se recebeu ou não aquella carta minha com a traducção do texto Caxinauá. O proprio Snr Steward encontrou tanta difficuldade na remessa do mapa ethnográphico que me convenço de que nas actuaes circumstancias qualquer correspondencia, a não [ser] se tratando de assumptos puramente commerciaes, se torna practicamente impossivel. O Snr porém talvez veja mais claro nesse assumpto e podia indicar-me a forma como possamos manter a comunicação.
>
> Si esta carta ficar sem resposta tomarei-o como prova de que devo suspender qualquer correspondencia.[254]

Nimuendajú somente ficou sabendo das tentativas de comunicação de Lowie por ter recebido a visita de Steward em fevereiro de 1942.

---

[252] "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.
[253] "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.
[254] "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

Antes disso, no entanto, Lowie e Métraux já haviam tomado várias providências no intuito em viabilizar a continuidade dos trabalhos de Nimuendajú no Brasil. Henry Allen Moe, presidente da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* e também já à frente do *Committee of Inter-American Artistic and Intellectual Relations* (CIAAIR), ao qual voltarei no próximo capítulo, foi procurado por Lowie, Kroeber e Métraux na esperança de alguma bolsa para Nimuendajú, mas nenhuma das instituições comandadas por Moe estava autorizada a liberar verbas para brasileiros *no Brasil* – seria outro caso se fosse um(a) brasileiro(a) *nos EUA* ou um(a) estadunidense *no Brasil*.[255] Em outra carta, datada de 29 de novembro de 1941, Métraux noticia a Nimuendajú que estava intercedendo em seu favor junto a Joseph Henry Willits (1889-1979), diretor da *Division of Social Sciences* da Fundação Rockefeller.[256] Willits viabilizou então a concessão de 500 dólares a serem pagos a Nimuendajú para a continuidade de seus trabalhos (TAMBASCIA, 2013, p. 100). A respeito dos 300 dólares que a Smithsonian pagaria pelo pelo mapa de Nimuendajú, Métraux resolveu adiantar esse montante de seu próprio bolso e remetê-lo diretamente ao colega teuto-brasileiro, por meio da viagem de Steward, a fim de que ele não corresse o risco de ficar sem nenhum recurso no Brasil em função de entraves burocráticos (a famosa "*red tape*" estadunidense). Por fim, Lowie ainda conseguiu a aprovação, em 1942, de um projeto de trabalho de campo a ser realizado por Nimuendajú por meio da *American Council of Learned Societies* (ACLS).[257]

---

[255] Carta de Henry A. Moe para Carl Sauer, 6 de novembro de 1941, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

[256] "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

[257] Carta de Métraux para Nimuendajú, 29 de maio de 1942, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

Todo esse cuidado de Lowie e Métraux certamente se prendiam à empatia por um colega de profissão que passava por dificuldades na selva amazônica. No entanto, talvez só isso não baste para explicar as diversas cartas, conversas e pedidos em seu favor. Nimuendajú era também um vínculo valioso para a construção das próprias carreiras científicas de Lowie e Métraux. O primeiro fez largo uso do conhecimento acumulado por Nimuendajú para a realização de seus trabalhos de etnografia comparada, permitindo que fosse o primeiro aluno de Boas a propor algum tipo de sistematização antropológica de caráter generalizante (FAULHABER, 2016). Métraux, por sua vez, pôde ter acesso a uma série de informações privilegiadas que alimentaram sua conhecida erudição sobre as tribos sul-americanas, a exemplo de um texto de Capistrano de Abreu que Nimuendajú traduziu a seu pedido.[258]

Luís Grupioni mostra que, até 1939, a atividade de pesquisa e coleta de materiais entre os grupos indígenas do território brasileiro era franqueada a Nimuendajú em função de uma certa instrumentalização do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE) por Heloisa Alberto Torres em prol dos objetivos científicos do Museu Nacional. No entanto, com a saída dela do órgão, o etnógrafo teuto-brasileiro passou a enfrentar a oposição do conselho dirigido agora por Flexa Ribeiro (GRUPIONI, 1998, pp. 204-205). O potencial científico representado por Nimuendajú se tornara então um recurso mais escasso. As preocupações governamentais com a segurança nacional a partir do Estado Novo e, sobretudo, com a Segunda Guerra Mundial, impuseram um CFE para o qual a defesa do patrimônio nacional era mais importante que a cooperação científica internacional – para Torres, por seu turno, a defesa do patrimônio

[258] Carta de Métraux para Nimuendajú, 24 de janeiro de 1942, “NIMUENDAJU, Curt”, Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

nacional só era possível, pelo contrário, por meio de uma cooperação científica internacional, como veremos no Capítulo 11 deste livro. Isso tornou mais complicada a canalização da rica produção científica de Nimuendajú por meio dos espaços costumeiros.

Steward escreveu uma carta em 15 de janeiro de 1942 avisando Nimuendajú que estaria em Belém entre os dias 21 e 24 de fevereiro.[259] Essa parada tinha sido planejada com objetivo de encontrar Nimuendajú, discutir com ele os problemas do *Handbook of South American Indians* e a apresentar-lhe vários manuscritos para que ele os revisasse – Métraux havia preparado junto com Steward uma lista de assuntos a serem tratados. Ao final da sua carta, Steward ainda expressa admiração por Nimuendajú: "seu nome tem sido identificado com a etnologia do Brasil por tantos anos que eu julgo um raro privilégio encontrá-lo finalmente".[260] O mapa produzido por Nimuendajú já estava pronto, mas encontrava problemas para ser despachado para os EUA em função do elevado valor do frete (pois pesava 4Kg!). Isso vinha causando preocupações em Lowie, pois Nimuedaju precisava dos 500 dólares que seriam pagos pelo mapa para continuar seu trabalho.[261]

Antes de partir para o Brasil, Steward havia decidido que o *Handbook* contaria com a contribuição de aproximadamente quarenta intelectuais latino-americanos. Além disso, planejava também construir uma instituição análoga à *American Anthropological Association*, cujo nome seria, sugestivamente, *Inter-American Society of Anthropology*

---

[259] "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

[260] Carta de Métraux para Nimuendajú, 24 de janeiro de 1942, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI, tradução livre. É nesta carta que Métraux solicita a Nimuendajú a tradução, para o alemão ou para o português corrente, do livro *Ra-txa hu-ni-ku-i*, escrito por Capistrano de Abreu em 1914.

[261] Carta de Lowie para Steward, 23 de janeiro de 1942, "LOWIE, Robert", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.

and Geography. Em abril de 1943 essa associação já contava com aproximadamente 500 contribuintes, sendo cerca de 300 deles(as) estadunidenses e de 200 deles(as) latino-americanos(as),[262] e contaria com um periódico próprio, a *Acta Americana*, cujo intuito era publicar as pesquisas relacionadas a estudos que tenho chamado de "interamericanistas". Claramente Steward passou a perceber o potencial representado pelo papel de organizador das trocas intelectuais transnacionais interamericanas, e por isso passou a investir num contato mais direto com os *sujeitos* e *instituições* sul-americanos, aproveitando a "boa vontade" financeira do governo estadunidense.

Em carta que data provavelmente do dia 1º de março,[263] Nimuendajú informa a Métraux que Steward o encontrou em Belém, recebeu o mapa e lhe entregou os 500 dólares adiantados pelo remetente, que lhe teriam sido providenciais:

> Não sei como agradecer-lhe, pois a sua intervenção salvou a situação: Os 500 dol. da Rockefeller, em tempos calculaveis, ainda não estarão á minha disposição, e a deficiencia da somma que pude tomar emprestado aqui do Museu e de amigos particulares teria feito a viagem quasi inutil. Muito obrigado, pois, por mais esta prova de amizade da sua parte.

Steward, que gostou muito do mapa, segundo o próprio Nimuendajú, encontrou dificuldades para remetê-lo para os EUA. Como o cônsul estadunidense no Pará não colaborou com o assunto, o material teve que ficar depositado no Museu Paraense Emílio

[262] Carta de Steward para Lowie, 13 de abril de 1943, "LOWIE, Robert", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.

[263] Ela está grafada como "1º de fevereiro de 1942", o que não faz sentido pelo fato de que Nimuendajú narra fatos ocorridos entre 24 e 27 de fevereiro. "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

Goeldi para que, no retorno de Steward, ele se desviasse de seus planos iniciais e retornasse a Belém apenas para apanhá-lo. Nesta mesma carta Nimuendajú dá mostras das dificuldades que começava a enfrentar na realização de suas pesquisas de campo, e, embora Grupioni já tenha transcrito este mesmo documento a partir de outro arquivo (GRUPIONI, 1998, p. 218), é interessante retomá-lo aqui pelo seu teor esclarecedor acerca dos conflitos relacionados à produção de conhecimento etnográfico do período:

> Estou agóra occupadissimo com os preparos para a viagem que, creio eu, começarei no dia 10 de fevereiro. Entretanto continuo a receber as hostilidades do "Conselho de Fiscalização das Expedições Cientificas e Artisticas" , ao qual nem sequer não estou mais sujeito, visto como faço a presente viagem formalmente encarregado pelos Museus Nacional e Paraense, emquanto ao Conselho só cabe a fiscalização das expedições particulares. Querem porem a todo custo fazer constar que a minha actuação seja illegal, suspeita e indesejavel, sendo o estribilho sempre este que eu dei um enorme prejuizo ao Brazil pelos meus trabalhos para o Götemborgs Museum. A verdadeira causa desta odiosidade está porem (além da xenophobia innata) nos elogios que o Snr e outros teceram aos meus trabalhos. Receio que, mesmo sem razão e direito nenhum, por meio de insinuações, consigam criar-me difficuldades por intermedio da policia do Estado de Amazonas, difficuldades passageiras, por certo, porque os directores do Museu Nacional e Paraense, já incompatibilizados com o Conselho por minha causa, me defenderão custa o que custar. O geito é de enfrentar com calma e firmeza essas amabilidades, mas creio que o Snr tem razão em não querer vir ao Brazil; eu mesmo estou tão farto daquillo que o Snr na sua ultima carta qualificou como "diplomatic game that one has to play with all and sundry".

Métraux explica para Lowie que precisou adiantar o dinheiro para Nimuendajú por causa da "estupidez do pessoal da *Rockefeller*" ("*stupidity of the Rockefeller people*").[264] Mais do que isso, ele indica que, por causa da ingenuidade das instituições estadunidenses em relação aos sul-americanos, a Fundação Rockefeller havia sido como que ludibriada por Heloisa Alberto Torres, que assim logrou reforçar sua posição de intermediária entre os assuntos intelectuais bilaterais Brasil-EUA. Para fins práticos, nesse momento era importante que o dinheiro da Rockefeller tivesse sido enviado diretamente para o Museu Paraense, pois Nimuendajú estava passando, como vimos, por dificuldades financeiras. Essa disputa pueril na verdade representa um embate mais amplo pelo domínio do fluxo de recursos nesse novo contexto de uma antropologia interamericanista. O imbróglio foi finalmente resolvido depois da intervenção de Métraux, e o dinheiro foi transferido para o Museu Paraense. Nimuendajú, contudo, temia os resultados dessa manobra:

> O dinheiro veio de facto para o Museu Paraense. Agóra receio porém que isto me traga a inimizade de D. Heloisa Torres, o que eu muito sentiria, pois em todo o povo brazileiro civilizado só tenho, creio eu, 2 amigos: Dr Carlos Estevão de Oliveira e D. Heloisa. Aqui sou – e já o fui antes de chegar – alvo das mais infames e absurdas mentiras e calumnias. Já tentaram tambem a instigar os indios para que me matassem, mas estes são invariavelmente firmes e sinceros na sua amizade, e tenho toda a tribu ao meu lado.[265]

Steward não voltou a Belém como havia planejado. Seus problemas estomacais e o atraso causado por outras mudanças de

---

[264] Carta de Métraux para Lowie, 12 de fevereiro de 1942, "LOWIE, Robert", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI.

[265] Carta de Nimuendajú para Métraux, 15 de julho de 1942, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

itinerário o impediram de fazê-lo (Steward visitou ainda outras cidades argentinas, titubeou em relação à sua parceria com Max Schmidt, liderança etnológica do Paraguai da qual já tratei anteriormente, por ter descoberto suas filiações nazistas e, por fim, decidiu passar também pela capital paulista[266]). Sobre o período em que esteve em Belém, Steward afirma ter apreciado a visita a Nimuendajú, mas todo o tempo havia sido tomado pelo problema do envio do mapa. Ao menos Steward conseguiu aproveitar e solicitar a produção um artigo para o *Handbook* a Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946), diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, reforçando assim ainda mais os seus laços diretos com as instituições antropológicas brasileiras. Em junho de 1942 o mapa ainda não havia chegado aos EUA, e Steward sugeriu a Parker T. Hart, autoridade consular dos EUA no Pará, que anexasse ao pacote alguma nota dirigida ao censor, explicando tratar-se do projeto do *Handbook*: "depois da minha experiência ao retornar da América do Sul mês passado, quando eles tomaram por uma mensagem cifrada a carta do meu filho de cinco anos, eles poderiam facilmente ver este mapa como algo extremamente subversivo!"[267] Apenas no dia 28 de julho Steward acusou finalmente o recebimento do mapa.[268]

Todavia, os problemas para Nimuendajú não haviam acabado. Ele escreve o seguinte para Steward, em carta do dia 26 de outubro de 1942:

---

[266] Steward trocou diversas correspondências a este respeito com sua secretária Ethelwyn Carter enquanto estava viajando – "STEWARD, Julian H. (1942-45)", Series 4, Correspondence, Box 11, RISA, NAA, SI.

[267] Carta de Steward para Parker T. Hart, 30 de junho de 1942, "H", Correspondence, Box 6, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

[268] Carta de Steward para Parker T. Hart, 28 de julho de 1942, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

> Não consegui chegar com os meus trabalhos entre os Tukuna a um fim sactisfatorio, mas tenho de da-las por concluidas, visto como a odiosidade da população civilizada, tomado por pretexto o estado de guerra, me impede a continuar, além de que me faltam os meios monetarios para isto. Durante toda a minha estada entre os indios fui hostilizado e calumniado pela maneira mais infame e absurda. Fui denunciado ás autoridades militares e civis, e finalmente conseguiram a minha prisão. Chegando porém em Manaus fui solto immediatamente e sem mais formalidades. Comtudo a minha situação é extremamente triste, pois si nos Estados Unidos eu sou julgado pelos meus trabalhos, aqui no Brazil a unica coisa que importa é que sou estrangeiro, nada me valendo a minha naturalização.[269]

Grupioni também trata do episódio da prisão de Nimuendajú. Se tudo isso continua um tanto obscuro, sem dúvida o seu encarceramento está relacionado com o clima que se instalou no país após o torpedeamento de navios mercantes brasileiros e a declaração de guerra aos países do Eixo em agosto de 1942. Depois disso, Nimuendajú teve que deixar os ticunas, dedicando-se à redação da monografia sobre esse povo, a ser entregue a Lowie, e aos artigos do *Handbook*.

Em outra carta para Steward, escrita em 12 de fevereiro de 1943, Nimuendajú volta a se queixar de sua situação:

> O meu trabalho sobre os Tukuna para o Dr Lowie soffreu um grande retardamento. Para dizer a verdade: O conhecimento do facto que a nação com que vivo e trabalho ha 40 annos, julgando-me incorporado, me trata a priori como inimigo mortal, accumulando-me de infamias, calumnias e insinuações, barrando-me todos os meios de subsistencia, privando-me de toda iniciativa, pondo um fim definitivo á minha actividade, deixou-me numa situação moral que tornou impossivel a concentração sobre outro assumpto

[269] "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

> sem ser a descoberta de um meio para me sahir desta situação insustentavel e vergonhosa de uma vida perdida. Durante mais de dois mezes depois da minha volta, por mais que me esforçasse, não consegui escrever um unico capitulo. Depois, devagar, o trabalho foi progredindo, e hoje está prompto á lapis, faltando passa-lo á maquina e fornece-lo de photos e desenhos, o que tudo espero poder acabar até fins de Março. O texto vae dar umas 120-130 paginas dactylographadas.[270]

A tudo isso somava-se uma precária situação financeira. Lowie o informou, por exemplo, de que as instituições estadunidenses não estavam mais patrocinando projetos não relacionados ao esforço de guerra (GRUPIONI, 1998, 227). Mesmo assim Nimuendajú, na mesma carta, tenta sensibilizar Steward:

> Á execução destes trabalhos opõe-se infelizmente um obstaculo sério, proveniente da minha situação, como esbocei-a no começo desta carta. Os meus meios de vida que sempre foram escassos, só aguentarão até fins de Abril, quando estarei reduzido áquele estado de miseria que segundo a opinião publica me compete na minha qualidade de estrangeiro naturalizado. E este espaço não é suficiente para tudo.

A saída que Steward conseguiu imaginar foi enviar Nimuendajú para uma estadia no México, até que o clima de perseguição arrefecesse no Brasil. Antes de sondar essa possibilidade com o próprio Nimuendajú,[271] Steward escreveu o seguinte para Métraux:

> Cartas de Nimuendajú indicam novos problemas, e eu suponho que ele perdeu o pequeno trabalho que costumava ter. Eu não consegui entender a natureza exata do problema dele, mas falei com Borbolla sobre a possibilidade de o México convidá-lo para

[270] Idem.

[271] Carta de Steward para Nimuendajú, 6 de abril de 1943, “NIMUENDAJU, Curt”, Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

> ir para lá. Eu presumo que eles gostariam de saber mais sobre as condições dele, mas isso é algo que você deve sondar. O homem é bom demais para ser procurado como uma vítima de perseguição.[272]

Mas Nimuendajú recusou a proposta: "Seria-me inteiramente impossivel, na minha actual situação critica, acceitar um convite para uma vizita ao Mexico, e faria um favor si o snr podesse evitar que elle seja feito".[273] Nimuendajú é bastante vago ao indicar o motivo de sua recusa, não dizendo nada além de que passava por uma "situação crítica". Mas além da enorme carga de trabalho relacionada ao *Handbook*, não é difícil imaginar que possivelmente Nimuendajú não tivesse nem mesmo trajes adequados para transitar em meio às autoridades antropológicas das principais cidades mexicanas. Steward então desistiu da ideia,[274] comentando logo depois o assunto com Métraux: "Nimuendajú é um camarada difícil de ser ajudado. Em resposta à minha solicitação por alguma explicação sobre as suas dificuldades e contando-lhe da possibilidade de um convite para o México, ele responde meramente que eu lhe faria um favor evitando o convite! Eu simplesmente não posso decifrar o que está acontecendo".[275] De todo modo, as coisas pareciam ter se acertado, por ora, de maneira satisfatória: Nimuendajú estava novamente "sob as asas de D. Heloisa".[276]

---

[272] Carta de Steward para Métraux, 9 de abril de 1943, "MÉTRAUX, Alfred, 2", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI, tradução livre. O nome "Borbolla" se refere ao antropólogo mexicano Daniel Rubín de la Borbolla (1903-1990).

[273] Carta de Nimuendajú para Steward, 17 de abril de 1943, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

[274] Carta de Steward para Nimuendajú, 10 de maio de 1943, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

[275] Carta de Steward para Métraux, 11 de maio de 1943, "MÉTRAUX, Alfred, 2", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

[276] Em 6 de junho de 1944, John Mason escreveu a Steward preocupado com a situação de Nimuendajú. De acordo com o que soube por meio da arqueóloga estadunidense Helen

Não obstante a admiração diversas vezes demonstrada por Steward em relação a Nimuendajú, os laços entre os dois começam a se deteriorar por causa das diferentes concepções de cada um a respeito da produção de conhecimento antropológico. Steward estava preocupado pelo fato de Nimuendajú ter mandado quinze artigos tratando separadamente de "tribos" como se elas não tivessem nada em comum.[277] A ideia de Steward era priorizar as generalizações, enquanto que em Nimuendajú prevalecia uma perspectiva historicista. Além disso havia uma preocupação pragmática da parte de Steward: não havia dinheiro suficiente para tratar em profundidade de cada tribo *per se*. Isso gerou uma manifestação de Nimuendajú que poderia muito bem ser considerada um manifesto *avant la lettre* do combate contra o produtivismo acadêmico:

> Estes 28 artigos deviam ser escriptos em 15.000 palavras. Como o Snr, eu tive de reunir primeiro todo o material existente sem restricções. Agora, depois de ter escripto os artigos a lapis, vejo que elles contem talvez umas 45.000 palavras! O trabalho preliminar que eu tive de executar foi portanto tres vezes maior que o trabalho contractado. – o Snr acha que a taxa pela qual a redacção do Handbook paga os artigos contractados recompensa semelhante esforço que é necessário, como o Snr mesmo verificou em favor da QUALIDADE do artigo, quando a redacção apenas paga a QUANTIDADE! Francamente, eu acho desastroso essa tendencia de reduzir assim trabalhos

C. Palmatary e da bióloga Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976), o paradeiro de Nimuendajú era desconhecido e ele vinha sendo acusado de produzir mapas para a Alemanha. Em resposta, Steward respondeu o seguinte a Mason, em carta datada de 12 de junho de 1944: "Nimuendajú teve problemas um ano atrás, mas a última palavra que eu tive foi que *Doña* Heloisa o tomou algo debaixo de suas asas no Rio. Ele agora está de volta em Belém e a sua grande dificuldade são os seus olhos que lhe falham. Se há algo mais que isso é difícil de descobrir e ainda mais difícil de fazer alguma coisa a respeito" – "MASON, J. Alden, 2", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

[277] Carta de Steward a Métraux, 11 de maio de 1943, "MÉTRAUX, Alfred, 2", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

> scientificos, analyticos á mesma bitola para depois ser convertido em dinheiro. O prejuizo porém não pára nisto: Com os recursos exgottados, reduzido a uma situação extremamente precaria, eu teria de recomeçar agora o trabalho, redigir tudo de novo e reduzir os artigos aos limites prescriptos. Não posso mais: Passarei o material á máquina e assim o remetterei.[278]

Nimuendajú de fato encaminhou as 45 mil palavras.[279] Steward, por seu turno, realizou as edições que considerou necessárias para dotar o seu material do caráter generalizante almejado para o *Handbook*.[280] Caberia a Lowie lidar com o problema: "Como é uma revisão algo drástica da apresentação dele e como você é o seu padrinho intelectual, eu acho que o caso poderia ser suavizado consideravelmente se você soltasse uma carta para ele explicando como essa [nova] apresentação se conforma melhor ao estilo geral do *Handbook*".[281] Duas coisas chamam a atenção nesta fala: o fato de que Steward não só alterou os escritos de Nimuendajú, como essa mudança foi também drástica, indicando que, não obstante o reconhecido conhecimento de Nimuendajú sobre os grupos indígenas sul-americanos, a "apresentação" de seu material não se encaixava nos padrões de cientificidade dos quais o próprio Steward se considerava agora um guardião; além disso, ao brincar dizendo que Lowie seria o "padrinho intelectual" de Nimuendajú, Steward não consegue esconder uma infantilização paternalística em relação aos/

[278] Carta de Nimuendajú para Métraux, 27 de abril de 1943, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.
[279] Carta de Nimuendajú para Steward, 5 de maio de 1943, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.
[280] Carta de Steward para Nimuedajú, 31 de julho de 1943, "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.
[281] Carta de Steward para Lowie, 24 de julho de 1943, "LOWIE, Robert", Correspondence, Box 7, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

às intelectuais que viviam ao sul do Rio Grande. Afinal, do seu ponto de vista, tratava-se de civilizar a todos(as) eles(as).

Nimuendajú aceitou o novo formato, mas protestou contra as reclassificações e a deficiência das traduções.[282] O seu mapa também foi reproduzido de maneira tal que desconsiderava a riqueza histórica das representações cartográficas propostas por Nimuendajú. A sua versão final acabou indicando apenas o momento do contato das "tribos" indígenas com o "homem civilizado", num trabalho que contou com a ajuda de John Mason.

Postos em circulação transnacional, os *híbridos* etnográficos produzidos por Nimuendajú acabaram servindo aos *sujeitos* mais bem posicionados na rede interamericana de americanistas. Tratava-se de escolher as conexões corretas e de interromper ou desviar fluxos de recursos específicos. Nimuendajú surge como uma fonte riquíssima desses recursos, os híbridos etnográficos – sejam eles artefatos, inscrições ou textos – em meio a uma disputa por sua movimentação. *Poder, nesta rede, significa, portanto, não necessariamente produção*

[282] Em carta do dia 1º de setembro de 1944, Nimuendajú oferece algumas poucas correções, mas solicita que seu nome como coautor em parceria com Métraux fosse retirado dos artigos *The Mashacali linguistic family* e *The Camacan subgroup*: "isso não só porque foi elle que fez a compilação, mas tambem porque eu não posso subscrever a classificação feita por esse meu amigo. Como Loukotka, eu estou convencido de que os Patašó são linguisticamente isolados; que os Malalí não pertencem ao Grupo Camacan e que as outras 4 tribus deste formam uma familia linguistica independente, e não um subgrupo da família Gê. – Portanto, basta citar o meu nome nos paragraphos baseados nos meus relatórios". Em carta do dia 17 de outubro, além de discordar da forma pela qual o seu mapa foi reproduzido ("Será possivel que eu não colloquei no Mapa nenhuma explicação disto?"), ainda reclama muito das traduções: "Uma grande parte della distingue-se das anteriores que recebi para revisão pelo numero consideravel de erros grosseiros. Peior ainda que estes são as 'liberdades' que o traductor se permittiu vertento [sic] os termos portuguezes para o inglez. […] Reconheço que os artigos não podem ser publicados com essas deficiencias todas. Infelizmente falta-me porém durante os tres mezes restantes do anno o tempo para fazer uma conferencia tão minuciosa como no caso seria necessario. Estou sobrecarregado de trabalhos para o Museu Nacional que devem ser entregues até o fim do anno". Várias outras cartas ainda se sucedem com correções aos seus artigos e aos mapas" – "NIMUENDAJU, Curt", Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI.

e acúmulo, mas capacidade de mobilização estratégica. Do contrário, Steward, Torres e Carlos Estevão é que estariam servindo a Nimuendajú, e não o contrário.

Nimuendajú faleceu depois de ter retornado para junto dos ticunas. Segundo Inocencio Machado Coelho (1909-2001), diretor do Departamento de Educação e Cultura do Museu Paraense, que comunicou a morte do etnógrafo a Steward, ele foi vítima de uma doença hepática. Foi, igualmente, vítima do *mal de arquivo* que também afetava aos etnógrafos modernos: era preciso registrar nos arquivos da *civilização*, a todo custo, as *culturas* que ela própria destruía.

O Museu Nacional da Quinta da Boa Vista: uma instituição em disputa pelos recursos etnográficos

Na mesma data em que enviou uma carta avisando Nimuendajú de sua passagem por Belém (15 de janeiro de 1942), Steward também escreveu para Charles Wagley e para os(as) pesquisadores(as) brasileiros(as) que desejava encontrar no Brasil: Heloisa Alberto Torres, Edgard Roquette-Pinto, Maria Júlia Pourchet, José Bastos de Ávila (1888-1971) e Aníbal de Mattos (1886-1969). Não havia escrito ainda para Herbert Baldus e Jules Henry Blumensohn pois achava que não poderia encontrá-los, mas gostaria de incluí-los também no *Handbook*. A Wagley, Steward apresentou seu itinerário e expressou o seu desejo de tê-lo junto de si em Belém e no Rio, como um intermediador ou intérprete de suas conversações com os brasileiros, uma vez que não falava português e seu espanhol era “em grande parte improvisado e muito pouco inteligível”. O principal motivo de sua viagem era entrar em contato com as pessoas mencionadas acima e que estavam sendo convidadas para contribuir com o *Handbook*:

“A ideia é pedir artigos curtos, os quais, em grande parte, terão que ser retrabalhados em artigos regionais mais amplos”.[283] Além disso, Steward desejava fundar as bases para a futura *Inter-American Society for Latin American Anthropology and Geography*:

> A ideia é uma sociedade para cobrir o amplo campo das ciências sociais, embora limitado agora em sua organização às duas disciplinas, porque eu temo que economia, ciência política etc. iriam torná-la muito reformista. A necessidade, especialmente em face do trabalho total no campo latino-americano de agora, é um bom, estável e estrito instrumental científico. Ela teria um periódico. E, acima de tudo, ela seria verdadeiramente interamericana, com gente da América Latina incluída durante a sua própria fundação.[284]

Quanto aos demais, Steward apenas fez um convite para a escrita de um pequeno artigo sobre suas respectivas áreas de especialidade e informava que deveria encontrá-los em sua viagem à América do Sul.[285]

Até onde pude averiguar, Wagley aparece pela primeira vez nas articulações do *Handbook* após uma conversa com Steward em Nova York, provavelmente por indicação de Métraux, quando ele aceita escrever sobre os tapirapés e os canoeiros.[286] Nessa ocasião, Wagley comunicou a Steward o interesse brasileiro em relação a algum tipo

---

[283] “WAGLEY, Charles (1941-52)”, Series 4, Correspondence, Box 11, RISA, NAA, SI, tradução livre.

[284] Idem, tradução livre.

[285] “BASTOS DE ÁVILA, José”, Box 5; “MATTOS, Anibal”, Box 7; “POURCHET, Maria Julia”, Box 8; “ROQUETTE-PINTO, Edgard”, Box 8 – todos estes da série Correspondence, HSAIR, NAA, SI; em relação à Heloisa Alberto Torres: “Brazil, General, 1942-51”, Series 5, Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.

[286] Carta de Steward para Métraux, 18 de outubro de 1940, “MÉTRAUX, Alfred, 1”, Correspondence, Box 8, HSAIR, NAA, SI. Métraux certamente já conhecia o trabalho de Wagley sobre os tapirapés, pois o acompanhou em sua primeira viagem ao Brasil em 1939 (GRUPIONI, 1998, p. 92).

de colaboração antropológica, sem dúvida se referindo aos projetos do Museu Nacional. Em carta do 22 de outubro de 1940, Steward escreve o seguinte a John Gillin:

> Wagley, recém-chegado do Brasil, disse que pessoas de lá gostariam de contar com antropólogos estadunidenses que passassem alguns anos lá, treinassem estudantes locais e conduzissem pesquisas de campo. **Isso soa como algo vantajoso – algo que pode ser desenvolvido sistematicamente por outros países**. Alguns podem não gostar da ideia, especialmente na Argentina, mas mesmo no Peru provavelmente eles adorariam um trabalho etnográfico. Vou descobrir o que eu posso fazer em um futuro próximo.[287]

O trecho transcrito acima evidencia aspectos muito importantes sobre as origens do projeto do ISA. Wagley acabava de realizar uma pesquisa no Brasil em colaboração com o Museu Nacional e com os recursos do *Council for Research in the Social Sciences* da Universidade Columbia. Ele havia levado em sua expedição mais três estudantes de antropologia do Museu Nacional: Rubens Meanda, Nelson Teixeira e Eduardo Enéas Gustavo Galvão (1921-1976), que depois seria o primeiro antropólogo brasileiro a obter o grau de doutor, sob orientação do próprio Wagley na Universidade Columbia.[288] Heloisa Alberto Torres ficou tão satisfeita com os resultados obtidos por Wagley nessa sua primeira viagem ao Brasil, tanto do ponto de vista etnográfico quanto educacional, que desejou obter novos fundos para continuar essas atividades (como mostrarei no próximo capítulo, ela conseguiu esses recursos em 1941 por meio do *Committe of Inter-American Artistic and Intellectual Relations*, comandado por Henry

[287] "GILLIN, John", Correspondence, Box 6, HSAIR, NAA, SI, tradução livre, negritos meus.
[288] A respeito destas pesquisas de Wagley no Brasil, cf. Grupioni (1998) e Corrêa e Melo (2008).

A. Moe). Não há dúvidas, portanto, de que era esse o projeto dos brasileiros ao qual se referiu Wagley na conversa com Steward. Fica claro também, sobretudo a partir da leitura do trecho que destaquei no excerto da carta que Steward encaminhou a Gillin, que foi essa ideia que deu início – ou, ao menos, conferiu concretude – ao projeto que seria desenvolvido na *Smithsonian Institution* por meio do ISA, no Brasil e em outros países da América Latina.

Desse modo, embora Steward só tenha submetido o projeto do ISA em 1943, ele já o tinha em mente em sua viagem para a América do Sul em 1942, e um dos objetivos não declarados da sua "*South American trip*" foi justamente sondar a viabilidade da instalação de polos do instituto neste continente. Não por acaso, portanto, Steward buscou aproximar-se justamente de Wagley, quem primeiro o alertara para a possibilidade de uma parceria com uma instituição de renome do Brasil para algo semelhante àquilo que se tornaria o ISA.

É possível mesmo afirmar que esse foi certamente, ao lado da ampla disponibilidade de recursos financeiros a partir de 1941, o principal motivo para a mudança de atitude de Steward em relação aos intelectuais latino-americanos, em especial no que diz respeito aos brasileiros. Se antes eles nem ao menos colaborariam com o *Handbook*, a partir de então eles seriam convidados ou para escrever pequenos artigos ou, ao menos, a opinar sobre o conteúdo de textos escritos por pesquisadores estadunidenses. Steward aproveitou então o retorno de Wagley ao Brasil naquele ano para estreitar os laços com os intelectuais brasileiros:

> É meu desejo que cada artigo terminado seja enviado a antropólogos locais do país ao qual se relaciona com a solicitação de que eles os confiram, façam sugestões etc. Em alguns casos isso servirá para expor materiais bons e novos. Em outros, isso será meramente um gesto formal de polidez. Em todo caso, nós

> devemos afirmar no artigo publicado no *Handbook* que ele foi lido e criticado ou apreciado pelo distinto fulano de tal, que teve a bondade de etc… Assim, nós poderemos incluir sul-americanos mesmo quando, por várias razões, não seja recomendável pedir que eles contribuam.[289]

Steward ainda afirma que faria de Wagley o "representante oficial do *Handbook*" para esses fins. O interesse de Steward no Brasil, além de científico, torna-se, portanto, cada vez mais de cunho diplomático.

Logo que voltou da América do Sul, Steward começou a articular a implementação do ISA. No dia 9 de julho de 1942, escreveu a Lowie bastante empolgado com os resultados relacionados a um projeto cooperativo para pesquisa etnográfica no continente sul-americano:

> Eu recebi diversas solicitações para pesquisas etnográficas cooperativas que se cristalizaram agora num projeto de $122,000, que foi submetido ao *State Department*. Este solicita institutos etnológicos no Paraguai, Bolívia, Chile, Peru e Colômbia, com estadunidenses colaborando com e ensinando a gente local sobre conceitos de ciências sociais e técnicas de campo.[290]

No dia seguinte, Steward também escreveu para Wagley (a quem agora chama de "*Chuck*"), dizendo que, seguindo a discussão geral que tinham tido a respeito de um plano sistemático de pesquisa em ciências sociais, ele já tinha condições de "movimentar um programa que requer uma pequena unidade na *Smithsonian Institution* para coordenar o trabalho e informação e para institutos etnológicos – nós os estamos chamando de etnogeográficos – cooperativos no Paraguai,

---

[289] Carta de Steward para Wagley, 21 de julho de 1941, "WAGLEY, Charles", Correspondence, Box 9, HSAIR, NAA, SI, tradução livre.

[290] "LOWIE, Robert H. (1942-49)", Series 4, Correspondence, Box 8, RISA, NAA, SI, tradução livre.

Bolívia, Chile, Peru e Colômbia".[291] Steward não havia tentado nada no Brasil em parte porque não sabia em qual ou quais instituições se apoiar neste país, de modo que esperava alguma sugestão de Wagley a este respeito.

Não encontrei nos *National Anthropological Archives* (NAA) da *Smithsonian Institution* uma resposta de Wagley a essa carta, que lhe foi enviada quando ele já estava de volta ao Brasil. No entanto, no dia 26 de setembro de 1942, Steward remeteu correspondências a respeito do futuro ISA a Joseph Piazza, adido cultural da embaixada estadunidense no Rio de Janeiro, a Donald Pierson, a Melville Herskovits[292] e a Wagley. Na carta direcionada a Piazza, a quem agradece pela hospitalidade no Rio, Steward apresenta os planos para o ISA, esclarecendo que o projeto passaria pelo *Joint Committee on Latin America of the Learned Societies and Councils*, com a ajuda do *Smithsonian's International Exchanges*, e que havia sido submetido ao *US Department of State* para que os fundos necessários fossem solicitados ao Congresso.[293] Enquanto as autoridades da Bolívia, do México e do Peru já haviam requisitado a instalação dos institutos de cooperação antropológica em seus respectivos países, o assunto ainda estava pendente em relação ao Brasil. Steward então indaga com qual instituição seria melhor estabelecer esta ação de cooperação, tomando como opções o Museu Nacional, a Universidade do Brasil e a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP). Havia até mesmo, nesse momento, a possibilidade de colaborar com as três de uma só vez. De acordo com Steward, o Museu Nacional tinha a vantagem da bem-sucedida experiência de Wagley, ao passo que a Universidade

[291] "WAGLEY, Charles (1941-52)", Series 4, Correspondence, Box 11, RISA, NAA, SI, tradução livre.

[292] Também não encontrei nos NAA a carta que Steward dirigiu a Herskovits com este fim, mas é feita referência a este documento na correspondência enviada a Piazza.

[293] "Brazil, General, 1942-51", Series 5, Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.

do Brasil, por intermédio de Arthur Ramos, seria a conexão óbvia para os "*Negro studies*". Não encontrei, no entanto, registro de resposta a esta carta nos arquivos da NAA.

Na carta enviada a Pierson, Steward começa afirmando que havia ficado impressionado com o sucesso em relação à reunião de pessoas que *realmente* faziam etnologia na ELSP.[294] Após apresentar as mesmas explicações contidas na carta a Piazza, Steward afirmou que o ponto de partida óbvio era o Museu Nacional, mas que não entraria em contato com Heloisa Alberto Torres antes de ouvi-lo a respeito.

Em resposta (1º de dezembro de 1942), Pierson elogia a iniciativa e informa que ele mesmo estava entrando em contato com William Berrien (1902-1966), da Fundação Rockefeller (a respeito de quem tratarei no próximo capítulo), a fim de desenvolver um programa semelhante. Em seguida, afirma que no Brasil havia muito pouca gente preparada em pesquisa social para treinar estudantes assistentes de forma adequada, e cita um caso que envolvia o próprio Wagley: "Wagley recentemente reclamou para mim, por exemplo, da falta de estudantes competentes e genuinamente interessados no Museu Nacional e do treino básico extremamente inadequado daqueles que ele conseguiu".[295] Além de assim desqualificar o trabalho do Museu Nacional, Pierson ainda afirmava que Wagley desejava que alguns desses estudantes fossem para a ELSP, que, segundo ele, seria "a única instituição educacional no Brasil dedicada especificamente a ensinar e pesquisar nas ciências sociais".[296] Pierson concordava que o Rio de Janeiro era o lugar óbvio para se conduzir esse tipo de empreendimento, mas dizia que precisava ser franco ao indicar, de

[294] "PIERSON, Donald (1942-45)", Series 4, Correspondence, RISA, NAA, SI.
[295] Idem, tradução livre.
[296] Idem, tradução livre.

maneira confidencial, algumas hesitações a respeito da Universidade do Brasil: em primeiro lugar, o *milieu* não era "cordial" a influências que não viessem ou da França ou da Itália, com exceção de Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980) e de Antônio Carneiro Leão (1887-1966); em segundo lugar, o treino em ciências sociais seria inadequado, a tal ponto que os estudantes estavam se reunindo para ler textos mimeografados da ELSP; por fim, Arthur Ramos não seria um homem adequado para este tipo de organização, pois não possuía relações cordiais com intelectuais como Gilberto Freyre e Francisco José de Oliveira Viana (1883-1951), não produzia nada de significativo desde 1935 e tinha um interesse muito restrito no estudo do *Brazilian Negro*.[297] A respeito do Museu Nacional, embora possuísse apenas informações de segunda mão – e esperava que Wagley confirmasse suas impressões –, Pierson não foi menos venenoso: Heloisa Alberto Torres não teria uma boa reputação em São Paulo e acrescentava, também confidencialmente, que Robert Park, quando conheceu Edgard Roquette-Pinto em 1937, havia o considerado um "cavalheiro polido", mas não verdadeiramente um pesquisador, impressão partilhada pelo próprio Pierson. São Paulo, pelo contrário, seria um solo fértil para os projetos de Steward, que poderia contar com todo o apoio de Cyro Berlinck, diretor da ELSP, e de Jorge Americano (1891-1969), reitor da USP.

Wagley, todavia, não confirmou a opinião de Pierson a respeito do Museu Nacional em sua resposta a Steward do dia 5 de outubro.[298] Ele também não acreditava que a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil tivesse condições de sustentar o programa pretendido por

[297] É importante nos lembrarmos, aqui, das disputas que envolviam, de um lado, Arthur Ramos e Melville Herskovits e, de outro, Donald Pierson e Ruth Landes, conforme indicadas no Capítulo 5 deste livro.

[298] "Brazil, General, 1942-51", Series 5. Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.

Steward: ali eram oferecidos poucos cursos na área de antropologia ou geografia humana, o currículo, de maneira geral, era acanhado ("*they have a hidebound curriculum*") e não havia espaço para o desenvolvimento de atividades de pesquisa. Com relação à ELSP, na qual Wagley havia ministrado algumas palestras, ele achava que só seria possível trabalhar com dois nomes: Pierson, que segundo ele já estava cooperando com o governo, e Herbert Baldus, com quem, naquele momento, uma parceria poderia apresentar algumas desvantagens (certamente Wagley se referia ao fato de ele ser alemão num momento em que os EUA estavam em guerra contra os países do Eixo). Para Wagley, contrariando assim os desejos de Pierson, o lugar óbvio para o ISA era o Museu Nacional:

> O Museu tem muitas vantagens sobre os outros dois lugares. Heloisa oferece e proporciona ao cientista trabalhando com ela total cooperação e bastante liberdade de ação para trabalhar conforme suas visões se encaixem nos anseios dela de fazer do Museu o centro de pesquisa e um instituto educacional suplementar. Eu sinto, com certeza, que se você pedir que ela faça isso, ela enviará para você os requisitos para um instituto deste tipo imediatamente.
>
> […] O Museu sob a direção dela definitivamente tem melhores relações que qualquer outro instituto no Brasil com as agências governamentais. O seu instituto, trabalhando com o Museu, mais tarde seria capaz de se ligar com o Serviço de Proteção aos Índios, ao Departamento de Economia Rural, com a Faculdade de Filosofia etc. É possível que o alistamento militar obrigatório para a guerra roube do Museu seus jovens etnólogos, mas Heloisa seria capaz de segurá-los se ela tiver um projeto definitivo a caminho.[299]

[299] Idem, tradução livre.

Steward acatou a sugestão de Wagley e, no dia 10 de novembro de 1942, enviou uma carta convidando Torres para a criação de um polo do ISA no Museu Nacional, deixando em suspenso a comunicação estabelecida com Pierson.[300] Seu texto começa lamentando o fim do projeto de colaboração realizado com Wagley, que o teria deixado "muito impressionado", de modo que o seu objetivo era tentar dar continuidade àquela experiência. Após explicar como a cooperação seria realizada, Steward ainda tocou no problema específico da possível perda de pessoal em função do alistamento militar obrigatório, e sua solução seria começar as ações numa escala menor, tentando "reforçar as pesquisas conectadas com os assuntos mais urgentes que estão relacionados de algum modo com o esforço de guerra, tais como o problema da borracha e outras atividades no vale amazônico".[301] Steward tinha esperança de que a parceria pudesse começar já em 1943, e apenas esperava uma resposta informal de Torres para iniciar a viabilização do projeto.

Torres, no entanto, ignorou a missiva de Steward. Este último cobrou-lhe cuidadosamente, em carta do dia 18 de fevereiro de 1943, tanto uma resposta em relação ao ISA quanto o envio dos artigos sobre as culturas marajoaras e sobre um resumo da arqueologia brasileira para o *Handbook*. A resposta de Torres a essa segunda carta veio no dia 24 de fevereiro: ela teria adorado a ideia e estaria se esforçando para tentar juntar um número suficiente de estudantes para o projeto, mas não estaria obtendo sucesso nisso, e a colaboração só lhe interessaria, escreve ela de forma bastante aberta, caso um curso de instrução regular pudesse ser estabelecido. Torres ainda salientou que estavam analisando a possibilidade de organizar uma "Fundação

[300] "Brazil, General, 1942-51", Series 5. Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.
[301] Idem, tradução livre.

muito interessante, que pode se tornar um centro de trabalho muito eficiente" e pede um prazo de até mais sessenta dias para responder.[302]

Mas, depois disso, Torres mais uma vez permaneceu silente, obrigando Steward a lhe cobrar novamente uma resposta em 14 de janeiro de 1944.[303] Steward ainda contava com o envio dos artigos que seriam produzidos por Torres, e, a essa altura, o instituto de colaboração interamericana sediado na *Smithsonian* já havia sido criado com o nome definitivo de *Institute of Social Anthropology*.

Uma carta de David H. Stevens, da Fundação Rockefeller, com cópia para Steward, datada de 16 de fevereiro de 1944, não deixa dúvidas, no entanto, de que Torres estava na verdade tentando ganhar tempo, pois durante todo esse período ela buscava um novo patrocínio do *Committe of Inter-American Artistic and Intellectual Relations* (CIAAIR), presidido por Henry Moe, para o seu plano de treinamento de jovens antropólogos no Museu Nacional por profissionais estadunidenses. Havia a possibilidade de que fosse enviado ao Brasil, por meio de um caminho institucional que não contemplava a participação de Steward, o antropólogo Carl Loraine Withers (1900-1970).[304] No entanto, a essa altura o CIAAIR já havia encerrado as suas atividades, e Stevens, que conversara com William Berrien a este respeito, acabou aparentemente se atrapalhando e jogando Torres novamente no programa de cooperação da *Smithsonian*, a cargo de Steward, que ela parecia tentar evitar.

Steward então respondeu a Stevens (25 de fevereiro de 1944)[305] a fim de resolver o mal entendido. Segundo esclarece, o ISA era autônomo em relação ao *Ethnogeographic Board* da *Smithsonian*,

---

[302] Ambas as cartas se encontram na pasta "Brazil, General, 1942-51", Series 5. Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.
[303] Idem.
[304] Idem.
[305] Idem.

agora dirigido por Duncan Strong, também da Universidade Columbia, e nessa condição já estava negociando com Torres a possibilidade da instalação de um polo do instituto no Museu Nacional, algo que vinha sendo dificultado em função da guerra. Além disso, Steward havia procurado Berrien, por telefone, no intuito de tentar resolver esse problema, mas nada sabia dessas negociações paralelas envolvendo o nome de Withers: "eu não encontrei o Sr. Carl Withers nem ouvi nada da parte dele ainda, embora ele tenha escrito para o Dr. Strong a respeito do emprego brasileiro, na crença equivocada de que o *Ethnogeographic Board* tivesse alguma conexão com isso".[306] Esses desencontros atestam que a rede de instituições forjada nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de fortalecer o entendimento interamericano podia as vezes se tornar um intrincado e confuso aparato burocrático, criando inclusive interesses conflitantes no seu interior.

Logo em seguida (1º de março de 1944), Steward escreveu novamente para Torres, com cópia para Stevens, tentando mostrar que o tipo de ação proposta pelo ISA contemplaria os interesses do Museu Nacional para a formação de profissionais qualificados no Brasil: "Isto dará tempo para ensinar realmente um pessoal a treinar os estudantes no trabalho acadêmico e na condução de pesquisas de campo de longo alcance, o que promoverá tanto o treino de estudantes em pesquisa de campo quanto a obtenção de resultados científicos substanciais".[307] Steward também menciona "Chuck" Wagley, com quem contava para convencer Torres.

Torres não podia mais ignorar a situação, e a sua resposta definitiva finalmente veio numa longa carta do dia 19 de abril de 1944, na qual foram explicitados os motivos que tornavam impossível a

[306] Idem, tradução livre.
[307] Idem, tradução livre.

instalação de um polo do ISA no Museu Nacional.[308] O primeiro motivo era a reorganização pela qual o Museu Nacional estava passando naquele momento: Torres estaria "lutando contra certas dificuldades que só a coragem de uma mulher era apta a superar", deixando claro que não queria dizer que a coragem masculina fosse inferior, mas sim diferente. Além disso, naquele momento, o Museu Nacional, que passava por reformas, não estava em condições de acomodar cientistas estrangeiros:

> O que eu preciso neste exato momento, como eu expliquei para o Dr. Stevens, é de um(a) antropólogo(a). A chegada de um quadro inteiro de cientistas à minha aldeia (*village*) num tal momento causaria a mesma confusão que a instalação de um grande grupo de cientistas numa tribo indígena não acostumada a lidar com estranhos. O balanço funcional do meu grupo sofreria ao ponto de acarretar distúrbios que prejudicariam o processo de suas atividades gerais. O Museu Nacional não é um museu exclusivamente antropológico, e se eu falhar em conduzir o plano da organização no qual eu trabalhei em todas as suas seções eu estarei ferindo ao invés de trazer benefícios para esta instituição de cento e vinte anos, que gozou de um tradicional prestígio em tempos passados. Eu tenho isso sempre em mente – eu não posso esquecer que a falha de tal plano seria explorada por aqueles que não acreditam no interesse em desenvolver o trabalho científico e refletiria na atenção a ele garantida, além de resultar na depreciação do nosso museu e de minha habilidade feminina.[309]

Além de entraves burocráticos, Torres não gostaria de receber um professor estadunidense experiente no Museu Nacional, principalmente pelo seguinte motivo:

---

[308] "Brazil, General, 1942-51", Series 5. Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.
[309] Idem, tradução livre.

> Há também outro lado deste problema, que minha experiência com professores(as) e técnicos(as) estrangeiros(as), em geral, me ensinou. É uma questão de maneiras (natureza, caráter e o que quer que seja) dos(as) professores(as) estrangeiros(as). Alguns(mas) deles(as) não se adaptam de maneira nenhuma aos modos brasileiros. Isso, é claro, provoca certas reações desfavoráveis que tendem a prejudicar o aproveitamento dos(as) estudantes em algum grau, e, consequentemente, a situação da pessoa dirigindo esse trabalho se torna extremamente dolorosa, uma vez que a falta não recai em um dos lados e, por isso, não há nada que se possa fazer para corrigir o outro lado. Eu prometi a mim mesma nunca mais solicitar os serviços de qualquer técnico(a) que eu não conheça pessoalmente ou por intermédio de informação de uma pessoa confiável que esteja perfeitamente ciente das condições brasileiras.[310]

Ainda segundo ela, todas essas exigências eram impossíveis de serem previamente acordadas no tipo de contrato prévio demando por Steward, pois a própria Torres não teria como saber de antemão quais profissionais estadunidenses seriam enviados ao Museu Nacional.

A diretora do Museu Nacional ainda enviou mais duas cartas na mesma data. Uma delas tinha como objetivo informar que não tinha tido tempo de redigir os artigos por causa do programa de reorganização do Museu. A outra solicitou que os artigos originais de Nimuendajú para o *Handbook*, que haviam sofrido diversos cortes, pudessem ser fornecidos para a sua tradução para o português e utilização em atividades de formação.

Em resposta datada de 21 de junho de 1944, Steward lamentava que os artigos de Torres não pudessem ser incluídos no *Handbook*, informando-a que o assunto ficaria a cargo da antropóloga Betty Jane Meggers (1921-2012), bem como de que as regras relacionadas à

[310] Idem, tradução livre.

produção da publicação impediam que os artigos fossem fornecidos a terceiros antes de sua publicação nos Estados Unidos.[311] A resposta de Torres quanto a esta última negativa foi bastante interessante: ela se lembrou de que os artigos produzidos por Wagley e Eduardo Galvão também não poderiam ser publicados nos Estados Unidos, e por isso estava enviando uma autorização no intuito de evitar qualquer problema – ela poderia, portanto, ter se vingado de Steward, mas preferiu não fazê-lo.[312]

Priscila Faulhaber (2011) já notou, acertadamente, que seria simplista interpretar a recusa de Torres apenas como uma disputa nativista, uma vez que a diretora do Museu Nacional foi uma grande defensora da colaboração científica internacional.

Outro aspecto para o qual eu gostaria de chamar a atenção é a menção à sua condição de gênero. É importante destacar que, naquele momento, Torres começava a sofrer uma forte oposição interna no Museu Nacional, e em diversas ocasiões a sua feminilidade foi atacada de maneira preconceituosa por seus detratores (CORRÊA, 2003, pp. 149-150). É perfeitamente plausível, portanto, interpretar a negativa de Torres em relação aos projetos de Steward como um cuidado tomado num momento em que, mais do que nunca, a sua posição de *diretora* vinha sendo colocada à prova.

Isto mostra também os limites impostos à antropologia interamericanista, que só fazia sentido ou poderia existir a partir do momento em que relações intelectuais bilaterais fossem estabelecidas com sucesso. Depois de fazer uma escolha racional que o levou a optar pelo Museu Nacional, Steward se deparou com conflitos locais que interferiram no sucesso de seus planos. As redes e os fluxos de

---

[311] Idem.

[312] Carta de Torres para Steward, 25 de setembro de 1944, “Brazil, General, 1942-51”, Series 5. Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.

recursos transnacionais podiam ser facilmente bloqueadas a partir do momento em que essas conexões parecessem desfavoráveis para os projetos de um dos sujeitos envolvidos. É certo que, no caso de Torres, a grandiosa quantidade de contatos que ela logrou construir ao longo de sua carreira lhe garantia uma maior variedade de opções, assegurando assim que a sua instituição continuasse a ser um local privilegiado de estabelecimento de conexões e de fluxo de recursos. Como a rede relacional que Torres tinha a seu dispor estava assentada em grande medida no poder do Estado, era natural que parte de suas opções de interação fossem bloqueadas com as crescentes dificuldades que Estado Novo passou a enfrentar em seus últimos anos de existência. Todavia, a relativa centralidade que conseguiu construir no interior de uma rede transnacional de americanistas não pode ser desconsiderada quando pensamos que, não obstante a queda da ditadura varguista, Torres ainda permaneceu por mais dez anos à frente do Museu Nacional, demonstrando assim certa autonomia em meio às turbulências da política nacional, não obstante conduzisse uma instituição estatal.

A Escola Livre de Sociologia e Política: uma instituição interamericanista no Brasil

Steward se viu obrigado, portanto, a buscar uma alternativa no Brasil para o estabelecimento do ISA. Sua segunda opção foi a ELSP. Depois do fracasso das negociações com Torres, era necessário garantir agora a parceria com Donald Pierson. Veremos, no entanto, que Pierson soube tirar proveito dessa situação, buscando obter o máximo de vantagens em troca da materialização dos projetos de Steward.

Não encontrei nas correspondências relacionadas à viagem de Steward ao Brasil nenhuma menção aos motivos que o fizeram incluir a cidade de São Paulo em seu itinerário,[313] pois no documento de 8 de janeiro de 1942, encaminhando a lista de lugares que visitaria na América do Sul à autoridade do *Department of State*, não se fazia nenhuma referência à capital paulista.[314] Depois disso, no entanto, na carta mencionada acima para Wagley (15 de janeiro de 1942) na qual noticiou sua viagem, Steward lembrou que deveria escrever a Herbert Baldus para saber o que ele ainda não havia publicado e que poderia ser incluído no *Handbook*. Steward de fato escreveu a Baldus, no dia 11 de fevereiro de 1942, convidando-o a contribuir com um artigo para o *Handbook* e informando que esperava visitar São Paulo no final de abril, quando poderiam discutir o assunto.[315] Em carta do dia 12 de abril de 1942, Wagley, que havia acabado de voltar de São Paulo e se encontrava novamente no Rio de Janeiro, já sabia que Steward passaria pelas terras paulistanas e estava bastante empolgado com isso: "Baldus está esperando por notícias suas. Você precisa conhecer a turma da Escola Livre de Sociologia. Donald Pierson, de Chicago, é o cabeça da Sociologia por lá, e, não menos que isso, [Alfred Reginald] Radcliffe-Brown está dando aulas lá este ano".[316]

A impressão de Steward em relação a esse núcleo paulistano foi muito positiva: "Em São Paulo, eu fiquei impressionado em encontrar a única unidade de ciência social de toda a América do Sul – um grupo de pessoas treinadas durante os últimos cinco anos por

[313] Menções a esta visita são feitas apenas nas cartas dos dias 11 e 14 de abril, encaminhadas por Steward a Ethewlyn Carter ("STEWARD, Julian H. (1942-45)", Series 4, Correspondence, Box 11, RISA, NAA, SI).

[314] Series 1, Administrative and Reference File, Box 4, HSAIR, NAA, SI.

[315] "BALDUS, Herbert", Correspondence, Box 5, HSAIR, NAA, SI.

[316] "WAGLEY, Charles (1941-52)", Series 4, Correspondence, Box 11, RISA, NAA, SI, tradução livre.

Donald Pierson, de Chicago".[317] Mas, como mostrei na seção anterior, Steward acabou sendo convencido, num primeiro momento, a investir prioritariamente no Museu Nacional.

Depois da resposta de Pierson a respeito de suas indagações sobre qual instituição brasileira se encaixaria melhor nos planos do ISA (1º de dezembro de 1942), Steward não voltou mais a tocar no assunto com esse interlocutor enquanto não terminou o seu processo de negociação com Torres. Em carta de 30 de agosto de 1944 enviada a Steward, no entanto, Pierson resolveu sondar como andava o projeto do ISA.[318] Pierson havia conversado com William Berrien, que estava a par das negociações com Torres e certamente lhe indicou a possibilidade que se abria com a sua desistência.

Steward alega que estava envergonhado em responder à carta de Pierson apenas no dia 1º de novembro de 1944, pois seus compromissos com o ISA o tinham levado a adiar seu retorno, embora desde o seu recebimento desejasse ter feito isso.[319] No entanto, é fácil descobrir que Steward mentia a este respeito, pois em carta anterior, enviada a William Berrien no dia 6 de outubro de 1944, ou seja, depois de recebida a carta enviada por Pierson, ele ainda depositava no destinatário a confiança de que este último pudesse convencer Torres a aceitar o projeto do ISA.[320] Mas agora, ao mesmo tempo, e tendo em vista certamente a carta de Pierson do dia 30 de agosto, Steward tomava providências para saber qual seria a sua posição ou disponibilidade para encampar, alternativamente, o projeto do ISA na

---

[317] Carta de Steward para Lowie, 9 de julho de 1942, "LOWIE, Robert H. (1942-49)", Series 4, Correspondence, Box 7, RISA, NAA, SI. Nesta mesma correspondência menciona a ocasião em que havia encontrado pessoalmente Radcliff-Brown, tecendo considerações irônicas a respeito da "antropologia colonial" britânica.

[318] "PIERSON, Donald (1942-45)", Series 4, Correspondence, Box 9, RISA, NAA, SI.

[319] Idem.

[320] "Brazil, General, 1942-51", Series 5, Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.

ELSP. Obviamente Steward não queria passar a impressão de que a ELSP era apenas a sua segunda opção, e menos ainda que, mesmo depois da negativa definitiva de Torres (e depois da carta de Pierson), tivesse insistido, por meio de terceiros, para que ela aceitasse a parceria.

Berrien enviou duas cartas no dia 9 de outubro de 1944, com cópia para Steward. A primeira era endereçada a Torres, e entre menções a Gilberto Freyre, que era um amigo comum, aos momentos que ambos passaram no Rio na companhia dela e às saudades com que se referiam à Torres e à sua mãe, Berrien explicou novamente todo o projeto do ISA na esperança de que a diretora do Museu Nacional pudesse voltar atrás. Não encontrei registro nos NAA, no entanto, de resposta a essa carta. A segunda missiva, remetida a Pierson, começava demonstrando solicitude ao se dispor a conversar com Lewis Hanke (1905-1993), diretor da *Hispanic Foundation* da *Library of Congress*, a fim de publicar um texto do sociólogo estadunidense no *Handbook of Latin American Studies*, mencionando ainda a possibilidade de que a sua seção fosse publicada em Yale, por intermédio de Wendell Bennett. Depois dessa demonstração de camaradagem, outra carta, endereçada a Pierson, com um texto análogo ao que foi enviado a Torres a respeito do ISA, incluía a possibilidade de mantê-lo por mais um ou dois anos no Brasil, como desejava.[321] Berrien atirava sem remorso para os dois lados a fim de ajudar Steward em seus planos. Veremos, no próximo capítulo, que Berrien dedicou a parte mais importante de sua atuação no período da Segunda Guerra Mundial a esse tipo de aliciamento intelectual.

Foi apenas depois de passado quase um mês sem a resposta de Torres à carta de Berrien que Steward resolveu, portanto, escrever

[321] Ambas as cartas também estão na pasta "Brazil, General, 1942-51", Series 5, Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.

diretamente a Pierson, convidando-o para estabelecerem o polo do ISA na ELSP. Para o possível desespero de Steward, Pierson, no entanto, recusou inicialmente o seu pedido em sua resposta do dia 2 de dezembro de 1944.[322] Segundo ele, não havia ainda na ELSP um número suficiente de pessoas treinadas em ensino e pesquisa, estudantes preparados de maneira competente, tempo suficiente e, por fim, dinheiro. É possível imaginar que Pierson tenha percebido a ligeira desvantagem em que Steward se encontrava naquele momento, pois este havia sido rejeitado pelo Museu Nacional e, depois dos conselhos que recebeu, não cogitava mais a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, de modo que a ESLP era o seu último trunfo. Pierson então resolveu blefar a respeito de suas cartas a fim de aumentar a oferta de seu interlocutor.

O lance foi arriscado, mas Steward certamente não queria ter que abrir mão do Brasil e, por isso, mordeu a isca, insistindo na oferta. Em carta do dia 21 de dezembro, ele esclareceu que o pesquisador enviado dos Estados Unidos seria pago com recursos da *Smithsonian* e que não era necessário empreender trabalho de campo enquanto não houvesse pessoal qualificado para tanto.[323] Mas Pierson voltou a escrever para Steward em 16 de janeiro de 1945, demonstrando ainda alguma desconfiança.[324] Steward, por sua vez, tenta convencê-lo com base numa afirmação que não se sustenta caso cotejada com o que aqui já demonstrei a respeito das primeiras aparições da ideia sobre o ISA:

> Como eu provavelmente te disse antes, a ideia do *Institute of Social Anthropology* foi sugerida pelos seus maravilhosos resultados em São Paulo. […] Eu não posso pensar noutra

[322] "PIERSON, Donald (1942-45)", Series 4, Correspondence, Box 9, RISA, NAA, SI.
[323] Idem.
[324] Idem.

> pessoa mais adequada para conduzir nosso trabalho no Brasil do que você mesmo, pois, seu eu captei corretamente os seus objetivos e realizações, você tem feito precisamente o que nós gostaríamos de fazer.[325]

Steward também sabia blefar. Como pude mostrar, ele já havia pensado no projeto do ISA antes de viajar ao Brasil, e, portanto, antes de conhecer o trabalho da ELSP, a partir das conversas que teve com Wagley em 1941 a respeito dos planos de cooperação do Museu Nacional. Além disso, está claro que a pessoa ideal para conduzir o ISA, em função de sua centralidade no ambiente intelectual brasileiro, seria, de acordo com o que pudemos constatar, Heloisa Alberto Torres, e não Pierson. Mas tratava-se de apelar para a vaidade desse último e, assim, garantir um núcleo de produção de recursos etnográficos e sociológicos cujos fluxos, a partir do Brasil, estivessem sob o controle do próprio Steward.

Contudo, algo mais contribuiu, certamente, para que Pierson pudesse ser seduzido: o salário e as vantagens que receberia por meio da *Smithsonian*. O cargo intitulado "P-5" lhe garantiria uma soma maior do que aquela que ele recebia no Brasil por um acordo entre a ELSP e o *US Department of State*. Além disso, embora todas essas ações de cooperação interamericana estivessem ligadas ao esforço de guerra, era muito provável que os trabalhos do ISA se prolongassem por, pelo menos, cinco anos (eles duraram, na verdade, até 1952). Steward aproveitou para sugerir que, primeiro, na declaração de interesse da ELSP fosse dada preferência ao estudo de problemas contemporâneos; segundo, que a colaboração se iniciasse, preferencialmente, antes do início do fim do ano fiscal (julho); e, por fim, ainda acenava com outro incentivo: Pierson poderia visitar os EUA, por dois ou três meses, para fazer novos contatos,

[325] Carta de Steward para Pierson, 9 de fevereiro de 1945, idem, tradução livre.

rever o país e participar de algumas palestras, isso depois de mais de cinco anos de trabalho ininterrupto no Brasil. Pierson conseguiu, portanto, subir o valor das apostas e, por fim, Steward teve que pagar um bom preço para poder ver as suas cartas.

Feitos os últimos acertos entre os dois, Cyro Berlinck encaminhou o convite formal para a cooperação entre a ELSP e o ISA, conforme solicitado por Steward, no dia 2 de abril de 1945. Steward então submeteu o "projeto de proposta de cooperação no campo da antropologia social" a Raymund Lull Zwemer (1902-1981), diretor executivo do *Interdepartmental Committee on Cultural and Scientific Cooperation,* no dia 18 de abril e, no dia 28, já comunicava a sua aprovação tanto a Berlinck quanto a Pierson.[326]

Em novembro do mesmo ano, Pierson finalmente se encontrava nos Estados Unidos, e Steward, que na mesma época estava no Peru, discutia com ele por cartas os nomes passíveis de serem contratados pela *Smithsonian* a fim de trabalharem no ISA em São Paulo. Um dos nomes cogitados era Carl Withers, já mencionado neste capítulo. No entanto, a sombra de Torres se colocou no caminho desta escolha: uma vez que Withers havia recusado uma proposta de trabalho do Museu Nacional, convidá-lo para trabalhar no ISA, ainda que ele estivesse interessado em abandonar suas aulas no Brooklyn para realizar trabalhos de campo no Brasil, seria correr o risco de perder a amizade da antropóloga, algo que, como vimos no Capítulo Epigráfico desta tese, parecia ser algo que normalmente atemorizava as pessoas.[327] A resposta de Pierson a Steward é ainda mais esclarecedora, com todo o seu sabor behaviorista, sobre o temor dos estadunidenses em relação a Torres:

---

[326] "Brazil, General, 1942-51", Series 5, Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI.

[327] Carta de Steward para Pierson, 14 de novembro de 1945, "PIERSON, Donald (1942-45)", Series 4, Correspondence, Box 9, RISA, NAA, SI.

> Tudo o que eu tenho visto ou ouvido de Carl Withers o tem recomendado favoravelmente, e não haveria objeção à sua indicação até onde seu interesse está relacionado às comunidades contemporâneas. Mas eu devo dizer francamente que, no meu julgamento, a situação com D.H. [Dona Heloisa] definitivamente descarta a sua indicação no presente. Esta afirmação bastante segura é baseada em vários anos de intimidade com os indivíduos aqui. A resposta por parte de D.H., que você antecipou em termos da nossa própria cultura, poderia ser intensificada por um condicionamento cultural que aqui conduz o indivíduo a presumir, em tais casos, motivos que não aqueles afirmados, usualmente ulteriores, e que, também, quase sem exceção, leva os indivíduos a agirem considerando que um homem é culpado até que se prove o contrário, ao invés da consideração reversa à qual nós estamos acostumados, que tende a conceder ao outro homem "o benefício da dúvida". Além disso, D.H. está estrategicamente posicionada, especialmente como um membro do Conselho do Serviço de Proteção aos Índios e poderia, se ela quisesse, sob atual legislação brasileira, cuidar para que a permissão para visitar tribos indígenas fosse retida indefinidamente ou mesmo recusada. De fato, considerando as circunstâncias aqui, eu posso pensar em poucos desenvolvimentos que pudessem ser mais prejudiciais ao nosso programa que a indicação de Withers no presente. Provavelmente, o assunto poderia ser arranjado com cuidado em mais ou menos um ano, mas não agora.[328]

Ao menos no que diz respeito à posição estratégica de Torres, Pierson demonstrou um poder quase divinatório. Em carta enviada em 11 de junho de 1948 para George McClelland Foster (1913-2006), que substituiu Steward na direção do ISA a partir de 1946, Kalevo Oberg (1901-1973), contratado para atuar na ELSP junto a Pierson também em 1946, reclamava das dificuldades em realizar pesquisas

[328] Carta de Pierson para Steward, 3 de dezembro de 1945, idem, tradução livre.

na região do rio Xingu.[329] Para ele as causas de suas dificuldades estavam claras:

> Juntando todas as peças, o problema todo pode ser reduzido à oposição de Dona Eloisa [sic] Torres, que tem um homem trabalhando no Xingu e quer mantê-la uma reserva privada. Na presença do adido cultural, Jardim e eu mesmo, ela começou a discussão assim: 'Para ser perfeitamente franca, eu não gosto do instituto da *Smithsonian*'. Jardim então acrescentou que em assuntos de pesquisa Eloisa era a presidente da Fundação. Então, no que se refere ao Xingu a Dona é a chefe. Eu soube que ela teve uma discussão com Julian [Steward] alguns anos atrás que a deixou com um complexo em relação à *Smithsonian Institution*. […] Um antigo estudante da Escola Livre, que agora trabalha para o Serviço de Proteção aos Índios, nos contou que o Museu Nacional não apenas fez objeção à nossa entrada no Xingu para a Fundação, mas mandou um homem para protestar para o Serviço de Proteção aos Índios, que felizmente não foi adiante com o plano.[330]

Steward não soubera preservar a valiosa amizade de Torres e então, depois de sua saída, o ISA pagava o preço de seu erro. Algumas redes relacionais e fluxos de recursos etnográficos estavam decididamente bloqueados para estes estadunidenses. Oberg, por fim, conseguiu entrar na reserva do Xingú, mas continuou narrando problemas com Torres, que dificultava a participação de outros membros do grupo de pesquisa e exigia a presença de um representante seu no interior da expedição.[331] Essa era a impressão de Foster em relação a Torres: "Com relação à Dona Eloisa, ela sempre foi um tanto antagônica a Julian [Steward], e parece ser uma

[329] "OBERG, Kalevo (1946-1949)", Series 4, Correspondence, Box 9, RISA, NAA, SI.
[330] Idem, tradução livre.
[331] Carta de Oberg para Foster, 6 de setembro de 1948, "OBERG, Kalevo (1946-1949)", idem.

daquelas pessoas que estende o seu antagonismo para todos que tenham contato com ele. Isso parece ser primariamente uma questão de medo profissional e reconhecimento da superioridade por parte da antropologia estadunidense".[332] De todo modo, em de 23 de abril de 1949, Oberg comunica Gordon Randolph Willey (1913-2002), que então substituía Foster na direção geral do ISA, sua decisão em pesquisar em outro lugar, entre os parecis e nambiquaras, diante do "monopólio" do Museu Nacional no Xingú.[333]

Antes de finalizar este capítulo, gostaria de destacar um aspecto que considero significativo a respeito de uma possível maior proximidade estabelecida entre os antropólogos de Washington e São Paulo, em especial no que diz respeito à ELSP. Cristina Peixto-Mehrtens mostra que, no início do século XX, uma intrincada rede transnacional de profissionais se estabelece entre o Brasil e os Estados Unidos, algo que, dentre outros fatores, moldou um *ethos* moderno de "classe média" por meio de diversas práticas que se entrecruzam na cidade de São Paulo (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010). Uma das trajetórias que Mehrtens analisa mais de perto é a do antropólogo Samuel H. Lowrie, trazido dos Estados Unidos pela elite paulistana para a fundação da ELSP. Neste caso, não se tratava, porém, apenas da construção de um novo modelo educacional: o que a elite paulistana envolvida neste projeto buscava nos intelectuais estadunidenses era um verdadeiro *modelo civilizacional* por meio do qual pudesse se distinguir das oligarquias tradicionais. Tratava-se de construir uma identidade distintiva, marcada mais pela meritocracia e menos pelo clientelismo, ainda que, na prática, as duas coisas continuassem coexistindo. É justamente nisso que pareceu residir

[332] Carta de Foster para Oberg, 21 de junho de 1948, "OBERG, Kalevo (1946-1949)", idem, tradução livre.
[333] Idem.

a atração sentida por William Berrien em relação aos paulistas, em detrimento de outros profissionais latino-americanos, e por isso é interessante lermos as suas impressões sobre as diferenças entre o Rio de Janeiro e São Paulo:

> Minha estadia em São Paulo foi uma das mais prazerosas e satisfatórias que eu tive aqui [na América do Sul]. Eu não sei se foi por ter saído de Buenos Aires, que eu francamente não gosto, ou se foi porque **eu geralmente admiro os paulistas, que são eficientes sem serem arrogantes**, ou o que quer que seja; mas eu ficarei feliz em voltar a São Paulo a qualquer tempo. O Rio é quase tão bom quanto qualquer um pode imaginar, se não fosse pelo calor, que me põe para baixo e parece contar em parte para uma tendência da parte de todo mundo de "deixar para lá" facilmente; **das duas cidades, São Paulo é facilmente aquela para se ter as coisas feitas.**[334]

Não deve ser negligenciado, portanto, o papel aglutinador de um conjunto de valores que passam a ser apropriados pela classe média e pelos intelectuais paulistanos em seus anseios de intervir nos rumos da nação. Esses valores são aqueles do mundo *civilizado*, agora cada vez mais identificado com a praticidade, com o utilitarismo, com a racionalidade, com o mérito individual, enfim, com o *American way of life*. Esses valores e os comportamentos deles derivados podiam, como essas correspondências atestam, ter uma função importante na constituição da rede transnacional de antropólogos(as) interamericanos(as) que tenho apresentado neste capítulo.

Por outro lado, essas novidades não foram capazes de suplantar o intrincado circuito de agenciamentos pre-existentes no Brasil, conforme o atesta a oposição de Torres aos projetos interamericanistas. Ainda

[334] Carta de Berrien para David H. Stevens, 13 de maio de 1941, "BERRIEN, William, (#1-#11)", HAMP, APS, tradução livre.

que prezasse pela cooperação internacional, a diretora do Museu Nacional soube tirar vantagem de sua boa inserção relacional e institucional a fim de controlar estrategicamente os fluxos de recursos por entre os novos canais interamericanistas, sustentando muito bem sua posição mesmo diante do poderoso aparato antropológico constituído a partir dos Estados Unidos para o esforço de guerra.

***

Este capítulo tratou da institucionalização da antropologia interamericanista no Brasil por meio do ISA. Se por um lado esse projeto podia facilitar a missão civilizatória dessa prática acadêmica, por outro ele pôs em contato interesses por vezes conflitantes. O fluxo de recursos antropológicos produtores de modernidade, conforme pude demonstrar, não acontecia em apenas uma direção. Enquanto alguns sujeitos da modernidade brasileira podiam se aproveitar desses novos recursos, outros, a exemplo de Heloisa Alberto Torres, podiam se dar ao luxo de dificultar ou mesmo bloquear esses circuitos.

Essa disputa entre sujeitos de modernidades nacionais, cujo objetivo era definir qual nação conquistaria melhores condições de "civilizar a América", impulsionava, por outro lado, a criação de novos objetos. Curt Nimuendajú, por exemplo, prestou uma enorme contribuição para isso, pois da coleta/produção de dados e artefatos etnográficos dependia a sua própria sobrevivência, e foram os novos canais interamericanistas que lhe permitiram levar adiante a sua luta cotidiana. Ao mesmo tempo, jovens pesquisadores(as) estadunidenses e brasileiros(as) passaram a ter a oportunidade de construir suas respectivas carreiras a partir da definição de novos "objetos de estudo" por meio das bolsas e oportunidades de pesquisa trazidas pelo impulso da antropologia interamericanista. Em meio a tudo isso cada

vez mais pessoas eram capturadas pela sanha objetificadora da onto-epistemologia moderna, agora em sua configuração interamericana. Novas “tribos”, “culturas”, “línguas” passavam a ser “conhecidas” e, portanto, logo poderiam ser melhor aproveitadas pelo mundo moderno que se espraiava pelas Américas, afinal, era necessário fazer frente à barbárie representada pelos totalitarismos de direita e, logo mais, pelo comunismo.

No próximo capítulo veremos como o trânsito interamericano entre Brasil e Estados Unidos foi impulsionado por uma outra instituição, o *Committee of Inter-American Artistic and Intellectual Relations*. Poderemos flagrar, neste caso, a produção de um novo tipo de subjetividade sendo construída no interior desses fluxos: o interamericanista profissional, e não mais o(a) antropólogo(a) interamericanista.

O COMMITTEE OF INTER-AMERICAN ARTISTIC AND INTELLECTUAL RELATIONS E O SURGIMENTO DO INTERAMERICANISTA PROFISSIONAL

Dentre as diversas organizações interamericanas criadas durante a Segunda Guerra Mundial, a que parece ser menos conhecida entre os(as) historiadores(as) é o *Committee of Inter-American Artistic and Intellectual Relations* (CIAAIR).[335] No entanto, essa organização esteve envolvida em vários projetos de cooperação intelectual e artística que tiveram como resultado um significativo fluxo bilateral de *sujeitos*, *objetos* e *híbridos* produtores de modernidades específicas entre as duas Américas. Embora o CIAAIR merecesse um estudo mais amplo, eu me restringirei a tratar de alguns aspectos relacionados às trocas estabelecidas entre estadunidenses e brasileiros, de modo a seguir o plano esboçado para este trabalho.

Os documentos relacionados ao CIAAIR estão arquivados nos *Henry Allen Moe Papers, 1920-1975* (Mss.B.M722), na *American Philosofical Society* (doravante simplesmente HAMP, APS). A documentação produzida por Moe foi doada à *American Philosophical Society* (APS), situada na cidade estadunidense da Filadélfia, Pensilvânia, e sua função para a constituição narrativa de sentido pode ser interpretada de maneira muito semelhante à que propus para os arquivos do *Handbook of South American Indians* e do *Institute of Social Anthropology* guardados nos *National Anthropological Archives* da *Smithsonian Institution*. No entanto, no caso de Moe, trata-se de um

[335] Nos diversos trabalhos consultados para este capítulo, apenas o de Fabiana Servidio (2011) faz menção explícita a esta instituição, enquanto que os demais tendem a confundir suas ações ou com as das fundações Rockefeller ou Guggenheim. Mesmo assim, Servidio tomou conhecimento do CIAAIR por meio de uma coleção arquivística citada como "Washington D.C. Files, RG4, N.A.R. Personal, RAC", sem fazer menção aos *Henry Allen Moe Papers*, os quais utilizo para este capítulo.

sujeito cuja atividade não se caracteriza por ser acadêmica, mas por uma abnegada atuação em prol da seleção rigorosa de outros sujeitos que serviram como instrumentos da construção do entendimento interamericano. A construção do poder interamericano, do qual Nelson Rockefeller se tornou uma figura central, devia ser constantemente registrada e arquivada, de modo que muitos aspectos desse processo estão hoje disponíveis para os(as) historiadores(as) transnacionais interessados(as) nesta temática. Eu pretendo apresentar, a partir dessa documentação, um aspecto fundamental para ampliação do alcance e eficácia do fluxo de pessoas, recursos e saberes desta nova rede americanista: a habilidade relacionada ao trânsito por entre diferentes instituições, à produção de conexões entre pessoas até então desligadas entre si, e à produção de uma constante credibilidade relacional assegurada pela manutenção dos fluxos das diversas coisa necessárias para a implementação de diferentes projetos de modernização. Isso mostra, portanto, um momento de autonomização profissional do americanismo em relação ao seu caráter estritamente antropológico.

Moe foi o primeiro-secretário, depois administrador e, finalmente, presidente da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* entre 1925, ano de sua criação, e 1963. Essa fundação foi estabelecida pelo então ex-senador John Simon Guggenheim (1867-1941) em memória de seu filho John – que falecera aos sete anos de idade, em 1922 –, visando colaborar com a ciência, a literatura e as artes estadunidenses, bem como aprimorar o entendimento internacional. Com esse fim passou a oferecer bolsas para indivíduos, primeiro apenas estadunidenses, depois aqueles pertencentes a outras repúblicas americanas, que se destacassem por sua produção artística ou científica.[336]

[336] Informações disponíveis em: www.gf.org, acesso em: 09/05/2017.

Moe se tornou, assim, uma espécie de especialista na avaliação dos talentos que mereceriam receber o patrocínio econômico e o prestígio dessa bolsa. Trata-se de um tipo de profissional que, no caso estadunidense, possuía um papel fundamental na articulação de redes de intelectuais em prol dos valores governamentais e de fundações vinculadas a associações ou aos poderosos grupos empresariais. Sua centralidade repousava em seu papel de *broker*, ou seja, de administrador de contatos entre intelectuais e organizações. Desse modo, sua função era *gerir* e *pôr em movimento* os recursos intelectuais produzidos por terceiros. Algo que tenho tentado demonstrar neste livro é que esses *sujeitos* aparecem como tendo um papel fundamental na construção e consolidação das redes intelectuais transnacionais – ainda que, no caso de Boas e Steward, por exemplo, o papel de *broker* fosse acumulado com o de produtor de recursos.

Moe, que também foi presidente da *American Philosophical Society* (APS) entre 1959 e 1970, é apresentado no catálogo de sua coleção documental[337] como um devotado funcionário das agências governamentais e fundações estadunidenses, sobretudo em função de seu interesse pela América Latina. Seu papel de articulador também é destacado nesse documento, que chama a atenção para os contatos que Moe estabeleceu com os "influentes" e com os "aspirantes" no mundo dos bancos, das finanças, das artes e das ciências. Em suma, trata-se da narrativa do funcionário exemplar em prol da ação civilizadora estadunidense, papel este do qual os próprios *sujeitos* se investiam. Mais uma vez, trata-se de colocar aqui essa narrativa inscrita nos arquivos na perspectiva de nossa história transnacional da modernidade.

[337] Disponível em: http://www.amphilsoc.org/collections/view?docId=ead/Mss.B.M722-ead.xml, acesso em: 09/03/2017.

O CIAAIR foi um subcomitê indicado pelo *Coordinator of Inter-American Affairs*, Nelson Rockefeller, e constituído a partir de um contrato firmado em 20 de fevereiro de 1941 entre ele, então ainda *Coordinator of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*, David H. Stevens, *Director of Humanities* da Fundação Rockefeller, o próprio Moe, secretário da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation*, e Frederick Paul Keppel (1875-1943), presidente da *Carnegie Corporation*, sendo que Moe foi apontado o presidente do Comitê.[338]

Essa agência visava viabilizar uma das atribuições legais do *Coordinator*, ou seja, "formular e executar um programa que reforçasse os laços entre os Estados Unidos e outras Repúblicas do Hemisfério Ocidental",[339] algo que se daria necessariamente pelo trânsito de "um certo número de acadêmicos, cientistas, engenheiros, escritores, artistas e outros trabalhadores criativos"[340] por entre esses países. Tratava-se de um programa de "residência temporária" (estudantes de

---

[338] *Contract No. NDCar-12*, 20 de fevereiro de 1941, "Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations" (#9 - #13), HAMP, APS. Moe, em carta dirigida a Pierson em 8 de setembro de 1942, esclarece que o CIAAIR estava, na prática, subordinado ao *Office of the Coordinatior of Inter-American Affairs* de Nelson Rockefeller – "Latin America: Pierson" (#1 - #2), HAMP, APS. A respeito das citações de fontes arquivísticas dos HAMP, elas seguem, no geral, o mesmo padrão das anteriores. No entanto, essa documentação não é dividida por "séries", como no caso das coleções dos NAA; além disso, depois no nome da pasta, que também aparece entre aspas, na maioria dos casos mostrarei, entre parênteses, a indicação da numeração que essas pastas recebem, quando acontece de se desdobrarem em mais de uma – como, no caso da última citação, a indicação "(#1 - #2)". Isso significa, neste caso, que o documento está em uma das duas pastas com o mesmo nome, recebendo a primeira o número "1" e a última o número "2", pois, por um lapso, eu deixei de anotar individualmente a qual número de pasta pertencia o documento quando os fotografei na Filadélfia, e, infelizmente, só percebi esse problema quando já estava de volta ao Brasil. No entanto, isso não inviabiliza e nem mesmo dificulta muito a conferência, pois, como as pastas dos HAMP não são volumosas e, nos casos aqui apresentados, dificilmente ultrapassam uma dezena, será fácil encontrar o documento indicado em função da sua organização em geral cronológica descendente.

[339] *Contract No. NDCar-12*, 20 de fevereiro de 1941, "Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations" (#9 - #13), HAMP, APS, tradução livre.

[340] Idem, tradução livre.

graduação não eram elegíveis) de caráter também interamericano, ou seja, bilateral, o que quer dizer que os intercâmbios seriam realizados necessariamente *entre os Estados Unidos e as outras Repúblicas americanas*, e nunca pelas *Repúblicas americanas*, excluídos os Estados Unidos, *entre si*. Por fim, o contrato de fundação do CIAAIR define de maneira bastante precisa o tipo de atuação de *sujeitos* como Moe: "[…] os contratantes, por razão de suas longas experiências com suas respectivas fundações, têm conhecimentos especiais sobre os peculiares serviços para a investigação e seleção de bolsistas e professores intercambistas e para o planejamento, administração e supervisão do seu trabalho".[341] O tipo de serviço desempenhado por Moe era, portanto, reconhecido como fundamental para a efetivação do empreendimento interamericano.

Esse contrato expiraria, a princípio, em 30 de junho de 1942, mas foi prorrogado até 1943 – a última reunião do CIAAIR arquivada nos *Henry Allen Moe Papers* data de 22 de setembro daquele ano. O CIAAIR começou a operar a partir de fundos fornecidos pela *Carnegie Corporation* (100 mil dólares) e pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) de Rockefeller (150 mil dólares), ao qual já me referi no Capítulo 6, o que lhe permitiu fornecer diversas bolsas, que duravam entre três meses e um ano, com possibilidade de prorrogação, e cujo valor variava em função do tempo da residência e do tipo de trabalho a ser desenvolvido, alcançando valores de até 5 mil dólares ou mais (um valor próximo ao recebido anualmente por funcionários como Steward, no início da guerra, e Pierson, quando agente do *Institute of Social Anthropology*, por exemplo).[342]

O contrato firmado com Rockefeller estabelecia apenas que os professores universitários e bolsistas ("*professors and fellows*")

[341] Idem, tradução livre.
[342] Idem.

selecionados para as bolsas do CIAAIR deveriam ser acadêmicos com produção reconhecida, e "trabalhadores criativos" ("*accomplished scholars, and creative workers*", termo este que abrangia escritores, músicos, artistas plásticos etc.), ou "homens e mulheres mais novos com um excepcional trabalho promissor em qualquer campo do conhecimento ou arte".[343] Além disso, os(as) candidatos(as) selecionados(as) deveriam ser "cidadãos(ãs) de uma República Americana e os intercâmbios devem tomar lugar apenas entre os Estados Unidos da América, incluindo suas possessões no Hemisfério Ocidental, e outra República Americana",[344] reforçando, assim, o caráter interamericano e bilateral ao qual me referi acima.

O contrato ainda determinava que, "empregando os canais de aconselhamento que a seu exclusivo critério podem eleger, os Contratantes devem investigar as qualificações e aptidões das pessoas que serão professores e bolsistas visitantes sob os termos deste contrato, e devem selecionar tais pessoas de acordo com os seus melhores julgamentos".[345] Cabia aos "contratantes", portanto, lançar mão dos instrumentos sob sua discrição para selecionar apenas intelectuais de "primeira classe" ("*first-rate*"), termo que é bastante utilizado em suas correspondências. A única obrigação quanto a isso era produzir registros minuciosos sobre todo o processo e relatórios a serem encaminhados ao *Coordinator* que, assim, possuía o controle virtual dos intercâmbios interamericanos pretendidos. Mas eu não cheguei a encontrar nenhum tipo de conflito entre Rockefeller e Moe relacionado aos critérios utilizados por este último, o que indica que se tratava de homens imbuídos de valores e ideais muito semelhantes.

---

[343] Idem, tradução livre.
[344] Idem, tradução livre.
[345] Idem, tradução livre.

Assim como Rockefeller escolheu Moe, este deveria, portanto, escolher os seus ajudantes, conselheiros e bolsistas. A este respeito cabe uma pequena reflexão: qual é a diferença entre esse tipo de procedimento e aqueles adotados pela elite burocrática brasileira sob a ditadura de Vargas? Em essência não parece haver diferença significativa, a não ser pelo fato de que Vargas teve que ceder a diversas pressões políticas, mesmo durante o Estado Novo, quando loteou os inúmeros postos administrativos ao seu dispor, de modo a manter um ponto ótimo de consenso sem a necessidade do custoso uso do aparato de violência; Rockefeler, por sua vez, parecia gozar de maior autonomia em relação a essas pressões: o seu *Office* dispunha de uma quase carta branca de Roosevelt e, em prol da *civilização* e da luta contra a *barbárie* fascista, possuía ampla liberdade para implementar suas políticas de aproximação em relação à América Latina.

O principal conselheiro/assistente de Moe foi William Berrien. Quando, em 1941, começa a colaborar com os projetos do CIAAIR, Berrien ocupava o cargo de *Adviser on Latin American Studies* do *American Council of Learned Societies* (ACLS), que, entre julho de 1942 e junho de 1943, passou a gerir o programa de centros binacionais do *Office* de Rockefeller (SANTOMAURO, 2015, p. 48). Em 1942, o nome de Berrien já aparece ligado à Fundação Rockefeller, onde ocupava o cargo de diretor assistente da Divisão de Ciências Humanas – David Stevens era o diretor e John Marshall (1903-1980) o diretor associado. Na década de 1950, quando continuava se correspondendo com Moe, Berrien era professor de português em Harvard, mas sentia falta de seu antigo papel na Rockefeller: “Eu me sinto bem, meu espírito está muito bom; mas eu preciso de um senso-de-função, do tipo que se liga a ter uma tarefa num programa no qual eu possa ser útil para os outros”.[346]

[346] Carta de Berrien para Moe, 14 de junho de 1954, “Buarque de Holanda, Aurelio” (#1-#3),

Com efeito, Berrien parecia muito talentoso no que fazia: falava fluentemente português e espanhol, relacionava-se muito bem com os inúmeros intelectuais latino-americanos que conheceu a serviço dessas instituições, conseguia obter informações confidenciais sobre os pleiteantes a bolsas com extrema facilidade e, além disso, tinha uma visão afiada para encontrar pessoas que pudessem atender às expectativas das instituições estadunidenses. Suas informações se tornaram um recurso importante nas mãos de Moe, que confiou em Berrien para operar a separação entre os "verdadeiros intelectuais" e os "supostamente maravilhosos", como Moe escreveu numa carta para Berrien a respeito de Francisco Clementino de San Tiago Dantas (1911-1964);[347] ou, de acordo com a terminologia já mencionada acima, entre os "*first-rate*" e os demais. Moe e seus associados funcionavam, portanto, como "elementos de filtragem" dos canais pelos quais fluíam *sujeitos* e *objetos* da produção das *culturas* latino-americanas em suas relações com a *civilização* estadunidense. Tudo isso provavelmente ficará mais claro com os exemplos que apresentarei a seguir.

Barreiras valorativas aos trânsitos interamericanos: política, comportamento, idade, gênero e cor

O trânsito interamericanista não estava aberto a todos(as). Isso fica bastante claro quando observamos mais de perto alguns entrecruzamentos entre o interamericanismo profissional e o campo acadêmico. Em 20 de novembro de 1940, Nelson Rockfeller enviou uma carta a Robert Gordon Sproul (1891-1975), presidente da Universidade da California,[348] solicitando que fosse criada nessa

HAMP, APS, tradução livre.

[347] Carta de Moe para Berrien (Bill), 9 de fevereiro de 1943. "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS.

[348] Cargo correspondente ao de reitor nas universidades brasileiras.

instituição um *Comittee on Cultural Relations with the American Republics.* Sproul atendeu a essa solicitação, ocupando ele próprio a presidência do comitê e enviando, em resposta a Rockefeller, um memorando apresentando as ações já desenvolvidas em sua universidade no intuito de se estreitarem os laços com a América Latina. A sua carta, de 4 de fevereiro de 1941, atesta a afinidade de Sproul em relação aos planos interamericanistas de Rockefeller:

> Na determinação das políticas e programas interamericanos eu estou impressionado com a importância da abordagem do mundo latino-americano por países em vez de olhá-lo como um todo. Essa técnica permitiria uma larga diferenciação entre países quanto a medidas melhores calculadas para a promoção das relações culturais entre eles e os Estados Unidos. Além disso, eu sinto que as abordagens psicológicas para o entendimento cultural poderiam ser uma consideração primordial. Tentativas de nossa parte para sobrepor soluções ou indicar procedimentos unilateralmente serão autodestrutivas.[349]

Nessas suas considerações, Sproul se mostra de acordo, portanto, com uma série de princípios que nortearam as políticas interamericanas no período da Segunda Guerra Mundial: as relações bilaterais, sempre entre os Estados Unidos e uma outra república latino-americana; a ideia de cooperação que nasce do desejo espontâneo por parte dos países latino-americanos; e a fragmentação do mundo latino-americano em *culturas* específicas a serem desenvolvidas em sua relação com a *civilização* estadunidense.

O memorando anexo a esse documento ainda acrescenta alguns princípios mais específicos. Em primeiro lugar, a Universidade da California teria um papel estratégico a cumprir na aproximação

[349] "Buarque de Holanda, Aurelio" (#1-#3), HAMP, APS, tradução livre.

interamericana em função de sua localização geográfica. Havia também uma variável histórica que precisava ser bem aproveitada: "o fluxo de estudantes latino-americanos para a Europa, particularmente para a França, Alemanha e Itália, foi interrompido".[350] Isso significava que era o momento exato para que as instituições estadunidenses assumissem a sua *liderança civilizacional* em relação ao restante da América: "[…] a oportunidade agora oferecida é uma via de mão-dupla. Se os Estados Unidos podem oferecer uma certa estrutura para os países latino-americanos principalmente por causa de sua grande riqueza, há muito a ganhar com eles, particularmente no campo cultural".[351] É muito claro, portanto, o anseio por parte dos estadunidenses em monopolizar o fluxo de *sujeitos intelectuais* e *objetos culturais* que, até então, movimentava-se preferencialmente em direção à Europa. Esse influxo de *recursos culturais* seria proveitoso também para o mundo estadunidense, pois poderia revigorar a *moderna civilização* produzida a partir da riqueza extraordinária acumulada por sua nação.

Havia também uma preocupação de caráter econômico. Por trás de "praticamente todas as avenidas de intercâmbios" ("*avenues of interchange*") – uma interessante metáfora, diga-se de passagem, para expressar os fluxos transnacionais – repousaria o problema do ensino e pesquisa avançados. A literatura latino-americana não obteria um público mais amplo se não se investisse no ensino adequado de línguas. Da mesma forma, "relações comerciais mais próximas são dependentes em grande medida de mais atenção sendo prestada pelos cientistas naturais aos recursos e métodos técnicos industriais nos respectivos países".[352]

---

[350] Idem, tradução livre.
[351] Idem, tradução livre.
[352] Idem, tradução livre.

Finalmente, o memorando do comitê da Universidade da California apresenta um rol de dezoito programas acadêmicos já desenvolvidos pela instituição e voltados para problemas latino-americanos. Dentre eles consta o *Joint study of ethnography of Brasil*, conduzido por Robert Lowie e Curt Nimuendajú. Esse "estudo conjunto da etnografia do Brasil" é descrito como a "extensão de investigações de campo anteriores sobre tribos nativas, especialmente famílias jês ou tapuias, em direção ao Oeste, e mais acima no vale do Amazonas, sobre os estratégicos povos aruaques".[353] É interessante o uso do termo "estratégico": seria ele devido ao fato de que era justamente nos afluentes ao norte do rio Amazonas que se encontravam os principais seringais brasileiros?[354] Ainda consta dessa descrição que o projeto duraria mais três anos e que as pesquisas de campo seriam realizadas por Nimuendajú sob a direção de Lowie.

Esse interesse que se desenvolveu na Universidade da California para os programas de colaboração intelectual e cultural com a América Latina logo seria dirigido para as redes intelectuais brasileiras por intermédio de Moe e Berrien. Ainda em fevereiro de 1941, Berrien foi procurado por Sylvanus Griswold Morley (1883-1948), chefe do Departamento de Espanhol e Português da Universidade da California, Berkeley, pedindo-lhe para manter os seus olhos abertos a respeito de algum acadêmico brasileiro que pudesse permanecer nessa instituição por um ano, a fim de conduzir cursos de literatura brasileira e língua portuguesa.[355] Berrien então procurou Moe, por meio de uma carta escrita em 17 de fevereiro de 1941, perguntando-se se não seria possível utilizar a verba do *Office* de Rockefeller para

[353] Idem, tradução livre.

[354] Sobre um estudo a respeito dos aruaques disponível à época, cf. Schmidt ([1917]).

[355] Carta de Berrien para Moe, 17 de fevereiro de 1941, "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS.

esse fim. O seu interesse em ajudar Morley se devia ao fato de que Berrien teria introduzido em Berkeley, pela primeira vez no país, um curso de literatura brasileira no período em que atuou como professor da instituição. Mas a Universidade da California vinha negligenciando, segundo ele, os estudos relacionados à América Latina, a não ser pelo bom trabalho desenvolvido pelo chileno Arturo Torres-Rioseco (1897-1971), e por isso acreditava que a ida de um brasileiro "*first-rate*" para lá "mataria vários coelhos com uma cajadada só" ("*would kill a number of birds with one stone*"). Além de desenvolver os estudos brasileiros e sobre a língua portuguesa em Berkeley, a ida de um tal professor visitante ainda fomentaria a aproximação da universidade com a comunidade local, uma vez que havia ali muitos falantes da nossa língua.

Berrien, que partiria nessa mesma data para uma visita à América Latina (Argentina e Brasil), propôs proceder de modo informal, se assim Moe o desejasse, para lidar com este assunto. É interessante notar que ele ainda se encontraria nessa viagem com David Stevens, da Fundação Rockefeller, e, certamente não por acaso, tornar-se-ia diretor assistente na divisão de ciências humanas dessa mesma instituição logo depois. O desinteresse econômico por este tipo de atividade – Berrien se ofereceu para tratar voluntariamente do caso – atesta que, para esses *sujeitos* do interamericanismo estadunidense, o estabelecimento de laços sociais estratégicos era muito mais valioso do que o seu retorno financeiro imediato. Essas pessoas percebiam, talvez intuitivamente, o poder que fluía por meio desses canais comunicativos privilegiados e dos recursos "culturais" neles percorridos transnacionalmente.

Já na Argentina, Berrien envia uma correspondência para Moe, em 23 de abril, orientando-lhe a se comunicar diretamente com Morley a fim de saber quais seriam as contrapartidas da Universidade da

California nesse empreendimento.[356] Berrien ainda sugere que Moe procurasse Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), que estava nos Estados Unidos por meio de uma bolsa da *Cultural Relations*[357] – "ele é *muito* bom; um historiador" – e afirma que procuraria o musicólogo Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1905-1992) e Mário de Andrade, e, além disso, que esperava ver Gilberto Freyre antes de voltar para Washington em 30 de maio. Corrêa de Azevedo, assim como Mozart Camargo Guarnieri (1907-1993) e Francisco Mignone (1987-1986), como veremos, tiveram um importante trânsito pelos Estados Unidos por meio justamente da rede da qual trato neste capítulo. É interessante notar como Berrien, de fato, buscava se cercar dos intelectuais mais influentes no Brasil, algo que também poderemos acompanhar nas próximas páginas.

Um dos assuntos que Berrien foi tratar no Brasil dizia respeito à edição de um *Handbook of Brazilian Studies.* Quando chegou em São Paulo no sábado (10 de maio), foi recebido por Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo Cavalcanti (1901-1957) – foi este o fim de semana que tanto agradou Berrien a ponto de lhe permitir afirmar, como mostrei no capítulo anterior, que essa tinha sido a sua visita mais satisfatória na América Latina.[358] No Rio de Janeiro ficaria ocupado com "Eloisa A. Torres et al.", com quem iria tratar a respeito de um projeto a ser trabalhado por intermédio do Instituto Nacional do Livro (INL). Nesse ponto aparece um primeiro *filtro*, de caráter *comportamental*, para o fluxo de *sujeitos* nas redes interamericanas: Berrien estava receoso a respeito da colaboração do organizador do INL, pois ouvira dizer que "Augusto Meyer [1902-

[356] "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS.

[357] Referia-se à *Division of Cultural Relations* do *US Department of State*, chefiada por Charles A. Thomson e criada em 1939 (THOMSON, 1944).

[358] Carta de Berrien para Stevens, 13 de maio de 1941, "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS.

1970], o muito agradável e talentoso chefe do I. do L., é um alcoólatra e inclinado a ser pouco confiável".[359] Mas a presença de Sérgio Buarque de Holanda e de Américo de Queirós Facó (1885-1953) deixava Berrien um pouco mais confiante a esse respeito.

Esse "*Handbook*" estava sendo coeditado por Berrien e Rubens Borba de Moraes (1899-1986), e foi publicado em 1949 com o nome de *Manual bibliográfico de estudos brasileiros* (MORAIS e BERRIEN, 1998). Em um almoço em São Paulo, os dois e os demais editores de seções específicas presentes decidiram por mais um filtro, dessa vez *etário*: só usariam homens e mulheres abaixo dos cinquenta anos de idade e que estivessem realmente produzindo algo, e não apenas "repousando sobre os louros do sucesso" – algo que, por sinal, torna muito evidente a importância daquilo que Bruno Latour e Steve Woolgar expressaram por meio do conceito de "credibilidade", ou seja, a capacidade individual de continuar produzindo *objetos* científicos (LATOUR e WOOLGAR, 1997) ou, neste caso, culturais.[360]

O *Manual bibliográfico* tinha também um objetivo mais abrangente: "A ideia de uma equipe de trabalho bem-sucedida pode se tornar mais generalizada por aqui antes que nós possamos esperar que os sul-americanos possam saber do que nós estamos falando a respeito nos EUA e sobre o jeito que nós fazemos as coisas".[361] Tratava-se, portanto, de *civilizar* a América do Sul por meio do exemplo de um trabalho coletivo bem-sucedido.

---

[359] Idem, tradução livre.

[360] Vimos no capítulo anterior que esse também foi um dos motivos que levou à rejeição de Arthur Ramos e da Universidade do Brasil para a instalação do polo brasileiro do *Institute of Social Anthropology*, uma vez que ele não produzia nada de significativo, de acordo com Pierson, havia quase uma década.

[361] Carta de Berrien para Stevens, 13 de maio de 1941, "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS, tradução livre..

Nessa mesma carta do dia 13 de maio de 1941, Berrien volta a tratar do tema da bolsa de professor visitante para Berkeley. Sua esperança era conseguir que Manuel Bandeira (1886-1968) aceitasse a bolsa. O assunto foi mais detidamente abordado em carta do dia 20 de setembro de 1941, de Berrien para Moe. Berrien soubera que Moe estava tratando do assunto diretamente com Torres-Rioseco, e sua carta parece querer dizer que ele próprio já estava inteirado do assunto, de modo a manter a sua centralidade na sua condução. Em primeiro lugar, ele achava que seria difícil alguém que conhecesse sobre literatura brasileira e falasse inglês – mais uma vez, essa é uma evidência da ascendência europeia, especialmente francesa e alemã, sobre as redes intelectuais brasileiras de então. Berrien segue com o que, aparentemente, fazia de melhor, ou seja, definir quais *sujeitos* estariam aptos a participar da grande rede interamericana cujos canais ele próprio podia controlar:

> Gilberto Freyre, Borba de Moraes, Mário de Andrade e eu, todos concordamos que as duas melhores pessoas para o trabalho seriam – **do ponto de vista do sujeito em si** – Manuel Bandeira e Prudente de Moraes Neto. O primeiro sabe alguma coisa de inglês, é um grande poeta e um bom professor, além de uma pessoa muito amável; mas sua saúde é muito incerta (tuberculoso) e, quando eu tentei sondá-lo em maio, ele pareceu satisfeito, mas disse que agora não. Eu posso tentar novamente, ou você pode. Prudente de Moraes Neto é muito quieto e muito retraído, um acadêmico muito sólido e uma boa pessoa. Ele tem, no entanto, uma esposa mal-humorada que pode arruinar tudo se ela vier ou ficar aqui. E eu não sei nada do seu inglês.[362]

O que precisava ser conhecido era *o sujeito em si*, algo mais importante que a sua própria obra. Desejava-se pessoas sociáveis,

[362] Idem, tradução livre.

pois o interamericanismo era também uma questão de amizade entre povos. Como outras correspondências também mostram, preferia-se os solteiros, ou então esposas que pudessem "se comportar bem". O conhecimento da língua era uma vantagem, mas, mais do que isso, era importante fazer circular *sujeitos* que *em si* fossem, também, uma boa imagem do interamericanismo.

Berrien ainda havia se inteirado de outros candidatos a sujeitos do interamericanismo. Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) era um homem "distinto entre os *medalhões*" (é o próprio Berrien que usa o termo em português). Luiz Inácio de Miranda Jardim (1901-1987), por sua vez, era um "bom pintor" e um cronista "que fez uma impressão muito agradável em todo mundo que ele conheceu quando esteve aqui em uma viagem financiada pela *Division of Cultural Relations*";[363] além disso, nota que ele era editor da revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), além de ser muito querido por Gilberto Freyre, o que parecia contar muito para Berrien.

Interessante também é a leitura que Berrien faz de Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964), outra candidata a *sujeito interamericano*. Segundo ele,

> também há a possibilidade de Cecília Meireles, uma poetisa, crítica e editora, muito atraente e vivaz e bem informada sobre as artes em geral. Ela ensinou em cursos de verão no Texas, em 1940. Eu não sei se Morley escolheria uma mulher ou se você desejaria trazer uma para aí. Ela não é fluente em inglês, mas se vira bem, eu acredito. Muitas pessoas a consideram a melhor poetisa no Brasil. Seu português é excelente sem ser pedante. Olhos verdes, belos dentes, bem-apessoada; disseram-me que os estudantes em Austin gostaram demais do jeito dela e eu posso imaginar isso. Ela ensinou literatura brasileira na

[363] Idem, tradução livre.

> Universidade do Distrito Federal, enquanto aquilo ainda estava indo; Maria Thereza Oliveira Martins diz que Meireles é uma professora notavelmente boa.[364]

É fácil perceber, portanto, um novo tipo de filtro, isto é, o de *gênero*. Meireles era a melhor poetisa do Brasil, mas talvez ela não fosse interessante simplesmente por ser mulher. Os atributos físicos dela também são minuciosamente descritos, mas o mesmo não é feito em relação a Manuel Bandeira ou Prudente de Morais Neto, por exemplo. A rede intelectual interamericana é, portanto, como fica cada vez mais claro, uma rede patriarcal. Não existem em seu interior "exceções" femininas, mas mulheres que souberam agir estrategicamente num mundo no qual os códigos são definidos pelos homens.

Morley então decidiu que chegara finalmente a hora de tornar o assunto oficial e escrever diretamente para Moe, o que fez em 6 de outubro de 1941. O interesse pelas aulas de português aumentava exponencialmente em Berkeley e o chefe do *Spanish and Portuguese Department* da Universidade da California demonstra já alguma impaciência com as barreiras impostas ao trânsito transnacional, como ainda faria outras vezes:

> Eu fiquei impressionado com a verdade de algumas colocações feitas por Julien Bryan quando ele estava palestrando aqui. Ele falou emocionadamente da dificuldade de tomar uma ação efetiva para implementar o movimento em direção à boa vizinhança. Todo mundo, ele disse, quer fazer a coisa certa, mas é notavelmente difícil de ter alguma coisa feita. A máquina está falhando em conduzir os intercâmbios de forma bem-sucedida.[365]

---

[364] Idem, tradução livre.

[365] "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS, tradução livre.

De fato, a burocracia dos Estados-nações não facilita o cruzamento entre fronteiras nacionais. Mas Morley queria que os *objetos* e os *sujeitos* intelectuais continuassem fluindo por entre elas: "A coisa importante é manter o fluxo atual entre os dois países tão livremente quanto possível".[366] Seu ideal era nobre: "sem dúvida o objetivo primordial é iniciar um sul-americano sem experiência nas belezas de nossa civilização; mas não é igualmente desejável que nós pudéssemos ter entre nós um sul-americano que esteja apto a interpretar a cultura da sua terra para a nossa Universidade e para os habitantes desta região?"[367] É impressionante como Morley reproduz aqui o exato sentido que estou buscando nos conceitos *civilização* e *cultura* no contexto específico do interamericanismo: era dever dos estadunidenses compartilhar um pouco de sua *civilização* superior com os "primos pobres" sul-americanos; todavia, os sul-americanos teriam algo valioso a oferecer em troca à civilização estadunidense: os objetos de culturas *ricas*, *raras*, que poderiam trazer-lhe um novo vigor. Morley apenas não se dava conta (ou simplesmente não enunciava isso) de algo fundamental: é que o próprio controle desses fluxos e a centralidade que ele proporcionava numa rede de abrangência transnacional era algo ardentemente desejado e disputado; por isso a "máquina" às vezes emperrava.

Logo depois surge uma inusitada carta, ao menos a princípio, de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, à época trabalhando como consultor do *Inter-American Music Center*, dirigido por Charles Louis Seeger Jr. (1886-1979) e pertencente à *Music Division* da *Pan-American Union.* Esta carta foi escrita no dia 17 de outubro de 1941, em português, e remetida a Carleton Sprague Smith (1905-1994), chefe

[366] Idem, tradução livre.
[367] Idem, tradução livre.

da *Music Division* da *New York Public Library*.[368] Nessa carta, que foi encaminhada como cópia para Moe, Correia de Azevedo fornece sua opinião a respeito de vários nomes para a bolsa de professor visitante de literatura brasileira e língua portuguesa em Berkeley. O musicólogo brasileiro considerava a tarefa difícil, pois, segundo ele, "não é fácil encontrar-se um professor que seja igualmente bom para ensinar a lingua e a literatura. Os bons filologos podem ser tacanhos no julgamento da literatura como obra de arte; e um maravilhoso professor de literatura, como seriam Manoel Bandeira ou Mario de Andrade, não sei se conseguiriam ensinar a gramática…"

Em seguida, Corrêa de Azevedo mostra ter se apropriado muito bem dos critérios relacionais estadunidenses – pois do contrário talvez ele próprio não tivesse conseguido ingressar no clube – e isso fica evidente nos *filtros* que ele utiliza; no entanto, também é bastante provável que ele apenas estivesse contemplando os critérios que lhe foram solicitados para a elaboração de sua lista. O primeiro nome que menciona é de José Oiticica, que, no Capítulo 5, encontramos se correspondendo com Franz Boas:

> Prof. do Colégio Pedro II, homem de formidável inteligência e ilustração, ex-professor de filologia portuguesa na Universidade de Hamburgo. Provavelmente será um mal professor de literatura, apaixonado, cheio de idiossincrasias. É homem de trato **dificil, 'anarquista honorário', preso, por precaução, em todos os momentos críticos da vida política brasileira. Está velho e tem uma grande família.**

Aqui vemos depondo contra Oiticica quatro (!) filtros do interamericanismo ao mesmo tempo: seu posicionamento político indesejável, seu comportamento "difícil", sua idade avançada e sua

[368] Idem, carta escrita em português.

grande família. Sua “formidável inteligência e ilustração” de pouco ou nada lhe serviriam então.

Uma outra descrição, a que se segue ao nome de Antenor de Veras Nascentes (1886-1972), é ainda mais chocante. Corrêa de Azevedo escreve que ele “é, como o anterior, uma das autoridades consagradas em linguística, no Brasil. Tem muito mais equilíbrio pessoal do que o anterior, **mas para vocês tem a condição eliminatória de ser mulato escuro**. É, também, professor do Colegio Pedro II. Autor de dicionários, obras diversas, etc…” Se somarmos esse novo filtro aos que foram interpostos ao convite de Oiticica, fica claro que a rede intelectual interamericanista, além de liberal, patriarcal e bem-comportada, era definitivamente *branca* e *racista*. Ser “mulato escuro” era uma “condição eliminatória” tratada com a maior naturalidade.

Corrêa de Azevedo ainda se lembra de Clóvis do Rego Monteiro (1898-1961), mais um professor do Colégio Pedro II, mas ele também era *velho demais* (o que deve ter sido um mal-entendido do musicólogo, pois em 1941 teria apenas 43 anos). Entre os que tinham menos que cinquenta anos, são mencionados José Cândido de Andrade Muricy (1895-1984, não, sendo, portanto, realmente mais jovem), Joaquim Ribeiro e Thiers Martins Moreira (1904-1970). No entanto, Correia de Azevedo sugere que Sprague Smith escrevesse para Almir Bonfim de Andrade (1911-1991), seu amigo, diretor da revista *Cultura política* e professor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil.

Se pesquisarmos um pouco mais as ligações de Sprague Smith com os intelectuais brasileiros veremos que essa troca de correspondências não foi, na realidade, tão inusitada como sugeri acima. Sprague Smith, que era amigo de Corrêa Azevedo, viajou pela América do Sul para conhecer os acervos musicais de diversos países do continente e, de acordo com Flávia Toni e Valquíria Carozze, visitou

o Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo (TONI e CAROZZE, 2013, p. 197-198). Além de Pierson, Roquette-Pinto e Augusto Meyer, Sprague Smith se encontrou ainda com Gilberto Freyre e vinha se correspondendo com Mário de Andrade. O musicólogo estadunidense era adido cultural do seu país e estava interessado em construir, no campo da música, um espaço de trocas interamericanas também no âmbito da política de boa vizinhança. Não é difícil imaginar que, numa dessas conversas, tenha ficado sabendo do interesse de Berkeley por um professor brasileiro e, como um dedicado agente do interamericanismo, tenha tentado ajudar (e se destacar) com os seus próprios contatos. Daí certamente o pedido de aconselhamento dirigido a Correia Azevedo.

Logo em seguida, outro nome que se interpôs neste assunto foi o de Stephen Pierce Hayden Duggan (1870-1950), diretor do *Institute of International Education*.[369] Morley também o havia procurado e sua primeira indicação fora Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), que havia estudado na Universidade Columbia, mas lhe seria impossível naquele momento aceitar o convite. Tanto Morley quanto Monroe Emanuel Deutsch (1879-1955), *provost* da Universidade da California em Berkeley,[370] estavam se impacientando com a demora na resolução do caso do professor visitante brasileiro. Duggan transcreve um trecho da carta que Morley lhe enviou, na qual narra ter conhecido Érico Lopes Veríssimo (1905-1975), que teria criado a "mais favorável impressão". Veríssimo sugeriu o jovem gaúcho Hamilcar de Garcia (1913-1991) e o paraibano Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Mello (1905-1989). Morley tinha pressa e desejava que algumas

[369] Carta de Duggan para Moe, 24 de outubro de 1941, "Buarque de Holanda, Aurelio" (#1-#3), HAMP, APS.
[370] Uma posição abaixo do *Board of Trustees* (uma espécie de "Conselho Superior" daquelas universidades privadas) e do *President* na hierarquia universitária estadunidense.

das barreiras ao trânsito interamericano fossem suspensas: “uma vez que a indicação é temporária, nós não precisamos examinar as qualificações de um homem tão cuidadosamente como se fosse algo permanente”.[371] Morley ainda garantia que sua universidade arcaria com 20% do valor para a contratação, tentando talvez assim agilizar ainda mais o processo. Mas o que Morley não percebia era que não se tratava só do interesse da Universidade da California: era a própria política interamericana que precisava ser preservada.

Após comentar as indicações feitas por Corrêa Azevedo, oportunidade em que confirma, praticamente item por item, o que foi dito acima a respeito dos *filtros* interamericanistas, Berrien também evidencia a disputa travada entre a Universidade da California e o CIAAIR pelo fluxo intelectual de latino-americanos.[372] A Berrien parecia que, em Berkeley, Morley e seus colegas ficariam satisfeitos com

---

[371] Carta de Duggan para Moe, 24 de outubro de 1941, “Buarque de Holanda, Aurelio” (#1-#3), HAMP, APS, tradução livre.

[372] A respeito dos nomes apresentados por Correia Azevedo, Berrien escreve o seguinte: “Stevens se referiu, para mim, à comunicação de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo a respeito de um possível homem em literatura brasileira para Berkeley. Os homens que ele sugere são todos bons no que eles fazem no Brasil e eu acho que o julgamento de Luiz Heitor mostra que ele pensou bem a respeito do assunto. Entretanto, nós não sabemos se alguns desses homens sabem inglês, mesmo o mínimo necessário, e eu duvido que a maioria deles seria bem-sucedida numa universidade americana. **A questão da cor exclui Nascentes deste país**; além disso, ele é consideravelmente mais interessado em linguística do que em literatura. **Oiticica é muito velho, muito limitado e temperamentalmente muito difícil**; isto não implica em que ele não seja um bom filólogo. Clovis Monteiro seria bom de várias formas, mas eu duvido muito que ele pudesse escapar ou estivesse interessado. Dos três mais jovens (não realmente jovens, mas os três primeiros, todos têm mais de cinquenta anos), Martins Moreira seria provavelmente o melhor, no sentido de que ele teria que fazer o mínimo de ajustes, mas ele não é um homem de definitiva distinção em literatura ou linguística, e está primariamente interessado em problemas de administração educacional. **Joaquim Ribeiro é muito desorganizado para trabalho universitário neste país**. Andrade Muricy é o mais amplo dos três em treinamento e interesses e poderia, provavelmente, dado o tempo de poucos meses, trabalhar dois cursos interessantes. Mas, como eu disse, nós não sabemos sobre o seu inglês, nem se ele quer vir. Eu duvido muito que ele gostaria” – carta de 28 de outubro de 1941, de Berrien para Moe, “Berrien, William”, (#1-#11), HAMP, APS, tradução livre, negritos meus.

“um jovem ambicioso com um salário de *instructor*”. Moe, no entanto, estava interessado apenas em indicações de homens “*first-rate*”, e era nisso que vinha se esforçando. Segundo Berrien, conversando separadamente com Freyre, Rubens Borba de Moraes e Mário de Andrade, todos teriam indicado os mesmos nomes: Manuel Bandeira e Prudente de Morais Neto. De posse desses nomes, Berrien escreveu a Morley, mas este último alegava não ter recebido comunicação nenhuma. Berrien ainda se lembrou de ter mencionado Cecília Meireles e Luís Jardim, mas, segundo ele, ambos não eram nem o “the *person*” e nem jovens ambiciosos em busca de um mero salário de instrutor. Mas, se fosse para conseguirem um jovem ambicioso, sugeria ainda o nome de Edgar Cavalheiro (1911-1958).

No dia 11 de dezembro de 1941, Berrien ainda escrevera para Morley, conforme este afirma em carta do dia seguinte para Moe, com uma outra lista de nomes.[373] Berrien se esforçava, portanto, ao que parece, para agradar os dois interesses, mediando ambos da maneira a mais satisfatória possível, pois sua nova lista trazia, aparentemente, nomes que podiam interessar a Morley sem desagradar a Moe. Dentre esses nomes o que mais agradou a Morley foi o de Ruy Esteves Ribeiro de Almeida Couto (1898-1963).

Depois disso, já em 17 de março de 1942, o próprio presidente da Universidade da California, Robert Sproul, escreveu a Moe tentando resolver a questão.[374] Vimos acima que Sproul estava muito interessado em estender os programas de colaboração intelectual com a América Latina e que sua concepção de interamericanismo era muito próxima à do próprio Nelson Rockefeller. Dos diversos nomes que haviam sido aventados, Sproul demonstrou predileção pelos de

[373] “Buarque de Holanda, Aurelio (#1-#3), HAMP, APS.
[374] Idem.

Manuel Bandeira, Prudente de Morais Neto e Ruy Ribeiro Couto. É interessante notar que ser ou não mencionado no *Who's who in Latin America* parecia ser um critério relevante, e dos três apenas Prudente de Morais Neto não figurava na publicação. Sproul nota que Manuel Bandeira era solteiro, nada diz a este respeito em relação a Prudente de Morais Neto e indica que Ribeiro Couto era casado. Mas as recomendações de Berrien (e, por conseguinte, de Mário de Andrade, Gilberto Freyre e Borba de Moraes) acabaram por fazer diferença: Manuel Bandeira era o preferido, Prudente de Morais Neto ficou como a segunda alternativa e Ribeiro Couto como a terceira.

Decididos os nomes e acertados os valores, Sproul convidou oficialmente, enfim, Manuel Bandeira. Este, no entanto, embora lisonjeado, recusou por não dominar muito o inglês e por não ter saúde suficiente para suportar uma viagem de avião (a única forma de transporte possível em tempos de guerra), conforme resposta contida na carta do dia 4 de julho de 1942 ao convite que lhe foi feito em 1º de maio.[375] O próximo da lista seria Prudente de Moraes Neto, e Deutsch escreveu para Moe, pouco tempo depois, indagando se ele conhecia a língua inglesa.[376] Berrien não soube informar a este respeito, mas logo viajaria para o Brasil novamente e Moe gostaria que a Universidade da California o autorizasse a fazer a escolha do intelectual para o curso de língua portuguesa e literatura brasileira, pois, segundo acreditavam, era muito pouco provável que um intelectual de primeira classe ("*first-rate one*") fosse persuadido por meio de cartas.

Essa segunda viagem de Berrien ao Brasil, em 1942, foi realizada quando ele já estava a serviço da Fundação Rockefeller. O seu itinerário, recebido por Moe no dia 5 de agosto, indicava que

[375] "Buarque de Holanda, Aurelio", (#1-#3), HAMP, APS.
[376] Carta de Deutsch para Moe, 21 de julho de 1942, "Buarque de Holanda, Aurelio", (#1-#3), HAMP, APS.

ele ficaria a maior parte do tempo em cidades brasileiras: depois de passar por Lima (14-20 de agosto), Berrien visitaria São Paulo (24 de agosto – 1º de setembro), Rio de Janeiro (2-15 de setembro), Recife (16-21 de setembro), Salvador (22-28 de setembro), depois voltaria para o Rio de Janeiro (29 de setembro a 8 de outubro) e São Paulo (8-22 de outubro), passando ainda por Lima, Quito e Bogotá.[377] De São Paulo Berrien escreveu, no dia 21 de outubro, recomendando, finalmente, que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1910-1989) fosse convidado para o trabalho em Berkeley no lugar dos nomes anteriormente sugeridos.[378] Berrien havia falado pessoalmente com o ministro da Educação Gustavo Capanema (1900-1985), que concordara em conceder uma licença para Buarque de Holanda de seu cargo no Colégio Pedro II, e ainda recomendara José Honório Rodrigues (1913-1987), para quem Berrien também pensava em viabilizar uma bolsa para viagem de pesquisa nos Estados Unidos.

Para não estender o relato deste caso de maneira demasiada,[379] basta apontar que, depois de muitas idas e vindas, Buarque de Holanda teve problemas com sua licença e acabou desagradando os professores da Universidade da California em função de sucessivas ausências de respostas que eles consideravam inconcebíveis. Chegou-se a suspeitar de que ele estivesse sofrendo algum tipo de represália do governo brasileiro, pois ele era "livre em sua própria mente e não havia 'se vendido' a Vargas a ponto de estar disposto a fazer propaganda ativamente para o Estado Novo, que é o que o regime de Vargas parece querer e o que quase todo intelectual

[377] "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS.

[378] Idem.

[379] Depois da carta do dia 21 de outubro de 1942, de Berrien, indicando o nome de Buarque de Holanda, encontrei 22 cartas tratando do assunto, até o dia 23 de maio de 1943, até que ele fosse finalmente definido da forma como logo veremos.

brasileiro com amor-próprio permanece relutante em fazer".[380] Na verdade, por fim, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), presidido por Luís Simões Lopes (1903-1994), tinha-lhe negado a possibilidade de manter o seu cargo no Colégio Pedro II e, mesmo assim, Buarque de Holanda estava disposto a viajar para os Estados Unidos. O professor alagoano contaria inclusive com a intervenção direta de Gustavo Capanema no assunto, como lhe havia informado Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), caso o DASP continuasse negando sua licença.[381] Ainda que Morley estivesse já perdendo a paciência com o caso, Buarque de Holanda escreveu, em carta para Berrien, que já simpatizava com o professor de Berkeley, "embora nunca tenha o visto tão gordo" – a expressão gerou alguma confusão para os tradutores estadunidenses, mas Berrien, como bom professor de português, soube decifrar o seu significado.[382]

Depois de tantas idas e vindas, o *Committee* de Moe acabou perdendo a posição de entreposto nesta transação em favor do *Department of State*, outra agência que se especializou no interamericanismo artístico e intelectual e acabou, portanto, colocando-se como concorrente velada do CIAAIR. O *Department of State* viabilizou finalmente o contrato de Érico Veríssimo, que, por sinal, vinha causando uma ótima impressão nos Estados Unidos. Berrien demonstrou sua frustração em relação aos limites impostos às trocas interamericanas em função do arbítrio e do poder estatal:

---

[380] Carta de Berrien para Morley com cópia para Moe, 11 de fevereiro de 1943, "Buarque de Holanda, Aurelio (#1-#3)", HAMP, APS, tradução livre.

[381] Carta de Berrien para Morley, com cópia para Moe, 31 de março de 1943, "Buarque de Holanda, Aurelio (#1-#3)", HAMP, APS.

[382] Carta de Aurélio Buarque de Holanda para Berrien, 13 de abril de 1943, "Buarque de Holanda, Aurelio (#1-#3)", HAMP, APS.

> O que torna mais simples para Veríssimo deixar o Brasil do que para Buarque de Holanda é o fato de que Veríssimo é um dos poucos intelectuais brasileiros que não ocupam um posto dependente do governo. É mais fácil para uma pessoa cujo trabalho é no ramo das publicações desconsiderar as dificuldades de assegurar uma licença oficial do que o é para uma pessoa que é um professor numa instituição oficial e que é igualmente empregada como um especialista em um amplo projeto editorial diretamente patrocinado e financiado pelo Ministro da Educação.[383]

Buarque de Holanda era branco, solteiro, relativamente jovem, discreto sem ser antissocial, com um posicionamento político próximo ao liberalismo estadunidense, falava um pouco de inglês e era considerado por seus pares um *first-rate man* na sua área de atuação intelectual. Não obstante tudo isso, o seu tráfego transnacional foi bloqueado, não por desejo do governo estadunidense, mas, pelo que tudo indica, por oposição do governo brasileiro. Este caso, embora tenha representado um fracasso da parte do CIAAIR em intermediar um empreendimento particular de caráter interamericano, é, todavia, muito rico para aquilo que desejo evidenciar neste capítulo. Ele traz à tona diversos princípios e valores que orientavam essa nova rede transnacional, agora norteada e controlada pelos objetivos interamericanistas de intelectuais, burocratas e governantes estadunidenses. Ele permite, além disso, preencher uma série de lacunas relacionais do mapa dessa rede transnacional específica, o que ajudará a compreender como e onde ela se articulou com os diferentes interesses de seus diversos polos sul-americanos. Mas ainda existem outros aspectos desta rede que considero importante destacar.

[383] Carta de Berrien para Morley, com cópia para Moe, 12 de abril de 1943, “Buarque de Holanda, Aurelio (#1-#3)”, HAMP, APS, tradução livre.

Novas oportunidades para o grupo do Museu Nacional

Quando tratei do *Institute of Social Anthropology* (ISA) no capítulo anterior, mostrei que, em 1941, Wagley compartilhou com Steward os projetos do Museu Nacional de tocar adiante o trabalho cooperativo de pesquisa e ensino antropológico com jovens pesquisadores estadunidenses. A Segunda Guerra Mundial inviabilizou a continuidade desse projeto por meio do *Council for Research in the Social Sciences* da Universidade Columbia, formado primordialmente por fundos da *Laura Spelman Rockefeller Memorial Foundation*, como vimos no Capítulo 5, uma vez que a família Rockefeller voltou seu poderio econômico para o esforço de guerra – devemos nos lembrar de que vencê-la era condição fundamental para a continuidade dos negócios da megacorporação familiar. Heloisa Alberto Torres logo começou a se movimentar a fim de viabilizar um canal alternativo por meio do qual os recursos transnacionais necessários ao seu projeto de consolidação da antropologia brasileira através do Museu Nacional pudessem continuar fluindo.

Já em 1939, Torres tinha planos para aproveitar a experiência dos jovens pesquisadores de Columbia no Brasil a fim de aprofundar a pesquisa e o treinamento de antropólogos(as) brasileiros(as) no campo da linguística. A princípio, William Lipkind seria uma escolha mais óbvia, tendo em vista que, dos jovens pesquisadores que vieram de Nova York para o Brasil sob a tutela de Ruth Benedict e do Museu Nacional, ele era o único que possuía treino propriamente linguístico. No entanto, o próprio Lipkind soube, por meio de Kate di Pierri, do Instituto Brasil-Estados Unidos, que Torres preferiria Buell Quain em seu lugar.[384] Edison de Souza Carneiro (1912-1972) insinua que

[384] Carta de Lipkind para Mrs. Urbach, 30 de maio de 1939, FBP, APS. Kate di Pierri tornou-se uma amiga próxima de Ruth Landes no Brasil, ao lado de Maria Júlia Pourchet e de Isabel do

Torres tivesse uma predileção especial por Quain em algumas de suas cartas enviadas para Ruth Landes, num período em que suas relações com a diretora do Museu Nacional ainda eram marcadas pela desconfiança.[385] No entanto, Quain se suicidou no dia 3 de agosto[386] e Torres confiava que Charles Wagley fosse o mais indicado para trabalhar em seu lugar.

Em carta do dia 2 de dezembro de 1940 (FBP, APS), Franz Boas se aproximou de Torres expressando seu desejo de que Lipkind desenvolvesse um projeto nos moldes daquilo que era pretendido por ela: realizar pesquisas e treinar jovens cientistas brasileiros. Conforme já mostrei no Capítulo 5, Lipkind havia rogado pela interseção de Mrs. Urbach, irmã de Boas que residia no Rio de Janeiro, para que ela

---

Prado, conforme Landes indica no "Foreword" do seu *The city of women* (1947).

[385] Sobre as insinuações a respeito de uma possível relação amorosa entre Torres e Quain, primeiramente, quando do suicídio deste último, Carneiro escreveu que "ella está desolada, mas consegue manter a cabeça no lugar. Outro dia até fez uma pilheria acerca da miss Peck, no mesmo momento em que me contava a morte do namorado" – carta de Carneiro para Landes, 21 de agosto de 1939, "Letters received, Ca", Correspondence, 1931-1991, Ruth Landes Papers, NAA, SI. Ainda a respeito desse fato, escreveu também que "Na quinta-feira conversamos nós dois sós durante meia hora. (como ella estava bonita! Pela primeira vez achei que você tinha razão). Meia hora sobre Quain. Parece que estão surgindo complicações em Carolina por causa do dinheiro que elle deixou. Parece que elle pegou um parasita, que faz uma molestia feia, mas tôla, no pé. Ignorante de molestias tropicais (como vocês todos), elle imaginou que era lepra. D. Heloisa mandou tirar fotos até da arvore onde ele se enforcou. Radiographou para Wogley [sic] e Lipkind. Derivará o amor, por exemplo, em cima do Wogley? That is the question. Censurou vocês novamente por nada terem dito a ella sobre o temperamento do Buell. E affirmou: 'Eu daria a vida para conversar uma hora com a dra. Benedict" – carta de Carneiro para Landes, 28 de agosto de 1939, "Letters received, Ca", Correspondence, 1931-1991, Ruth Landes Papers, NAA, SI. Sobre a desconfiança que, a princípio, nutria por Torres, Carneiro escreveu, a respeito da partida de Landes do Brasil: "D. Heloisa – eu não sei se ela é uma amiga sua ou uma grande artista – chorou (oh! seu pobre lenço) quando o barco Majestade foi removido do cais" (carta de Carneiro para Landes, 8 de junho de 1939, "Letters received, Ca", Correspondence, 1931-1991, Ruth Landes Papers, NAA, SI, tradução livre). Em 18 de setembro, em nova carta para Landes ("Letters received, Ca", Correspondence, 1931-1991, Ruth Landes Papers, NAA, SI), Carneiro ainda afirmou que "D. Heloisa tem sido muito camarada. Estou começando a gostar della, embora ainda lhe faça muitas reservas. Tenho dado os recados que você manda".

[386] A respeito do episódio, vide o capítulo "Cartas de campo: Buell Quain", escrito por Mariza Corrêa (CORRÊA e MELLO, 2008).

tentasse convencer seu irmão a dissuadir Torres da sua substituição por outro nome, pois ele desejava muito retornar ao Brasil.[387] Ao que parece, portanto, as preces de Lipkind foram ouvidas por Boas, pois o mesmo buscou, junto a Frank Aydelotte – *President* do *Swarthmore College* e *chairman* da *Education Advisory Board* da *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* entre 1925 e 1950 (à época estava a cargo especificamente da *Latin-American Division* desta instituição) – uma bolsa para que seu antigo aluno pudesse perseguir os seus objetivos, os quais, acreditava, seriam bem recebidos no Museu Nacional.

Torres escreveu uma carta em resposta a Boas, esclarecendo, em primeiro lugar, que era Kate di Pierri, do Instituto Brasil-Estados Unidos, quem estava tentando viabilizar a vinda de Lipkind para o Brasil, e não ela própria. Em segundo lugar, Torres explicou de maneira bastante franca porque ela não queria que Lipkind trabalhasse no Museu Nacional:

> Nunca houve, da parte do Museu Nacional, qualquer intenção de ter o Dr. Lipkind trabalhando em cooperação com esta instituição. Eu acredito que ele não é o professor apropriado para nossos estudantes brasileiros, que são normalmente muito inteligentes e capazes para o trabalho, mas que possuem um senso crítico muito alto para poderem lidar com alguém tão convencido de sua própria superioridade como Dr. Lipkind.[388]

Torres ainda acrescentou que Lipkind – assim como Landes e ao contrário de Quain e Wagley – não havia entregado os relatórios exigidos pelas autoridades brasileiras. A diretora do Museu Nacional ressentia-se de ter ajudado Lipkind de todas as formas à sua disposição e de não ter recebido a devida contrapartida de sua parte, ainda que ele lhe tivesse deixado uma "bela coleção etnográfica dos carajás para

[387] Carta de Lipkind para Mrs. Urbach, 30 de maio de 1939, FBP, APS.
[388] Carta de Torres para Boas, 2 de janeiro de 1941, FBP, APS, tradução livre.

este Museu" – Torres ainda lamentava informar que as coleções que, por direito, poderiam ser levadas para os EUA por Lipkind, seriam confiscadas pelo fato de que ele não havia preenchido os requisitos legais junto ao governo brasileiro.[389] Por fim, sugere os nomes de Edward Allan Kennard (1907-1989) e Jules Henry Bluemensohn para as pesquisas linguísticas e Wagley para treinamento de campo em antropologia social.

Essa última carta de Torres deixa claro o que ela quis dizer a Julian Steward quando dispensou a implantação do ISA no Museu Nacional por meio da carta de 19 de abril de 1944, apresentada no capítulo anterior. Quando Torres falava de sua experiência com professores que não se adaptam aos modos brasileiros, certamente era a Lipkind que estava se referindo. Isso mostra também que a posição estratégica de Torres no Brasil realmente a colocava em condições de bloquear determinados fluxos transnacionais pensados a partir dos EUA, bem como de negociar trocas que melhor se adequassem ao seu projeto institucional.

Boas escreveu a Blumensohn tão logo recebeu a resposta de Torres, praticamente redigindo a resposta que ele deveria enviar à diretora do Museu Nacional:

> Conte para ela de sua experiência e enfatize, além do seu conhecimento linguístico, seu conhecimento dos problemas em etnologia social; e diga a ela simplesmente que se alguma oportunidade surgir você estaria interessado no assunto. Eu acrescentaria de alguma forma à carta que você esperaria trabalhar sob a direção dela, o que seria particularmente valioso.[390]

---

[389] Para mais detalhes a respeito dos artefatos enviados por Lipkind ao Museu Nacional, cf. Lima Filho (2017).

[390] Carta de Boas para Blumensohn, 10 de janeiro de 1941, Franz Boas Papers, APS, tradução livre.

Uma semana depois disso, Blumensohn escreveu para "*Papa Franz*", dizendo que havia encaminhado uma carta para Torres, como ele lhe havia sido sugerido. Blumensohn queria, no entanto, saber, por precaução, onde ela conseguiria o dinheiro para a sua viagem: "antes de ir para o Brasil, eu tenho que ter algumas garantias muito seguras. Claro, tudo isso não me impediu de protestar meu desejo de ir ao Brasil, meu amor pelo povo brasileiro e, é claro, meu desejo de trabalhar sob aquele **grande cometa antropológico, Dona Heloise [sic]**".[391]

Boas também escreveu uma longa carta a Torres – algo não muito recorrente em se tratando desse antropólogo, em geral muito objetivo e econômico em suas correspondências –, na qual, além de afirmar que os dois nomes por ela sugeridos deveriam ser seriamente considerados, apresenta uma extensa lista de pessoas que também poderiam servir aos planos do Museu Nacional.[392] Mas o que logo se percebe é que essa lista funcionava muito mais para excluir os outros nomes em favor de seus próprios protegidos: Alfred Métraux seria "unilateral a respeito da cultura material" ("*one-sided in regard to material culture*") e, além disso, embora considerasse que ele tivesse feito um bom trabalho no *Gran Chaco*, seus outros trabalhos não seriam tão bons e ele também não possuiria um treino linguístico adequado; as limitações de Herbert Baldus "já deveriam ser conhecidas por Torres" (comentário este já mencionado no Capítulo 4); Paul Kirchhoff (1900-1972) seria um homem difícil e preguiçoso ("*a very difficult man and a very slow worker*"), e sua viagem para Venezuela não teria trazido nenhum resultado; Bernard Mishkin (1913-1954) estaria

[391] Carta de Blumensohn para Boas, 17 de janeiro de 1941, Franz Boas Papers, APS, tradução livre, negrito meu.
[392] Carta de Boas para Torres, 20 de janeiro de 1941, Franz Boas Papers, APS.

disponível para o trabalho etnológico, mas não para o linguístico;[393] Ruth Landes teria trabalhado somente com negros (o que era verdade apenas no que se refere à América do Sul) e também não fazia trabalho linguístico, embora tivesse "habilidade com as pessoas que ela pretendia estudar" ("*she has the knack of people of whom she intends to study*"); Roberto Lehmann-Nitsche (1872-1938), do Museu de La Plata, não teria aproveitado suas oportunidades para treinar gente mais nova e seria um antropólogo físico com pouca noção de etnologia e nenhuma de linguística; por fim, Curt Nimuendajú, que seria "evidentemente um excelente estudante de etnologia", também não teria, segundo Boas, treino linguístico. Boas encerra essa sua interessante carta com uma afirmação que corrobora aquilo que eu apresentei no Capítulo 5: "meu interesse nesse assunto remonta a muitos anos, como você pode ver de um projeto que eu submeti à Carnegie Corporation anos atrás, em 1908".[394]

Nesse ínterim, o *Department of Anthropology* da Universidade Columbia, por meio de seu diretor, Ralph Linton (1893-1953), já se movimentava para viabilizar novo projeto em parceria com o Museu Nacional. Em carta do 11 de dezembro de 1940, escrita após uma conversa informal ocorrida uma semana antes, Linton enviou a Moe cópias do "projeto para pesquisa antropológica combinada ao treino de antropólogos brasileiros" que seria realizado por Charles Wagley

[393] Mishkin teve uma carreira típica dessa antropologia impactada pela Segunda Guerra Mundial: conduziu pesquisas a partir de 1937 pelo *Council for Research in the Social Sciences* da Universidade Columbia; retornou ao Peru como curador visitante do Museu Nacional daquele país em 1941, com uma bolsa do CIAAIR de Moe; entre 1942 e 1946 serviu como tenente da Marinha dos EUA e, entre 1943 e 1945, também como *liason officer* dos governos dos Aliados para assuntos coloniais; a partir de 1948 passou a trabalhar como consultor da UNESCO, tendo visitado diversos países sul-americanos, em especial o Brasil. Acabou trabalhando numa agência de intercâmbio estudantil e esquecido pelos pares (WAGLEY, 1955).

[394] Carta de Boas para Torres, 20 de janeiro de 1941, Franz Boas Papers, APS, tradução livre.

em colaboração com a diretora do Museu Nacional brasileiro.[395] Linton acreditava na viabilidade do projeto, mas precisava de recursos externos para a sua realização, de modo que esperava que isso pudesse interessar ao CIAAIR. À época, Wagley já atuava como professor assistente do departamento, e a disposição de Linton em cedê-lo para projetos a serem executados na América do Sul ao longo de toda a Segunda Guerra Mundial evidencia que essas oportunidades de trânsito transnacional, possibilitadas pelo projeto interamericanista de guerra, eram de interesse também da antropologia acadêmica das universidades estadunidenses.

Passada essa fase inicial de sondagens, Torres começou então a tomar providências mais concretas para a viabilização da vinda dos pesquisadores estadunidenses. Em carta recebida por Moe no dia 25 de março de 1941, a diretora do Museu Nacional o informa do seu interesse nos dois pesquisadores indicados por Boas na carta do dia 20 de janeiro.[396] Torres havia escrito pessoalmente para Frank Aydelotte, a fim de comunicar, aparentemente com a mesma franqueza, o seu repúdio ao nome de Lipkind, e ao *Dean* da Universidade Columbia, objetivando solicitar a substituição de Wagley por um ano (junho de 1941 a junho de 1942) para que o mesmo pudesse permanecer em campo entre os urubus do Rio Gurupí, nos estados do Maranhão e do Pará. É interessante o que Torres afirma a respeito de Wagley: "Devido a uma série de características pessoais (modos, caráter, cultura), Dr. Wagley me parece ser, no todo, a melhor pessoa para lidar não apenas com estudantes, mas também com brasileiros em geral".[397] De Blumensohn, por sua vez, escreve o seguinte: "O conhecimento

[395] "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.
[396] Carta de Torres para Moe, recebida no dia 25 de março de 1941, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.
[397] Idem, tradução livre.

do Dr. Henry sobre linguística e psicologia primitiva e sua prática em ensino fazem dele um elemento indispensável no desenvolvimento de qualquer trabalho etnológico que possa ser empreendido no Brasil".[398] Cabe ainda ressaltar a justificativa apresentada por Torres para a realização do projeto de cooperação: "Eu, uma vez mais, espero que a sua gentil compreensão veja apenas em minha atitude um grande desejo de acelerar o progresso de uma instituição científica que necessita de uma preparação adequada para tomar vantagem de um campo inexaurível de observação que a rodeia: minha pátria".[399]

Aqui é fácil notar que os *filtros* para o trânsito transnacional se invertem. É Torres quem estabelece os parâmetros comportamentais para a vinda de pesquisadores estadunidenses: eles devem se adequar aos "modos" dos brasileiros. É ela também quem define os saberes desejados, e seu interesse pela determinação das línguas indígenas do território brasileiro era o objetivo mais urgente, segundo sua perspectiva, a ser perseguido pela antropologia no Brasil. Por fim, Torres ainda demonstra pouco interesse pelos princípios interamericanistas: seu único objetivo era o "progresso" da instituição científica à qual servia e o conhecimento da sua própria "pátria".

Entre o americanismo e o interamericanismo

O projeto de cooperação, no entanto, teve obviamente que se adaptar às agências financiadoras estadunidenses. Intitulado "*Project for Anthropological Training and Research in Brazil*" e assinado por Wagley e Linton (29 de março de 1941), seus propósitos destacam a urgência da realização de estudos antropológicos no Brasil em termos de relações entre "civilizados" e "primitivos", bem como a participação

[398] Idem, tradução livre.
[399] Idem, tradução livre

de antropólogos(as) na formulação das políticas indigenistas governamentais:

> Os(as) próprios(as) **brasileiros(as) civilizados(as)** oferecem uma oportunidade única para o **estudo dos processos e resultados da mistura racial e cultural**. Nas **fronteiras brasileiras** há muitas **tribos indígenas vivendo ainda sob condições completamente aborígenes**. A **expansão em direção ao Oeste** das populações brasileiras incita francamente à aniquilação destas tribos na próxima geração, a menos que antropólogos(as) treinados(as) possam ter uma parte na **formulação das políticas indígenas do governo brasileiro**.[400]

Reconhece-se, portanto, que também havia "civilizados(as)" no Brasil, e a obra interamericana passa a ser vista então como algo realmente transnacional, que poderia contar com *iguais civilizados(as)* em países que não apenas os Estados Unidos, o que dificilmente teria ocorrido se não fosse a firme tomada de posição de Heloisa Alberto Torres e o estratégico uso que fez dos recursos à sua disposição. Também chama a atenção nesse documento a coexistência de duas práticas antropológicas distintas: aquela preocupada em lutar contra o tempo da extinção de culturas e línguas "primitivas", característica do americanismo boasiano, e, por outro lado, a antropologia de caráter mais aplicado, interessada no estudo das formas de absorção das "culturas primitivas" pela "civilização moderna" e na utilização desses saberes na condução de políticas públicas modernizadoras. As relações entre "raças" consideradas distintas em suas formas peculiares de "acomodação" e "mistura" no Brasil também já começa a chamar a atenção dos pesquisadores estadunidenses, e, para além das "tribos", as "comunidades" também passam a figurar como "campo"

[400] "Project for Anthropological Training and Research in Brazil", "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS, tradução livre, negritos meus.

possível da pesquisa antropológica.[401] É interessante notar ainda que o desbravamento das fronteiras como algo definidor da ação e da identidade estadunidense (TOTA, 2014; FAULHABER, 2016) também pode ser flagrado neste documento, no desejo mal disfarçado de tomar as rédeas da expansão para o Oeste (brasileiro) por meio de seu controle pelo conhecimento antropológico (estadunidense). Há, portanto, uma clara identificação de *fronteira* com *limites provisórios da civilização*. Para Torres, no entanto, tudo isso não fazia diferença, desde que esses impulsos vindos do Hemisfério Norte pudessem ser colocados a serviço do Museu Nacional sem prejuízo de sua soberania.

Ainda que a preocupação com a extinção das "tribos primitivas" evoque uma característica mais diretamente ligada à tradição americanista boasiana, o que podemos perceber é que os projetos ligados a essa vertente encontram cada vez menos espaço nas agências de colaboração intelectual e cultural impulsionadas pela guerra. Antes muito bem-sucedido na conquista de bolsas para seus orientandos tanto pela Fundação Guggenheim quanto pela Fundação Rockefeller (por meio do *Council for Research in the Social Sciences* da Universidade Columbia), Boas agora encontrava dificuldades em emplacar seus planos. É certo que sua influência parece ter sido decisiva na aprovação do projeto de Torres,[402] e que, por outro lado, o seu esgotamento físico e, por conseguinte, relacional, também deve ser considerado. Mas as correspondências que Boas trocou com Moe indicam também que o tipo de prática antropológica defendida pelo

---

[401] "Parte do tempo do etnólogo estadunidense seria gasto em trabalho de campo em uma **comunidade** brasileira selecionada ou entre uma das várias **tribos indígenas** completamente desconhecidas da fronteira" (idem, tradução livre, negritos meus).

[402] Ele ainda escreveu uma carta para Moe no dia 27 de março de 1941 advogando pela necessidade de contratar tanto Wagley quanto Henry – "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.

primeiro interessava cada vez menos a essas novas agências. Vale a pena acompanhar rapidamente a relação de Boas com Moe para que isso fique mais claro.

A correspondência mais antiga entre Boas e Moe arquivada nos *Henry Allen Moe Papers* da *American Philosophical Society* data de 24 de setembro de 1928, quando Moe o procurou solicitando sugestões de nomes para bolsas da Fundação Guggenheim relativas ano de 1929-1930.[403] Entre essa data e a primeira correspondência do ano de 1939, às vésperas, portanto, da deflagração da Segunda Guerra Mundial, Boas e Moe trocaram 19 cartas em que o primeiro figura aparentemente como um distinto consultor para a distribuição de bolsas no campo da antropologia pela Guggenheim.

Em 28 de fevereiro de 1939, no entanto, Moe negou um pedido de verbas feito por Boas, enviado no dia anterior, para a publicação dos trabalhos que Blumensohn havia realizado na América do Sul (ele próprio bolsista da Guggenheim e orientado por Boas anos atrás).[404] Depois, em carta do dia 2 de agosto de 1939, Boas explica para Moe que, por causa da desistência da Fundação Rockefeller em relação ao trabalho antropológico (ao menos do tipo de trabalho antropológico com o qual Boas estava acostumado), vários antropólogos de Columbia, que antes estavam na América Latina,[405] ficaram desempregados.[406] Como considerava indispensável continuar esse trabalho e, diante do interesse de Daniel de la Borbolla, no México, por pesquisas na

---

[403] "Boas, Franz", (#1- #2), HAMP, APS.

[404] Idem.

[405] Em carta anterior, Boas menciona os nomes de Ruth Leah Bunzel, [Hannah Kahn?] Barsky, Jules Henry Blumensohn, William Lipkind, Bernard Mishkin, Buell Quain, Ruth Landes, Irving Goldman (1911-2002) e Morris Seigel (1906-1961, que inclusive também trabalhou para o *Office* de Rockefeller, para o *Office of Strategics Services* – o famoso *OSS*, precursor da *CIA* – e para a ONU) – carta de Boas para Moe, 22 de junho de 1939, "Boas, Franz", (#1- #2), HAMP, APS.

[406] "Boas, Franz", (#1- #2), HAMP, APS.

área da linguística, Boas recomendava veementemente os nomes de Blumensohn e Lipkind a Moe. Este, no entanto, alegou estar viajando e, aparentemente, não respondeu ao pedido que lhe foi feito.[407]

Depois disso, talvez percebendo uma certa indisposição da parte de Moe com relação aos seus projetos, Boas indagou, cuidadosamente, "se problemas científicos puramente abstratos estavam sendo favoravelmente considerados pela Fundação [Guggenheim], ou se há uma tendência a enfatizar os problemas que têm relação direta com nossa situação social e cultural presente".[408] Em outras palavras, Boas queria saber, a final de contas, se a Guggenheim havia abandonado de vez a antropologia puramente científica, autônoma em relação à guerra travada entre as potências nacionais, em favor de uma antropologia aplicada a serviço do governo estadunidense e ao esforço de guerra.

A resposta de Moe, no dia seguinte, parece um tanto ríspida, o que não seria de se estranhar considerando o público e notório conhecimento de que Boas era um pacifista avesso ao tipo de trabalho que seu colega da Guggenheim agora desempenhava, com tanta desenvoltura, no CIAAIR: "respondendo à sua carta de ontem eu devo dizer que não há tendência aqui a enfatizar problemas que tenham relação direta com o presente. Toda nossa perspectiva é encontrar, ou reconhecer, acadêmicos e artistas de primeira classe e, tendo-os achado, dar-lhes oportunidades para fazerem o que *eles* (não nós) quiserem fazer".[409] O tom impaciente pode muito bem ser uma resposta àquilo que Moe porventura considerou, em face do

---

[407] Carta de *Secretary to Mr. Moe* para Boas, 5 de agosto de 1939, "Boas, Franz", (#1- #2), HAMP, APS.

[408] Carta de Boas para Moe, 20 de junho de 1940, "Boas, Franz", (#1- #2), HAMP, APS, tradução livre.

[409] Carta de Moe para Boas, 21 de junho de 1940, "Boas, Franz", (#1- #2), HAMP, APS, tradução livre.

ethos (no sentido de "imagem pública") de Boas, como uma postura dissimulada ou mesmo cínica. Boas ainda pediu uma bolsa para Irving Goldman[410] e ajuda para Paul Rivet, "expulso daqui" ("*ousted from here*"), encaminhando cópia da longa carta que etnólogo francês enviara para Boas em 14 de agosto de 1941, do exílio em Bogotá, e que já foi mencionada no Capítulo 4.[411] Moe, no entanto, negou os dois pedidos e a correspondência entre os dois se encerrou nesse ponto. Não há dúvidas, portanto, de que as transações transnacionais almejadas por Boas passaram a ser sistematicamente bloqueadas por Moe, certamente não em função de desentendimentos pessoais, mas por causa de diferentes percepções a respeito da instrumentalização pela antropologia, dos encontros entre a "civilização" e as "culturas" latino-americanas no cenário da Segunda Guerra Mundial.

Voltemos agora ao projeto de Heloisa Alberto Torres. No dia 9 de abril de 1941, Moe escreveu para Boas, Wagley e Torres confirmando a aprovação do projeto.[412] É bastante interessante o que Boas afirma em carta enviada para Torres, congratulando-se pela conquista no dia 11 de abril:

> Eu estou ansioso para que todo o trabalho sobre os índios sul-americanos possa ser fundamentado por relatos tomados diretamente das línguas indígenas. Este é o único método pelo qual as lacunas dos intérpretes podem ser evitadas e isso é absolutamente necessário tanto para a ciência da linguística quanto para a reconstrução da história indígena.[413]

Esse documento mostra, portanto, os motivos pelos quais a pesquisa etnológica e linguística na América do Sul interessava também à antropologia mais autonomamente acadêmica dos EUA

[410] Carta de Boas para Moe, 20 de junho de 1941, "Boas, Franz", (#1- #2), HAMP, APS.
[411] Carta de 25 de agosto de 1941, "Boas, Franz", (#1- #2), HAMP, APS.
[412] "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS).
[413] FBP, APS, tradução livre.

representada pelo americanismo boasiano, que, como vimos, desde o início do século XX, voltou-se especialmente para os grupos indígenas situados no território brasileiro. Seguindo o raciocínio kuhniano de George Stocking Jr. (vide o Capítulo 3), poderíamos dizer que, para Boas, importava encontrar novas lacunas, ou "quebra-cabeças", que ajudassem a fortalecer o paradigma a cuja construção ele dedicou a sua própria vida.

Nos meses que se seguiram durante o ano de 1941, houve uma intensa troca de correspondência que envolve Torres, Boas, Ruth Benedict, Blumensohn e sua esposa Zunia Henry e o próprio Moe. A princípio, Torres manteria Wagley no Museu com os recursos dessa instituição, mas, com a aprovação do projeto de Wagley pelo CIAAIR, o mesmo dinheiro poderia ser usado na vinda de Blumensohn.[414] Enquanto aguardava o desenrolar dos arranjos no Brasil, Benedict havia conseguido um outro trabalho para Blumensohn, no México; no entanto, ele se sentia desconfortável naquele país e a pesquisa no Brasil o deixava mais entusiasmado.[415] Seu desejo era o de estar no Brasil ainda em 1941. Contudo, com o passar do tempo a situação havia mudado (a sua esposa dera à luz uma garotinha e a Guerra havia sido deflagrada) e Blumensohn, por fim, não se via mais em condições de abandonar a sua família ou trazê-la para tão longe dos Estados Unidos num período tão conturbado e incerto.[416]

---

[414] Carta de Boas para Moe, 11 de abril de 1941, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS; carta de Boas para Zunia Henry, 5 de junho de 1941, Franz Boas Papers, APS.

[415] O projeto foi um requerimento formal de Enrique Arreguin Vélez (1907-?), então subsecretário de Educação no México, para que Blumensohn produzisse um estudo etnológico entre os tarahumaras, a fim de embasar projetos de "ajustamento" dos índios e de criar um centro de treinamento de antropólogos (carta de Benedict para Boas, 2 de julho de 1941, Franz Boas Papers, APS). Blumensohn, no entanto, não acreditava muito nesse projeto, seja pela inércia dos agentes mexicanos ou pelas tensões criadas pelo nacionalismo local em relação aos pesquisadores estrangeiros; além do mais ele não suportava o grupo de Borbolla, que incluía Paul Kirchhoff, e queria sair do México o quanto antes (carta de Blumensohn para Boas, 8 de junho de 1941, Franz Boas Papers, APS).

[416] Cópia de carta de Blumensohn para Torres, 1º de fevereiro de 1942, enviada para Moe em

Torres ainda buscou outros nomes que pudessem substituir Blumensohn, pois tinha o equivalente, à época, a 1800 dólares a serem destinados para esse fim. O primeiro nome de que se lembrou, ainda na carta do dia 12 de fevereiro, foi o de Edward Kennard – ou então de alguém ligado a Edward Sapir. Ralph Linton informou, em resposta a Moe, que Kennard estava bem estabelecido no *US Indian Service* e provavelmente não quereria o trabalho no Brasil. O antropólogo então se lembrou do nome de Ruth Leah Bunzel (1898-1990), mas achava que o montante proposto por Torres era muito baixo tendo em vista a sua "reputação estabelecida", e sugeriu que lhe fosse oferecido, no mínimo, 2400 dólares mais as despesas com o transporte. Outro nome sugerido foi o de Bert Aginsky e sua esposa, e o modo pelo qual se refere ao casal é interessante pois, mais uma vez, deixa transparecer os papéis de gênero desejados para a rede interamericanista:

> Ele é um linguista muito bom, mas mais interessado em organização social. A Sra. Aginsky está agora lecionando em Hunter e é uma *Ph.D.* em linguística. **Ela também é uma mulher particularmente bonita e charmosa que poderia ser uma grande aquisição para as relações familiares e sociais**. Eles são um casal que poderia ser genuinamente útil para a causa da educação antropológica no Brasil.[417]

Uma vez mais, percebe-se que, no caso da "Sra. Aginsky" (cujo nome próprio não é sequer mencionado), tão ou mais importante que o fato de ela ter doutorado em linguística seriam os seus atributos físicos e sua condição de esposa.[418]

---

12 de fevereiro de 1942 ("Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS).

[417] Carta de Linton para Moe, 24 de fevereiro de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS, tradução livre.

[418] A respeito das relações de gênero no campo antropológico, cf. CORRÊA, 2003.

Moe indicou então o nome de Bunzel, que além ter sido treinada pelo próprio Boas na realização de pesquisas linguísticas, falaria espanhol muito bem e já havia sido contemplada com bolsas da Guggenheim por duas vezes. Torres assegurou Moe de que pagaria a quantia anual sugerida por Linton[419] e, no dia 11 de maio de 1942, escreveu pessoalmente para Bunzel, fornecendo-lhe os detalhes do trabalho e esperando que ela começasse em 1943.[420] Ao mesmo tempo, Torres conversava com Berrien a respeito da possibilidade de trazer algum linguista da Califórnia para o Brasil, mas, como afirmou para Moe, estava priorizando o acerto com Bunzel.[421] Numa outra carta enviada a Berrien, Torres deixa mais claro o motivo pelo qual se fazia tão necessário um linguista em seu Museu:

> Antes de qualquer coisa, eu quero realizar estudos de Tupi nas várias tribos que ainda existem e falam diferentes dialetos dessa língua. Eu penso que o tupi tem sido muito estudado a partir de textos e vocabulários antigos e que uma série de problemas a respeito dos quais muita tinta já foi gasta será facilmente resolvida pelo estudo do dialeto de grupos vivos.[422]

Mas em carta de 11 de maio de 1943, enviada para Moe a fim pleitear melhores condições financeiras para a viagem que o linguista João Mattoso Câmara (1904-1970) faria aos Estados Unidos, por meio de bolsa também conseguida por Berrien, Torres mostra que o assunto ainda não havia sido resolvido e sua esperança era de que, com o fim da Guerra, ele pudesse ser retomado.[423] No entanto, como

---

[419] Carta de Moe para Bunzel, 23 de abril de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.
[420] "Latin America: Torres" (#1 - #2), HAMP, APS.
[421] Carta de Torres para Moe, 11 de maio de 1942, "Latin America: Torres" (#1 - #2), HAMP, APS.
[422] Cópia de carta enviada por Torres para Berrien, 27 de maio de 1942, "Latin America: Torres" (#1 - #2), HAMP, APS, tradução livre.
[423] "Berrien, William, (#1-#11)", HAMP, APS.

vimos, as atividades do CIAAIR foram finalizadas naquele mesmo ano e o Museu Nacional não conseguiria realizar a sua pesquisa linguística por meio das oportunidades abertas pelo esforço interamericanista.

De qualquer maneira, enquanto isso, tudo transcorria aparentemente bem com o trabalho de Wagley. Em carta do dia 11 de agosto de 1941, ele demonstra entusiasmo com o pequeno grupo de estudantes que ficou sob sua responsabilidade – apenas seis estudantes vinculados ao Museu Nacional, e esperava ainda mais dois da "*University*" (provavelmente se referia à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil) –, e planejava partir com três deles, em novembro, para treinamento de campo na região Norte. Há uma recomendação interessante de Wagley nessa carta: o Rio de Janeiro estava abarrotado, por essa época, de refugiados europeus, de modo que ele precisou ficar na casa de amigos, por um tempo, por falta de vagas em hotéis, mesmo nos de "segunda classe".[424]

Segundo informações prestadas por Torres, Wagley chegara no Rio no dia 28 de julho de 1941. Desde então passara os primeiros dias cuidando de sua instalação e discutindo, até o início das suas aulas no dia 4 de agosto (segunda-feira), os seus planos para o trabalho a ser conduzido durante o ano que se seguiria. As aulas duravam duas horas diárias e, dos seis alunos, apenas três se dedicavam integralmente a elas e iriam, posteriormente, para a prática de campo. A ideia era permanecer três ou quatro meses em sala de aula, quatro ou cinco meses no campo e usar o restante do tempo para analisar os dados recolhidos e produzir relatórios sob a orientação e crítica de Wagley.[425] O seu trabalho não se restringiu a isso, no entanto: Wagley produziu artigos para serem publicados pelo Museu (mais

[424] "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.
[425] Carta de Torres para Moe, 11 de agosto de 1941, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.

especificamente esperava-se que eles pudessem sair no *Boletim do Museu Nacional*[426]), orientou seus estudantes no tempo disponível e proferiu palestras em outras instituições, como a Universidade do Brasil e o Instituto Brasil-Estados Unidos.

Após três meses de aulas, três dos alunos de Wagley (Eduardo Galvão, Nelson Teixeira e Rubens Meanda[427]) partiram para São Luiz do Maranhão no dia 9 de novembro. O próprio Wagley deixou o Rio no dia 14 e só chegou em São Luiz no dia 24, pois Torres achou importante que ele aproveitasse a viagem para conhecer Curt Nimuendajú e o pessoal do Museu Goeldi, em Belém. O grupo de Wagley trabalharia com os guajajaras, uma "tribo" tupi que Torres considerava "pouco conhecida até agora",[428] durante quatro meses e, a partir de abril de 1942, começariam a redigir os resultados de suas pesquisas.[429]

Trilhando as próprias sendas interamericanistas: Charles Wagley e a SESP

De volta ao Rio de Janeiro, Wagley produziu um interessante relato a respeito de uma viagem que fez para São Paulo logo depois de seu retorno:

> Eu passei a semana da Páscoa fora, em São Paulo, para conhecer e ter uma conversa com o pessoal da Escola Livre e

[426] Carta de Torres para Moe, 4 de maio de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.
[427] Segundo informações prestadas por Torres em carta para Moe, 4 de maio de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.
[428] Carta de Torres para Moe, 4 de maio de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.
[429] Carta de Torres para Moe, 19 de novembro de 1941, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS. Na verdade, Wagley voltaria para o Rio no dia 14 de março e seus alunos ficariam por mais três semanas no campo, para experimentarem trabalhar sozinhos e "finalizarem alguns detalhes" ("*finishing some odds and ends*") – carta de Wagley para Moe, 13 de março de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.

> da Universidade [de São Paulo], e depois tive um longo fim de semana numa plantação de café. Este último foi muito luxuoso; devia ser prazeroso ser um barão feudal. Eu gostei do grupo da Escola Livre; eles são de longe o mais avançado grupo no mundo local das ciências sociais. Eles contaram com Radcliff-Brown, anteriormente de Chicago e Oxford, dando um seminário lá este ano. Eu retornarei no próximo mês para dar uma palestra para eles.[430]

Nessa sua segunda estadia no Brasil, Wagley, portanto, começa tecer os seus planos de maneira mais independente, relacionando-se com outros grupos e buscando novas posições no campo antropológico brasileiro. A meu ver, merece ser aqui transcrito o trecho no qual Wagley introduz, de maneira cuidadosa, os seus novos anseios interamericanistas a Moe, na mesma carta mencionada anteriormente, ainda que seja uma passagem um pouco mais alongada:

> Eu tenho uma carta de Linton dizendo-me que meu emprego está garantido para mim em Columbia para o próximo ano, minhas disciplinas atribuídas etc. Não sei se eu devo ficar lá o ano inteiro; eu estou jovem e com uma boa saúde, e com as medidas certas para uma farda. Desta distância, parece-me que **qualquer um que não esteja fazendo algum trabalho suficientemente necessário descobrirá que o governo tem um lugar para ele**. Pessoalmente, eu estou com muita vontade de ir. Várias pessoas têm me escrito, e várias pessoas aqui têm dito que meu lugar lógico nisso seria com o [*Institute of*] *Inter-American Relations* em alguma colocação. No *Coordinator's Office* local, eles chegaram a falar vagamente comigo sobre um lugar no projeto para o desenvolvimento para o Vale Amazônico. **Eles planejam pesquisas trabalhistas, saneamento etc. etc. Meu valor particular nesses planos pareceria ser meus**

[430] Carta de Wagley para Moe, 15 de abril de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS, tradução livre.

> **conhecimentos de sociologia (ou antropologia social) combinados com dois anos e meio de experiência no interior brasileiro. Claro, meu conhecimento da língua e de como as coisas são feitas aqui no Brasil poderia ajudar, também**. Eu lhes sugeri relatórios rápidos em linguagem simples sobre as condições sociais de áreas-chave. **"Áreas-chave" são aquelas áreas que produzem borracha e óleo de palma, nas quais o governo está particularmente interessado por enquanto. Eu penso que as técnicas antropológicas para a coleta de material são particularmente boas para esses propósitos**; ao menos, elas têm provado ser as melhores para o *U. S. Dept. of Agriculture* (o que é testemunhado pelo grupo sob Carl Taylor[431]). […] Francamente, a ideia de estar num esquema colossal como o do desenvolvimento da Amazônia me emociona.[432]

Wagley claramente se imbuiu do "espírito interamericanista". Sua escrita revela uma espécie de senso de utilidade para o ofício antropológico que não está mais associado com aquilo que vinha fazendo até então no Museu Nacional. Seu dever cívico mais premente seria o de servir ao seu governo, de se engajar no esforço de guerra contra a ameaça da *barbárie* representada pelo Eixo. O antropólogo também não deixa dúvidas sobre como o seu conhecimento poderia ser estratégico num momento como aquele: o *Office* de Nelson Rockefeller lhe acenava para sua atuação em *key areas*, ou seja, os espaços sul-americanos dotados, ao mesmo tempo, de recursos naturais e embaraços culturais à produção de trabalhadores aptos a explorá-los. A antropologia era o saber capaz de desvendar o caminho mais eficaz que conduziria homens imersos em *culturas primitivas* ao mundo do *trabalho civilizado*, sem, no entanto, abrir mão dos saberes

[431] Refere-se ao sociólogo Carl Cleveland Taylor (1884-1975)

[432] Carta de Wagley para Moe, 15 de abril de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS, tradução livre.

e técnicas tradicionais que pudessem tornar mais eficaz o labor de alimentação da máquina de guerra moderna.[433]

Já no dia 28 de abril de 1942, Berent Friele (1895-1985), representante especial do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA, que tenho aqui chamado também de "*Office* de Nelson Rockefeller"), enviou uma carta a Moe a fim de acertar a transferência de Wagley do Museu Nacional/CIAAIR para o *Institute of Inter-American Affairs* (IIAA), a respeito do qual já tratei no início do Capítulo 6.[434] Friele era o braço-direito de Rockefeller no Brasil e havia muito tempo era um importante negociante de café no país, especialmente no estado de São Paulo, de modo que é possível suspeitar que a estadia de Wagley, mencionada logo acima, numa luxuosa plantação de café paulista, tenha tido como objetivo justamente tratar dos planos de Rockefeller no Brasil e do papel que lhe caberia nisso.[435]

Em síntese, George Dunham e George M. Saunders haviam chegado no Brasil dia 11 de abril de 1942 a fim de tratar com Arthur de Souza Costa, então Ministro da Fazenda brasileiro, e Sumner Welles, Subsecretário de Estado dos Estados Unidos, a respeito do programa de saneamento a ser administrado de forma cooperativa

---

[433] Sobre o desdobrar ulterior dessa prática por Wagley no Brasil, que estaria afinada à "antropologia do desenvolvimento", cf. Maio (2019).

[434] Carta de Berent Friele para Moe, 9 de julho de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.

[435] De acordo com Antônio Pedro Tota, Friele era o homem de confiança de Rockefeller no Brasil, incumbido da tarefa de "construir a solidariedade continental": "Norueguês de nascimento, Friele imigrara muito jovem para os Estados Unidos e seguira a tradição da família com negócios de café. Trabalhou para a American Coffee Corporation, uma gigante compradora de café do Brasil. Passou um bom tempo no país e acabou casando-se com uma brasileira. Falava português fluentemente e fez muitos amigos aqui, em especial entre os cafeicultores. Nelson o contratou e ele foi o representante do Office no Rio de Janeiro por quase toda a guerra. Tornou-se um grande amigo do milionário, com quem continuou trabalhando mesmo depois que Rockefeller deixou o governo. Friele era muito importante na estrutura montada por Nelson, em especial nas relações com São Paulo" (TOTA, 2014, p. 113).

entre os dois países. Saunders, que permaneceria no Brasil para cuidar especificamente do projeto de saneamento daqui (enquanto Dunham trabalhava para implementá-lo em diversos países latino-americanos), teria ficado impressionado com Wagley: "a experiência do Sr. Wagley no Nordeste do Brasil, sua fluência em português, seu conhecimento de diversos dialetos indígenas, assim como sua verdadeira experiência estudando os problemas sociais dos índios, parecem ser admiravelmente adaptados para uma posição como a de consultor do Dr. Saunders".[436] Restava apenas conseguir a liberação de Wagley do Museu Nacional e de Columbia, o que não causou problema algum.[437] O próprio Wagley se comprometeu a finalizar seus textos e relatórios até junho, quando ingressaria nos quadros do IIAA.[438]

De todo modo, a parceria estabelecida com Torres foi fundamental para que Wagley desenvolvesse, por fim, os seus próprios projetos de trânsitos transnacionais. Esse posicionamento de Torres como uma espécie de intermediária dos projetos interamericanistas no Brasil junto ao CIAAIR ainda rendeu outros benefícios ao Museu Nacional. Além do projeto levado a termo com Wagley, Torres ainda conseguiu emplacar mais dois projetos de cooperação intelectual. O primeiro deles foi realizado por George Sprague Myers (1905-1985), *Associate Professor of Biology* e diretor do *Natural History Museum* da Universidade Stanford, e duraria um ano após a saída de Wagley (e depois seria ainda renovado por mais um), com o propósito de

[436] Carta de Friele para Moe, 28 de abril de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS, tradução livre.
[437] Carta de Linton para Moe, 14 de maio de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS, e de Torres para Moe, 27 de maio 1942, "Latin America: Torres" (#1 - #2), HAMP, APS.
[438] Carta de Wagley para Moe, 29 de abril de 1942, "Latin America: Charles Wagley" (#1 - #7), HAMP, APS.

“trabalhar em colaboração com o Museu Nacional e com o Ministério da Agricultura brasileiro no treinamento de ictiologistas brasileiros e preparar um trabalho sobre os peixes de água doce do Brasil”.[439] O segundo projeto foi realizado em parceria com Llewllyn Ivor Price (1905-1980), paleontólogo de Harvard, também pelo período de um ano a partir da primavera (suponho que do Hemisfério Norte) de 1942, a fim de “trabalhar em cooperação com a Seção de Paleontologia da Departamento Nacional de Produção Mineral [*Brazilian Geological Survey*] e com o Museu Nacional, Rio de Janeiro, no treinamento de jovens paleontologistas brasileiros”.[440] Em ambos os casos, manteve-se a ideia de Torres de aproveitar a disposição interamericana para treinar jovens cientistas brasileiros com pesquisadores mais experientes dos Estados Unidos. O investimento em outras áreas, para além da antropologia, também ajudava a assegurar sua posição junto a outros setores internamente no Museu Nacional, pois, como vimos em sua correspondência com Steward quando da recusa da implantação do ISA nesta instituição, havia uma espécie de ressentimento das outras seções em relação a uma espécie de “abandono” por parte de Torres, que supostamente estaria privilegiando o setor antropológico.

---

[439] “Minutes of the Nineteenth Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations, Recorded April 15, 1942”, p. 78, “Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations” (#9 - #13), HAMP, APS, tradução livre.

[440] “Minutes of the Sixteenth Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations, Held October 14, 1941”, p. 54, “Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations” (#9 - #13), HAMP, APS, tradução livre. Price orientou a desmontagem para restauração do “megatério”, a ossada de um mamífero gigante extinto da paleofauna brasileira e até então em exposição no Museu Nacional. Esse episódio foi alvo da denúncia de naturalistas contrários à direção de Heloisa Alberto Torres a partir de 1946, ou seja, após a queda de Vargas. O nome de Price é citado em relação a esses eventos no documento “Reparos à margem das informações sôbre o Museu Nacional prestadas pelo Senador Hamilton Nogueira, em plenário do Senado Federal, a 2/12/46 na introdução ao seu requerimento de informações ao Ministro da Educação e Saúde”, Cx 07 – envelope 18 – 06/13, Coleção Heloísa Alberto Torres, SEMEAR, MN.

Foi ainda por meio das relações estabelecidas com o CIAAIR que Torres conseguiu, em 1941, com a ajuda de David Stevens, a vinda de uma missão do *Buffalo Museum* para auxiliar na reestruturação das exposições do Museu Nacional.[441] Essa instituição passava, naquele momento, por diversas reformas depois de seu tombamento pelo SPHAN. Veremos, no último capítulo, que essa reformulação foi fundamental para a apresentação de uma narrativa museográfica mais condizente com a concepção de cultura e patrimônio científico e cultural nacionais defendida por Torres no Museu Nacional.

É possível afirmar que a participação de Torres nessa rede específica de trocas, produzida pelo impulso interamericanista da Segunda Guerra Mundial, assegurou a manutenção de sua posição destacada no meio intelectual brasileiro. Torres soube se aproveitar das diferentes tendências antropológicas do seu tempo para delas extrair o máximo possível de recursos e, assim, fortalecer o seu projeto profissional, institucional e ideológico. No auge do americanismo boasiano Torres conseguiu se relacionar diretamente com o grupo de Franz Boas, garantindo para o Museu Nacional a cooperação exclusiva de destacados pesquisadores de Columbia e, mais que isso, interferindo diretamente nos resultados que eles produziram no Brasil. Depois disso, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, encontrou no CIAAIR uma fonte de fluxo de recursos para o Museu Nacional capaz de garantir uma maior autonomia para os seus próprios projetos, algo que não vislumbrou, por exemplo, no projeto do *Handbook* ou do ISA, ambos conduzidos por Julian Steward. Com o final da Guerra, Torres foi ainda capaz de se adaptar a diferentes configurações dos projetos antropológicos transnacionais: buscou, por exemplo, ainda

[441] Carta de Moe para Wagley, 21 de agosto de 1941, “Latin America: Charles Wagley” (#1 - #7), HAMP, APS.

que sem sucesso, a colaboração de Carl Withers para a realização de “estudos de comunidade”, a partir de sugestão do próprio Wagley – que, por sua vez, passou a auxiliar Moe na fundação Guggenheim depois de terminada a Guerra em 1945.[442]

Com o fim da guerra, Torres se engajou em diversas outras formas de colaboração internacional, embebendo-se sobretudo de um novo vocabulário antropológico associado à geografia e à ecologia (DOMINGUES, 2010). Podemos notar, portanto, que uma das atividades percebidas por Torres como capaz de assegurar a sua “credibilidade” local foi o controle dos canais privilegiados de fluxos de recursos criados por essas redes transnacionais. O que as liga entre si é, como fica cada vez mais claro, as diferentes articulações entre as ações de *sujeitos civilizados* em relação a *objetos culturais*.

---

[442] Eu tratei deste assunto na seção dedicada ao ISA. No entanto, a fim de completar essas informações, cabe destacar que o tema surgiu, após conversas que Torres estabeleceu com Wagley, numa carta que a diretora do Museu Nacional enviou diretamente a David Stevens, da Fundação Rockefeller, em 4 de janeiro de 1944, solicitando uma bolsa dessa instituição ou da Guggenheim para que Withers pudesse trabalhar, junto com Luiz de Castro Faria e um outro jovem pesquisador, em “estudos de etnologia regional de pequenas comunidades brasileiras”, assunto no qual o Museu Nacional estaria “muito interessado” – “Latin America: Torres” (#1 - #2), HAMP, APS. Stevens respondeu que, infelizmente, o trabalho do CIAAIR havia sido finalizado em 1º de dezembro de 1943 e, desse modo, não teria mais como prestar esse tipo de assistência financeira; no entanto, sabia, por intermédio de Berrien, que Withers estava em negociações com Steward, por meio da *Smithsonian Institution*, recomendando a Torres que se inteirasse disso – cópia de carta de Stevens para Torres, 16 de fevereiro de 1944, “Brazil, General, 1942-51”, Box 12, Series 5, Areal Subject File, RISA, SI. Essa carta foi encaminhada com cópia para Steward, e foi a partir daí que, como vimos, se iniciou a disputa entre o ISA e o Museu Nacional em torno de seu nome (lembremo-nos de que Steward não estava interessado em patrocinar a vinda de Withers dentro dos parâmetros de trabalho desejado por Torres, uma vez que seu objetivo era subordinar essa cooperação à construção do projeto mais amplo do ISA). No final de 1944, Torres ainda tinha esperança na vinda de Withers, para o que contaria ainda com o apoio de Rodrigo Mello Franco de Andrade (carta de Wagley para Moe, 29 de novembro de 1944, “Latin America: Charles Wagley” (#1 - #7), HAMP, APS). Eu não encontrei, contudo, informações a respeito do desfecho desses planos na documentação pesquisada.

Mas a atuação do CIAAIR não se restringiu à colaboração com o Museu Nacional. No próximo capítulo continuarei seguindo as trilhas dos agenciamentos conectados ao CIAAIR, com um foco especial na sua articulação aos projetos modernizadores paulistas. A descrição dessas relações será fundamental para a compreensão das especificidades do projeto modernizador que retoma seu fôlego a partir de então em São Paulo.

O CIAAIR E SÃO PAULO: DESCOBRIR A CULTURA E CIVILIZAR A NAÇÃO

Neste capítulo mostrarei como um projeto civilizacional específico, sustentado pelos recursos à disposição das novas elites intelectuais e políticas paulistas do início do século XX, acabou por se conectar diretamente aos fluxos interamericanistas que apresentei nos últimos capítulos.

Para tanto, foi fundamental o papel ocupado por Mário de Andrade no interior de um coletivo que, embora guardasse aspectos fundamentais de uma tradição civilizacional paulista mais antiga, passava, entre as décadas de 1920 e o final da Segunda Guerra Mundial, por transformações fundamentais. Mostrarei que essas mudanças se devem, principalmente, aos novos circuitos transnacionais que impactaram os projetos modernizadores brasileiros no período, em especial no que diz respeito aos processos de subjetivação e objetificação proporcionados pelos conceitos de cultura e civilização em seus movimentos interamericanos.

A conformação de uma nova elite

A elite paulista já vinha investindo, desde o final do século XIX, em instituições intelectuais que pudessem servir à projeção de seus interesses regionais ao nível da condução da própria nação. A respeito da fundação do Museu Paulista em 1895, João Batista de Lacerda (1846-1915), então diretor do Museu Nacional, afirmou que “o Dr. Von Ihering tem naturalmente em vista insuflar os ânimos próprios dos paulistas e recomendar aos poderosos do Estado os seus incomparáveis serviços. Procedeu bem, trabalho pro domo sua” (SCHWARCZ, 1993, p. 81). Além do Museu Paulista, outras

instituições que podem ser arroladas nesse grupo são a Faculdade de Direito (fundada durante o Império, em 1827) e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), de 1894. De modo geral, pode-se dizer que todas elas encamparam um discurso de “excepcionalidade” do povo paulista e de uma espécie de “destino manifesto” ou “missão civilizadora” de direção da pátria rumo ao progresso. Isso também conforma uma espécie de consenso mínimo ou proto-identidade comum aos diferentes sujeitos que compuseram as redes relacionais atreladas ao nome de Mário de Andrade. Todos eles, de um modo ou de outro, comungavam desses ideais ou passaram por uma dessas instituições.

Fernando Limongi chama a atenção para um conflito geracional que emerge no interior das elites paulistas a partir da década de 1920. Segundo ele, “já no início dos anos vinte, a diversificação interna do ‘complexo cafeeiro’ teria alcançado tal magnitude que não mais se pode tomar os interesses cafeeiros e paulistas ‘como um bloco inteiriço” (LIMONGI, 1989, p. 114). Com isso, o Partido Republicano Paulista (PRP) se tornou mais fechado em torno dos velhos coronéis do interior, dificultando assim o acesso de um grupo de políticos mais jovens à estrutura eleitoral da Primeira República. Para alcançar tal fim, o partido passou a reforçar sua coesão interna por meio de instrumentos como fraudes eleitorais e decisões arbitrárias a respeito dos nomes indicados para os processos sucessórios, gerando um crescente descontentamento de pessoas que, assim, viam-se alijadas do mundo político-eleitoral.

Essa situação possibilitou a emergência de um grupo identificado a valores que passaram a ser contrapostos aos da velha oligarquia estadual. Em 1917 foi fundada a Liga Nacionalista, voltada, a princípio, para a pregação da necessidade de reformas políticas moralizadoras,

com a adoção do voto secreto obrigatório, da erradicação do analfabetismo e da assimilação do imigrante à comunidade nacional. O caráter "nacionalista" do grupo se ligava ao descontentamento relativo ao alistamento de estrangeiros enriquecidos nos quadros do PRP, algo que não seria admitido na Liga. Os seus membros eram recrutados nas "camadas urbanas educadas" – "sobretudo entre alunos e professores da Faculdade de Direito" (LIMONGI, 1989, p. 116), e era justamente esse ambiente urbano, com seu expressivo contingente de imigrantes – e imigrantes alfabetizados e bem-sucedidos economicamente – que justificava o posicionamento xenófobo do grupo. O jornal *O Estado de São Paulo*, pertencente a Júlio César Ferreira de Mesquita Filho (1892-1969), assumiu o papel de porta-voz das ideias da Liga, e Limongi afirma que o veículo era "um importante ponto de referência profissional e intelectual" para o "mundo cultural paulista das primeiras décadas deste século [XX]", "local das rodas em que se discutiam os problemas e projetos culturais" (LIMONGI, 1989, p. 112). Ali se criou, portanto, um grupo que se identificava como a "elite cultural" do estado e que, por isso mesmo, seria a mais apta a ocupar os postos políticos regionais e mesmo nacionais, ao contrário dos "políticos profissionais" que desmoralizavam a política paulista. Júlio de Mesquita Filho, por exemplo, chegou a afirmar, em matéria publicada n'*O Estado de São Paulo* do dia 22 de novembro de 1922, a propósito do descontentamento com o governo de Washington Luís Pereira de Sousa (1869-1957), que os "políticos militantes" desconheceriam a "missão fundamental dos bandeirantes para com a construção da grandeza da nacionalidade" (LIMONGI, 1989, p. 118).

Quando, em 1925, o próprio Júlio de Mesquita Filho defendia a criação de uma universidade no estado de São Paulo, ficava clara a intenção de civilizar o estado e a nação a partir das elites intelectuais

paulistas: a ideia central era formar “intelectuais desinteressados” capazes de

> dotar o povo de um mínimo de princípios gerais em harmonia com o nosso passado histórico e com as tendências naturais da nacionalidade, isto é, procurando, num esforço continuado e sincrônico, a fórmula intelectual que mais se aproxime de uma ideal unidade de doutrina, sob cuja orientação envolva livremente a coletividade brasileira (apud LIMONGI, 1989, p. 127).

Esses mesmos ideais estavam presentes quando da criação do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo em 1934. O próprio Mário de Andrade afirmou, em carta dirigida a Paulo Alfeu Junqueira Duarte (1899-1984) em 1937, que

> Há que forçar um maior entendimento mútuo, um maior nivelamento geral da cultura que, sem destruir a elite, a torne mais acessível a todos, e em consequência lhe dê uma validade verdadeiramente funcional. Está claro que o nivelamento não pode consistir em cortar o tope ensolarado das elites, mas em provocar com atividade o erguimento das partes que estão na sombra, pondo-as em condições de receber mais luz. Tarefa que compete aos governos (apud FROTA, 1981, p. 22).

Silvana Rubino também liga o conjunto de iniciativas culturais empreendidas na prefeitura de São Paulo na década de 1930 aos ideais que se prendem a uma identidade cultural e política paulista criada ao longo da Primeira República:

> As associações, seus artigos, a revista que por um período foi seu veículo, o departamento, tudo isso formava um conjunto de iniciativas no campo da cultura que se pretendiam não apenas exemplares como ‘germinadoras’ de similares em todo o país. Esse caráter embrionário, lançador de sementes, é uma

> demonstração de como grupos da elite paulista mantinham um forte ressentimento em relação ao resto do país enquanto tinham planos de tornar São Paulo um centro ao menos de cultura (RUBINO, 1995, p. 487).

Como lembra Limongi (1989), a Liga Nacionalista seria o embrião do Partido Democrático (PD), que faria oposição direta ao PRP a partir de sua fundação em 1926. Segundo relato de Antônio Cândido de Mello e Souza (1918-2017), "foram elementos ligados de um modo ou de outro ao Partido Democrático, ou aos seus próceres, que tiveram iniciativas como a fundação da Universidade, a criação da Faculdade de Filosofia, o contrato das missões estrangeiras de professôres, a criação de Departamento Municipal de Cultura, que deveria transformar-se em Estadual através de um Instituto" (CANDIDO, 1971, p. XVI). Foi nesta "espécie de esquerda democrática" formada "dentro ou na periferia" do PD (CANDIDO, 1971, p. XVI), que se reforçaram os laços identitários de uma parcela dinâmica da intelectualidade paulista em torno dos valores da civilidade moderna dos herdeiros dos bandeirantes, da descoberta estética da cultura popular e de uma missão civilizadora a ser realizada por meio do Estado.

O "relato mítico" de Paulo Duarte (RUBINO, 1995, p. 485) de fato lança luz sobre esse entrelaçamento entre política e cultura em São Paulo. Duarte era "redator-chefe" do *Diário Nacional*, órgão oficial do PD, "onde convivemos os tempos duros da luta contra o Partido Republicano Paulista e onde meu grupo (Amadeu Amaral e outros) se entrosou com o grupo de 1922. Mário participava do nosso entusiasmo regenerador, embora não se metesse nos embates políticos" (DUARTE, 1971, p. 2).[443] Segundo Duarte, Mário de Andrade fazia parte do grupo

[443] O folclorista Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado, ou simplesmente Amadeu Amaral (1875-1929), era um membro atuante da Liga Nacionalista e foi uma das maiores influências de Paulo Duarte, como ele mesmo reconhece. Por "grupo de 1922" Duarte

de intelectuais e políticos que se reuniam regularmente no apartamento que dividiu, primeiramente, com Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966), e, depois, com Nino Gallo, na Avenida São João. De que se tratava de um núcleo de conspiração política do PD não deixa dúvida o fato de que, segundo Duarte, seu apartamento foi invadido pela polícia em 1932, ocasião em que seu companheiro, Nino Gallo, foi preso (DUARTE, 1971, p. 50). Mas ali também se bebiam bons vinhos, ouvia-se música num gramofone e elaboravam-se projetos culturais que, a partir de São Paulo, deveriam ganhar o Brasil, sendo que um deles seria o do próprio Departamento de Cultura. Dentre as pessoas que ali se encontravam, Duarte se lembra, além de Mário de Andrade, dos nomes de António Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira, mais conhecido como Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), Tácito de Almeida (1889-1940),[444] Sérgio Milliet, Antônio Carlos Couto de Barros (1896-1966),[445] Henrique da Rocha Lima,[446] Rubens Borba de Moraes, Nino Gallo e Randolfo Homem de Melo, além de outros que apareciam esporadicamente, como André Dreyfus (1897-1952) e José Wasth Rodrigues (1891-1957).

Paulo Duarte dá a entender que a escolha pelo serviço público para a implementação dos projetos desse grupo era algo de cunho pragmático:

> Pois foi nessa sala [do apartamento da Avenida São João], em torno da fria mesa de granito, que um de nós – quem poderá saber qual de nós? – falou na perpetuação daquela roda numa organização brasileira de estudos de coisas brasileiras e sonhos

---

obviamente se refere aos artistas e intelectuais envolvidos com a Semana de Arte Moderna daquele ano.

[444] Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo.

[445] Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo.

[446] É possível que se trate do importante médico e pesquisador do Instituto Biológico, Henrique da Rocha Lima (1879-1956).

> brasileiros. Mas cadê dinheiro? O nosso capital eram sonhos, mocidade e coragem. Havia quem conhecesse uns homens ricos de São Paulo. Mas homem rico não dá dinheiro para essas loucuras. Quando muito deixa para a Santa Casa. Caridade espiritual, jamais. Que testamento pinchou legado para uma universidade ou para uma biblioteca? A nossa gente ainda está no paleolítico da caridade física. À vista de tantos argumentos, ficou decidido que um dia seríamos govêrno. Só para fazer tudo aquilo com dinheiro do governo (DUARTE, 1971, p. 50).

No entanto, era comum entre os formados na Faculdade de Direito de São Paulo – e muitos deles compunham esse grupo de políticos e intelectuais – defender uma concepção orgânica e autoritária de Estado, cujos postos diretivos deveriam ser ocupados por uma elite intelectual capaz de guiar e dar forma a uma coletividade percebida como amorfa (LIMONGI, 1989). Além disso, os pronunciamentos dos membros da Liga Nacionalista atestam o profundo ressentimento da elite intelectual paulista por não ter ocupado o lugar que supostamente lhe seria de direito, pelo seu papel de "cérebro" de uma coletividade que, para além desses sábios, era apenas "força bruta". Havia, portanto, algo mais neste grupo que o desejo pragmático de uso do Estado. Do contrário, essas pessoas, do mais militante (a exemplo de Paulo Duarte) ao mais desconfiado (a exemplo de Mário de Andrade) não teriam participado diretamente do conflito armado de 1932.

Os paulistas saíram derrotados da "Revolução de 1932" e os seus principais mentores – dentre eles o próprio Paulo Duarte – foram exilados a partir da rendição de outubro. Mas a nomeação de Armando de Salles Oliveira (1887-1945), também oriundo dos quadros originados no PD, para a interventoria no estado de São Paulo em 1934 trouxe a acalentada oportunidade de implementação dos projetos culturais esboçados no apartamento da Avenida São João.

Segundo Paulo Duarte, Fábio da Silva Prado (1887-1963), que fora nomeado por Salles Oliveira para a Prefeitura, o procurou naquele mesmo ano para que começassem a organizar o Departamento de Cultura, e Duarte indicou o nome de Mário de Andrade para a sua condução.

Neste ponto é importante perceber que um conjunto de valores começa a moldar as subjetividades paulistas, em especial aquelas de classe média, de maneira mais abrangente. De acordo com Cristina Peixoto-Mehrtens, esse período representa um "momento liminar", isto é, um contexto de transição no qual uma identidade paulista se cristaliza por meio de um aparato burocrático em expansão. Essa burocracia abrangia diversos grupos sociais, mas principalmente uma camada da "classe média urbana" composta por intelectuais, engenheiros, técnicos e demais funcionários públicos que, por intermédio do aparato estatal – cujos limites entre o "público" e o "privado", no entanto, ainda não se encontravam plenamente definidos – dariam forma à *modernidade* local. Essa "forma" à qual me refiro não estaria desligada das construções identitárias bandeiristas forjadas ao longo da Primeira República: "O corpo administrativo fundiu os ideais de 1932 aos trabalhos na cidade, e o trabalho de intelectuais e engenheiros municipais misturaram profundamente status e produção" (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, p. Loc 2765, tradução livre).

Peixoto-Mehrtens mostra, por meio da análise da *Revista do Arquivo Municipal*, que tanto o Departamento de Cultura (DC) quanto o Departamento de Obras Públicas (DOP) serviram como instrumentos dessa transformação identitária: "por um lado, o DOP abriu avenidas em São Paulo e, por outro lado, o Departamento de Cultura produziu história nomeando essas obras e explicando historicamente os novos espaços" (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, p. Loc 2765, tradução livre).

Outras frentes de trabalho no interior do DC ainda contribuíram no mesmo sentido: a premiação de trabalhos históricos que lidassem com a criação das tradições urbanas paulistanas,[447] e a *Revista do Arquivo Municipal*, que também passou a ser editada no âmbito do DC, ajudaram "a preparar o cenário para a historicização de São Paulo como um estado feito pelas famílias *quatrocentonas*. Isso refletiu uma abordagem social darwinista, spenceriana e evolucionista que já caracterizava a maior parte dos setores conservadores paulistas" (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, p. Loc 2814, tradução livre).

Analisemos agora, com mais vagar, o processo que levou Mário de Andrade à frente da instituição produzida pela elite intelectual paulistana a fim de descobrir a cultura brasileira a partir de São Paulo e, assim, num futuro próximo, civilizar o Brasil.

Das viagens de descoberta do Brasil à burocracia: a subjetivação de Mário de Andrade e a objetificação da cultura nacional por meio do patrimônio cultural

A obra e a atuação de Mário de Andrade, ao mesmo tempo datadas e abertas, continuam se desdobrando em inúmeros trabalhos. Essa subjetividade continua sendo alvo de persistente reconstrução, como se ela portasse a esperança de uma modernidade ideal, perdida no passado, mas ainda desejada para o futuro. A sua voz é constantemente reinvocada por meio dos incontáveis registros que ele nos legou num trabalho de esmerado arquivamento de si. Seu imenso espólio epistolográfico, suas coleções de fotografias, artefatos e obras de arte, seus arquivos burocráticos,[448] tudo foi disposto para

[447] Eurípedes Simões de Paula (1910-1997), que se formou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ganhou o prêmio de 1936, com uma monografia sobre João Teodoro Xavier de Matos (1828-1878), presidente da província de São Paulo entre 1872 e 1875.

[448] A parte mais significativa deste acervo se encontra hoje abrigada no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

uma infindável produção de presença, passível de ser montada e remontada pela obra de outros e novos sujeitos da modernidade, que se veem assim atravessados por essa fantasmática subjetividade originária. A todo(as) a linguagem andradina captura por um tom de proximidade, de camaradagem, de conforto e calor humano, que talvez ninguém consiga igualar, a tal ponto que em muitas narrativas ele é simplesmente o *Mário*, quase um velho amigo. Esse nome próprio parece vagar sem descanso por causa de uma espécie de obra de feitiçaria: a sua correta reinvocação ritual é capaz de trazer uma vida de sucesso acadêmico, mas tudo isso é acompanhado da maldição da perpetuação da própria modernidade à qual sua constituição está atrelada. Mário de Andrade sucumbiu como poucos ao mal moderno do arquivo (DERRIDA, 2001): investiu-se do poder arcôntico, acumulando cartas, obras de arte "erudita" e "popular" e outros artefatos que representariam a nossa cultura de tal forma que produziu uma poderosíssima presença espectral de si próprio, capaz até mesmo de vencer a morte. O preço da eternidade foi se tornar essa espécie de alma penada, que vaga por teses, artigos, livros, exposições e outros tantos objetos amaldiçoados que não cessam de invocar sua presença.

O poema "Eu sou trezentos..." parecia antever essa maldição:

> Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
> As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
> Ôh, espelhos, ôh! Pirineus! ôh caiçaras!
> Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!
>
> Abraço no meu leito as milhores palavras,
> E os suspiros que dou são violinos alheios;
> Eu piso a terra como quem descobre a furto
> Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!

> Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
> Mas um dia afinal eu toparei comigo…
> Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
> Só o esquecimento é que condensa,
> E então minha alma servirá de abrigo (ANDRADE, 1972).

Mário de Andrade faz parecer nestes famosos versos que ele podia sentir o processo de subjetivação que o perpassava e ao qual ele se entregou. Aos poucos ele se "desgeografizava", os efeitos de sua fala e de seus atos fugiam ao seu controle, o seu *ethos* se desdobrava em outros trezentos, trezentos-e-cincoenta. Ao final, ele parece também expressar a dor que isso lhe causava, o desejo de se livrar desse fardo pesadíssimo, o que lhe escapa num aparente pedido de descanso: "Só o esquecimento é que condensa,/ E então minha alma servirá de abrigo".

Um dos Mários de Andrade desdobrados nas narrativas acadêmicas é o *Mário Patrimônio*. Esse Mário de Andrade teria nascido em 1919, quando fez sua primeira "Viagem de Descobrimento do Brasil" (NOGUEIRA, 2005), retomada, em 1924, ao lado de Olívia Guedes Penteado (1872-1934) e de seu genro, Gofredo Teixeira da Silva Teles (1888-1980), do então casal Tarsila do Amaral (1886-1973) e José Oswald de Sousa de Andrade (1890-1954) com o filho Nonê (José Oswald Antônio de Andrade Filho, 1914-1972), e do poeta francês Blaise de Cendrars (1887-1961). O modernismo pau-brasil e depois antropofágico teria surgido aí, nessa sua segunda viagem para o coração de Minas Gerais, o que significa dizer, em outras palavras, que esse é o momento em que se percebe, na condição de um grupo, uma solução estética capaz de liberar um novo futuro brasileiro por meio da materialidade do seu passado.

O irmão gêmeo desse modernismo é o patrimônio cultural nacional. Era preciso proteger tudo o que servisse de matéria-prima para a modernidade estética brasileira. Não por acaso, 12 anos depois, o “Anteprojeto do SPAN” , produzido por Mário de Andrade em nome do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo e a pedido de Gustavo Capanema, aponta como objeto da proteção pelo governo federal o “patrimônio artístico nacional”, que é definido como “todas as obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil” (ANDRADE, 1981, p. 39).

As “viagens etnográficas” de Mário de Andrade, realizadas entre 1927 e 1929, foram os desdobramentos dessas primeiras descobertas e os deslocamentos que permitiram a fixação de um método – método de objetificação da nação por meio de seu patrimônio cultural, ou, poderíamos também dizer, de seu patrimônio etnográfico. De acordo com Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo,

> A coleta de documentos, realizada durante a permanência no Norte e no Nordeste, frutificará no magno projeto de **Mário etnógrafo**, *Na pancada do ganzá*, que recebe publicação póstuma, organizado por sua discípula Oneyda Alvarenga, como os volumes *Danças dramáticas do Brasil*, *Música de feitiçaria no Brasil*, *Melodias do boi e outras peças* e *Os cocos*. O encontro com o ‘cantador sublime’ Chico Antônio, no engenho Bom Jardim, Rio Grande do Norte, não se resume às músicas recolhidas e aos folhetins a ele dedicados na coluna *O Turista Aprendiz*. Será matéria do romance inacabado *Café* e da série ‘Vida do Cantador’ na coluna Mundo Musical, na *Folha da Manhã*, de São Paulo, em 1943 (LOPEZ e FIGUEIREDO, 2015, p. 35, negrito meu).

Esses são momentos em que a subjetividade se constitui ao lado de um processo que foi relatado como o de descoberta ou de invenção da *cultura nacional* por Mário de Andrade, algo que comportaria uma experiência não mais coincidente com a da velha civilização europeia: “O viajante metropolitano posto em contato, no espaço amazônico, com o desmesurado ‘na magnificência daquela paisagem feita às pressas’, [se depara] com situações incomuns perante a expectativa do ‘europeu cinzento e bem arranjadinho que ainda tenho dentro de mim [...]” (apud LOPEZ e FIGUEIREDO, 2015, p. 38). Além disso, essas viagens permitiram o cultivo de uma rede de contatos e trocas que teria alçado Mário de Andrade a uma posição de grande centralidade inter-regional.[449] A partir dessas viagens,

> a figura de Mário parece ter se constituído na década seguinte como um polo crucial de investimentos e intercâmbios coletivos. É que, desde as viagens, cada vez mais o escritor atuava como intelectual público, talvez o grande intelectual público do país à época, engajado na organização da cultura e na constituição de um dos pontos de vista mais originais, complexos e abertos do Brasil, graças ao trabalho permanente de pesquisa, interpretação, crítica e divulgação das artes, de atuação junto à imprensa, de formulação de políticas e instituições, de estabelecimento e preservação de um patrimônio cultural nacional (LOPEZ e FIGUEIREDO, 2015, p. 38).

É preciso notar, portanto, que esse tipo de subjetividade moderna, imbuída de uma missão redentora da nacionalidade por

[449] Segundo Lira (2015, p. 366), “com as viagens ao Norte e Nordeste, contudo, para além das experiências pessoais de maravilhamento e reflexão nelas descritas, o escritor parece ter consolidado uma liderança incontrastável em uma rede intelectual bem mais ampla, variada e influente que a anterior, absorvendo também anfitriões e cicerones como Rodrigo Melo Franco de Andrade, Godofredo Filho, Sérgio Olindense, Luís da Câmara Cascudo, José Américo de Almeida, Antônio Bento de Araújo Lima, Ascenso Ferreira, Joaquim Inojosa, Cícero Dias, Jorge de Lima, entre vários outros”.

meio da descoberta de sua verdadeira cultura, é algo construído relacionalmente: é em função da troca de experiências, informações, contatos e recursos que se constituía aos poucos o "Mário Patrimônio". Se, num primeiro momento, essas conexões adquirem um alcance geográfico inter-regional, posteriormente, nas décadas de 1930 e 1940, como mostrarei adiante, elas se tornam cada vez mais transnacionais.

A primeira dessas "viagens etnográficas", realizada a partir de maio de 1927 ao lado, mais uma vez, de Olívia Guedes Penteado, agora acompanhada de duas adolescentes, sua sobrinha Margarida Guedes Penteado e a filha de Tarsila do Amaral, Dulce do Amaral Pinto, passou, como escreveu Mário de Andrade, "pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega".[450] Nessa viagem, no entanto, Mário de Andrade ainda não dispôs da liberdade necessária para o desenvolvimento de um inventário sistemático da "cultura nacional".[451] Ele é ainda um "turista aprendiz", aguçando a sua sensibilidade para captar, ou inventar, por meio das coisas folclóricas, a essência da nacionalidade.

Na sua segunda "viagem etnográfica", Mário de Andrade visitou o Nordeste entre novembro de 1928 e fevereiro de 1929, presenciando, portanto, as festividades ocorridas entre o natal e o carnaval. Lá o papel de turista deu lugar ao de folclorista já munido de preocupações

---

[450] Esse é o subtítulo que consta do dossiê completo sobre as viagens de 1927, que serviu de base para a publicação recente do livro *O turista aprendiz*, e que seria uma paródia ao título de um outro livro, publicado por seu avô materno, Joaquim de Almeida Leite Morais: *Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins e do Pará à corte*: considerações administrativas e políticas (LOPEZ e FIGUEIREDO, 2015).

[451] Ainda segundo Lopez e Figueiredo (2015, p. 23), "os passeios e os compromissos oficiais – pois Dona Olívia fora recomendada por Washington Luís, o presidente da República, aos presidentes dos estados, que haviam desdobrado a recomendação aos prefeitos – tinham-lhe frustrado a entrega sistemática à coleta de manifestações da cultura popular".

etnográficas,[452] ao lado das obrigações como correspondente do *Diário Nacional* – o órgão oficial do PD. Seria esse, portanto, o momento de definição metodológica de construção daquilo que Antônio Nogueira chama de "inventário dos sentidos".[453] José Tavares Correia de Lira também destaca o caráter de maior sistematização da segunda "viagem etnográfica" do polígrafo paulista.[454]

---

[452] De acordo com Lira, "ao que tudo indica, o interesse do escritor pelo folclore é anterior a suas viagens, tendo ele encontrado incentivo para o estudo e apropriação literária da cultura popular já nas conferências proferidas por Afonso Arinos, em 1917, na Sociedade de Cultura Artística. Ao lado da leitura de estudiosos do assunto, como Sílvio Romero, Pereira da Costa, Mello Moraes Filho e Couto de Magalhães, havia o trabalho de coleta que se mescla à criação do poeta de Pauliceia desvairada, em 1922. Há evidências ainda de informações sobre tradições brasileiras em sua poesia de 1924 a 1926, quando compôs o 'Noturno de Belo Horizonte' e a maior parte de *Clã do jabuti*. Em 1926, o autor já demonstrava conhecer uma grande quantidade de lendas populares brasileiras, registradas e não registradas, tendo se debruçado sobre os livros do etnólogo Koch-Grünberg sobre a Amazônia e, muito especialmente, sobre os capítulos acerca de música e lendas indígenas, base de seu *Macunaíma*, sendo então redigido" (op. cit., p. 368). Elizabeth Travassos (2002, p. 99), por sua vez, destaca que à época dessas viagens "a análise da cultura popular por Mário de Andrade inclinava-se numa direção intelectualista que se manifestou na curiosidade por processos mentais, no espanto diante de práticas aparentemente irracionais, no desejo de desvendar a 'psicologia dos seres incultos' (expressão usada na crônica 'Notas sobre o cantador nordestino'). Tal inclinação facilitou a recepção favorável das leituras sobre pensamento pré-lógico e mentalidade primitiva, tal como discutidos por Lucien Lévy-Bruhl. É nesse terreno que se encontra um desenvolvimento interessante dos problemas colocados pelas diferenças culturais percebidas entre 'eles' (o povo) e 'nós' (indivíduos 'cultos', 'educados')". Ainda segundo Travassos, foi a apropriação do conceito de mentalidade primitiva de Lévy-Bruhl "que, com Edward Tylor e James Frazer, constitui o trio de referências antropológicas básicas de Mário, que lhe forneceram instrumentos conceituais para pensar as particularidades da cultura brasileira e da cultura popular, de uma perspectiva que privilegiava os fenômenos mentais. Entre outras coisas, podem ter contribuído para cristalizar a ideia de que o folclore contém sobrevivências de estágios anteriores à civilização" (TRAVASSOS, 2002, p. 101-2).

[453] Segundo Nogueira, "O rico e farto material que colheu revela os sentidos físicos e simbólicos do Brasil (materializados na arquitetura, nas artes plásticas, na literatura, na poesia, nos modos de vida) e uma sistemática pesquisa sobre cultura popular (festas, música de feitiçaria, melodias de boi, poesia popular, coco, crenças, falas, superstições, arquitetura, imaginária sacra). Mas registrou também cores, aromas e sabores" (NOGUEIRA, 2005, p. 43-4).

[454] "Se, na Amazônia, o viajante parecia bem mais disponível ao *décor* equatorial, à apreensão estética das paisagens naturais e humanas e ao trabalho literário, agora o propósito era mais específico. A vocação etnográfica do empreendimento, o trabalho de coleta, o registro instrutivo, inclusive fotográfico, impunham-se como mote fundamental do deslocamento

Mário de Andrade se constituiu, portanto, como um sujeito etnógrafo ao mesmo tempo que constituiu a nação como objeto de sua etnografia. Essa dupla produção tornou-se possível por intermédio de um certo tipo de "coisas", que Mário de Andrade identificaria como o "patrimônio artístico nacional". A natureza, a "cultura material" e as próprias coletividades humanas, todas elas tornadas "objetos" do sujeito etnográfico, impactam a sensibilidade do viajante, permitindo assim a produção tanto de uma subjetividade quanto de uma objetividade da modernidade nacional. Lira apresenta muito bem essa *agência própria das coisas* em seus cruzamentos com o sujeito Mário de Andrade:

> Das formas de contato entre o visitante e os nativos, das paisagens naturais às paisagens edificadas, da fauna e da flora a suas imagens e apropriações humanas, da cultura material em seus usos e significados, dos costumes, ritos e festas, urbanos, ribeirinhos e indígenas a suas representações, impasses e transformações, das artes populares e ameríndias às questões sociais e econômicas que as envolvem, a experiência em campo parecia não apenas fornecer-lhe elementos, motivos e sugestões para a criação artística, mas também princípios de juízo estético, antropológico, filosófico, político, que viriam a desempenhar papel decisivo na constituição de um arsenal de valores e narrativas culturais nacionais (LIRA, 2015, p. 387).

Essas coisas passaram a ser dotadas de um valor de autenticidade e de raridade (afinal, a "civilização" artificial europeia estaria acabando com elas), e a sua missão – bem como a dos demais intelectuais identificados com o projeto andradino – seria inventariar

---

pelo Nordeste. Se no primeiro caso as sensações de ócio, tédio, deriva ou evasão pareciam acompanhar o viajante, desta vez vemo-lo engajar-se resolutamente nas atividades de estudo, movimentando-se entre um estado e outro, as capitais e o interior à procura de seus objetos, fontes e informantes" (LIRA, 2015, p. 376).

e proteger toda essa “matéria-prima” de uma nacionalidade a ser elaborada. Esse era o sentido da modernidade brasileira da qual esses intelectuais se tornaram, de maneira abnegada, produtores e reprodutores.

Embora imbuído de algo que aqui eu chamaria despretensiosamente de “orientação etnográfica”, Mário de Andrade era ainda um “etnógrafo amador”. Foi a ascensão política, no estado e na capital de São Paulo, do grupo constituído em torno do PD na década de 1920, que abriu, a partir de fins de 1934, uma avenida de oportunidades para que Mário de Andrade pudesse, enfim, conferir um caráter científico ao projeto modernizador (e civilizador) do qual se tornou porta-voz.[455]

Mário de Andrade e a burocratização da cultura nacional

A este respeito, Cristina Peixoto-Mehrtens chama a atenção para algo aparentemente pouco desenvolvido pela historiografia brasileira. Independentemente do alcance das redes relacionais que possam ser reconstituídas a partir da subjetividade de Mário de Andrade antes de sua passagem pelo Departamento de Cultura, é depois de 1934 que elas parecem ter adquirido uma notoriedade mais concreta:

> Dos anos 1930 em diante, o serviço público conferiu legitimidade, potência e reconhecimento para o novo intelectual profissional. Por exemplo, antes de seu mandato como diretor do DC, Paulo Duarte reconheceu que as pessoas não levavam Mário de Andrade a sério. Mário de Andrade era visto como um ‘futurista amalucado, talentoso, mas não confiável, de quem mesmo *O Estado de São Paulo* havia recusado contribuições’. Antônio

[455] Dentre os inúmeros trabalhos que tratam desse processo, cf. Rubino (2002), Nogueira (2005), Valentini (2010) e Lira (2015).

> Cândido também confirmou que antes de sua influente posição municipal como diretor do DC, Andrade era visto como 'um tipo descuidado, sensacionalista e demolidor'. Enquanto diretor do DC e chefe da Divisão de Expansão Cultural, Mário de Andrade adquiriu uma legitimidade intelectual contemporânea que o intelectual e escritor Oswald de Andrade nunca teve (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, Loc 3387-3398, tradução livre).

É inegável que Mário de Andrade possuía amigos(as) antes de assumir o Departamento de Cultura. No entanto, a posição de *diretor* e de *chefe* lhe dava condições de colocar os outros humanos e não humanos trabalhando em prol de seus juízos pessoais e sob suas ordens. Mário de Andrade foi assim alçado, como outros(as) intelectuais/gestores(as) públicos, a um posto que lhe permitia controlar e distribuir recursos e posições em larga escala, num momento em que o aparato estatal se tornava, no país, um dos principais reservatórios desse tipo de poder. Uma vez no Departamento de Cultura, Mário de Andrade pôde mobilizar outras instituições, a exemplo da USP e da ELSP, e projetar sua rede de contatos, que antes era apenas inter-regional, ao nível transnacional, como veremos na próxima seção.

Com isso, o inventário e a proteção das matérias-primas da nacionalidade poderiam, enfim, adquirir o caráter profissional (etnográfico) desejado por Mário de Andrade. Bastaria reunir um contingente significativo de intelectuais que representassem, sem deixar dúvidas, essa postura, de modo a situar o DC num lugar exterior e superior ao folclorismo diletante que então se praticava. Era necessário, ao mesmo tempo, formar novos quadros que pudessem garantir a continuidade desse trabalho de longo prazo no futuro. O primeiro passo foi distribuir posições-chave para os amigos de confiança que comungassem do mesmo projeto: Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, a jovem varginhense Oneyda

Paoliello Alvarenga (1911-1984), recém-formada (por Mário de Andrade) no Conservatório Dramático e Musical da capital paulista, e outros. No entanto, esse contingente ainda era restrito, e fazia-se necessário encontrar um outro sistema capaz de aglutinar uma rede de colaboradores de longo alcance – afinal, o projeto tinha uma pretensão de abrangência nacional, e não apenas local, ainda que fizesse parte do aparato burocrático municipal. A solução encontrada foi a fundação de associações – a Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF) e a Sociedade de Sociologia – que fossem capazes de criar um quadro de reserva flexível para os subprojetos que começariam a se multiplicar no DC (RUBINO, 1995).

Foi em meio a esse turbilhão de atividades que Mário de Andrade foi convidado por Gustavo Capanema para esboçar o formato de um "Serviço do Patrimônio Artístico Nacional" (SPAN) , cujos pressupostos são claramente embasados pela experiência no DC, ainda que a contribuição específica de Andrade esteja mais visível neste documento – em especial na separação que faz entre "arte [etnografia] ameríndia" e "arte [etnografia] popular". Mesmo que seu projeto tenha perdido lugar para o Museu Nacional, como já foi adiantado na troca epistolar que abre este livro, Mário de Andrade logrou manter uma posição, ainda que um tanto marginal, no interior do projeto cultural federal que logo viria a inviabilizar a existência autônoma de seus concorrentes regionais: mesmo que de forma relutante, acabou acatando o convite de Rodrigo Melo Franco de Andrade para assumir a chefia da 6ª Região do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em SP.

O então deputado Paulo Duarte, que em 7 de outubro de 1937 publicou o artigo "Contra o vandalismo e o extermínio" n'*O Estado de São Paulo*, almejava construir um órgão semelhante ao SPHAN no estado de São Paulo com o apoio de Armando de Salles Oliveira, e

Mário de Andrade temia que isso confrontasse diretamente os planos de Capanema a este respeito. Os dois paulistas já vinham viajando de carro pelo interior do estado "à procura das ruínas de Santo André da Borda do Campo, da primeira forja do Brasil que ficou por aqui, etc. E está visto que, todos os poetas em estado de descanso exaltado, descobrimos coisas espantosas, casas de bandeirantes e outras loucuras. E está claro que bonitas coisas também".[456] Depois, a pedido de Melo Franco, Mário de Andrade alega "excesso de trabalho" e indica o nome do engenheiro-arquiteto Luís Saia (1911-1975) para a chefia do SPHAN em São Paulo: "poderia propor um rapaz bastante inteligente, estudante de engenharia, dedicado à arquitetura tradicional, não passadista: Luiz Saia. Tem o defeito de ser integralista. Serviria havendo este complexo de inferioridade? Sei que é ativo e como vivo em contacto com ele, poderia orientá-lo bem".[457] Saia participara ativamente do Curso de Etnografia de Dina Dreyfus e fora um dos sócios-fundadores da SEF, tendo apresentado as conferências "Um caso de arquitetura popular" (22 de setembro de 1937, *Boletim SEF* nº 1), "Notas de uma viagem a Bertioga" (11 de novembro de 1937, *Boletim SEF* nº 3), "Catimbó do Nordeste" (19 de agosto de 1938) e "Arquitetura tradicional em Carapicuíba" (3 de fevereiro de 1939) (VALENTINI, 2010, anexos 3, 4 e 5). Mas depois, em carta do dia 13 de abril de 1937, Mário de Andrade escreveu a Franco de Andrade contemporizando a respeito do seu próprio nome para o cargo:

> Tenho pensado muito na proposta que você me faz e, pra ser inteirinho entre nós, confesso que já tinha antes imaginado em ficar eu com o cargo e mandar os pesquisadores. Mas estou

[456] Carta de Mário de Andrade para Rodrigo Melo Franco de Andrade, 27 de setembro de 1936 (ANDRADE, 1981, p. 63).
[457] Carta de Mário de Andrade para R. M. Franco de Andrade, 6 de abril de 1937 (ANDRADE, 1981, p. 65).

> numa hesitação danada. Muito embora eu tenha certeza da minha honorabilidade pessoal e estando certo de em qualquer tempo poder prestar contas com os recibos dos pesquisadores, o simples fato de poder ser xingado de "cabide de empregos" me dói o coração. O título é mesmo 'assistente técnico'? (ANDRADE, 1981, p. 65).

Mais do que lançar o "certeza da minha honorabilidade" à conta de algum tipo de comportamento arrogante, é preciso notar que faz parte do processo de produção e reprodução dessas modernidades específicas convencer as pessoas do seu papel de *sujeitos*: o intelectual genial, o funcionário dedicado e o pesquisador abnegado compõem o repertório do qual essas pessoas se imbuíam por meio de um senso de missão. E foi assim que, mesmo às voltas com o Congresso da Língua Nacional Cantada, Mário de Andrade acatou a nova tarefa, conforme comunicou a Melo Franco em carta do dia 17 de abril de 1937: "Pois bem aceito" (ANDRADE, 1981, p. 66). O papel de "herói civilizador" transparece numa outra correspondência, datada de 23 de maio de 1937 e enviada também ao diretor do ainda não regulamentado SPHAN:

> […] a sua última carta chegada ontem me dizendo que tem pouco dinheiro à minha disposição, veio me facilitar a vida. Realmente só poderei dedicar algum tempo mais fecundo ao SPHAN depois de 15 de julho, quando o Congresso terminar. **Basta dizer que o meu heroísmo foi a ponto de recusar uma viagem à Europa**, representando o Departamento em diversos congressos agora em Paris, e com 40 contos no bolso, é duro, companheiro. Recusei e vão o Sérgio Milliet, da Documentação Social e o Rubens Borba de Morais, das Bibliotecas. **Eu fico pra bem de todos e felicidade geral de não sei mais o quê** (ANDRADE, 1981, p. 67, negritos meus).

Mário de Andrade devia saber muito bem de quem era a felicidade geral: o *objeto* de sua ação de *sujeito* era a *nação*, essa comunidade imaginada em processo de construção. Produzir a modernidade era uma tarefa mal paga em termos financeiros, mas essas subjetividades não esperavam necessariamente uma recompensa em vida: a nação que criavam iria se lembrar deles, por meio de seus arquivos e outros lugares de memória, como seus "heróis civilizadores". Conquistariam a imortalidade perante a coletividade que criavam, e isso era o que bastava. A *sujeição* desinteressada ainda é expressa uma vez mais na mesma missiva:

> Quando foi do seu telefonema, **chamei imediatamente os dois principais colaboradores que vou pagar com meus cobres**, o Nuto Sant'Ana historiador e o Luiz Saia engenheirando dedicado e apaixonado de coisas históricas e coloniais, e lhes dei as incumbências principais (ANDRADE, 1981, p. 67, negritos meus).

E assim começaram os trabalhos da Regional do SPHAN, em articulação com o trabalho que já vinha sendo desenvolvido no DC:

> Chamei também um fotógrafo pra ver se podia nos acompanhar nas viagens imprescindíveis. E estudamos o complexo problema das viagens. Dividimos o Estado em zonas vastas e principais, o vale do Paraíba, o caminho do Tietê, litoral sul, litoral norte, S. Paulo e arredores. Como viajar? Ficou resolvido que de trem é perder tempo imenso e fugir de coisas importantes. É principalmente nos **vilejos e no meio dos caminhos que a gente encontra em S. Paulo coisas mais valiosas sob os dois pontos de vista que mais nos interessam, história e arte** (ANDRADE, 1981, p. 67).[458]

[458] O fotógrafo mencionado é Hermann Hugo Graeser, também conhecido como "Germano".

Essa correspondência atesta também o modo como a nacionalidade brasileira-paulista ia sendo construída, no interior do SPHAN, por meio dos métodos profissionais forjados ao longo do processo de produção do sujeito “Mário Patrimônio” . No último trecho que destaquei, a *viagem* e a *prospecção etnográfica dos arredores* desenvolvidos pelo grupo de Mário de Andrade antes da e durante a consolidação do DC são imediatamente postos a serviço do órgão federal responsável pela definição do patrimônio cultural nacional – e, por conseguinte, da própria nacionalidade.[459] Com um automóvel cedido gratuitamente pelo prefeito Fábio Prado, Mário de Andrade e seus assistentes saíram pelos arredores de São Paulo em busca de monumentos arquitetônicos passíveis de serem tombados pelo órgão federal. O problema era que, do ponto de vista estético, o polígrafo paulista considerava, ainda na carta de 23 de maio, que São Paulo tinha pouco a oferecer em comparação com outros estados:

> Você entenderá comigo que não é possível entre nós descobrir maravilhas espantosas, do valor das mineiras, baianas, pernambucanas e paraibanas em principal. A orientação paulista tem de se adaptar ao meio: primando a preocupação histórica à estética. Recensear e futuramente tombar o pouco que nos resta seiscentista e setecentista, os monumentos onde se passaram grandes fatos históricos. Sob o ponto de vista estético, mais que a beleza propriamente (esta quase não existe) tombar os problemas, as soluções arquitetônicas mais características e originais. Acha bom assim? (ANDRADE, 1981, p. 53).

Ainda assim Mário de Andrade anunciou as contribuições de sua regional para a composição do primeiro número da *Revista do*

[459] A respeito do papel das viagens para a formação dessas práticas e concepções, cf. Lira (2015) e Sodré (2014). Sobre as pesquisas nos arredores de São Paulo, vide o capítulo 3 de Valentini (2010).

SPHAN: “Um [artigo] só histórico [do] Nuto Sant’Ana. Outro, um estudo sobre a igreja S. Antônio, do município de S. Roque, com engenharia dentro, feito por mim e Luiz Saia”.[460] No dia 16 de outubro de 1937 ele encaminhou a Melo Franco o “Primeiro Relatório enviado pelo Assistente Técnico à Diretoria do SPHAN”, um “trabalho de visão geral do Estado, proveniente de pesquisas históricas”, que não se referia necessariamente aos diversos lugares visitados e fotografados (ANDRADE, 1981, p. 80). Neste documento, Mário de Andrade respondia à solicitação de um inventário o mais completo possível das obras de arquitetura com interesse artístico e histórico do estado, feito pelo diretor do SPHAN (SODRÉ, 2014., p. 87). Os dados históricos eram coligidos por Nuto Sant’Ana (1889-1975) – que também era o responsável pela Subdivisão de Documentação Histórica do DC –, os dados técnicos das construções eram de autoria de Luís Saia e as imagens foram produzidas por Hermann “Germano” Hugo Graeser (1898-1966), fotógrafo de São Carlos conhecido de Saia, que também vinha dessa cidade. Após reiterar nesse documento a “pobreza artística” dos monumentos da região, Mário de Andrade enumera diversas igrejas, algumas residências civis, prédios oficiais e industriais e fortes, acompanhados de comentários, tudo isso imediatamente arquivado como um conjunto de saberes fundadores sobre patrimônio arquitetônico nacional. O mais interessante talvez sejam as menções a autenticidades desfiguradas, passíveis, quem sabe, por meio do tombamento, de ações restauradoras: “A fachada da igreja [de Embú], reformada neste século, foi na realidade deformada com impetuosa estultície. Conservam-se porém fotografias do aspecto anterior, como por exemplo, no livro de Joaquim Gil Pinheiro *Memórias de Mboy*, por onde será possível retrazer o monumento ao seu aspecto antigo”

[460] Carta de Mário de Andrade a R. M. Franco de Andrade, 25 de junho de 1937 (ANDRADE, 1981, p. 73).

(ANDRADE, 1981, p. 84). Assim, entre a história e a engenharia (arquitetura), assegurava-se, aos poucos, uma via para a existência de *monumentos nacionais paulistas autênticos*.

Já no dia 11 de novembro de 1937, Mário de Andrade escrevia a Franco de Andrade como se nada de mais estivesse acontecendo no "primeiro dia da nova República", a não ser pelo fato de que seu irmão, o "exmo. sr. dr. Morais Andrade, deputado federal por S. Paulo", estava preso no próprio hotel no Rio de Janeiro (ANDRADE, 1981, p. 110). Os trabalhos continuavam aparentemente bem e, em 28 de novembro de 1937, Mário de Andrade enviou o seu segundo relatório para o diretor do SPHAN, no qual tratou da suspensão das pesquisas *in locu* por causa das chuvas; da requisição de informações, por meio de circulares, a respeito de museus e coleções particulares (evidenciando ainda, portanto, um interesse em relação ao patrimônio museológico paulista); do Forte de São Tiago ou São João, na Bertioga; das pinturas rupestres de Sant'Ana da Chapada, em Mato Grosso, de acordo com informações coletadas por Hebert Baldus; de fotos a serem trocadas no primeiro relatório; e da pintura religiosa na região de Itu, à qual Mário de Andrade se dedicaria nos últimos anos de sua vida para a escrita da monografia sobre o Padre Jesuíno do Monte Carmelo (ANDRADE, 2012). O que parece ter chamado a sua atenção neste último aspecto foi a possibilidade de descobrir, por meio da obra do padre Jesuíno, uma estética religiosa autenticamente brasileira, capaz até mesmo de desvelar o significado universal da nacionalidade. Num verdadeiro exercício de culturalismo visual, Mário de Andrade relata o seguinte a Franco de Andrade:

> Não se recorda agora o relator se foi Martius ou o próprio Saint-Hilaire quem observou serem as igrejas brasileiras no geral muito claras e impróprias ao recolhimento da oração. Ainda este

último, ao tratar da Carmo de Itu, insiste que ‘é talvez iluminada demais para um templo’. Ideia de rezador europeu. Ideia de quem não sabe rezar à brasileira, rezar conjuntamente com muitos pecados, rezar entre promessas à Senhora e chamados à benzedeira mais sórdida, rezar de barriga cheia e uma alma cheia da mais paralógica ingenuidade. Uma grande inocência. Difícil de garantir se lastimável.

É possível que o teto da Carmo fuja muito aos cânones da decoração europeia. Porém, **menos que imaginar por isso deficiência, não seria mais lógico olhar uma obra assim por olhos que não estejam facetados à europeia?**… Porque, antes de salientar deficiência, não salientaríamos a originalidade! Templos claros por demais. Pintura clara por demais, cândida, sem fundos. Mas feliz. Uma grande mistura de ingênua religiosidade e mesa farta. Daí uma vaga semelhança com a voluptuosidade da pintura renascentista italiana. Mas não passa duma coincidência, que o relator acentuou, apenas porque não tinha senão esse elemento, desesperantemente europeu, para se fazer compreender.

Se o teto da Matriz de Itu nos atrai logo, familiarizados com essa tradição erudita europeia a que ele mais docilmente se afaz, **parece a este Assistente que o teto da Carmo terá maior valia tanto nacional como universal. Porque apresenta formas mais representativas de nós, mais originais, mais contribuidoras** (ANDRADE, 1981, p. 126, negritos meus).

Logo, no entanto, as mudanças políticas trazidas pelo Estado Novo afetariam o trabalho de Mário de Andrade de uma maneira geral. Forçado à desacumulação de cargos (decreto do Interventor do estado de São Paulo do dia 11 de janeiro de 1938), ele optou pela direção do DC e cobrava a Melo Franco, em carta do dia 12 de janeiro de 1938, a sua substituição (ANDRADE, 1981, 128). O primeiro nome

sugerido foi o de Paulo Duarte (21 de janeiro de 1938), ao mesmo tempo em que Saia partia para o Nordeste brasileiro a fim de chefiar a Missão de Pesquisas Folclóricas do DC – Mário de Andrade escreveu ao diretor do SPHAN solicitando-lhe cartas de apresentação para este fim. Não obstante Paulo Duarte tenha sido preso por seis dias a partir de 8 de janeiro, Mário Andrade ainda acreditava que seu nome era o mais indicado para a sua substituição. Além de sua campanha pela proteção dos monumentos históricos paulistas veiculada n'*O Estado de São Paulo*, Duarte tinha sido o autor da lei que criaria um serviço idêntico ao SPHAN no nível estadual, algo não realizado em função do "golpe de 10 de novembro", além de ser "conhecedor profundo [do estado de São Paulo], com grande relação em todos os nossos meios sociais, artísticos e políticos" (ANDRADE, 1981, p. 129).

Em maio Mário de Andrade já expressava o sofrimento advindo do choque de realidade provocado pela ação da intervenção de Vargas em São Paulo.[461] Em 9 de junho Mário de Andrade escrevia novamente ao diretor do SPHAN, agora já "pedindo emprego". Num momento em que a Discoteca alcançava reconhecimento internacional,[462] Mário de Andrade se via totalmente de mãos atadas: "E aqui, um governo de vingança, acompanhado de um prefeito vesgo e um diretor burro e ignorante, acabam com tudo!".

---

[461] "Você creio que poderá bem compreender: muito mimados pelos chefes e encontrando facilidades e liberdades pra agir, com as mudanças políticas, ficamos, os do Departamento, tomados de desânimo. As desilusões têm sido penosas, companheiro, e os sofrimentos. As modificações por enquanto não têm sido grandes, pelo menos não destruíram por enquanto o organismo fundamental do Departamento. Mas cada coisinha que cortam me dói de passar noite acordada" – carta de Mário de Andrade para Rodrigo M. F. de Andrade, 23 de maio de 1938 (ANDRADE, 1981, p. 131).

[462] "Me chegaram agora de Berlim, do Phonogrammarchiv os 112 fonogramas existentes, creio que únicos no mundo, de música dos índios brasileiros. Só com proposta de troca com os meus! E de Praga, me mandam pedir a constituição da Discoteca e regulamentos porque o governo tcheco quer fazer uma igual lá" (ANDRADE, 1981, p. 131).

Se o sujeito “Mário Patrimônio” nasceu de sua admiração pela arte do Aleijadinho em 1919, ele morreu em 1938, quando se afastou de sua amada pauliceia desvairada para se esconder na burocracia carioca.[463] Mário de Andrade primeiro ingressou no Instituto Nacional do Livro, comandado pelo seu amigo Augusto Meyer. Depois, na Universidade do Distrito Federal, logo desmantelada por Capanema para dar lugar ao seu grandioso projeto de uma Universidade do Brasil. Por fim, de volta à São Paulo, em 1941, mas já tolhido do prazer do descobrimento folclórico e etnográfico que desenvolvera desde suas “viagens de descobrimento do Brasil”, Mário de Andrade se dedicou àquele tema que tanto lhe tinha chamado a atenção durante suas prospecções patrimoniais no interior do estado: a pintura de padre Jesuíno do Monte Carmelo. Depois disso, segundo Paulo Duarte, um dos arcontes da memória do sujeito Mário de Andrade, “sentia-se que Mário morria. Morria assassinado pelo Departamento de Cultura, no qual se integrara xifòpagamente. A cirurgia aí era fatal. E fôra fatal, todos os dois estavam morrendo” (DUARTE, 1971, p. 57). Morria, mas tal qual um outro grande sujeito da modernidade brasileira, “saía da vida para entrar na história”.

Mas se Mário de Andrade havia se esgotado em seu afã de “fazer-se brasileiro para o Brasil”, os efeitos de sua subjetividade continuavam circulando e produzindo novas evidências da nacionalidade. Um número significativo de outros *sujeitos da modernidade nacional paulista* próximos a Mário de Andrade embrenharam-se na rede transnacional interamericanista, ao contrário do próprio Mário, a exemplo de Rubens Borba de Moraes, Sérgio Milliet, além de seus

[463] “Prefiro mil vezes um posto que me conserve na obscuridade, subalterno de outros que mandem em mim e a quem eu obedeça sem responsabilidade. Quero escuridão, não quero me vingar de ninguém, quero escuridão” – carta de Mário de Andrade para Rodrigo M. F. de Andrade, 14 de junho de 1938, ibid., p. 132.

amigos artistas como Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone e Candido Portinari (1903-1962), como veremos adiante. Isso rendeu inclusive uma sobrevida às ações do DC, em especial da Discoteca Pública, que continuou sob a gestão de Oneyda Alvarenga: o interesse de Carleton Sprague Smith pelo seu acervo garantiu algum fôlego ao órgão no interior de uma gestão pouco afeita, segundo a versão daqueles que perderam a batalha, às realizações culturais (TONI e CAROZZE, 2013). Vejamos então como a intelectualidade paulista passou a ganhar projeção internacional à época de uma política interamericanista suscitada pela Segunda Guerra Mundial.

São Paulo e a produção transnacional da cultura brasileira

Outro aspecto importante notado por Cristina Peixoto-Mehrtens foi o caráter transnacional que o projeto intelectual paulista adquiriu. Muito se escreve a respeito da missão de professores franceses encarregados de criar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP. A contribuição de Dina Lévi-Strauss para a formação de etnógrafos práticos na Sociedade de Etnografia e Folclore – associação umbilicalmente ligada ao DC – e os projetos partilhados entre o casal Lévi-Strauss e Mário de Andrade colaboram igualmente para essa ênfase. Mas se não chegou a haver propriamente uma “missão estadunidense”, como pontua Mehrtens, a sua influência “não foi mais fraca do que a francesa, uma vez que a influência estadunidense permeou todas as práticas na máquina municipal da mesma maneira que a missão francesa estabeleceu sua influência no nível acadêmico” (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, Loc 2945, tradução livre).

Além de Samuel H. Lowrie (cujo professor assistente era Sérgio Milliet), outro professor estadunidense que esteve presente na criação

da ELSP foi Horace Bancroft Davis (1898-1999). Lowrie, no entanto, foi contratado também pela Prefeitura, em 1935, para trabalhar como técnico em pesquisas sociais no DC, sob a chefia imediata de Milliet na Divisão de Documentação Histórica e Social (ao mesmo tempo, portanto, seu chefe e subordinado). Em suas pesquisas sobre as origens dos imigrantes paulistas, a partir de dados coletados nos Parques Infantis (outro projeto do DC, inspirado nos *playgrounds* estadunidenses e nos *kindergarten* alemães) Lowrie deixava transparecer uma perspectiva culturalista boasiana (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, Loc 2914).[464] Lowrie e os vários outros intelectuais estrangeiros que transitaram por São Paulo nesse período (além dos franceses, Peixoto-Mehrtens ainda cita os alemães Herbert Baldus e Emilio Willems (1905-1997) e o estadunidense Donald Pierson) "eram todos parte e parcela essenciais do contexto político dos anos 1930, um contexto que permitiu a passagem por diferentes instituições culturais e construiu uma influente rede profissional desenvolvida em torno da tríade formada pela ELSP, FFCL/USP e DC" (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, Loc 2914, tradução livre). Além disso, ao invés de apresentar os brasileiros como um "nós" que articularam a vinda de estrangeiros para o Brasil, Peixoto-Mehrtens prefere tratar também como "nós' aqueles estrangeiros que abraçaram novas ocupações como parte de imensos grupos medianos brasileiros de origens estrangeiras. Imersos em um processo de intercâmbio cultural, essas traduções profissionais de suas formações estavam interligadas com as práticas locais contingentes" (PEIXOTO-MEHRTENS, 2010, Loc 2932, tradução livre).

[464] Lowrie também havia se doutorado em Columbia, e sua vinda para o Brasil se deu por indicação da *American Society of Universities* e do *Institute of International Education* (IEE).

Desejo mostrar que o interamericanismo do qual tenho tratado neste livro também foi um importante impulsionador dos deslocamentos transnacionais aos quais se refere Peixto-Mehrtens para o caso paulista. Dessas redes se aproveitou uma grande quantidade de intelectuais brasileiros, em especial aqueles que viram seus projetos regionais barrados pela ascensão Estado Novo no Brasil, a exemplo do grupo paulista que gravitava ao redor de Mário de Andrade. O interamericanismo manteve vivos, portanto, projetos de modernidades nacionais alternativas à modernidade oficial do governo ditatorial que se consolidou em 1937.

Em carta de 4 de fevereiro de 1941, Carol H. Foster, do Consulado Geral estadunidense em São Paulo, escreveu a Henry Allen Moe demonstrando o seu interesse em enviar para os Estados Unidos, com os fundos do *US Department of State,* duas "lideranças culturais" paulistas. O mais interessante é que a consulesa, que incentivava Moe a levar mais intelectuais daquele estado para além dos dois mencionados, já possuía um "arquivo sobre as lideranças culturais de São Paulo e do Brasil".[465] Isso demonstra um interesse especial pelo estado quando as políticas de cooperação intelectual bilaterais com o Brasil começaram a ser pensadas mais seriamente pelo governo estadunidense.

O *US Department of State*, por meio de seu *Exchange of Person Program*, enviou para os Estados Unidos, entre 1941 e 1942, nomes como os de Jorge Americano (que assumiu a reitoria da USP em 1941, mesmo ano em que viajou para lá), os historiadores Sérgio Buarque de Holanda e Pedro Calmon Moniz de Bittencourt (1902-1985) – que também se tornaria reitor, mas da Universidade do Brasil – e Érico Veríssimo – que esteve nos EUA em duas ocasiões, ambas pelo *US*

[465] "Latin America: Lecturers" (#1 - #4), HAMP, APS.

Department of State, sendo a segunda a bolsa de professor visitante da *University of California* da qual já tratei neste livro (SANTOMAURO, 2015, p. 54). Entre 1942 e 1944, o mesmo programa também enviou para os Estados Unidos o compositor Francisco Mignone, o historiador Dante de Laytano (1908-2000), a escritora Nilda Bethlem, o geneticista André Dreyfus, que também foi um dos fundadores da USP, o médico Heitor Prague Fróes,[466] as assistentes sociais Maria Kiehl e Maria Junqueira Schmidt, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (1892-1960) e, por fim, o próprio Sérgio Milliet (SANTOMAURO, 2015, p. 56). Na mão contrária, vieram para o Brasil quinze professores, sendo que sete foram destinados para a Universidade do Brasil, cinco para a USP e dois para a ELSP (SANTOMAURO, 2015, p. 57), numa divisão bastante equilibrada, portanto, entre os dois estados.

Os intelectuais paulistas que, anos antes, tiveram papel destacado à frente do DC, conseguiram exercer uma influência significativa na condução dessas trocas interamericanas. O fato de Mário de Andrade ter se devotado a se tornar "brasileiro para o Brasil" (TONI, 2002) e não ter buscado viajar para os Estados Unidos à procura das oportunidades profissionais abertas com os projetos interamericanos pode conduzir à impressão de que o grupo que gravitou ao seu redor em São Paulo não tivesse ligação com essa rede transnacional. Todavia, os documentos arquivados nos *Henry Allen Moe Papers* da *American Philosophical Society* mostram que as conexões relacionadas com o CIAAIR também foram importantes para que os projetos modernizadores da intelectualidade paulista pudessem se sustentar num momento que lhe era pouco favorável no âmbito nacional. Para entender isso melhor, será interessante tratar

[466] Marcos Chor Maio e Rodrigo Cesar da Silva Magalhães (2016) tratam da viagem de Fróes aos Estados como parte do esforço interamericano para o combate à febre amarela nas Américas.

do aconselhamento que Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Rubens Borba de Moraes prestaram a William Berrien, que foi uma espécie de braço direito de Henry Moe no CIAAIR em suas viagens ao Brasil.

Sérgio Milliet ficou conhecido pelo papel que desempenhou, na primeira metade da década de 1920, como "elemento de ligação" entre modernistas brasileiros e as vanguardas europeias (BATISTA, 2012, p. 236), habilidade que construiu após ter vivido em Genebra entre os anos de 1912 e 1920.[467] No DC, Milliet assumiu a chefia da sua Divisão de Documentação Histórica e Social. O crítico de arte também atuou como professor na ELSP entre 1937 e 1944 (instituição de cuja fundação também participou em 1933, sendo seu secretário até 1935) e, após ter viajado para os Estados Unidos com o patrocínio do *US Department of State*, em 1943, assumiu a direção da Biblioteca Municipal de São Paulo – a atual Biblioteca Mário de Andrade (ITAÚ CULTURAL, 2017a).

Rubens Borba de Moraes teve uma trajetória em muitos aspectos semelhante à de Milliet. Graduou-se em letras também em Genebra (curso que concluiu em 1919) e foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922 (da qual não participou por problemas de saúde). Em 1935, também assumiu a direção da Biblioteca Municipal, posto em que permaneceu até 1943. Borba de Moraes também viajou para os Estados Unidos, em 1939, graças a uma bolsa da Fundação Rockefeller, oportunidade em que realizou estudos na área de biblioteconomia e foi o conferencista brasileiro da *Ann Arbor Inter-American Conference*. Ele também foi um dos editores do projeto do *Handbook of Brazilian Studies* ao lado de William Berrien (ITAÚ CULTURAL, 2017b; MINDLIN, 1998). Em 1954, quando Borba de

[467] Neste período, a Suíça, que adotou uma posição de neutralidade na Primeira Guerra Mundial, abrigava intelectuais exilados tanto do lado dos Aliados quanto das Potências Centrais.

Morais foi de Paris para Nova York a fim de dirigir as bibliotecas da ONU, os dois dividiram o mesmo hotel, e Berrien se referia a ele como "um velho e muito bom amigo".[468]

Berrien, possuía franca predileção pelos intelectuais paulistas, como vimos no Capítulo 7.[469] As indicações que ele fez dos nomes de Manuel Bandeira e Prudente de Morais Neto para a bolsa de professor visitante na Universidade da California, em Berkeley, também não deixa dúvidas do respeito que ele tinha pela opinião do antigo grupo do DC, pois, como é sabido, aqueles dois intelectuais eram particularmente queridos por Mário de Andrade.[470]

Mas algo que eu gostaria de destacar aqui é que há algumas indicações de que Berrien, além de tudo isso, acabou adotando um critério político muito próximo ao do núcleo de Milliet e Borba de Morais em seu garimpo à procura de intelectuais no Brasil. Na mesma carta em que descreve a David Stevens a sua admiração pelos paulistas, Berrien comenta, por exemplo, a propósito de um pedido de Moe, que ninguém sabia muito a respeito de Oscar Saraiva, a não ser que era um jovem um tanto promissor e que, diziam, ele tinha uma "simpatia muito forte" pelo Estado Novo ("*They say Saraiva is very strongly 'Estado Novo' in his simpathies*"). Por si só esse comentário não parece significar muita coisa. No entanto, há alguns outros exemplos que podem reforçar essa impressão.

Em primeiro lugar, Berrien, tinha uma clara consciência da posição de Milliet no campo intelectual e ideológico brasileiro. Sua opinião positiva a respeito de Milliet considerava, portanto, sua

---

[468] Carta de Berrien para Moe, 14 de junho de 1954, Buarque de Holanda, Aurelio (#1-#3), HAMP, APS.

[469] Carta de William Berrien para David H. Stevens, 13 de maio de 1941, BERRIEN, William, (#1-#11), HAMP, APS.

[470] Carta de Berrien para Moe, 20 de setembro de 1941, "BERRIEN, William" (#1-#11), HAMP, APS.

oposição em relação ao regime de Vargas, como se pode depreender dos comentários que ele envia a respeito do intelectual paulista a propósito da bolsa da *Division of Cultural Relations* do *US Department of State*:

> Milliet é um dos mais conhecidos intelectuais de São Paulo. Eu poderia imaginar que ele tem em torno de quarenta e dois anos de idade. Ele é bem informado em geral, estudou por anos na Europa, é um pensador e acadêmico honesto e ordenado. Escreveu trabalhos sobre arte, crítica e história socioeconômica (*Roteiro do Café*), é um membro da Academia Paulista de Letras, e nos últimos anos está em alta na redação d'*O Estado de São Paulo*, ainda o principal jornal daquela cidade e, **antes do regime de Vargas assumi-lo, um dos dois ou três melhores jornais do Brasil**.
>
> Eu não sei se Milliet fala inglês ou não. A razão pela qual ele não pôde aceitar o convite do ano passado feito pela *Division of Cultural Relations* para vir para este país é que a prefeitura em São Paulo não lhe concederia sua licença. **Eu penso que se os convites não tivessem sido feitos ao mesmo tempo para Milliet e Guilherme Almeida (a quem eles estão tentando punir por uma coisa ou outra negando-lhe quaisquer favores), Milliet teria conseguido a licença que solicitou.** Até onde eu sei, a *Division* almeja convidá-lo novamente este ano […].
>
> Milliet é sem dúvida um dos mais conhecidos homens no Brasil e universalmente respeitado, salvo pelo grupo Nortista (Gilberto Freyre, José Lins do Rêgo et al.), que não gosta do fato de Milliet ter criticado a tendência deles para interpretar todo o Brasil usando o Nordeste como padrão e critério. Devo dizer que Milliet é um problema de personalidade, pois ele pode se tornar mal-humorado ou distraído e não conversar com pessoas com quem está associado por dias a fio. De modo que se [Lewis] Hanke está

> querendo prover um esquema para ele, onde ele possa trabalhar praticamente sozinho e por conta própria ocasionalmente, isso pode ser muito melhor do que ligá-lo a alguma universidade. Milliet tem sido o verdadeiro espírito por trás da *Revista do Arquivo* e é uma figura central na vida intelectual e acadêmica de São Paulo […].[471]

Optei por transcrever este longo trecho da carta de Berrien, para Moe em função do conjunto de informações importantes que ela contém. Quem havia sugerido a Moe que tentasse levar Milliet para os Estados Unidos por uma segunda vez foi o historiador Lewis Hanke (1905-1993), chefe da *Hispanic Foundation* da *Library of Congress.* Em primeiro lugar, não obstante o temperamento pouco indicado para a vida acadêmica nos EUA, Berrien recomenda veementemente a sua ida por considerá-lo um dos principais intelectuais brasileiros. Ao fazer isso, Berrien tem, no entanto, muita clareza dos conflitos intelectuais que permeiam o campo brasileiro: ele se posiciona de maneira claramente crítica à ingerência de Vargas e de seus interventores naquilo que lhe parecem ser espaços legítimos e qualificados de produção e difusão de ideias; além disso, a querela de Milliet com o grupo de Freyre, que também era próximo a Berrien, não colocaria em questão a coerência do projeto interamericanista, pois tratar-se-ia apenas de um "problema de personalidade". Por fim, não resta dúvida também de que, embora Milliet tenha viajado para os EUA com os fundos de um organismo independente do CIAAIR, da *American Council of Learned Societies* ou do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, ou seja, a *Division of Cultural Relations* do *US Department of State*, a ligação com Berrien foi fundamental para o sucesso do projeto individual de Milliet. O que fica cada vez mais claro

[471] Carta de Berrien para Moe, 5 de agosto de 1941, "BERRIEN, William" (#1-#11), HAMP, APS, negritos meus, tradução livre.

é que as agências de cooperação intelectual criadas pelo governo estadunidense durante a guerra, embora possuíssem estruturas administrativas apartadas umas das outras, dependiam de *sujeitos* capazes de transitar de maneira desenvolta por entre elas, como era o caso principalmente de Berrien. Esse era um exemplo do tipo de *movimento* que garantia o pleno funcionamento autorregulado da máquina burocrática transnacional de guerra estadunidense.

A opinião de Milliet parece ter sido suficientemente importante para o bloqueio de outro nome, dessa vez o de Tavares de Sá.[472] Em carta escrita para Silvanus Morley, da Universidade da Califórnia, Berkeley, em 13 de fevereiro de 1942 e enviada com cópia para Moe, Berrien, escreve o seguinte:

> Tavares de Sá é uma nulidade e um baita de um *cabotino*. Ele tenta se passar aqui como um professor de biologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, quando qualquer um que conheça São Paulo pode lhe dizer que o Professor Dreyfus detém essa cadeira há anos.[473] A única coisa que eu sei em seu favor é que ele fala inglês. Eu compreendo que ele é bom em animar reuniões e coisas do tipo e como tal ele tem sido usado pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, não sem causar considerável desalento, eu devo admitir, para os poucos representantes brasileiros por essas partes. **Talvez venha ao caso mencionar que numa outra noite, numa festinha em que Dr. Sérgio Milliet de São Paulo (que realmente é alguém)**

[472] Provavelmente Ernani Tavares de Sá. Segundo matéria publicada no *Diário Carioca*, com um subtítulo em que se lê "O Dr. Ernani Tavares Sá ganhou uma bolsa de viagem aos Estados Unidos – Vai escrever um livro sobre o Brasil", Tavares Sá, "professor das Faculdades de Filosofia e Direito de São Paulo", havia ganhado uma bolsa de estudos em função do livro *Compreendamos a Política da Boa Vizinhança* e, a convite do Departamento de Estado, viajaria para a "terra do Tio Sam" (Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1942_04155.pdf, acesso em: 08/03/2017).

[473] É importante lembrarmo-nos de que Dreyfus, como vimos na seção anterior, foi um dos intelectuais que faziam parte do grupo de jovens militantes do PD liderados por Paulo Duarte e, posteriormente, perseguidos pelo governo de Vargas.

> **estava presente, surgiu o nome de Tavares Sá: Milliet disse, com toda boa-fé, "Quem é esse Tavares de Sá? Eu nunca ouvi falar nêle". Eu mesmo nunca ouvi falar dele no Brasil, seja no Rio ou em São Paulo. Nesse sentido, a única notícia parece ser que ele é um de um grupo de jornalistas e escritores de rádio antes associados ao DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do governo de Vargas; o DIP é notório por contratar gente medíocre, e os charlatões que ele mandou para trabalharem em Nova York criaram problemas sem fim**.[474]

Essa carta também é muito interessante, pois, ao mesmo tempo em que reafirma a autoridade do testemunho de Milliet, desqualifica de forma veemente a ação e a capacidade intelectual dos agentes ligados de maneira mais direta ao Estado Novo. Também é necessário pontuar que Berrien advogava, nesse momento, em favor de Aurélio Buarque de Holanda para a ocupação do posto para o qual Morley ventilou o nome de Tavares Sá, e Aurélio, além do mais, era primo de Sérgio Buarque de Holanda, outro intelectual prezado pelo *broker* estadunidense. Berrien, depois, ainda valorizou Aurélio Buarque de Holanda por ser um intelectual que, ao contrário de muitos outros, não havia "se vendido" ao governo de Vargas.[475]

Saindo um pouco das articulações de Berrien, Moe também recebeu em seu escritório a cópia de uma carta bastante reveladora do posicionamento mais geral dos interamericanistas a favor dos paulistas e contra o regime de Vargas. Em carta do dia 5 de dezembro de 1940 para Stephen Duggan, do *Institute of International Education*, Percy Wells Bidwell (1888-1970), *Director of Studies* do *Council on Foreign Relations*, intercede em favor de Armando de Salles Oliveira.

---

[474] Buarque de Holanda, Aurelio (#1-#3), HAMP, APS, negritos meus, tradução livre

[475] Carta de Berrien para Morley, 11 de fevereiro de 1943, "Buarque de Holanda, Aurelio" (#1-#3), HAMP, APS.

Bidwell esperava que Duggan pudesse viabilizar um convite para que Salles Oliveira fosse para os Estados Unidos a fim de realizar palestras em universidades de lá:

> Dr. Oliveira é mais conhecido por sua bem-sucedida administração como presidente do estado de São Paulo entre 1934 e 1937. Sob a sua presidência, as finanças do estado foram reorganizadas e as condições econômicas aprimoradas. Ele foi particularmente bem-sucedido em estender e melhorar o sistema educacional. Ele foi ativo em estabelecer a Universidade de São Paulo e em trazer para o seu corpo docente distintos professores de países estrangeiros. Seus serviços à educação foram reconhecidos pelos governos da Itália, Portugal e França, que lhe conferiram altas condecorações.
>
> Em 1937, Dr. Oliveira renunciou à presidência do estado de São Paulo e declarou sua candidatura à Presidência da República na eleição que estava marcada para janeiro de 1938. Em novembro de 1937, todavia, o golpe de Estado promulgou uma nova constituição e estabeleceu Dr. Vargas como ditador. Depois de um período de 'custódia protetiva', Dr. Oliveira foi para a França como um refugiado político. Depois, na primavera de 1939, ele veio para este país, onde permaneceu até fevereiro de 1940. Ele está vivendo agora em Buenos Aires.[476]

Bidwell ainda destaca que o interesse de Salles Oliveira em problemas de governo se devia muito mais a uma vocação acadêmica que política, lembrando de sua passagem por Harvard e pelo *Institute of Public Affairs*, em Charlottesville, Virgínia. Além disso,

[476] "Latin America: Lecturers" (#1 - #4), HAMP, APS, tradução livre. É interessante notar nessas pastas o número de pessoas interessadas em "vender a América" em palestras para a América Latina. No entanto, tais propostas eram geralmente rejeitadas por Moe, pois o foco era a cooperação intelectual, científica e artística, e não esse tipo de atividade propagandística.

Bidwell acreditava que sua "sincera ligação à causa da democracia é testemunhada pelo fato de que, tivesse ele desejado aceitar o regime de Vargas, ele poderia retornar ao seu país nativo e viver com sua família com conforto e comodidade".[477] Somado ao fato de que Salles Oliveira seria um homem bonito e charmoso ("*he is a handsome man with charming manners*"), essas supostas qualidades o tornariam "apto a contribuir substancialmente para um melhor entendimento entre os universitários deste país a respeito das condições políticas e econômicas da América do Sul".[478]

Bidwell deixa claro que o regime de Vargas seria o *oposto* da democracia e, portanto, dos ideais civilizacionais estadunidenses. Por outro lado, o trabalho desenvolvido por Salles de Oliveira (e, por conseguinte, também por Fábio Prado e pelo DC) seria o mais próximo do modelo almejado para a modernização das *culturas ainda não civilizadas* da América Latina. Um ponto importante a ser destacado é o fato de Salles Oliveira ser também um homem *transnacional*, que já conhecia os Estados Unidos e a Europa e era dotado da inteligência, charme e boas maneiras necessários para levar a cabo a obra de modernização interamericana que se oporia à *barbárie* dos regimes totalitários.[479]

Outros representantes da intelectualidade paulista também usufruíram dos recursos disponibilizados pela circulação interamericana. Donald Pierson recorreu a Moe em função de problemas com seu salário na ELSP. Pierson veio para o Brasil esperando que o *US*

---

[477] Idem, tradução livre.

[478] Idem, tradução livre.

[479] Ao que parece o projeto não se desenrolou. Em resposta do dia 20 de dezembro de 1940, Duggan afirmou que as instituições estadunidenses estavam abarrotadas de exilados, mas que continuaria tentando. Outra solução seria tentar o CIAAIR de Moe, mas as complicações políticas envolvendo a Argentina poderiam obstar o empreendimento. "Latin America: Lecturers" (#1 - #4), HAMP, APS. Não há nestes documentos menções posteriores ao caso.

Department of State complementasse os 60 contos (3 mil dólares) anuais pagos pela ELSP com mais 2 mil dólares, o que não aconteceu nos mais de dois anos em que ele estivera São Paulo.[480] Por sugestão de Melville Herskovits, Cyro Berlinck, diretor da ELSP, escreveu para Moe no dia 25 de maio de 1942, solicitando que a totalidade do salário de Pierson fosse paga pelo CIAAIR, pelo período de três anos, diante da importância da sua manutenção no Brasil para a política de boa vizinhança.[481] Mas, depois de muitas idas e vindas,[482] Moe concluiu que o assunto não era de sua alçada e David Stevens acabou encaminhando o problema para Willfred Mauck, *Adviser on Student Exchanges* da Fundação Rockefeller.[483] Ainda que o pagamento de Pierson não tenha sido, portanto, feito diretamente pelo comitê de Moe, percebe-se que o sociólogo acertou em procurá-lo a fim de conseguir uma solução para o seu problema, o que atesta a importância central de *brokers* como Moe, Berrien, e Stevens para o funcionamento da circulação transnacional que alimentava a produção de saberes sobre as relações entre os *civilizados* e as *culturas* naquele novo contexto.

---

[480] A negociação estabelecida entre a Universidade de Chicago e Samuel Lowrie, da ELSP, foi intermediada por Carol Foster, consulesa geral dos Estados Unidos no Brasil. Durante a Segunda Guerra Mundial a ELSP passava por problemas financeiros que, segundo Pierson, eram devidos, em grande parte, à desconfiança em relação às ligações da instituição com os EUA: "A presente situação internacional incerta fez a luta da Escola mais difícil, uma vez que ela agora passou a ser identificada, na mente de muitos brasileiros, com influências estadunidenses, e as atividades 'por debaixo dos panos' de elementos políticos hostis aos Estados Unidos pode, em parte, ser responsável por reduções e longos atrasos em conexão com o orçamento da Escola" – carta de Pierson para Edgar J. Fischer, *Assistant Director* do IEE, 21 de agosto de 1942, "Latin America: Pierson" (#1 - #2), HAMP, tradução livre.

[481] "Latin America: Pierson" (#1 - #2), HAMP, APS.

[482] William Berrien, num memorando apresentado à Fundação Rockefeller, chegou à conclusão de que o atraso na resolução do problema se deveu ao desencontro de cartas que gerou uma tremenda confusão burocrática (percebe-se mais uma vez que a hipertrofia do aparato administrativo voltado para a cooperação intelectual interamericana nem sempre era sinônimo de eficiência) – "*Memorandum DHS* [David Stevens] *from WB* [William Berrien] *re Prof. Donald Pierson*", 25 de outubro de 1942, "Latin America: Pierson" (#1 - #2), HAMP, APS.

[483] Carta de Mauck para Stevens, 11 de novembro de 1942, "Latin America: Pierson" (#1 - #2), HAMP, APS.

A ELSP ainda obteve outros recursos por meio do CIAAIR. O filósofo Willard Quine (1908-2000), de Harvard, e o sociólogo Herbert Blumer (1900-1987), da Universidade de Chicago, conseguiram ambos bolsas para passarem alguns meses ensinando na Escola.[484] Além da ELSP, a USP, marcadamente francófila em seus primórdios, agora também se voltava para novos ares civilizacionais, sobretudo depois que Jorge Americano (que, como mencionei acima, foi para os Estados Unidos com bolsa do *US Department of State* em 1941) assumiu a sua reitoria: em carta que lhe foi enviada por Berrien, em 5 de agosto de 1942, é possível flagrar o interesse de Americano em "preencher algumas cadeiras vagas" da USP com professores estadunidenses, e Berrien desejava aproveitar a oportunidade para conseguir algo para Douglas McClay (geometria) e Anna Mirante (língua e literatura italiana).[485] No entanto, o único cientista que conseguiu uma bolsa para este fim no CIAAIR foi o geneticista Theodosius Dobzhansky (1900-1975), de Columbia, a fim de dar aulas e de desenvolver, em 1943, ao lado de André Dreyfus, uma pesquisa de dois meses na planície amazônica a respeito da mosca *Drosophila*.[486] Por fim, o Instituto Agronômico de Campinas também estava interessado nessas oportunidades e solicitou dois acadêmicos estadunidenses, Harry S. Smith e H. D. Chapman, ambos da Universidade da California.[487]

* * *

[484] Minutes of the Sixteenth Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations, 14 de outubro de 1941, "Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations" (#9 - #13), HAMP, APS.

[485] Excerto encaminhado como anexo na carta de Berrien para Moe do dia 5 de agosto de 1942, "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS.

[486] Minutes of the 27th Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations, 22 de janeiro de 1942, "Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations (#9 - #13), HAMP, APS".

[487] Minutes of the Sixteenth Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations, 14 de outubro de 1941, Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations (#9 - #13), HAMP, APS.

Vimos que, na virada do século XIX para o XX, as transformações provocadas pela circulação transnacional do conceito de civilização associaram-se, no Brasil, à sustentação de antigos privilégios legitimados pela mitologia/ideologia bandeirista. Esse posicionamento específico foi sustentado, até a década de 1920, por instituições organizadoras do fluxo de agentes e agenciamentos que desejavam fazer do estado de São Paulo o polo do qual emanaria a civilização nacional.

A partir da década de 1920, no entanto, os valores e recursos que sustentavam esse ideal civilizacional se viram em crise, seja por conta de um sistema produtivo nacional que não podia mais se basear simplesmente no modelo agroexportador, seja pela crise axiológica provocada pela Primeira Guerra Mundial e seus ideais civilizadores. Essa crise mais generalizada implicou em uma fratura geracional no interior da elite intelectual e política paulista, e logo o cenário se mostraria mais favorável àquelas subjetividades mais abertas aos novos agenciamentos transnacionais que forçavam a sua entrada no território brasileiro. Mário de Andrade não só se deixou transformar por esses circuitos, como se constituiu como uma referência fundamental para os projetos modernizadores paulistas que ajudou a atualizar.

Ainda que o próprio Mário de Andrade não tenha se deslocado em meio aos fluxos que conduziam agora aos Estados Unidos, e não mais à Europa, as transformações intelectuais e burocráticas que ele produziu em São Paulo foram fundamentais para pavimentar as vias interamericanistas implantadas por aqui ao longo da Segunda Guerra Mundial. Aquelas subjetividades que souberam se colocar estrategicamente próximas de Mário de Andrade certamente usufruíram de vantagens posicionais na captação e distribuição de recursos interamericanistas. Estudos que porventura continuem seguindo esses fluxos após o fim da Segunda Guerra Mundial

provavelmente mostrarão que os agenciamentos consolidados nesse período foram fundamentais para o papel destacado que o estado de São Paulo ocupou nos próximos anos no imaginário da modernização nacional.

A seguir, dedicarei um capítulo específico para compreendermos como esses agenciamentos se estenderam para o campo artístico, a fim de mostrar que a história da arte no Brasil talvez também necessite considerar em suas análises o papel das redes interamericanistas para a sua consolidação ao longo das décadas de 1930 e 1940.

COOPERAÇÃO ARTÍSTICA INTERAMERICANA

A mensagem interamericanista dos murais da Library of Congress

O enfoque nas ações de cooperação artística do CIAAIR permite perceber, uma vez mais, como a rede interamericanista continuou se aproximando do polo gravitacional representado por Mário de Andrade. O artista plástico Cândido Torquato Portinari, por exemplo, que se ligou de maneira mais estreita ao escritor, musicólogo e folclorista paulista desde, pelos menos, 1934 (BATISTA e LIMA, 1998, p. XLIX), recebeu uma bolsa de 4 mil dólares por meio do CIAAIR, mas paga pela *Library of Congress*, para permanecer em Washington por um período de seis meses, entre 1941 e 1942, a fim de produzir pinturas murais nessa biblioteca.[488] No entanto, a ida de Portinari aos Estados Unidos está relacionada com os planos do Estado Novo, e não com o polo político-ideológico representado pelos intelectuais paulistas ligados a Mário de Andrade.

Desde 1940 (quando o CIAAIR ainda não havia sido criado, portanto), Moe já investigava a obra de Portinari, ainda que não seja possível asseverar, pela documentação arquivada nos *Henry Allen Moe Papers*, o motivo exato dessas suas primeiras sondagens. Em carta de 13 de setembro daquele ano, o artista plástico Zoltan Leslie Sepeshy (1898-1974) prestou a Moe uma interessante consultoria a respeito do pintor de Brodowski, SP. Na primeira parte de sua

[488] "Minutes of the Fifteenth Meeting of the Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations", 3 de outubro de 1941, "Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations" (#9 - #13), HAMP, APS. A proposta foi dirigida ao CIAAIR por meio do historiador Lewis Hanke, em carta do dia 19 de agosto de 1941, conforme se lê num relatório apresentado a Nelson Rockefeller por Moe a respeito dos intercâmbios de intelectuais e artistas por meio do CIAAIR, em 15 de abril de 1942, "Comm. Inter-Am. Art. & Int. Rel. – Coord. Rep. (#1 - #3)", HAMP, APS.

descrição ele fornece a imagem de um artista já maduro e reconhecido internacionalmente, mas que dificilmente produziria algo de novo depois de ter atingido o ápice de sua carreira:

> Portinari é um homem de óbvias realizações. Uma boa parcela de alcance conceitual e um grande refinamento pictórico. Um 'conhecedor' e um 'incorporador' de muitas correntes contemporâneas de pintura, por um lado; ainda assim provavelmente tão nativo e 'nacional' quanto se está acostumado a esperar de um astro da pintura nacional. Eu deveria dizer sem me arriscar: realizado. E eu não tenho dúvida de que ele será capaz de explorar a abordagem e os métodos que ele já desenvolveu, mas devo ser reticente em afirmar se há nele a capacidade para novas e diferentes experimentações e para uma nova visão artística.[489]

Portinari já havia, de fato, conquistado algum prestígio no mundo estadunidense. Em 1935 ele já havia recebido uma menção honrosa na *Carnegie International Exhibition*, realizada em Pittsburgh, Pensilvânia, por sua obra *Café* (SERVIDIO, 2011, p. 138). Entre 1939 e 1940 ele decorou o pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova York, ao mesmo tempo em que expunha parte de sua obra no MoMA (o Museu de Arte Moderna de Nova York)[490] – o sucesso do quadro *Morro*, de 1933, garantira-lhe uma exposição individual no mesmo museu no ano seguinte, além de várias outras exposições e a confecção de um catálogo pela Universidade de Chicago (SADLIER, 2011, p. 6; NICODEMO, 2016, p. 11). Thiago Nicodemo ainda destaca que Portinari teve obras encomendadas pelo próprio Nelson Rockefeller

---

[489] "Latin America: Portinari" (#1 - #4), HAMP, APS, tradução livre.

[490] Fabiana Servidio afirma que "*El principal instrumento de gestión de exhibiciones del departamento de Arte de la OCIAA fue un contrato directo estipulado con el Museo de Arte Moderno de Nueva York, mediante el cuál esta institución se comprometía a ser el ente coordinador de la organización y/o circulación de las mismas por los Estados Unidos y América latina*" (SERVIDIO, 2011, p. 128).

antes de ter sido convidado por Archibald MacLeish (1892-1982) para a produção dos murais na *Library of Congress* (NICODEMO, 2016, p. 11). Sobre a estadia de Portinari nos Estados Unidos, Fabiana Servidio afirma que ele aproveitou a viagem a fim de incrementar a sua rede de contatos, que incluía artistas, jornalistas e até políticos, algo que se dava, por exemplo, pela produção de retratos dessas pessoas (SERVIDIO, 2011, p. 140). O julgamento de Sepeshy dependeria, no entanto, da finalidade da bolsa a ser oferecida por Moe:

> Se o propósito dela é recompensar e engrandecer uma excelência já aclamada, Portinari seria um receptor muito valioso pois que refletiria sua honra sobre a [*Guggenheim*] *Foundation*, que reconheceu suas conquistas. Se o seu objetivo é apostar na habilidade criativa em processo de expansão e em necessidade de encorajamento eu desejaria pensar em outros artistas latino-americanos que poderiam provar ser uma escolha ainda mais frutífera em virtude de suas potencialidades.[491]

No ano seguinte, de posse dessas informações, Moe optou finalmente por lançar mão desse recurso valioso. Para isso, o presidente do CIAAIR explorou os anseios nacionalistas de Vargas, que teve uma oportunidade, assim, de valorizar internacionalmente as conquistas artísticas apadrinhadas pelo seu governo. Dessa vez foi por intermédio do curador René d'Harnoncourt (1901-1968)[492] que David Stevens soube de um "fato interessante a respeito de Portinari":

> Ele [d'Harnoncourt] soube por amigos no governo que Vargas está totalmente pronto para providenciar todo o dinheiro para este projeto, e é relatado ter-se dito que ele gostaria de ouvir

[491] "Latin America: Portinari" (#1 - #4), HAMP, APS, tradução livre.

[492] De acordo com Fabiana Servidio, "*en 1943, a instancias de Nelson Rockefeller, D' Harnoncourt se transformó en director de los programas de arte de la OCIAA*" (SERVIDIO, 2011, p. 132).

> como funcionaria a primeira fase da coisa. Se isso for verdade, parece a DHS [David H. Stevens] que isso reforça o argumento para colocar a responsabilidade da decisão na *Library of Congress* e no *Architect of the Capitol*, oferecendo dar tanto quanto o governo brasileiro o fez até então por meio do *Moe Committee*. Evidentemente, o trabalho agora é tornar possível para o nosso pessoal em Washington desistir de uma resposta insatisfatória, e não ser deixado com a possibilidade de rejeição de uma oferta de fundos do governo brasileiro.[493]

Em síntese, o que Stevens apontava para Moe era a oportunidade de forçar a *Library of Congress* a ficar numa posição irrecusável de trazer Portinari, um artista de renome, utilizando (e fortalecendo) os canais do CIAAIR para este fim. A oferta não poderia ser negada, pois o próprio governo brasileiro forneceria, numa articulação estabelecida diretamente com o gabinete do presidente Vargas, um montante de recursos igual àquele oferecido pela *Library of Congress*.[494] Tratava-se, portanto, da participação direta no esforço de colaboração interamericana por parte de um presidente que vinha se portando pragmaticamente de maneira dúbia entre os países do Eixo e os Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Desse modo o CIAAIR poderia mostrar, portanto, o seu incontestável valor para a política de boa vizinhança.

E, com efeito, foi o que aconteceu. Em carta de 17 de setembro de 1941, o poeta e biblioteconomista Archibald MacLeish, diretor da *Library of Congress*, escreveu uma carta para o Presidente da República brasileiro, informando do prazer que teve em receber "o

---

[493] Excerto de memorando de Stevens para Moe, 11 de setembro de 1941, "Latin America: Portinari" (#1 - #4), HAMP, APS, tradução livre.

[494] Isso de fato foi garantido, como se vê na ata da décima quinta reunião do CIAAIR, 3 de outubro de 1941, "Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations" (#9 - #13), HAMP, APS.

ilustre pintor brasileiro, o senhor Cândido Portinari, que recentemente aquí enviou numa missão de grande importância cultural".[495] Ainda escreveu o seguinte, em tom de diplomacia interamericana:

> Em nome da Biblioteca do Congresso portanto desejo agradecer a Vossa Excelência pela gentilíssima atenção que prestou ao nosso convite feito ao senhor Portinari para que considerasse a preparação dessas decorações e a espléndida ação de Vossa Excelência em mandar o distintíssimo pintor a Washington com o objetivo de executar os desenhos preliminares. Tenho a certeza que a realização dêste importante projeto nas paredes de nossa Fundação Hispânica, que rapidamente se torna um centro preeminente nêste pais de estudos da cultura da América Latina, terá as mais largas e benéficas consequências na atual obra de rapprochement cultural entre os povos das duas grandes repúblicas, os Estados Unidos do Brasil e os Estados Unidos da América do Norte. Do profundo interesse que Vossa Excelência sempre tem manifestado por essa obra de ligação cultural representa a missão do senhor Cândido Portinari nova e eloquente prova.

MacLeish voltaria a escrever a Vargas, em 3 de janeiro de 1942, para comunicar a finalização dos murais: "Com uma rapidez quasi incrível e com profunda distinção este grande artista soube executar quatro pinturas de proporções heróicas e tema nobre que simbolizam para nós em forma destacada quatro aspetos triumfais da história colonial do seu país e de outros países americanos".[496] O tom interamericanista obrigatoriamente se faz novamente presente: "Desejo, então, agradecer-lhe profundamente, Senhor Presidente, em nome de todos os que verão estas pinturas pela sua inspiração e generosidade em iniciar um projeto cuja feliz realização cimentará

[495] "Latin America: Portinari" (#1 - #4), HAMP, APS.
[496] "Latin America: Portinari" (#1 - #4), HAMP, APS.

mais seguramente que nunca a estreita harmonia e calorosa amizade que liga as nossas duas grandes repúblicas". Em que medida esse ato de valorização da cultura e da arte nacional brasileira não teria angariado a simpatia de Vargas, cimentando, para além de seu pragmatismo político, a decisão pelo apoio aos Aliados em 1942? Embora seja, a princípio, impossível responder a esta questão, ela não pode, no entanto, ser de todo desconsiderada.

É interessante notar que havia uma versão em inglês para as duas cartas endereçadas a Vargas – Moe recebeu cópia das duas, talvez por não saber falar português. A propósito, esse é certamente um dos motivos pelos quais a colaboração de Berrien, se fez tão importante: o domínio de línguas estrangeiras era um saber caro à ação interamericanista, e Moe certamente não teria o mesmo controle dos fluxos transnacionais se não pudesse contar com a intermediação do professor de português (o mesmo poderia ser dito de Heloisa Alberto Torres, por exemplo, uma das poucas pessoas no meio intelectual brasileiro que, à época, dominava o inglês de forma fluente).[497]

É bastante útil acompanhar um pouco mais o trabalho de Portinari na *Library of Congress*, pois ele deixa entrever como os agenciamentos interamericanistas também podiam se materializar na linguagem das artes plásticas. Em 15 de outubro de 1942, o historiador Robert Chester Smith (1912-1975), que substituía interinamente MacLeish na diretoria da *Library of Congress*, enviou para Moe as fotografias com os esboços que Portinari havia preparado para os seus murais.[498]

---

[497] A respeito de Berrien, André Egg se lembra de que "em Washington, após dar conferência na União Pan-Americana, [Érico] Veríssimo conheceu William Berrien – professor de literatura brasileira na universidade da cidade, que aponta como um amante do Brasil que falava português perfeitamente" (EGG, 2013, pp. 93-94).

[498] Smith doutorou-se em Harvard em 1936. Em 1937 viajou para o Brasil com apoio financeiro do *American Council of Learned Societies*, tornando-se um entusiasta do trabalho do SPHAN (BUENO, 2012) e do projeto do Estado Novo brasileiro (FILHO, 2012). Em 1939 tornou-se diretor assistente do Arquivo de Cultura Hispânica da *Hispanic Foundation* da *Library of*

O comentário que ele produz a este respeito é valioso:

> Você notará que nós rejeitamos o primeiro esboço para o ensino dos índios. Isso foi feito porque o Senhor Portinari, Mr. MacLeish e eu sentimos que era desejável evitar representar a ação como, em qualquer sentido, um disciplinamento dos índios. Pelo contrário, nós desejamos expressar a penetração íntima dos clérigos espanhóis e portugueses na vida de seus índios convertidos e a afeição que os índios tinham por eles. Isto, penso eu, foi esplendidamente alcançado no esboço que foi aprovado. Essa figura terá um lugar de honra, por assim dizer, na medida em que nós a escolhemos para a parede que está defronte à sala de leitura da *Hispanic Foundation*. Eu acho que você concordará que essa promete ser uma imagem digna de tal ênfase.[499]

Congress. Smith, que defendia a existência de uma transposição do estilo português para sua colônia americana, também endossou os projetos salazaristas entre as décadas de 1930-1940 (MELO, 2018). Ainda segundo Sabrina Melo, cujo trabalho deve ser consultado para uma visão mais aprofundada sobre a atuação de Robert Smith entre Brasil, Portugal e Estados Unidos, "Convidado pelo intelectual Archibald Macleish, Smith iniciou sua trajetória como funcionário da Fundação Hispânica em 1939 e lá exerceu inúmeras funções. Atuou como Diretor-Assistente entre 1939 e 1943, período no qual Lewis Hanke foi diretor, além de substituí-lo na diretoria entre 15 de novembro de 1942 e 30 de junho de 1943. Smith realizou atividades como Chefe-Assistente da seção de gravuras e fotografias, foi encarregado da organização das exposições temporárias, atuou como curador e auxiliou nos projetos para preservação e restauração documental" (MELO, 2018, p. 69).

[499] "Latin America: Portinari (#1 - #4)", HAMP, APS.

Figura 1 Cândido Portinari, Teaching of Indians, 1941, pintura mural a têmpera, Hispanic Foundation, Library of Congress, Washington, D.C. (https://www.loc.gov/rr/hispanic/portinari.html)

A ideia de decorar a sala de leitura da *Hispanic Foudation* da *Library of Congress* com pinturas murais que representassem o espírito pan-americano é atribuída ao próprio Robert Smith (SERVIDIO, 2011, p. 134). Portinari teria sido escolhido para este trabalho em função de seu prestígio nos Estados Unidos e das "características estilísticas e semânticas" de suas obras (SERVIDIO, 2011, p. 142), e deveria produzir quatro murais que tratassem da cultura colonial da América Latina, a fim de "*destacar a la Fundación Hispánica como unos de los* más importantes acervos de cultura *hispanoamericana en los Estados Unidos*" (SERVIDIO, 2011, p. 143). Portinari produziu o esboço de quatro cenas relacionadas à colonização da América

Latina, submetidos ao próprio Smith e a MacLeish, e ao *Architect of the Capitol* (a organização responsável pelo patrimônio arquitetônico do Complexo do Capitólio, em Washington DC): a primeira recebeu o nome *Discovery of the Land* ("A descoberta da terra"), a segunda *Entry to the Forest* ("A entrada na mata"), a terceira *Teaching of the Indians* ("O ensino dos índios", Figura 1) e a última *Discovery of gold* ("A descoberta do ouro"). Ainda segundo Fabiana Servidio,

> Si se analizan con cuidado cada uno de los murales, queda claro que Portinari eligió interpretar la colonización de América a través de episodios culturalmente ligados a la historia particular del Brazil, capitalizando lo realizado hasta ese momento en el corpus general de su propia obra mediante la re-utilización de algunos fragmentos, y estableciendo relaciones con iconografías nacionales que ya se habían ocupado de estos episodios (SERVIDIO, 2011, p. 144).

Se Portinari, por um lado, mediante o apoio governamental, "*se apropria de una clásica iconografía del arte occidental y subvierte funciones y relaciones de hegemonía racial, proponiendo implícitamente a América como lugar de reinvención de la tradición moderna*" (SERVIDIO, 2011, p. 149), por outro, o artista também produziu, sobretudo no mural sobre o tema da catequese dos índios, uma imagem colonial isenta de conflitos a fim de destacar a união pan-americana. O rascunho original mostrava, no entanto, algo diferente: mais do que a atitude afetiva e dialógica que ficou eternizada na versão final do mural, o projeto inicial de Portinari era o da imagem de um padre falando para um grupo disciplinado de indígenas que, por sua vez, apenas o escutavam passivamente. Era, portanto, como se o primeiro esboço representasse a substituição ativa da *cultura indígena*, por meio de um *sujeito* colonizador, pela disciplina da *civilização* europeia imposta aos *objetos* da colonização.

Mas o que Smith e MacLeish desejavam era apresentar (ainda que à custa do apagamento de conflitos) todo o mundo americano como sendo o próprio *sujeito civilizador* do Novo Mundo a partir do contato colonial, deixando assim os conflitos étnicos, culturais e sociais em segundo plano. Servidio atribui essa alteração à liberdade da qual gozou Portinari no projeto (SERVIDIO, 2011, p. 150), mas a carta que Smith enviou a Moe mostra o contrário: a intervenção dos agentes estadunidenses se fez de forma direta a fim de assegurar que os limites do aceitável no que diz respeito a qualquer coisa que pudesse lembrar um discurso crítico de esquerda no campo da circulação interamericanista não ultrapassasse o ponto que pudesse pôr em risco a sua manutenção. Afinal, Diego Rivera (1886-1957) já havia causado um verdadeiro incidente ao incluir um retrato de Lenin no mural que foi convidado a pintar no *Rockefeller Center*.

Em contrapartida ao convite feito à Portinari, Gustavo Capanema viabilizou a contratação do artista plástico estadunidense George Biddle (1885-1973) e da escultora Helène Sardeau (1899-1969), sua esposa, para que oferecessem um curso na Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. Biddle ainda teria tempo para pintar e ensinar informalmente, além de participar do Congresso Pan-Americano que seria realizado no Rio de Janeiro em 1942, atuando como uma espécie de "relator informal" para as agências estadunidenses.[500] Biddle, a exemplo de outros muralistas do período, estava comprometido com ideais de esquerda, o que não o impediu, no entanto, de ser lançado, como tantos outros intelectuais e artistas estadunidenses, na obra de cooperação artística e intelectual interamericana contra a ameaça nazista.[501]

---

[500] Relatório apresentado a Nelson Rockefeller por Moe em 15 de abril de 1942, a respeito dos intercâmbios de intelectuais e artistas por meio do CIAAIR – "Comm. Inter-Am. Art. & Int. Rel. – Coord. Rep. (#1 - #3)", HAMP, APS.

[501] De acordo com Darlene Sadlier, Biddle "foi fortemente influenciado por Diego Rivera e

O projeto musicológico interamericanista

Mas são os projetos de cooperação artística no campo da música que aproximam melhor as redes interamericanistas comandadas pelo grupo de Moe e o grupo de intelectuais paulistas ligados a Mário de Andrade. No momento em que o "Mário Musicólogo" tentava definir os contornos de uma música nacional, esses agenciamentos se cruzaram com um movimento transnacional de estudo da música latino-americana, que Pablo Palomino define como uma "ferramenta quase-imperial da política exterior estadunidense por meio da *Pan-American Union*" (PALOMINO, 2015, tradução livre). Embora Palomino apresente um abrangente quadro das instituições envolvidas nas ações interamericanistas relacionadas à música, destacando especialmente o contexto da criação da *Music Division* da *Pan-American Union*, instituição esta tradicionalmente voltada para os anseios expansionistas do governo estadunidense, ele também não toca na participação do CIAAIR para este fim.

Em 1941, quando de sua viagem de prospecção interamericanista pela América Latina, ainda sob a égide do *American Council of Learned Societies* (ACLS), William Berrien também cuidou de encontrar candidatos em potencial para as bolsas do *Committe* de Moe. Além de argentinos e uruguaios, as relações entre Aaron Copland (1900-1990), Carleton Sprague Smith, Luiz Heitor (que era grafado com hífen pelos estadunidenses) Corrêa de Azevedo e Francisco Curt Lange (1903-1997) (cf. TONI e CAROZZE, 2013) colocavam Berrien e Mário de Andrade em um mesmo *cluster* relacional.[502]

---

pela tradição muralista mexicana e foi um dos proponentes centrais do *Federal Arts Project* sob Franklin Delano Roosevelt, tendo o seu primeiro mural aparecido em 1933 na *Chicago World's Fair*" (SADLIER, 2011, p. 7, tradução livre).

[502] Um exemplo do entrecruzamento de diversos desses nomes pode ser encontrado na seguinte correspondência: "Sobre Copland. Eu irei ver Juan Carlos Paz [1897-1972] amanhã

Da parte dos músicos modernistas estadunidenses, era difícil, na década de 1930, ter suas obras reconhecidas no próprio país, restando para muitos deles a atuação junto a agências governamentais num período em que o esforço de guerra abriu diversas oportunidades no campo da cooperação artística e intelectual (EGG, 2013, p. 64) – algo análogo ao que se passava, portanto, no campo antropológico. Além disso, os músicos estadunidenses tinham uma clara percepção do domínio da influência europeia sobre os compositores eruditos latino-americanos (PALOMINO, 2015). Do lado dos músicos e das musicistas brasileiros(as), havia o desejo de projeção internacional de suas obras modernistas, aliado, muitas vezes, à oposição política ao Estado Novo. Viajar para os Estados Unidos, concebidos como o último bastião da *civilização* e da democracia em meio à *barbárie* e aos totalitarismos que avançavam no início na Segunda Guerra Mundial, parecia algo promissor, em especial nesse momento, para a conquista de ambos os objetivos.

Em relação a Mário de Andrade, o intelectual paulista interrompera em 1935 o seu projeto de publicação da enciclopédia de música popular brasileira, desenvolvido desde 1929 e que seria intitulado *Na pancada do ganzá*, para iniciar o seu trabalho à frente do DC. O mapeamento da música nacional ao qual ele vinha se dedicando foi então transferido para a Discoteca Municipal, órgão pertencente ao DC, e que ficaria a cargo de Oneyda Alvarenga, recém-formada no Conservatório Dramático Musical de São Paulo, onde fora discípula do próprio Mário de Andrade (TONI, 2002, p. 79 e ss.). A organização da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF), e principalmente do curso

---

e devo pedir-lhe que escreva a Aaron via correio aéreo. Lange, em Montevidéu, concordou em escrever para ele; eu o lembrarei. No Brasil Luiz-Heitor disse que escreveria para Copland. Se ele esqueceu, eu vou atrás dele e de Mário de Andrade nas próximas duas semanas, no Brasil" – carta de Berrien (Buenos Aires) para Moe, 23 de abril de 1941, "Berrien, William", (#1-#11), HAMP, APS, tradução livre.

de etnografia prática ministrado por Dina Lévi-Strauss, em grande medida se relacionavam à necessidade de formar pesquisadores aptos à coleta de manifestações culturais populares, em especial as musicais, que permitissem subsidiar os estudos sobre o folclore brasileiro. A Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938, organizada por Mário de Andrade e liderada por um de seus colaboradores mais próximos a partir de então, o engenheiro-arquiteto Luís Saia, foi fruto deste projeto folclorístico e musicológico mais amplo. Essa missão constituiu um rico acervo, cuja organização foi iniciada por Alvarenga, num momento em que Mário de Andrade havia sido destituído do seu cargo no DC em função das reviravoltas políticas que desmantelaram as práticas implementadas sob o governo de Armando de Salles Oliveira.[503]

Flávia Toni e Valquíria Carozze mostram que o projeto de Mário de Andrade chamou a atenção de Carleton Sprague Smith, músico estadunidense que viajou pela América do Sul a fim de conhecer e estudar os seus acervos musicais mais importantes e que acabou ficando muito interessado no material e nos métodos de catalogação do acervo da Discoteca (TONI e CAROZZE, 2013).[504] Smith, que era

---

[503] Segundo Flávia Toni, "Até 1938, quando da viagem da Missão de Pesquisas Folclóricas, o projeto partilhado por Mário, Oneyda e Dina teria lançado as bases para nova linha de ação – a etnomusicologia – caso o diretor do Departamento não tivesse sido destituído de seu cargo e a política cultural da cidade mudado de rumo" (TONI, 2002, p. 87).

[504] A respeito da viagem de Sprague Smith pela América Latina, Pablo Palomino afirma o seguinte: "Em outubro de 1939, o *establishment* musicológico, uma rede descentralizada de especialistas em instituições principalmente públicas de todo o país, convergiu na *Conference on Inter-American Relations in the Field of Music*, organizada em Washington DC pela *US Department of State's Cultural Affairs Division*. Como resultado da conferência, o musicólogo Carleton Sprague Smith foi contratado para viajar para a América do Sul entre junho e outubro de 1940. Treinado em Viena, Sprague foi o chefe da *Music Division* da *New York Public Library*, uma figura importante na *Music Library Association*, na *American Musicological Society* e veterano do *Federal Music Project* – braço musical do *New Deal* de Franklin D. Roosevelt. Ele agora estava encarregado de investigar o estabelecimento musical da América do Sul, a fim de fornecer contatos e idéias sobre diplomacia musical na região à *Music Division*, que finalmente foi criada, seguindo uma iniciativa do *Library of Congress'*

o chefe da divisão de música da *New York Public Library*, também colaborava com o *Inter-American Music Center*, órgão da *Music Division* da *Pan-American Union* que era chefiado por Charles Seeger. Tanto Seeger quanto Aaron Copland, que foi fundador do *American Music Center* em 1939 e, em 1941, tornou-se agente do *US Department of State*, foram intelectuais de esquerda que, durante o governo Roosevelt e em meio ao esforço de guerra contra o Eixo, colocaram em primeiro lugar a cooperação interamericana (EGG, 2013).[505]

Em outubro de 1941, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo já aparece como "consultor" do *Inter-American Music Center*, como se pode observar na correspondência, já mencionada neste livro, enviada para Sprague Smith a respeito de um nome para a bolsa de professor visitante na área de língua portuguesa e literatura brasileira em Berkeley.[506] Como vimos, era William Berrien quem estava intermediando essa negociação, e, em função de seus diversos contatos, não lhe seria difícil saber que Corrêa de Azevedo estava trabalhando com Smith e que poderia ajudá-los nesse assunto. Corrêa de Azevedo acabou sendo apresentado a Berrien pelo próprio Mário de Andrade.[507]

Music Section Board, em 29 de julho de 1940". (PALOMINO, 2015, tradução livre). Todos estes arranjos intitucionais estadunidenses teriam ainda se contraposto ao projeto pessoal americanista de Curt Lange.

[505] Seeger, que teve sua formação musical dividida entre os Estados Unidos e a Alemanha, foi membro do *Composers Collective*, uma ramificação musical do Partido Comunista dos Estados Unidos (PALOMINO, 2015).

[506] Carta de Correia Azevedo para Smith, 17 de outubro de 1941, "Berrien, William, (#1-#11)", HAMP, APS.

[507] A respeito de um cartão, datado de 1941, no qual Mário de Andrade lhe introduz o "prof. William Berrien, da Universidade da Califórnia, que se interessa muito pela música brasileira", Corrêa de Azevedo diz o seguinte: "A personalidade jovial e amiga do então Professor da Universidade da Califórnia, depois Professor em Harvard, e, no intervalo entre essas duas posições acadêmicas, a serviço da Fundação Rockefeller, é lembrada com saudade pelos intelectuais e artistas brasileiros que o conheceram (e foram muitos). Berrien falava corretamente o português, empregando termos de gíria e sabia, como ninguém, fazer-se querido. No fim da sua vida esteve muito ligado a Rubens Borba de Morais, então residente

Corrêa de Azevedo era amigo de Almir de Andrade (1911-1991), diretor da revista *Cultura Política*, instrumento de propaganda do Estado Novo, e também havia trabalhado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – redigindo e lendo crônicas musicais que foram veiculadas no programa "Hora do Brasil" a partir de 1937–, e no Instituto Nacional de Música (que, a partir de 1937, passaria a fazer parte da Universidade do Brasil e a se chamar "Escola Nacional de Música"),[508] primeiro como bibliotecário e depois como professor da cadeira de Folclore. Não obstante sua ligação com o regime de Vargas, o musicólogo correspondeu-se entre 1933 e 1944 com Mário de Andrade, tendo colaborado com ele na organização do Congresso da Língua Nacional Cantada de 1937 (AZEVEDO, 1980). Corrêa de Azevedo, conforme ele mesmo explica a respeito de uma carta que Mário de Andrade lhe enviou no dia 18 de novembro de 1937, havia também defendido o Departamento de Cultura em uma de suas crônicas lidas no programa "Hora do Brasil", preservando, desse modo, a amizade do intelectual paulista (AZEVEDO, 1980, pp. 102-103). Já em 1944, Mário de Andrade agradeceu, em carta do dia 19 de maio, os artigos que Corrêa de Azevedo, Sprague Smith, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone e Antônio Leal de Sá Pereira (1888-1966) assinaram na *Revista Brasileira de Música* em sua homenagem (AZEVEDO, 1980, pp. 106-107), o que reforça ainda mais o papel de elemento de ligação e coesão do intelectual paulista no interior dessa rede musicológica transnacional. É interessante, por fim, ler o que

---

nos Estados Unidos. Encontrei-o, amiúde, no Rio, nos Estados Unidos, em Paris. E essas excelentes relações, de que guardo tão boas e duradouras lembranças, começaram na manhã em que ele me apareceu na já então Escola Nacional de Musica, de que eu me tornara Professor, munido de um cartão de visita com o nome impresso em relevo de Mario de Andrade [...]" (AZEVEDO, 1980, p. 103-104).

[508] Informações disponíveis em: http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com_content&-view=article&id=45&Itemid=64, acesso em: 10/05/2017.

Berrien diz a respeito de Corrêa de Azevedo em carta que enviou para Moe no dia 15 de janeiro de 1942, quando o musicólogo brasileiro já estava prestes a voltar para o seu país de origem (repare-se também na menção que, mais uma vez, é feita ao final a respeito do papel desempenhado pelas *esposas interamericanistas*):

> Eu acho que você ficará feliz em saber que o professor Luiz-Heitor Corrêa de Azevedo, que você trouxe para trabalhar com Charlie Seeger, na *Pan-American Union*, se deu muito bem em todos os lugares em que ele apareceu. Ele fez várias coisas boas enquanto esteve em Washington, visitou centros musicais no Meio-Oeste e no Sul, e em todo lugar ele entrou no espírito local da melhor maneira possível. Ele também apresentou artigos em diversos encontros profissionais, os quais foram bem aceitos em todos os lugares. Ele produziu alguns textos acadêmicos muito bons enquanto esteve aqui, e também participou de um concurso de milho de quatro horas na Carolina do Norte.[509] Esses dois extremos, eu presumo, significam que ele tanto tem ofertado quanto recebido enquanto está aqui, e eu imagino que é isso que estamos procurando. O comentário geral dos irmãos do campo musical tem sido "se isso é o que os sul-americanos são, traga mais um tanto para cá e nós ficaremos felizes em tomar conta deles". Sua encantadora e animada esposa, Violetta, foi de grande ajuda.[510]

Um outro músico que viajou para os Estados Unidos nesse período foi Francisco Mignone, a convite da *Division of Cultural Relations* do *US Department of State*. John Walter Beattie (1885-1962), *Dean* da Escola de Música da Universidade Northwestern, em Evanston, Illinois, escreveu então para Moe indagando se o CIAAIR não poderia fornecer recursos suplementares a fim de que Mignone estendesse sua estadia pelos meses de junho e julho de 1942, a

[509] Não consegui encontrar referências mais precisas a respeito deste evento estadunidense.
[510] "Berrien, William, (#1-#11)", HAMP, APS, tradução livre.

fim ministrar um curso de verão sobre orquestração, composição e condução. Beattie escreve o seguinte a respeito do músico brasileiro:

> Entendo que a bolsa de viagem [concedida a Mignone] não é para uma visita extensa, mas que possibilitaria ao Sr. Mignone permanecer aqui por apenas algumas semanas. Isso parece lamentável, na medida em que Mr. Mignone tem uma tal combinação de dons como condutor, compositor e pianista que seria vantajoso estender a sua estadia, se possível. Em nossa visita à América do Sul recentemente concluída, O Sr. Louis Woodson Curtis e eu tivemos a oportunidade de conhecer muito bem os Mignones. Nós consideramos que Mignone está entre os mais importantes compositores sul-americanos. Ele é não apenas altamente talentoso, mas usa um idioma e um estilo que poderiam ser populares aqui se sua composição pudesse ser publicada e ouvida.[511]

Beattie também desejava que a esposa de Mignone, a educadora musical e musicista Liddy Chiaffarelli (Elisa Hedwig Carolina Mankel Chiaffarelli Mignone, 1891-1962) tratada por ele apenas como Mrs. Mignone, também pudesse participar da *summer session*: "ela é uma excelente professora de canto e seu conhecimento e uso da língua inglesa é tal que ela poderia ser uma valiosa ajuda para seu marido".[512] Aqui vemos a repetição de algo recorrente nos trânsitos interamericanistas: não obstante os seus próprios méritos, Chiaffarelli deveria servir apenas como "apoio" ao marido. Essa também parece ser a impressão de Inês de Almeida Rocha a partir de pesquisa que realizou com as correspondências trocadas entre o casal e Mário de Andrade:

---

[511] Excerto transcrito em carta enviada de Moe para Charles A. Thomson, *Chief* da *Division of Cultural Relations* do *Department State*, 31 de janeiro de 1942, "Mignone, Francisco", HAMP, APS, tradução livre.

[512] Idem, tradução livre.

> Pelas palavras dessa missiva [carta de Liddy Chiaffarelli para Mário de Andrade, 2 de dezembro de 1941], inicialmente, o convite fora feito apenas a Francisco Mignone e não a Liddy. Talvez possamos inferir que o trabalho desenvolvido por ela frente ao curso de Iniciação Musical, embora fosse noticiado por periódicos e tivesse atraído um grande número de alunos nas turmas, não havia ainda lhe rendido suficiente prestígio para legitimá-la entre seus pares, a ponto de receber a mesma convocação que o compositor. Por outro lado, ela mesma se projeta como mera acompanhante familiar do convidado e não como profissional que já desenvolvia relevante trabalho no ensino de crianças. Outra carta, porém, desvenda que Oswaldo Aranha intermediou o financiamento de sua participação (ROCHA, 2012, p. 107).

Rocha ainda toca num outro ponto importante. De acordo com suas pesquisas, "Liddy, Mignone, Sá Pereira e Mário de Andrade já estavam inseridos em uma rede de sociabilidade com ligações profissionais e afetivas que podem ter facilitado o convite para a viagem" (ROCHA, 2012, p. 105). De fato, é difícil não considerar plausível a participação de Mário de Andrade nos fluxos de influências que, por meio de William Berrien e Sprague Smith, amigos que fizera nos anos anteriores, tivessem favorecido a indicação de Mignone para sua viagem aos Estados Unidos.

Em carta de 14 de abril de 1942, Beattie informa para Moe que "*Mr. and Mrs. Mignone*" estavam acompanhando o *VIII Biennial Congress of Music Teachers*, realizado Milwaukee, Wisconsin.[513] Ambos estavam ansiosos para os cursos de verão que seriam realizados em Evanston, mas precisariam, para participar deles, de permissão das autoridades brasileiras, e Beattie estava preocupado com isso pois,

[513] "Mignone, Francisco", HAMP, APS. A respeito do Congresso de Milwaukee, cf. ROCHA, 2012. O músico Antônio Leal de Sá Pereira também representou o Brasil nessa oportunidade.

de acordo com o que foi acertado com o *US Department of State*, eles ficariam nos Estados Unidos somente até o dia 6 de maio. No dia seguinte, Moe apresentou em reunião do CIAAIR a proposta de manter Mignone nos Estados Unidos, por mais quatro meses a partir de abril, "para ensinar na *School of Music of Northwestern University*, Evanston, Illinois, e se empenhar no trabalho criativo de composição musical".[514] Todavia, o esforço foi em vão, pois em carta enviada a Richard Pattee, com cópia para Beattie, no dia 2 de maio, Moe informa que Mignone não conseguira autorização no Brasil para permanecer nos Estados Unidos.[515]

Uma vez que a negativa da autorização foi feita pelo Ministro da Educação, é de se suspeitar se esse bloqueio ao trânsito interamericano não se deu em função de um conflito de projetos culturais estabelecido entre o Estado Novo e os intelectuais paulistas. Heitor Villa-Lobos (1887-1959), por exemplo, não era exatamente prezado pelo grupo de músicos apontados nesta seção. No ano anterior, o mesmo John Beattie havia enviado uma carta para Charles Seeger – que, por sua vez, enviou cópia dela para Moe – a respeito de Villa-Lobos, a quem Beattie conhecera em sua viagem pelo Brasil. Suas impressões são muito interessantes para o problema que acabei de levantar:

> Após o recebimento da sua carta, passamos muitas horas com ele [Villa-Lobos]. Nós gostamos dele e acreditamos que ele gosta de nós. Tivemos duas conversas sobre uma possível visita aos EUA. Ele primeiro disse que estava interessado apenas em uma viagem de caráter profissional sob a administração de alguns homens puramente de negócios. Ele não viria subsidiado por

[514] "Minutes of Nineteenth Meeting of the Comittee of Inter-American Artistic and Intelectual Relations, recorded April 15, 1942", "Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations" (#9 - #13), HAMP, APS, tradução livre.
[515] "Mignone, Francisco", HAMP, APS.

> nenhum governo ou fundação. Ele não os considera sinceros e suspeita de suas "conexões políticas".
>
> Em outra oportunidade ele afirmou novamente sua preferência por uma viagem puramente profissional e declarou que não estava interessado em conduzir crianças nos EUA. Isso nos deixou aliviados, pois nós não acreditamos que ele tenha algo para contribuir conosco. Ele não fala inglês, é altamente emotivo, não conhece nada da psicologia infantil ou dos métodos vocais corretos. Nós dizemos isso depois de ouvirmos seus ensaios, assistido ao seu grande show campal envolvendo 30 mil crianças e visitado seu trabalho escolar. Suas muito elogiadas acrobacias com sinais de mão são tais que foram descartados por nós quarenta anos atrás, e são usados aqui [no Brasil], porque não há música nas mãos das crianças. A qualidade tonal que ele quer e consegue é terrível.
>
> Mais uma vez, deixe-me reforçar o fato de que nós consideramos Villa-Lobos um dos grandes artistas criativos da atualidade. [Mas] Ele definitivamente não é um educador musical. Aqueles que o tem promovido a tanto nunca ouviram o nosso trabalho nos Estados Unidos e não têm como saber do que se trata.[516]

Por mais que Villa-Lobos pudesse ser considerado um expoente da composição musical daquele período, vemos que várias de suas características pessoais não o habilitavam ao circuito relacional interamericano – ao menos não como educador musical. Por seu lado, Villa-Lobos também não se interessava em fazer uso das oportunidades interamericanas para projetar sua obra internacionalmente, pois seu nacionalismo o fazia desconfiar das intenções do governo estadunidense. Há evidências de que Villa-Lobos também teria

[516] "*Excerpt from letter of Dean John W. Beattie, dated September 13 from Brazil, to Charles Seeger, Chief Music Division, Pan-American Union*", de Seeger para Moe, recebido em 22 de setembro de 1941, "Latin America: Villa Lobos", HAMP, APS, tradução livre.

participado do congresso em Milwaukee, e a falta de menções a ele na correspondência trocada entre Liddy Chiaffarelli, Mignone e Mário de Andrade seria um indício desses conflitos (ROCHA, 2012, p. 123).

De fato, Mário de Andrade recusou-se participar, em 1944, de uma comissão organizada por Villa-Lobos e composta por, além dele mesmo, Oscar Lorenzo Fernández (1897-1948), José Cândido de Andrade Muricy (1895-1984), Manoel Bandeira, Renato Almeida (1895-1981), Brasílio Itiberê da Cunha Ferreira Luz (1896-1967) e Corrêa de Azevedo, a fim de assessorar Curt Lange na publicação de seu tomo VI do *Boletín Latino-Americano de Música*. Segundo Corrêa de Azevedo, Mário de Andrade recusou o convite, mesmo com a insistência de Capanema, pois isso seria, para ele, uma "espécie de reconhecimento público da incompetência musicológica de Curt Lange" (AZEVEDO, 1980, p. 105). Se isso não atesta necessariamente uma oposição a Villa-Lobos, por outro lado não deixa de flagrar uma discordância em relação aos seus empreendimentos musicológicos. A bem da verdade, a impaciência de Mário de Andrade em relação a Villa-Lobos remonta à década de 1930, como já o demonstrou Flávia Toni (TONI, 1987).[517] Neste caso, esses desentendimentos pessoais andavam lado a lado de diferenças em relação a projetos de nação.

Resta ainda tratar da passagem de Mozart Camargo Guarnieri pelos Estados Unidos. Ainda que ele discordasse de alguns aspectos dos princípios musicológicos de Mário de Andrade quando este ainda vivia (SILVA, 1999), é inegável que Guarnieri foi um de seus amigos mais diletos. Mário de Andrade conhecera Guarnieri em 1928, e em 1935, o convidou para trabalhar no DC. Com a saída de Mário de

[517] Em artigo publicado em outubro de 1944, Mário de Andrade demonstra admiração pelas obras-primas de Villa-Lobos, apenas considerando que ele não era "objeto de exportação nacional" em função de seu temperamento, ingenuidade e propensão a dizer tolices (TONI, 1987, p. 51).

Andrade desse órgão, Guarnieri vinha passando por dificuldades econômicas e as conexões interamericanas o alcançaram em boa hora. Segundo juízo de André Egg, o compositor paulista foi "o personagem da vida musical brasileira que mais se beneficiou desta colaboração" (EGG, 2013, p. 75). Egg mostra que desde 1941 Guarnieri já vinha se correspondendo com Charles Seeger, que lhe escreveu "encomendando uma obra que pudesse ser usada pelas bandas de música em colégios norte-americanos", e a presença de Corrêa de Azevedo na *Pan-American Union* ao lado de Seeger certamente está relacionada a este convite (EGG, 2013, p. 77). O mesmo pesquisador ainda faz menção à relação de amizade estabelecida entre Guarnieri e Aaron Copland quando este viajou para a América Latina em 1941: de fato, Copland também foi beneficiado pelo CIAAIR com uma bolsa cujo propósito foi "estudar a música latino-americana contemporânea, palestrar sobre música estadunidense e conduzir concertos de música estadunidense em diversos países latino-americanos".[518] Copland, que também tinha restrições ao trabalho de Villa-Lobos, teria sido "o contato mais próximo e estratégico" estabelecido por Guarnieri (EGG, 2013, p. 78).

Charles Seeger escreveu no dia 16 de fevereiro de 1942 para Moe a fim de tratar do seu interesse em levar para os Estados Unidos educadores musicais latino-americanos para o já mencionado congresso realizado em Milwaukee. Embora a *Pan-American Union* tivesse verba para levar só mais um brasileiro a este evento (e o nome óbvio era o de Sá Pereira, que de fato viajou para os Estados Unidos com esse fim), Seeger expressou o seu desejo de ter Guarnieri naquele país, usando o pretexto do suposto interesse do compositor

[518] "Minutes of Fifth Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intelectual Relations, held May 31, 1941", "Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations" (#9 - #13), HAMP, APS, tradução livre.

paulista pela educação musical e demonstrando conhecer bem o seu trabalho:

> De todos os compositores sul-americanos, parece-me que Guarnieri é possivelmente o mais promissor, certamente um dos mais promissores, dentre os mais jovens. Ele tem em sua música uma qualidade que muitas vezes falta na música latino-americana – aquela da profunda organização que dá à sua música uma força inusual e claridade de estilo. Eu sinceramente espero que você possa ter condições de ajudar Guarnieri a chegar ao nosso país nesse momento.[519]

Moe, como sempre, foi confirmar com Berrien – em cuja opinião no que se refere às qualificações dos intelectuais brasileiros parecia confiar plenamente – se Guarnieri possuía mesmo as qualidades necessárias para ingressar no mundo da circulação interamericana. Berrien parece não ter hesitado em confirmar a opinião de Seeger:

> O que ele diz está perfeitamente correto. Esse jovem brasileiro é um dos homens mais promissores em toda a América Latina. Há muito eu sinto que ele deveria vir logo depois de Villa-Lobos na lista dos compositores brasileiros, e, como você sabe, o Brasil tem bons compositores. Aaron Copland ficará feliz em confirmar a impressão favorável que Seeger e eu temos de Camargo Guarnieri.[520]

Berrien também sugeriu que Guarnieri pudesse passar o verão na *MacDowell Colony*[521] e achava uma boa ideia que ele também

---

[519] "Guarnieri, Camargo", (#1 - #6), HAMP, APS, tradução livre.

[520] Carta de Berrien para Moe, 24 de fevereiro de 1942, "Guarnieri, Camargo", (#1 - #6), HAMP, APS, tradução livre.

[521] Situada numa fazenda em Peterborough, New Hampshire, essa colônia para músicos foi fundada por Marian MacDowell (1857-1956), pianista e esposa do compositor Edward Alexander MacDowell (1860-1908), a fim de funcionar como um espaço capaz de oferecer uma experiência criativa para músicos num lugar tranquilo e afastado dos centros urbanos.

pudesse participar da conferência em Milwaukee se possível. Por fim, Berrien ainda reafirmou a solidez dos laços de confiança que unia esse grupo de interamericanistas: “você sabe quão grande é a confiança que eu tenho em Seeger, e se ele deseja se responsabilizar por Camargo Guarnieri, eu sinto honestamente que você pode contar com um proveitoso projeto”.[522]

De posse dessas informações, Moe apresentou o projeto de financiamento da ida de Guarnieri para os Estados Unidos na reunião do CIAAIR do dia 15 de abril de 1942. O propósito da viagem era simplesmente realizar “trabalho criativo em composição musical e conhecer compositores e a cena musical estadunidense”.[523] No relatório que era obrigatoriamente encaminhado a Nelson Rockefeller pelo CIAAIR existem informações mais detalhadas a seu respeito. Dentre suas qualificações, informa-se que, como a maioria dos compositores, embora ele fosse excelente, elas “não podiam ser atestadas em termos de treino acadêmico, posições ocupadas etc.” – Guarnieri não havia completado nem mesmo o “primário” –, e que, depois de aprender piano com seus pais, havia mudado para São Paulo, onde estudou música com Ernani Braga (1888-1948) e Sá Pereira e composição com Lamberto Baldi (1895-1979). Também são mencionadas várias de suas obras, o fato de ele ser, à época, professor do Conservatório Dramático de São Paulo e de ter conduzido diversos concertos na Sociedade Filarmônica de São Paulo. Além disso, mais uma vez é apresentada uma opinião muito favorável a seu respeito, sem, no

---

Informações disponíveis em: <http://www.macdowellcolony.org/about-History.html>, acesso em: 10/05/2017.

[522] Carta de Berrien para Moe, 24 de fevereiro de 1942, “Guarnieri, Camargo”, (#1 - #6), HAMP, APS, tradução livre.

[523] “Minutes of Nineteenth Meeting of the Comittee of Inter-American Artistic and Intelectual Relations, recorded April 15, 1942”, “Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations” (#9 - #13), HAMP, APS, tradução livre.

entanto, indicação de autoria. Por fim, apresenta-se um programa de atividades um pouco mais detalhado: a intenção era

> aprimorar sua estatura como um compositor; ter tempo, livre de preocupações financeiras, para seu próprio trabalho; ouvir performances de primeira classe de músicos também de primeira classe; ouvir, esperamos, performances de primeira classe de seu próprio trabalho; familiarizar-se com os compositores estadunidenses e seus trabalhos e deixá-los familiarizarem-se com ele e seu trabalho.[524]

Berrien ainda interviria outra vez em favor de Guarnieri, agora em função de sua situação financeira precária. Embora fosse absolutamente "*first-rate*", Guarnieri, nas palavras de Berrien, era

> extremamente pobre financeiramente; se isso é porque ele não tem tino para os negócios, ou porque ele não gosta de rebaixar-se à realização de truques que outros músicos usam para continuar indo em frente, eu não sei. O fato é que ele é um compositor e músico de primeira classe que nunca teve dinheiro e precisou trabalhar no ambiente mais difícil e, contudo, acaba entregando o trabalho.[525]

Guarnieri tinha uma esposa que dependia de seus proventos e um filho pequeno do seu primeiro casamento, que estudava num internato, e o casal morava numa pensão para poder arcar com os estudos do filho. Por isso Berrien pedia que seu auxílio fosse incrementado, haja vista que outros intelectuais, menos importantes que o músico brasileiro, haviam conseguido, por diversas vezes, estipêndios mais altos do que os que lhe eram oferecidos.

---

[524] "Camargo Guarnieri", "Extract from our minutes: "Guarnieri, Camargo: Composer of Music, Rio de Janeiro, Brazil", "Comm. Inter-Am. Art. & Int. Rel. – Coord. Rep." (#1 - #3), HAMP, APS, tradução livre.

[525] "Excerpt from letter of WB to DHS, 10/11/42 from Rio de Janeiro", "Guarnieri, Camargo", (#1 - #6), HAMP, APS, tradução livre.

Passados cinco meses da visita de Guarnieri aos Estados Unidos, ele escreve a Moe convidando-o, caso ele estivesse na capital paulista, para o concerto que conduziria à frente da Orquestra Sinfônica de São Paulo no Teatro Municipal. Sua estadia em Nova York e o programa que Seeger "tão eficientemente" tinha lhe arranjado havia lhe dado tempo e estímulo suficientes para avançar em suas próprias composições, além de ter tido a oportunidade de conhecer um grande número dos mais proeminentes músicos e compositores do país. Guarnieri garantiu que em sua volta para o Brasil seria um guardião dos princípios interamericanistas – "você pode estar certo de que no meu retorno para o Brasil, meus meses aqui me darão muita coisa para trabalhar na vanguarda daqueles que estão sinceramente trabalhando em direção a um caloroso entendimento e *rapprochement* intelectual entre nossos países"[526] –, e, por isso estrearia no Brasil a direção de obras de Aaron Copland, William Howard Schuman (1910-1992), Virgil Thomson (1896-1989) e Henry Cowell (1897-1965).

Guarnieri precisou encerrar sua estadia nos Estados Unidos um mês antes do previsto por ordem do Exército brasileiro.[527] Antes de partir, ainda teve problemas com uma taxação que considerava injusta sobre um prêmio de 750 dólares que conquistou pelo seu *Concerto para violino*,[528] e conseguiu um vantajoso contrato para publicação de suas obras com os *Associated Music Publishers*.[529] Somado às diversas notícias sobre o sucesso de suas apresentações

---

[526] Carta de Guarnieri para Moe, 3 de março de 1943, – "Guarnieri, Camargo", (#1 - #6), HAMP, APS, tradução livre.

[527] Carta de Moe para o *Local Board Number 26*, 15 de março de 1943, "Guarnieri, Camargo", (#1 - #6), HAMP, APS.

[528] Carta de Seeger para Moe, 31 de março de 1943, "Guarnieri, Camargo", (#1 - #6), HAMP, APS.

[529] Excerto de carta enviada de Seeger para Berrien em 2 de abril de 1943 em carta de J. Stewart, *Secretary to Mr. Berrien*, para Moe, 3 de abril de 1943, "Guarnieri, Camargo", (#1 - #6), HAMP, APS.

e contatos nos Estados Unidos, não resta dúvida de que a passagem de Guarnieri por lá foi de extrema importância para o impulsionamento de sua carreira como compositor.

***

Além de várias outras bolsas concedidas a intelectuais e artistas latino-americanos, outras pessoas e instituições brasileiras também tiveram a oportunidade de ingressar no universo das trocas interamericanas por intermédio do CIAAIR. Miguel Ozório de Almeida (1890-1952), professor de fisiologia do Instituto Oswaldo Cruz, foi para a *Medical School* de Yale, onde, a partir de janeiro de 1942, desenvolveu um estudo sobre os reflexos labirínticos pelo período de pelo menos três meses; Raymund Lull Zwemer (1902-1981), professor assistente de anatomia da *Medical School* de Columbia, daria aulas na Escola Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1942; tentou-se levar Gilberto Freyre, já bastante concorrido, para dar aulas em Yale, algo que, no entanto, não se concretizou; o escritor Clodimir Viana Moog (1906-1988) passaria seis meses nos Estados Unidos a fim de preparar um livro; o arquiteto Henrique Mindlin (1911-1971) viajaria em junho de 1943 a fim de realizar estudos arquitetônicos.

No entanto, o que já foi escrito até já dá mostras do significado das ações do CIAAIR – essa agência interamericana praticamente desconhecida pela história intelectual brasileira e das relações interamericanistas, em geral –, para a forma por meio da qual as relações entre *civilização* e *cultura* passariam a ser percebidas por nossa intelectualidade. O CIAAIR, com seus diversos filtros políticos, comportamentais, etários, de gênero e de cor, contribuiu de maneira inegável para moldagem dos *sujeitos* dessa modernização e dos *objetos* que sofreriam a sua ação, produzindo entrecruzamentos

que passaram a ser marcados pelas novas concepções acerca das relações necessárias entre *civilização*, *culturas* e a constante ameaça da *barbárie* totalitária. O *Committee* de Moe também participou da produção dos fluxos que foram responsáveis pelo estabelecimento de novos projetos de modernidade no Brasil.

É certo que esses novos fluxos não deixaram de produzir conflitos. Moe se viu obrigado a lidar com os critérios de circulação transnacional impostos por Heloisa Alberto Torres, por exemplo, quando desejou fazer uso da centralidade institucional do Museu Nacional no Brasil. Por outro lado, o Estado Novo também teve condições de impor alguns bloqueios ao fluxo interamericano, embora desejasse se manter em bons termos com o Tio Sam durante a Segunda Guerra Mundial, mantendo-se, na maioria das vezes, neutro às escolhas realizadas por Moe e Berrien. Vimos, também, que a complexidade da máquina estadunidense de guerra fazia com que interesses interamericanistas com finalidades imediatas por vezes conflitantes acabassem por se chocar, opondo, em alguns momentos, anseios mais estritamente acadêmicos ou artísticos às urgências geopolíticas da Segunda Guerra Mundial.

Além disso, é bem verdade que nem todos participavam dessa rede de boa vontade e cooperação ou concordavam com isso. Esses são os *não-sujeitos* e os *objetos* do interamericanismo. Os *não-sujeitos* são os que não passaram pelos *filtros* do interamericanismo. Por sorte consegui flagrar alguns momentos em que o processo de exclusão era posto em funcionamento: alguns nomes quase ou totalmente hoje esquecidos (ou, se são lembrados, é por que o foram por meio de outros circuitos de poder mnemônico que não o interamericano), foram registrados apenas para servirem como contraexemplos. Esse era o caso dos anarquistas brigões, dos(as) intelectuais de “segunda

classe", dos(as) negros(as) e mulatos(as), das mulheres feias ou malcomportadas, dos(as) velhos(as), dos(as) comunistas radicais, fascistas, e até dos(as) antipáticos(as). O grande aparato de registro produzido pela burocracia, pela economia e pela política de guerra também buscou o aniquilamento da memória de todos esses *não-sujeitos* do interamericanismo.

Há ainda os *objetos* do interamericanismo. Era preciso olhar para determinadas pessoas e objetificá-las em *tribos*, *comunidades* ou *culturas* a fim de domesticá-las para uma modernização livre de conflitos. Na condição de *objetos*, essas pessoas não deveriam ter vozes, pois só os *sujeitos* as teriam. Seriam os *sujeitos* do americanismo que possuiriam os instrumentos capazes de determinar os seus valores para o mundo moderno. Mas, para isso, é preciso transformar as pessoas em objetos, extrair delas as suas *manifestações culturais*, isso para que os *sujeitos* da cooperação interamericana pudessem consumi-las e transformá-las nas mercadorias de troca do mundo *civilizado*.

Dividir esse circuito de agenciamentos interamericanistas em "campos", como o antropológico ou o artístico, pode, portanto, ocultar que aquilo que eles têm em comum e que, a meu ver, é também o que lhes dá forma. Aproximá-los aqui me permitiu demonstrar que, ao contrário dessas "identidades", esses aglomerados de pessoas e coisas, ou melhor, de "actantes", emergiram como proliferação e aprofundamento de um modo de existência moderno altamente adaptável aos diferentes ambientes que consegue alcançar.

CULTURAS INDÍGENAS E MODERNIZAÇÃO NACIONAL POR MEIO DA CIÊNCIA CIVILIZADA: O MUSEU NACIONAL ENTRE O AMERICANISMO E O INTERAMERICANISMO

Depois de tratar do modo como a circulação transnacional do conceito de cultura em meio às redes americanistas e interamericanistas se encontrou com os projetos civilizadores paulistas, resta ainda fazer o mesmo em relação a um outro conjunto de subjetividades modernas brasileiras. Mostrarei como a tradição antropológica constituída por meio do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista adquiriu, ao longo da gestão de Heloisa Alberto Torres, feições que impactaram profundamente os panoramas que, a partir de então, passaram a orientar o futuro daquilo que deveria ser construído como a nação brasileira, em especial a partir da definição de seu patrimônio cultural.

Os rastros de um cometa

Já vimos que o antropólogo estadunidense Jules Henry Blumensohn se referiu a Torres, numa certa ocasião, como um "grande cometa antropológico".[530] Essa metáfora astronômica é realmente interessante, pois, assim como um cometa, que é destituído de luz própria, a passagem fulgurante de Torres pelo universo da antropologia e do patrimônio cultural chamou a atenção, mesmo assim, de todos que conviveram com ela. Além disso, o seu brilho também foi mais efêmero do que o de outros nomes das ciências sociais brasileiras, cujas luzes continuam iluminando, como estrelas já mortas, o céu historiográfico desse campo. A subjetividade de Torres, como um cometa possuidor de uma bela cauda, parece ter desaparecido do céu por um longo

[530] Carta de Blumensohn para Boas, 17 de janeiro de 1941, Franz Boas Papers, APS.

tempo e, apenas muito recentemente, começa a refazer o seu ciclo orbital. Mas o mais correto seria pensar em Torres como um astro anômalo, talvez uma estrela morta que se transformou num buraco negro. Podem ser justamente essas perturbações gravitacionais que a trazem novamente para a nossa própria órbita, sugando-nos para dentro do universo moderno que se esconde do outro lado desses buracos negros.

Por outro lado, essa mesma metáfora também tem o poder de igualar a presença fantasmática dessa subjetividade a um fenômeno de ordem natural, passível de ser "representado" por uma narrativa biográfica. Se aqui me deixo possuir por essa assombração e as alucinações que ela produz isso se dá, no entanto, pelo desejo de exorcizá-la, pondo em suspensão/suspeição as relações modernas que ela continua produzindo entre nós.

Ao decidir se ligar a Edgard Roquette-Pinto, Torres, ainda apenas uma jovem garota de educação esmerada, talvez não imaginasse a amplitude das redes nas quais o Museu Nacional já estava imerso. Roquette-Pinto era um admirador de Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917), o pai de Heloisa, e frequentava a biblioteca deste antes que sua filha se resolvesse pela carreira antropológica.[531] Não é improvável que Heloisa Alberto Torres já conhecesse e admirasse Roquette-Pinto desde muito jovem (Alberto Torres morrera em 1917, quando sua filha tinha entre 21 e 22 anos), ouvindo-o contar sobre

[531] Segundo Regina Horta Duarte, Roquette-Pinto era "admirador convicto" de Alberto Torres: Roquette-Pinto "insistia na dedicação desse pensador aos estudos da biologia, afirmando esse conhecimento como o elemento que o diferenciara entre tantos intelectuais de sua geração, perdidos entre as 'lantejoulas do discurso'. Torres possuíra uma biblioteca na qual 'achava-se o que havia de mais profundo e de melhor em matéria de biologia', e, ao morrer, deixara ainda com as páginas fechadas as publicações mais recentes, encomendadas da Europa. Roquette-Pinto argumentava que, se a obra de Torres era decisiva no que dizia respeito à matéria social, tudo o que ele escrevera só foi possível pela existência de uma 'base biológica segura" (DUARTE, 2010, p. 59-60).

suas aventuras junto a Rondon na floresta amazônica e sobre suas viagens ao exterior, deleitando-se com sua já reconhecida erudição e militância em prol do progresso nacional. De fato, Roquette-Pinto possuía uma personalidade atraente. Para além de sua erudição, é interessante ouvir, por exemplo, de Antônio Cândido, primo distante de Roquette-Pinto, que, quando este último soube da enfermidade de uma "priminha" em comum, foi prestar-lhe assistência na condição de estudante de medicina. O interessante é que Roquette-Pinto tentava animá-la tocando-lhe violão. Segundo Candido, Roquette-Pinto "tinha uma voz lindíssima, um talento extraordinário. [...] Era um primo lindo, estava no 4º ano de medicina, muito gentil, muito bondoso, e teve essa bondade extraordinária de dar assistência a essa priminha com risco de vida".[532]

Independente das pressuposições que possamos fazer acerca da admiração que muito provavelmente Heloisa Alberto Torres guardou em relação a Roquette-Pinto, o fato é que ela ingressou no Museu Nacional como assistente desse médico logo após o falecimento de Alberto Torres, em 1918, a fim de seguir uma carreira antropológica sob sua orientação. Aquela que aparentemente foi a primeira pesquisa de campo conduzida por Heloisa Alberto Torres se deu, com efeito, sob orientação de Roquette-Pinto. Ela ocorreu em conjunto com uma "turma de senhoras" preparadas especialmente para mensurações antropométricas em indivíduos do sexo feminino, sendo que, segundo Roquette-Pinto, "antes de iniciar o respectivo serviço praticaram sob [sua] direção" (KEULLER, 2008, p. 157). Torres ainda realizou expedições antropológicas e arqueológicas em Iguape/SP (1927), Magé, Serra dos Macacos e São Francisco Xavier (1928), Maceió/AL, Recife/PE, Belém e Ilha de Marajó (1930), Ponte Nova/MG e no Estado do Rio de Janeiro (1935), antes de dedicar-se

[532] Entrevista concedida a João Baptista Cintra, apud Rangel (2010).

integralmente à administração do Museu Nacional (KEULLER, 2008, p. 157). O próprio Luiz de Castro Faria, antropólogo que em alguma medida foi para Heloisa Alberto Torres o que esta foi para Roquette-Pinto, afirma que esse médico foi o "patrono científico" da diretora do Museu Nacional (apud DOMINGUES, 2010, p. 628).

Torres foi "praticante gratuito" e depois "auxiliar de pesquisa" antes de se tornar, em 1925, mediante concurso, professora substituta de Seção de Antropologia e Etnografia (KEULLER, 2008, p. 179). Antes de chegar à direção do Museu Nacional em 1937, Torres já vinha consolidando sua autoridade no campo da antropologia. Já é possível, portanto, verificar seu papel de *sujeito* na história intelectual nacional. E, ao invés de simplesmente se apoiar no nome do pai, a professora e antropóloga buscou conquistar respeito em sua área como especialista em cerâmica marajoara, com direito ao batismo do trabalho de campo.

Em 1926, Heloisa Alberto Torres já se tornava professora-chefe interina da Seção de Antropologia e Etnografia, tendo em vista que Roquette-Pinto assumira a direção do Museu Nacional. Torres foi selecionada num concurso em que, mesmo não contando com formação universitária, demonstrou maiores conhecimentos antropológicos que seus pares, superando nomes como Jorge Henrique Augusto Padberg Drenkpol (1877-1948) e Raimundo da Cunha Lopes (1894-1941)[533] nas medições antropométricas, descrevendo com desenvoltura objetos pertencentes às coleções do museu e dissertando seguramente sobre o tema que lhe foi proposto (KEULLER, 2010; RIBEIRO, 2010).

[533] Raimundo da Cunha Lopes ingressou no Museu Nacional em 1922, substituindo Alfredo de Morais Coutinho. Prestou o mesmo concurso que Heloisa Alberto Torres, sendo superado por esta, permanecendo na instituição até sua morte em 1941. Foi membro do Conselho Consultivo do SPHAN.

Na condição de professora, Torres desenvolveu uma série de atividades que a alçaram no mundo das pesquisas antropológicas. Das expedições que realizou, a mais significativa foi certamente a que a conduziu ao Pará, em 1930. Adélia Ribeiro considera que "foi o estudo da cerâmica marajoara que lhe propiciou o *salto qualitativo* que a emanciparia da condição inicialmente exclusiva de *filha de um grande homem do Estado* para a de disciplinada pesquisadora" (RIBEIRO, 2010, pp. 80-81).[534] Além disso, esse tipo de atividade foi também fundamental para o estabelecimento de contatos. 1930 foi também o ano em que Carlos Estevão assumiu a diretoria do Museu Paraense Emílio Goeldi, e Torres por certo necessitou do apoio desse museu para suas pesquisas, conquistando, a partir daí, um valoroso aliado em diversas ocasiões.[535] Essas viagens também lhe deram condições de melhor orientar, posteriormente, os pesquisadores(as) estrangeiros(as) que vieram realizar suas pesquisas no Brasil. Torres já havia desenvolvido, dessa forma, uma parcela significativa de sua rede, uma vez que começou assim a estabelecer contatos importantes para a realização de pesquisas de campo em diversos lugares do país.

Ainda nesse curto período, não foi o Museu Paraense Emílio Goeldi a única instituição científica ou cultural com a qual Torres se relacionou. Ribeiro também dá conta de que, após proferir uma

---

[534] O antropólogo José Bastos de Ávila, também do Museu Nacional, chegou a produzir um premiado romance inspirado nessa pesquisa de campo de Torres (ÁVILA, 1933).

[535] Além da ajuda que prestou a Charles Wagley, quando de seus trabalhos de pesquisa e treinamento realizados no Pará por intermédio do Museu Nacional, Estevão também esteve ao lado de Torres na defesa de Curt Nimuendajú perante o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, quando ela já havia deixado esse órgão (cf. GRUPIONI, 1998). Há uma foto, publicada no livro *Querida Heloisa /* Dear Heloisa, de Mariza Corrêa e Januária Mello (CORRÊA e MELO, 2008), que mostra a pesquisadora ao lado de Estevão, a bordo do barco "Cassiporé", no Porto de Belém, ilustrando essa amizade. No entanto, como vimos, Estevão, assim como Torres, dirigiam instituições científicas em disputa por recursos escassos, sobretudo durante o período da Segunda Guerra Mundial, e essas relações nem sempre foram apenas de camaradagem.

palestra sobre a arte marajoara na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), Torres encaminhou o texto, que foi publicado num folheto, “a inúmeros museus e instituições científicas, no Brasil e no exterior. Ao mesmo tempo, Heloisa guardou consigo as mensagens, cartas e telegramas de agradecimento, que recebia dos contemplados” (RIBEIRO, 2010, p. 80). Adriana Keuller também menciona que Torres teria estabelecido contatos, entre os anos de 1927 e 1931, além da já mencionada ENBA, com Institutos Históricos e com a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, sendo que nesta última instituição teria ministrado um curso de etnografia (KEULLER, 2008, p. 187).

Foi também nesse período que Torres constituiu um grupo que seria de suma importância na sustentação e implementação de seus projetos. Além de Roquette-Pinto, é importante mencionar nomes como o já mencionado Raimundo Lopes, Alberto Childe (1870-1950),[536] José Bastos de Ávila e outros que, posteriormente, vieram a se juntar ao grupo.

Após consolidar suficientemente uma rede intelectual e conquistar o respeito de seus pares antropólogos, Torres se tornou a principal referência do Museu Nacional, sobretudo após o pedido de exoneração desta instituição feito por Roquette-Pinto em 1935, em função da lei que obrigava à desacumulação de cargos públicos. Em 1932, por exemplo, já aparece como delegada do Brasil no Congresso Internacional de Americanistas ocorrido na cidade de La Plata, Argentina (KEULLER, 2008, p. 182).

Pouco tempo depois, Torres começou a tentar galgar posições no campo da proteção do patrimônio arqueológico e etnográfico

[536] Conservador de arqueologia do Museu Nacional desde 1911, sendo que já trabalhava na instituição anteriormente como artista. Foi autor de uma das primeiras propostas de proteção ao patrimônio etnográfico brasileiro, em 1920. Também foi membro do Conselho Consultivo do SPHAN. Permaneceu no Museu até 1938, tendo ocupado também a posição de chefe da seção de Antropologia e Etnografia.

brasileiro. A consciência de que esse patrimônio estava sendo pilhado por instituições estrangeiras já lhe aflorava quando de suas pesquisas na década de 1920. Em um texto escrito em 1929, Torres

> alertava para o fato de que, apesar das belas e preciosas peças trazidas por Ferreira Penna e Ladislau Netto, para o Museu Nacional, e mesmo as de Orville Derby, já como membro da Comissão Geológica do Império, constituírem um importante acervo da instituição, tantas outras de valor inestimável para a cultura nacional saíam do país sem controle algum por parte das autoridades brasileiras, *rumo a museus mais ricos que os nossos* (RIBEIRO, 2010, p. 81).

Mas, por si só, o Museu Nacional não possuía recursos suficientes para tomar conta das diversas jazidas arqueológicas e proteger as intocadas "culturas primitivas" ainda existentes no território nacional.

Não era nova a tese de que o Estado deveria se responsabilizar pela proteção do patrimônio científico do país, e o Museu Nacional teve papel destacado nessa discussão. Segundo Grupioni (1998), em 1907 a Congregação do Museu já se manifestava sobre o problema da regulação da saída de coleções do Brasil e da proteção de povos indígenas. Em 1909, no 1º Encontro Brasileiro de Geografia, clamava-se pelo auxílio dos governos da União e dos Estados às instituições museológicas no que diz respeito ao incremento de suas coleções e ao controle das expedições estrangeiras. Na década de 1930, o Marechal Cândido Rondon, estreitamente ligado ao Museu Nacional, defendia as mesmas ideias, enfatizando o papel do Estado. Por fim, em 1932, uma comissão da qual fazia parte o chefe da Seção de Botânica do Museu Nacional, Alberto José Sampaio (1881-1946), ficou incumbida pelo Ministério da Agricultura e pelo Ministério da Educação e Saúde Pública de "elaborar um projeto de decreto que normatizasse

as expedições estrangeiras que pretendessem percorrer os sertões do país em estudos científicos ou pesquisas de qualquer natureza" (GRUPIONI, 1998, pp. 49-53).

Em 1933 foi finalmente criado o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, e nele tomam assento dois representantes do Museu Nacional: Candido Firmino de Mello Leitão (1886-1948) e a própria Heloisa Alberto Torres. Regina Horta Duarte mostra que, anteriormente, o Museu Nacional já vinha ocupando os espaços criados pela estratégia de ampliação e centralização estatal do governo de Getúlio Vargas no campo educacional. A perda de poder notada nesse campo,[537] foi contrabalanceada pela ocupação de outros postos criados pelo governo, sobretudo na área do indigenismo e da preservação do patrimônio nacional. Desse modo, os projetos do Museu Nacional não foram derrotados nesse primeiro momento: na verdade os membros da instituição antes garantiram um espaço que posteriormente lhes seria deveras importante, como veremos adiante.

Ainda há, todavia, um elemento significativo que precisa ser abordado aqui: a centralidade ocupada por Torres num universo eminentemente masculino é um aspecto impossível de não ser notado. Esse assunto já foi abordado de maneira magistral por Mariza Corrêa no texto intitulado "Dona Heloísa e a pesquisa de campo" (CORRÊA, 2003), ao lado de outras situações que chamam a atenção para as relações de gênero no campo antropológico em seu processo de constituição no Brasil. A propósito de uma disputa interna pela direção do Museu Nacional, quando este se encontrava fechado em função de obras de consolidação e restauração empreendidas pelo SPHAN a partir de 1941, Corrêa conclui que "o perigo estava na

[537] Segundo a historiadora, Gustavo Capanema ascende no governo Vargas e "em seus projetos o grupo do Museu Nacional perdeu importância e, como vimos, foi reduzido à categoria de 'naturalistas" (DUARTE, 2010, p. 131).

poluição das fronteiras entre o masculino e o feminino, pela ocupação de lugares socialmente, explícita ou implicitamente, destinados a uma dessas categorias" (CORRÊA, 2003, p. 152). Ao se esgotarem os argumentos elaborados por um conjunto de naturalistas homens, politicamente posicionados contra o legado varguista,[538] esta facção oposicionista à situação representada por Torres no Museu logo passou a apelar para a sua suposta "prepotência feminina", que seria responsável pela instauração de "um regimem de matriarcado" (apud CORRÊA, 2003, p. 151), nesse caso identificado com uma postura supostamente totalitária denunciada em outras oportunidades.[539] No

[538] Assinaram uma carta publicada no jornal *O Globo*, contra Heloisa Alberto Torres, os seguintes naturalistas: Othon H. Leonardos, Haroldo Travassos, Dalcy de Albuquerque, Newton Santos, José Oiticica Filho, Carlos de Paula Couto, Emmanoel Martins, Romualdo Ferreira de Almeida, Joaquim Machado Filho, Herbert Berla e Alceu de Castro. "Continua fechado o Museu Nacional". *A Noite*. Rio de Janeiro, 14.06.1946, Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN. Em matéria também produzida a partir de depoimento deste grupo, no jornal *Diário de Notícias*, o jornalista escreve que "Com o desperdiçado 29 de outubro, todas as diretorias deviam cair com o ex-ditador. Mas em certas, a eleição poderia permitir o continuismo da diretoria. Seria isso democrático. E veio a eleição para o Museu. E a diretora perdeu. Mas ficou". Na mesma matéria, desqualificava-se também a sua capacidade científica: "Ela não tem espírito científico. Aliás, não admira. De sua lavra, existem dois ou três trabalhos sobre cerâmica marajoara. Publicou-os há vinte anos mais ou menos. De lá para cá, nada fez sobre ciencia" – CAETANO, Daniel. "Anarquia organizada no Museu Nacional". *Diário de Notícias*, 13/10/1946 (capa de domingo), caixa 07, envelope 18 (06/13), CHAT, SEMEAR, MN. Em manchete da *Folha do Dia*, lê-se a respeito da atuação de Torres: "reminiscências do Estado Novo – perseguição aos cientistas – preterição de nacionais por estrangeiros – fechado ao público – os técnicos patrícios dirigem-se ao general Dutra" – "Pedida a intervenção no Museu Nacional". *Folha do dia*. Rio de Janeiro, 24.06.1946, Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

[539] Provocado pelos naturalistas mencionados acima, o senador Hamilton de Lacerda Nogueira (1897-1981), em requerimento transcrito no *Jornal do Comércio*, afirma, por exemplo: "Mas, o que é mais grave, Sr. Presidente, vem a ser o caráter nitidamente fascista que predomina no Museu Nacional" – "O Museu Nacional". *Jornal do Comércio.* Rio de Janeiro, 24.06.1946, Pasta "Inventários"AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ. A propósito de outra entrevista concedida pelo naturalista Newton Santos, o *Diário da Noite* também se posiciona da seguinte forma: "Depois que conquistamos as liberdades e garantias democráticas, que a imprensa ficou livre, que o 177 foi derrubado, sendo, aos poucos, as irregularidades de toda ordem sendo denunciadas, foi possível avaliar os males causados pelo regime filo-fascista imposto ao nosso povo em novembro de 1937 [...]", associando assim a ditadura varguista ao modo pelo qual Torres viria conduzindo a direção do Museu

entanto, esse apelo ao ideário misógino de nossa sociedade patriarcal não foi suficiente para a destituição de Torres de seu cargo, que levou as obras a cabo, renovou as exposições do Museu Nacional e se manteve atuante no campo antropológico e indigenista por um bom tempo ainda depois disso.

A condição de gênero de Torres é, no entanto, para a minha surpresa inicial, pouquíssimo evocada no interior do amplo conjunto de documentos que nos permitem constatar a sua centralidade relacional à qual me referi acima. Isso se torna ainda mais surpreendente se nos lembrarmos que, no caso dos trânsitos interamericanos, por exemplo, a circulação feminina era estritamente regulada em função de um papel de gênero restrito à condição de esposa charmosa e bem-comportada, algo abertamente enunciado em diversas correspondências citadas neste trabalho, em especial no Capítulo 8. É possível que a desconfiança inicial de Edison de Souza Carneiro em relação a Torres, confessada em algumas cartas que ele trocou com Ruth Landes,[540] também se devesse ao fato de que ela era percebida, antes de qualquer outra coisa, como uma mulher ocupando um lugar que supostamente deveria ser de um homem. A única carta que encontrei na qual Torres expressa o fardo de pressões que vinha sofrendo justamente por ser mulher foi aquela citada no Capítulo 7: "eu não posso esquecer que o fracasso desse plano seria explorado por aqueles que não acreditam no interesse em desenvolver o trabalho científico e refletiria na atenção garantida ao trabalho científico, **além de resultar na depreciação do nosso museu e de minha habilidade feminina**".[541] No mais, o que se encontra nos documentos abrangidos

---

Nacional – "O caso do Museu Nacional: mais um atentado está sendo praticado á cultura do povo", *Diário da Noite,* s.d. [1946], caixa 07, envelope 18 (06/13), CHAT, SEMEAR, MN.

[540] Capítulo 5, seção "Entre os Estados Unidos e o Brasil", nota 382.

[541] Carta de Torres para Steward, 19 de abril de 1944, "Brazil, General, 1942-51", Series 5. Areal Subject File, Box 12, RISA, NAA, SI, negrito meu, tradução livre. A data desta carta

por esta pesquisa são algumas poucas menções ao charme de Torres, como em um comentário tecido por William Berrien, algo que, como também já vimos, era bastante apreciado no interior das circulações interamericanistas.[542]

Foi por ocasião da morte de Torres, em 1977, já num outro contexto, portanto, que o silêncio acerca da sua feminilidade foi quebrado por alguns de seus pares.[543] Torres morreu num quase total ostracismo em Itaboraí, RJ, sua cidade natal e à qual se recolhera depois de exauridos os seus esforços em prol das causas antropológicas e indigenistas que defendia.[544] Paschoal Lemme (1904-1997), que trabalhara na Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional quando de seu já mencionado fechamento temporário na década de 1940, evidenciou a condição de gênero de Torres ao escrever que "só mesmo a coragem dessa mulher extraordinária poderia enfrentar situação dessa natureza",[545] referindo-se aos ataques por ela sofridos naquele período.

---

indica, no entanto, que Torres já vinha sofrendo com o machismo de seus "colegas" bem antes do processo administrativo contra ela instaurado pelo grupo de Newton Mendonça e Othon Leonardos em 1946, conforme indicado por Corrêa (2003).

[542] Num bilhete manuscrito de William Berrien para Henry Allen Moe, de 2 de novembro de 1950, o remetente acrescenta depois de sua assinatura, após ter informado que Torres havia pegado um certo material com ele, que ela era "uma mulher muito charmosa" (*a very chaming woman*) – "Latin America: Torres (#1 - #2)", HAMP. Edison Carneiro também comenta, na correspondência trocada com Landes e já mencionada neste livro, sobre a beleza da diretora do Museu Nacional.

[543] Agradeço à historiadora Cristina Meneguello por me alertar para o fato de que em outros lugares a figura de Torres era evocada como um símbolo do orgulho feminino burguês brasileiro, como nas ocasiões em que ela foi objeto das matérias da revista *O Cruzeiro*. Mariza Corrêa também lembra que parte da imprensa de seu tempo a considerou uma integrante do movimento feminista, embora fosse pouco provável que as feministas de então a tomassem como participante de seu grupo (CORRÊA, 2003, p. 160).

[544] Tanto Pachoal Lemme quanto Carlos Drummond de Andrade, os quais citarei a seguir, somente tomaram conhecimento do falecimento de Torres após receberem um singelo convite para uma missa de 7º dia em sua homenagem, conforme eles próprios deixam entender.

[545] LEMME, Paschoal. "Carta dos Leitores. Heloísa Alberto Torres". *O Globo.* Rio de Janeiro, 13.03.1977. TORRES, Heloísa Alberto, pasta "Personalidades", AA02/M003/P01/Cx. 0125/ P. 0404/, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

No entanto, foi o poeta Carlos Drummond de Andrade aquele que, dentre os pares de Torres, mais ousou ao tentar abordar a sua silenciada feminilidade. Jogando com os papéis prescritos, sobretudo por meio das mídias impressas, às mulheres burguesas que pertenceram à geração da falecida diretora do Museu Nacional, Drummond escreve o seguinte:

> Mulher admirável, que não se satisfez apenas em ser bela (e foi das mais convincentes belezas do Rio de Janeiro) ela se casou com a antropologia, como outras mulheres de grande beleza se casam com o mundanismo ou com a fortuna. Uma antropóloga não costuma ser notícia social, por maiores que sejam seus méritos, e Heloísa os tinha em medida alta. Amava mais os índios e seus vasos, urupemas e ritos, do que o fugidio destaque nos salões. Os meios científicos estrangeiros a reverenciavam, enquanto muita gente por aqui veria nela, quando muito, a zelosa diretora do Museu Nacional, tratando de interesses da instituição nos labirintos burocráticos, a reclamar verbas, a organizar reuniões de especialistas, a promover a pesquisa e estudo dos valores culturais primitivos da Amazônia.[546]

Para Drummond, o dever do matrimônio e os anseios tipicamente reservados às mulheres de sua classe social foram subvertidos pela personalidade de Torres, algo que a teria alçado a uma posição de destaque em relação às outras mulheres de seu tempo. Quando o poeta se refere à "beleza" de sua homenageada, ele também o faz ressignificando os padrões estéticos veiculados pelo senso comum patriarcal:

[546] ANDRADE, Carlos Drummond de. "Lembrança de Heloísa". *Jornal do Brasil*, p. 8, caderno B, s.d. TORRES, Heloísa Alberto, pasta "Personalidades", AA02/M003/P01/Cx. 0125/ P. 0404/, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

> Heloísa foi devidamente esquecida, como de praxe entre nós, e só há poucos dias alguém falou nela, com merecido carinho. Foi Afonso Arinos de Melo Franco, em página do seu excelente diário-memorial, que acaba de aparecer sob o título *Alto-Mar Maralto*, evocando 'o seu belo sorriso de moça'. E os olhos também, seus olhos maravilhosos, que impressionaram Jean-Louis Barrault quando, em um almoço no qual eu estava presente, sentou-se do seu lado. '*Qui est cette belle femme*?' A esse tempo Heloísa já engordara bastante, mas conservava o sinal imperecível de uma formosura que não era só de corpo, mas também de espírito.[547]

Drummond também encontra em Torres um novo significado para o comportamento emocional tido como tipicamente feminino:

> Um dia vi Heloísa chorar. Era um sábado, ainda se trabalhava nas repartições até certa hora, e vejo-a chegar no gabinete de Capanema com ar agitado que não era do seu natural. Às primeiras palavras que me diz, lágrimas brotam-lhe dos olhos: o Museu pegara fogo! O antigo paço de São Cristóvão, aquele prédio venerável em que tantas riquezas da ciência estavam acumuladas, de par com inapreciáveis testemunhos do passado, destruído pelas chamas, que querem lá saber de tradições históricas nem de coleções científicas! Na realidade, era um foguinho modesto, que chamuscara algumas paredes, sem afetar a estrutura do casarão. Não importa: a diretora, enérgica, mulher de fibra comprovada, cedera lugar à emotividade feminina, que extravasava em soluços o amor ao Museu, no qual transcorria toda a sua vida consagrada à antropologia cultural.

Torres era uma *mulher*, mas Drummond pretende mostrar que isso não era uma condição impeditiva para que ela também fosse, ao lado dele próprio, de seus(uas) colegas do SPHAN, dos(as) naturalistas do Museu Nacional e dos(as) antropólogos(as) de todo

[547] Idem.

mundo, um autêntico *sujeito da modernidade*, ou, como prefere o poeta, "uma das pessoas *reais* deste país, em que tantos seres irreais, frutos da propaganda ou do acaso, são celebrados na qualidade de mitos do dia".[548] O fato de ser mulher, o que, para Drummond, marcava justamente a originalidade de sua atuação como sujeito da modernidade brasileira, era justamente aquilo que era silenciado em meio às relações cotidianas com os pares.

Esse silenciamento era possibilitado, dentre outras coisas, pelo uso do (neste caso) excêntrico pronome de tratamento "Dona", ao invés de "Dra." ou "Profa." – como seria esperado em função do tratamento dispensado aos seus pares homens. "Dona", em geral, é um termo usado para um tratamento respeitoso em relação a mulheres mais velhas no interior de sociedades patriarcais. Seu significado, no entanto, pode variar em função do contexto de uso, sendo utilizado, em alguns casos, de maneira depreciativa.[549] Neste caso, o termo "Dona" parecia tentar resolver o problema das já "poluídas fronteiras entre o masculino e o feminino", reconhecendo o lugar de autoridade de Torres sem, contudo, equipará-la aos seus pares homens. O "Dona", portanto, indicava que ela não seria na verdade uma *mulher stricto sensu*, mas algo neutro, uma mulher que perderia a sua feminilidade autêntica ao ocupar um lugar masculino, uma *mulher excêntrica*, de modo semelhante às mulheres que, viúvas, assumiam o lugar de mando do patriarca, apossando-se, ou seja, tornando-se *donas* de algo que, a princípio, pertenceria aos homens, mas, em algumas situações especiais, poderiam ser reivindicados por mulheres. Podemos entender esse uso do pronome de tratamento *dona* como a extensão dos processos de produção de sujeitos da modernidade para

[548] Idem.

[549] Uma discussão ao mesmo tempo interessante e instrutiva a esse respeito pode ser encontrada em Dias (2017). (Agradeço à linguista Nayhara Pereira Thiers Vieira por me chamar a atenção para a complexidade deste uso linguístico.)

um setor da humanidade que antes ocupava um lugar de *objetividade*: a *mulher* entendida como objeto da ação civilizatória de seus maridos ou, quando muito, de uma educação para moças.[550] Em casos como esse, uma mulher poderia se tornar também um sujeito modernizador, desde que sua condição feminina fosse devidamente apagada.

Ao morrer, logo a memória da antropologia, do patrimônio, enfim, do processo de modernização nacional, esforçar-se-ia por suprimir a incômoda memória representada por essa e por outras "*donas*". Mas é justamente por debaixo desse peculiar pronome de tratamento que Drummond reencontrará a feminilidade de Torres, recriando a possibilidade de que sua subjetividade fosse reinvocada como *moderna* e como *feminina*:

> Heloísa se foi, envolta em silêncio total do Brasil, e é para quebrar esse silêncio que pela primeira vez a trato assim, sem o convencional 'Dona' que na conversa precedia sempre o seu nome. Não é mais Dona Heloísa, amiga de nós todos seus compatrícios mas principalmente dos índios, servidora exemplar do país, discreta e sábia, como os verdadeiros sábios costumam ser. E, por isso mesmo, esquecida. Como cresce o Brasil, e como, crescendo, esquece depressa, depressa!

---

[550] Guacira Lopes Louro nos lembra que "Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura" (LOURO, 2006, p. 444). Mesmo nas classes mais abastadas essa distinção era muito clara: "Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plena mente preparadas" (LOURO, 2006, p. 446).

O “crescimento do Brasil”, ou seja, a sua modernização, pela qual lutou a própria Heloisa Alberto Torres ao lado de Drummond e de outras subjetividades modernas, é a mesma modernização que ilumina a história de algumas de suas subjetividades ao passo que suprime outras em seus arquivos. Drummond talvez tenha inaugurado, aqui, uma possibilidade de desdobrar a *subjetividade moderna* de Torres em outras *subjetividades modernas femininas* ao reautorizá-la, quando ela já parecia esquecida entre nós – e na condição de um dos *arcontes-mores* da modernidade brasileira – como *subjetividade exemplar* de uma *modernização brasileira* ainda por se fazer. O poeta mineiro forneceu, assim, as lentes que permitem captar o espectro daquele astro anômalo e o poder que ele ainda pode exercer sobre nós. Vejamos que tipo de articulação entre os conceitos de civilização e cultura permitiu a produção dessa subjetividade moderna *sui generis*.

Uma rearticulação para os conceitos de civilização e cultura

Discorrendo sobre os contatos entre povos “civilizados” e “primitivos” no Brasil diante da audiência do Rotary Club do Rio de Janeiro, em 10 de janeiro de 1968,[551] Heloisa Alberto Torres diz o seguinte, referindo-se inicialmente aos índios brasileiros ao tempo do descobrimento:

> Formavam eles sociedades humanas, com sistemas econômicos diferentes do nosso, do da civilização ocidental, organização familiar, forma de governo e religião próprias. Em suma, eram grupos que estavam, por assim dizer, situados em etapas mais elementares de desenvolvimento, atrasados, em relação à nossa situação, de alguns milênios.

[551] “O índio e a assistência que cumpre dar-lhe. Palestra da Professora Heloisa Alberto Torres – Rotary Club do Rio de Janeiro”, 10 de janeiro de 1968. Caixa 05, envelope 04, CHAT, SEMEAR, MN.

Não obstante o “atraso cultural” em relação aos “povos civilizados” e à “nossa situação”, a cultura indígena apresentaria características “perfeitamente adaptadas ao clima tropical”. Percebe-se, desde já, o caráter antropogeográfico da cultura segundo a acepção de Torres. Heloísa Bertol Domingues destaca esse traço “ecologista” que não escapou ao Museu Nacional, tomando como base a proposta, elaborada por Torres, de um inquérito nacional sobre as ciências sociais e antropológicas no Brasil.[552] As culturas indígenas são naturalizadas genericamente, desse modo, no solo do território nacional.

No entanto, segundo a palestrante, “obviamente, considerando o estágio cultural mais desenvolvido [Torres risca o termo “superior”] em que nos encontrávamos, em breve passamos a exercer, sobre os índios, a proteção”.[553] Mencionando as iniciativas coloniais e imperiais, Torres afirma que

> a verdadeira proteção é obra leiga da República, é obra de Rondon. De Rondon e de alguns de seus amigos, militares, sem dúvida, mas que sobre serem militares, eram positivistas.
>
> Foi, portanto, Cândido Mariano da Silva Rondon, o criador do Serviço Nacional de Proteção aos Índios e o fez de acordo com as normas educacionais correntes na época, em que o

[552] “De fato, o estudo da cultura relativamente ao meio geográfico, como objeto da antropologia, impunha-se nos anos 1930 e 1940. Essa prática antropológica – ou etnológica – ligava-se também à nova ciência, a ecologia, e foi chamada de antropologia ecológica, o que não foi estranho ao Museu Nacional, como se vê nos trabalhos de Luiz de Castro Faria, conforme ele mesmo salienta no projeto de pesquisa que fez para obtenção de bolsa da UNESCO, em 1951. Heloisa Alberto Torres descrevia o antropólogo como um cientista engajado nos problemas e nas questões sociais e, assim, deixava transparecer uma contradição da antropologia: o antropólogo, tal como descrito, não podia fazer ciência neutra” (DOMINGUES, 2010, p. 635).

[553] “O índio e a assistência que cumpre dar-lhe. Palestra da Professora Heloisa Alberto Torres – Rotary Club do Rio de Janeiro”, 10 de janeiro de 1968. Caixa 05, envelope 04, Coleção Heloisa Alberto Torres, Seção de Memória e Documentação, Museu Nacional, UFRJ (doravante apenas CHAT, SEMEAR, MN).

> paternalismo tinha força predominante, mas cuja essência ainda hoje é válida podendo resumir-se nos seguintes itens:
>
> a) respeito à pessoa do índio e às instituições e comunidades tribais;
>
> b) garantia à posse permanente das terras habitadas pelos índios e ao usufruto exclusivo dos recursos naturais e de todas as utilidades nelas existentes;
>
> c) preservação do equilíbrio biológico e cultural do índio, no seu contato com a sociedade nacional;
>
> d) resguardo à aculturação do índio, de forma que as mudanças socioeconômicas se processem a favor de seu desenvolvimento.

Torres prescreve assim, a partir da produção de uma subjetividade exemplar, isto é, a de Rondon, como deveriam se portar os sujeitos da modernização nacional diante das culturas objetivadas do nosso território. O sujeito se confunde com a própria ação do Estado em relação aos objetos culturais, e assim essa subjetividade pode se desdobrar, investindo-se na ação de outras pessoas que passam a se identificar com os mesmos valores modernizantes. Era necessário preservar essas culturas antes que o avanço da civilização as suprimisse, e esse caráter protecionista inevitavelmente remete à concepção de modernidade da antropologia americanista boasiana cujos desdobramentos no Brasil já foram evocados neste livro. Conhecer os pontos de vista relativos das outras culturas seria a forma de eliminar os aspectos destrutivos, porque homogeneizadores, da civilização moderna.

É muito significativa a conexão entre as subjetividades de Torres e Rondon, sobretudo no que tange à compreensão do papel do "civilizado" em relação ao indígena. Até mesmo a orientação positivista

era comum: segundo Domingues, tanto Torres quanto Roquette-Pinto “se identificavam pelo forte sentimento de nacionalidade e, teoricamente, pela orientação positivista, para quem as ciências, neutras e internacionais, constituíam a solução dos problemas do país” (DOMINGUES, 2010, p. 629).

No entanto, o desdobramento dessas subjetividades demanda inovações produtivas adaptadas aos novos agenciamentos americanistas, e talvez isso explique uma sutil distinção em relação ao protecionismo de Rondon: a ênfase no papel do cientista. Torres procurava conferir distinção e reconhecimento às suas ações a partir da credibilidade comportada pela ideia de “neutralidade”, isto é, uma aparente autonomia do mundo da ciência em relação à política, aspecto este fundamental para a própria constituição do modo de vida moderno (LATOUR, 1994). Os extratos médios das Forças Armadas, que haviam logrado uma autonomia semelhante apoiadas na ideologia positivista a partir da década de 1870, agora viam nos desdobramentos de seu próprio posicionamento, ou seja, a defesa do desenvolvimento das instituições científicas nacionais, os limites de sua própria atuação política. Por outro lado, a profissionalização das Forças Armadas nos anos 1930 produziu uma coesão interna cada vez mais fortalecida, que se ligava à ideologia da “segurança nacional” elaborada por seu estado maior, o que também contribuiu para o enfraquecimento de frações internas mais autônomas como aquelas produzidas, ao longo da Primeira República, nos seus extratos médios.[554] O discurso militante rondoniano representava assim, cada vez menos, o discurso da própria corporação, ao passo que também não era mais respaldado pelos profissionais da ciência.

[554] Sobre o processo de autonomização do campo militar no Brasil, cf. Carvalho (2006) e Castro (2000).

Torres introduziu no Serviço de Proteção aos Índios (SPI) a sua Seção de Estudos, que depois foi transferida para o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI), órgão consultivo criado em 1939 a fim de orientar as ações do SPI. Naquela mesma palestra proferida para o público do Rotary Club do Rio de Janeiro, Torres afirma que "não houve alteração da política (teoricamente falando), da filosofia de Rondon; **o que o CNPI propôs foi a modificação – consoante normas científicas da educação moderna – dos métodos de aplicação dessa política**". É interessante que as novas concepções educacionais a que se refere Torres inspiraram-se naquelas que passaram a ser propostas a partir de então pela UNESCO, órgão que se ligará posteriormente ao Museu Nacional no intuito de criar o Instituto Internacional da Hileia Amazônica (IIHA) (DOMINGUES e PETIJEAN, 2010). Ao protecionismo americanista soma-se, na fala de Torres, mais esse aspecto que lhe era característico: o internacionalismo científico.

Trata-se, desse modo, de uma postura espistemológica moderna, a partir da qual somente uma ciência progressista, neutra e, portanto, internacional, seria capaz de efetivamente modernizar a nação. Isso explica não somente a aproximação de Torres com a UNESCO para o conhecimento e proteção internacional da Amazônia, mas também o apoio que ela ofereceu, antes, por meio de seus canais relacionais, aos cientistas estrangeiros em suas expedições ao país, sobretudo quando esteve à frente do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil.

A ciência, em especial a antropologia, se afigura, portanto, como valor supremo. É só por intermédio dela que a nação pode se modernizar: "em face dessa complexidade da estruturação das culturas, do seu caráter eminentemente dinâmico, nenhum país, que se tenha em conta de progressista, pode fazer tábua rasa do

que tem sugerido estudo teórico dos problemas da cultura e do que, em aplicação, vem tentando realizar a Antropologia".[555] Assim, o patrimônio cultural, para Torres, era também científico.

Mas de que maneira o conceito de cultura seria articulado no seio da ciência antropológica pela qual advogava? No início de um esboço para um guia das exposições antropológicas do Museu Nacional que seriam reinauguradas em 1947, podemos encontrar definidas por Torres a Antropologia e a Etnografia, em seus sentidos estritos:

> Como "Ciência do Homem", a Antropologia se propõe a estudar:
>
> a) Como Antropologia propriamente dita, os problemas da descendência humana, a classificação das raças, as variedades humanas. Baseia-se na Anatomia Comparada, na Antropometria, na Craniologia e em outras ciências descritivas do corpo humano e de suas funções.
>
> b) Como Etnologia: todos os aspetos do produto das atividades humanas ou, numa palavra, da cultura. Assenta os seus fundamentos na Etnografia, na Linguística, na Arqueologia, na Musicologia, na História das Artes Técnicas, das Artes Plásticas, etc.[556]

Se nesse documento a divisão dos dois ramos do conhecimento aparece de forma mais ou menos clara, definindo dois objetos da ciência nacional, isto é, o *homem* e a *cultura*, não é isso que ocorre, na prática, na atuação cotidiana do Museu. Numa outra palestra, Torres dissolve os limites entre aqueles dois ramos da antropologia:

---

[555] Caixa 05, envelope 04, CHAT, SEMEAR, MN. Não há título nesse documento. Todavia, o seu último parágrafo não deixa dúvidas quanto a tratar-se de uma palestra, ainda que não seja possível afirmar a que público tenha sido dirigida.
[556] Caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN.

> embora aqui interesse somente o que hoje se chama de Antropologia Cultural ou Antropologia Social, apenas excepcionalmente a conclusão de um estudo apresentaria segurança se um aspecto biológico do problema não fosse também considerado com a atenção devida, não só na significação que porventura imprimisse aos fundamentos desse problema como na correlação eventual com fases ou aspectos específicos do mesmo.[557]

Em outro documento (o projeto de criação de um "Instituto de Antropologia" do Museu Nacional), Torres se pergunta: "como poderá a Cultura ignorar que tem, como substratum necessário, o Homem na diversidade de formas, aptidões e temperamentos? Como poderá o físico-antropologista desconhecer que os hábitos culturais podem influir no aspecto físico das populações que estuda?" Em seguida, ainda afirma o seguinte: "desconhecimento ou esquecimento de qualquer política eugênica visando a um melhor futuro para a humanidade não é possível sem o justo conhecimento das populações presentes e que este será sempre falho sem a visão do passado, sem a noção clara da sua gênese e evolução".[558]

As citações aqui trazidas bastam para mostrar que a cultura humana é entendida em seus aspectos mais amplos numa ciência antropológica que, se não abandonou de todo a paixão pelas caveiras, havia absorvido as conclusões mais recentes da etnologia ou da antropologia cultural. Se as falas da diretora do Museu Nacional evocam o culturalismo historicista de Franz Boas, com quem já havia se correspondido pessoalmente por diversas vezes, por outro lado ela parece continuar se inspirando na antropologia física de feição neolamarckiana desenvolvida no Brasil por Roquette-Pinto, ao mesmo

[557] Caixa 05, envelope 04, CHAT, SEMEAR, MN.
[558] "Justificação". Caixa 14, envelope 100, CHAT, SEMEAR, MN.

tempo em que está atenta à antropologia ecológica que se desenvolvia nos Estados Unidos – como vimos nos capítulos 6 e 7, Torres conhecia muito bem Julian Steward. A "eugenia", que via de regra se confunde com "branqueamento" das populações não brancas (ou mesmo o seu extermínio), em função das origens dessa corrente de pensamento no século XIX, podia significar também uma política de desenvolvimento biológico e cultural não necessariamente genocida. No caso dos povos indígenas, uma política eugênica, segundo a acepção empregada por Torres, significaria a garantia de seu desenvolvimento físico e cultural autônomo de forma harmônica com seu meio natural. Cada "cultura" poderia, portanto, progredir para o estágio "civilizado" dentro de suas próprias especificidades antropogeográficas ou eco-antropológicas.

O aspecto evolutivo dessa noção de cultura explica também o interesse dirigido às culturas indígenas. O que causava fascinação era seu estágio primitivo de desenvolvimento civilizacional: o território brasileiro abrigaria uma incomensurável riqueza científica, uma vez que o conhecimento desses diversos estágios civilizacionais de cada cultura permitiria lançar luz no desenvolvimento civilizacional humano geral. Segundo as palavras de Torres, extraídas do mesmo documento citado anteriormente, "A história prolongada por uma visão dos fatos da proto-história e da pré-história desenrola à observação do antropólogo uma sequência tão extensa do problema da cultura que vão surgindo novas teorias a seu respeito, teorias que se vão encaminhando para uma interpretação neoevolucionista da cultura".

Todavia, é um documento de 1949, produzido por Torres "como contribuição à festa do centésimo vigésimo quinto aniversário do Jornal do Comércio",[559] que nos dá uma imagem mais clara a respeito da forma por meio da qual diretora do Museu Nacional articulava

[559] "Elementos autóctones na civilização do Brasil". Caixa 07, envelope 18 (13/13), CHAT, SEMEAR, MN. Estão arquivadas apenas as duas primeiras páginas deste documento.

os conceitos de civilização e cultura. Em primeiro lugar, Torres problematiza o uso do termo “cultura autóctone”, de um modo que nos lembra em muito as pesquisas histórico-culturais levadas a cabo por Franz Boas e Ruth Benedict em Columbia por meio dos fundos do *Council for Research in the Social Sciences* da *Laura Spelman Rockefeller Memorial Foundation* (vide o Capítulo 5):

> Parece questão fora de dúvida que o grande desenvolvimento cultural das tribos indígenas da América se processou no próprio território do Novo Mundo, mas daí a dizer que todos os traços de cultura dessas populações são autóctones, na acepção que em antropologia se dá à palavra, vai uma diferença.
>
> Uma vez que não se encontrou, até o presente, prova de que o homem americano seja autóctone e que se verificou mesmo não haver fundamento científico que prognostique alguma cousa de positivo nesse sentido, é forçoso admitir que o têrmo *autóctone*, encabeçando estas notas, tem apenas o sentido que se lhe dá em linguagem corrente. Não deveria, na verdade, chocar mais ao antropólogo do que a palavra *indígena*, que usa frequentemente, sem atentar para a limitação etimológica ao seu sentido. O indígena é o indivíduo *gerado dentro*; teria, a rigor, a mesma significação que autóctone. Em botânica e zoologia o têrmo conserva ainda seu rigor etimológico; em antropologia, a analogia com a palavra índio parece ter causado certa confusão.[560]

Essa postura lembra muito a atitude cética boasiana em relação à definição de qualquer tipo de origem ou autenticidade cultural *a priori*. De acordo com essa concepção, o termo “cultura” não é percebido como coisa estática, mas como algo sujeito a um lento processo histórico de transformações devidas a fatores complexos:

[560] Idem.

> Um dos processos na mudança da cultura – tema que, no momento, tanto ocupa a atenção dos antropólogos – é a incorporação de novos elementos. De aparência tão simples em seu enunciado, a questão de mudança de cultura cobre um campo muito complexo. Nele entram em jogo os empréstimos, com as consequentes modificações de seus elementos; as substituições de conceitos e os ajustamentos desses fenômenos. Tais ajustamentos, modificações e substituições ocorrem tanto com relação ao modo de utilizar os *elementos materiais* componentes da cultura, como em respeito à constituição e arranjo dos diferentes organismos sociais (governo, família, etc.); ao funcionamento, estrutura e configuração dêsses órgãos; aos artefatos inspirados em tais conceitos, sejam êles símbolos, representados por objetos em suas formas reais ou fantasiosas, brinquedos, vestimentas ou armas.[561]

Um outro traço que chama a atenção na fala de Torres é a relação entre cultura e meio físico, o que a leva a problematizar o conceito de "cultura material", preferindo, em vez dele, o termo "aspectos materiais de cultura":

> Os aspectos materiais da cultura são, dentre todos êsses traços, aquêles cuja origem tem sido mais analisada entre nós. Os antropólogos costumam chamá-lo de *traços de cultura material* ou *elementos* de *cultura material*, em oposição aos que denominam *traços* ou *elementos* de *cultura mental*, *espiritual* ou *não material*. Essas expressões parecem-me pouco recomendáveis. Elas podem levar a crer que a representação de uma entidade sobrenatural em cerâmica, osso, pedra, madeira ou qualquer outra substância seja um *elemento de cultura material*, tal como se poderia admitir que se dissesse de uma flecha ou de um pilão. Nem compreendo que se fale em cultura material. A cultura resulta de um processo mental em face de um ambiente físico (geológico, vegetal, animal) ou psicológico,

[561] Idem.

> dêle recebendo sugestões e sofrendo restrições. Tal processo repercute freqüêntemente na feitura de objetos destinados a satisfazer a anseios puramente mentais ou espirituais ou a necessidade de caráter estritamente utilitário, material. Êsses objetos, portanto, constituirão *aspectos materiais de cultura*, mas nunca *elementos de cultura material*.[562]

Os artefatos apresentados nos mostruários do Museu Nacional a partir da gestão de Torres compõem, portanto, *aspectos* de culturas percebidas como algo vivo, em constante transformação seja em função do contato com o meio ou com outras culturas. Conhecer essas culturas em seus diferentes aspectos significaria compreender a melhor forma de protegê-las contra influências estranhas que pudessem perturbar o seu desenvolvimento *natural*. O "civilizado" seria o(a) herdeiro(a) de um desenvolvimento cultural mais complexo que aquele apresentado pelas culturas mais simples e que antecederam a presença dos europeus nas Américas, e por isso ele(a) teria o dever de cuidar para que essas culturas desenvolvessem as suas próprias "civilizações". Fica implícito, desse modo, o pressuposto segundo o qual o progresso civilizacional corresponde ao bem-sucedido desenvolvimento das diversas culturas específicas que compõe o conjunto da civilização, conforme a tradição de pensamento também presente no americanismo boasiano. "Civilização", portanto, é um termo utilizado tanto como referência ao conjunto de conquistas artísticas, científicas e tecnológicas das diversas culturas mais desenvolvidas do globo quanto a patrimônios específicos de culturas dotadas de uma longa história evolutiva.

É verdade que, se era o desenvolvimento científico que media o grau de civilização de um povo, nós ainda estaríamos, segundo Torres, um tanto atrasados. Conforme indicou numa entrevista, "o índice

[562] Idem.

da cultura e do vigor progressista de uma nação – diz inicialmente D. Heloisa – é expresso, na moderna organização do mundo, pela medida em que aplica o método científico à resolução dos problemas humanos".[563] O desenvolvimento civilizacional de uma jovem nação como a nossa dependeria, como não poderia deixar de ser, do grau de domínio da natureza pelo conhecimento científico, ou, nos termos que tenho empregado neste relato, do nível de domínio de *objetos* por *sujeitos* da modernidade: "O meio biogeográfico para ser posto a serviço dos interesses humanos – no presente, como no futuro, e não apenas com relação ao homem do Brasil, mas tendo em vista os interesses superiores da humanidade – precisa ser dominado, para tanto dizer, conhecido. E é exatamente o que nos falta".[564]

A "cultura brasileira" poderia, de todo modo, ser entendida, neste contexto semântico, como uma "civilização":

> Há, em nosso País, uma faixa relativamente pequena, em comparação com a extensão territorial brasileira, na qual se distribuem os centros mais densamente povoados e adiantados; esta seria, para muitos, o que se chamaria de **zona da civilização brasileira**. Na verdade, pela facilidade de contacto com o exterior – que cada vez mais se acentua – há possibilidade de receber tudo o que é forasteiro (coisas e pessoas) e em consequência rapidamente adotam-se-lhes as idéias e assimila-se-lhes o comportamento. A introdução de elementos estranhos é quase ininterrupta; não dá margem ao processamento de uma harmonização, de um ajustamento, quer entre êsses mesmos elementos, quer com os do meio em que se infiltram. Ao envez, vai se dando, por sua acumulação precipitada, uma série de processos de desajustada imitação de outras regiões do mundo e essa faixa vai ficando historicamente cada vez menos brasileira.

[563] "É preciso que os brasileiros descubram o proprio Brasil", *O Globo*, s.d. Caixa 07, envelope 18 (06/13), CHAT, SEMEAR, MN.
[564] Idem.

> **O estudioso da cultura faz um conceito diferente do que seja a civilização brasileira**. Não esquece de que fora dessa faixa fica uma porção considerável da população do País. Não pode ser excluída tôda uma gente (brancos, pretos, índios e seus descendentes), cujo modo de viver constitui, para o conjunto da terra, além de uma expressão econômica, às vezes considerável, certamente uma expressão de vitalidade biológica e cultural da mais alta significação. Êsse **patrimônio**, resultante de uma experiência ecológica centenária, se não milenar, decorreu do atrito entre o meio biogeográfico pouco favorável à vida humana e o ímpeto de sobrevivência por parte de populações que condições históricas situaram em localidades menos accessíveis ou menos favoráveis.[565]

Seria, portanto, por meio do *conceito de cultura* que se poderia conhecer a *civilização brasileira*. Essa *civilização*, isto é, esse *patrimônio cultural* acumulado pela "experiência ecológica centenária, se não milenar", dos diversos grupos que participaram da ocupação de nosso território, também vinha sofrendo um processo de desajustamente em função de contatos culturais estranhos e não pertinentes à vida no território nacional. Se o litoral apresentava a "faixa de civilização brasileira" mais descaracterizada, em função da maior facilidade de contatos com o exterior, as regiões do interior ofereciam ainda exemplos de uma história ou patrimônio de desenvolvimento cultural ainda bastante ajustado ao meio, que deveria ser conhecido pela *ciência civilizada* e protegido por meio do aparato estatal.

Em síntese, caberia aos sujeitos da modernização da civilização brasileira conhecer e proteger os patrimônios culturais do território nacional, tanto aqueles que os(as) antropólogos(as) americanistas vinham identificando, ainda que erroneamente, como "autóctones",

[565] "Elementos autóctones na civilização do Brasil". Caixa 07, envelope 18 (13/13), CHAT, SEMEAR, MN, negritos meus.

quanto aqueles passíveis de estudo pela “etnografia sertaneja”. As exposições abrigadas no Museu Nacional cumpririam, portanto, tanto um papel pedagógico, no sentido de municiar a população brasileira a tomar parte nessa necessária ação protetiva e de valorizar os próprios *aspectos* da *civilização brasileira*, quanto de uma proteção imediata, ao abrigar em suas salas alguns dos últimos remanescentes dos aspectos materiais de culturas já em vias de extinção.

As reformulações narrativas do Museu Nacional

Desde sua fundação em 1818, com o nome de Museu Real e, durante o Segundo Reinado, como Museu Imperial, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista fora designado com uma dupla função subsumida ao fortalecimento do Estado-nação: a descoberta das riquezas existentes no território brasileiro e uma pedagogia de cunho patriótico (LOWANDE, 2014). No entanto, as formas tradicionais de relacionamento que marcaram a atuação dos museus ao longo do século XIX e início do XX foram profundamente afetadas pelo impacto da antropologia americanista boasiana. A disputa entre Franz Boas e Otis Mason (Capítulo 3) em torno das narrativas expositivas indicavam uma mudança de paradigma proporcionada pela circulação transnacional de um novo conceito de cultura, algo que logo seria seguido por importantes instituições museológicas, como o *Musée de l’Homme,* em Paris, e o Museu de Gotemburgo, na Suécia (Capítulo 4). No entanto, veremos que o interamericanismo da Segunda Guerra Mundial também impactou o trabalho museológico, pois os museus também exerceriam de forma privilegiada o papel de articular culturas particulares ao projeto civilizacional e modernizador, agora emanado dos Estados Unidos, contra as ameaças nazifascistas.

Com efeito, o Museu Nacional teve que lidar com uma série de mudanças a partir de meados da década de 1930. A instituição, que, no ano de 1930, passara a se subordinar à Universidade do Brasil, a partir de 1934 perdeu algumas das funções educacionais que lhes foram atribuídas pelo governo de Vargas, a exemplo da *Revista Nacional de Educação* e da censura cinematográfica exercida por meio do Instituto Nacional de Cinema Educativo, dirigido por Roquette-Pinto desde sua criação em 1936. Além disso, as atividades radiofônicas foram abandonadas totalmente por Roquette-Pinto até 1937, e a mudança de ministérios implicou também na perda das funções consultivas que antes o Museu desempenhava junto ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Regina Horta Duarte atribui o declínio das atribuições educacionais do Museu Nacional ao crescimento da corrente educacional católica, contrária aos ideais escola-novistas (DUARTE, 2010, p. 131).

Lilia Moritz Schwarcz considera que a década de 1930 representa o "fim da era dos museus etnográficos" (SCHWARCZ, 1993), ao menos no que diz respeito àquela função que eles desempenharam no século XIX. Esse período também corresponderia a uma "separação epistemológica" entre natureza e sociedade no âmbito dos estudos antropológicos, conforme nota Domingues (DOMINGUES, 2010, p. 630). O Museu Nacional continuou, como vimos, negando essa divisão, o que acarretou numa certa oposição entre a instituição e os cursos acadêmicos que surgiriam a partir de então, a exemplo da criação da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), na Universidade do Brasil, em 1939, e, no mesmo ano, da cadeira de etnologia brasileira na ELSP. A propósito, a mesma reforma que criou a FNFi limitou as funções do Museu ao ensino e divulgação científica, privando a instituição daquela função consultiva anteriormente mencionada.

Por fim, a década de 1930 também trouxe ao Museu Nacional dificuldades institucionais. Além da falta de verbas, é possível mencionar a péssima situação de conservação do edifício do Museu e as dificuldades ocasionadas pela lei que instituiu a desacumulação de cargos. A esse respeito, manifesta-se da seguinte forma o jornal *Ciência para todos*:

> Os antigos naturalistas que sustentaram por tantos anos o renome internacional do nosso Museu, depois de 1935 o foram abandonando por aposentadoria ou morte, ou ainda por força da lei que proibia acumulações de cargos públicos. O Museu viu-se seriamente desfalcado de técnicos; extinguiu-se quase de tudo a produção cientifica; interromperam-se as publicações. Além disso, o velho Palácio Imperial exigia urgentes e profundos reparos.[566]

No entanto, não é correto deduzir do que foi exposto que o Museu Nacional tenha perdido o significativo papel ocupado no cenário intelectual nacional e internacional, construído ao longo de mais de um século. Aproveitando-se dos caminhos anteriormente desbravados por Roquette-Pinto, Heloisa Alberto Torres inseriu o Museu na maioria das organizações relacionadas à antropologia (abarcando a etnografia e a arqueologia) e à questão indígena no país. Além disso, garantiu o assento do Museu em importantes instituições internacionais e expandiu ainda mais sua rede intelectual nacional e internacional, tendo feito da instituição um lugar central na constituição de uma antropologia renovada, que privilegiava os estudos culturais em detrimento dos raciais. A respeito desses firmes posicionamentos e da centralidade do Museu Nacional no período, Mariza Corrêa afirma o seguinte:

---

[566] "Instituições científicas do Brasil". *Ciência para todos,* s.l., [1948]. AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Série "Inventários", Arquivo Central do IPHAN, RJ.

> confronto é uma palavra que poderia sintetizar boa parte da atuação de Heloisa no mundo intelectual de sua época: portadora de um nome importante neste mundo, ela ocupou inúmeras posições politicamente importantes, a maioria vinculada diretamente à disciplina à qual dedicou o melhor de seus esforços, outras apenas indiretamente: todas, no entanto a colocavam no centro do palco numa época em que poucas mulheres lá estavam (CORRÊA, 1997, p. 19).

Foi nesse período que Torres também empreendeu uma reformulação das estratégias expositivas do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Essas obras causaram alguma repercussão na imprensa local, e seus elogios e críticas foram guardados tanto pela instituição museológica quanto pelo SPHAN em seus respectivos arquivos. Além disso, guias e rascunhos de discursos redigidos por ocasião da inauguração das novas exposições também nos permitem adentrar no canteiro de obras em que se transformou o Museu Nacional a partir de 1941 e conhecer os diversos conflitos que essas transformações provocaram. Veremos que essas reformulações também foram atravessadas significativamente por algumas das conexões transnacionais já apresentadas neste livro.

Em um texto aparentemente produzido como rascunho para um discurso público ou divulgação na imprensa, Torres justifica a realização das grandes obras pelas quais passou o Museu Nacional por uma necessidade de acompanhar a "marcha evolutiva de seus congêneres no mundo".[567] O objetivo obedecia a "uma norma regimental, que estabelece uma divisão entre as atividades dos pesquisadores e a dos

[567] Caixa 07, envelope 18 (13/13), CHAT, SEMEAR, MN. Trata-se de um documento incompleto, sem data ou assinatura, com notas e correções manuscritas de Heloisa Alberto Torres, em que se justifica retrospectivamente a "remodelação radical" pela qual havia passado o Museu nacional a partir de 1941, não apenas no que se refere às suas exposições, mas também em relação às "instalações de pesquisa e mesmo das normas reguladoras de suas atividades".

educadores", de modo tal que os pesquisadores apenas selecionariam "o material ilustrativo", podendo assim se dedicarem mais à pesquisa de ponta, e passariam então "aos educadores e museógrafos a responsabilidade da montagem das exposições".[568] Isso se devia ao fato de que

> no mundo moderno, em que tantos aspectos do problema da educação têm de ser atendidos concomitantemente, não era mais possível deixar sôbre os ombros do pesquisador maiores responsabilidades e encargos tão vários quanto a sua própria responsabilidade de estudo, abrangendo a sempre crescente bibliografia especializada, [que] deve absorver inteiramente o seu tempo e demanda com exclusividade, a sua atenção.[569]

A dinâmica expositiva não era mais, portanto, aquela que norteou a "era dos museus" entre finais do século XIX e início do XX. Quanto evoquei a figura de Franz Boas no Capítulo 3, vimos que importantes polêmicas antropológicas de então eram travadas em torno de representações museográficas, produzidas pelos próprios antropólogos, sobre teorias a respeito dos processos de diferenciação racial ou cultural, como ficou claro, por exemplo, na já mencionada disputa entre o próprio Boas e Otis Mason. A tendência que Torres agora procurava seguir era a da especialização e separação das funções educativas e investigativas dos museus "do mundo moderno".

Seguindo na leitura do documento, percebemos que a principal inspiração para essa mudança de postura vinha das orientações de Carl Cummings (ou "Carlos Cummings", como Torres escreve), Diretor da Academia de Ciências de Buffalo, que veio para o Brasil numa missão bancada pela Fundação Rockefeller em função das

[568] Idem.
[569] Idem.

relações estabelecidas entre Torres e David Stevens, conforme se depreende de uma correspondência trocada entre Henry Allen Moe e Charles Wagley em 21 de agosto de 1941.[570] Uma matéria publicada no jornal *O Globo* no dia 19 de agosto de 1941 explica que Cummings veio para o Brasil junto com outros dois "grandes especialistas norte-americanos", Ch. Hamlin, presidente da Sociedade de Ciências Naturais de Buffalo, e o "antropologista" Philips Clawson.[571] A matéria também confirma que a missão foi "coadjuvada" pela Fundação Rockefeller, que foi procurada por Torres "nas vésperas da reforma e da restauração do edifício, como da organização de seus mostruarios e de suas finalidades educativas".[572]

Ainda naquele rascunho, Torres cita um inédito *Report to the Rockefeller Foundation on the Museu Nacional do Rio de Janeiro – Brasil*, produzido por Cummings, no qual ele afirmaria que

---

[570] Moe escreve da cidade de Nova York para Wagley, atestando que compreendia o fato de Torres não poder ir para os EUA naquele ano porque o próprio Stevens havia lhe contado a respeito da "*Buffalo Museum mission*" recebida pelo Museu Nacional logo depois que Wagley havia deixado essa instituição – "Latin America: Charles Wagley (#1 - #7)", HAMP, APS.

[571] "Feição moderna para o Museu Nacional". *O Globo.* Rio de Janeiro, 19.08.1941. Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

[572] Ainda segundo a versão jornalística, "Há cerca de quatro anos, o Bufalo Museum of Science recebeu da Fundação Rockefeller a incumbencia de instruir um grupo de conservadores de museus, e, por ocasião das duas grandes feiras – Golden State International Expedition, em S. Francisco, e a New York World's Fair – o último grupo de estudantes terminava o curso de especialização. Altos funcionários da Fundação Rockefeller, julgando que alguns mostruários dessas duas feiras pudessem oferecer sugestões interessantes do ponto de vista da técnica de exposição, de grande valor para os museus em geral, pediram ao Sr. Cummings que os visitasse em companhia de alguns assistentes e que publicasse o resultado de suas observações.

Do cuidadoso estudo empreendido pelo Sr. Cummings, resultou a obra intitulada 'East is East and West is West', para a qual contribuiu, não só a visita levada a efeito às feiras internacionais, mas sobretudo a experiencia dos seus quarenta anos de serviço no Museu de Bufalo, o que lhe assegura um lugar entre os maiores técnicos em materia de museus nos Estados Unidos, especialização na qual ocupa, em realidade, o lugar de decano" – "Feição moderna para o Museu Nacional". *O Globo.* Rio de Janeiro, 19.08.1941. Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

> No Museu Nacional, o chefe do departamento, que necessariamente deve ser um homem de altas realizações científicas, é chamado meramente a selecionar o material de exibição adequado a partir de suas coleções e suprir as informações necessárias para guias e legendas, e talvez, de tempos em tempos, analisar criticamente os dioramas e agrupamentos realizados nas salas de exposição e laboratórios de preparação, e, depois disso, ele pode deixar todo o resto para que outra pessoa tome conta, o que pareceria mais decididamente ser uma divisão do trabalho apropriada e lógica em qualquer museu.[573]

Antes dessa espécie de consultoria prestada pela missão dos profissionais do Museu de Buffalo, o palácio da Quinta da Boa Vista havia sido tombado pelo SPHAN, em 1938.[574] Logo em seguida foi constatada a necessidade de intervenções urgentes para garantia da integridade do antigo edifício, cujas estruturas estavam a ponto de ruir sobre funcionários(as), coleções e visitantes do Museu Nacional. O fechamento da instituição para obras e as oportunidades abertas pelos fluxos interamericanistas colocaram diante de Torres a possibilidade de batalhar também pela atualização de exposições do Museu, que ainda lembravam gabinetes de curiosidades. Tanto que, em matéria de 9 de abril de 1947, ou seja, logo depois da reinauguração das exposições da instituição, o *Correio da Manhã* afirmava, como já mencionei

[573] Caixa 07, envelope 18 (13/13), CHAT, SEMEAR, MN, tradução livre. Note-se que, para Cummings, a chefia de departamento deveria ser ocupada por um *homem*. Sobre isso, é interessante notarmos a observação feita pelo jornal *O Globo* sobre a sua esposa: "O Sr. Hamlin, em seguida, acrescenta que sua esposa, tambem, uma especialista na matéria, viajou em sua companhia. Tendo visitado o nosso país há cerca de quinze anos, é uma grande entusiasta do Brasil" – "Feição moderna para o Museu Nacional". *O Globo.* Rio de Janeiro, 19.08.1941. Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ. Ou seja: não obstante também fosse especialista na matéria, sua função é apresentada muito mais como a de mera acompanhante de seu marido, algo, aliás, muito comum, como vimos no Capítulo 8, no interior dos trânsitos interamericanos.

[574] É possível reconstituir este processo a partir da pasta "Obras" nas coleções relativas ao Museu Nacional guardadas pelo Arquivo Central do IPHAN.

anterioremente, que “O Museu Nacional perdeu o seu aspecto de casa de *bric-a-brac*, com mostruários apinhados de curiosidades que falavam mais aos olhos que a inteligência – para adquirir a de uma verdadeira escola de Etnografia e História Natural”.[575]

Segundo Luiz de Castro Faria, Georges Julien Simioni foi o artista responsável pela nova apresentação museográfica do Museu Nacional após a consultoria prestada pela missão de Buffalo. Simoni trabalhava para o SPHAN e já teria atuado no Museu da Inconfidência (FARIA, 1947, p. 21). Ao lado da influência artística de Simoni, Castro Faria também explicita a dívida em relação às concepções museológicas de Paul Rivet, que, por sua vez, como vimos no Capítulo 4, possuíam inspiração francamente boasiana. Segundo Castro Faria,

> Ninguém melhor que Rivet, o idealizador do Museu do Homem, definiu com mais clareza e simplicidade a função do museu moderno, cuja existência deve estar a serviço da coletividade e a técnica a ser empregada para atingir os seus objetivos: “O seu fim será dar ao visitante idéias claras e precisas, desenrolar para êle os fatos essenciais sem o fatigar com uma documentação excessiva. As peças antropológicas ou etnográficas serão escolhidas entre as mais típicas e se evitará cuidadosamente a apresentação de séries numerosas, onde a atenção se cansa e se dispersa”.
>
> Êsses princípios foram rigorosamente observados. Será fácil para aquêles que conheceram as antigas exposições, verificar as mudanças radicais operadas nesse particular. Houve, sem dúvida, uma visível diminuição da quantidade de material exposto, mas houve também valorização e planejamento adequados dos diferentes conjuntos, que se tornaram mais compreensivos, mais atraentes e mais racionalizados (FARIA, 1947, p. 15-16).

[575] “O Museu Nacional em sua nova fase”. *Correio da manhã.* Rio de Janeiro, 09.04.1947. Pasta “Inventários”, AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

Essa conferência de Castro Faria sobre as exposições de antropologia e arqueologia do Museu Nacional, somada a um "Projeto de guia de exposição" arquivado na Coleção Heloisa Alberto Torres (SEMEAR, MN),[576] a alguns outros documentos guardados na mesma coleção e a matérias jornalísticas coletadas no Museu Nacional e no Arquivo Central do IPHAN nos permitirão visualizar qual o formato tomado pelas exibições dispostas nas salas e corredores do velho palácio da Quinta da Boa Vista.

O "Projeto de guia" das exposições baseia-se numa concepção de "antropologia" como ciência do homem, dividida em "antropologia propriamente dita" (antropologia física) e "etnologia" (estudo da "cultura", que "assenta seus fundamentos na Etnografia, na Linguística, na Arqueologia, na Musicologia, na História das Artes Técnicas, das Artes Plásticas etc.").[577] Os principais elementos para o estudo de uma cultura e que, portanto, estariam refletidos nos arranjos expositivos do Museu, eram: "1. Quanto à vida mental"; "2. Quanto à vida social"; e "3. Quanto à vida material".[578]

---

[576] "Antropologia: Projeto de guia da exposição", caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN. Não há indicação de autoria no documento, apenas correções manuscritas que podem ser atribuídas a Heloisa Alberto Torres pela caligrafia e pela coleção no qual ele está arquivado. Pelos tipos de erros de digitação, é muito provável que a pessoa que datilografou o texto não foi a mesma que o criou, certamente um(a) secretário(a) que desconhecia elementos básicos de etnografia pois redigiu "cultura matinal" ao invés de "cultura material", "Siony" ao invés de "Sioux", "Métrany" ao invés de "Métraux" etc. Estes dois últimos erros indicam que o documento apresentado ao(à) possível datilógrafo(a) foi escrito por Torres, pois, de fato, os seus "ux" que corrigiram os esquivocados "ny" pareciam mesmo "ny" – de modo que é possível até mesmo imaginar que o(a) digitador(a) tenha ficado extremamente confuso ao ver os "ny" corrigidos por outros "ny". No entanto, embora escrito por ela, provavelmente o texto não é de *autoria* de Torres, ao menos em seu todo, pois, por exemplo, ao corrigir o trecho sobre os "Índios das Planícies", ela não teve segurança em relação ao termo "Catlinita", que ali aparece como o material utilizado para produção do "pipe-stone" (ela anotou uma interrogação acima desse nome). Por fim, como há muitas lacunas na indicação dos números dos artefatos (todos eles recebem uma numeração quando são recebidos no Museu) e dos armários, é possível supor-se que o guia foi preparado para a reabertura das exposições antes que ela estivesse totalmente concluída.

[577] Idem.

[578] Idem.

Além disso, os armários e vitrines das salas de exposições passaram a contar com um maior cuidado de caráter didático:

> Os mostruários das exposições, em suas linhas simples, apagam-se diante do fundo variadamente colorido dos seus interiores e da disposição harmoniosa dos objetos expostos. As explicações, sempre que possível, são fornecidas por meio de gráficos (mapas geográficos, desenhos, fotografias) de modo a reduzir-se o texto ao mínimo.
> Cada mostruário, ou conjunto de mostruários, documenta fatos que se procura, tanto quanto possível, relacionar com os interêsses da vida. Embora as idéias ilustradas pelas exposições se subordinem a um plano geral prèviamente estabelecido, apenas alguns tópicos são esplanados, não sòmente devido à exiguidade de espaço, como também para estimular a curiosidade e conduzir o visitante a procurar informar-se acêrca de questões não abordadas directamente.[579]

Essa preocupação expositiva tinha por fim complementar a função educativa própria dos museus de então, ao lado de outras ações e espaços produzidos pelo Museu, que, segundo Torres, podiam ser enumerados da seguinte forma:

a) exposições públicas de caráter permanente ou temporário;

b) assistência ao público (escolares, grupos prèviamente inscritos ou eventualmente encontrados na exposição, por um monitor);

c) assistência a professôres primários e secundários, pela cessão gratuita de sala para aulas, de projeções fixas e cinematográficas; seminários em que se discutem os interêsses dos

[579] Caixa 07, envelope 18 (13/13), CHAT, SEMEAR, MN. Este documento, do qual restaram apenas as duas últimas páginas do total de quatro, foi produzido por Torres para a reabertura das coleções de Geologia e Mineralogia em 1951.

currículos de ensino e as aspirações dos professôres em modificá-los; classificação do material pertencente aos museus escolares;

d) colaboração com entidades governamentais para realização dos respectivos programas educativos e de pesquisa;

e) sessões cinematográficas;

f) cursos, conferências, intercâmbio com instituições culturais de vários tipos, no país e no estrangeiro;

g) biblioteca.[580]

O foco das exposições antropológicas estava centrado na "Et-nologia brasileira", e os aspectos materiais de cultura de outros povos ficariam dispostos de modo a reforçar o sentido da formação de uma "civilização brasileira", que, como vimos neste capítulo, compunha-se de "culturas" ainda autênticas representadas pelos "autóctones" (conceito impreciso, segundo Torres) e pelos "sertanejos". Assim, "antes de entrar na apreciação da Etnologia brasileira, o visitante encontrará alguns aspetos etnológicos da África, das Américas e das Ilhas do Pacífico, escolhidos para exemplificar culturas diversas, às quais a nossa, sob certos aspetos, se acha vinculada".[581] Essa informação contradiz, no entanto, o que afirma Luiz de Castro Faria em sua conferência de 1947, pois, segundo o antropólogo, África, América do Norte e Oceania ocupariam as "salas seguintes" em relação à antropologia física e à etnologia brasileira – essas salas seriam, inclusive, "aquelas que ainda conservam a dignidade de Palácio Imperial – a do trono (América do Norte) e a

[580] Idem.

[581] "Antropologia: Projeto de guia da exposição", caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN.

dos embaixadores, (Oceania) com tetos esplêndidamente decorados" (FARIA, 1947, p. 18).

De todo modo, seria interessante realizarmos uma espécie de "*tour*" pela exposição do Museu Nacional de então começando por essas últimas coleções, tendo em vista que esse parece ser o sentido sugerido mais plausível (também confirmado posteriormente por algumas matérias jornalísticas). As culturas africanas são caracterizadas no "Projeto de guia" com base nos escritos de Leo Viktor Frobenius (1873-1938), "autoridade africanista", Maurice Delafosse (1870-1926), Clouzot – possivelmente o cineasta Henri-Georges Clouzot (1907-1977) – Level (a respeito de quem não consegui encontrar maiores informações), "Tollenave" – provavelmente se trata do comerciante e cronista francês Louis François de Tollenare (1780-1853) –, Padre Etienne Ignace Brasil e Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906). Os diversos aspectos culturais do continente eram mostrados em seis armários, de maneira "inter-relacionada", "uma vez que é difícil isolar, ou separar uns dos outros, os seus elementos constitutivos". Além disso, obedecia-se "a orientação geral, citada linhas acima, para estudo de uma determinada cultura", isto é, apresentando elementos da "vida mental", da "vida social" e da "vida material", conforme se procurava fazer em relação a todas as demais culturas.[582]

Depois disso o(a) visitante encontraria o "pequeno mostruário etnológico" relativo à América do Norte, composto também por seis armários. É muito interessante notar que, conforme atesta o "Projeto de guia", "a maioria dos objetos expostos provêm da Coleção Quain". Buell Quain, como vimos Capítulo 5, foi um dos antropólogos(as) colocado(as) em circulação transnacional pelo americanismo boasiano, conectando assim projetos modernizadores

[582] "Antropologia: Projeto de guia da exposição", caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN.

estadunidenses e brasileiros. O documento ainda cita o antropólogo Jacques Soustelle (1912-1990) – importante figura do americanismo francês ligado a Paul Rivet, Marcel Mauss e Lucien Lévy-Bruhl no *Musée de l'Homme*,[583] – F. Douglas e "René d'Harnaucourt" (*Indian art of the United States*, The Museum of Modern Art) – certamente o mesmo René d'Harnoncourt, curador do MoMA, que ligou Cândido Portinari a David Stevens, da Fundação Rockefeller, como vimos no Capítulo 10. A respeito especificamente dos esquimós, o documento cita *André Leroi-Gourhan* (1911-1986), "Póle Nord", *Encyclopédie Française*, Tome VII.[584] É importante notar que essas publicações certamente foram adquiridas em meio a práticas transnacionais de trocas de materiais impressos, algo que, como vimos logo acima, fazia parte do escopo de ações do Museu Nacional e, além disso, era também uma atividade bastante difundida, de maneira geral, no interior das redes americanistas, conforme pudemos verificar em capítulos anteriores deste livro.

Em seguida, o "Projeto de guia" trata da exposição relativa à Oceania, constituída por oito armários. Inspiraram essa exposição os trabalhos de Alfred Métraux – que, como vimos, também foi uma figura importante para a conexão entre os projetos antropológicos estadunidenses e brasileiros (Capítulos 4 e 6) –, a respeito dos "três elementos" que teriam conformado a "raça polinésia"; um texto de Ralph Linton – que foi professor e chefe de Charles Wagley em

---

583 "En Amérique – Nord et Centre", in *Encyclopedie Française*, Tome VII, conforme consta do "Projeto de Guia".

584 "Antropologia: Projeto de guia da exposição", caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN. Algo interessante nesta parte do documento é o fato de que Torres demonstra alguma segunça em relação à literatura sobre a etnografia da América do Norte quando corrige o texto, em especial no que diz respeito à sua área de interesse, ou seja, a contribuição feminina ao desenvolvimento de "culturas primitivas", conforme atesta Mariza Corrêa (2003): Torres risca "usados pelas mulheres" quando se refere ao uso do umak, o caiaque de couro dos esquimós.

Columbia (Capítulo 8) –, publicado na mesma enciclopédia em que se encontra o texto de d'Harnoncourt (*Arts of the South Seas*, The Museum of Modern Art); e os trabalhos do missionário inglês Roberty Henry Condrington (1830-1922), para tratar do "mana", e de Robert Ranulph Marrett (1866-1943), a respeito das relações do "mana" com o "tabu". Os povos australianos são considerados no "Projeto de guia" os mais "atrasados", em função do isolamento de "qualquer influência civilizadora" e do ambiente inóspito. Por fim, sobre a aquisição de artefatos micronésios, o documento chama a atenção para o fato de que eles foram oferecidos ao imperador Pedro I[585] do Brasil pelo rei Jamehameha II (1797-1824), das Ilhas Sandwich, atestando assim um trânsito transnacional ainda mais remoto do Museu Nacional e do Estado brasileiro no que diz respeito à sua inserção no mundo civilizado e moderno por meio da circulação do patrimônio etnográfico.[586]

Depois disso, a narrativa museográfica do Museu Nacional se aproxima um pouco mais da etnologia brasileira tratando das culturas sul-americanas. O primeiro grupo de culturas a ser apresentado era o relacionado ao Peru, território onde se encontraria "o mais alto índice das antigas civilizações em terras sul americanas". Por esse motivo, as culturas peruanas são historicizadas, traçando-se a "sequência das suas culturas". O documento cita o trabalho de J. E. Thompson (*Archeology of South America*, Field Museum of Nat. History), a respeito do império Nazca e Chimú, além de Alfred Kroeber e Wendell Bennett, a partir de seus textos publicados no *Handbook of South American Indians* (sobre a produção transnacional desta obra, vide o Capítulo 6).[587]

---

[585] Embora o documento se refira a Pedro II, e não a Pedro I, é mais provável que se trate deste último pelo fato de que Jamehameha II ou Hamehameha II faleceu entre 1923 e 1924.
[586] "Antropologia: Projeto de guia da exposição", caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN.
[587] Idem.

As culturas colombianas e venezuelanas são apresentadas como as mais desconhecidas dos estudiosos americanistas, embora também representassem um "importante campo arqueológico". Além de J. E. Thompson, o "Projeto de guia" cita Jehan Albert Vellard (1901-1996) – *Archéologie des Andes Venezueliennes*, Bol. M.N. XIV-XVII–, americanista francês que desenvolveu pesquisas no Brasil, sendo a mais conhecida delas a "missão Vellard-Lévi-Strauss", realizada entre os nambiquara.[588] Vellard inclusive forneceu ao Museu Nacional vários exemplares de artefatos venezuelanos, algo que provavelmente também se deu graças às ações empreendidas por Torres junto ao Conselho das Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas no Brasil.[589]

Em seguida, o "Projeto de guia" trata da "grande sala central destinada à etnografia brasileira".[590] No entanto, a conferência de Castro Faria dá a entender que essa seria precedida por uma exposição de antropologia física. A sua descrição da "parte de antropologia física" nos oferece uma visualização bastante detalhada de sua configuração:

> A parte de antropologia física dispõe atualmente de dez armários e de duas grandes vitrines, hábil aproveitamento de vãos de porta, fechados por conveniência de circulação.

---

[588] Segundo Fernanda Peixoto, "em 1929, Jean Vellard faz uma viagem do Rio de Janeiro ao Pará, atravessa o Araguaia e realiza um estudo sobre os Carajá; em 1936, Dina e Claude Lévi-Strauss passam um período entre os Bororo e, em 1938, acompanhados por Vellard, realizam uma visita aos índios do Mato Grosso" (PEIXOTO, 1998, p. 86)

[589] "Antropologia: Projeto de guia da exposição", caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN. A passagem de Vellard pelo Brasil gerou uma série de conflitos que também envolveram oposições entre o Museu Nacional, o Departamento de Cultura de São Paulo e o governo federal, e que acabaram na aquisição pouco amistosa das coleções científicas adquiridas em função da segunda expedição de Lévi-Strauss no Brasil em 1938 (GRUPIONI, 1998, pp. 140-161).

[590] "Antropologia: Projeto de guia da exposição", caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN.

> A ciência em si mesmo, isto é, a sua conceituação, os seus pressupostos de estudo, os seus campos de pesquisa, a sua aplicação aos problemas brasileiros, acham-se ali documentados de uma forma capaz de despertar o interêsse do grande público.
>
> O primeiro conjunto é composto de três armários e foi destinado, por estar ao lado da pequena sala ainda não arrumada, mas que deverá ser de paleontologia humana, às coleções de paleoantropologia do Brasil. **Ali estão os representantes das camadas mais primitivas de povoamento da América – o 'homem de Lagoa Santa', o 'homem dos sambaquis' e os Botocudos, últimos remanescentes da mesma entidade racial**.
>
> Na grande vitrine que se segue estão os esqueletos de primatas e vários gráficos indicam as **linhas gerais de evolução** e revelam as diferenciações anatômicas dos ramos divergentes ali representados.
>
> Cada armário seguinte representa uma unidade mais ou menos definida – *sexo e idade*, *Tipos brasilianos* e *indígenas do Brasil*. Surge então uma nova vitrine, onde foram reunidos vários bustos de indígenas e um corpo inteiro de índio botocudo, trabalho realizado em 1882 para a exposição antropológica. O último armário dêsse mesmo lado foi consagrado ao estudo das raças e da sua caracterização. Do lado oposto temos mais três armários, além daquele dedicado ao Homem de Lagoa Santa – um de técnica antropométrica, outro de deformações étnicas e o terceiro de Tipos constitucionais e anatomia étnica. No fundo dêsse mesmo salão uma grande vitrine exibe belíssimos vasos gregos, cartão de visitas da sala seguinte (FARIA, 1947, p. 16-17, negritos meus).

Chama a atenção neste ponto, portanto, a importância ainda conferida à antropologia física no que diz respeito à compreensão dos processos evolucionários que conduziram à conformação da

“civilização brasileira”. Os “botocudos” são apresentados como “povos primitivos” em função de suas características craniométricas, talvez mais próximos dos primatas que precederam a nossa espécie do que da própria “civilização”, mesmo que ainda pudessem ser encontrados entre nós. No interior dessa construção narrativa, o valor dessa população assim objetificada continua assentado no seu caráter de “elo perdido” na evolução da espécie humana, isto é, no processo que nos teria conduzido da “natureza” à “civilização”. Mais do que isso, esse seria um patrimônio autenticamente nacional, uma vez que caracterizava um processo evolucionário específico da “civilização brasileira”.

De acordo com a descrição de Castro Faria (que, como mencionei, contradiz a do “Projeto de guia”), a próxima sala trataria da cultura greco-romana e etrusca, em seis armários, contando com “uma parte selecionada da encantadora coleção herdada do Império” (FARIA, 1947, p. 17). Depois disso viriam três salas dedicadas à coleção egípcia, todas arranjadas a partir do trabalho de Alberto Childe, responsável pelo setor de “Arqueologia Clássica” do Museu Nacional. Sem entrar em maiores detalhes a respeito desses mostruários, fica clara, aqui, a herança de um período no qual o Estado brasileiro tentava se firmar entre as nações “civilizadas”, por meio de um mercado etnográfico que permitia dividir colonizadores e colonizados, condição essencial para a conquista do status de “Império” nacional, a partir do uso de um patrimônio expositivo.[591]

[591] Segundo o “Projeto de guia”, “grande parte da coleção egípcia do Museu Nacional – entre outras peças cinco múmias com seus caixões antropomorfos, foi comprada em hasta pública pelo Imperador Pedro I ao italiano Fiengo, em 1824. Nesse mesmo ano, François Champollion, dito Le Jeune, estabelecia, pelo seu ‘Precis du Système hiérofliphique’, os princípios firmes que serviram à interpretação dos textos e ao conhecimento exato dos monumentos egípcios. Esta data garante, pois, a autenticidade dos objetos expostos. Diversas outras peças são donativos feitos ao Imperador Pedro II, entre elas um caixão da época saïta, que lhe fora oferecido pelo Khedive do Egito em 1876”. Por sua vez, “os motivos pompeianos, constantes

Ainda segundo Castro Faria, depois das exposições da Antiguidade Clássica viriam “as quatro pequenas salas seguintes, com um número relativamente reduzido de armários”, dedicadas ao Peru, México e América (FARIA, 1947, p. 17). Essas coleções já foram apresentadas acima, com exceção daquilo que se refere ao México, pois não existem informações a esse respeito no “Projeto de guia”. O próprio Castro Faria não fornece maiores detalhes sobre essa exposição.

O próximo capítulo da narrativa museográfica do Museu Nacional seria, segundo Castro Faria, “a grande sala de arqueologia brasileira”. Segundo ele, essa sala teria

> dezoito armários e um caixão central com grandes urnas – a própria apresentação sugere a amplitude e a relevância do tema. Culturas amazônicas e litorâneas ali se encontram documentadas por uma seleção de peças características, muito menos numerosa que a exposta anteriormente, mas sem dúvida nenhuma muito mais expressiva, em virtude do agrupamento em unidades definidas, de base lógica facilmente perceptível (FARIA, 1947, p. 17).

Essas exposições tratavam, segundo o “Projeto de guia”, da cerâmica marajoara (não há menção à cerâmica tapajônica), aos sambaquis e aos muiraquitãs.[592] A respeito da arte arqueológica encontrada nos “tesos” de Marajó, o texto fornecido foi retirado de

---

da exposição, foram oferecidos ao Imperador Pedro II no ano de 1857” – “Antropologia: Projeto de guia da exposição”, caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN.

[592] O “Projeto de guia” menciona, a respeito dos sambaquis, o livro *Hileia Amazônica*, publicado por Gastão Cruls (1888-1959) em 1944. Sobre os muiraquitãs, que são pequenas esculturas em pedra esverdeada, representando em geral um sapo ou rã, o mesmo texto se refere a autores como Robert Hermann Schomburgk (1804-1865), Maurício de Heriarte, Charles Marie de la Condamine (1701-1774) e João Barbosa Rodrigues, cujo *Poranduba Amazonense* (1890) foi procurado por Franz Boas em correspondência trocada com Maria Júlia Pourchet na década de 1930 (vide Capítulo 5).

alguns parágrafos dos trabalhos da própria Heloisa Alberto Torres, sendo interessante citar o seguinte trecho: “A maior documentação que nos resta sôbre os primitivos de Marajó é no terreno espiritual, a sua arte. De certo, não seria sensato comparar potes de Marajó com templos maia, mas se confrontarmos os produtos cerâmicos dessas **civilizações**, a **cultura artística** de Marajó se destaca e distancia de muito”.[593] A afirmativa de Torres visava, claramente, a atestar a riqueza do patrimônio arqueológico brasileiro para o estudo dos processos culturais que conduziram ao mundo civilizado nacional. Outro objetivo das exposições sobre Marajó seria firmar a importância da contribuição feminina para a obra civilizatória no território brasileiro: Torres deduz de citação de Jean de Léry (1536-1613), de 1592, que “a arte de cozinhar compete á mulher”, “o que se verifica entre todos os aborígenes do Brasil”, algo mencionado pelo fato de que a fabricação de louça é “anexa” à culinária. A rica cerâmica marajoara seria, portanto, obra feminina, ainda que a origem dos seus desenhos fosse produto masculino.

Chega-se finalmente, depois disso, às salas dedicadas à “etnografia brasileira”, ponto alto das exposições de antropologia do Museu Nacional. Sua divisão obedeceu aos critérios linguísticos firmados por Karl von den Steinen (vide Capítulo 4). De acordo com o “Projeto de guia”, “logo à entrada, o visitante encontrará um mapa etnográfico que tem por objetivo apresentar a distribuição das populações indígenas, discriminadas pela filiação lingüística e em agrupamentos tribais”.[594] É interessante observarmos também os critérios empregados para a tipificação dos grupos linguísticos-culturais apresentados pelo mesmo documento:

---

[593] “Antropologia: Projeto de guia da exposição”, caixa 05, envelope 08, CHAT, SEMEAR, MN.
[594] Idem.

> Os grupos indígenas são representados não como territórios com fronteiras definidas, mas como massas que se desdobram sugerindo migrações, zonas de penetração etc.
>
> As quatro principais famílias lingüísticas, *tupi-guarani, cariba, aruaque e gê*, estão representadas respectivamente pelas cores, *vermelho*, *azul*, *marrom* e *verde*, e os grupos lingüísticos isolados pela cor cinza.
>
> Sendo de diversas épocas os dados relativos às várias tribos, considera-se como localização atual ou recente as regiões percorridas ou ocupadas por essas tribos nos últimos cem anos.[595]

O método cartográfico lembra aquele empregado por Curt Nimuendajú (vide Capítulo 7), mas não há menção de seu nome a este respeito. Também são bastante interessantes as referências evocadas por Castro Faria a respeito dessas coleções:

> Na primeira sala de etnografia um arranjo extraordinàriamente feliz permitiu que ali ficassem representados em quatro grandes unidades de espaço os quatro grandes grupos linguísticos-culturais. Ali estão os Gê, representados pelos Canela, tão queridos de Curt Nimuendaju; os Aruaque, representados principalmente pelos Pareci, aquêles mesmos Pareci de Rondon e Roquette-Pinto; os Cariba do Xingu, numa evocação de von den Stein[en]; finalmente os Tupi-Guarani, dos cronistas, dos primeiros viajantes e etnógrafos, de Raimundo Lopes e do plano de pesquisa sistemática dos seus remanescentes empreendido pelo Museu Nacional. Em vez do agrupamento de material por tribos, nomes em geral de difícil memorização e quase nenhum conteúdo real, ou por regiões geográficas, pouco favorável à discriminação das culturas, o critério adotado facilita a fixação de

[595] Idem.

> uma imagem mais ou menos definida e mais correta, que é a da reunião das tribos em grandes unidades de língua e de cultura. Como a existência dêsses quatro grupos é ensinada nos cursos secundários, a nova apresentação tem um valor ilustrativo muito maior (FARIA, 1947, p. 17-18).

Como se depreende da citação, a tradição etnológica sul-americanista passava pelo Museu Nacional e tinha um caráter transnacional. O caráter educativo assumido pelas exposições da instituição tentava a partir de agora honrar o nome dessas grandes subjetividades da modernidade nacional, disseminando numa linguagem acessível para os(as) brasileiros(as) (ou "brasilianos", como preferia Roquette-Pinto) todos os anos dedicados por aqueles desbravadores e antropólogos em prol do que consideravam ser o justo conhecimento da evolução civilizatória nacional.

Além disso, os aspectos materiais de cultura das "tribos" discriminadas em função das divisões linguísticas objetivas de suas respectivas culturas parece, por fim, retomar o ideal expresso no *Handbook of South American Indians* de representar apenas as "tribos que importam". Mas, no caso do Museu Nacional, isso se referia à "ciência da civilização brasileira" em suas funções também educativas:

> Na outra sala estão representados alguns traços ou complexos de cultura, em arranjos obedientes ao mesmo critério de museu para o grande público. Ali são exibidos, em conjuntos que quase dispensariam legendas, o fumo, o paricá, o guaraná, o curare, a navegação.
>
> Foi ainda o mesmo critério que impôs a escolha dos grupos de língua isolada, que figuram no outro grande salão, simetricamente disposto em relação ao de arqueologia brasílica. **Não figuram ali os grupos que oferecem interêsse especial**

> **para o antropólogo, mas sim os que têm existência real no conhecimento do povo – os Boróro, Carajá, Nambiquara**.
>
> Um dos extremos dessa sala, fechado por grandes e vistosas vitrines com máscaras e bastões de dança foi reservado para a representação de uma área geográfico-cultural, o Alto Amazonas. A caracterização é das mais impressivas (FARIA, 1947, p. 18, negrito meu).

Esperava-se somar à narrativa museográfica do Museu Nacional uma exposição das suas "coleções de etnografia regional", que ainda se achava "em período de formação", segundo um documento parcial arquivado junto ao "Projeto de guia".[596] De acordo com o texto, essas coleções

> Documentam apenas as feições mais típicas das **grandes áreas culturais**, ainda vagamente esboçadas. A Amazonia com a indústria da borracha, os artífices de pesca, as embarcações; o nordeste com as suas jangadas e as suas rendas, a roupa de couro e os trabalhos em chifres; a Baía com as suas bonecas, os seus trançados de palha de ouricurí, as suas técnicas afro-brasileiras; o centro, com suas indústrias caseiras de tessidos, as suas panelas de pedra sabão, as suas armadilhas de pesca; o sul com os trajos e os *aperos* inconfundiveis do gaúcho.
>
> A falta de um colecionamento sistemático, tem impedido que se agrupem conjuntos expressivos do ponto de vista de significação estrictamente regional e etnográfica da documentação coligida. Peças, às vezes, recolhidas ao acaso, representam quasi sempre a *curiosidade* que atraiu a atenção do viajante ou decorrem de colecionamento feito à margem das atividades de um naturalista, que visava diretamente outras finalidades.

[596] Idem, negrito meu.

> Ainda assim, muitas dessas coleções oferecem hoje um interesse todo especial: feitas algumas ha dezenas de anos, são os unicos testemunhos de pequenas indústrias, que o tempo aperfeiçoou; de artes rústicas que as fábricas mataram, de técnicas incipientes que o progresso desenvolveu. **Representam, embora incompletamente, etapas da formação e desenvolvimento da cultura material do nosso povo**.
>
> O número de peças eleva-se a 850.

Percebe-se, portanto, que a "etnografia regional", ou "etnografia sertaneja", como preferia Roquette-Pinto, era um passo indispensável para a compreensão do processo civilizatório nacional expresso na cultura material brasileira. Era preciso cuidar daqueles aspectos autênticos do desenvolvimento cultural nacional ainda não tocados pelo "progresso", ou seja, pela razão universalista da civilização ocidental. Com efeito, o Museu Nacional vinha se dedicando a isso desde a gestão de Bruno Álvares da Silva Lobo (1884-1945), entre os anos de 1915 e 1923, quando Roquette-Pinto já se encarregava das coleções de antropologia da instituição, conforme atestam os diversos documentos da série "Divisão de Antropologia, Coleções do Museu Nacional, Etnologia Brasileira, (Folclore), Coleção por Estado", também encontrados no SEMEAR, MN. Mas a forma por meio da qual esses artefatos eram recebidos no Museu não garantiriam a devida segurança científica quanto à sua finalidade de esclarecer a respeito do sentido do processo civilizatório nacional, de modo que se tornava necessário articular uma rede trans-regional de folcloristas treinados para a coleta sistemática do material demandado para o estudo de nossa etnografia sertaneja. Isso só foi possível depois da realização do Congresso Nacional de Folclore, realizado a partir de 23 de agosto de 1957, no Museu Nacional, e organizado por Torres, por meio da

articulação com as Comissões de Folclore de nove estados, ligadas ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) do Ministério das Relações Exteriores.[597] Foi apenas nesse Congresso que as "Exposições de Folclore" foram finalmente inauguradas, contando tanto com as coleções já existentes no Museu quanto com as que foram recebidas pelos colaboradores das Comissões Estaduais de Folclore, dentre eles Edison Carneiro e Manuel Diégues Júnior (1912-1991).[598]

As principais alterações verificadas nas novas exposições de antropologia do Museu Nacional diziam respeito, portanto, ao caráter educativo ao qual deveriam obedecer. O tamanho da exposição, bem como seu número efetivo de armários, havia diminuído um pouco[599] a

---

[597] "Exposição do Folclore", 1957, caixa 13, envelope 80, CHAT, SEMEAR, MN.

[598] Heloisa Alberto Torres descreve as feições desta exposição em seu discurso de inauguração: "Em homenagem ao Congresso de Folclore e por intermédio desse douto conclave, que chamou à nossa cidade quantos representam em todo o extenso território brasileiro, o interesse pelos assuntos folcloricos, entregamos ao público a sala de exposição permanente de etnografia regional, que é parte integrante das exposições deste museu. Esta que hoje apresentamos é uma segunda feição com que tais coleções aparecem, desde que, há última vintena do seculo passado, espiritos de escol, pertencentes a esta casa, como Ladislau Neto e Julio Trajano de Moura, pela primeira vez sonharam em fazer uma exposição deste tipo. Em sonho ficou o primeiro projeto que, embora desconhecido por seu realizador concretisou-se na sala Euclides da Cunha inaugurada por volta de 1912. Roquette-Pinto, que a executou, chamava-a de *sala etnografia sertaneja* – em falta de melhor nome que lhe ocorresse, dizia – e alem reuniu documentos sôbre a vida humilde e enérgica, às vezes vigorosa, vivida pelas nossas populações humildes do interior: meios de transporte terrestres e aquáticos; de abrigo contra as intemperes: casas, toldos, vestes e capas – Tão rudimentares às vezes na feição que assumem; os meios de contagem e de registro do tempo: calcularios amazônicos e tiras de couro entalhadas nas margens; elementos festejos e vestes regionais com todo o seu cortejo de manifestações artisticas, desde os santos até as rezas; rendas bonecos feitiços". Torres ainda informa que a exposição seguiu os critérios geográficos prescritos pelo "Conselho Nacional de Geografia" ("Exposição do Folclore", 1957, caixa 13, envelope 80, CHAT, SEMEAR, MN).

[599] "A área anteriormente ocupada pelas exposições de Antropologia era de 1.269,49 metros quadrados, enquanto a área atual, franqueada ao público é de 1.088,42. Uma diferença, por conseguinte, de 181,07 metros quadrados. É verdade que a área definitiva deve ser maior, porque não foram preparadas as salas de paleontologia humana e de etnografia regional, já previstas. Só êste último setor mereceria um museu, mas infelizmente a bela iniciativa de Roquette Pinto, o organizador da chamada coleção sertaneja, que teve uma sala com o nome

fim de torná-la mais acessível ao visitante comum. Depois de fechado por quase sete anos, a reabertura das exposições do Museu Nacional chamou a atenção dos jornais da época, conforme pode ser notado no material arquivado tanto nessa instituição quanto no IPHAN. O jornal *A noite*, por exemplo, adiantou-se aos concorrentes e publicou uma matéria a respeito antes mesmo da finalização das obras, em 11 de junho de 1946:

> Em setembro próximo, conforme se espera, o Museu Nacional reabrirá as suas portas para o público. Os que conheceram a casa dos últimos anos vão, por certo, se extasiar com as transformações. Tudo está sendo modificado ou substituído. A primeira surpresa será a limpeza. Foram-se as vitrines sujas, os armários encardidos, as paredes desbotadas, os assoalhos cheios de buracos. Os operários estão ultimando a substituição quase total dos assoalhos e da iluminação elétrica. As novas vitrines estão recebendo lâmpadas de neon, que permitirão iluminação mais adequada. Os especialistas trabalham ininterruptamente para concluir a seleção das peças que irão figurar nas exposições. Caligrafos e desenhistas cuidam dos letreiros explicativos de cada especime. O visitante, outrora, era esmagado pela massa de material que se acumulava em cada armário. Veremos, para o futuro, nas salas públicas do Museu, apenas um exemplar de cada peça ali existente. As demais serão recolhidas às dependências técnicas ou aos depósitos, cujos armários já estão nos seus lugares.[600]

---

de Euclides da Cunha, ainda não teve o desenvolvimento que merece.
O número total de armários também diminuiu bastante, pois, em vez de 132, temos atualmente 105 em exposição. É preciso lembrar, contudo, que êsse número só se refere aos armários padronizados e contamos ainda com 16 vitrines embutidas" (FARIA, 1947, p. 18-19).

[600] "O palácio encantado da Quinta da Boa Vista". *A noite.* Rio de Janeiro, 11.06.1946. Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 002, Arquivo Central do IPHAN, RJ. Essa matéria gerou a revolta de um grupo de servidores do Museu Nacional que se opunham a Torres, que publicaram uma carta denunciando uma suposta má administração da instituição por sua diretora: "Continua fechado o Museu Nacional". *A Noite*. Rio de Janeiro, 14.06.1946. Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

A ideia de que o Museu estava realizando uma obra de atualização em relação aos seus congêneres estadunidenses se tornou um lugar comum, conforme se lê na mesma matéria:

> Se as reformas em vias de conclusão visam a melhor conservação do patrimônio do Museu, pretendem, de outra parte, atrair o povo para as suas salas. Sem deixar de ser uma instituição de altos estudos de ciências naturais, o Museu Nacional vai assumir, entre nós, a posição que desempenham seus congêneres, principalmente os norte-americanos. Como se sabe, os museus modernos exercem eminente papel na educação popular, quer auxiliando as escolas, quer exercendo uma ação altamente cultural no seio do povo em geral. O nosso Museu está terminando a sua 'toilette' para uma grande, ininterrupta e instrutiva recepção. Todos, sem distinção de idade, sexo ou cultura, terão alguma coisa que aprender ou com que se maravilhar.[601]

O mesmo jornal volta a escrever, em 1950, sobre as inovações expositivas do Museu Nacional, agora por ocasião da reabertura das exibições de zoologia. A matéria destaca as inovações das técnicas expositivas, mostrando claramente que agora elas privilegiavam uma leitura mais narrativa e menos descritiva do sentido almejado pela instituição:

---

[601] "O palácio encantado da Quinta da Boa Vista". *A noite.* Rio de Janeiro, 11.06.1946. Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 002, Arquivo Central do IPHAN, RJ. É interessante notar que, anos antes, o mesmo jornal mostrava um certo desprezo pelo patrimônio etnográfico do Museu, valorizando muito mais o valor de ancianidade de vetusto palácio em que residiram os antigos imperadores do Império: "De há muito o velho casarão, quase abandonado, esquecido pelo povo e ignorado pelos turistas, apenas servia para guardar cascalhos de todas as espécies, gigantescas ossadas, mumias de origem duvidosa e relíquias nem sempre brasileiras. Felizmente, ainda em tempo de se aproveitar muita coisa, o Serviço do Patrimônio Histórico resolveu restaurar o solar dos Braganças, iniciando uma obra louvável por todos os motivos, uma vez que não se trata de um passatempo arcáico e sim da perpetuação de um sentimento que anima aqueles que sabem amar a sua terra, as suas glórias e as suas tradições" – "O mesmo esplendor da época colonial". *A noite*. 14.03.1943, Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 002, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

Os armários passaram, pois, a ser construídos com a mesma técnica com que são feitas as vitrines, introduzindo-se, assim, uma arte nova para a apresentação de obras antigas. Também a **distribuição dos assuntos de maneira a formar uma sequência**, foi trabalho que ainda hoje está preocupando os técnicos do Museu Nacional.

O que o visitante do Museu da Quinta da Boa Vista encontra logo que penetra o umbral da velha casa imperial, é algo novo, uma síntese completa de tudo o que em pormenores vai analisar, lá em cima, pelos dois austeros andares do edifício de três pavimentos. Daí por diante tudo será fácil de localizar.

Outra técnica recentemente introduzida, e de grande importância quer para o visitante curioso como para o que ali vai entrar em novos conhecimentos, foi a do **isolamento da atenção do observador com a restrição do seu ângulo visual**. Numa só sala, por exemplo, estão amostras de diferentes assuntos, nos seus respectivos armários. E essa circunstância, outrora, fazia com que a atenção pulasse de um assunto para outro, não permitindo uma catalogação uniforme dos temas a assimilar.

Hoje, os mostruários estão dispostos de tal modo que quem está vendo uma coisa não pode ver outra, absolutamente. Formaram-se, pela disposição dos móveis, como que departamentos estanques.

O mostruário de documentos e costumes da África são uma preparação para o conhecimento dos problemas afro-brasileiros. **Até nas simples salas com documentário sôbre etnografia regional, são dispostos os mostruários de maneira a levar o indivíduo de um a outro plano, sem interrupções que perturbem**.[602]

[602] "Arte nova auxiliando obras antigas". *A noite*. Rio de Janeiro, 11.12.1950. Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 002, Arquivo Central do IPHAN, RJ, negritos meus.

Essa matéria reforça a hipótese de que, à época, as exposições sobre África, América do Norte e Oceania precedessem as de etnografia brasileira, pois, como afirma o texto, as exposições sobre a África são uma "preparação para o conhecimento dos problemas afro-brasileiros". A mesma matéria ainda reforça o caráter transnacional dessas modificações:

> Êsse é mais um dos trabalhos silenciosos da Sra. Heloisa Alberto Torres, que conseguiu, inclusive, introduzir no Museu de História Natural e História da Civilização, a nova técnica hoje adotada os mais modernos museus de todo o mundo.
>
> A vinda do diretor do Museu de Buffalo, por intermédio da Organização das Nações Unidas, com o objetivo de transplantar para cá todos os recursos que aplicou no Museu mais moderno dos Estados Unidos, é um dêsses grandes passos que se perdem na anônimidade dos noticiários comuns.[603]

Além disso, o pintor brasileiro João José Rescala (1910-1986), encarregado do trabalho para as novas exposições, teria ganhado um "prêmio de viagem aos Estados Unidos e [se] especializado na nova técnica de Museus".[604]

O jornal *Correio da manhã* também confirma, após a abertura das exposições em abril de 1947, aquilo que os demais periódicos haviam afirmado sobre as novas características educativas dos mostruários. Como já mencionei acima, para este jornal o Museu Nacional havia perdido "o seu aspecto de casa de *bric-a-brac*". Ao adentrar no museu, o(a) jornalista teve uma impressão mais positiva:

---

[603] Idem.
[604] Idem.

Logo de entrada, tivemos a impressão – não desmentida, aliás – de que um espírito didático presidira a distribuição das diferentes exposições. Para começar, um mostruário com todo o moderno instrumental de Antropometria e quadros sinóticos indicando com precisão os pontos de referência das diversas medidas somatofísicas.

Admitindo que o visitante já se tivesse assenhorado de tôdas as minúcias dessas mensurações, segue-se outra exposição mostrando como se chega à identificação de um dado tipo biológico, a partir dos dados assim colhidos. A propósito, enfileiram-se desde logo os chamados 'tipos brasilianos' de Roquette-Pinto.

Se ao visitante interessar o problema do transformismo, ali tem à vista a série *Primatas*, com os respectivos esqueletos, a serem comparados com o do homem, ato continuo. Se o preocuparem antes as questões puras de nossa Indiologia encontrará à mão, crânios do homem dos Sambaquis, do homem de Lagoa-Santa, de Botocudo, Bororo, Manducurú, etc. E **passando do particular para o geral**, um último mostruário apresentará a classificação das raças, com mapas de sua distribuição dos Caucasóides, Mongolóides, Negróides e Australóides, tudo obedecendo a normas bem estudadas e realizadas com bom gôsto e elegância.

Na Secção de Etnografia, o mesmo critério didático preside à distribuição do material. Isolaram-se os grupos linguísticos *Gê*, *Aruaque*, *Cariba* e *Tupí-Guarani*. Em merecida evidência, acham-se expostos em mostruários especiais alguns traços culturais, característicos, por exemplo, o do guaraná, o do curare, o do algodão, do fumo, etc. À cerâmica, cuja coleção é das mais ricas, reservou-se toda uma sala, em que se encontram espécimes dos Tupí-Guaraní do centro e do litoral e, sobretudo, magníficas peças de Marajó e outras regiões amazonenses.

> A carência de espaço obriga-nos a deixar de parte interessantes notas de etnografia etrusca, greco-romana, pompeana, africana, oceânica, etc. Mas não deixaremos de focalizar a secção de Egiptologia, com as suas estelas, urnas funerárias, hieróglifos, tão bem estudados e interpretados por Alberto Child [sic]. (Sugeririamos aqui que se colocasse ao lado das estelas, a sua tradução em vernáculo: bem pode haver entre nós quem se interesse pela questão).
>
> Não esqueceremos tampouco, na Secção de Etnografia Oceânica, o mostruário em que se admira o riquíssimo manto que ao nosso primeiro Imperador ofereceu Sua Majestade o rei Mamahamalú, das ilhas Sandwiche, quando de passagem pelo Rio de Janeiro, e encantado com a acolhida de nosso soberano, bem diversa das que tivera nas côrtes da velha Europa...[605]

É interessante notar que essa descrição, por sua vez, confirma o percurso narrativo proposto por Castro Faria. A existência dessas duas possibilidades de leitura indica que possivelmente o visitante poderia escolher a direção do seu percurso. De todo modo, começando o trajeto por uma ou por outra ponta, o fio narrativo não perde assim o encadeamento que lhe confere sentido.

Essas transcrições são interessantes pois nos permitem visualizar os efeitos narrativos das novas disposições museográficas apresentadas no Museu Nacional. Fica claro que o sentido enunciado por meio daqueles arranjos expositivos estava agora muito mais evidente para os(as) visitantes em função dos esforços didáticos envidados. Além disso, não parece demasiado deduzir que se sugeria ao espectador um percurso coincidente com uma ideia de um progresso cultural em direção à formação da civilização brasileira.

---

[605] "O Museu Nacional em sua nova fase". *Correio da manhã.* Rio de Janeiro, 09.04.1947 – Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 002, Arquivo Central do IPHAN, RJ.

Era como se, por meio das exposições, os(as) naturalistas do Museu Nacional dissessem aos(às) seus(suas) visitantes: "todo este nosso complexo trabalho de objetificação de culturas tem por objetivo mostrar que nós, brasileiros, ocupamos um lugar destacado na cadeia civilizatória da humanidade. Por isso nós devemos continuar o nosso valioso trabalho de proteção do patrimônio etnográfico brasileiro, de dedução das culturas às quais pertencem e de indicação dos caminhos naturais de nossa harmônica modernização".[606]

É certo que nem todos ficaram satisfeitos com a mudança. Com o fim do Estado Novo, alguns naturalistas do Museu Nacional, identificados com a oposição ao legado varguista começaram a contestar a posição de Torres à frente da instituição. A demora na finalização das obras e o incêndio de 1944 abriram espaços para outras críticas, muitas vezes injustas e mesmo misóginas, como vimos, que também foram alvo de exposição por meio da imprensa. Por outro lado, até mesmo Castro Faria se mostrou insatisfeito com alguns aspectos da "modernização" das exposições do Museu:

> o critério de curiosidades, dominante nos primeiros museus, foi definitivamente suprimido não apenas pelo aperfeiçoamento, digamos mesmo criação, de uma nova técnica museográfica, mas sobretudo, pela mais exata definição dos verdadeiros objetivos de tais institutos. Pareceu-nos, contudo, lobrigar na nova técnica uma tendência para supervalorizar as condições

[606] Também tratam da reabertura das exposições do museu nacional as seguintes matérias: "Feição moderna para o Museu Nacional. *O Globo.* Rio de Janeiro, 19.08.1941" (Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ); "Novas instalações no Museu Nacional". *A manhã*. Rio de Janeiro, 16.10.1941 (Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ); "Sessenta minutos revendo preciosas coleções ha anos não expostas", *O jornal* [1947] (caixa 07, envelope 18 (06/13), CHAT, SEMEAR, MN); "Valioso acervo científico que honra uma nação". *Ciência para todos*. s.l., 25.07.1948 (Pasta "Inventários", AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02, Arquivo Central do IPHAN, RJ).

> de apresentação dos elementos, criando assim um preciosismo capaz de nos fazer voltar, por paradoxal que isso pareça, ao tempo dos mostruários de cousas raras, isto é, aos museus de curiosidade (FARIA, 1947, p. 22).

O antropólogo ainda levanta um outro inconveniente:

> essa mesma tendência parece exercer sôbre o grave problema das legendas uma influência que deve ser quanto antes combatida, pois chega a dar origem a uma verdadeira repulsa aos dizeres e comentários que realizam a função primordial dos museus, por excessiva consideração para com os valores estéticos dos arranjos, que passam assim a representar um fim e não um processo apenas. A legenda passou a ser uma cousa *que enfeia* e a lição de ciência deve obedecer ao princípio do equilíbrio de volumes. O [meteorito de] Bendegó, que é simplesmente o Bendegó, tem direito a meio metro de legenda, um muiraquitá a meio centímetro… (FARIA, 1947, p. 22).

Percebe-se claramente como os artefatos do Museu vão ganhando cada vez mais autonomia em relação aos textos. Eles passam a falar dos *objetos* invisíveis que evocam de maneira direta, como *ruína* ou *vestígio* de algo cuja totalidade é, assim, experenciada de maneira fragmentada. Desse modo, o caráter *alegórico* desses híbridos produtores de *sujeitos* e *objetos* da modernidade nacional acaba se sobrepondo às narrativas que lhes são imaginadas previamente; eles acabam por impor uma experiência possível da totalidade ilusória que é a nação.

* * *

Neste capítulo vimos que a nação imaginada por Torres e seus aliados do Museu Nacional ganhou um sentido mais preciso graças a uma conexão transnacional de pessoas, artefatos e instituições

possibilitada pelo conceito de cultura. Em meio às controvérsias transregionais sobre o futuro da nação, Torres se tornou uma porta-voz privilegiada de um coletivo organizado em torno do papel modernizador de cientistas que deveriam reconhecer a civilização brasileira a partir da objetividade de suas culturas. Para viabilizar essa missão civilizadora, Torres soube se ligar aos agenciamentos transnacionais americanistas e interamericanistas, matérias primas que lhe permitiram compor o panorama da nação brasileira exposto nas galerias do Museu Nacional.

No entanto, a relutância deste coletivo em operar definitivamente a cisão entre Natureza e Cultura fez com que os recursos mobilizados por Torres deixassem de ser tão atrativos para os porta-vozes da modernidade brasileira que se assumiram, posteriormente, como intérpretes da nação. Já sob a ditadura imposta a partir de 1964, quando Torres já começava a abandonar os palcos pelos quais transitou com tanta desenvoltura nos anos anteriores, os povos indígenas passaram a ser vistos pelo Estado não como produtores de um patrimônio que enriqueceria nossas perspectivas de nação, mas como um empecilho ao seu desenvolvimento. Não fosse a inventividade desses coletivos ameríndios e o extraordinário movimento que constituíram a partir da década de 1970, o antigo sonho de integração dessas pessoas à sociedade nacional teria sido levado a cabo por meio das políticas "emancipadoras" almejadas por militares e sociedade civil a eles associada.[607] Tampouco é possível afirmar que a concepção de luta de classes incorporada pela esquerda brasileira ao longo desses anos tenha conseguido contemplar satisfatoriamente os modos de existência desses povos. Mais recentemente, as conquistas asseguradas pelo movimento indígena da Constituição Federal de

[607] Para uma melhor compreensão de alguns dos aspectos dessa luta, vide Albert (2002), Baniwa (2006), Capiberibe (2018) Castro (2019) e Ricardo e Ricardo (2017).

1988 também não têm sido suficientes para refrear o ímpeto colonial e mercantilista que recobrou seu fôlego nos últimos anos no populismo neoliberal de ultradireita que se assenhorou da República.

A ação de Torres, no entanto, não se diferencia fundamentalmente daquelas empreendidas pelas demais subjetividades investigadas neste livro. Sua prática também foi objetificadora, e, deste modo, ela potencializou a proliferação de mundos modernos baseados naquela cisão onto-epistemológica entre Natureza e Cultura. No entanto, ao menos no que diz respeito ao americanismo boasiano e nas formas de salvacionismo presentes tanto em Mário de Andrade quanto em Torres, a tutela daquilo que definiam como *cultura* se dava pelo respeito da agência de modos de vida que, ainda que não fossem muito bem compreendidos, eram percebidos como a única figuração possível de futuro para uma sociedade que emergiu de um processo colonizatório extremamente violento. Se as ferramentas empregadas para a defesa desses modos de vida outros não foram as mais apropriadas, visto que pertenciam ainda ao aparato epistemológico colonizador, ao menos essas ações nos legaram a ideia de "patrimônio", que hoje pode ser repensada, como pretendo discorrer no Epílogo que se segue a este capítulo, como um dispositivo capaz de articular mundos diversos contra a barbárie produzida pelos ideais modernos de existência.

Embora a memória da constituição das políticas de proteção ao patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro privilegie apenas algumas subjetividades hoje mais conhecidas (LOWANDE, 2013b), é possível afirmar com bastante segurança que Torres também foi uma das principais responsáveis pela consolidação dessas práticas no país. Em uma outra investigação, eu pude mostrar que Torres foi a porta-voz de uma concepção ampliada de patrimônio etnográfico e arqueológico (LOWANDE, 2013a), que incluía não só artefatos e

sítios, mas a própria existência dos povos ameríndios cujas “culturas”, como vimos, deveriam ser protegidas do contato indiscriminado com a civilização. Essa concepção de patrimônio foi efetivada nas políticas públicas implementadas nos diversos órgãos nos quais Torres teve participação ativa: SPHAN, SPI, Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, e, depois do período que é abrangido neste relato, até mesmo em organizações como a UNESCO.[608]

[608] Sobre a atuação de Torres e do Museu Nacional na defesa do patrimônio e dos povos indígenas brasileiros, cf. Dias e Lima (2012), Duarte (2010), Grupioni (1998), Lowande (2013a) e (SIMÃO, 2008). Para a atuação posterior de Torres junto a agências internacionais, cf. Domingues (2010) e Domingues e Petijean (2001).

EPÍLOGO

O relato apresentado até aqui já é suficiente para que algumas conclusões sejam esboçadas. No entanto, a perspectiva que foi adotada neste livro também abre espaço para um exercício reflexivo mais amplo, dirigido à própria prática historiográfica. Neste último capítulo eu proponho então uma síntese dos principais aspectos evidenciados ao longo desta narrativa e uma reflexão sobre suas implicações para a teoria historiográfica. É importante afirmar, no entanto, que essas reflexões historiográficas não devem ser tomadas como conclusivas, pois seu objetivo é muito mais apontar caminhos que nos permitam expandir suas possibilidades e significados.

Algumas conclusões[609]

O que acabou ganhando aqui os contornos de *uma* "história transnacional da modernidade", dentre outras possíveis, partiu do meu interesse em torno de uma disputa epistolar, travada a respeito de como deveria se organizar um órgão federal de defesa do patrimônio cultural brasileiro às vésperas do Estado Novo. De um lado, Mário de Andrade, que entendia etnografia como "etnografia popular", como ele mesmo afirmava. De outro, Torres, que, por sua vez, a entenderia apenas como sendo "ameríndia", segundo a interpretação ressentida do próprio intelectual paulista. Enquanto isso, Rodrigo Melo Franco de Andrade aguardava o desfecho da contenda para finalmente começar a enraizar, no Brasil, uma política oficial de identidade cultural. É muito interessante o fato de que, para esse fim, foram arregimentados a princípio intelectuais identificados com o mundo da etnografia, e não de outras áreas de especialidade.

[609] Apresentei um texto semelhante ao desta seção, oralmente, no 10º Seminário Brasileiro de Teoria da História e História da Historiografia, realizado em Mariana, MG, em 2019.

Adotar a postura do etnógrafo significava, à época, olhar para uma cultura como um *objeto* a ser esquadrinhado por um *sujeito* civilizado. Mário de Andrade, Heloisa Alberto Torres e Rodrigo Melo Franco de Andrade, foram, cada um a seu modo, tocados pelos conceitos de *civilização* e *cultura*. O que essas pessoas têm em comum se expressa na memória que deles temos, isto é, foram grandes sujeitos de nossa modernidade, inspirando ainda no presente ações semelhantes às deles. Teriam sido, portanto, sementes de um processo que se enraizou no país, vicejou numa frondosa árvore e continuou a produzir frutos por meio de novos galhos, ainda que o jardineiro por ela responsável possa ter sido ora dedicado, ora desleixado.

A metáfora arbórea não dá conta, contudo, da intensidade dos fluxos que aquele curto-circuito epistolar trouxe à tona. É preciso antepor-lhe a imagem de um *rizoma* para compreendermos o teor dos projetos de modernidade nacional em conflito que emergiam, naquele momento, em vários pontos do território brasileiro. A própria coordenada espacial "Brasil" é insuficiente, como vimos, para termos uma ideia do que então se passava.

Heloisa Alberto Torres e Mário de Andrade foram pessoas extremamente conectadas. Foi possível traçar, a partir de ambos, uma complexa rede de contatos que ultrapassa as fronteiras brasileiras. Essas conexões estão visíveis em arquivos em que vida pessoal e vida pública se confundem.

Mas não foram somente pessoas que se conectaram nessas redes. Por elas fluíam coleções de museu, publicações, mapas, indicações para cargos e posições, e, também, conceitos, que quase passavam despercebidos em meio a tantas outras palavras aportadas por todos os lados. Dentre tantas coisas em movimento, aquelas que mais me chamaram atenção foram justamente os conceitos.

Heloisa Alberto Torres correspondeu-se com Franz Boas, Ruth Benedict, Julian Steward, Alfred Métraux, dentre tantos(as) outros(as). Em que pesem as diferenças de perspectiva entre esses(as) antropólogos(as) estrangeiros(as), aprendemos com George Stocking Jr. que todos(as) eles(as) estão conectados(as) pela revolução paradigmática produzida pelo culturalismo e historicismo boasiano. Boas teria recebido essa herança de uma linhagem que passaria, numa genealogia ascendente, por Adolf Bastian (do Museu Etnológico Real de Berlim), Wilhelm von Humboldt e Herder. Norbert Elias, Louis Dumont e tantos outros(as) depois deles nos mostraram, cada um(a) a seu modo, que o conceito de *Kultur*, elemento que conecta todas essas subjetividades, foi uma reação à experiência moderna do tempo expressa no conceito francês de *civilisation*. Um projeto alternativo de modernidade, portanto. Um novo projeto de sociedade produzido a partir da fuga de um conceito em meio ao expansionismo da civilização francesa por sobre a cultura alemã e tantas outras.

Voltemos agora ao início do século XX. O mundo então estava dividido em grandes impérios, cada um deles se vendo como determinado por sua própria história. Essas eram histórias em cujo *telos* não se podia visualizar nada além do mundo projetado pela nação destinada a vencer as demais. A própria antropologia trabalhava como instrumento dessa visão evolucionista de história em que não havia lugar para todos(as). Antropólogos(as) de origem judaica só podiam ver com temor esse mundo no qual eles(as) próprios(as) não tinham lugar. Foi nesse contexto que a antropologia aos poucos se conformou como uma imensa máquina de guerra. Contra essa projeção segundo a qual somente uma cultura teria lugar na história, logo passou a florescer novamente a ideia de que todas as culturas eram dotadas de igual valor, de modo que deveria cair

por terra qualquer política nacional orientada por sua suposta própria superioridade. Não fariam mais sentido nem o imperialismo, nem o nacionalismo, nem o racismo e nem o belicismo que logo estourariam na Primeira Guerra Mundial. Era preciso conhecer cada uma das culturas em sua própria historicidade, sem preconcepções, de modo a demonstrar que cada uma delas teria uma contribuição específica e especial para a humanidade.

A rede transnacional de antropólogos(as) americanistas foi um dos espaços em que essa perspectiva pôde ganhar força. Desse grande coletivo participavam pessoas da Europa e das Américas, mas nem todas elas compartilhavam da antropologia culturalista em emergência. Antes da Primeira Guerra Mundial, já se travava ali uma outra guerra de posições. A primeira conquista de Boas foi um posto privilegiado nos Estados Unidos, que ele logo tratou de fortificar. Seus inimigos internos ocupavam as posições antropológicas estadunidenses de forma hegemônica, de modo que foi necessário buscar reforços externos. De Columbia (até então os postos privilegiados não estavam em universidades, mas em museus), Boas buscou o apoio de nomes como Karl von den Steinen na Alemanha, Paul Rivet na França e Erland Nordenskiöld na Suécia, todos engajados em torno de um americanismo que, para alcançar toda sua potência, precisava se desvencilhar das ingerências do Estado em suas pesquisas. Ao mesmo tempo, Boas formava um séquito de epígonos, os(as) primeiros(as) doutores(as) em antropologia dos Estados Unidos que poderiam ocupar, portanto, essa rede antropológica acadêmica em formação. Por fim, era preciso construir canais estratégicos para o fornecimento das matérias-primas que fortaleceriam a vertente culturalista do americanismo transnacional encabeçada por Boas. Para isso, havia uma infinidade de “terras virgens” para a antropologia

ao Sul do Rio Grande. Logo a perspectiva boasiana do americanismo já poderia contar com uma larga rede de humanos e não humanos, capaz de sustentar altivamente a sua posição em meio às controvérsias que passaram a opor entre si antropólogos(as) em todo o mundo "civilizado".

Desde os primeiros anos do século XX, logo após ter ocupado definitivamente a liderança do Departamento de Antropologia de Columbia, Boas iniciou seu programa de estabelecimento de parcerias com intelectuais sul-americanos(as). No Brasil, correspondeu-se, como vimos, com diversos intelectuais brasileiros. Em 1922, em meio a tantas outras comemorações que aconteciam por aqui, Boas comandou um largo boicote ao XX Congresso Internacional de Americanistas que teve sede no Rio de Janeiro, e que excluiu todos(as) os(as) antropólogos(as) nascidos(as) em uma das Potências Centrais. Logo mais, já na década de 1930, estabeleceu parcerias com o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, enviando seus estudantes para cá, desde que satisfizessem os anseios de Torres, então sua diretora.

Esse período coincidiu, no Brasil, com um momento no qual o modelo de civilização universal perdeu muito de seu valor. A intelectualidade brasileira começou a refletir sobre a trajetória particular do país, bem como sobre se ela não nos reservaria um destino próspero junto às nações mais ricas do Globo. Afinal, a democracia liberal burguesa parecia cada vez mais claramente associada aos vícios das velhas oligarquias, a Primeira Guerra Mundial demonstrava a falência das ideias de progresso e civilização e novas potências começavam a emergir e a desafiar os padrões civilizacionais franceses e ingleses, tudo isso mais ou menos à época que se comemorava, por aqui, o primeiro centenário da Independência política brasileira. Não por acaso um conceito pluralista de cultura, trazido a reboque

dos fluxos americanistas acima mencionados, começou a circular com mais recorrência num solo relacional que lhe era cada vez mais receptivo.

Proponho que relembremos um pouco mais dessas redes. O contexto agora é marcado pelos desajustes globais propiciados pela Segunda Guerra Mundial. Enquanto a civilização europeia decaía em meio a esse sangrento conflito, Nelson Rockefeller conseguiu convencer Franklin Delano Roosevelt de que a melhor forma de frear o avanço nazifascista seria por meio da aproximação do Estados Unidos em relação às repúblicas sul-americanas. Os Estados Unidos deveriam agora ocupar a vanguarda civilizacional, guiando os outros povos do Novo Mundo em direção a um próspero futuro liberto da barbárie. Esse era o momento de emergência da colaboração interamericanista, que logo contaminaria a antropologia estadunidense. Essa ciência se mostrou uma ferramenta fundamental para o esforço de guerra, e sua prática deslocou-se de forma decisiva, naquele momento, das universidades para as agências governamentais. Essa foi a oportunidade que Julian Steward teve para se tornar conhecido e passar a liderar um movimento que transformou a antropologia numa ciência aplicada. Steward institucionalizava o que tenho chamado de “antropologia interamericanista”, cuja meta primordial era integrar as ricas culturas do Sul no processo modernizador liderado pelos Estados Unidos.

A função das diversas agências interamericanistas criadas naquele momento foi controlar e intensificar os fluxos de recursos intelectuais que já existiam, a exemplo dos laços estabelecidos entre Columbia e Museu Nacional. Esses laços deveriam agora servir ao esforço de guerra comandado pelos Estados Unidos. Com esse intuito foram criadas agências no interior do *US Department of State* e da

Smithsonian Institution, por exemplo. O próprio Rockfeller, com seus *think tanks*, ficou a cargo do poderosíssimo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. Outro órgão vinculado a Rockefeller, o CIAAIR, que, como vimos, congregava a Fundação Rockefeller, a *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* e a *Carnegie Corporation,* teve um papel fundamental, que agora conhecemos um pouco melhor, no impulsionamento da circulação intelectual transnacional entre o Brasil e outros países latino-americanos e os Estados Unidos.

No entanto, também vimos que os recursos dispensados para o esforço de guerra nos Estados Unidos nunca deveriam contemplar ações envolvendo dois países latino-americanos sem a liderança estadunidense. Esse foi o sentido da produção do *Handbook of South American Indians*, patrocinado pelo *Bureau of American Ethnology*, da *Smithsonian Institution*, que uniu diversos intelectuais brasileiros em torno do mapeamento, descrição e interpretação das culturas ameríndias. Esse também foi o propósito do *Institute of Social Anthropology*, que, depois de um longo processo de negociações envolvendo Charles Wagley, Heloisa Alberto Torres e Donald Pierson, acabou se instalando na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, sob o comando daquele último. O mesmo ainda pode ser dito a respeito do CIAAIR, uma espécie de caçadora de talentos intelectuais interamericanos que pôs em circulação transnacional centenas de pessoas, desde que fossem brancas, pró-americanas, do sexo masculino – as mulheres deveriam viajar na condição de esposas – e bem comportadas. Dessas redes, além do próprio Museu Nacional, se aproveitou uma grande quantidade de intelectuais brasileiros, em especial aqueles que viram seus projetos regionais barrados pela ascensão de Getúlio Vargas no Brasil, a exemplo do grupo paulista que gravitava ao redor de Mário de Andrade. O interamericanismo

manteve vivos, portanto, projetos de modernidades nacionais alternativas à modernidade oficial do Estado Novo.

A análise mais detida destes fluxos mostrou, em primeiro lugar, que eles não eram de mão única. Consideradas as assimetrias de poder, eles sempre permitiam alguma margem de negociação.

Outro aspecto que chama a atenção é o fato de que o papel das subjetividades que hoje tomamos como centrais ou exemplares se torna relativo. A capacidade de canalizar recursos por meio da articulação de redes privilegiadas contava mais do que a simples posse ou produção desses recursos. Além disso, o fortalecimento de posições dependia sempre dessa potencialidade conectiva, de tal modo que, por exemplo, dificilmente a antropologia cultural teria se identificado à figura de Boas caso ele não tive conseguido articular uma rede transnacional de grande alcance em torno dos valores empiristas, salvacionistas, internacionalistas, antirracistas e anti-imperialistas que pregava.

Quando vamos investigar esses movimentos nos arquivos, o que encontramos são, no entanto, ecos de grandes subjetividades. O que se vê são constelações de documentos consignados previamente em torno da comprovação de que essas personalidades contribuíram de alguma forma para o progresso da nação ou da civilização. Existem, entretanto, algumas inconsistências nessas narrativas pré-inscritas nos arquivos que chamam a atenção. Este é o caso de Claude Lévi-Strauss, por exemplo. Quando deixou a Sociedade de Etnografia e Folclore e o DC, ambos comandados por Mário de Andrade, e foi para os Estados Unidos, em direção às instituições consolidadas a partir dessa obra relacional que tinha em Boas uma figura central, o antropólogo francês era uma figura de segunda ou terceira grandeza, a ponto de ter sido confundido, como vimos, com uma dama por

Boas numa correspondência que trocaram um pouco antes da morte deste último. Foi só depois de ter circulado pela *New School for Social Research* ao lado de Alfred Métraux, instituição comandada por Alexander Goldenweiser, outro discípulo de Boas, que Lévi-Strauss pôde alcançar o reconhecimento do qual hoje dispõe. O próprio Mário de Andrade, hoje saudado como o grande ideólogo da cultura nacional, só teve algum reconhecimento mais consistente no meio intelectual brasileiro após ocupar o DC, o que não lhe permitiu conquistar algum espaço significativo no país em função de sua estratégia de não procurar, assim como fizeram seus amigos, as oportunidades surgidas nos Estados Unidos quando dos bloqueios varguistas locais. Heloisa Alberto Torres, à época conhecida como D. Heloisa – uma forma de domesticar a sua feminilidade num ambiente estritamente masculino –, hoje pouco lembrada em comparação com seus pares homens, foi chamada por um outro antropólogo e aluno de Boas, Jules Henry Blumensohn, de um "cometa antropológico", e certamente era a pessoa mais influente nesse meio, a ponto de ter determinado o formato pelo qual o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ficou conhecido em sua chamada "fase heroica".[610]

Poderia arrolar aqui muitos outros exemplos. Mas isso basta para mostrar que o tom exemplar da memória que temos dessas subjetividades é em grande medida incerta. Ele depende de diversos fatores externos para além da capacidade individual de alguém se sobressair e fazer perdurar o seu nome na história dos processos de modernização nacional. Inicialmente percebemos que esse sucesso depende tanto da posição relativa dessas subjetividades numa rede transnacional a partir da qual se produzem projetos alternativos de

[610] Sem contar a sua atuação igualmente impactante no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil e no Conselho Nacional de Proteção aos Índios, por exemplo. A este respeito, cf. Lowande (2013a).

modernidade, quanto das formas por meio das quais essas memórias ficarão inscritas em arquivos permeados por trajetórias e relações de poder que lhes são próprios.

Algo que propus neste livro é o deslocamento das problematizações no que tange às disputas pelas modernidades nacionais. Em geral nos perguntarmos sobre quem são os sujeitos produtores desses projetos e quais os objetivos/objetos que os mesmos buscaram definir. O que quis compreender é, antes, como se constituem essas próprias subjetividades e objetividades num processo de expansão das relações modernas de subordinação que, ao final deste livro, parece adquirir um caráter rizomático.

Tenho partido do princípio segundo o qual o que caracteriza as formas modernas de dominação é a capacidade inédita que essa cosmovisão tem para cindir o mundo por ela abarcado em dois domínios ontológicos distintos: o mundo dos sujeitos e o mundo dos objetos. Como diriam Adorno e Horkheimer em *Dialética do esclarecimento*, "a distância do sujeito com relação ao objeto, que é o pressuposto da abstração, está fundada na distância em relação à coisa, que o senhor conquista através do dominado" (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 27-28). Essa divisão, possibilitada de maneira cada vez mais ampliada, portanto, pela onto-epistemologia moderna, libera uma temporalidade de caráter progressivo que cobra cada vez mais subjetivações e objetivações: quanto mais os *sujeitos* (seres pensantes) conseguirem dominar os seus *objetos* (a natureza passiva), mais rapidamente a humanidade se libertaria do jugo da barbárie, rumo a uma sociedade civilizada a ser promovida por meio da racionalidade dos Estados ou do Mercado. Essa é a experiência de um tempo em aceleração indicada por Koselleck (2006). Desnecessário lembrar aqui, no entanto, do caráter mitológico

dessa ideia de sentido, denunciada por Adorno e Horkheimer e por tantos outros(as) críticos(as) da modernidade.

Resta saber como essas relações de subordinação modernas são produzidas e se disseminam concretamente por meio de redes transnacionais como as que eu abordei acima. Bruno Latour (1994) nos chama a atenção para o fato de que a produção de sujeitos e objetos modernos dependem de um terceiro elemento, situado entre ambos, que ele propõe chamar de “híbridos”. É a bomba de ar de Robert Boyle que lhe permitiu se tornar o sujeito a falar da natureza física do ar. Da mesma forma, foi o conceito de contrato social que permitiu a Thomas Hobbes, este outro sujeito moderno, definir a natureza das relações sociais e a pressupor, por isso, a necessidade de um governo para civilizá-las. E o que bomba de ar e contrato social têm em comum? Ambos, o instrumento de laboratório e o conceito, são não-humanos que, ao circularem, criam novas subjetividades e novas objetividades. No entanto, ao mesmo tempo em que a modernidade não existiria sem esses híbridos, ela própria os torna invisíveis, impensáveis, irrepresentáveis. Não é possível encontrá-los nos arquivos, pois eles tiveram que ser suprimidos a fim de que só pudéssemos nos recordar de sujeitos e de objetos. Perceber a monstruosidade de um ser ao mesmo tempo sujeito, objeto e híbrido, ou homem, natureza e ferramenta, seria tornar-se incapaz de voltar a acreditar no mito moderno das subjetividades heroicas a nos libertar do domínio da natureza.

Os conceitos de civilização e cultura, em suas diversas possibilidades de articulação entre si, são os híbridos que possibilitaram a proliferação dos sujeitos e objetos acima apontados. Só é possível encontrá-los no momento em que justamente são apagados da memória dos arquivos. Eles até aparecem, mas

não como personagens principais das narrativas inscritas nessas instituições. São invisibilizados como meras ferramentas nas mãos das subjetividades exemplares a quem devemos nosso progresso civilizacional. No entanto, seu papel é fundamental para a proliferação de modernidades nacionais e de seus respectivos sujeitos e objetos e projetos de dominação.

Voltemos então às redes transnacionais de antropólogos para tentarmos perceber como isso pode ser verificado na prática.

Na rede americanista liderada por Franz Boas e vigente entre fins do século XIX e os momentos que precederam a Segunda Guerra Mundial, os híbridos que constituem essa rede de sujeitos e objetos são o conceito plural de cultura e o conceito de civilização, articulado ao primeiro e entendido como um ideal de caráter universalista. A humanidade seria plenamente desenvolvida, dentro dessa visão de futuro, apenas como resultado do conjunto das diversas contribuições culturais específicas. Os seus sujeitos se constituem como os promotores de uma modernização igualitária e universal por meio da demonstração empírica do pluralismo cultural e do valor individual de suas particularidades. Os seus objetos são os povos ameríndios objetificados em “culturas”. Estes últimos não seriam, portanto, ao menos imediatamente, os próprios sujeitos do processo de modernização.

Na rede de antropólogos(as) interamericanistas, que vigorou ao longo da Segunda Guerra Mundial, os híbridos conceituais colocados em circulação são o conceito de cultura relacionado às sociedades ainda-não-modernas/civilizadas da América Latina, por um lado, e o conceito de civilização, representado pelo polo estadunidense, por outro, além do conceito de barbárie, agora retomado a fim de ser atrelado ao nazi-fascismo. Os sujeitos dessa modernidade se

identificam com a defesa do mundo civilizado a partir de uma vanguarda estadunidense, revitalizada pela originalidade da pluralidade cultural do Novo Mundo – que devia ser melhor conhecida por meio da antropologia interamericanista – e em luta contra a barbárie totalitarista. Os seus objetos são povos/grupos latino-americanos objetificados como culturas ainda-não-modernas/civilizadas.

Essas redes se conectam, no entanto, a outros circuitos produtores de modos de vida modernos já existentes nas repúblicas latino-americanas, e que não funcionaram de maneira simplesmente passiva quando dessas sucessivas rearticulações. Eu tomo o caso de uma competição transregional brasileira para mostrar como, nesses diferentes contextos, sujeitos de uma modernidade nacional particular e multifacetada se posicionaram de maneira estratégica a fim de canalizar os recursos produzidos por essas diferentes relações produtivas. Assim, num primeiro momento, o conceito de cultura produzido em meio à facção boasiana do americanismo permitiu a constituição de novos projetos modernizadores no Brasil a partir da década de 1920, provocando a superação de um projeto modernizador antes pautado na ideia de uma civilização universal e vinculado às nações brancas europeias. Essa concepção de civilização dá lugar, assim, a uma ideia de "cultura nacional" multiétnica dotada de valores civilizacionais próprios. Os canais transnacionais potencializados pela política interamericanista criaram também novas condições de reposicionamentos internos no Brasil, num contexto em que um projeto nacionalista mais fechado, representado pelo varguismo do Estado Novo, reconfigurava as possibilidades de ocupação do campo intelectual nacional. Assim, o grupo do Museu Nacional liderado por Heloisa Alberto Torres pôde lançar mão de uma posição institucional que, no Brasil, teve condições de canalizar autonomamente as novas

oportunidades impulsionadas a partir dos Estados Unidos. Por sua vez, o grupo articulado em torno do DC e de Mário de Andrade pôde, a partir de São Paulo, constituir alianças estratégicas capazes de proteger o projeto de nação especificamente paulista forjado por uma intelectualidade fundada no orgulho pela herança bandeirante.

Novos híbridos, sujeitos e objetos passaram, portanto, a circular por aqui produzindo modernidades alternativas. No Museu Nacional, os híbridos conceituais de civilização e cultura sofrem desdobramentos. Civilização atrela-se, nesse contexto relacional, tanto ao conjunto de conquistas artísticas, científicas e tecnológicas das diversas culturas mais desenvolvidas do globo, isto é, o ponto de vista do sujeito do conhecimento, quanto aos patrimônios específicos de culturas dotadas de uma longa história evolutiva. O progresso civilizacional corresponderia, portanto, ao bem-sucedido desenvolvimento das diversas culturas específicas que compõem o conjunto da civilização humana, conforme a tradição de pensamento também presente no americanismo boasiano. Dessa forma é possível falar, portanto, em uma "civilização brasileira" mesmo que ela ainda não estivesse plenamente desenvolvida. Cultura, por sua vez, seria o instrumento científico por meio do qual as especificidades dessas civilizações poderiam ser conhecidas em seus diferentes estágios de desenvolvimento. Os sujeitos desse projeto de modernização nacional são os agentes científicos e burocráticos do Estado brasileiro responsáveis pela tutela das culturas não-brasileiras ou "neo-brasileiras" e de seu respectivo patrimônio cultural – incluindo, nesse caso, as próprias populações indígenas por meio de uma política de demarcações em processo de constituição. Os objetos são os povos/grupos ameríndios ou neo-brasileiros objetificados como culturas ainda-não-modernas/civilizadas/nacionais.

Em relação ao grupo constituído em torno do DC, os híbridos são o conceito de cultura, relacionado ao folclore nacional e ao seu respectivo “patrimônio artístico”, e o conceito de civilização, orientado pela mitologia bandeirista e agora pelo parâmetro estadunidense, com os quais se identificava a classe média e a elite intelectual do estado de São Paulo. Os sujeitos aqui são os intelectuais herdeiros do destino civilizatório bandeirante, agora revigorado pela modernidade emanada do padrão estadunidense de civilização; são sujeitos que seriam dotados de saberes etnográficos capazes de revelar a essência da cultura nacional. Os objetos, nesse caso, são os grupos “populares”, objetificados no folclore nacional e em seu respectivo patrimônio artístico.

Com isso podemos, enfim, compreender a intensidade das tensões explicitadas no conflito epistolar apresentado no Prólogo deste livro.

Podemos considerar, finalmente, a partir do exposto, o que torna a cosmovisão moderna tão potente, a ponto de hoje ser percebida como fora do controle dos próprios sujeitos que a teriam criado. A modernidade é tão poderosa pelo fato de que as relações de subordinação que ela estrutura para a reprodução de sua própria produtividade não dependem da imposição de decalques idênticos à primeira projeção do mundo livre do domínio da natureza. Suas máquinas e conceitos representam linhas de fuga capazes de reterritorializar em cada mundo extramoderno multiplicidades de novos seres que, novamente, se dividem em sujeitos e objetos, produzindo sempre uma temporalidade vinculada à metanarrativa do progresso, da modernização e da civilização.

Talvez seja possível afirmar que vivemos, hoje, uma forma atualizada desse processo de modernização, em que um ideal civilizacional futuro esconde formas cada vez mais perversas de

dominação. Ingressamos no século XXI nutridos pela esperança de uma modernização alternativa: o mundo todo saudava o bem-sucedido modelo neodesenvolvimentista, nascido da periferia do capitalismo e aparentemente capaz de superar as históricas desigualdades sociais, esse persistente signo do “atraso” dos “países em desenvolvimento” que ainda nos prendia ao polo da barbárie. Mas logo se revelou que sob o manto da democracia havia a gestão racional, impessoal e transnacional do mercado, e se tudo ia aparentemente bem era porque o incremento do consumo às custas de recursos destinados a políticas de distribuição de renda tinha a vantagem de calar a insurreição. Civilizava-se (e, portanto, domesticava-se) por meio da inserção dos pobres num mercado de bens de consumo antes restrito às classes médias. Enquanto isso, os conflitos não superados iam sendo empurrados para as margens, para longe dos centros e das vistas do(a) cidadão(ã) brasileiro(a) civilizado(a): os conflitos fundiários e a guerra contra o tráfico, por exemplo, quando muito, eram vistos como um preço a ser pago pela civilização, ou melhor, pelo desenvolvimento do país. Foi só a população passar a exigir uma gestão democrática do fundo público num momento em que ele já não se mostrava mais tão pujante; foi só se escassearem os recursos para a manutenção de uma criminosa dívida pública; foi só a legislação trabalhista brasileira ser vista como um empecilho para a expansão das relações modernas e capitalistas de dominação; foi só os movimentos sociais e de resistência em geral começarem a se organizar; e não tardou para que caísse então o véu que sempre sustentou o moderno Estado-nação brasileiro. O neodesenvolvimentismo foi então imediatamente substituído pela velha concepção oligárquica de modernidade: “*ordem e progresso*” passou a ser o novo *slogan* dos novos sujeitos do Governo Federal – o progresso ditado pela razão impessoal e a

ordem conquistada pelo esvaziamento da democracia.[611] A diferença maior talvez resida no fato de que o polo da razão era agora ocupado não mais por engenheiros ou médicos, como na Primeira República, mas por economistas formados pela doutrina neo- (ou ultra-) liberal e por administradores formados pela doutrina da gestão flexível. A *Ponte para o futuro* de Temer nos levou da “Nova República” para uma “Nova República Velha”.

Por fim, as novas formas de subjetivação e objetivação virtuais nos trazem, agora, para uma modernidade semelhante àquela denunciada por Zygmunt Bauman em seu *Modernidade e holocausto (1998)*: nossas instituições se mostram, como previsto, incapazes de conter a invisibilização moral de nossos semelhantes. O sujeito fascista ressurge tornando objeto do seu livre sadismo tudo aquilo que parece obstar sua liberdade de mando presente e futura. Não podemos mais esperar, portanto, para reconectar tudo aquilo que a modernidade tem cindido de maneira descontrolada.

Algumas reflexões

No que foi escrito acima eu toquei em dois pontos que deveriam chamar a atenção dos(as) historiadores(as). O primeiro é que, conforme foi demonstrado, se é preciso considerar a circulação transnacional de actantes humanos e não humanos para a compreensão mais abrangente da produção intelectual e seus efeitos, conforme foi mostrado neste livro, o mesmo também não valeria para a produção especificamente historiográfica? O segundo ponto decorre do primeiro: se hoje há uma percepção generalizada de que a história acadêmica

[611] "Ordem e progresso" foi o slogan retomado por Michel Temer após o golpe que o levou à Presidência da República em 2016. "Pátria amada", o atual slogan do governo de Jair Bolsonaro, prega apenas a obediência incondicional a um valor patriótico, mesmo que não se evidencie promessa alguma de futuro.

perdeu sua autoridade diante de narrativas que se proliferam em meio às novas tecnologias da informação e da comunicação, isso não se deve à desatenção de historiadores(as) que, ao longo desses anos, investiram no aprimoramento metodológico e narrativo dos relatos historiográficos e se esqueceram da complexa rede de actantes de que dependem para que suas histórias se tornem significativas?

Nas últimas palavras que se seguem, não pretendo resolver essas questões. No entanto, acho que seria importante indicar caminhos para reconsiderarmos alguns aspectos importantes da prática historiográfica. Para tanto, considero suficiente articular as reflexões teóricas indicadas no início do livro a respeito da Teoria Ator-Rede com alguns elementos específicos da produção historiográfica, considerando, ao final, o conceito de "patrimônio cosmológico" como uma alternativa possível para o enfrentamento desses impasses.

Se é cabível afirmar que a experiência do tempo é algo que faz parte da vida prática de todos(as) nós,[612] a história enquanto disciplina acadêmica se definiu, até pelo menos a década de 1960, como um dispositivo voltado para a projeção universal, amparado no discurso científico, do modo especificamente moderno de ser no tempo.[613]

---

[612] Segundo o historiador francês François Hartog (2013), todas as sociedades humanas possuem uma forma ou outra de experiência do tempo, de modo que poderíamos conceber uma categoria, a ideia de "regime de historicidade", capaz de avaliar como cada uma delas privilegiaria o passado, o presente ou o futuro na constituição de suas respectivas "ordens do tempo". A capacidade de temporalizar a própria experiência seria, portanto, constitutiva do humano, algo também defendido por filósofos como Martin Heidegger e Paul Ricoer e por antropólogos como Claude Lévi-Strauss e Marshall Sahlins, ainda que as formas de articulação entre passado, presente e futuro variem significativamente no tempo e no espaço. Para Jörn Rüsen (2001), as carências de sentido e identidade que constituem o humano o levam constantemente a se voltar para o passado, e, do ponto de vista da filosofia da diferença (Jacques Derrida, Michel Foucault e Gilles Deleuze, entre outros/as) tomar consciência das formas de repetição opressora do passado é condição fundamental para a exploração criativa de devires alternativos.

[613] Como têm sugerido as reflexões teóricas a partir de perspectivas pós-coloniais ou decoloniais (WEINSTEIN, 2003) e transnacionais (LOWANDE, 2018; SANTOS, NICODEMO e PEREIRA, 2017).

A historiografia acadêmica tomou para si a tarefa de temporalizar a experiência humana a partir da concepção filosófica europeia de identidade, desqualificando deste modo qualquer pretensão de reflexão sobre o tempo que não estivesse amparado pela autoridade do discurso científico.

Desde a década de 1960, no entanto, o ideal societário ocidental/moderno tem sido questionado por grupos que foram colocados às suas margens, a exemplo das mulheres e de outras identidades de gênero, dos povos colonizados etc. (RAGO, 1998). Os mesmos objetos históricos passaram a ser alvo de interpretações diversas, e, como já notou Frank Ankersmit (2001), ficou claro a partir de então que a historiografia se prestava muito melhor à projeção criativa de futuros possíveis do que à definição de uma linha mestra para a evolução unilinear da humanidade. A historiografia "pós-moderna" ou "pós-estruturalista" se constituiu como negação da existência de estruturas universais a definir os comportamentos humanos. O olhar para o passado passou então a se voltar para a força vital que escapa às determinações abstratas do pensamento moderno, e a narrativa historiográfica pôde, deste modo, aproximar-se da experiência de inúmeras vidas excluídas da metanarrativa do progresso e da ordem.

Como é possível, no entanto, que esse ganho reflexivo e narrativo não tenha nos libertado, no presente, de visões políticas que continuam negando a vitalidade dos processos de diferenciação? Revisões e negações reducionistas e carentes de plausibilidade ganharam terreno em obras literárias, em "guias politicamente incorretos" e em narrativas que naturalizam o processo histórico como uma tragicomédia em relação à qual teríamos pouco ou nenhum poder de intervenção.[614] Uma narrativa histórica binária, embasada

[614] A exemplo dos *best-sellers* publicados pelo jornalista Laurentino Gomes.

na velha disputa do bem contra o mal, associada a uma visão de mundo supostamente cristã onde a diferença é vista como pecado a ser combatido, ganhou um inaudito poder de proliferação primeiro nas mídias tradicionais, depois nas mídias virtuais, criando um mundo cada vez mais polarizado em torno da aceitação ou não de supostos valores ocidentais e cristãos. Historiadores(as) passaram a perceber, estupefatos(as), que os sucessivos avanços historiográficos incorporados pelo *linguistic turn* se dissolveram em uma modernidade atualizada (PEREIRA e ARAÚJO, 2016) pelas novas tecnologias.

Isso talvez se deva a uma nova forma de distanciamento da historiografia em relação ao diletantismo histórico. É possível que o "pós-estruturalismo" tenha realmente regredido a uma outra forma de "estruturalismo" (MALERBA, 2008), pois a linguagem acabou se configurando como um outro determinante universal da experiência social. No entanto, enquanto, no mundo acadêmico, continuávamos explorando formas cada vez mais complexas, plurais e justas de narrativa, acreditando que só a reflexão literária e metodológica resolveria nossos dilemas revolucionários, no mundo extra-acadêmico as pessoas continuaram confiando em narrativas que para elas se apresentavam de maneira mais simples e imediata. Enquanto nossas complexas narrativas elegeram como meio privilegiado de comunicação os artigos, teses e livros acadêmicos, narrativas reducionistas e voltadas para a reprodução de um modo de capitalista em nível global continuaram se multiplicando em meio a aparelhos e tecnologias até há pouco desdenhadas pelos(as) historiadores(as). O campo da história pública tem se debruçado sobre estes problemas nos últimos anos, e felizmente temos assistido a uma ampla reconsideração não só a respeito do que deve ser produzido pela historiografia, mas igualmente sobre os meios em que ela é comunicada e os anseios de suas audiências (MALERBA, 2017).

Para pensarmos na circulação do conhecimento histórico devemos considerar que o mundo social não é constituído apenas de linguagem, ao contrário do que tem acreditado a perspectiva semiótica de mundo. Se a linguagem, a partir da virada linguística, passou a ser percebida ela própria como realidade, como coisa, ela não deveria ter sido então erigida como coisa privilegiada para a produção do mundo social (LATOUR, 1994). Se não resta dúvida de que as narrativas são fundamentais para os processos de subjetivação, não podemos negar, no entanto, que essas narrativas só podem funcionar efetivamente se estiverem conectadas a outras coisas. Os(as) historiadores(as) amadores(as) perceberam isso muito antes dos(as) historiadores(as) profissionais: eles ligaram suas frágeis narrativas a fortes mediadores, a exemplo de poderosos circuitos editoriais, dos algoritmos das redes sociais, dos celulares que não se desgrudam mais das mãos e dos olhos das pessoas, de imagens ou *memes* capazes de mobilizar o medo e a reação *imediata*, isto é, não refletida, de pessoas que têm visto progressivamente a desintegração das certezas modernas e que, por isso mesmo, se vêm ávidas em agarrar a primeira informação (em geral falsa, ou *fake*) que lhes dê alguma sensação de segurança diante do velho mundo de privilégios perdidos, entre outros coletivos de coisas e humanos que não conseguiria aqui enumerar com propriedade.

Portanto, os(as) historiadores(as) demoramos a perceber o mundo social como um agregado de actantes humanos e não humanos (LATOUR, 1994 e 2012; INGOLD, 2012), mas o mesmo não se passou com os representantes de um modo de vida baseado na “ontologia mercantilista” (CAPIBERIBE, 2018). A narrativa que opõe a “gente de bem” branca e cristã ao resto do mundo supostamente doutrinado por aquilo que chamam de “marxismo cultural” tem servido

muito bem para atualizar, no Brasil, a mesma lógica binária (sujeito/objeto, cultura/natureza, homem/animal, civilizado/bárbaro, bem/mal etc.) que embasou a ação colonialista (CASTRO, 2019). Vivemos uma época de aceleração do consumo dos recursos naturais do planeta pela humanidade, a "Grande Aceleração" (STEFFEN, BROADGATE, *et al.*, 2015; MCNEILL e ENGELKE, 2016; STEFFEN, CRUTZEN e MCNEILL, 2007; BONNEUIL e FRESSOZ, 2017), e a floresta amazônica é encarada como a última fronteira do processo civilizatório. O Estado brasileiro se porta como o fiador do avanço do tecnocapitalismo predatório por sobre as reservas botânicas, zoológicas e minerais da maior floresta tropical do mundo, ao mesmo tempo que angaria o apoio de seus supostos representados por meio da difusão do medo provocado por uma metanarrativa cruzadista que eleva o atual presidente da República à condição de um "mito" salvador.

Parece claro, portanto, que o nosso futuro dependerá de nossa capacidade de compor coletivos que possam enfrentar a onto-epistemologia capitalista, colonial e patriarcal, cuja face mais sinistra se afigura diante de nós num momento em que a equação "população global/recursos necessários para a manutenção da acumulação capitalista" ultrapassa em muito o limite do sustentável. Essa composição pode se dar, simplesmente, pela reconexão daquilo que a ciência e a política modernas opuseram nos pares Sociedade/Natureza e sujeito/objeto, ou pela inauguração de mundos novos dependentes do desenvolvimento de uma "arte de notar" não antropocentrada (TSING, 2015). Esse futuro depende, portanto, das linhas de fuga produtoras de mundos extramodernos que consigamos compor, e uma tal obra ganharia muito com uma imaginação historiográfica assentada no conhecimento seguro das rotas de escape que já

foram construídas no passado. Talvez o melhor fosse mesmo chamar a esse novo tipo de conhecimento de “nomadologia” ao invés de “historiografia”, como já sugeriram Deleuze e Guattari (1995). Tratar-se-ia, portanto, do estudo dos mundos que resistiram à necropolítica moderna (MBEMBE, 2016), do conhecimento de suas linhas de fuga, de seus movimentos moleculares, de seus deslocamentos rizomáticos, lá onde os dispositivos modernos de memorização impuseram o seu esquecimento e além.

Aqui eu gostaria de retomar um fio que deixei solto no final do Capítulo 11, quando sugeri que a ideia de “patrimônio” poderia ser retomada como uma possível solução para os problemas indicados acima. Assim como a historiografia, as políticas de memória produzidas por meio da preservação de patrimônios históricos, artísticos e culturais também se associam diretamente à onto-epistemologia moderna, cujas proliferações rizomáticas foram exemplificadas ao longo deste livro. Como tal elas também sofreram os impactos das críticas ao projeto moderno por meio daquilo que Rodney Harrison chama de “virada discursiva” nos estudos patrimoniais (HARRISON, 2013).

Embora o patrimônio possa ser, com efeito, associado a um conjunto mais amplo de dispositivos disciplinadores modernos, Harrison propõe que busquemos enxergar nessas práticas algo para além disso. Para tanto, ele parte da perspectiva da teoria dos agenciamentos (*agencement* ou *assemblage*), inspirada na obra de Deleuze e Guattari, e da Teoria do Ator-Rede, que foi rapidamente apresentada na Apresentação deste livro. Segundo Harrison, “ao aplicarmos essas ideias ao patrimônio, agentes humanos e não humanos são vistos como trabalhando juntos para recriar o passado no presente por meio de redes de associação cotidianas” (HARRISON,

2013, p. 39, tradução livre). O patrimônio se torna, deste modo, uma "assembleia" capaz de conectar mundos humanos e não humanos em busca de devires extramodernos, isto é, de futuros menos catastróficos que o que nos tem sido legado pelo modo de vida moderno.

O patrimônio pode ser explorado, portanto, como um dispositivo que possibilite a troca de experiências do tempo entre seres constituídos em diferentes mundos que não apenas o moderno. Diferentemente, portanto, da divisão moderna entre patrimônios "cultural" e "natural", eu proporia chamar esse novo dispositivo de "patrimônio cosmológico". "Cosmos" aqui evoca o conhecimento expresso por mundos extra-modernos e mais que humanos, cujas memórias têm o potencial de ativar agências e futuros alternativos. Já existe, na verdade, uma série de experimentos bem-sucedidos que têm apostado na potencialidade do patrimônio como um espaço de conexão e comunicação entre diferentes perspectivas ontológicas.[615] Exemplo disso são os projetos coletivos Unruly Heritages[616] e Heritages Futures,[617] os trabalhos reunidos em torno do recente dossiê temático publicado na revista *International Journal of Heritage Studies* por Rodney Harrison e Caitlin DeSilvey, com o tema "Anticipating loss: rethinking endangerment

[615] Harrison também propõe a categoria "ontologia de conectividade" para a apreensão dessas possibilidades transcosmológicas (HARRISON, 2015).

[616] "O objetivo deste projeto é investigar como os legados materiais fantasmagóricos, arruinados e ociosos do Antropoceno desafiam as concepções atuais de patrimônio e nos instam a adotar entendimentos mais complexos e flexíveis. O 'Patrimônio Incontrolável' explora como a persistência das coisas complica e questiona os delineamentos tradicionais entre passado e presente, e como suas vidas indisciplinadas posteriores permitem práticas alternativas de memória. Ele examina criticamente os fundamentos éticos do patrimônio, bem como explora possíveis justificativas e consequências de uma ética estendida às coisas. Ao fazer isso, investiga como uma ampliação radical do conceito humanístico de 'cuidado' pode contribuir para abordagens alternativas e mais ecologicamente corretas do patrimônio" (tradução livre de https://unrulyheritage.com/).

[617] Esse projeto explora "maneiras alternativas de moldar legados futuros e reunir mundos comuns em diferentes campos da prática de conservação" (tradução livre de https://heritage-futures.org/).

in heritage futures" (DESILVEY e HARRISON, 2020), além de uma série de trabalhos individuais que têm explorado essa possibilidades (a exemplo de CUNHA e CESARINO, 2014; DESILVEY, 2017; HARRISON, 2013 e 2015; OLSEN e PÉTURSDÓTTIR, 2016).

A historiografia, no entanto, ao contrário do campo interdisciplinar do patrimônio, mal dá os seus primeiros passos em direção a essas necessárias transformações. Para isso ela precisará enfrentar uma resistente tradição constituída em torno da máxima de que nossa função é "estudar o homem no tempo", quando a própria noção de "humanidade" tem sido questionada pelas abordagens multiespécie (SÜSSEKIND, 2018). Ela também precisará superar o seu fechamento em torno das publicações acadêmicas de restrito alcance, a fim de se conectar melhor à infinidade de mediadores que atuam, no presente, de modo a construir futuros a partir da seleção e enredamento de memórias. A própria escrita da história terá que considerar de maneira mais abrangente os limites de sua linguagem diante de outras formas de comunicação da experiência do tempo, em especial a oralidade, se quiser se abrir a futuros alternativos. Por fim, ela precisará buscar nos arquivos não aquilo que neles, em geral, já está inscrito na metanarrativa do sucesso do processo de modernização, e sim, como de certa forma tentei realizar neste trabalho, deverá procurar nesses espaços executores de políticas de memória justamente os processos de objetificação e subjetivação que eles mesmos silenciaram em prol da proliferação de mundos modernos.

FONTES ARQUIVÍSTICAS

AMERICAN PHILOSOPHICAL SOCIETY (FILADÉLFIA, PA, EUA)

FRANZ BOAS PAPERS (Mss.B.B61)

Carta de Alfred Métraux para Franz Boas, 11 de agosto de 1932.
Carta de Alfred Métraux para Franz Boas, 8 de agosto de 1933.
Carta de Alfred Métraux para Franz Boas, 9 de dezembro de 1936.
Carta de Arthur Ramos para Franz Boas, 27 de maio de 1937.
Carta de Arthur Ramos para Franz Boas, 21 de junho de 1937.
Carta de Buell Quain para Franz Boas, 28 de fevereiro de 1938.
Carta de Câmara Cascudo para Franz Boas, 14 de fevereiro de 1935.
Carta de Câmara Cascudo para Franz Boas, 7 de junho de 1935.
Carta de Claude Lévi-Strauss para Franz Boas, 26 de agosto de 1941.
Carta de Claude Lévi-Strauss para Franz Boas, 29 de março de 1942.
Carta de Claude Lévi-Strauss para Franz Boas, 5 de abril de 1942.
Carta de Curt Nimuendajú para Franz Boas, 15 de dezembro de 1932.
Carta de Curt Nimuendajú para Franz Boas, 5 de fevereiro de 1933.
Carta de Curt Nimuendajú para Franz Boas, 12 de junho de 1933.
Carta de Erland Nordenskiöld para Franz Boas, 1º de novembro de 1920.
Carta de Erland Nordenskiöld para Franz Boas, 9 de setembro de 1921.
Carta de Erland Nordenskiöld para Franz Boas, 3 de dezembro de 1921.
Carta de Erland Nordenskiöld para Franz Boas, 29 de dezembro de 1921.
Carta de Erland Nordenskiöld para Franz Boas, 29 de dezembro de 1923.
Carta de Erland Nordenskiöld para Franz Boas, 26 de maio de 1924.
Carta de Erland Nordenskiöld para Franz Boas, 22 de março de 1929.
Carta de Franz Boas para Alfred Métraux, 3 de outubro de 1932.

Carta de Franz Boas para Câmara Cascudo, 16 de julho de 1935.
Carta de Franz Boas para Capistrano de Abreu, 15 de janeiro de 1923.
Carta de Franz Boas para Capistrano de Abreu, 16 de janeiro de 1923.
Carta de Franz Boas para Capistrano de Abreu, 23 de março de 1923.
Carta de Franz Boas para Curt Nimuendajú, 5 de janeiro de 1933.
Carta de Franz Boas para Edgard Roquette-Pinto, 2 de junho de 1932.
Carta de Franz Boas para Erland Nordenskiöld, 2 de agosto de 1920.
Carta de Franz Boas para Erland Nordenskiöld, 3 de outubro de 1920.
Carta de Franz Boas para Erland Nordenskiöld, 22 de novembro de 1920.
Carta de Franz Boas para Erland Nordenskiöld, 21 de dezembro de 1921.
Carta de Franz Boas para Erland Nordenskiöld, 4 de junho de 1924.
Carta de Franz Boas para Erland Nordenskiöld, 19 de junho de 1924.
Carta de Franz Boas para Erland Nordenskiöld, 28 de outubro de 1924.
Carta de Franz Boas para Erland Nordenskiöld, 7 de março de 1929.
Carta de Franz Boas para Heloisa Alberto Torres, 2 de dezembro de 1940.
Carta de Franz Boas para Heloisa Alberto Torres, 20 de janeiro de 1941.
Carta de Franz Boas para Herbert Baldus, 6 de abril de 1932.
Carta de Franz Boas para José Oiticica, 27 de setembro de 1930.
Carta de Franz Boas para José Oiticica, 1º de abril de 1931.
Carta de Franz Boas para José Valadares, 30 de outubro de 1934.
Carta de Franz Boas para Jules Henry Blumensohn, 10 de janeiro de 1941
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 24 de julho de 1903.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 4 de novembro de 1903.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 23 de fevereiro de 1904.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 11 de maio de 1904.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 13 de maio de 1904.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 25 de maio de 1905.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 19 de setembro de 1906.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 25 de abril de 1909.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 25 de fevereiro de 1911.

Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 10 de novembro de 1919.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 23 de dezembro de 1919.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 31 de março de 1920.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 10 de dezembro de 1924.
Carta de Franz Boas para Karl von den Steinen, 23 de dezembro de 1924.
Carta de Franz Boas para Lucien Lévy-Bruhl, 6 de maio de 1927.
Carta de Franz Boas para Lucien Lévy-Bruhl, 29 de janeiro de 1930.
Carta de Franz Boas para Lucien Lévy-Bruhl, 28 de março de 1935.
Carta de Franz Boas para Max Schmidt, 21 de março de 1929.
Carta de Franz Boas para Maria Júlia Pourchet, 25 de setembro de 1936.
Carta de Franz Boas para Maria Júlia Pourchet, 7 de dezembro de 1936.
Carta de Franz Boas para Oliveira Lima, 14 de dezembro de 1925.
Carta de Franz Boas para Paul Rivet, 23 de agosto de 1919.
Carta de Franz Boas para Paul Rivet, 9 de outubro de 1919.
Carta de Franz Boas para Paul Rivet, 26 de maio de 1925.
Carta de Franz Boas para Paul Rivet, 18 de março de 1929.
Carta de Franz Boas para Paul Rivet, 18 de fevereiro de 1931.
Carta de Franz Boas para Paul Rivet, 13 de março de 1931.
Carta de Franz Boas para Paul Rivet, 26 de junho de 1933.
Carta de Franz Boas para Paul Rivet, 25 de agosto de 1941.
Carta de Franz Boas para Robert Lowie, 16 de fevereiro de 1918.
Carta de Franz Boas para Robert Lowie, 18 de fevereiro de 1918.
Carta de Franz Boas para Robert Lowie, 6 de outubro de 1935.
Carta de Franz Boas para Theodor Koch-Grünberg, 2 de maio de 1923.
Carta de Heloisa Alberto Torres para Franz Boas, 2 de janeiro de 1941.
Carta de Heloisa Alberto Torres para Franz Boas, 6 de maio de 1941.
Carta de José Oiticica para Franz Boas, 27 de outubro de 1930.
Carta de Jules Henry Blumensohn para Franz Boas, 30 de julho de 1937.
Carta de Jules Henry Blumensohn para Franz Boas, 17 de janeiro de 1941.
Carta de Jules Henry Blumensohn para Franz Boas, 8 de junho de 1941.

Carta de Karl von den Steinen para Franz Boas, 27 de novembro de 1893.
Carta de Lucien Lévy-Bruhl para Franz Boas, 18 de junho de 1929.
Carta de Maria Júlia Pourchet para Franz Boas, 12 de março de 1936.
Carta de Maria Júlia Pourchet para Franz Boas, 1º de abril de 1936.
Carta de Maria Júlia Pourchet para Franz Boas, 14 de abril de 1936.
Carta de Maria Júlia Pourchet para Franz Boas, 1º de junho de 1936.
Carta de Maria Júlia Pourchet para Franz Boas, 22 de julho de 1936.
Carta de Maria Júlia Pourchet para Franz Boas, 9 de setembro de 1936.
Carta de Maria Júlia Pourchet para Franz Boas, 10 de novembro de 1936.
Carta de Maria Júlia Pourchet para Franz Boas, 15 de janeiro de 1937.
Carta de Melville Herskovits para Franz Boas, 4 de março de 1929.
Carta de Melville Herskovits para Franz Boas, 5 de outubro de 1929.
Carta de Melville Herskovits para Franz Boas, 28 de abril de 1938.
Carta de Melville Herskovits para Franz Boas, 21 de março de 1941.
Carta de Melville Herskovits para Franz Boas, 26 de outubro de 1942.
Carta de Oliveira Lima para Franz Boas, 8 de dezembro de 1925.
Carta de Oliveira Lima para Franz Boas, 13 de dezembro de 1925.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 8 de junho de 1909.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 4 de setembro de 1919.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 22 de dezembro de 1919.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 14 de fevereiro de 1920.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 19 de abril de 1920.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 7 de junho de 1920.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 23 de fevereiro de 1924.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 7 de setembro de 1924.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 17 de novembro de 1924.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 1º de abril de 1929.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 1º de maio de 1931.
Carta de Paul Rivet para Franz Boas, 14 de agosto de 1941.
Carta de Robert Lowie para Franz Boas, 4 de outubro de 1935.

Carta de Rodolpho von Ihering para Franz Boas, 3 de junho de 1907.

Carta de Ruth Benedict para Franz Boas, 28 de julho de 1931.

Carta de Ruth Benedict para Franz Boas, 25 de agosto de 1931.

Carta de Ruth Benedict para Franz Boas, 1º de agosto de 1932.

Carta de Ruth Benedict para Franz Boas, 20 de agosto de 1932.

Carta de Ruth Benedict para Franz Boas, 28 de julho de 1936.

Carta de Ruth Benedict para Franz Boas, 24 de agosto de 1937.

Carta de Ruth Benedict para Franz Boas, 2 de julho de 1941.

Carta de William Lipkind para Anna Urbach, 30 de maio de 1939.

Ofício de Emílio Augusto Goeldi para Franz Boas, 27 de março de 1907.

Telegrama de Franz Boas para Curt Nimuendajú, 3 de maio de 1933.

FRANZ BOAS PERSONAL AND PROFESSIONAL PAPERS (Mss.B.B61p)

Biografical information

HENRY ALLEN MOE PAPERS (B:M722)

BERRIEN, William, (#1-#11)

Carta de Henry Allen Moe para William Berrien, 9 de fevereiro de 1943.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Henry Allen Moe, 11 de maio de 1943.

Carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo para Carleton Sprague Smith, 17 de outubro de 1941.

Carta de Sylvanus Morley para Henry Allen Moe, 6 de outubro de 1941.

Carta de William Berrien para David H. Stevens, 13 de maio de 1941.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 17 de fevereiro de 1941.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 23 de abril de 1941.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 5 de agosto de 1941.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 20 de setembro de 1941.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 28 de outubro de 1941.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 15 de janeiro de 1942.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 5 de agosto de 1942.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 21 de outubro de 1942.

Carta de William Berrien para Sylvanus Morley, 13 de fevereiro de 1942.

BOAS, Franz, (#1- #2)

Carta de Henry Allen Moe para Franz Boas, 24 de setembro de 1928.

Carta de Henry Allen Moe para Franz Boas, 28 de fevereiro de 1939.

Carta de Henry Allen Moe para Franz Boas, 21 de junho de 1940.

Carta de Franz Boas para Henry Allen Moe, 22 de junho de 1939.

Carta de Franz Boas para Henry Allen Moe, 2 de agosto de 1939.

Carta de Franz Boas para Henry Allen Moe, 20 de junho de 1940.

Carta de Franz Boas para Henry Allen Moe, 20 de junho de 1941.

Carta de Franz Boas para Henry Allen Moe, 25 de agosto de 1941.

Carta de Secretary to Mr. Moe para Franz Boas, 5 de agosto de 1939.

BUARQUE DE HOLANDA, Aurelio (#1-#3)

Carta de Aurélio Buarque de Holanda para William Berrien, 13 de abril de 1943.

Carta de Berrien para Moe, 14 de junho de 1954.

Carta de Manuel Bandeira para Robert Sproul, 4 de julho de 1942.

Carta de Monroe Deutsch para Henry Allen Moe, 21 de julho de 1942.

Carta de Nelson Rockefeller para Robert Sproul, 20 de novembro de 1940.

Carta de Robert Sproul para Nelson Rockefeller, 4 de fevereiro de 1941.

Carta de Robert Sproul para Henry Allen Moe, 17 de março de 1942.

Carta de Stephen Duggan para Henry Allen Moe, 24 de outubro de 1941.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 11 de dezembro de 1941.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 14 de junho de 1954.

Carta de William Berrien para Sylvanus Morley, 11 de fevereiro de 1943.

Carta de William Berrien para Sylvanus Morley, 31 de março de 1943.

Carta de William Berrien para Sylvanus Morley, 12 de abril de 1943.

Comm. Inter-Am. Art. & Int. Rel. – Coord. Rep. (#1 - #3)

"Camargo Guarnieri", "Extract from our minutes: "Guarnieri, Camargo: Composer of Music, Rio de Janeiro, Brazil".

Relatório de Henry Allen Moe para Nelson Rockefeller, 15 de abril de 1942.

Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations (#9 - #13)

Contract No. NDCar-12, 20 de fevereiro de 1941.

Minutes of the 5th Meeting of the Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations, held May 31, 1941.

Minutes of the 15th Meeting of the Committee for Inter-Amercian Artistic and Intellectual Relations, 3 de outubro de 1941.

Minutes of the 16th Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations, 14 de outubro de 1941.

Minutes of the 19th Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations, Recorded April 15, 1942.

Minutes of the 27th Meeting of the Committee for Inter-American Artistic and Intellectual Relations, 22 de janeiro de 1942.

GUARNIERI, Camargo, (#1 - #6)

Carta de Camargo Guarnieri para Henry Allen Moe, 3 de março de 1943.

Carta de Charles Seeger para Henry Allen Moe, 16 de fevereiro de 1942.

Carta de Charles Seeger para Henry Allen Moe, 31 de março de 1943.

Carta de Henry Allen Moe para o *Local Board Number 26*, 15 de março de 1943.

Carta de William Berrien para Henry Allen Moe, 24 de fevereiro de 1942.

Excerpt from letter of WB to DHS, 10/11/42 from Rio de Janeiro.

Excerto de carta de Charles Seeger para William Berrien, 2 de abril de 1943, em carta de J. Stewart, *Secretary to Mr. Berrien, para Henry Allen Moe*, 3 de abril de 1943.

Latin America: Charles Wagley (#1 - #7)

Carta de Berent Friele para Henry Allen Moe, 28 de abril de 1942.

Carta de Berent Friele para Henry Allen Moe, 9 de julho de 1942.

Carta de Charles Wagley para Henry Allen Moe, 11 de agosto de 1941.

Carta de Charles Wagley para Henry Allen Moe, 13 de março de 1942.

Carta de Charles Wagley para Henry Allen Moe, 15 de abril de 1942.

Carta de Charles Wagley para Henry Allen Moe, 29 de abril de 1942.

Carta de Charles Wagley para Henry Allen Moe, 29 de novembro de 1944.

Carta de Franz Boas para Henry Allen Moe, 27 de março de 1941.

Carta de Franz Boas para Henry Allen Moe, 11 de abril de 1941.

Carta de Franz Boas para Zunia Henry, 5 de junho de 1941.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Henry Allen Moe, recebida no dia 25 de março de 1941.

Carta de Henry Allen Moe para Charles Wagley, 9 de abril de 1941.

Carta de Henry Allen Moe para Charles Wagley, 21 de agosto de 1941.

Carta de Henry Allen Moe para Franz Boas, 9 de abril de 1941.

Carta de Henry Allen Moe para Heloisa Alberto Torres, 9 de abril de 1941.

Carta de Henry Allen Moe para Ruth Bunzel, 23 de abril de 1942.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Henry Allen Moe, 11 de agosto de 1941.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Henry Allen Moe, 19 de novembro de 1941.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Henry Allen Moe, 4 de maio de 1942.

Carta de Jules Henry Blumensohn para Heloisa Alberto Torres, 1º de fevereiro de 1942 (cópia), enviada para Henry Allen Moe em 12 de fevereiro de 1942.

Carta de Ralph Linton para Henry Allen Moe, 11 de dezembro de 1940.

Carta de Ralph Linton para Henry Allen Moe, 24 de fevereiro de 1942.

Carta de Ralph Linton para Henry Allen Moe, 14 de maio de 1942.

Project for Anthropological Training and Research in Brazil, 29 de março de 1941.

Latin America: Lecturers (#1 - #4)

Carta de Carol Foster para Henry Allen Moe, 4 de fevereiro de 1941.

Carta de Percy Bidwell para Stephen Duggan, 5 de dezembro de 1940.

Carta de Stephen Duggan para Percy Bidwell, 20 de dezembro de 1940.

Latin America: Pierson (#1 - #2)

Carta de Cyro Berlinck para Henry Allen Moe, 25 de maio de 1942.

Carta de Henry Allen Moe para Donald Pierson, 8 de setembro de 1942.

Carta de Donald Pierson para Edgar J. Fischer, 21 de agosto de 1942.

Carta de Willfred Mauck para David Stevens, 11 de novembro de 1942.

Memorandum DHS [David Stevens] *from WB* [William Berrien] *re Prof. Donald Pierson*, 25 de outubro de 1942.

Latin America: Portinari (#1 - #4)

Carta de Archibald MacLeish para Getúlio Vargas, 17 de setembro de 1941.

Carta de Archibald MacLeish para Getúlio Vargas, 3 de janeiro de 1942.

Carta de Robert Smith para Henry Allen Moe, 15 de outubro de 1942.

Carta de Zoltan Sepeshy para Henry Allen Moe, 13 de setembro de 1940.

Excerto de memorando de David Stevens para Henry Allen Moe, 11 de setembro de 1941.

Latin America: Torres" (#1 - #2)

Bilhete de William Berrien para Henry Allen Moe, de 2 de novembro de 1950.

Carta de Heloisa Alberto Torres para David Stevens, 4 de janeiro de 1944.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Henry Allen Moe, 11 de maio de 1942.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Henry Allen Moe, 27 de maio de 1942.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Ruth Bunzel, 11 de maio de 1942.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Charles Thomson, 31 de janeiro de 1942.

Latin America: Villa Lobos

Excerpt from letter of Dean John W. Beattie, dated September 13 from Brazil, to Charles Seeger, Chief Music Division, Pan-American Union, de Charles Seeger para Henry Allen Moe, recebido em 22 de setembro de 1941.

MIGNONE, Francisco

Carta de Henry Allen Moe para William Berrien, 27 de maio de 1942.

Carta de Henry Allen Moe para Richard Pattee (com cópia para John Beattie), 2 de maio de 1942.

Carta de John Beattie para Henry Allen Moe, 14 de abril de 1942.

RUTH LANDES PAPERS

Correspondence (1931-1991)

Letters Received, Ca

Carta de Edison Carneiro para Ruth Landes, 8 de junho de 1939.

Carta de Edison Carneiro para Ruth Landes, 21 de agosto de 1939.

Carta de Edison Carneiro para Ruth Landes, 28 de agosto de 1939.

Carta de Edison Carneiro para Ruth Landes, 18 de setembro de 1939.

ARQUIVO CENTRAL DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
(RIO DE JANEIRO, RJ)

Inventários (AA01/M033/P01/Cx. RJ104/P. 02)

"Arte nova auxiliando obras antigas". *A noite*. Rio de Janeiro, 11.12.1950.

"Continua fechado o Museu Nacional". A Noite. Rio de Janeiro, 14.06.1946.

"Feição moderna para o Museu Nacional". *O Globo.* Rio de Janeiro, 19.08.1941.

“Instituições científicas do Brasil”. *Ciência para todos,* s.l., [1948].

“O mesmo esplendor da época colonial”. *A noite*. 14.03.1943.

“O Museu Nacional”. *Jornal do Comércio.* Rio de Janeiro, 24.06.1946.

“O Museu Nacional em sua nova fase”. *Correio da manhã.* Rio de Janeiro, 09.04.1947.

“Novas instalações no Museu Nacional”. *A manhã*. Rio de Janeiro, 16.10.1941.

“O palácio encantado da Quinta da Boa Vista”. *A noite.* Rio de Janeiro, 11.06.1946.

“Pedida a intervenção no Museu Nacional”. *Folha do dia*. Rio de Janeiro, 24.06.1946.

“Valioso acervo científico que honra uma nação”. *Ciência para todos*. s.l., 25.07.1948.

Personalidades

TORRES, Heloisa Aberto (AA02/M003/P01/Cx. 0125/ P. 0404/)

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Lembrança de Heloísa”. Jornal do Brasil, p. 8, caderno B, s.d.

NATIONAL ANTHROPOLOGICAL ARCHIVES, SMITHSONIAN INSTITUTION (WASHINGTON, DC, EUA)

HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS PAPERS

Administrative and Reference (Series 1)

Itinerary and schedule of Julian H. Steward do South America, 8 de janeiro de 1942.

Correspondence (Box 5)

B

Carta de Julian Steward para Ruth Benedict, 6 de outubro de 1939.

BALDUS, Herbert

Carta de Julian Steward para Herbert Baldus, 11 de fevereiro de 1942.

BASTOS DE ÁVILA, José

Carta de Julian Steward para José Bastos de Ávila, 15 de janeiro de 1942.

BENNETT, Wendell C.

Carta de Wendell Bennett para Julian Steward, 21 de dezembro de 1942.

Correspondence (Box 6)

GILLIN, John

Carta de Julian Steward para John Gillin, 22 de outubro de 1940.

H

Carta de Julian Steward para Parker T. Hart, 30 de junho de 1942.

Carta de Julian Steward para Parker T. Hart, 28 de julho de 1942.

Correspondence (Box 7)

LOWIE, Robert

Carta de Alfred Métraux para Robert Lowie, 12 de fevereiro de 1942.

Carta de Julian Steward para Robert Lowie, 20 de novembro de 1939.

Carta de Julian Steward para Robert Lowie, 21 de outubro de 1940.

Carta de Julian Steward para Robert Lowie, 17 de fevereiro de 1942.

Carta de Julian Steward para Robert Lowie, 9 de julho de 1942

Carta de Julian Steward para Robert Lowie, 13 de abril de 1943.

Carta de Julian Steward para Robert Lowie, 24 de julho de 1943.

Carta de Robert Lowie para Julian Steward, 9 de maio de 1940.

Carta de Robert Lowie para Julian Steward, 21 de maio de 1940.

Carta de Robert Lowie para Julian Steward, 16 de outubro de 1940.

Carta de Robert Lowie para Julian Steward, 20 de novembro de 1940.

Carta de Robert Lowie para Julian Steward, 23 de janeiro de 1942.

MATOS, Aníbal

Carta de Julian Steward para Aníbal de Mattos, 15 de janeiro de 1942.

MASON, J. Alden, 1

Carta de Alfred Métraux para John Alden Mason, 3 de setembro de 1942.

Carta de John Alden Mason para Julian Steward, 23 de agosto de 1942.

Carta de John Alden Mason para Julian Steward, 20 de outubro de 1942.

Carta de John Alden Mason para Julian Steward, 20 de novembro de 1942.

Carta de Julian Steward para John Alden Mason, 29 de setembro de 1939.

Carta de Julian Steward para John Alden Mason, 13 de janeiro de 1942.

Carta de Julian Steward para John Alden Mason, 5 de outubro de 1942.

Carta de Julian Steward para John Alden Mason, 10 de novembro de 1942.

MASON, J. Alden, 2

Carta de John Alden Mason para Julian Steward, 6 de junho de 1944.

Carta de Julian Steward para John Alden Mason, 12 de junho de 1944.

MCCOWN, Theodore D.

Carta de Julian Steward para Theodore McCown, 3 de setembro de 1942.

Carta de Theodore McCown para Julian Steward, 12 de setembro de 1942.

Correspondence (Box 8)

MÉTRAUX, Alfred, 2

Carta de Julian Steward para Alfred Métraux, 18 de outubro de 1940.

Carta de Julian Steward para Alfred Métraux, 9 de abril de 1943.

Carta de Julian Steward para Alfred Métraux, 11 de maio de 1943.

NIMUENDAJU, Curt

Carta de Alfred Métraux para Curt Nimuendajú, 29 de novembro de 1941.

Carta de Alfred Métraux para Curt Nimuendajú, 24 de janeiro de 1942.

Carta de Alfred Métraux para Curt Nimuendajú, 29 de maio de 1942.

Carta de Curt Nimuendajú para Alfred Métraux, 1º de fevereiro [1º de março] de 1942.

Carta de Curt Nimuendajú para Alfred Métraux, 10 de maio de 1942.

Carta de Curt Nimuendajú para Alfred Métraux, 15 de julho de 1942.

Carta de Curt Nimuendajú para Alfred Métraux, 27 de abril de 1943.

Carta de Curt Nimuendajú para Julian Steward, 26 de outubro de 1942.

Carta de Curt Nimuendajú para Julian Steward, 12 de fevereiro de 1943.

Carta de Curt Nimuendajú para Julian Steward, 17 de abril de 1943.

Carta de Curt Nimuendajú para Julian Steward, 5 de maio de 1943.

Carta de Curt Nimuendajú para Julian Steward, 1º de setembro de 1944.

Carta de Curt Nimuendajú para Julian Steward, 17 de outubro de 1944.

Carta de Henry A. Moe para Carl Sauer, 6 de novembro de 1941.

Carta de Julian Steward para Curt Nimuendajú, 15 de janeiro de 1942.

Carta de Julian Steward para Curt Nimuendajú, 6 de abril de 1943.

Carta de Julian Steward para Curt Nimuendajú, 10 de maio de 1943.

Carta de Julian Steward para Curt Nimuedajú, 31 de julho de 1943.

Carta de Robert Lowie para Curt Nimuendajú, 3 de outubro de 1941.

Carta de Robert Lowie para Curt Nimuendajú, 4 de novembro de 1941.

Carta de Robert Lowie para Curt Nimuendajú, 10 de dezembro de 1941.

POURCHET, Maria Julia

Carta de Julian Steward para Maria Júlia Pourchet, 15 de janeiro de 1942.

RIVET, Paul

Carta de Julian Steward para Paul Rivet, 17 de julho de 1942.

Carta de Paul Rivet para Alfred Métraux, 25 de outubro de 1941.

Carta de Paul Rivet para Julian Steward, 3 de agosto de 1942.

Carta de Julian Steward para Paul Rivet, 20 de agosto de 1942.

Carta de Julian Steward para Paul Rivet, 25 de fevereiro de 1943.

ROQUETTE-PINTO, Edgard

Carta de Julian Steward para Edgard Roquette-Pinto, 15 de janeiro de 1942.

Correspondence (Box 9)

WAGLEY, Charles

Carta de Charles Wagley para Julian Steward, 12 de abril de 1942.

Carta de Julian Steward para Charles Wagley, 21 de julho de 1941.

RECORDS OF THE INSTITUTE OF SOCIAL ANTHROPOLOGY 1942-1952

Brazil, General, 1942-51 (Series 5, Areal Subject File, Box 12)

Carta de Charles Wagley para Julian Steward, 5 de outubro de 1942.

Carta de David Stevens para Julian Steward, 16 de fevereiro de 1944.

Carta de David Stevens para Heloisa Alberto Torres, 16 de fevereiro de 1944.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Julian Steward, 24 de fevereiro de 1943.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Julian Steward, 19 de abril de 1944.

Carta de Heloisa Alberto Torres para Julian Steward, 25 de setembro de 1944

Carta de Julian Steward para David H. Stevens, 25 de fevereiro de 1944.

Carta de Julian Steward para Donald Pierson e Cyro Berlinck, 28 de abril de 1945.

Carta de Julian Steward para Heloisa Alberto Torres, 15 de janeiro de 1942.

Carta de Julian Steward para Heloisa Alberto Torres, 10 de novembro de 1942.

Carta de Julian Steward para Heloisa Alberto Torres, 18 de fevereiro de 1943.

Carta de Julian Steward para Heloisa Alberto Torres, 14 de janeiro de 1944.

Carta de Julian Steward para Heloisa Alberto Torres, 1º de março de 1944.

Carta de Julian Steward para Heloisa Alberto Torres, 21 de junho de 1944.

Carta de Julian Steward para Joseph Piazza, 26 de setembro de 1942.

Carta de Julian Steward para William Berrien, 6 de outubro de 1944.

Carta de William Berrien para Julian Steward, 9 de outubro de 1944.

Ofício de Cyro Berlinck para Julian Steward, 2 de abril de 1945.

Projeto de proposta de cooperação no campo da antropologia social, de Julian Steward para Raymund Lull Zwemer, 18 de abril de 1945.

Correspondence (Series 4, Box 8)

LOWIE, Robert H. (1942-49)

Carta de Julian Steward para Robert Lowie, 9 de julho de 1942.

Carta de Julian Steward para Robert Lowie, 2 de agosto de 1943.

Correspondence (Series 4, Box 9)

OBERG, Kalevo (1946-1949)

Carta de George Foster para Kalevo Oberg, 21 de junho de 1948.

Carta de Kalevo Oberg para George Foster, 11 de junho de 1948.

Carta de Kalevo Oberg para George Foster, 6 de setembro de 1948.

Carta de Kalevo Oberg para Gordon Willey, 23 de abril de 1949.

PIERSON, Donald (1942-45)

Carta de Julian Steward para Donald Pierson, 26 de setembro de 1942.

Carta de Julian Steward para Donald Pierson, 1º de novembro de 1944.

Carta de Julian Steward para Donald Pierson, 21 de dezembro de 1944.

Carta de Julian Steward para Donald Pierson, 9 de fevereiro de 1945.

Carta de Julian Steward para Donald Pierson, 14 de novembro de 1945.

Carta de Donald Pierson para Julian Steward, 1º de dezembro de 1942.

Carta de Donald Pierson para Julian Steward, 30 de agosto de 1944.

Carta de Donald Pierson para Julian Steward, 2 de dezembro de 1944.

Carta de Donald Pierson para Julian Steward, 16 de janeiro de 1945.

Carta de Donald Pierson para Julian Steward, 3 de dezembro de 1945.

Correspondence (Series 4, Box 11)

STEWARD, Julian H. (1942-45)

Carta de Alfred Métraux para Julian Steward, 8 de maio de 1942.

Carta de Julian Steward para Ethewlyn Carter, 11 de abril de 1942.

Carta de Julian Steward para Ethewlyn Carter, 11 de abril de 1942.

WAGLEY, Charles (1941-52)

Carta de Julian Steward para Charles Wagley, 15 de janeiro de 1942.

Carta de Julian Steward para Charles Wagley, 10 de julho de 1942.

RARE BOOK AND MANUSCRIPT LIBRARY, COLUMBIA UNIVERSITY (NOVA YORK, NY, EUA)

Assorted Projects, 1937-1939 (Folder 20, Box 1, Subseries I.1: Council for Research in the Social Sciences, 1930-1962, Series I: Research, 1930-1979, Department of Anthropology Records)

Oficio de James C. Bonbright para “Dear colleague”, 15 de novembro de 1938.

Ofício de Ruth Benedict para James C. Bonbright, 23 de novembro de 1938 (encaminhando um *Report on Anthropological Projects*).

Relatório sem título, 48p., divido em duas partes: “Part I – Organization and operation of the Council”, e “Part II. Statistical data on council funds, appropriations and projects”.

Correspondence, 1922-1960 ("Folder 5", Series I, Box 1, Council for Research in the Social Sciences Records, 1922-1970)

Ofício de Franz Boas para Howard Lee McBain, 14 de setembro de 1933.

Frank Tannenbaum Papers, 1915-1969 (Series II: Uncatalogued Correspondence, E to G, 1934-1969)

Box 8, Folder Freyre, Gilberto.

SEÇÃO DE MEMÓRIA E ARQUIVO (SEMEAR) DO MUSEU NACIONAL (RIO DE JANEIRO, RJ)

COLEÇÃO HELOISA ALBERTO TORRES

Caixa 05, envelope 04

"O índio e a assistência que cumpre dar-lhe. Palestra da Professora Heloisa Alberto Torres – Rotary Club do Rio de Janeiro", 10 de janeiro de 1968.

Palestra sem título e sem data.

Caixa 05, envelope 08

"Antropologia: Projeto de guia da exposição".

Caixa 07, envelope 18 (06/13)

CAETANO, Daniel. "Anarquia organizada no Museu Nacional". *Diário de Notícias*, 13/10/1946 (capa de domingo).

"É preciso que os brasileiros descubram o proprio Brasil", *O Globo*, s.d.

"O caso do Museu Nacional: mais um atentado está sendo praticado á cultura do povo", *Diário da Noite,* s.d. [1946].

Reparos à margem das informações sôbre o Museu Nacional prestadas pelo Senador Hamilton Nogueira, em plenário do Senado Federal, a 2/12/46 na introdução ao seu requerimento de informações ao Ministro da Educação e Saúde.

Caixa 07, envelope 18 (13/13)

"Elementos autóctones na civilização do Brasil" (1949).

Rascunho de discurso redigido por Heloisa Alberto Torres.

Rascunho de discurso redigido por Heloisa Alberto Torres para a reabertura das coleções de Geologia e Mineralogia em 1951.

"Sessenta minutos revendo preciosas coleções ha anos não expostas", *O jornal* [1947].

Caixa 13, envelope 80

"Exposição do Folclore", 1957.

Caixa 14, envelope 100

"Justificação".

WEBSITES

American Council of Learned Societies
http://www.acls.org/about/history/

American Philosophical Society Library, Henry Allen Moe Papers
https://search.amphilsoc.org/collections/view?docId=ead/Mss.B.M722-ead.xml

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org/autor:curt-nimuendaju

Diário Carioca, 1º de janeiro de 1942, Biblioteca Nacional Digital Brasil
http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1942_04155.pdf

Escola de Música, UFRJ
http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=64

Heritage Futures
https://heritage-futures.org/

International Journal of American Linguistics
http://www.americanlinguistics.org/

Internet Archive
https://archive.org/

John Simon Guggenheim Memorial Foundation
https://www.gf.org/

Unruly Heritage – an archaeology of the Anthropocene
https://unrulyheritage.com/

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ALBERT, B. **O ouro canibal e a queda do céu.** Uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami). São Paulo: UNESP, 2002.

AMARAL, A. A. **Arte para quê?** A preocupação social na arte brasileira, 1930-1970. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

AMERICAN ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF SCIENCE. Dr. Aleš Hrdlička. **Science, New Series**, v. 96, n. 2484, p. 130, Agosto 1942.

AMOROSO, M. R. Nimuendajú às voltas com a história. **Revista de Antropologia, USP**, São Paulo, v. 44, n. 2, 2001.

ANDRADE, M. **Poesias completas**. 3ª. ed. São Paulo; Brasília: Martins; INL, 1972.

ANDRADE, M. **Mário de Andrade:** cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Pró-Memória, 1981.

ANDRADE, M. **Padre Jesuíno do Monte Carmelo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ANDRADE, R. M. F. **Rodrigo e o SPHAN:** coletânea de textos sobre o patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

ANKERSMIT, F. R. Historiografia e pós-modernismo. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 113-136, Junho 2001.

ANNAES do XX Congresso Internacional de Americanistas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 1, 1924.

ARAÚJO, R. B. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 28-54, 1988.

ARAÚJO, R. B. **Guerra e paz:** Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ASSIS, A. A.; MATA, S. R. O conceito de hsitória e o lugar dos Geschichtliche Grundbefriffe na história da história dos conceitos. In: KOSELLECK, R., et al. **O conceito de história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

AUROI, C. Alfred Métraux en la encrucijada de dos mundos, antropología y desarrollo. In: AUROI, C.; MONNIER, A. **De Suiza a Sudamérica:** etnologías de Alfred Métraux. Genebra: Museu de Etnografia de Genebra, 1998.

ÁVILA, J. B. **No pacoval do Carimbé**. Rio de Janeiro: Calvino Filho, Ed., 1933.

AZEVEDO, L. H. C. As Minhas Cartas de Mário de Andrade. **Latin American Music Review / Revista de Música Latinoamericana**, University of Texas Press, v. 1, n. 1, p. 92-111, Primavera/Verão 1980.

BALDUS, H. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

BANIWA, G. S. L. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas do Brasil hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BATISTA, M. R. **Escritos sobre arte e modernismo brasileiro**. São Paulo: Prata Design, 2012.

BATISTA, M. R.; LIMA, Y. S. Introdução. In: BATISTA, M. R. **Coleção Mário de Andrade:** artes plásticas. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Z. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BOAS, F. The study of Geography. In: STOCKING JR., G. W. (Org.). **Volksgeist as method and ethic:** essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition. Madison, WI: The University of Winsconsin Press, 1996., 1996.

BOAS, F. **A formação da antropologia Americana:** 1883-1911, Antologia. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora da UFRJ, 2004.

BOAS, F. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BONNEUIL, C.; FRESSOZ, J.-B. **The Shock of the Anthropocene:** The Earth, History and Us. London; New York: Verso, 2017.

BUENO, B. P. S. Robert Smith: um olhar inédito para as linhas e entrelinhas do discurso visual. In: FILHO, N. G. R. **Robert Smith e o Brasil:** arquitetura e urbanismo. Brasília, DF: IPHAN, 2012.

BUNZL, M. Franz Boas and the Humboldtian tradition: from Volksgeist and Nationalcharakter to an anthropological concept of culture. In: STOCKING JR., G. W. (Org.). **Volksgeist as method and ethic:** essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition. Madison, WI: The University of Winsconsin Press, 1996.

CAMPOS, M. J. **Arthur Ramos:** luz e sombra na antropologia brasileira: uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

CANDIDO, A. Prefácio. In: DUARTE, P. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Edart: São Paulo Livraria Editôra Ltda., 1971.

CAPIBERIBE, A. Um interminável Brasil colônia: os povos indígenas e um outro desenvolvimento. **Revista de Estudos Indígenas**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 53-77, jul.-dez. 2018.

CARDOSO, T. M. A arte de viver no Antropoceno: um olhar etnográfico sobre cogumelos e capitalismo na obra de Anna Tsing. **Climacom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte**, v. 2, n. Ano 2, 2019.

CARVALHO, J. M. As Forças Armadas na Primeira República. In: FAUSTO, B. **História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano, vol. 9:** Sociedade e instituições (1889-1930). 8ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 9, 2006.

CASTRO, C. **A proclamação da República**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CASTRO, E. V. **Brasil, País Do Futuro Do Pretérito**. [S.l.]: [s.n.], 2019. Disponivel em: <https://www.academia.edu/38756036/Brasil_pa%C3%ADs_do_futuro_do_pret%C3%A9rito>. Acesso em: 28 Setembro 2019.

CAVIGNAC, J. A. O Americanismo visto do Musée de l'Homme: etnografia e internacionalismo científico – o exemplo da Amazônia. **Revista Anthropológicas**, v. 22, n. 1, p. 119-140, 2011.

CHAKRABARTY, D. **The Human Condition in the Anthropocene. The Tanner Lectures in Human Values**. [S.l.]: [s.n.], 2015. Disponivel em: <Fonte: https://tannerlectures.utah.edu/Chakrabarty%20manuscript.pdf>.

CHRISTINO, B. Os vaivéns da rede (internacional) de Capistrano de Abreu. **Revista do IEB**, n. 45, p. 37-62, Setembro 2007.

COELHO, V. P. (Org.). **Karl von den Steinen:** um século de antropologia no Xingu. São Paulo: EDUSP, 1993.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos:** crise e insurreição. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

COMITÊ INVISÍVEL. **Motim e destituição agora**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

CONKLIN, A. L. **In the Museum of Man:** race, anthropology, and empire in France, 1850-1950. Ithaca, NY; London: Cornell University Press, 2013.

CORRÊA, M. D. Heloisa e a pesquisa de campo. **Revista de Antropologia, USP**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 11+54, 1997.

CORRÊA, M. **Antropólogas & antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CORRÊA, M.; MELLO, J. (Orgs.). **Querida Heloisa / Dear Heloisa:** cartas de campo para Heloisa Alberto Torres. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU, Unicamp, 2008.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. The Anthropocene. **Global Change Newsletter**, n. 41, p. 17-18, 2000.

CUNHA, M. C.; CESARINO, P. (Orgs.). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CUNHA, O. M. G. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, Rio de Janeiro, Outubro 2004. 287-322.

DANOWSKI, D.; CASTRO, E. V. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DAVIS, H.; TODD, Z. On the importance of a date, or decolonizing the Anthropocene. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, v. 16, n. 4, p. 761-780, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DESILVEY, C. **Curated decay:** heritage beyond saving. Minneapolis; London: Minnesota University Press, 2017.

DESILVEY, C.; HARRISON, R. Anticipating loss: rethinking endangerment in heritage futures. **International Journal of Heritage Studies**, v. 26, n. 1, 2020.

DIAS, C. D. C.; LIMA, A. C. S. O Museu Nacional e a construção do patrimônio histórico nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 34, p. 199-222, 2012.

DIAS, T. Qual a origem da expressão 'dona' e as questões que ela desperta. **Nexo**, 2017. Disponivel em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/02/06/Qual-a-origem-da-express%C3%A3o-%E2%80%98dona%E2%80%99-e-as-quest%C3%B5es-que-ela-desperta>. Acesso em: 18 Fevereiro 2020.

DIRKS, N. B. **Autobiography of an archive:** a scholar's passage to India. New York: Columbia University Press, 2015.

DOMINGUES, H. M. B. Heloisa Alberto Torres e o inquérito nacional sobre ciências naturais e antropológicas, 1946. **Boletim do Museu Paraens Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 5, n. 3, p. 625-643, Setembro/Dezembro 2010.

DOMINGUES, H. M. B.; PETIJEAN, P. A UNESCO, o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e a antropologia no final dos anos 1940. In: FAULHABER, P.; TOLEDO,

P. M. D. **Conhecimento e Fronteira:** Historia da Ciencia na Amazonia. [S.l.]: [s.n.], 2001. p. 83-109.

DRUDE, S. Expedições alemãs que fundaram a etnologia da Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, Belém, v. 5, n. 1, Janeiro/ Abril 2010.

DUARTE, P. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Edart: São Paulo Livraria Editôra Ltda., 1971.

DUARTE, R. H. **A biologia militante:** o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DUARTE, R. H. Between the national and the universal: natural history networks in Latin America in the Nineteenth and Twentieh Centuries. **Isis, The University of Chicago Press on behalf of The History of Science Society**, v. 104, n. 4, p. 777-787, Dezembro 2013.

DUMONT, L. **German Ideology:** from France do Germany and back. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1994.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

EGG, A. Modernismo musical e colaboração internacional na política de boa vizinhança. **Baleia na rede: Estudos em arte e sociedade**, v. 1, n. 10, p. 62-81, 2013.

ELIAS, N. **O processo civilizador, volume 1:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FARIA, L. C. **As exposições de Antropologia e Arqueologia do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/MES/MN, 1947.

FAULHABER, P. O Instituto de Antropologia Social (EUA, Brasil e México): um artefato da resposta antropológica ao ‘esforço de guerra. **Mana**, v. 17, n. 1, p. 9-39, 2011.

FAULHABER, P. The production of the Handbook of South American Indians Vol 3 (1936-1948). **Vibrant**, v. 9, n. 1, p. 82-11, 2012.

FAULHABER, P. Conexões internacionais na produção etnográfica de Curt Nimuendajú. **Revista de Antropologia, USP**, São Paulo, v. 56, n. 1, 2013.

FAULHABER, P. Curt Nimuendajú e a busca de apoio à pesquisa antropológica. In: BARBOZA, C. H. M. (Org.). **Histórias de ciência e tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016.

FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas:** métodos. 2ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FIGUEIRA, C. A. R. **A trajetória de José Oiticica:** o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista. Tese de Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2008.

FIGUEIREDO, R. É. D. Tendências e dilemas da antropologia norte-americana: sobre a história do Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution e sua presença no Brasil. **Revista de Antropologia, USP**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 237-276, 2010.

REIS FILHO, N. G. Os tempos de Robert Smith. In: FILHO, N. G. R. **Robert Smith e o Brasil:** arquitetura e urbanismo. Brasília, DF: IPHAN, 2012.

FLETCHER, A. C. Brief history of the international congress of the Americanists. **American Anthropologist**, v. 15, n. 3, p. 529-534, 1913.

FRANK, E. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. **Revista de Antropologia**, v. 48, n. 2, p. 559-584, 2005.

FRANK, G. Jews, multiculturalism, and Boasian Anthropology. **American Anthropologist, New Series**, v. 99, n. 4, p. 731-745, Dezembro 1997.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª. ed. São Paulo: Global, 2003.

FROTA, L. C. Mário de Andrade: uma vocação de escritor público. In: ANDRADE, M. **Mário de Andrade:** cartas de trabalho: correspondências com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

GAILLARD, G. **The Routledge dictionary of Anthropologists**. Londres; Nova York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2004.

GONÇALVES, J. R. S. **A Retórica da Perda:** os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GORELIK, A. **Das vanguardas a Brasília:** cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GRUPIONI, L. D. B. **Coleções e expedições vigiadas:** os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo: Editora Hucitec: ANPOCS, 1998.

GUIMARÃES, A. S. A. Comentários à correspondência entre Melville Herskovits e Arthur Ramos (1935-1941). In: PEIXOTO, F. A.; PONTES, H.; SCHWARCZ, L. M. (Org.). **Antropologias, histórias, experiências**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: making kin. **Environmental Humanities**, v. 6, p. 159-165, 2015.

HARRISON, R. **Heritage:** critical approaches. London and New York: Routledge, 2013.

HARRISON, R. Beyond “Natural” and “Cultural” Heritage: Toward an Ontological Politics of Heritage in the Age of Anthropocene. **Heritage & Society**, v. 8, n. 1, p. 24-42, 2015.

HOBSBAWM, E. J. **A Era dos Impérios**. 13ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

ITAÚ CULTURAL. Sérgio Milliet. In: _____ **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017a. Disponivel em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa252/sergio-milliet>. Acesso em: 08 Março 2017.

ITAÚ CULTURAL. Rubens Borba de Moraes. In: _____ **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017b.

KAEPPLER, A. L. **Holophusicon. The Leverian Museum:** an eighteenth-century english institution of science, curiosity, and art. Altenstadt: ZKF Publishers, 2011.

KEULLER, A. T. D. A. M. **Os estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro:** cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939). Tese de doutorado. FFLCH/USP. São Paulo. 2008.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: [s.n.], 2015.

KOSELLECK, R. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KREBS, E. Alfred Metraux andThe Handbook of South American Indians: A View From Within. **History of Anthropology Newsletter**, v. 32, n. 1, p. 3-11, Junho 2005.

KROEBER, A. L.; KLUCKHOHN, C. **Culture:** A critical review of concepts and definitions. Cambridge: Papers. Peabody Museum of Archaeology & Ethnology, Harvard University, 1952.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1998.

LAMOUNIER, B. Formação de um pensamento autoritário na Primeira República. In: FAUSTO, B. (Org.). **História geral da civilização Brasileira. Tomo III**. São Paulo: Difel, v. II, 1983.

LANDES, R. A woman anthropologist in Brazil. In: GOLDE, P. (Org.). **Women in the field:** anthropological experiences. Chicago, IL.: Aldine Publishing Company, 1970.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, B. **Reagregando o social:** uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador; Bauru, SP: Edufba; Edusc, 2012.

LATOUR, B. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia**, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório:** a produção de fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAURIÈRE, C. Anthropology and Politics, the Beginnings: The Relations between Franz Boas and Paul Rivet (1919-42). **Histories of Anthropology Annual**, v. 6, n. 1, p. 225-252, 2010.

LEWIS, H. S. The passion of Franz Boas. **American Anthropologist**, v. 103, n. 2, p. 447-467, Junho 2001.

LIMA FILHO, M. F. Coleção William Lipkind do Museu Nacional: trilhas antropológicas Brasil-Estados Unidos. **Mana**, v. 23, n. 3, p. 473-509, 2017.

LIMONGI, F. A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. In: MICELI, S. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora da Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

LIRA, J. T. C. O estranho patrimonial: Mário de Andrade e o (des)Brasil. In: ANDRADE, M. D. **O turista aprendiz**. Brasília, DF: IPHAN, 2015.

LOPEZ, T. A.; FIGUEIREDO, T. L. Por esse mundo de páginas. In: ANDRADE, M. D. **O turista aprendiz**. Brasília, DF: IPHAN, 2015.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil.** 8ª. ed. São Paulo: Contexto, v. 2, 2006.

LOWANDE, W. F. F. Para além da pedra e cal: o Museu Nacional e as ações de preservação do patrimônio arqueológico e etnográfico (1937-1955). **História Social**, Campinas, n. 25, p. 157-183, 2013a.

LOWANDE, W. F. F. Orientando-se em meio a lapsos: considerações sobre a produção historiográfica relativa às políticas públicas de preservação patrimonial no Brasil. **Revista CPC**, São Paulo, n. 15, p. 50-66, 2013b.

LOWANDE, W. F. F. **As coleções do Museu Nacional no século XIX:** patrimônio cultural e identidade nacional pela perspectiva dos naturalistas. Museus e patrimônios: as coleções criam conexões. Alfenas: [s.n.]. 2014. p. 57-69.

LOWANDE, W. F. F. A história transnacional e a superação da metanarrativa da modernização. **Revista de Teoria da História**, v. 20, n. 2, p. 219-245, Dezembro 2018.

LOWANDE, W. F. F. O patrimônio cultural entre os sujeitos da modernidade nacional e culturas objetificadas. **Expedições: Teoria da História e Historiografia**, Morrinhos, GO, Jan./Abr. 2019. 79-95.

LOWIE, R. Biographic memoir of Franz Boas. **National Academy of Sciences of the United States of America Biographical Memoirs**, v. XXIV, n. Ninth Memoir, 1947.

LOWIE, R. H. Erland Nordenskiold. **American Anthropologist, New Series**, v. 35, n. 1, p. 159-164, Janeiro/Março 1933.

MAIO, M. C. Amazônia, desenvolvimento e relações raciais na antropologia de Charles Wagley (1940-1950). **Revista História (São Paulo)**, n. 178, p. 1-31, 2019.

MAIO, M. C.; MAGALHÃES, R. C. S. Seja bem-vindo, vizinho: a viagem de Heitor Praguer Fróes pelos Estados Unidos e a reconstrução da campanha contra a febre amarela nas Américas (1943-1947). **História**, Franca, v. 35, n. 107, p. 1-17, 2016.

MALERBA, J. Estrutura, estruturalismo e história estrutural. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 12, n. 1, p. 19-55, 2008.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n. 74, 2017.

MASSI, F. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras. 1930-1960. In: MICELI, S. (Org.). **História das ciências sociais no Brasil.** São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais; IDESP, v. 1, 1989.

MASSIN, B. From Virchow to Fischer: Physical Anthropology and 'Modern Race Theories' in Wilhelmine Germany. In: STOCKING JR., G. W. [ed.]. **Volksgeist as method and ethic:** essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition. Madison, WI: The University of Winsconsin Press, 1996.

MATTHEY, P. Alfred Métraux y la Universidad de California, Berkeley. In: AUROI, C.; MONNIER, A. **De Suiza a Sudamérica:** etnologías de Alfred Métraux. Genebra, Suíça: Museo de Etnografía, 1998.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 32, 2016.

MCGERR, M. The Price of the "New Transnational History". **The American Historical Review**, v. 96, n. 4, p. 1056-1067, Outubro 1991.

MCNEILL, J. R.; ENGELKE, P. **The great acceleration**. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press, 2016.

MELO, S. F. **Robert Chester Smith e o colonial na modernidade brasileira:** entre história da arte e patrimônio. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2018.

MILLER, C. “An Effective Instrument of Peace”: Scientific Cooperation as an Instrument of U.S. Foreign Policy, 1938–1950. **OSIRIS**, v. 21, p. 133-160, Janeiro 2006.

MINDLIN, J. Rubens Borba de Moraes: um intelectual incomum. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 79, n. 192, p. 108-111, Maio/Agosto 1998.

MINTZ, S. W. Ruth Benedict. In: SILVERMAN, S. **Totems and teachers:** key figures in the history of anthropology. Walnut Creek; Laham; New York; Toronto; Oxford: Itamira Press; Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2004.

MONNIER, A. Métraux y sus mitos. In: AUROI, C.; MONNIER, A. **De Suiza a Sudamérica:** etnologías de Alfred Métraux. Genebra, Suíça: Museo de Etnografía, 1998.

MOORE, J. W. The Capitalocene, Part I: on the natureand origins of our ecological cris. **The Journal of Peasant Studies**, v. 44, n. 3, p. 594-630, Março 2017.

MORAIS, R. B. D.; BERRIEN, W. **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. Brasília: Senado Federal, 1998.

MOTA, M. S. **A nação faz 100 anos:** a questão nacional no Centenário da Independência. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

MURPHY, R. F. Julian Steward. In: SILVERMAN, S. **Totems and teachers:** key figures in the history of anthropology. 2ª. ed. Walnut Creek, CA, EUA: AltaMira Press, 2004.

NICODEMO, T. L. O “modernismo de Estado” e a política cultural brasileira da década de 1940: Candido Portinari e Gilberto Freyre nos EUA. **Revista Landa**, v. 5, n. 1, 2016.

NOBRE, A. L. (Et al.) (Org.). **Um modo de ser moderno:** Lucio Costa e a crítica contemporânea. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

NOBRE, J. C. A.; PEDRO, R. M. L. R. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, v. Ano V, n. 14, p. 47-56, Dezembro 2010.

NOGUEIRA, A. G. R. **Por um inventário dos sentidos:** Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

NORDENSKIÖLD, E. Nécrologie de Karl von den Steinen. **Journal de la Société des Américanistes**, v. 22, n. 1, p. 220-227, 1930.

OLIVEIRA, R. C. Notas sobre uma estilística da antropologia. In: OLIVEIRA, R. C. D.; RUBEN, G. R. (Orgs.). **Estilos de antropologia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

OLIVEIRA, R. C. A etnicidade como fator de estilo. In: OLIVEIRA, R. C. D. **O trabalho do antropólogo**. 2ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, R. C. O que é isso que chamamos de antropologia brasileira. In: OLIVEIRA, R. C. D. **Sobre o pensamento antropológico**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

PALLARES-BURKE, M. L. Brasil, laboratório de civilização: a importância de Rüdiger Bilden. **Revista de Ciências Sociais**, n. 39, p. 179-194, Outubro 2013.

PALOMINO, P. Nationalist, Hemispheric, and Global: "Latin American Music" and the Music Division of the Pan American Union, 1939-1947. **Noveau Monde Mondes Nouveaux**, Junho 2015. Disponivel em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/68062 >. Acesso em: 7 Fevereiro 2020.

PEIRANO, M. **The anthropology of anthropology:** the Brazilian case. Tese (Doutorado). Cambridge: Harvard University, 1981.

PEIXOTO, F. Lévi-Strauss no Brasil: a formação de um etnólogo. **Mana**, v. 4, n. 1, p. 79-107, 1998.

PEIXOTO-MEHRTENS, C. **Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil:** Crafting Modernity. [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2010.

PEREIRA, M. H. F.; ARAÚJO, V. L. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 270-297, Janeiro/Dezembro 2016.

PINHEIRO, L. **Política externa brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

PINHEIRO, R. **O que nossos cientistas escreviam: algumas publicações em ciências no Brasil do século XIX. Tese de doutorado.** Instituto de Geociências, UNICAMP. Campinas. 2009.

PINKOSKI, M. Julian Steward, American anthropology, and colonialism. **History of anthropology annual**, v. 4, n. 1, p. 172-204, 2008.

POMIAN, K. Coleção. In: _____ **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, v. 1, 1997.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. Masculino, feminino, plural. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RANGEL, J. A. **Edgard Roquette-Pinto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

RICARDO, B.; RICARDO, F. (Orgs.). **Povos indígenas no Brasil:** 2011-2016. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.

RIVET, P. Langues Américaines III: Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Orgs.). **Les Langues du Monde**. [S.l.]: Collection Linguistique, v. 16, 1924. p. 639-712.

ROCHA, I. D. A. "Quanta coisa para pensar nos tem dado essa gente": educadores. **Opus**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 101-126, Junho 2012.

ROQUETTE-PINTO, E. **Rondônia:** anthropologia – ethnographia. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

RUBINO, S. Clube de pesquisadores: A Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia. In: MICELI, S. (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, v. 2, 1995.

RUBINO, S. A memória de Mário. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 30, p. 138-155, 2002.

RUBINO, S.; VALENTINI, L.; GOBBI, M. **Mario de Andrade e os parques infantis**. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

RUTSCH, M. **Entre el campo y el gabinete:** nacionales y extranjeros em la profesionalización de la antropología mexicana (1877-1920). México: Instituto Nacional de Antropología e Historia: UNAM, Instituto de Investigaciones Antropológicas, 2007.

SÁ, D. M.; SÁ, M. R.; LIMA, N. T. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 779-810, Julho/Setembro 2008.

SADLIER, D. J. Good neighbor cultural diplomacy in World War II: the art of making friends. **Institute for Cultural Democracy**, 2011. Disponivel em: <http://culturaldiplomacy.org/academy/content/pdf/participant-papers/2012-03-cdp/Good-Neighbor-Cultural-Diplomacy-in-World-War-II-The-Art-of-Making-Friends--Dr-Darlene-J-Sadlier.pdf>. Acesso em: 5 Fevereiro 2020.

SAID, E. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOMAURO, F. **A United States Information Agency e sua ação no Brasil de 1953 a 1964. Tese (Doutorado em Relações Internacionais)**. Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais. UNESP, UNICAMP, PUC-SP. São Paulo. 2015.

SANTOS, P. A. C.; NICODEMO, T. L.; PEREIRA, M. H. F. Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão. **Revista Estudos Históricos**, v. 30, n. 60, p. 161-186, 2017.

SANTOS, R. V. Guardian angel on a nation's path: contexts and trajectories of physical anthropology in Brazil in the late Nineteengh and Early Twentieth Centuries. **Current Anthropology, University of Chicago Press on behalf of Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research**, v. 53, n. s5, p. s17-s32, Abril 2012.

SAUNIER, P.-Y. Transnational. In: IRIYE, A.; SAUNIER, P.-Y. (Orgs.). **The Palgrave Dictionary of Transnational History:** from the mid-19th century to the present day. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M.; DANTAS, R. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. **Revista do IEB, USP**, São Paulo, n. 46, p. 123-164, Fevereiro 2008.

SERVIDIO, F. Los murales de Portinari en la Sala Hispánica de la Biblioteca del Congreso de los EE.UU.: construcción plástica de una identidad panamericana. **Cuardernos del CILHA**, Mendoza, Argentina, v. 12, n. 14, p. 124-153, 2011.

SILVA, F. Camargo Guarnieri e Mário de Andrade. **Latin American Music Review / Revista de Música Latinoamericana**, v. 20, n. 2, p. 184-212, Outono-Inverno 1999.

SIMÃO, L. M. **A semântica do intangível:** considerações sobre o Registro do ofício de paneleira do Espírito Santo. Tese (Doutorado em Antropologia). UFF. Niterói. 2008.

SIMON, Z. B. The limits of Anthropocene narratives. **European Journal of Social Theory**, v. 22, n. 10, p. 1-17, Dezembro 2018.

SKIDMORE, T. Raízes de Gilberto Freyre. In: KOMINSKY, E. V.; LÉPINE, C.; PEIXOTO, F. A. (Orgs.). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SKOLAUDE, M. S. **Identidade nacional e historicidade:** o 1º Congresso Afro-Brasileiro de 1934. Anais do XII Encontro Estadual de História ANPUH-RS. [S.l.]: [s.n.]. 2014.

SODRÉ, J. C. A. Luís Saia e a formação de uma geração. **Risco. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. IAU-USP**, v. 19, n. 2, p. 76-94, 2014.

STEFFEN, W. et al. The trajectory of the Anthropocene: The Great Acceleration. **The Anthropocene Review**, v. 2, n. 1, p. 81-98, 2015.

STEFFEN, W.; CRUTZEN, P. J.; MCNEILL, J. R. The Anthropocene: Are Humans Now Overwhelming the Great Forces of Nature. **AMBIO: A Journal of the Human Environment**, v. 36, n. 8, p. 614-621, Dezembro 2007.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes:** resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STEWARD, J. (Org.). **Handbook of South American Indians. Volume 1:** the marginal tribes. Washington: Government Printing Office, 1946.

STOCKING JR., G. Antropologia e sociedade. In: BOAS, F. **A formação da antropologia americana, 1883-1911:** antologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

STOCKING JR., G. W. (Org.). **Volksgeist as method and ethic:** essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition. Madison, WI: The University of Winsconsin Press, 1996.

STOCKING JR., G. W. **Race, culture, and evolution:** essays in the history of anthropology. Chigago; London: The University of Chicago Press, 1968.

STOCKING JR., G. W. Introdução: os pressupostos básicos da antropologia de Boas. In: BOAS, F. **A formação da antropologia americana, 1883-1911:** antologia. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora UFRJ, 2004b.

STOLER, A. L. **Along the archival grain:** epistemic anxieties and colonial common sense. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2009.

SÜSSEKIND, F. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 159-178, 2018.

TAMBASCIA, C. K. Constituindo carreira e coleções etnográficas. **R@U, Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 5, n. 1, p. 98-116, Janeiro/Junho 2013.

TAYLOR, A.-C. Dom quixote na América: Claude Lévi-Strauss e a antropologia americanista. **Sociologia & Antropologia**, v. 1, n. 2, p. 77-90, 2001.

THIEME, I. Karl von den Steinen: vida e obra. In: COELHO, V. P. (Org.). **Karl von den Steinen:** um século de antropologia no Xingu. São Paulo: EDUSP, 1993.

THOMSON, C. A. . E. A. The Emerging Program of Cultural Relations [with Discussion]. **ALA Bulletin**, v. 38, n. 2, p. 75-81, 1944.

TONI, F. C. Mário de Andrade e Villa-Lobos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 27, p. 43-58, 1987.

TONI, F. C. Me fiz brasileiro para o Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 30, p. 72-89, 2002.

TONI, F. C.; CAROZZE, V. M. Mário de Andrade, Francisco Curt Lange e Carleton Sprague Smith: as discotecas públicas, o conhecimento musical e a política cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 57, p. 181-204, 2013.

TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. (Orgs.). **Arquivos pessoais:** reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

TSING, A. L. **The mushroom at the end of the world**. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2015.

TYRRELL, I. What is transnational history? **Ian Tyrrell**, 2007. Disponivel em: <https://iantyrrell.wordpress.com/what-is-transnational-history/>. Acesso em: 27 Julho 2016.

VALADE, B. Cultura. In: BOUDON, R. (Orgs.). **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VALENTINI, L. **Um laboratório de antropologia**: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938). FFLCH, USP. São Paulo. 2010.

VICKERS, W. T. The anthropology of Amazonia. **Latin America Research Review**, v. 28, n. 1, p. 111-127, 1993.

WAGLEY, C. Bernard Mishkin, 1913-1954. **American Anthropologist**, v. 57, n. 5, p. 1033-1035, Outubro 1955.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEILER, B. Thus spoke the scientist: Franz Boas' critique of the role of the United States in World War I. In: ELIAESON, S.; KALLEBERG, R. (Orgs.). **Academics as public intellectuals**. New Castle, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2008.

WEINSTEIN, B. História sem causa? A nova história cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. **História**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 185-210, 2003.

WELPER, E. M. **Curt Unkel Nimuendajú:** um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira. Dissertação de Mestrado. UFRJ/PPGAS-MN. Rio de Janeiro. 2002.

WOLF, E. R. **Pathways of power:** building an anthropology. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2001.

ÍNDICE DE NOMES, INSTITUIÇÕES E EVENTOS

1º Congresso Afro-Brasileiro) 214
1º Encontro Brasileiro de Geografia 446
MYERS, George Sprague 362

A

ABREU, João Capistrano Honório de 205, 206, 274
Academia de Belas Artes 420
Academia de Ciências de Buffalo 472
Academia Paulista de Letras 401
AGINSK, Bert 355
ALBUQUERQUE, Dalcy de 448
ALMEIDA, Guilherme de Andrade de 401
ALMEIDA, José Américo de 379
ALMEIDA, Miguel Ozório de 437
ALMEIDA, Renato 431
ALMEIDA, Romualdo Ferreira de 448
ALMEIDA, Tácito de 372
ALVARENGA, Oneyda Paoliello de 378, 385, 395, 422
AMARAL, Tarsila do 377, 380
Amercain Council of Leanerd Societies 151
American Anthropological Association 82, 119, 129, 182, 275
American Anthropologist 85, 166, 176, 199
American Association for the Advancement of Science 77, 85
American Committee for Democracy and Intellectual Fredom 83
American Council of Learned Societies 129, 147, 148, 150, 273, 320, 402, 416, 421
American Folklore Society 85
American Historical Association 129
American Journal of Physical Anthropology 93
American Museum of Natural History 78, 111, 112, 115, 117, 120, 132, 173, 176, 259
American Music Center 424
American Musicological Society 423
AMERICANO, Jorge 293, 397, 408
American Philosophical Society 129, 316
ANDRADE, Almir Bonfim de 333, 425
ANDRADE, Carlos Drummond de 339, 451, 452, 454, 455
ANDRADE FILHO, José Oswald Antônio de 377
ANDRADE, Joaquim Inojosa de 379
ANDRADE, José Oswald de Sousa de 377, 384
ANDRADE, Mário Raul Morais de 11, 23, 25, 28, 34, 36, 37, 214, 221, 326, 328, 332, 334, 336, 337, 367, 368, 370, 371, 373, 375, 377, 378, 379, 380, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 397, 398, 400, 409, 411, 421, 422, 423, 424, 425, 427, 428, 431, 501, 503, 504, 509, 510, 516
ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de 28, 32, 35, 36, 37, 365, 379, 385, 386, 387, 390, 391, 392, 503, 504
Anthropological Society of Washington 85
ARANHA, Osvaldo Euclides de Sousa 238, 428
Architect of the Capitol 414, 419
Arquivo Público Nacional 99
ASCOLI, Max 163
Associated Music Publishers 436

Association of African Studies 199
ÁVILA, José Bastos de 216, 286, 444, 445
AYDELOTTE, Franklin Ridgeway 164, 343, 347
AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de 326, 331, 332, 333, 335, 395, 421, 424, 425, 431, 432

B

BALDI, Lamberto 434
BALDUS, Herbert 123, 127, 128, 129, 209, 252, 286, 294, 302, 345, 391, 396
BANDEIRA FILHO, Manuel Carneiro de Sousa (Manuel Bandeira) 328, 330, 332, 336, 337, 400, 431
BANDELIER, Adolph Francis Alphonse 112, 176
BARRAULT, Jean-Louis 452
BARROS, Antônio Carlos Couto de 372
BARROS, Miguel 214
BASTIAN, Philipp Wilhelm Adolf 74, 75, 77, 107, 108, 124, 505
BATESON, Gregory 261, 262
BATRES, Leopoldo 113
BEATTIE, John Walter 426, 428, 429
BENEDICT, Ruth Fulton 162, 165, 171, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 239, 240, 257, 258, 259, 260, 262, 341, 354, 463, 505
BENNETT, Wendell Clark 239, 256, 271, 304, 481
BERGSON, Henri 163
BERLA, Herbert 448
BERLINCK, Cyro 293, 307, 407
BERRIEN, William 292, 296, 297, 303, 304, 311, 320, 321, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 335, 336, 337, 339, 356, 365, 399, 400, 402, 403, 404, 407, 408, 416, 421, 424, 426, 428, 433, 435, 438, 450
BETHLEM, Nilda 398
Biblioteca Mário de Andrade
Biblioteca Municipal de São Paulo 399
Biblioteca Nacional 99
BIDDLE, George 420
BIDWELL, Percy Wells 404, 405, 406
BILDEN, Rüdiger 196, 208
Bishop Museum 165, 252
BITTENCOURT, Pedro Calmon Moniz de (Pedro Calmon) 397
BLUEMENSOHN, Jules Henry 344
BLUMENSOHN, Jules Henry 129, 152, 165, 167, 171, 191, 192, 193, 194, 195, 209, 211, 286, 344, 345, 347, 350, 351, 354, 355, 440, 511
BLUMER, Herbert 408
BOAS, Franz Uri 9, 23, 24, 55, 70, 72, 74, 75, 77, 79, 81, 84, 91, 92, 93, 95, 101, 102, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 227, 230, 244, 253, 256, 259, 265, 274, 316, 332, 342, 343, 344, 345, 347, 350, 351, 352, 353, 354, 356, 364, 461, 463, 468, 472, 485, 505, 506, 507, 510, 514

BOIS, Cora Alice du 262
Boletín Latino-Americano de Música 431
BONBRIGHT, James C. 182, 183, 185
BORBOLLA, Daniel Rubín de la 281, 351, 354
BOUGLÉ, Célestin Charles Alfred 161
BOULE, Marcellin 139
BRABANT, August 118
BRAGA, Ernani 214, 434
BRASIL, Padre Etienne Ignace 479
BRAUDEL, Fernand 164
BRÉAU, Quatrefages de 136
BRETON, Adela Catherine 98
BROCA, Paul 136
BRYAN, Julien Hequembourg 330
Bufalo Museum of Science 364, 473, 474, 495
BUMPUS, Hermon Carey 115
BUNZEL, Ruth Leah 351, 355, 356
Bureau of American Etnography (BAE) do Smithsonian Institution 78

C

CAFFERY, Jefferson Thomas 238
CÂMARA, João Mattoso 356
Canadian Institute 111
CAPANEMA FILHO, Gustavo 32, 238, 338, 339, 340, 378, 385, 386, 394, 420, 431, 447, 452
Carnegie Corporation 111, 179, 204, 317, 318, 346, 509
Carnegie International Exhibition 412
CARNEIRO, Edison de Souza 341, 449, 491
CARROLL, Alexander Mitchell 100
CARTER, Ethewlyn 302
CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de 293
CASANOVA, Pablo Gonzáles 149
CASCUDO, Luís da Câmara 215, 379
CASTELLVÍ, Marcelino de 154
CASTRO, Alceu de 448
CAVALCANTI, José Lins do Rego (José Lins do Rego) 214, 326, 401
CAVALHEIRO, Edgar 336
CENDRARS, Blaise de (Frédéric Louis Sauser) 377
Central Intelligence Agency 237
CHIAFFARELI, Liddy (Elisa Hedwig Carolina Mankel Chiaffarelli Mignone 427, 428, 431
CHILDE, Alberto 32, 95, 445, 484, 497
Círculo de Jena 73
Clark University of Worcester, Massachusetts 111
CLAWSON, Philips 473
CLOUZOT, Henri-Georges 479
COELHO, Inocencio Machado 286
Colégio Pedro II 332, 333, 338, 339
Collège de France 137
Comissão Geológica do Império do Brasil 446
Comitê sobre as Coleções da Ásia Oriental 120
Comittee on Cultural Relations with the American Republics 322
Committee of Inter-American Artistic and Intellectual Relations 273, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 335, 339, 340, 346, 347, 352, 354, 357, 361, 362, 364, 366, 398, 402, 407, 408, 411, 413, 414, 420, 421, 426, 429, 432, 434, 437, 509
Committe of Inter-American Artistic and Intellectual Relations 288, 296

CONDAMINE, Charles Marie de la 485
CONDRINGTON, Roberty Henry 481
Conferência Interamericana de Manutenção da Paz (Buenos Aires, Argentina) 232
Congresso da Língua Nacional Cantada 387, 425
Congresso Internacional de Americanistas 65, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 109, 110, 111, 113, 116, 121, 125, 131, 132, 133, 135, 136, 144, 147, 149, 177, 445, 507
Congresso Nacional de Folclore 490
Congresso Pan-Americano 420
Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil 31, 210, 270, 274, 277, 444, 447, 459, 482, 502, 511
Conselho Nacional de Proteção aos Índios 459, 511
Conservatório Dramático Musical de São Paulo 422, 434
COOPER, John Montgomery 102, 245, 249, 258
COPLAND, Aaron 421, 424, 432, 433, 436
Correio da Manhã 474
COSTA, Arthur de Souza 238, 361
COSTA, Francisco Augusto Pereira da 381
COSTA, Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima (Lucio Costa) 96
Council for Research in the Social Sciences 463
COUTINHO, Alfredo de Morais 443
COUTO, Carlos de Paula 448
COUTO, Ruy Esteves Ribeiro de Almeida 336, 337
COWELL, Henry 436
CRULS, Gastão 485
CUMMINGS, Carl 472, 473
CUNHA, Raimundo Lopes da 32
CURTIS, Edward Sheriff 244
CURTIS, Louis Woodson 427

D

DANTAS, Francisco Clementino de San Tiago 321
DAVIS, Horace Bancroft 396
DELAFOSSE, Maurice 479
DELORIA, Ella Cara (Aŋpétu Wašté Wiŋ) 84
Departamento Administrativo do Serviço Público 339
Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo 33, 160, 221, 370, 371, 372, 374, 378, 383, 384, 385, 387, 388, 389, 390, 392, 394, 395, 398, 399, 400, 406, 425, 431, 482, 510, 516, 517
Discoteca Pública 34, 393, 395, 422, 423
Departamento de Imprensa e Propaganda 404, 425
Departamento de Obras Públicas da Cidade de São Paulo 374
DERBY, Orville Adalbert 204, 446
DEUTSCH, Monroe Emanuel 334, 337
Diário da Noite 448
DIAS, Cícero dos Santos 214, 379
DIÉGUES JÚNIOR, Manuel 491
DILTHEY, Wilhelm Christian Ludwig 51
DISNEY, Walter Elias (Walt Disney) 237
DIXON, Roland Burrage 175
DOBZHANSKY, Theodosius 408
DONOVAN, William Joseph 237
DORSEY, George Amos 111, 112
DOUGLAS, F. 480

DRENKPOL, Jorge Henrique Augusto Padberg 443
DREYFUS, André 372, 398, 403, 408
DREYFUS, Dina (Dina Lévi-Strauss) 146, 160, 386, 395, 423, 482
DUARTE, Paulo Alfeu Junqueira 370, 371, 372, 373, 383, 385, 393, 394
DU BOIS, William Edward Burghardt \"W. E. B.\" 196
DUGGAN, Laurence Hayden 234
DUGGAN, Stephen Pierce Hayden 334, 404
DUHAMEL, Georges 163
DUNHAM, George Clark 239, 361
DURKHEIM, David Émile 51

E

École d'Anthropologie de Paris 133, 136
École Française de Sociologie 137
École Française d'Extrême-Orient 136
École Normal Supérieure 155
École Pratique des Hautes Études 137
EGGAN, Frederick Russell 240
EHRENREICH, Paul 71, 205
Emergency Society in Aid of European Science and Art 83
Escola Livre de Sociologia e Política 128, 267, 291, 292, 294, 301, 302, 304, 305, 306, 307, 308, 310, 358, 384, 396, 398, 399, 406, 408, 469
Escola Nacional de Belas Artes 445
Escola Nacional de Medicina do Rio de Janeiro 437
Escola Normal do Rio Grande do Norte 215
Escuela Internacional de Arqueología y Etnología Americanas 71
Exposição Universal de Chicago 173

F

FACÓ, Américo de Queirós 327
Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo 368, 369, 372, 373
FARIA, Jorge Leal Amado de (Jorge Amado) 214
FARIA, Luiz de Castro 165, 365, 443, 456, 475, 478, 482, 484, 485, 487, 497, 498
FARRAND, Livingston 115
Federal Music Project 423
Feira Mundial de Nova York 412
FERNÁNDEZ, Oscar Lorenzo 431
FERREIRA, Ascenso Carneiro Gonçalves 379
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda 338, 340, 404
FICHTE, Johann Gottlieb 73
Field Museum 111, 173
FIGUEIREDO FILHO, Godofredo Rebello de 379
FISCHER, Theobald 76
FLETCHER, Alice Cunningham 85, 86, 88
Folha do Dia 448
Foreign Morale Analysis Division of the Office of War Information 240
FOSTER, Carol H. 397, 407
FOSTER, George McClelland 308, 309
FRANCO, Afonso Arinos de Melo 381, 452
FRAZER, James George 137, 381
FRAZIER, Edward Franklin 197, 200
Frente Negra Pelotense 214
FREUD, Sigmund Schlomo 216
FREYRE, Gilberto de Mello 208, 209, 214, 221, 293, 304, 326, 328, 329, 334, 336, 337,

401, 437
FRIELE, Berent 361
FROBENIUS, Leo Viktor 479
FRÓES, Heitor Prague 398
Fundação Escandinava 102
Fundação Guggenheim 314, 352, 413
Fundação Rockefeller 129, 163, 201, 276, 278, 296, 314, 317, 320, 325, 337, 350, 351, 399, 407, 472, 509
Division of Social Sciences 273
Laura Spelman Rockefeller Memorial Foundation 341, 463

G

GALLO, Nino 372
GALVÃO, Eduardo Enéas Gustavo 288, 300, 358
GARCIA, Hamilcar de 334
GENNEP, Charles-Arnold Kurr van 137, 157
Geological Survey of Canada 111
Germanistic Society of America 83
GILLIN, John Lewis 239, 288, 289
GOELDI, Emílio Augusto 204
Golden State International Expedition 473
GOLDENWEISER, Alexander Aleksandrovich 119, 175, 180, 181, 198, 259, 511
GOLDMAN, Irving 351, 353
GORER, Geoffrey Edgar Solomon 261
GRAESER, Hermann Hugo 388, 390
GUARNIERI, Mozart Camargo 326, 395, 425, 431, 432, 433, 434, 435, 436
GUGGENHEIM, John Simon 315
GUSINDE, Martin 213

H

HADDON, Alfred Cort 113
HAECKEL, Ernst Heinrich Philipp August 75, 204
HAMLIN, Ch. 473
HAMY, Ernest-Théodore 136
Handbook of American Indian Languages 74, 79, 244
Handbook of South American Indians 27, 122, 165, 229, 241, 243, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 256, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 275, 279, 280, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 295, 299, 302, 314, 364, 481, 488, 509
HANKE, Lewis 304, 401, 402, 411, 417
HARNONCOURT, René d' 413, 480, 481
HARRIS, Marvin 183
HART, Parker T. 279
HEGER, Franz 98, 113
HENRY, Zunia 354
HERDER, Johann Gottfried von 43, 63, 73, 505
HERIARTE, Maurício de 485
HERSKOVITS, Melville Jean 157, 183, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 214, 217, 291, 293, 407
HESTERMANN, Ferdinand 205
HINDENBURG, Paul Ludwig Hans Anton von Beneckendorff und von 83
HODGE, Frederick Webb 147, 244
HOEBEL, Edward Adamson 171
HOLANDA, Sérgio Buarque de 326, 397, 404
HOLMES, William Henry 112
HOPKINS, Harry Lloyd 235
HRDLIČKA, Aleš 93, 98, 102, 103, 131, 133
HUMBOLDT, Alexander von (Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt)

72, 75, 188
HUMBOLDT, Wilhelm von (Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand) 72, 73, 74, 75, 78, 85, 127, 188, 505
HUNTINGTON, Archer Milton 120
HURSTON, Zora Neale 84, 196

I

IHERING, Hermann Friedrich Albrecht von 204, 367
IHERING, Rodolpho Theodor Wilhelm Gaspar von 204
Imperador Pedro II do Brasil 481
Institut des Langues Orientales 136
Institute of Inter-American Affairs 238, 361, 362
Institute of Inter-American Relations 359
Institute of International Education 334, 396, 404
Institute of Public Affairs 405
Institute of Social Anthropology 318, 509
Institut Ethnographique Internacional de Paris 157
Institut Fraçais d'Anthropologie 156
Institut Fraçais de Damas 136
Instituto Agronômico de Campinas 408
Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura 491
Instituto Brasil-Estados Unidos 341, 343, 358
Instituto de Pesquisas Educacionais do Departamento de Educação do Distrito Federal 216
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Conselho Consultivo 443, 445
Revista do SPHAN 390
Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 28, 31, 36, 37, 329, 364, 385, 387, 388, 389, 393, 416, 447, 452, 471, 474, 475, 502, 511
SPAN 33, 36, 378, 385
Instituto Etnológico Nacional (Colômbia) 153, 253
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 99, 131
Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo 205, 368
Instituto Internacional da Hileia Amazônica 459
Instituto Nacional de Cinema Educativo 469
Instituto Nacional do Livro 326, 394
Instituto Oswaldo Cruz 437
Inter-American Music Center 331, 424
Inter-American Society for Latin American Anthropology and Geography 287
Inter-American Society of Anthropology and Geography 276
Interdepartmental Committee on Scientific and Cultural Cooperation with the American Republics 232
International Journal of American Linguistics 140, 211
IZIKOWITZ, Karl Gustav 177

J

JANET, Pierre 137
Jardim Botânico de Manaus 220
Jardim Botânico do Rio de Janeiro 220
JARDIM, Luiz Inácio de Miranda 329, 336
JAURÈS, Jean Léon 137, 145, 155
JELLIFFE, Smith Ely 216
JESUP, Morris Ketchum 112, 115

John Simon Guggenheim Memorial Foundation 149, 164, 201, 273, 315, 317, 343, 350, 351, 352, 356, 365, 509
JOHNSON, James Weldon 196
Joint Committee on Latin America of the Learned Societies and Councils 291
JONES, William 112
Jornal A noite 492
Jornal Ciência para todos 470
Jornal Correio da manhã 495
Jornal Diário de Notícias 448
Jornal do Comércio 448, 462
Jornal O Estado de São Paulo 369, 383, 385, 393, 401
Jornal O Globo 448, 473
Journal de la Société des Américanistes 99, 107

K

KANT, Immanuel 73
KENNARD, Edward Allan 344, 355
KEPPEL, Frederick Paul 317
KIEHL, Maria 398
KIRCHHOFF, Paul 345, 354
KLUCKHOHN, Clyde 240
KOCH-GRÜNBERG, Theodor 72, 84, 121, 123, 124, 125, 139, 143, 147, 205, 254, 381
Königliches Museum für Völkerkunde (Museu Etnológico Real) 75, 77, 107, 115, 119, 124, 126, 173, 505
KRICKENBERG, Walter 147, 255
KROEBER, Alfred Louis 112, 171, 175, 176, 244, 258, 259, 273, 481

L

LACERDA, João Batista de 367
LANDES, Ruth 171, 195, 196, 197, 198, 200, 293, 342, 343, 346, 351, 449
LANGE, Francisco Curt 421, 424, 431
LANGLEY, Samuel Pierpont 112
LAPICQUE, Louis Édouard 139
Laura Spelman Rockefeller Memorial Foudantion 183
LAYTANO, Dante de 398
LEÃO, Antônio Carneiro 293
LEHMANN, Henri 154, 162
LEHMANN-NITSCHE, Roberto 147, 346
LEHMANN, Walter 71, 121, 127, 128, 147
LEIGHTON, Alexander 240
LEITÃO, Candido Firmino de Mello 447
LEJEAL, Léon Alexandre Gustave 113
LEMME, Paschoal 450
LEONARDOS, Othon H. 448, 450
LEROI-GOURHAN, André 480
LÉRY, Jean de 486
LÉVI-STRAUSS, Claude 67, 146, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 175, 177, 252, 395, 482, 510
LÉVY-BRUHL, Lucien 95, 99, 136, 137, 155, 156, 157, 167, 216, 381, 480
LEWIS, Albert Buell 259
Library of Congress 411, 413, 414, 416
Hispanic Foundation 304, 402, 417, 418
Music Section Board 424
Liga Nacionalista 368, 371, 373
LIMA, Antônio Bento de Araújo 379
LIMA, Henrique da Rocha 372
LIMA, Jorge de 379
LIMA, Manuel de Oliveira 207
LINTON, Ralph 346, 348, 355, 356, 480
LIPKIND, William 165, 194, 218, 260, 341, 342, 343, 344, 347, 352

Literary Society of Washington 85
LOCKE, Alain LeRoy 196
LOPES, Luís Simões 339
LOPES, Raimundo da Cunha 443, 445, 487
LOTHROP, Samuel Kirkland 271
LOUKOTKA, Čestmír 255, 285
LOWIE, Robert Harry 82, 83, 101, 119, 130, 166, 171, 175, 176, 177, 178, 209, 214, 240, 244, 256, 257, 258, 259, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 278, 280, 281, 284, 290, 324
LOWRIE, Samuel H. 310, 395, 407
LUSCHAN, Felix Ritter von 120
LUTZ, Bertha Maria Júlia 283
LUZ, Brasílio Itiberê da Cunha Ferreira 431

M

MACBAIN, Howard Lee 200
MacDowell Colony 433
MACDOWELL, Edward Alexander 433
MACDOWELL, Marian 433
MACHADO FILHO, Joaquim Machado 448
MACIVER, Robert M. 182
MACLEISH, Archibald 413, 414, 415, 416, 419, 420
MAGALHÃES, José Vieira Couto de 381
MALINOWSKI, Bronisław Kasper 51, 137
MANRIQUE, Manuel José Casas 154
MARRET, Robert Ranulph 481
MARSHALL, John 320
MARTINS, Emmanoel 448
MARTINS, Maria Thereza Oliveira 330
MASON, John Alden 121, 122, 135, 253, 254, 255, 256, 270, 282, 285
MASON, Otis Tufton 77, 115, 468, 472
MATOS, João Teodoro Xavier de 375
MATTOS, Aníbal de 286
MAUCK, Willfred 407
MAUSS, Marcel 50, 136, 137, 138, 157, 159, 163, 164, 167, 177, 480
MCCLAY, Douglas 408
MCCOWN, Theodore Doney 256, 257
MEAD, Margaret 171, 181, 240, 259, 261
MEANDA, Rubens 288, 358
MEGGERS, Betty Jane 299
MEIRELES, Cecília Benevides de Carvalho 329, 336
MELLO, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de (Assis Chateaubriand) 398
MELLO NETTO, Ladislau de Souza 446
MELLO, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque 334
MELO, Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque (Di Cavalcante) 214
MELO, Randolfo Homem de 372
MELO SOBRINHO, Ulisses Pernambucano de 214
MENDONÇA, Newton 450
MERRIAN, John C. 112
MESQUITA FILHO, Júlio César Ferreira de 369
MÉTRAUX, Alfred 131, 160, 162, 164, 165, 166, 167, 175, 177, 209, 239, 240, 252, 253, 254, 255, 256, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 278, 281, 282, 285, 287, 345, 480, 505, 511
MÉTRAUX, Eva Spiro 177
MEYER, Augusto 326, 334, 394
MEYER, Eduard 121
MEYER. Hermann 124
MIGNONE, Francisco 326, 395, 398, 425, 426, 427, 428, 431
MINDLIN, Henrique 437
Ministério da Agricultura 363, 446

Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio 469
Ministério da Educação e Saúde Pública 446
Ministério das Relações Exteriores 99, 491
MINTZ, Sidney Wilfred 180, 181, 182
MIRANTE, Anna 408
MISHKIN, Bernard 345, 351
MOACYR, Noemia Mourão 214
MOE, Henry Allen 23, 26, 154, 273, 289, 296, 314, 315, 316, 319, 320, 321, 324, 325, 328, 330, 332, 336, 337, 339, 346, 347, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 359, 361, 365, 397, 399, 400, 402, 403, 404, 406, 411, 413, 414, 416, 420, 421, 426, 428, 429, 432, 433, 434, 436, 438, 450, 473
MONTEIRO, Clóvis do Rego 333, 335
MONTEJO, Eduardo Santos 153
MOOG, Clodimir Viana 437
MORAES FILHO, Alexandre José de Melo 381
MORAES NETO, Prudente de 328, 330, 336, 337, 400
MORAES, Rubens Borba de 327, 328, 336, 337, 372, 384, 387, 394, 399, 400
MOREIRA, Thiers Martins 333, 335
MORGAN, John Pierpont 244
MORLEY, Sylvanus Griswold 324, 329, 330, 331, 334, 335, 336, 339, 403, 404
MURICY, José Cândido de Andrade 333, 335, 431
MURPHY, Robert Francis 242
Musée de l'Homme 146, 152, 157, 158, 159, 253, 475, 480
Musée des civilizations 157
Musée d'Ethnographie du Trocadéro 136, 139, 147, 157
Museu da Inconfidência 475
Museu de Arte Moderna de Nova York 412, 480
Museu de Georgetown (Museu de Antropologia Walter Roth) 201
Museu de Gotemburgo 164
Museu de La Plata 346
Museu de Tucumán 177
Museu do Ipiranga
Museu Paulista 95, 97, 128, 204, 367
Revista do Museu Paulista 128
Museu Etnográfico de Gotemburgo 130, 277
Museu Etnográfico Dr. Andrés Barbero 126
Museu Linden 124
Muséum National d'Histoire Naturelle 136, 138
Museu Nacional da Quinta da Boa Vista 28, 30, 31, 33, 35, 95, 97, 99, 104, 129, 134, 146, 151, 165, 169, 182, 194, 204, 216, 260, 274, 276, 277, 285, 288, 291, 292, 293, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 305, 306, 307, 309, 310, 312, 341, 343, 344, 345, 346, 347, 350, 354, 356, 357, 360, 361, 362, 364, 366, 367, 438, 440, 441, 442, 445, 446, 447, 451, 452, 456, 459, 460, 461, 465, 468, 469, 470, 471, 473, 474, 475, 476, 480, 481, 482, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 493, 495, 497, 498, 499, 507, 508, 509, 515, 516
Archivos do Museu Nacional 219
Seção de Antropologia e Etnografia 443, 445
Seção de Botânica 446
Seção de Extensão Cultural 450
Museu Nacional de Lima 346

Museu Paraense de História Natural e Etnografia (Museu Paraense Emílio Goeldi) 97, 204, 277, 278, 279, 286, 358, 444
Music Library Association 423

N

NASCENTES, Antenor de Veras 333, 335
National Academy of Sciences 259
National Research Council 240
Division of Anthropology 245
NELSON, Nels Christian 132
NETTO, Ladislau de Souza Mello 97
New School for Social Research 153, 161, 162, 175, 180, 181, 252, 511
New York City College 176
New York Public Library 424
Music Division 332, 423
New York World's Fair 473
NIMUENDAJÚ, Curt Unckel 123, 131, 147, 166, 176, 177, 179, 209, 210, 211, 212, 214, 227, 252, 260, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 299, 312, 324, 346, 358, 444, 487
NOEL, Martín 98
NOGUEIRA, Hamilton de Lacerda 448
NORDENSKIÖLD, Erland 72, 84, 95, 101, 107, 108, 109, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 144, 147, 152, 164, 177, 205, 209, 230, 245, 254, 256, 506

O

OBERG, Kalevo 308, 309
OBERHUMMER, Eugen 113
Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics 236
Office of American Republic Affairs 234
Office of Strategic Service 237
Office of Strategics Services 351
Office of the Coordinatior of Inter-American Affairs 317
Office of the Coordinator of Inter-American Affairs 163, 236, 238, 239, 318, 320, 324, 351, 360, 361, 402, 403, 412, 413, 509
OITICICA FILHO, José Oiticica 448
OITICICA, José Rodrigues Leite e 149, 151, 209, 332, 335
OLINDENSE, Sérgio 379
OLIVEIRA, António Castilho de Alcântara Machado d' (Antônio Alcântara Machado) 372
OLIVEIRA, Armando de Salles 373, 385, 404, 405, 406, 423
OLIVEIRA, Carlos Estevão de 278, 279, 286, 444
Organização das Nações Unidas 351, 400, 495
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura 160, 165, 346, 456, 459, 502
Orquestra Sinfônica de São Paulo 436
ORTIZ, Sérgio Eliás 154
OUTES, Félix Faustino 147

P

PALMATARY, Helen C. 283
Pan-American Union 426, 432
Music Division 331, 421, 424
PARK, Robert Ezra 197, 200, 293
PARSONS, Elsie Clews 181, 198
Partido Comunista dos Estados Unidos
Composers Collective 424

Partido Democrático 371, 373, 381, 383
Partido Republicano Paulista 368, 369, 371
Partido Socialista dos Estados Unidos 82, 144
Partido Socialista Francês 145
PATTEE, Richard 429
PAULA, Eurípedes Simões de 375
PEGRAM, George B. 182
PÉGUY, Charles 137
PEIXOTO, Júlio Afrânio 329
PENCK, Albrecht 121
PENNA, Domingos Soares Ferreira 446
PENTEADO, Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite (Amadeu Amaral) 371
PENTEADO, Margarida Guedes 380
PENTEADO, Olívia Guedes 377, 380
PEREIRA, Antônio Leal de Sá 425, 428, 432, 434
PIAZZA, Joseph 291, 292
PIERRI, Kate di 341, 343
PIERSON, Donald 197, 200, 291, 292, 293, 295, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308, 317, 318, 327, 334, 396, 406, 509
PINHEIRO, Joaquim Gil 390
PINTO, Dulce do Amaral 380
POFFENBERGER, Albert T. 182
PORTINARI, Cândido Torquato 395, 411, 412, 414, 415, 416, 418, 419, 420, 480
POURCHET, Maria Júlia 216, 218, 219, 220, 286, 341
POWELL, John Wesley 78
PRADO, Fábio da Silva 374, 389, 406
PRADO, Isabel do 342
PREUSS, Konrad Theodor 71, 121, 122, 125, 127, 128, 147, 152, 253
PRICE, Llewllyn Ivor 363
PUTNAM, Frederic Ward 85, 112

Q

QUAIN, Buell 165, 171, 194, 218, 341, 343, 351, 479
QUINE, Willard 408

R

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald 302, 303, 359
RADIN, Paul 174, 259
RAMOS, Arthur (Arthur Ramos de Araújo Pereira) 197, 199, 200, 202, 214, 216, 221, 269, 292, 293, 327
Rand School of Social Science 175
RATZEL, Friedrich 75, 76
REDFIELD, Robert Ray 248
Rei Jamehameha II 481
RESCALA, João José 495
Revista Brasileira de Música 425
Revista Cultura Política 425
Revista de Etnología de la Universidad de Tucumán 177
Revista do Arquivo Municipal 374
Revista Nacional de Educação 469
Revista O Cruzeiro 450
Revue d'Ethnographie et de Sociologie 157
RIBEIRO, Joaquim 333, 335
RICE JUNIOR, Alexandre Hamilton Rice 124
RIOS, Adolfo Morales de los 100
RITTER, Karl 75, 78
RIVERA, Diego (Diego Maria de la Concepcion Juan Nepomuceno Estanislao de la Rivera y Barrientos Acosta y Rodríguez) 420

RIVERS, William 133
RIVET, Paul 72, 74, 83, 95, 99, 101, 118, 125, 127, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 167, 177, 205, 230, 244, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 353, 475, 480, 506
ROBESON, Paul LeRoy Bustill 196
ROCKEFELLER, Nelson Aldrich 234, 235, 236, 237, 238, 239, 315, 317, 318, 319, 320, 321, 324, 336, 351, 360, 361, 411, 412, 413, 420, 434, 508, 509
RODRIGUES, João Barbosa 219, 485
RODRIGUES, José Honório 338
RODRIGUES, José Wasth 372
RODRIGUES, Raimundo Nina 479
ROMAINS, Jules (Louis Henri Jean Farigoule) 163
ROMERO, Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos 381
RONDON, Cândido Mariano da Silva 97, 109, 147, 442, 446, 456, 457, 458, 459, 487
ROOSEVELT, Franklin Delano 232, 234, 235, 236, 245, 320, 423, 508
ROQUETTE-PINTO, Edgard 95, 104, 129, 145, 151, 152, 192, 209, 214, 216, 269, 286, 293, 334, 441, 442, 443, 445, 458, 461, 469, 470, 487, 488, 490, 496
Rotary Club do Rio de Janeiro 455, 459
ROTH, Walter Edmund 102, 201

S

SÁ, Ernani Tavares de 403
SAIA, Luís 386, 390, 393, 423
SAINT-YVES, Pierre (Émile Nourry) 137
Salão Nacional de Belas Artes 96
SAMPAIO, Alberto José 446
SANT'ANA, Nuto 390
SANTOS, Newton 448
SAPIR, Edward 135, 175, 180, 355
SARAIVA, Oscar 400
SARDEAU, Helène 420
SAUNDERS, George M. 238, 361
SAVILLE, Marshall Howard 98
SCHILLER, Johann Christoph Friedrich von 73
SCHMIDT, Maria Junqueira 398
SCHMIDT, Max 72, 84, 123, 125, 126, 279
SCHOMBURGK, Robert Hermann 485
SCHUMAN, William Howard 436
Science Magazine 77
SÉBILLOT, Paul 137
SEEGER JUNIOR, Charles Louis 331, 424, 426, 429, 432, 433, 436
SEIGEL, Morris 351
SELLER, Eduard Georg 71, 95, 101, 120, 124, 126, 133, 139, 143, 206
Semana de Arte Moderna de 1922 94, 96
SEPESHY, Zoltan Leslie 411, 413
Serviço de Proteção aos Índios 213, 294, 309, 456, 502
Conselho do Serviço de Proteção aos Índios 308
Seção de Estudos 459
Serviço Especial de Saúde Pública 238
SILVA, Antônio Carlos Simões da 131, 134
SILVA, Lauro Nina Sodré e Silva 204
SILVA, Sérgio Milliet da Costa e 372, 384, 387, 394, 395, 398, 399, 400, 402, 403, 404
SIMIONI, Georges Julien 475
SMITH, Carleton Sprague 331, 333, 395, 421, 423, 424, 425, 428

SMITH JUNIOR, Robert Chester 416, 418, 420
Smithsonian Institution 111, 112, 147, 173, 273, 290, 296, 509
Bureau of American Ethnology 146, 173, 174, 177, 243, 244, 258, 271, 509
Ethnogeographic Board 296
Institute of Social Anthropology 240, 243, 266, 267, 268, 270, 288, 289, 290, 291, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 312, 314, 327, 341, 344, 363, 364
National Museum of Natural History 93
Smithsonian's International Exchanges 291
Sociedade de Cultura Artística 381
Sociedade de Etnografia e Folclore 146, 160, 385, 386, 395, 422, 510
Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro 131, 445
Sociedade de Sociologia 385
Sociedade Filarmônica de São Paulo 434
Société Américaine de France 85
Société d'Anthropologie de Paris 136
Société des Américanistes 67, 99, 138, 139, 144, 160, 206
Société d'Ethnographie 86
Société d'Ethnographie 86
SOLDÁN, Carlos Enrique Paz 100
SOUSA, Washington Luís Pereira de 369, 380
SOUSTELLE, Georgette 154
SOUSTELLE, Jacques 158, 480
SOUZA, Antônio Cândido de Mello e 371, 384, 442
SPIER, Leslie 245, 258
SPROUL, Robert Gordon 321, 336, 337
Standard Oil 235
STEINEN, Karl von den 72, 84, 92, 95, 101, 107, 108, 109, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 133, 138, 144, 205, 206, 230, 486, 487, 506
STEVENS, David H. 296, 298, 317, 320, 325, 364, 400, 407, 413, 414, 473, 480
STEWARD, Julian Haynes 10, 23, 25, 122, 165, 177, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 275, 276, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 293, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 316, 318, 341, 344, 363, 364, 462, 505, 508
STIRLING, Matthew Williams 258
STRONG, William Duncan 261, 271, 297
Swarthmore College 343

T

TANNENBAUM, Frank 221
TAUNAY, Afonso d'Escragnole 95
TAYLOR, Carl Cleveland 360
TEIT, James Alexander 117
TEIXEIRA, Anísio Spínola 334
TEIXEIRA, Nelson 288, 358
TELES, Gofredo Teixeira da Silva 377
TELLO, Julio César 147
TELLO, Júlio César 135
The Nation 82
THOMPSON, J. E. 481, 482
THOMSON, Charles A. 326
THOMSON, Virgil 436
THUNRWALD, Richard 127, 128, 129
TIETZE, Felix Tietze 113

TOLLENARE, Louis François de 479
TORRES, Alberto de Seixas Martins 441, 442
TORRES, Heloisa Alberto 11, 23, 25, 32, 33, 35, 36, 37, 104, 127, 128, 129, 151, 165, 193, 216, 218, 221, 269, 274, 278, 282, 286, 288, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 303, 304, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 326, 341, 342, 343, 344, 345, 347, 348, 349, 350, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 362, 364, 365, 416, 438, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 447, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 459, 460, 461, 462, 464, 465, 470, 471, 472, 473, 474, 477, 478, 482, 486, 490, 495, 498, 499, 500, 501, 503, 504, 505, 507, 509, 511, 515
TORRES-RIOSECO, Arturo 325, 328
TRAVASSOS, Haroldo 448
TYLOR, Edward Burnett 54, 381

U

União Acadêmica Internacional 129
Universidade Católica de Washington 102
Universidade Columbia 11, 78, 111, 121, 152, 153, 154, 162, 165, 169, 171, 175, 176, 180, 181, 182, 187, 195, 196, 197, 208, 242, 252, 257, 259, 297, 334, 341, 346, 347, 351, 359, 362, 364, 396, 408, 463, 481, 506, 508
Council for Researches in the Social Sciences (CRSS) 182, 183, 185, 187, 188, 191, 200, 288
Council for Research in the Social Sciences 341, 346, 350
Departamento de Antropologia 128, 174, 181, 182, 183, 185, 191, 198, 199, 217, 221, 261, 507
Medical School 437
Universidade Cornell 244
Universidade da California 111
Universidade da Califórnia 112
Universidade da California, Berkeley 244, 257, 259, 321, 322, 324, 326, 330, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 400, 408
Institute of Social Science 270
Universidade da Califórnia, Berkeley 165, 176, 177, 252, 403
Universidade da Pennsylvania 253
Universidade de Berlim 73, 77, 126
Universidade de Chicago 111, 153, 173, 359, 407, 408
Far Eastern Civil Affairs Training School for the Army 240
Universidade de Freiburg 124
Universidade de Gotemburgo 130
Universidade de Hamburgo 150, 332
Universidade de Harvard 111, 113, 121, 125, 175
Peabody Museum of Archaeology and Ethnology 85, 112, 173
Universidade de Leipzig 126
Universidade de Michigan 244
Universidade de Oxford 359
Universidade de Paris (Sorbonne)
Institut d'Ethnologie 136, 157, 158, 159, 161, 164
Universidade de Princeton 164
Universidade de São Paulo 160, 161, 162, 359, 384, 398, 405, 408
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 371, 375, 395
Universidade de Tucumán 164
Universidade de Utah 244

Universidade de Wisconsin 239, 271
Universidade de Würzburg 124
Universidade do Brasil 291, 293, 327, 358, 394, 397, 398, 469
Escola Nacional de Música 425
Faculdade de Direito 333
Faculdade Nacional de Filosofia 293, 294, 305, 357, 469
Universidade do Distrito Federal 330, 394
Universidade do Distrito Federal (UDF) 150
Universidade Fisk 197
Universidade Harvard 320, 363, 405, 408, 416
Peabody Museum of Archaeology and Ethnology 271
Universidade Northwestern 198, 200, 426, 429
Universidade Stanford
Natural History Museum 362
Universidade Yale 111, 165, 252, 304, 437
Medical School 437
URBACH, Anna 218, 219, 220, 342
US Council on Foreign Relations 404
US Department of Agriculture 360
US Department of Justice
Indians Claim Comission 243
US Department of State 112, 235, 290, 291, 302, 306, 339, 397, 399, 407, 408, 424, 429, 508
Committee for Cultural and Scientific Cooperation 234
Cultural Affairs Division 423
Division of Cultural Relations 233, 326, 329, 401, 402, 426
Interdepartmental Committee on Cultural and Scientific Cooperation 250, 307
Interdepartmental Committee on Scientific and Cultural Cooperation in Latin American 267
Interdepartmental Committee on Scientific and Cultural Cooperation with the American Republics 233
US Indian Service 355

V

VARGAS. Getúlio Dornelles 238, 320, 338, 402, 405, 413, 414, 415, 416, 509
Vassar College 181
VEBLEN, Thorstein Bunde 198
VÉLEZ, Enrique Arreguin 354
VELLARD, Jehan Albert 158, 482
VERÍSSIMO, Érico Lopes 334, 339, 397, 416
VERNAUS, René 136
VIANA, Francisco José de Oliveira 293
VIII Biennial Congress of Music Teachers 428, 431, 432
VILLA-LOBOS, Heitor 429, 430, 431, 432, 433
VIRCHOW, Rudolf Ludwig Karl 75, 77, 107, 120

W

WAGLEY, Charles Walter 165, 171, 183, 194, 239, 240, 269, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 295, 297, 300, 302, 306, 341, 343, 346, 347, 348, 350, 353, 354, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 365, 444, 473, 480, 509
WASSÉN, Henry 131
WELLES, Benjamin Sumner 233, 238, 361
WELTFISH, Gene 180
WHITE, Leslie Alvin 80, 176, 242, 244

WHITE, Walter Francis 196
WHITNEY, John Hay \ 236
WILLEMS, Emilio 396
WILLEY, Gordon Randolph 310
WILLITS, Joseph Henry 273
WISSLER, Clark David 117, 171, 174, 176
WITHERS, Carl Loraine 296, 297, 307, 365
WITTFOGEL, Karl August 242

Z

ZWEMER, Raymund Lull 307, 437